P
Amer. Hist
F
2631
I58
v.17

REVISTA

— DO —

Instituto Historico e Geographico

— DE —

SÃO PAULO

VOLUME XVII

1912

LIBRARY
SEP 29 1922
UNIVERSITY OF TORONTO

SÃO PAULO
Typographia do "Diario Official"
— 1913 —

REVISTA

— DO —

Instituto Historico e Geographico

— DE —

SÃO PAULO

VOLUME XVII

1912

SÃO PAULO
Typographia do "Diario Official"
— 1913 —

A Conquista do Brazil

Conferencia realizada na Sociedade de Geographia de Bruxellas

PELO

DR. M. DE OLIVEIRA LIMA

Socio honorario do Instituto

A Conquista do Brazil (*)

Senhor :

Obedecendo ao appello, amavel como os que mais o fôrem, da Real Sociedade Belga de Geographia, o qual representa para mim uma grandissima honra e um vivissimo prazer, vou discorrer perante vós, senhoras e senhores, sobre a conquista do Brazil. E' quasi inutil ajuntar que se não trata da conquista do Brazil por potencias estrangeiras. Nenhuma pensa em atacar esse grande paiz americano, que ha um seculo constitue um campo aberto á rivalidade pacifica de tantas actividades e ao emprego remunerador de tantos capitaes vindos da Europa.

Sabeis que, de 1820 a 1907, mais de dois milhões e meio de europeus alli foram procurar fortuna ou pelo menos o bem estar? Neste numero contam-se 1.200.000 italianos, 634.000 portuguezes, perto de 300.000 hespanhóes, 93.000 allemães, 57.000 austriacos, 54.000 russos, 20.000 francezes, para só citar os contingentes mais abundantes. Esta immigração continúa e só tende a augmentar : não desperta entre nós desconfiança, menos ainda malevolencia, sendo todos os estrangeiros honestos e laboriosos acolhidos de braços abertos por um povo disposto a repartir com elles seus recursos economicos e seus direitos de nacionalidade.

Não são demais para amar um paiz de tão colossaes proporções, já povoado por vinte e dois milhões de habitantes civilizados e possuindo altivas tradições de independencia e de civismo, um paiz que deu ao mundo o curioso e edificante espectaculo da communhão da sua realeza tradicional com as aspirações de emancipação politica formadas no decorrer da sua historia colonial.

Nada vos ensino de novo, dizendo-vos que o Imperio brazileiro foi proclamado pelo proprio herdeiro da corôa portugueza. Sabeis egualmente e perfeitamente que uma nacionalidade se affirma com maior vigor por meio das manifestações de cultura — a literatura, a sciencia, a arte. Ora o Brazil (perdoae-me, se neste ponto careço de modestia patriotica) possue a mais florescente literatura do Novo Mundo, a qual no periodo romantico transformou mesmo em escola a tendencia de Cooper ; uma sciencia que deu mostra do quanto valia saneando ha pouco por completo, e em alguns annos apenas, duas grandes cidades, uma de quasi um milhão de

(*) Conferencia realizada na noite de 4 de abril de 1910, no Real Theatro de la Monnaie, em presença de S. M. o Rei dos Belgas.

habitantes, cuja reputação de insalubridade era bem justificada; uma arte emfim que merece ser assignalada e á qual se devem as formosas esculpturas de Rodolpho Bernardelli, as composições imaginosas e de um colorido brilhante de Pedro Americo, e as paginas inspiradas de Carlos Gomes, de que ides ajuizar pela audição immediata — afim de melhor vos dispôr á indulgencia para commigo — da protophonia do «Guarany», opera baseada sobre o texto do mais popular dos nossos romances indianistas e que já mereceu ser denominada o symbolo da nossa alma nacional.

(«A orchestra executa a protophonia do «Guarany»).

O que me propuz expôr-vos esta noite — em resumo bem entendido, pois que o assumpto é largo — é de menos actualidade do que o seriam imaginarias cobiças estrangeiras, mas encerra maior interesse dramatico. Desejaria dizer-vos alguma coisa sobre a conquista do Brazil pelos brazileiros, ou com mais precisão pelos portuguezes, pois que o termo «brazileiro» só corresponde a uma realidade politica depois de 1822, ainda que equivalendo antes plenamente a uma realidade geographica e mesmo sociologica.

O Brazil teve, pois, de ser conquistado pelos seus habitantes, podemos dizer seus filhos. Esse territorio desmarcado que hoje constitue um dos grandes paizes do mundo, juntamente com a China, os Estados Unidos e as Russias, achava-se primitivamente defeso por tribus selvagens e pelas convenções diplomaticas, tão hostis umas quanto as outras. Não seria licito dar ao que se passou o nome de conquista pacifica. Quando mais não fosse, a isso se opporia a escravidão dos indios; mas podemos chamal-a conquista civilizadora, apezar destas manchas que a moral do tempo era a primeira a attenuar.

Pela ousadia e perseverança dos esforços, pelo imprevisto e grandeza dos resultados ainda não de todo completos, semelhante conquista offerece certas analogias com a vossa conquista do Congo. A differença principal está em que, de um lado, temos a criação espontanea e instinctiva de uma raça posta de repente diante do mysterioso e do maravilhoso, e, do outro, a consequencia da resolução clarividente de um grande soberano que pretendeu abrir um vasto campo privativo á actividade e ao espirito de iniciativa do seu povo tão felizmente doado para o labor e para a luta.

As analogias são, comtudo, mais evidentes ainda, se reflectirmos na formação desses imperios talhados em continentes virgens do dominio effectivo de Europeus, se bem que já repartidos em espheras de influencia que a diplomacia ciosamente mantinha, sem todavia poder resistir á pressão incoercivel da occupação. As espheras de influencia não são, portanto, uma novidade. Vós certamente não ignoraes que a Santa Sé, com seu prestigio de arbitro natural entre as potencias catholicas, dividiu, ao tempo das descobertas, as regiões desconhecidas entre os reis de Hespanha e de Portugal,

soberanos das duas nações que se tinham aventurado em busca das terras fabulosas além do Oceano caprichoso e enigmatico. A partilha estipulada na bulla papal não tendo porém agradado ao rei de Portugal, cujas esperanças reduzia, logrou elle obter nova partilha, collocando a demarcação muito mais a oeste.

Consoante a nova linha, o Brazil só ficaria portuguez ao longo por assim dizer do littoral. O sul, abaixo de S. Paulo, e todo o immenso interior escapavam ao dominio do pequeno e valente reino de Henrique o Navegador, de Vasco da Gama e de Pedro Alvares Cabral. Acontece, todavia, que mais se preza no geral aquillo que com maior difficuldade se alcançou, e tal foi o caso com os portuguezes, que, tendo tido que defender sua nova possessão contra os corsarios francezes, dispostos a se não deixarem excluir do proveitoso commercio de pau-brazil, tão usado na tinturaria, entraram a querer deveras ao admiravel paiz que lhes fôra attribuido pelo destino.

Chegariam mesmo a estremecel-o quando se vissem obrigados a reconquistal-o dos Hollandezes, os quaes, no seculo XVII, conseguiram apoderar-se de mais de um terço do Brazil civilizado de então, estendendo-se por um momento o seu imperio do equador ao rio São Francisco. E' claro que mais se tratava nesse caso da costa, pois que os contingentes de occupação não podiam de um e de outro lado ser bastante numerosos para pensarem em cravar mais para o interior seus estandartes. Os navios desempenhavam de preferencia o papel de instrumentos de combate.

Entretanto, era o interior que mais excitava as cobiças dos novos senhores da terra e dos que buscavam despojal-os desse titulo. Os metaes caros e as pedras preciosas constituiam seu poderoso attractivo, antes mesmo de que, entre a população portugueza, a caça dos escravos indios, indispensaveis ás duras fainas agricolas, ás quaes era bem preciso entregar-se para alimentarem-se os colonos e pôrem de lado alguma coisa, armasse em guerra e fizesse marchar os bandos de aventureiros.

Foram essas expedições arrojadas que, na sua inconsciencia heroica, conquistaram o Brazil. Uma raça — tomamos o termo no seu sentido mais vulgar e menos scientifico — formara-se pouco a pouco no sul, pelo cruzamento dos primeiros colonos com os indigenas, pois os negros só vieram mais tarde e foram sobretudo expedidos para os engenhos de assucar do norte. E' a essa população, especial e já nacional que é devida uma tal obra. Seu primeiro posto avançado foi São Paulo, a soberba cidade de agóra, sobre o fresco e brumoso plató que corôa a serra de Cubatão. Alli vieram acampar missionarios jesuitas e audaciosos colonos, os primeiros para se approximarem dos neophitos que almejavam fazer, os segundos para surprehenderem as minas com que sonhavam. Os bellos edificios e os sumptuosos armazens

de hoje occupam o logar das antigas choupanas que uma palissada teria insufficientemente protegido contra as violencias dos selvagens, si a doce persuasão exercida pelos padres da Companhia se não houvesse empregado em domar sua resistencia atemorizada.

Naturalmente nada mais relembra esse primitivo esboço de cidade. Os templos e os conventos contemporaneos da época colonial, que ainda neste instante se levantam, votados como dantes ao culto ou utilizados para outros fins como o convento de São Francisco, transformado em Faculdade de Direito, datam dos seculos XVII e XVIII, quando a capitania de São Paulo se mostrava menos rustica e mais segura do seu destino.

Deste primitivo arraial proseguiu a exploração, não direi systematica, pois que não podia obedecer a um plano traçado de antemão, mas continua, progressiva e até certo ponto methodica, do sertão, como na nossa lingua portugueza são chamadas, de um modo geral, as terras além de uma larga zona do littoral. No Brazil, são essas as terras altas e menos povoadas, onde as florestas densas cedem o logar aos campos ondulados e entrecortados de bosquetes, para se reatarem mais longe, na outra vertente, margeando os cursos d'agua tributarios dos dois systemas hydrographicos do Amazonas e do Prata — os quaes, uma vez ligados entre si, como quasi os fez a natureza, fariam do Brazil a ilha gigantesca com que os primeiros navegadores imaginaram haver deparado.

A téla de um pintor paulista, collocada no museu do Ipiranga, evoca com poderoso relevo a lembrança das bandeiras, nome dado a taes expedições, grupadas em redor de um chefe, verdadeiro «condottiere», e que na melhor quadra do anno, quando a monção as favorecia, se punham regularmente em marcha. Tanto quanto possivel, aproveitavam-se ellas dos rios, para subil-os ou descel-os, tendo frequentemente que contornar as cachoeiras que lhes obstruiam a navegação nessa região em declive.

A bagagem dos viajantes era a mais summaria. Nem se embaraçavam com roupas ou provisões: apenas algumas ferramentas e armas, por vezes só estas. As de fogo eram preciosas, indispensaveis mesmo. Amedrontavam os animaes bravios, mantinham bem ou mal em respeito os indigenas e satisfaziam pela caça a fome dos temerarios viandantes que assim iam á cata de riquezas, fossem estas o ouro e os diamantes, ou fossem as levas de escravos. O perigo e a luta faziam-n'os duros, mas ao mesmo tempo elles se tornavam admiraveis pela coragem, pela tenacidade e pela resistencia.

A geographia do continente foi-lhes desvendada em todos os seus segredos no decorrer dessas penosas viagens, que cada anno os levavam a regiões mais afastadas e que acabariam por familiarizal-os com todos os caminhos possiveis de communicação fluvial, ao mesmo tempo que Portugal se assenhoreava de um immenso territorio desoccupado. Este territorio

depressa excedeu a linha mathematica imaginaria que devia conter a expansão brazileira, e concluiu por extender-se das bordas do Atlantico aos contrafortes dos Andes, das duas margens do Amazonas á margem septentrional do Prata.

A diplomacia teve que renunciar a esta ultima, um momento arrebatada aos hespanhoes e incorporada pelo Reino Unido de Portugal e Brazil, para escapar definitivamente ao nosso dominio em consequencia da fundação da republica do Uruguay. A compensação viera, porém, por antecipação e fôra bem avultada, pois que convertera um paiz todo de fachada, que estaria ameaçado por todos os lados, num paiz de vastissima base territorial, com as proporções de um continente.

Um autor allemão que escreveu sobre o Brazil, ha uns cincoenta annos, um trabalho historico dos mais notaveis, o professor Handelmann, emittiu acerca da extensão não imprevista, mas espantosa, alcançada pelo imperio portuguez na America, uma observação verdadeira, a saber, que essa conquista e a colonização consequente foram a obra de um só povo, sem auxilio nem soccorro do estrangeiro.

Deveis estar lembrados de que Portugal e Hespanha cerravam ciosamente suas possessões á emigração dos outros paizes. Aquillo que estas duas nações lograram realizar alem mar, nas suas enormes colonias, pertence-lhes portanto bem legitimamente, isto é, a civilização lhes é devedora de taes serviços. Nos Estados Unidos foram populações de origens diversas que contribuiram para o desenvolvimento geral. Temos asim os hollandezes de Nova York, os hespanhoes da Florida e da California, os francezes de toda a Luiziania. A marcha em direcção ao oeste só começou quando Napoleão, desprovido de recursos para bater a supremacia maritima da Inglaterra, tendo o poderio naval da França sido anniquilado em Trafalgar, entendeu dever negociar com Jefferson a alienação do imperio banhado pelo Mississippi.

Se a Luiziania tivesse sido conservada como patrimonio e o Canadá houvesse podido não se tornar inglez, a França ficaria sendo a potencia dominadora na America do Norte, apertando, senão abafando as treze colonias inglezas. A chimera, que Napoleão III tentou mais tarde realizar no Mexico, de contrabalançar os anglo-saxões na secção septentrional do Novo Mundo, teria sido uma realidade em proveito dos latinos, tres quartos de seculo antes.

A conquista do deserto apparece todavia entre nós mais suggestiva, e, pode mesmo dizer-se, mais gloriosa. Foi ininterrupta e inflexivel. As ruinas das velhas fortalezas portuguezas erguem-se ainda, não mais ameaçadoras, mas venerandas, no interior do continente, onde quer que a ambição da antiga metropole deparou com a occupação hespanhola e teve que atacar. Ellas attestam a audacia e o zelo que a metropole evidenciou na defeza de tão longinquos territorios.

Quando a Inglaterra fez menção de annexar a Trindade, um ilhote deshabitado e inhabitavel do Atlantico, a 900

milhas da costa do Espirito Santo, agglomerado de rochedos contra que se despedaçam com fragor as vagas espumantes, e entre os quaes os botes mesmos só com a maior difficuldade conseguem abordar, fomos buscar a prova do nosso direito herdado, levando o governo britannico a inclinar-se deante della, nas pedras batidas pelo mar, vestigios da antiga fortificação levantada no seculo XVIII. Os portuguezes tinham de facto residido e transportado seus canhões até esse abrolho perdido no oceano.

Não ha duvida que os resultados da colonização portugueza no Brazil não foram tão brilhantes quanto os da colonização ingleza na America do Norte. A marcha dos Estados Unidos executou-se em columna cerrada, e o povoamento da região além dos Alleghanies obedeceu, por assim dizer, a um plano preconcebido e a uma progressão scientifica. Nada de analogo no Brazil, onde o povoamento foi antes obra do acaso, producto das circumstancias. As agglomerações humanas formaram-se como em Minas Geraes, onde os rios carregavam mais palhetas de ouro e mais seixos scintillantes, ou onde os veios do sub-sólo promettiam mais abundante messe; ou ainda, como no Piauhy, onde infinitas pastagens offereciam recursos inexgotaveis á criação de gado.

Ao proclamar-se a independencia, achavamo-nos, assim, com nucleos de população dispersos sobre uma superficie colossal e separados por desertos immensos. Eram comtudo pontos de convergencia e marcos de continuidade, que, reunidos, faziam do Brazil mais do que um só paiz, uma só nacionalidade. Nem a raça nem a lingua offerecia discrepancias, e a civilização podia ahi se desenvolver até ao ponto de se tornar cosmopolita, sem mais perder seu caracter portuguez, que lhe tinham dado as tradições communs, a identidade do idioma, as instituições juridicas, os costumes, as superstições, as aspirações, tudo o que constitue a alma de um povo.

Tratava-se aliás de um povo de um lyrismo melancolico e dolorido, capaz de manifestar individualmente instinctos malvados, mas longe de possuir uma fria crueldade collectiva. Os indigenas foram, é verdade, encarniçadamente perseguidos e reduzidos por milhares á servidão apezar de todo o ardor testemunhado em sua defesa pelos jesuitas; os africanos foram importados em larguissima escala para serem empregados na labuta esmagadora das minas e do arroteamento dos terrenos: nunca, porém, ahi se tramou a destruição de toda uma raça, nem a sujeição perpetua de outra.

Pelo contrario, sob aquelle ceu de anil, as raças uniram-se num amplexo sensual e não conservaram o estigma da villania. Os indios, constantemente protegidos pelo governo de Lisboa, foram no seculo XVIII reconhecidos não só subditos livres como gosando da plenitude dos direitos civis; e quanto aos negros, uma vez libertados por um movimento irresistivel da opinião, a meio de festas tão ruidosas quanto

tocantes, os direitos politicos não lhes foram jamais regateados, uma vez que lhes foram outorgados.

Não se deve entretanto imaginar que a conquista do Brazil se operou irreflectidamente, de uma maneira não só intermittente e leviana, mas compromettedora para a manutenção da soberania portugueza. Bem ao envez, os descobridores do deserto deixavam atraz uma população fixa, presa aos seus lares, entregue aos labores agricolas — os plantadores de canna, de fumo e de algodão, que representavam o contingente permanente, o elemento conservador de semelhante organização social ultramarina.

Eram mesmo esses senhores de terras que careciam de escravos e, para lh'os fornecerem, entraram os caçadores de indios a percorrer o interior do paiz. Encontravam bom lucro nesse trafico, emquanto não descobrissem as minas, pois que bem confiavam em que o ouro lhes não faltaria por fim. Tal crença resistiu a todas as desillusões.

Houve, assim, os veteranos da exploração brazileira, os quaes, volvendo sãos e salvos á costa, não tomavam sequer descanso e só buscavam congregar gente para nova expedição fazendo redundar em proveito alheio e proprio sua experiencia tão penosamente adquirida e especulando com o prestigio dos seus feitos. Meros ambiciosos de fortuna, gente abastada á procura de riqueza, aventureiros de toda casta, vagabundos, maltrapilhos — toda a materia prima dos heroes — respondiam ao appello seductor e reuniam-se em torno do chefe do bando, arrastando de força alguns escravos, se não conseguiam fazer-se acompanhar por indios amigos. Partiam sem pesares nem saudades, a sós com sua esperança.

Eschwege descreve-os descalços, com uma grossa camisa por cima das calças de algodão presas por um cinturão de couro, na cabeça um chapéu de palha tecido pelos indios, os mais afortunados com um gibão e perneiras de couro. De couro era tambem o sacco que lhes pendia das costas, juntamente com a escudella de comer e o chifre de beber. Os que não podiam dar-se ao luxo de uma arma de fogo proviam-se de machados e facões, aquelles destinados a abrir picadas nas matas, estes a cem misteres, ainda quando impotentes contra os arcos e frechas dos indigenas hostis.

Os bandeirantes nutriam-se de caça e pesca, de fructos silvestres e do mel perfumado das abelhas selvagens. Se a parada era longa, porquanto taes expedições duravam por vezes annos — assim Fernão Dias Paes Leme passou dez annos a pesquizar o sertão — plantavam-se milho e feijão com as sementes adrede levadas. Dest'arte era possivel aventurarem-se mais longe e volverem ao tempo da colheita para mimosear o paladar com um alimento familiar, na expressão do sabio mineralogista allemão que ha pouco citei, e que foi um dos mais esclarecidos e dedicados servidores do Brazil.

Inutil é ajuntar que destas bandeiras, algumas voltavam com ricos despojos, ou então alvoroçadas de esperanças, como

a de Antunes Maciel, que exhibia duas oitavas de ouro extraido com um cano de espingarda á guisa de alavanca, servindo a escudella de batéa. Outras, comtudo, regressavam tão pobres quanto tinham partido, e a mór parte nem mesmo regressava. Os aventurosos viajantes tinham succumbido á fadiga, ás doenças ou ás mãos dos indios.

* * *

As expedições deste genero começaram cedo — logo que o littoral se desembaraçou um pouco dos aborigenes, cuja cordialidade não pudera durar muito, e que algumas colubrinas de bronze collocadas aqui e acolá pareceram bastar para assegurar a occupação da costa com relação aos estrangeiros. Significa isto, mais precisamente, que as primeiras expedições, bem ou mal organizadas, datam da segunda metade do seculo XVI. Se algumas tinham por fito positivo a pesquiza das minas, de prata sobretudo, que se acreditava seguro descobrir, mercê da fama das minas de Potosi, egualmente situadas no interior do continente; outras, mais numerosas, encobriam seu vil commercio humano sob o pio nome de resgate. Pretendiam, com effeito, resgatar, isto é, fazer entrar no aprisco da Egreja os prisioneiros tomados por umas tribus indias ás outras e destinados a satisfazer seus instinctos anthropophagos.

Em consequencia tambem dessas expedições, e seduzidas pela influencia persuasiva dos mamelucos — nome dado aos mestiços de brancos e indios — aldeias inteiras de aborigenes vinham innocentemente entregar-se á servidão.

A mais antiga das nossas chronicas narra a entrada — como se chamavam as expedições que penetravam no interior — effectuada por Adorno no sul da Bahia, subindo o rio das Contas e regressando com esmeraldas que se verificou não passarem de vulgares turmalinas. Nem foi de resto a primeira em data, mas seguiram-se a ella numerosas incursões em busca, á falta de melhor, de caça humana. A região mais escolhida foi a que se estende entre a antiga capitania dos Ilhéos e a Parahyba do Norte, sobretudo nas vizinhanças do rio S. Francisco; sendo outro terreno favorito, o das margens dos rios Jequitinhonha e Doce, nas antigas capitanias do Porto Seguro e Ilhéos.

O sr. Orville Derby, sabio geologo americano, ha mais de 30 annos no serviço do Brazil, occupou-se recentemente da relação do inglez Knivet de uma outra entrada no anno de 1597, em que tomou parte o referido aventureiro e que, apezar de bastante confusa, mercê das obscuridades geographicas e dos pormenores fabulosos — aliás frequentes nas narrativas do tempo sobre as duas Americas — poude ser approximadamente reconstituida pelo mencionado erudito.

A expedição descripta por Knivet percorreu a região nordeste de S. Paulo e a meridional de Minas: vinha de Paraty, atravessou os rios Parahybuna e Parahyba e galgou as serras do Mar e da Mantiqueira. Foi, portanto, a precursora da longa serie das expedições paulistas, que começaram, aquellas pelo menos de qne se conservou a lembrança historica, em 1602.

Pretende o sr. Derby, em seu empenho de ser mais preciso ainda, que Knivet se internou até a região banhada pelos rios Sapucahy e Verde, sem contudo ultrapassar a serra da Canastra, e que até desceu pelo territorio dos actuaes Estados de S. Paulo e do Paraná, encontrando assim os caminhos percorridos pelos hespanhóes. Estava-se no tempo da união de Portugal e Hespanha, e esses hespanhóes que se dirigiam da costa para o Paraguay, apenas seguiam o itinerario do famoso Cabeza de Vaca, cuja extraordinaria viagem nos foi tão eloquentemente relatada pelo poeta inglez Southey em sua historia do Brazil.

Outra expedição houve, de que fez parte o hollandez Glimmer, analoga na primeira phase áquella a que se acha associado o nome de Knivet. Piso e Markgraf, os sabios, hollandez um, allemão o outro, que acompanharam a Pernabuco em 1654 o conde Mauricio de Nassau Siegen, governador escolhido pela Campanhia das Indias Occidentaes, legaram-nos o roteiro della, e, por seu lado, o sr. Orville Derby a reconstituiu desde seu ponto de partida em S. Vicente, a principio ao longo do Tieté, para alcançar em seguida o Parahyba, por um dos seus affluentes, e subir até as immediações do alto S. Francisco, no interior de Minas.

A bacia do S. Francisco, perto das suas cabeceiras, tornou-se a região de preferencia dos mais antigos entre esses intrepidos exploradores, dos quaes muitos buscavam para os lados de Porto Seguro e do Espirito Santo a montanha de Sabarabossú, qué a lenda evocava coberta de esmeraldas, tão resplandecente quanto a cidade encantada de Manoa, construida toda ella de prata e cujos reflexos á noite, escreve o distinto geographo brazileiro Theodoro Sampaio, simulavam a via lactea.

Não me seria possivel indicar-vos, nem mesmo com brevidade, todas as expedições sobre as quaes existem dados positivos. Tanto seria fazer a historia, trecho por trecho, da geographia brazileira, historia que redunda em nosso maior louvor. Um dos mais competentes historiadores do meu paiz, o sr. João Ribeiro, escreveu com perfeita razão que só a formação de uma raça inteiramente acclimada ao solo e ao céu do Brazil, como era a dos paulistas, poderia ter permittdo chegar-se a semelhantes resultados.

Com effeito, as expedições do seculo XVI, guiadas por portuguezes da Europa, ficaram todas infructiferas, posto lhes não faltasse audacia. Outro tanto aconteceu com as expedições hollandezas que, ao tempo do dominio batavo, pesqui-

zaram minas de prata. Conservou-se sobretudo a recordação, pelos documentos literarios que dahi resultaram, da que teve por chefe Elias Herckmans, escriptor e guerreiro, de outra commandada por Mathias Beck, a qual explorou as montanhas do Ceará. Foi sómente depois que os colonos de S. Paulo emprestaram um novo alento ás entradas e persistiram em seus esforços, de começo gorados, que a esphinge se deixou arrancar seu segredo, após haver feito derramar tanto sangue e tantas lagrimas.

Entretanto, para condensar em muito poucas palavras o resultado das bandeiras, nada de melhor posso fazer do que reproduzir este paragrapho do mais consciencioso dos nossos estudiosos de historia,o sr. Capistrano de Abreu, cujas conclusões se baseam sem excepção sobre uma copiosa messe de documentos e um penetrante exame das tradições:

« A' parte geographica das expedições corresponde mais ou menos o seguinte schema: Os bandeirantes deixando o Tieté alcançaram o Parahyba do Sul, pela garganta de S. Miguel, desceram-no até Guapacaré, a cidade Lorena, e dalli passaram á Mantiqueira, approximadamente por onde hoje a transpõe a E. F. Rio e Minas. Viajando em rumo de Jundiahy e Mogy, deixaram á esquerda o salto do Urubupungá, chegaram pelo Paranahyba a Goyaz. De Sorocaba donde partia a linha de penetração que levava ao trecho superior dos affluentes orientaes do Paraná e do Uruguay. Pelos rios que desembocam entre os saltos do Urubupungá e Guaiará, transferiram-se da bacia do Paraná para a do Paraguay, chegaram a Cuyabá e a Mato Grosso. Com o tempo a linha do Parahyba ligou o planato do Paraná ao de S. Francisco e do Parnahyba; as de Goyaz e Mato Grosso ligaram o planato amazonico ao rio-mar pelo Madeira, pelo Tapajós e pelo Tocantins ».

Se seguirdes no mappa estes itinerarios, vereis que abrangem todo o Brazil, esse immenso territorio de..... 8.524.776 kilometros quadrados. Na secção norte, quero dizer na mais septentrional, as expedições foram menos seguidas nos primeiros tempos da época colonial, podendo comtudo ahi mesmo serem citadas algumas viagens de exploração effectuadas no Maranhão desde o começo do seculo XVII por Bento Maciel, o qual se serviu com este fim dos rios Mearim e Pindaré. Anteriormente a elle, em 1565 e em 1567, Manuel Pires realizou duas viagens ao rio Negro, tomando posse dessa região em nome da corôa portugueza, e trazendo comsigo mil indios escravos, pois que taes viagens eram muito mais de trafico que de exploração.

A celeberrima viagem de Pedro Teixeira, da fóz do Amazonas até Quito, capital actual da republica do Equador, data de 1637 e foi a repetição ás avessas e com maiores difficuldades da façanha de Orellana, que, em 1541, foi o primeiro a descer todo esse rio, o maior do mundo. Um seculo mais tarde, em 1741, La Condamine refez a viagem de

Pedro Teixeira, o qual aliás volveu ao seu ponto de partida, trazendo comsigo o padre Acuña, a quem se deve a mais famosa das relações de viagem no Amazonas.

Durante a segunda metade do seculo XVII, os affluentes amazonicos da esquerda e da direita entraram a ser visitados, e os ultimos especialmente a povoar-se em suas margens de missões, sobretudo de jesuitas: a descoberta da «Bertholletia excelsa» de Humboldt, cujos frutos fornecem a chamada castanha do Pará, occorreu em 1669. Só foi todavia no decorrer do seculo XVIII, após a descoberta no sul e no interior dos ricos jazigos auriferos de Minas Geraes, Goyaz e Mato Grosso, que se attingiram os mais altos tributarios como o Madeira e o Juruá, séde hoje de uma enorme exploração de borracha. As cachoeiras do Madeira foram deixadas atraz em 1722, e em 1724 Mello Palheta subiu este rio até os aldeiamentos das missões hespanholas.

A ligação entre os dois systemas fluviaes, septentrional e meridional, não podia assim tardar, mesmo e sobretudo porque se procurava alcançar as minas por via dos affluentes sul do Amazonas. De seu lado, os mineiros de Goyaz e Matto Grosso aprenderam e acostumaram-se a descer o Amazonas, segundo consta das informações colligidas e offerecidas pelo sr. Capistrano de Abreu. E' conhecida a viagem, justamente reputada, de Manoel Felix de Lima, o qual, em 1742, navegou os rios Pararé, Guaporé, Mamoré e Madeira, onde se está neste momento construindo o caminho de ferro brazileiro que deve contornear as cachoeiras, e pôr em mais facil communicação a Bolivia com o Atlantico na altura da região norte do Brazil. Felix de Lima chegou sem tropeços ao Maranhão pelo Amazonas, e a rota por elle tomada tornou-se de algum modo frequentada, quando a capital de Mato Grosso se installou em Villa Bella, na margem do Guaporé.

As minas de Cuyabá tinham sido descobertas em 1719, por uma expedição que caçava indios; as minas de Goyaz o foram pouco depois, em 1725. Quanto aos jazigos de Minas Geraes, estes tornaram-se conhecidos nos ultimos vinte annos do seculo XVII. A legendaria bandeira de Fernão Dias Paes Leme consumira em pura perda as suas pesquizas de dez annos. A natureza é caprichosa e não gosta de que a importunem: prefere distinguir com seus favores os que a não solicitam com tanta insistencia.

Immediatamente depois que Fernão Dias, carregado de falsas esmeraldas, expirou de fadiga na viagem de regresso para S. Paulo, encontrou-se o ouro no leito do riacho Tripuhy e em seguida, successivamente, nos jazigos de Ouro Preto e de Marianna, em quasi toda a bacia superior do Rio Doce, nas margens do Rio das Velhas, em Caheté, no Serro do Frio, etc. Foi no Serro do Frio que, por sua vez, os diamantes foram primeiro achados em 1727, organisando logo ahi o ciume administrativo de Portugal um districto

fechado. A politica da porta aberta era ainda uma desconhecida.

As explorações de Fernão Dias e de seu genro Borba Gato, descobridor das minas de Sabará—dois verdadeiros temperamentos de aventureiros, testemunhando a maior audacia e exercendo a mais forte seducção—entram absolutamente no dominio do romanesco. Nenhuma novella de aventuras poderia exceder em poder dramatico e em attracção imaginativa a historia authentica desse longo e penoso reconhecimento do sertão mineiro, ao qual Fernão Dias sacrificou sua verde velhice e em que Borba Gato despendeu vinte annos de energias e de angustias.

A capitania de Minas Geraes ia toda ella converter-se em breve trecho no campo de uma exploração superficial e empirica, activa porém e até febril, que derramaria sobre a metropole portugueza uma chuva de ouro. Os arraiaes mineiros engendraram villas, salvo as excepções, pois que não foram poucas as decepções nessa carreira atraz da fortuna. Exgotavam-se os veios onde se esperava deparar com depositos opulentos, e mister era recomeçar mais longe as pesquizas. Alguns dos aventureiros, desilludidos em suas buscas ou tendo seguido uma pista errada, que os levára a lugares desprovidos de ouro, entregaram-se á criação por haverem dado em campos proprios ao sustento de gado. Assim foi que a margem direita do S. Francisco após sua curva brusca para leste, os sertões de Pernambuco e do Ceará, e finalmente o Piauhy entraram no ról das terras devassadas e povoadas. Hoje ainda é a industria do gado que constitue a principal riqueza e explica a occupação dessa região.

Emquanto semelhantes dramas da colonização se desenrolavam nas selvas do interior, os deleites da civilização introduziam-se livremente nas cidades da costa. Florescia nellas o bem estar, procreado pela abastança. Mesmo sobre os altos platós, em Minas Geraes, se deu depois da descoberta do ouro um desabrochar de luxo. E não foi um luxo barbaro. Prestou-se especial tributo ás letras: os poetas epicos e lyricos de Minas dotaram a poesia portugueza de novos accentos, mais naturaes e mais tocantes, despojados das convenções arcadicas e da trapalhice neo-classica. Vocações artisticas surgiram, que nos deixaram em testemunho notaveis esculpturas. A mais suave das artes, a musica desenvolveu-se sob esse céu clemente e, recebendo o influxo das melodias populares que em tal ambiente resoavam, gerou não poucas paginas deliciosas.

No Rio de Janeiro então, a capital dos vice-reis, a musica gosou de grande estima. Não posso resistir a fazer executar em abono desta recordação um motivo de uma das missas do padre José Mauricio Nunes Garcia, um simples cura que, depois da chegada em 1808 da côrte purtugueza, foi elevado a compositor favorito do rei d. João VI—sabio e magnanimo monarcha a quem o Brazil é devedor do me-

lhor da sua organização. Vosso bom gosto reconhecerá neste motivo o reflexo da corrente a que obedeceu a transformação da musica no seculo XVIII, pela acção dos mestres allemães, dos Haydn e dos Mozarts.

(«Segue-se a execução pela orchestra do trecho «Et incarnatus est», da missa em si bemol».)

Do sul ao norte do paiz foi, portanto, o bandeirante o agente por excellencia do seu desenvolvimento economico e o seu traço de união moral. Não deixemos, porém, na penumbra outro factor poderoso da conquista do Brazil: o missionario, o qual era principalmente, para não dizer exclusivamente, o jesuita. São as duas figuras que o illustre artista brazileiro Antonio Parreiras, neste momento em Pariz, teve a gentileza de desenhar, numa feliz evocação, no programma que vos foi distribuido. Este ultimo perseguia os indios no intuito desinteressado de salvar-lhes as almas e fazel-os entrar no seio da egreja. Cheio de fervor pela sua obra espiritual de um tão nobre caracter, acompanhou os aborigenes quando estes entraram a recuar diante dos invasores do solo que tradicionalmente occupavam, e nenhum esforço poupou para erguel-os ao nivel da civilização. Com tal fito apprendeu o missionario os dialectos indios, de fórma que se devem a religiosos os trabalhos philologicos que a respeito possuimos e que datam dos primeiros seculos da vida americana.

Ao padre pertence tambem a fundação de aldêas—as famosas missões—que acabaram por ser estabelecidas nos pontos mais afastados do littoral. Faltar-me-ia infelizmente o tempo para algo vos dizer sobre esses aldêamentos, onde reinavam a ordem e a mansuetude, e onde o indigina se adaptou com felicidade a uma disciplina imaginada pela bondade intelligente e propria de seu gráu inferior de cultura.

Ahi mesmo não escapou elle, porém, á ganancia dos traficantes de escravos, que desempenhavam a par e passo o brilhante papel de conquistadores do deserto. As rixas entre bandeirantes e jesuitas enchem o maior numero de paginas de nossa historia colonial dos dois primeiros seculos e até lhe dão um relevo tragico. São paginas essas que tornam rubros os reflexos do incendio das missões hespanholas do Paraná, as quaes os jezuitas tenazes ergueram alhures, devotados á sua obra até que os expulsaram. As riquezas auferidas por tal meio não offuscam o cunho levantado e profundamente humano da participação muito consideravel que lhes coube na organização social e na evolução de cultura da nacionalidade brazileira.

De resto, as incursões dos bandeirantes e o assalto das aldêas indias sujeitas á catechese tiveram como resultado a conquista portugueza da margem esquerda do grande rio Paraná, pois que esta região já era de facto hespanhola. Hespanholas eram as missões destruidas, e hespanhoes os dois burgos de Guayra, na fóz do Piquiry, e de Villa Rica, sobre

o Ivahy, que serviam, por assim dizer, de vanguarda á região povoada de missões.

O quinhão dos jesuitas não foi menos importante que o dos aventureiros paulistas no que diz respeito ao conhecimento geographico do paiz. Os missionarios não podiam deixar de ser viajores intrepidos, e de mais tinham cultura de espirito, portanto maior capacidade de apreciar o valor e coordenar os resultados obtidos pelas suas descobertas. Sua sciencia corographica foi tão completa quanto possivel.

O erudito explorador brazileiro, general Couto de Magalhães, conta a proposito das communicações entre aguas amazonicas e paraguayas, que os jusuitas conheciam um caminho rapido para transportal-os do littoral norte do Brazil ás missões do Paraguay. Experimentando refazer o intinerario seguido pelos padres, achou o general Couto de Magalhães que elles subiam em canôas o Tocantins, depois o Araguaya, por fim o rio das Graças, affluente deste ultimo. Acompanhavam então por terra do Paredão — percorriam assim 15 leguas, e desciam os contrafortes em direcção do valle do Paraguay. Retomando ahi a via fluvial, utilizavam os rios Itiquira e Piquiry, afluentes do São Lourenço, o qual é por seu turno tributario do Paraguay.

Meu compatriota calcula a extensão deste itinerario, desde o Pará até Montevidéu, em 1225 leguas, ou 7.350 kilometros, assim repartidas: de Montevidéu á confluencia do Cuyabá e do S. Lourenço, quasi no ponto onde este desemboca no Paraguay, 640 leguas; subindo em seguida o S. Lourenço, o Piquiry e o Itiquira, até á cadêa de montanhas que fórma a linha divisoria das aguas, 60 leguas; 15 leguas mais por terra até o rio das Garças; 50 leguas para o percurso deste ultimo até sua confluencia com o Araguaya, e 460 leguas para a subida do Araguaya e do Tocantins até Belem.

Este itinerario é de facto o mais curto no que diz respeito à viagem por terra, o que demonstra a precisão dos dados obtidos pelos jesuitas em virtude da sua propria experiencia. Tomando outros itinerarios, a communicação terrestre entre as partes navegaveis das duas bacias seria de 20 leguas pelo Guaporé e Madeira, e de 30 leguas pelo Juruema e Tapajós. A expressão «terrestre» deve entender-se num sentido limitado, pois que as torrentes que despejam nos dois systemas fazem desta zona uma rêde de cursos de agua, chegando em certas epocas a constituir verdadeiros lagos. O lago Xarayes, em Mato Grosso, que tanto occupou a imaginação dos geographos, não passava do resultado periodico de semelhantes cheias.

O esforço que os itinerarios apontados representam, é um esforço que não é exaggerado taxar de maravilhoso. Podeis bem vos afigurar as difficuldades de todo genero, quasi insuperaveis, que comporta tal navegação num paiz deserto ou então percorrido por selvagens hostis. A propria

navegação era das mais arduas. De São Paulo a Cuyaba, isto é, ao primeiro centro de povoamento de Mato Grosso, a distancia é de 530 leguas, e a viagem consumia quatro mezes de incriveis canceiras.

Para começar, nesta direcção — e o facto se explica pelo declive mais pronunciado do terreno numa extensão menos vasta que na região do norte, a qual, como sabeis, entra pelo occeano — a navegação é interrompida a cada passo pelas corredeiras, pelos escolhos e pelas cachoeiras.

Sómente o rio Coxim, de uma extensão apenas de 40 leguas, conta 24 cachoeiras.

Era mister, nas corredeiras, desembarcar e transportar ás costas a carga, emquanto as canôas desciam a corrente presas por cordas que as impediam de irem de encontro aos rochedos, contra os quaes as teria arremessado a impetuosidade das aguas. Nas cachoeiras, ainda era pêor: preciso se fazia arrastar, tambem por terra, as canôas, barcos bastante grandes, de uma capacidade de 500 arrobas, ou sejam 7.500 kilos.

Mesmo nos escolhos, força era aos viajantes trabalharem dentro da agua, guiando o barco, felizes ainda se este não sossobrava com o seu conteudo, ou se alguns dos viajantes não se afogavam na torrente.

Mesmo os rios de mais franca e tranquilla navegação tinham seus perigos: por vezes o vento do sul, o terrivel pampeiro, levantava grossas vagas e era causa de naufragios. Por isso se experimentou, mesmo então chegar aos pontos desejados fazendo a maior somma de caminho por terra. Não faltaram os concorrentes no seculo XVIII — segundo provam os documentos historicos extraidos dos archivos de São Paulo e que foram objecto de um consciencioso estudo do sr. Gentil de Assis Moura—para a abertura de uma estrada, de Sorocaba ao rio Paraná através de matas e campos. Do outro lado do Paraná, da fóz do rio Pardo até Camapuan, uma fertil planicie ondulada, banhada de rios e guarnecida de capoeiras, se offerecia aos exploradores, que não é outra senão o Campo Grande da Vaccaria.

Se a via fluvial conservou no emtanto a preferencia, a principal razão está nos assaltos de indios ferozes, assaltos mais difficeis na agua, ainda que a pontaria das flexas ahi fosse egualmente certeira: talvez tambem por motivo dos encontros com os hespanhóes que eventualmente subiam do sul e que, apoz a separação dos dois paizes ibericos, estavam animados de sentimentos muito pouco amigaveis.

Onde quer que se encontrassem hespanhóes e portuguezes, surgiam de resto conflictos aos quaes o tratado de 1750, celebrado entre as côrtes de Madrid e de Lisboa, trataria de pôr cobro, trocando os immensos territorios conquistados pelos brazileiros no interior pela Colonia do Sacramento, a saber, a chave do Rio da Prata, o qual teria sido nossa fronteira natural no sul.

Os hespanhóes vieram mesmo estabelecer-se, no começo do seculo XVIII na margem oriental do Guaporé, e ahi chegaram possuir missões nos meados do mesmo seculo. Sua intenção, logo contrariada pela repulsa, e mais tarde tornada impossivel pela convenção diplomatica, era de cortar as communicações fluviaes portuguezas entre Mato Grosso e Pará.

Por seu lado, tomaram os missionarios portuguezes posse, egualmente nos meados do seculo, da foz do Javary, que desde logo se tornou a fronteira definitiva entre os dois imperios coloniaes.

*
* *

Permitti que eu agora faça desfilar diante de vós, em projecções luminosas, alguns documentos illustrativos dos factos que acabo de mencionar. São todos paizagens e obras de arte brasileiras.

1 a 11 — Para começar, algumas vistas das corredeiras e cachoeiras que em tão grande numero constituiam um obstaculos á navegação fluvial, excepção feita da vasta rêde amazonica. Encontram-se essas cachoeiras em São Paulo, no rio Paraná e, a ultima dellas, a de Paulo Affonso, denominada o Niagara brazileiro, no São Francisco.

12 — A batalha dos Guararapes, quadro de Victor Meirelles. Esta batalha decidiu do destino do Brazil portuguez pela derrota dos hollandezes.

13 — Os bandeirantes na mata, quadro de Henrique Bernadelli.

14 — A cidade de Ouro Preto, a capital do ouro, nascida de um dos mais antigos arraiaes mineiros.

15 — A velha praça de Ouro Preto, com seus edificios do seculo XVIII.

16 — O esculptor do seculo XVIII, por alcunha o Alejadinho, trabalhando numa das egrejas de Ouro Preto e ahi recebendo as visitas de fidalgos portuguezes.

17 — O poeta Gonzaga na prisão, sonhando com Marilia. Foi elle uma das victimas da conspiração, de que, ao terminar, vos direi uma palavra, a proposito do «Tiradentes».

18 — O retrato por Debret, um dos fundadores da Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro, do excellente rei d. João VI, o organizador do Brazil autonomo.

19 — A proclamação da Independencia do Brazil, quadro de Pedro Americo. O evento assim representado occoreu na altura do Ipiranga quando o principe regente d. Pedro ao chegar a São Paulo, recebeu as ordens das côrtes de regressar para Lisboa e se poz resolutamente á testa do movimento nacional.

20 — O formoso monumento deste nosso primeiro imperador no Rio de Janeiro.

21 a 24 — Os quatro bellos grupos do pedestal do monumento do marechal Peixoto, que vai ser inaugurado no Rio de Janeiro, a 21 do corrente. E' todo elle obra do esculptor Eduardo de Sá. Esses grupos evocam as tres raças — portugueza, india e negra, e a catechese dos indigenas ao mesmo tempo que relembram episodios das lendas e poesias nacionaes.

25 — A estatua do marechal Peixoto, desenhando-se entre as prégas da bandeira, no primeiro plano, a cabeça do Tiradentes.

* * *

Resta-me apenas, senhoras e senhores, agradecer-vos a attenção concedida a esta conferencia, com uma benevolencia que me captiva e muito me desvanece. Sou particularmente grato, e não posso deixar de expressar tal sentimento, á honra que ao meu paiz dispensou Sua Majestade o Rei, dignando-se assistir a esta sessão, dedicada ao Brazil pela Real Sociedade Belga de Geographia.

A veneração que o Brazil prestava á alta sabedoria do rei Leopoldo I, á imparcialidade de quem o governo do imperador d. Pedro II recorreu numa occasião memoravel; á admiração que alli despertava o espirito superior de Leopoldo II, cuja perspicacia advinhara tão bem o que se póde esperar de uma approximação economica entre a Belgica industrial e capitalista, e os vastos campos de collocação e de emprehendimento que são os jovens florescentes paizes da America, juntar-se-á d'ora avante uma viva sympathia por esta prova do interesse tão intelligente nutrido por Alberto I pelas nações que prolongam além mar a civilização christan, e que são os documentos confirmatorios da força de expansão e da pujança da cultura européa.

A historia detalhada das missões, expedições e explorações a que foi sujeito o Brazil colonial é bem a historia geographica na qual se originou o povoamento, por outras palavras, a historia social do Brazil de hoje. Esse povoamento, vós acabaes de verifical-o assaz, é o resultado de uma série de esforços e de lutas que não carecem de interesse, nem mesmo de grandeza, e que constituem o tecido resistente sobre o qual o progresso moderno bordou desenhos cheios de fantazia e de riqueza. São semelhantes esforços e taes lutas que formaram nossas tradições, explicam nossa existencia e justificam nossas esperanças.

Já no seculo XVIII surgira no Brazil a consciencia de uma nova patria. O exemplo dos Estados Unidos provocou em Minas Geraes um conspiração de poetas, de magistrados e de mineradores que, atraiçoados, foram arrastados para a euxovia e mais tarde deportados. Um só dos conspiradores, um alferes de milicias, subiu ao cadafalso e fel-o coma maior

coragem e tambem com rara nobreza, pois que recusou accusar seus cumplices. O sentimento nacional apoderou-se da sua memoria e a converteu no estandarte da nossa emancipação politica, encarnando no personagem, que a literatura e a arte idealizaram á porfia, a nossa Independencia.

Um compositor brazileiro, sr. Manoel Joaquim de Macedo, antigo alumno do Conservatorio de Bruxellas, tomou aquelle suppliciado para heróe do seu drama lyrico intitulado o « Tiradentes », que veio aqui orchestrar em recordação dos estudos da sua mocidade. Achou para isto o acolhimento sympathico e a esclarecida collaboração do eminente professor Arthur De Greef. Ides ouvir executado sob a direcção do sr. Durand, o preludio desta obra enedita destinada a um exito seguro.

(Seguiu-se a execução pela orchestra do preludio do « Tiradentes »).

O Brazil e os Estrangeiros

Conferencia realizada na Sociedade de Geographia de Antuerpia

PELO

DR. M. DE OLIVEIRA LIMA

Socio honorario do Instituto

O Brazil e os Estrangeiros

O titulo desta conferencia vos terá parecido á primeira vista um pouco paradoxal, ou pelo menos ambiguo. Os verdadeiros naturaes do Brazil são os indios, nome geral dado aos habitantes do Novo Mundo e que ficou com uma recordação indelevel de Christovam Colombo, da sua crença na esphericidade da terra, cujas regiões orientaes deviam, segundo elle, ser fatalmente alcançadas tomando pelo Occidente. Estrangeiros, pelo contrario, são todos quantos desde os primeiros annos do seculo XVI pisaram o solo americano. Ha entretanto differença entre os que occuparam estas terras abertas então á actividade do mundo civilizado, pelo direito da sua descoberta, mesmo na fé de bullas pontificaes e de tratados diplomaticos, e os que logo se dispuzeram a disputar a preza aos que primeiro a tinham segurado, e acabaram por contribuir pacifica e efficazmente ao desenvolvimento do paiz de que lhes não fôra possivel apoderarem-se á força. E' destes ultimos, do seu valor e da sua obra, que desejo darvos uma idéa.

Os portuguezes, misturando-se com os indios, produziram uma raça egualmente valente e fundamentalmente emprehendedora, á qual é sobretudo devida á conquista do interior do Brazil, thema este que não ha muito escolhi para o de uma conferencia na Real Sociedade Belga de Geographia de Bruxellas. O Brazil é, pois, a obra nacional — geographica tanto quanto politica — dos seus proprios filhos. Isto nos constitue uma tradição no passado e nos representa uma garantia para o futuro. Foram com effeito os bandeirantes, a saber, os aventureiros votados á pesquiza do ouro e dos escravos que recuaram nossas fronteiras, dilataram nosso imperio, e emprestaram ao Brazil essa maravilhosa uniformidade social que lhe é tão peculiar e que se destaca tão bem sobre o fundo constituido pela diversidade dos effeitos pittorescos e pelo variegado das tres raças misturadas : branca, vermelha e negra.

Os que têm podido percorrer, pelo menos ao longo do littoral, o immenso paiz que é o Brazil, ou que abordaram successivamente pontos muito afastados do seu territorio, ficam todos impressionados pela semelhança dos aspectos que se lhes offerecem. A lingua portugueza alli é falada sem dialectos, sem denotar mesmo differenças muito sensiveis de pronuncia. Além disso a circumstancia de que os indios da costa falavam

todos o tupy-guarany, denominada «lingua-geral», e que as outras linguas indigenas pertenciam a tribus ou «nações» do interior, mais disseminadas, menos fortes e com as quaes o contacto só veiu a realizar-se mais tarde, fez com que o idioma dos conquistadores offerecesse de norte a sul identidos neologismos exoticos, cuja propriedade determinou a capitulação da intransigencia classica.

Por seu lado a religião catholica não ha por assim dizer soffrido na sua integridade, nem outróra com a propaganda dos calvinistas hollandezes, quando a Companhia das Indias no seculo XVII dominou durante um quarto de seculo uma vastissima extensão da colonia portugueza, nem hoje com a propaganda methodista ou baptista, exercida em completa liberdade pelos missionarios americanos.

Os costumes, emfim, apresentam tão notavel analogia que immediatamente se percebe que uma mesma sensibilidade vibra em toda a parte sob aquelle céu admiravelmente estrellado, que são os mesmos instinctos e as mesmas idéas que governam o desenvolvimento dessa sociedade ultramarina cuja colonização fundou a unidade social que a distingue, e preparou a união politica que a historia tinha querido roubar-lhe.

Desejo mostrar-vos esta noite o reverso da medalha, e comecemos por dizer que não é inferior á outra face. Não obstante o caracter nacional que acabei de apontar-vos, os estrangeiros desempenharam no Baazil papel importante ao lado da população de origem portugueza: por vezes disputando-lhe o dominio do solo, o que constituia uma forma indirecta de servil-a, se adoptarmos o ponto de vista dos defensores da guerra, como sendo uma instituição que gera as mais nobres tendencias e fortemente estimula o progresso humano; outras vezes ajudando mais directamente e, na minha opinião, de modo menos arriscado e mais seguro a expansão material ou aperfeiçoamento moral do paiz.

Temos tido a boa fortuna de contar copia destes ultimos agentes de cultura. O Brazil é aliás a terra menos xenophoba, e não é por isso menos nacional nem menos nacionalista. Não quero apenas dizer que possue o espirito patriotico: todos os paizes o têm e devem tel-o. Mas ha paizes que denotam mais que outros um feitio particular nos costumes ou nos pensamentos, e, penso que neste pormenor apezar das suas tendencias cosmopolitas, cabe ao Brazil assaz e poder-se-ia até dizer muito cunho proprio. De todo tempo, entretanto, soubemos tirar vantagem do concurso estrangeiro, acolhendo sem hostilidade e com sympathia quem quer que nol-o trouxesse, a menos que não viesse armado em guerra, como o illustre marinheiro francez Duguay Trouin, que em 1711 atacou e impoz resgate ao Rio de Janeiro, para vingar o fracasso da expedição do seu compatriota Leclerc, o qual entendera extender até a America do Sul as rivalidades da guerra de Successão da Hespanha.

Assim contamos estrangeiros entre nossos primeiros exploradores e entre nossos primeiros traficantes. Os Schetz, os poderosos banqueiros desta bella cidade de Antuerpia onde hoje me convidou vossa amabilidade, possuiram no seculo XVI em S. Paulo—encontrareis detalhes a respeito nas paginas dos interessantes annaes da vossa Sociedade—uma das primeiras plantações de canna e fabricas de assucar do Brazil. Estaes vendo que o vosso instincto commercial sempre foi para vós um guia seguro, e que a operação financeira da «valorização», na qual vossa metropole participou de modo tão activo e tão feliz, tem raizes mais distantes.

Os tempos porém não se tinham ainda orientado para um mais franco cosmopolismo; a politica da «porta aberta» não predominava, como hoje, e os Schetz tiveram que renunciar a seus primitivos interesses brazileiros, tão pouco á vontade vieram a sentir-se num meio que ao abundante colorido local se esforçava por unir o espirito local. E o espirito local começaria logicamente por affirmar-se na defesa, quer dizer na resistencia á absorpção estrangeira.

*
* *

A exploração do Brazil no seu inicio regista dois nomes de allemães que se celebrizaram pelas suas aventuras e pelo rasto que deixaram dos seus feitos exoticos. Os allemães não esperaram portanto o seculo XIX, como frequentemente se diz, para dar testemunho do seu espirito de emprehendimento colonial. O primeiro desses dois pioneiros da expansão germanica na America do Sul foi Hans Staden, que escreveu a curiosissima narrativa dos seus longos infortunios quasi ao mesmo tempo que Jean de Lery descrevia em francez as desventuras da colonia de calvinistas de Genebra, mandados vir por Villegagnon quando se estabeleceu no ilhote da bahia do Rio de Janeiro, donde os portuguezes o foram desalojar para fundarem nossa capital.

Começamos historicamente a travar conhecimento com este Hans Staden por occasião da defesa da feitoria de Iguassú, em Pernambuco, contra os indios, defesa em que elle tomou parte. Encontramol-o algum tempo depois em S. Vicente — ou S. Paulo — naufrago da mais que melancolica expedição de um governador hespanhol nomeado para o Rio da Prata. O lugar em que ia levantar-so a cidade de Santos — o segundo porto do Brazil de hoje — era então o ponto de reunião de uma pequena colonia cosmopolita. Ahi se estabelecera primeiro que todos, com um mui primitivo engenho de assucar hydraulico, Braz Cubas, o procurador do donatario. Hans Staden, o qual, tendo caido prisioneiro dos indios da vizinhança, correu serio risco de ser por elles devorado, refere-se a varios estrangeiros: os Venistes, os Schetz, os Adorno de Genova, com os quaes se associára o senhor da capitania para fundar uma fabrica de assucar, um engenho

de agua, como os que ainda se encontram em Pernambuco, posto que cedendo cada dia o passo ás modernas usinas a vapor.

O assucar foi a riqueza inicial do Brazil, a base da sua agricultura, a fonte de proventos pessoas que attrahiu colonos, e de lucros publicos permittindo satisfazer as despesas locaes. Os estrangeiros acharam-se pois intimamente ligados aos primeiros dias da prosperidade brazileira, assim como se acham hoje ligados ao desenvolvimento dos recursos de todo genero que offerece esse paiz, ao qual as dimensões e a riqueza asseguram o mais brilhante futuro — um futuro para cuja realização tanto contribuem os estrangeiros.

Uma vez captivo dos indios, Hans Staden escapou ao destino commum dos prisioneiros de tribus de cannibaes, graças á sua presença de espirito, a qual bem denuncia a disposição da sua raça para fazer carreira na expansão ultramarina. O processo usado foi o de lisongear a vaidade do famoso cacique Cunhambebe, dizendo-lhe quão reputado era e temido pelos europeus — como poderia um selvagem resistir a semelhante adulação? — e protestando não pertencer á nação portugueza, tão detestada pelos tupys que por toda a parte faziam alliança com os francezes, cujos navios no seculo XVI frequentavam a costa brazileira para carregar a famosa madeira de tinturaria que deu seu nome actual á Terra de Santa Cruz.

Conta Staden no seu livro que os indios o puzeram á prova, obrigando-o a atirar sobre os portuguezes: ao que elle acquiesceu no intuito de salvar a vida, parecendo-lhe uma recusa, em tal conjunctura, um heroismo inutil. E bom foi que vivesse, pois seu supplicio nos teria privado de um capitulo devéras interessante das «Viagens Aventurosas», se bem que os feitos de Hans Staden não tivessem sido tão ousados quanto os do seu patricio Ulrico Schmidel, o qual fez por terra o percurso do Paraná a São Paulo, distancia enorme que a estrada de ferro acaba apenas de vencer, na direcção desse Paraguay que Cabeza de Vaca foi o primeiro a attingir através mil riscos e perigos, partindo do littoral brasileiro e que varios outros exploradores, hespanhoes e portuguezes, após elle attingiram seguindo o mesmo caminho.

O momento era todo de explorações. A immensidade do continente ia-se revelando aos poucos aos que o tinham descoberto e tratavam de conquistal-o e occupal-o. Sómente a expansão dirigida da costa oriental para oeste não encontrava barreiras quasi insuperaveis, como acontecia com a do outro lado, mêrce dos Andes, cujos despenhadeiros e precipicios contribuiam tanto quanto as minas de prata para demorar a descida hespanhola para as terras baixas. Nossos veios auriferos só muito mais tarde foram descobertos, no fim do seculo XVII, numa occasião em que o Brazil já se achava quasi constituido no seu aspecto actual com relação

aos seus limites: a Amazonia nos pertencia ao norte, tendo sido os invasores estrangeiros repellidos para as Guyanas, e ao sul fôra galgado o rio Paraná e reconhecido o rio Paraguay, estando o vasto «hinterland» de Mato Grosso a ligar-se ao «hinterland» amazonico.

O perigo estrangeiro durou no Brazil dois seculos: digo perigo porque os estrangeiros não vinham então pela maior parte trabalhar directamente por nosso progresso; vinham no intuito de se apropriar do paiz em seu beneficio e em beneficio das suas nacionalidades. Os francezes foram os mais assiduos e os mais tenazes nos seus designios de conquista durante todo o seculo XVI. Vieram em seguida os inglezes, como corsarios, agindo sem fim politico, no seu proprio interesse individual. Finalmente os hollandezes, sob a fórma de uma companhia de commercio, conseguiram occupar passageiramente a Bahia e fundar em Pernambuco um dominio imperial.

A união de Portugal e da Hespanha attrahira por essa época sobre as possessões portuguezas as cobiças e os rancores dos inimigos da Hespanha e determinára a applicação ao Brazil da politica colonial, bem hespanhola, de exclusão dos estrangeiros, politica que pela continuação, depois de novamente independente, Portugal continuou a praticar, como aliás por seu lado o fazia a Inglaterra de Cromwell.

* * *

A occupação hollandeza trouxe ao Brazil, como governador geral a soldo da Companhia das Indias Occidentaes, um principe da casa de Orange, o conde João Mauricio de Nassau Siegen, espirito aberto, esclarecido e dotado de sympathia — concedendo facilmente sua sympathia e chamando a si sympathias — que merece ser contado entre os mais illustres administradores do Novo Mundo.

Para Mauricio de Nassau, e nisto se distinguia elle de muitos chefes militares seus contemporaneos, a guerra era apenas um meio e não um fim. Uma vez estabelecido o dominio, mister era respeitar as crenças dos vencidos, poupar suas susceptibilidades, mitigar seus soffrimentos, por outras palavras ganhar seus corações, tarefa a que se dedicou e na qual logrou completo exito.

Se o principe houvesse permanecido em Pernambuco em vez de se agastar com os directores da Companhia, cujas idéas se orientavam por uma politica bem diversa, o Brazil seria hoje mui provavelmente de metade hollandez em vez de ter ficado integralmente portuguez. E' com muita razão que ainda hoje se diz na Hollanda: «vezuimd Braziel», o que quer dizer, se me não engano, Brazil perdido por desleixo.

Mauricio de Nassau, que era ao mesmo tempo um guerreiro, um epicurista e um letrado, fez-se acompanhar ao Brazil por sabios, artistas e escriptores, cujas chronicas em prosa e

verso immortalizaram seus feitos; cujas pinturas, que hoje se encontram desde o palacio real de Hampton Court, na Inglaterra, até o castello real de Frederiksborg, na Dinamarca, passando pela Real Bibliotheca de Berlim, revelaram á Europa toda uma nova natureza, com suas paisagens exoticas, seus animaes estranhos, suas plantas desconhecidas e suas gentes selvagens; cujos livros e tratados estabeleceram a base dos estudos scientificos na America.

Foi com effeito a Historia Natural do Brazil por Piso e Markgraf — um medico hollandez e um naturalista allemão — da qual fizeram os Elzevir uma formosa edição, que despertou por este assumpto, nos circulos estudiosos da Europa, uma paixão só satisfeita com a reabertura do paiz ao trafico, á curiosidade e á industria do estrangeiro, por occasião da installação no Rio de Janeiro da côrte porugueza perseguida por Napoleão.

Piso e Markgraf foram os primeiros a estudar as condições do nosso clima, a fazer observações astronomicas no firmamento em que brilha o cruzeiro, a descrever os costumes animaes e as singularidades vegetaes do Novo Mundo. Chamaram a attenção dos naturalistas sobre um dominio tão vasto quanto opulento e abriram o caminho a todo o movimento scientifico relativo ao duplo continente desconhecido. As sciencias naturaes eram, então, bem mais cultivadas na Europa septentrional do que na Europa meridional, e teria sido precioso esperar dois seculos para ser o Brazil estudado sob este ponto de vista, se Mauricio de Nassa não houvesse pensado nas coisas do espirito tanto quanto nas politicas e militares, e se não houvesse sonhado converter Mauritzstadt — nome hollandez da cidade do Recife, capital de Pernambuco — num centro de cultura tanto quanto num centro de administração. Uu observatorio ahi foi levantado, criados jardins e pateos de animaes, e só o tempo faltou para se ver alli funccionar uma typographia já encommendada, a organizar uma universidade já concebida.

A valente campanha de indenpendencia, sustentada contra os hollandezes pelos brazileiros, quasi sem apoio por parte do seu antigo governo e até renegados pela metropole, criou no Brazil o sentimento nacional, que o novo meio fizera despontar; mas atrazou consideravelmente o desenvolvimento propriamente intellectual do paiz, se é que o impulso dado pelo principe-governador se tivera podido manter consoante seus designios, pois é mistér sempre contar, salvo bem entendido excepções que confirmam a regra, com a influencia depressora do paiz inculto, de que soffriam a reacção os primeiros colonos desarraigados da velha Europa refinada, e transportados para essas regiões longinquas e rudes em que a alma se sente solitaria. Apenas as gerações que vão surgindo depois aninham a um tempo a ternura para com uma patria que já é a sua e a energia precisa para se entregarem ás tarefas intellectuaes, mais exigentes dessa energia do que os

appetites physicos, facilmente despertados e facilmente saciados.

Mauricio de Nassau era de uma intellectualidade demasiado viva para que pódesse entorpecer-se aos calores tropicaes. Sua curiosidade nunca se cançou durante os annos de sua residencia em Pernambuco, em que o vemos construir castellos batavos, surpresos de ver reflectidas suas empenas e torresinhas nas aguas de rios reluzentes de sol e não em brumosos canaes; presidindo a torneios de flamengos e hespanhóes, os quaes, debaixo desse céu clemente, transformavam em elegantes diversões seus sangrentos encontros européus, e, entre duas justas, realizando pelas armas uma conquista que tratava depois de radicar pela affeição e pelo reconhecimento.

Foi elle, comtudo, o unico a assim pensar e proceder: verdade é que era o unico a elevar-se dentre a massa de aventureiros de todo genero, aventureiros de gibão e chapéu de feltro ou de casacão e barrete, que a Companhia das Indias Occidentaes recrutava para a invasão, a evangelização e o trafico, e que transportava nas suas náus, cuja divisa era que abaixo da linha equinoxial não havia peccados. Não queria isto dizer que alli se achasse o paraiso: o que Americo Vespucio collocára em taes paragens não passava do paraiso terrestre. A significação era que havia liberdade de fazer quanto acima do equador vedava a consciencia, a qual além adormecia sob o condão de uma fada poderosa chamada a riqueza.

Não existe uma literatura hollando-brazileira. As odes panegyricas do capellão de Mauricio de Nassau, e erudito Plante, foram compostas em bella linguagem, apóz o regresso ao lar, com os pés aquecendo ao fogo da lareira e o cachimbo na bocca; quando ao chronista Barleaus, nunca saiu da Hollanda e contentou-se com tornear em sonoros e emphaticos periodos latinos as informações que lhe tinham sido transmitidas.

Aliás as melhores relações não são forçosamente obra dos que assistiram aos acontecimentos. Plante e Barlaeus contribuiram muito para a nossa historia, descrevendo e exaltando o nosso passado, e nós nos orgulhamos muito dessas paginas, porquanto ellas perpetuam a lembrança do restabelecimento, pelos esforços dos nosssos antepasssados da unidade portugueza, a qual foi a bem dizer o fundamento da grandeza nacional. Tão bem a perpetuam, melhor mesmo, pelo que diz respeito á graça humanista, do que os nossos historiadores da época, pobres monges mais nutridos de letras sacras do que de letras profanas.

* * *

A producção intellectual do Brazil no periodo comprehendido entre a partida dos ultimos hollandezes (1654) e a

franca abertura do paiz á influencia européa (1808,) é sobretudo uma literatura de pulpito e de academias. Não houve Academia alguma dos Silenciosos — todos eram tangarellas —, mas existiu uma dos Esquecidos, e esquecidas ou quasi se tornaram ellas todas. A poesia mesmo foi pedante, entremeada de notas aggressivamente satyricas, até que o ar vivo e estimulante que sopra sobre o planalto ondulado de Minas Geraes — a capitania do ouro e dos diamantes, séde da opulencia e do luxo no decorrer do seculo XVIII — expulsasse as velhas fabulas e as semsaborias pastoraes, e fizesse apparecer na sua bella nudez, sem os véos mythologicos em que dantes se envolviam, a ternura dos amantes e a exaltação dos patriotas.

Este seculo e meio de uma fraca literatura de transição, cuja ultima phase é a unica a projectar luz, como a aurora do romantismo que a Europa ia buscar na inspiração popular de antes da Renascença, foi, como disse, empregado pelos brazileiros numa grande tarefa que consistiu em conquistar seu proprio paiz, quer dizer, a explorar o continente virgem até os limites possiveis da expansão da sua raça. Não era esta a unica a occupal-o, pois que os hespanhoes por um lado tanto desceram de Panamá até a Terra do Fogo, ao longo das costas do Pacifico que por outro lado subiram até a California, como occuparam a embocadura do Prata e serviram-se das suas aguas para se aventurarem até o Paraguay, descendo mais ao norte dos altos da Cordilheira até tocarem as margens do Madeira.

O immenso paiz que é o Brazil de hoje é o fructo dessa carreira obstinada atraz da miragem das minas — miragem que acabou por se tornar uma realidade —, a qual arrastava bandos inteiros através floresta e campos, sobre as corredeiras e os escolhos dos rios. O poeta Baptista Cepellos evocou esses Conquistadores em versos de que me permittirei citar-vos traduzida uma estrophe:

«Le radeau poursuit sa route sur les flots.
Comme un lion tranquille, l'homme du Sertão
Proméne au loin son regard fier et ébloui.
Ah! fleuve colossal, tu es encore trop petit
Pour son grand rêve de conquête qui d'un élan
Dedaigneux et puissant, comme un vaste étendard
Qui se deploie, embrasse cet infini d'émeraude».

O estabelecimento da côrte portugueza no Rio de Janeiro marca uma nova época na vida da colonia brazileira. Datam de então sua elevação á dignidade de nação autonoma e sua organização para a existencia independente. Os estrangeiros ahi affluiram, attraidos uns pelo negocio, outros pelo estudo. As sciencias naturaes tinham tomado na

Europa um grande desenvolvimento sob a influencia do racionalismo do seculo dos Encyclopedistas quando a observação dos phenomenos physicos tratou de substituir a revelação e eram especialmente cultivados nessas universidades allemans onde, dos povos de além-Rheno, uns, como o prussiano, preparavam-se em silencio pela meditação e pela cultura intellectual para reconquistar a posição perdida e subtrair-se á sujeição a que os constrangera a mão poderosa de Napoleão, e outros, como o bavaro, se esforçavam por justificar a promoção real que lhes outorgára o Imperador senhor do mundo.

Os proprios almanacks publicavam descripções e vistas do Brazil e de outros paizes do Novo Mundo hispano-portuguez, dando testemunho da curiosidade que suscitava ainda, após tres seculos de exploração, esse continente quasi mysterioso cujas riquezas vegetaes egualavam as mineraes e cuja vida animal fervilhava em cada recanto, percorrendo toda a gamma zoologica. O centro de cultura alleman não podia deixar de ser então o seu centro politico: Vienna, a capital imperial; e muitos sabios valeram-se do consorcio do Principe Real de Portugal e Brazil, que por sua propria iniciativa se ia tornar o primeiro soberano do Brazil independente, com uma archiduqueza d'Austria, acontecimento que naturalmente estreitou muito os laços entre as duas côrtes e conseguintemente entre as duas nações.

A archiduqueza Leopoldina partiu como outróra Mauricio de Nassau, escoltada por sabios e artistas: nada menos de duas missões scientificas, uma austriaca, outra bavara, ás quaes devemos o complemento dos esboços de Piso e de Markgraf, esboços essenciaes, denunciando todos os contornos e a que não faltavam sequer as sombras, mas carecendo de ser rematados. Esta foi a obra dos grandes naturalistas que se chamavam entre outros: Spix, o zoologo; Martis, o botanico; Netterer, o zoologo; von Pelzeln, o ornithologista; Pohl, o botanico; von Eschwege, o geologo e mineralogista.

Sem me demorar em detalhes que vos pareceriam fóra de lugar e tempo, dir-vos-ei que o legado scientifico de Naetterer enriqueceu o admiravel Museu Imperial de Historia Natural de Vienna, onde se acham as collecções reunidas durante suas longas viagens pelo interior do Brazil: — que os trabalhos de Eschwege sobre as minas não foram até hoje excedidos; — emfim, que o extraordinario emprehendimento de Martis sobre a «Flora Brasiliensis», a mais variada do mundo, foi concluido pelos seus successores depois de mais de meio seculo de labor, cujo resultado constitue um dos mais consideraveis monumentos do espirito humano.

O concurso europeu nessa época assumiu mesmo a forma de uma colonia de artistas de valor, contratados em Pariz para fundarem nossa Escola de Bellas Artes e educarem o gosto nacional, dando-lhe um cunho superior Tinha este grupo de instructores artisticos por chefe o secretario perpetuo da Academia de Bellas Artes de Pariz. Lebreton, a

quem ligações bonapartistas muito ardentes tornaram suspeito ao governo dos Burbons e que preferiu expatriar-se a arrostar-lhes a colera. O desenvolvimento das artes no Brazil é devedor a esses professores de pintura, de esculptura, de architectura e de gravura, de um impulso que ainda dura e que naturalmente recebeu desde logo a contribuição das vocações nacionaes educadas em tal tradição adquirida.

*
* *

Estaes vendo, senhores, quanto deve o Brazil aos estrangeiros. Possuo os soberbos exemplares coloridos dos trabalhos de Spix sobre as aves, os macacos, os peixes, os reptis, os testaceos do Brazil, exemplares que pertenceram á bibliotheca do principe de Metternich, recentemente vendida em leilão, e que tinham sido offertados ao famoso homem de Estado. Elle foi quem recommendou os sabios austriacos e bavaros á benevolencia esclarecida de dom João VI — o monarcha ao qual o Brazil deve a sua organização nacional — e que acompanhou até o porto de Liorne e a bordo da náu portugueza despachada para buscal-a, a desposada de dom Pedro I. Eu o imagino, com seu sorriso ironico e seu olhar agudo que sondou a alma ambiciosa e plebéa de Napoleão, folheando aquellas magnificas illustrações com a curiosidade de um profano que se interessa por quanto diz respeito ao espirito, e não posso furtar-me a acreditar que semelhante interesse intellectual contribuiu em parte para a sympathia de que o Brazil constitucional — notai bem esta palavra «constitucional» — é devedor ao defensor por excellencia dos principios do absolutismo, ou se o preferido do paternalismo.

E' verdade que, encarando sem animosidade a separação occorrida entre o Brazil e a metropole, e descobrindo argumentos favoraveis a respeito para memorias diplomaticas destinadas a percorrer as chancellarias, Metternich antes se preoccupava com sustentar o unico throno americano do que os direitos dos povos, o que entretanto não impede que achasse para nós desculpas que em outros não admittiu. E' ainda um estrangeiro e dos mais afamados a quem devemos um serviço que não esquecemos, como tampouco esquecemos outros que nos foram prestados.

Os marinheiros brazileiros eram a poucos annos admittidos á Abbadia de Westminster. afim de saudarem o tumulo de Lord Cochrane e sobre elle depositarem uma corôa. Foi este celebre almirante inglez que passeou suas façanhas do oceano Pacifico ao mar Egeo, ora servindo a Inglaterra contra os francezes, ora ao serviço do Chile contra os hespanhóes, do Brazil contra os portuguezes ou da Grecia contra os turcos, quem organizou nossa primeira esquadra e lhe fez conhecer suas primeiras victorias, obrigando a frota portugueza

que defendia o porto da Bahia a fazer-se de vela e perseguindo-a até vista das terras européas.

Foi graças á marinha que a unidade do Brazil se pôde estabelecer no momento da sua independencia. Se este instrumento houvesse faltado, a operação não poderia ter tido exito, e de resto o paiz não mais faria do que seguir as tendencias particularistas da sua historia e da sua geographia, as quaes lutavam contra as tendencias unitarias da raça, da religião, da lingua e das tradições communs de povoamento, de resistencia e de civilização.

O principal organizador do movimento de separação politica no imperio foi na verdade um brazileiro — José Bonifacio; o seu agente essencial, aquelle que pela decisão da vontade realizou o que concebera a energia da intelligencia, foi egualmente um nacional — o principe dom Pedro, que passou a primeiro soberano da monarchia então fundada; mas um estrangeiro concorreu poderosamente para consolidar sua obra de construcção social, cuja florescencia actual é apenas a justa consequencia dos esforços empregados.

Não faltam, entretanto. paizes onde haja cabido a estrangeiros o principal papel nos acontecimentos decisivos da sua evolução. Conheço e estimo muito um diplomata hispano-americano que, não tendo elle proprio nascido no paiz que se tornou sua patria e havendo com isto soffrido, pois que o prejuizo nativista é dos mais enraizados, escreveu em desabafo um mui interessante e instructivo volume sobre a contribuição dos estrangeiros para o desenvolvimento de paizes que não os seus.

O exemplo de Napoleão acode immediatamente á memoria. Foi com effeito este corso que até o momento de vir para a França se inspirava nos sentimentos do seu compatriota Paoli e detestava o invasor francez acampado na sua ilha, o homem que veio a representar no mais alto gráu a gloria militar e politica da França e que na definitiva legenda napoleonica, da qual nos falava outro dia em Bruxellas com tanto encanto o poeta Jean Richepin, encarnará a Revolução Franceza e os principios de liberdade, egualdade e fraternidade que foran o evangelho da democracia moderna

Pensastes porventura algum dia em que a Inglaterra, o mais nacionalista dos paizes, cujo cosmopolitismo imperial só faz realçar o orgulho patriotico, deve a um francez, Simon de Montfort, a defesa, e a um hollandez, Guilherme de Orange, a garantia das suas franquias constitucionaes, das suas liberdades organicas, inseparaveis da sua existencia? Haveis jámais reflectido em que o Novo Mundo foi descoberto para a Hespanha por um genovez, de que um escriptor hespanhol quiz recentemente fazer um compatriota, para não ter que repartir sua gloria? Já vos dissestes a vós mesmos que o mais perfeito dos lyricos francezes, o poeta impeccavel dos «Trophéos», era cubano, e que Napoleão nunca foi celebrado com mais enthusiasmo do que pelo allemão Henri Heine?

O velho mytho que faz remontar a Enéas as origens da Roma imperial e papal, a qual subjugou o mundo antigo pelas armas e pela cultura e se impoz ao respeito do mundo moderno por toda a tradição politica e religiosa que lhe é peculiar, resume bem esta participação necessaria dos estrangeiros em toda grande empresa social. Deve isto certamente significar que taes differenças entre nacionaes e estrangeiros não residem na natureza, que são antes o producto das circumstancias historicas e outras que se calam e desapparecem para eventualmente permittirem á solidariedade humana o desprender-se e o affirmar-se.

Se o destino não concedeu a estrangeiros uma participação tão essencial nos destinos brazileiros, o paiz tendo sido descoberto, reconquistado aos hollandezes, explorado em todas as direcções, até assegurado contra as cobiças inimigas pelos seus nacionaes, isto é, pelos portuguezes, ou descendentes de portuguezes, — o Brazil é comtudo devedor a varios estrangeiros de uma affeição que justifica em troca um vivo reconhecimento.

Poderiamos não experimentar gratidão para com Robert Southey, o poeta laureado inglez, aquelle de quem Byron, seu inimigo literario, dizia que lhe desprezava os versos rasteiros, mas que lhe invejava a soberba apparencia, a figura apollinea? Southey foi o nosso primeiro verdadeiro historiador, e sua Historia não envelheceu porque a anima o fogo do enthusiasmo, que faz perpetua a juventude. Homem de letras até a medula, descreveu as viagens aventurosas, as conquistas arriscadas, as lutas sangrentas, não só na fé dos documentos extrahidos dos archivos portuguezes, mas tambem com a ternura do artista por todas as bellas manifestações da energia humana.

O assumpto era-lhe grato ao coração tanto quanto ao espirito, e suas cartas, das quaes foram publicados 6 volumes, testemunham sua firme crença nos destinos da nacionalidade de que estudára os inicios e narrára o crescimento. Elle proprio escreveu que desejava, num futuro distante, vir a ser relembrado como o Herodoto desse mundo recem-nascido para a historia, e seu novo voto será cumprido, pois que narrativa alguma do nosso passado revela mais encantos e encerra mais emoção do que a que nos legou Southey, numa lingua a um tempo sobria e imaginosa, como a sabem escrever os inglezes quando se propõem a fazer estylo.

A viagem de Ulrico Schmidel, por exemplo, a que alludi ao começar, encontra-se na Historia do Brazil daquelle poeta, descripta nos termos precisos de uma exposição geographica e ao mesmo tempo com uma tonalidade de acção dramatica. Sente-se que o auctor entremeou a leitura das relações ultramarinas com a do Romancero peninsular, e que as aventuras maravilhosas do Amadis de Gaula, do Palmeirim de Inglaterra e de outros heróes dos livros de cavallaria hespanhóes e portuguezes — esses livros que tanto escaldaram a imagi-

nação de Dom Quixote — exaltaram sua fantasia lyrica antes que o historiador se occupasse das não menos admiraveis façanhas de outros heróes authenticos.

Semelhante associação dos dons do erudito e do artista, é, como sabeis, necessaria para que a obra literaria seja suggestiva, e fecunda sua acção. O simples pesquizador póde corrigir datas erroneas e restabelecer a exactidão dos factos, mas não deixa vestigio sobre a alma, insensivel ao que não traduz o conteudo moral. O poeta, por seu lado, deve soffrear sua imaginação e adaptal-a ás realidades sob pena de vêr sacrificada a Verdade ao Bello. O sopro poetico é, no emtanto, indispensavel para animar a historia — o que penso haver sido melhor comprehendido pelos escriptores de ha um seculo, ou mesmo de ha alguns seculos, do que pelos dos nossos dias, aos quaes a fidelidade documental se afigura a condição fundamental senão por vezes exclusiva.

O genio lyrico não impediu comtudo Victor Hugo de descrever melhor do que ninguem a batalha de Waterloo. Penso que muitos dentre vós partilharão esta opinião, pois que sua narração, sem possuir a riqueza de pormenores e a sciencia de reconstrucção da de Henry Houssaye, não deixa, por isso, de ser mais pungente e mais vibrante. O lyrismo é frequentemente o caminho mais facil aberto á historia.

Ferdinand Denis — outro escriptor, francez este, ao qual devemos quasi 70 annos de ininterrupta sympathia, pois que já se occupava do Brazil em 1823 e ainda se occupava delle pelos 89 — decantou a natureza dos tropicos antes de celebrar os feitos da historia portugueza e de apresentar aos leitores francezes as producções da poesia brazileira. As paisagens não foram, pois, para esse escriptor, mais do que o ensejo de estudar os homens que se agitam em tal scenario, e as acções e a expressão literaria que delles se derivam. Para isto remontou até ás nascentes cavalheirescas ou populares de Meia-edade, assimilando as lendas anonymas e as tradições fabulosas antes de chegar aos factos provados e aos gestos pessoaes.

Sabeis como Ferdinand Denis começou a popularizar o Brazil na Europa, antes de escrever esse «Brazil Pittoresco», que ficará como um dos livros mais amenos e mais instructivos sobre o nosso paiz? Redigindo a descripção do Rio de Janeiro para o primeiro panorama da nossa capital, obra de um dos Taunay, exposta em Pariz pouco depois da Independencia, de que foi continuação o panorama de Burford, aberto em 1828, em Leicester Square, em Londres, e cujo ultimo descendente, o panorama do pintor francez Dumoulin, vistes todos vós, o anno passado, na Exposição de Bruxellas.

***

Os beneficios que um paiz fica devendo a estrangeiros como Southey e Ferdinand Denis são inestimaveis: nada os

póde exceder. São depoimentos preciosos pela sua imparcialidade e pela sua superioridade moral, adduzidos ao processo que faz comparecer todas as nações perante o tribunal da civilização, para responderem se bem mereceram ou não da cultura humana.

Quando um historiador como Sothey ensina á Europa que o sentimento de fidelidade á patria originaria inflammou o coração dos brazileiros contra a occupação hollandeza e lhes inspirou o valor com que puzeram em desbarato, após tres combates formaes, as tropas aguerridas que tinham sido transportadas dos Paizes Baixos para assegurar o dominio estrangeiro; quando o erudito Ferdinand Denis ensina a essa mesma Europa que o verdadeiro instincto da natureza apontava nas letras brazileiras ao mesmo tempo que suggeria a Bernardin de Saint-Pierre o carinho posto em evocar o meio onde Paulo e Virginia se confessavam seu amor, e tambem que o individualismo romantico expellia das mantanhas mineiras os fantasmas classicos quando sua sombra ainda se projectava sobre as letras francezas: — ambos affirmam ao mundo que os mesmos impulsos moraes agem entre vós e entre nós, e que somos na verdade os representantes e os continuadores dessa civilização européa que é a mais substancial e a mais levantada que se ha jámais conhecido. A informação é porventura interessante para vós, mas é sobretudo importante para nós, e não é demasiado pagal-a com todo o nosso reconhecimento.

Sob este aspecto somos aliás singularmente afortunados, pois que não nos têm faltado, nem no passado, nem no presente, amigos dedicados desta especie. A lista seria em extremo longa, e assaz fastidiosa para os que não conhecem a contribuição particular de cada um para a propaganda brasileira, cuja bibliotheca augmenta diariamente. Temos egualmente tido nossos detractores: um major Schäffer, que, por volta de 1825, quiz inundar-nos de vagabundos e de réus de justiça com o rotulo de colonos laboriosos, e que não podia soffrer sem impaciencia que se levantassem obstaculos ao seu commerciosinho de immigrantes; um Biard, pintor que, enfastiado, longe da sua margem esquerda do Sena, repetiu no Brazil suas troças de «atelier» e se proclamou victima de um mundo de horriveis bicharocos, desde os mosquitos até os lacráos, que lhe fizeram inchar as carnes e ao mesmo tempo a imaginação; um Charles Expilly, o qual julgou mais rendosa a nota melodramatica amenizada por incidentes licenciosos e se permittiu monstruosidades literarias que vos não repetirei.

Estes estão esquecidos ou quasi. E' preciso ser um bibliomano como eu, colleccionando todos os livros sobre um dado assumpto, para ter a curiosidode de folhear suas obras. E póde dizer-se que o instincto popular, quero dizer o bom senso geral, uma vez mais teve razão. Para que fazer reviver hoje essas paginas odientas ou zombeteiras, tornadas afinal insipidas porque todo o fel ou o escarneo se eva-

porou dellas, quando não faltam livros serios, bellos livros, com os quaes se tem sempre encanto e proveito em travar conhecimentos?

Temos por exemplo, com suas observações politicas e sociaes tão avisadas, as viagens do botanico Augusto de St. Hilaire, cujo nome de familia é garantia por si bastante de probidade literaria e de competencia scientifica. Temos a excellente descripção das terras altas do Brazil — «The Highlands of Brasil»—feita por um dos mais notaveis viajantes inglezes do seculo passado, homem de uma coragem a toda a prova, de uma actividade intellectual infatigavel e de uma extraordinaria franqueza, sir Richard Burton, a quem tanto sorriam as manifestações poeticas quanto as bellas paisagens. Temos as paginas sempre jovens, por que seu valor não diminuiu, do naturalista Bates sobre o Amazonas. Temos a obra sem grandes pretenções, mas tão cheia de sympathia, de Ribeyrolles, esse proscripto de 2 de dezembro, que foi refugiar-se e morrer entre nós, e sobre cujo tumulo se gravaram os versos consagrados á sua memoria pelo seu amigo Victor Hugo. Haveria, assim, centenares de obras a citar e de auctores a evocar...

Deparamos naturalmente com periodos em que tal literatura é mais abundante. Já vos disse que, no começo do seculo XIX, os naturalistas allemães se precipitaram sobre o Brazil, campo até então cerrado á sua curiosidade, excitada pelos trabalhos dos seus predecessores do seculo XVII. Por essa mesma época pullulam os livros inglezes sobre o Brazil. O inglez é um viajante muito pessoal e que gosta de communicar suas impressões de viagem. Num dominio novo, razão demais para que assim aconteça, e o facto é que os residentes daquella nacionalidade não pouparam seus lazêres de escriptores. Se é possivel reconstruir-se hoje em todos os seus detalhes desapparecidos e pittorescos a vida social no sul, bem como no centro e no norte do Brazil, devemol-o a tres negociantes inglezes, John Luccock, John Mawe e Henry Koster — um do Rio de Janeiro, outro de Minas Geraes e o terceiro de Pernambuco, os quaes deixaram livros dos mais cheios de informações e dos menos parciaes acerca do Brazil contemporaneo do bom rei dom João VI.

Para escrever livros interessantes não é indispensavel possuir preoccupações literarias. O estylo amolda-se sempre ás exigencias do pensamento, quer dizer que se forma sempre debaixo da sua influencia, e penso que foi Renan, um dos mais perfeitos estylistas francezes, que notou, a proposito de Claude Bernard que se escreve sempre bem quando se tem o que dizer. Aquelles negociantes, com sua visão rasteira e com seu bom senso — pois que passou em julgado que os commerciantes possuem todos este ultimo invejavel predicado — legaram-se uma pintura bem viva e mais attrahente do que poderia tel-a composto um literato de officio, o qual não tivesse tido como elles tantas coisas para

contar. Ora conheceis bem a importancia do detalhe, visto e vivido, na obra historica. Sem elle a figuração pode ter eloquencia, mas carecerá de suggestão.

Estes estrangeiros — Henry Koster principalmente, que veiu para Pernambuco afim de restabelecer sua debil saude de homem atacado do pulmão, quasi sarou nesse meio tropical e só muito mais tarde veiu a succumbir ao mal, e como Henry Koster tantos outros — falaram do Brazil com a ternura commovida que empregaria um filho da terra : o que prova quanto são convencionaes esses sentimentos que separam os povos, senão as raças.

Fale-se muito embora em «instincto» patriotico : é tão imaginario quanto a famosa «voz do sangue», de que se inspiraram numerosos melodramas antes de resvalar nas inepcias da farça theatral. Um filho de allemão ou de francez, nascido no Brazil, é tão brazileiro quanto um filho de portuguez, e como seria diversamente se seus proprios paes se deixam pela maior parte prender á terra de adopção por uma tão real affeição? O contraste torna-se mais frisante quando o typo physico é mantido em virtude da lei de hereditariedade, envolvendo um novo espirito onde entram mesmo os aspectos menos importantes e até os defeitos que possue cada variedade humana.

Existirão aliás raças puras no planeta, ou não será a humanidade antes uma mistura de raças? Sabeis todos que os francezes, que representam em summo grau a cultura latina têm mais sangue germanico nas veias do que sangue romano, e que as invasões barbaras de além Rheno, sobretudo as dos francos, se sobrepuzeram á população gauleza, a ponto de restabelecerem em seu proveito a unidade perdida da Gallia, refeita por Clodoven e mais tarde por Carlos Magno Sabeis todos que os visigodos, suevos e vandalos, e por outro lado os mouros, destingiram sobre a população celtiberica de modo a ahi perpetuarem indefinidamente o typo moreno da Arabia e o typo louro da Escandinavia.

Não insistirei de resto em questões ethnogenicas conhecidas. O que especialmente chamou nossa attenção foram exemplos individuaes dos laços que unem o Brazil aos estrangeiros, laços tão solidos que estrangeiros, quero dizer individuos nascidos sob outro céu arrostaram por nossa defesa os perigos das batalhas, promptos a derramarem seu sangue por uma causa que não era a dos seus compatriotas, e que taes individuos estavam longe de ser vulgares mercenarios dispostos a alugar seus serviços ao primeiro que apparecesse. Havia no seu modo de proceder motivos mais ou menos elevados, mas outros do que o interesse pecuniario.

Assim é que o nosso maior marinheiro, o almirante Barroso, que ganhou a celebre batalha naval de Riachuelo, era portuguez de nascimento e adheriu á causa do Brazil independente. Tivemos egualmente, na nossa marinha e no nosso exercito, francezes como Leverger, que dom Pedro fez ba-

rão de Melgaço; como Labatut, que servira em França com o imperador; como de Beaurepaire Rohan, portador de um nome illustre na aristocracia; inglezes como Grenfell e Taylor, que permaneceram até ao fim ao serviço do Brazil.

Só vos citei casos historicos, alguns nomes que se destacam dentre a grande massa dos colonos europeus á qual todo o paiz de além mar deve seu desenvolvimento e sua civilização. Não posso entretanto esquecel-a, essa multidão anonyma, esse mar de estrangeiros que desde o começo, desde o descobrimento, mas sobretudo durante o seculo XIX, veiu rebentar nas praias do Novo Mundo e cujo estabelecimento fez a grandeza de paizes os Estados Unidos e o Brazil, onde em seu numero é legião.

Foram esses milhões de homens de todas as raças e de todas as procedencias, impellidos primeiro pela sêde ardente e doentia do ouro, da conquista territorial e da supremacia religiosa, em seguida por esssas mesmas preoccupações sob aspectos menos violentos e mais sãos, emfim pela unica ambição utilitaria assumindo uma forma moral, que transformaram as regiões selvagens da America, onde tantas rudes lutas se travaram, num campo pacifico de progresso e de labor humano, a ponto tal que não mais se pode comprehender o mundo sem a America.

O que teria sido do excedente da população européa, excedente todo relativo, dependente essencialmente das condições physicas e economicas de cada paiz, sem esse escoadouro de actividades, sem essa escola de energia destinada a educar vontades e a offerecer a uma população ameaçada pela miseria e pela fome extensões immensas e todas por assim dizer ferteis, pois que o Novo Mundo não comporta os grandes desertos do Velho, não possue nem Sahara nem Gobi? Imaginae a Europa, onde a concorrencia é tão encarniçada, com sua população actual e mais os 140 milhões de americanos, a saber, de europeus transportados para a America, e seus descendentes!

Esta união bem combinada de esforços de origens diversas prova, pois, perfeitamente o que afirmei: que a solidariedade humana, apezar dos desmentidos crueis que lhe são infligidos, não é uma van palavra, uma formula para uso de agapes e de congressos internacionaes, e que as distinções e mesmo as differenças entre as nações não são obra senão das circumstancias accidentaes, historicas, geographicas ou politicas.

Se os filhos de uma nacionalidade podem trabalhar pela grandeza de outra com tamanha dedicação; se os nacionaes de um paiz podem fundir-se numa massa estrangeira e não mais se disligarem; se a convergencia dos sentimentos provenientes de pontos afastados e mesmo oppostos pode conduzir a semelhante harmonia — é que o voto dos pacifistas não é uma chimera irrealizavel e que o sonho da fraternidade universal não é uma demencia. E' quando muito

uma utopia, e a utopia já foi definida uma verdade prematura.

O exemplo do Brazil serve para demonstrar que o concurso dos estrangeiros pode ajudar vantajosamente, e de facto ajuda sempre poderosamente o desenvolvimento nacional, e que a contribuição de ordem social que cada um delles pessoalmente representa não é senão a visão fragmentaria do espectaculo que o futuro provavelmente nos reserva, a saber a combinação, a solidariedade — repitamos a palavra, que por haver sido mal usada não perdeu seu valor nem sua s-i gnificação — dos esforços de todos os povos para um fito commum e para um estado, estranho tão sómente ás ambições e ás injustiças mantidas pelas rivalidades presentes.

A FRANCA

(Esboço de Historia e Costumes)

PELO

DR. AFFONSO DE CARVALHO

Socio correspondente do Instituto

A FRANCA

(Esboço de Historia e Costumes)

I

Nos extremos do solo paulista, onde recebeu, por vezes, o embate de teimosas pretenções mineiras sobre a linha limitrophe e incerta do territorio, alteia-se a Franca, num garboso destaque, entre as raras povoações da fronteira que apresentam aos escrutadores do passado a alentada existencia de um seculo, enobrecida a principio pelo fragor da luta e, mais tarde, por um esforço lento mas perseverante de aperfeiçoamento social. Certo, ha na sua historia vicissitudes communs á de todas as povoações antigas sertanejas expostas á cobiça dos primeiros desbravadores das matas; mas, preferidamente, por ella um grande sopro de energias passa, contando aspirações de vida operosa e independente, arremessos de povo sadio e rude, a perpetuar nos confins da Capitania o espirito altaneiro e a bravura das gentes de Piratininga. E, por isso mesmo, quem hoje observa, com sympathico interesse, o amoroso apego dos contemporaneos francanos á sua Cidade, é quasi inclinado a crer que essa dedicação se ha engendrado não tanto pela consciencia da riqueza preciosissima dos puros ares ou da branca luz que recobre sumptuosamente o seu formoso torrão, como por essa ardorosa tradição de avós fortes, chamando rijamente, no alto do planalto, contra usurpações e ultrages de visinhos irriquietos ou de executores inexoraveis de rigorosos designios governamentaes. E é para os que não conhecem esse passado que delle aqui traçamos um leve e despretencioso esboço.

II

Paulistas sertanejos, em principio do passado seculo, quando ensinavam ao viageiro novo os pontos de pousada áquem do grande rio, na rota extensa que conduzia, além da fronteira, ás estradas asperas das Minas e de Goyaz, diziam-lhe, com os arrebatamentos de grata admiração, a maravilha de uma paragem alta, onde, mais bella que a claridade dos céos transparentes e que a vastidão dos largos ho-

rizontes, resplandecia a hospitalidade do povo activo arranchado em casebres toscos, em torno de egrejinha tosca recoberta de sapé, sob o louro sol, no Arraial Bonito do Capim Mimoso.

Que população era essa? Donde procedia? Porque escolhera ella para sua morada essa exquisita região, onde parecia cessar, por completo, o reino das vegetações opulentas e onde a vista se alargava por horizontes planos e infindaveis, como se divisasse por toda a parte, estendido e calmo, sem revoltadas vagas, um oceano magico de verdura? Seria um grupo de ousados garimpeiros, procuradores de ouro, arrastados pela febre gananciosa do seculo? Seria acaso um nucleo de simples criadores de gado, attrahidos prodigamente pela abundancia das pastagens, pelo mimo prodigioso dos campos? Ou antes um bando, quem sabe, de foragidos das Minas-Geraes ou dos sertões goyanos, buscando asylo na capitania paulista contra a severidade absorvente das justiças d'El-Rei? Quem poudera dizel-o ao certo? A verdade é que ahi existia; e, apenas, a velha Tradicção desvendada pela investigadora penna do esforçado sr. dr. Estevam Bourroul, em autorizados escriptos publicados em 1904 pela imprensa francana, aponta «um tal Simões», varão de alma piedosa, posseiro das terras do planalto, como doador «de meio quarto de legua em quadro», destinado a ser utilizado pelos moradores para a fundação de uma egreja sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. E assim viviam, alli trabalhavam, saudavelmente, em torno de sua egreja, protegidos pela Celestial Madrinha, gosando o clima de sua verde eminencia, sob a luz do seu louro sól.

Era gente forte essa, gente rude, mas hospitaleira e leal. Quando ainda não findára o primeiro lustro, haviam divisado os moradores entre os «intrantes», o austero padre Joaquim Rodrigues, que logo os attrahiu pela perspectiva de duravel pasto espiritual de que necessitavam; e, como descobrissem nelle (segundo informam em seu precioso volume undecimo os Documentos Interessantes do Archivo de São Paulo) as qualidades necessarias «para um bom pastor», logo o elegeram «para esse fim», pedindo ao Exmo. Sr. Bispo, servindo de intermediario o Commandante do Districto, Hippolito Antonio Pinheiro, que o confirmasse nessas funcções e reconhecesse a verdade por elles proclamada de que Sua Reverendissima «era inteiro no seu Dever». Já então, o povo do arraial, fazendo corpo com os adventicios, presava tanto a sua avelludada estancia, que, supplicando ao sr. general Antonio José da Franca e Horta, pela bocca do mesmo Hippolito, que lhes patrocinasse a pretenção perante o Governo Episcopal, alacremente lhe dizia que, si bom exito coroasse a sua rogativa, attingida ficaria a felicidade dos povos do Bello Sertão, e bem chegaria Sua Excellencia a certificar-se de que, muito breve, o dito Sertão seria considerado o «Segundo Paraizo da Capitania». D. Matheus de Abreu Pereira,

4.º Bispo da Igreja Paulopolitana, foi bom, foi pai. Attendeu á devota supplica, autorizando, pela provisão de 9 de agosto de 1805, a erecção da Matriz Nova e mais a convocação dos «principaes» do Arraial para que dessem execução a esse beneficio, com edificar uma casa de oração «com a possivel decencia» nas visinhanças do velho templo, até se erguer a dita Matriz. Effectuou-se a reunião (segundo reconta o venerando Livro do Tombo) a 3 de dezembro, assistida pelo Commandante Hippolito; e, no mesmo dia, munificientemente, Vicente Antunes de Almeida e sua mulher, d. Maria Francisca Barbosa, assignaram uma Carta de Doação, pela qual cediam á Matriz Nova uma sorte de terras da Fazenda «Ribeirão Santa Barbara», para que o templo tivesse fabrica e poudesse, com esta, supprir (resava a escriptura) o ornato e mais guisamentos precisos para a decente celebração do Santo Sacrificio da Missa. E, em transportes de gratidão pelo seu Bispo e pelo seu Governador, do qual já haviam recolhido o nome para o povoado, celebraram os moradores, rejubilantes em torno do Vigario Encommendado e do Commandante Districtal, a inauguração solenne da Nova e Parochial Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Freguezia da Franca e Rio Pardo.

Ora, emquanto assim garantiam perduravelmente a necessaria provisão das almas, vigiavam os homens do povoado pela integridade do territorio, reclamando do Commandante que repelisse os «insultos e invasões» do Juiz de Fóra da Campanha e de seus enviados disfarçados nos pretextos de medições na Lagôa Rica, e desabusasse a gente do Aterrado, que pretendia, sob as ordens de Guilherme de Barros Pedrosa, «puxar as terras» para as Minas Geraes, sem respeito aos marcos ratificados e ás recommendações dá Governança.

Echoavam esses brados nos intimos desejos do brioso Capitão, e mais não era preciso para que se lhe espertasse a energia da repulsa. Esperou que se approximassem os enviados; e, quando os soube nas terras do Aterrado, um proprio lhes mandou com o simples aviso de que seguiria da Franca afim de prendel-os. O que ouvindo, o honrado Juiz da Commissão, mais o Escrivão, o piloto, os Louvados e o Official de Justiça, com suas tres Cartas de Sesmarias, todos abalaram para traz, de vereda, n'um largo tróte, estomagados pela estranheza de semelhante prevenção. E, respeitada por esta vez a inteireza do solo, bem parecia que chegariam as cousas á realização das prophecias optimistas do Capitão Hippolito, sem mais arrelias e ambições. Os Francanos, porém, logo quizeram mais. A incontentabilidade é lei do mundo, lei do Progresso. A freguezia devia transmudar-se em villa. E, em torno do Commandante se aggruparam os moradores, com sua pretenção nova. O capitão Hippolito e o Alferes do Districto prometteram construir, á sua propria custa, as obras necessarias para a Camara, Cadeia e Pelourinho; e, n'um

alvoroço novo, ao raiar do anno de 1809, lá se foi a representação ao Governador Franca e Horta, o qual sempre solicito pelos seus amados sertanejos, immediatamente requisitou informações do Ouvidor da Comarca, declarando antes muito estimar que «esses povos estivessem concordes em formarem villa na Freguezia». O Ouvidor da Comarca e o Senado da Camara de Mogy-mirim enviaram informações benignas, e o Governador, já em maio, officiava a Sua Excellencia, o Senhor Conde de Aguiar, affirmando que era util e interessante ao bem do Estado a pretenção dos supplicantes, pois estes já constituiam um nucleo de 1279 almas, distante 40 leguas de Mogy, Cabeça do Julgado, ao passo que entestava com o Gentio bravo e aspero, e, ainda mais, porque o terreno era delicioso, com excellentes campos, para todo o genero de animaes, e faisqueiras de ouro. E pedia assim ao Senhor Conde que propuzesse a Sua Alteza «o accordar áquelles povos o seu Real Beneplacito» (Documentos, pagina 423). Ao mesmo tempo, dizia o Governador ao Capitão-mór que ficava esperando a execução da promettida construcção dos predios para que poudesse mandar proceder ao levantamento da villa, afim de «cessar a entriga» entre a gente a gente da Freguezia com a de Mogy e de atalhar a ambição dos moradores de Jacuhy, que era de encorporar ao seu territorio o da Conceição da Franca.

Lembrou mais o Governador ao Commandante fosse organizado um abaixo-assignado de protesto, que, com informação propria elle o encaminharia até a Real Presença do Principe Nosso Senhor. Assim o dizia em maio de 1811 ; e, pelo fim de junho, recommendava que respondesse ás pressas, porque, estando para ser rendido no Governo da Capitania, desejava fazer ainda, antes de partir, o bem possivel á Freguezia. Mas, o prestante General foi logo substituido, sem ter podido realizar esse bem ; e nem mais felizes se mostraram o Senhor Marquez de Alegrete e o Senhor Conde de Palma, seus nobres successores, quando, o primeiro em 1813, o segundo em 1815, remetteram informações a Sua Alteza Real sobre a justiça da pretenção dos Povos da Freguezia da Franca.

Entretanto, ao passo que se entrecruzavam os officios, a gente de Jacuhy, jámais aquietada, ia semeando ventos por intermedio da Vereança, a promover o arrancamento dos marcos divisorios afim de os fazer recuar até o Ribeirão das Canôas. arrepanhando fogos, que eram soccorridos de Sacramentos pela visinha Freguezia, e tudo sob os pretextos de acautelar o extravio dos Reaes Direitos. Era isso em janeiro de 1816 (Documentos, pagina 591).

Contra as incursões protestou o Conde de Palma, officiando a respeito a dom Manoel de Portugal e Castro, Governador das Minas-Geraes, e recommendando, ao mesmo tempo, á Vereança mogyana que contivesse, com um protesto, «debaixo de polidez e civilidade», os impetos expan-

sionistas da Camara de Jacuhy. Dom Manoel de Portugal e Castro debulhou-se em satisfações, e o Capitão-mór de Mogy quiz ir logo ás do cabo. pedindo ao Governador que lhe enviasse um reforço de dez soldados da Tropa de Linha, que auxiliasse a rechassar os intrusos. Mas, Sua Excellencia, o Senhor Conde de Palma, accudiu pressuroso a lhe aquietar as ancias bellicosas, como lhe dizer que tal violencia seria contraria ás «Ordens de Sua Alteza Real» e que mais valeria lavrar um auto de protesto, pois Sua Alteza queria sómente «a bôa harmonia e a paz de seus Vassallos».

Disto, por certo, não gostou o intransigente Commandante do Districto, que. em verdade, quando reclamava do nobre Senado de Mogy-mirim contra os desatinos da gente jacuhyana, briosamente lhe dizia que providencias eram necessarias para que elle, Commandante, não ficasse desfeiteado pelo Alcaide, pelo Escrivão e pelo Expressado pago enviados da Camara de Jacuhy, «mofando do Quartel do Aterrado e o botando abaixo».

Achacado andava já por esse tempo esse valente Capitão Hippolito, cujos serviços pouco antes haviam sido dispensados «até que fosse deliberado se devia ou não ter baixa no posto ou ser reformado». Mas, amando continuava elle, não obstante, e servindo, os seus Francanos fieis; e, não fôra a sua rija attitude, certo Sua Exc. o Conde Palma se não movera contra a intrusão. nem o Senado lavrara o seu protesto, a 20 de junho, quando bradava aos de Jacuhy, em fremitos de indignação: «E, quando vossas mercês se esqueçam de condescender com esta nossa Rogativa, por conservarem em si a ambição de maior terreno, sem advertirem de que somos Vassallos de um só Monarcha a quem compete dissipar os laços de nossos desatinos, desde já protestamos pela antiga posse do controvertido terreno». E, quando, em julho se lavrou o auto de exame e vistoria no terreno do Aterrado, lá figurava o inteiriço Capitão autenticando a diligencia. entre os enviados da Camara mogyana.

III

Crescia, no emtanto, e se avolumava a povoação em sociabilidade e riquezas, elevado o numero dos viventes. já em 1813, a 2000 almas, segundo a veridica informação dos «Documentos Interessantes», em seu volume undecimo, pagina 545. E tão vigorosa progredia a raça nas eminencias livres do planalto, que, alli pelos fins da segunda decada do seculo, recebendo a visita do grande e illustre Saint Hilaire, fundamente impressionou o visitante pelo numero avultado das veneraveis figuras, que attestavam eloquentemente, na côr sadia da cutis, a excellencia tonificante dos ares sertanejos, nestes confins da Capitania. Mas, por isso que augmentava a população e que mais complexas appareciam as necessidades do meio social, urgia (assim clamavam os moradores)

se erigisse em villa a Freguezia, tanto mais que possuia ja varões abastados capazes de servir os cargos da Governança, de modo que tivessem elles logo á mão os fomentos de justiça e não precisassem atravessar as 40 leguas de valles, montes e caudaes, para ir buscar á Cabeça do Julgado a reparação dos vexames e desatinadas traças dos «intrantes». Consideravel já era o numero destes, e a ordem a miude se perturbava, desde o tempo do Senhor Marquez de Alegrete, quando a oppressão das gentes das Geraes, pela grande ganancia nos terrenos de ouro, ameaçava, como clamavam os subditos do Commandante Hippolito, produzir a perpetuidade dos males, e erguia motivos novos de constrangimento entre os verdadeiros e fieis vassallos do Monarcha. Admittir não queriam elles, assim diziam, ultrages e invasões na capitania paulista, firmes na observancia dos Avisos de Sua Alteza Real, e dispostos sempre a remir as vexações e a desmanchar as linhas lançadas por aventureiros, que, sob os embuços de falso zelo pelo Real Serviço, ambicionavam fructos e lucros, desentranhando o ouro e regalando-se de abundancia e fortuna. E eram dahi as desarrazoadas rixas, o rouco estourar de pelejas e arruidos, o troar dos bacamartes, entre os galopes dos corredores bravos, acordando o écho das paragens, erguendo a branca poeira das estradas, logo dissipada para mostrar estendidos aqui e além, ainda movediços, abraçando o solo, nos ultimos estertores, os corpos que a desdita colhera e prostrára. Devotos eram todos elles, por certo, na sua rudeza; mas, nessas eram afastadas (assim o rememora a Fama), bem mais forte que o temor do eterno Fogo, bramava nas almas o incendio da eterna Cobiça. E, por taes razões, mais tempo não deveriam demorar sem complemento as aspirações ardentes sertanejas; pelo que, a 21 de outubro do anno 1821, entre os derradeiros arrancos da vida colonial, que se extinguia, e os primeiros alvores da independencia nacional, approuve ao Governo Provisorio determinar ao nobre Desembargador João de Medeiros Gomes, Ouvidor da Comarca de Ytú, que se passasse incontinenti á Freguezia, e ahi fizesse erigir a povoação em Villa, denominando-a Villa Franca d'El-rei, levantando Pelourinho, marcando logar e terreno para Rocio, que seria de meia legua, paços de Conselho e Cadeia, obras essas feitas á custa de todos os moradores do districto da nova villa, e tambem por uma finta cobravel até a conclusão das obras. E, mais, devia ser assignado por termo o que tinham as duas freguezias de Franca e de Batataes. E nomeados foram logo o primeiro juiz do Termo, Manoel Bento Guedes de Carvalho, e creado o 1.º Officio e Escrivaninha de Orphams e do Jury. Tres annos, entretanto, decorreram ainda até que tomasse corpo e efficacia o acto do Provisorio; e, desta sorte, foi sòmente no auspicioso anno de 1824 que o Presidente da Provincia, o illustre Lucas Antonio Monteiro de Barros, lavrou a portaria de 14 de Outubro, ordenando ao Ouvidor

Geral da Comarca de Ytú se desempenhasse, «com a maior brevidade possivel» da incumbencia de erigir em villa a freguezia, «ficando, porém, advertido de que a nova villa se denominaria Villa Franca do Imperador». E foi então que o nobre ministro, sr. dr. Antonio de Almeida e Silva Freire da Fonseca, do desembargo de Sua Majestade Imperial, Ouvidor Geral da Fidelissima Comarca de Ytú, com alçada no Civel e Crime, Provedor dos Bens e Fazendas dos Defunctos e Ausentes, Capellas, Residuos, Orphãos e Captivos, Commissario Intendente da Policia, Superintendente das Terras e Aguas Mineraes, e suas Repartições, Juiz das Justificações da India e Minas, e mais incumbencias annexas, depois de lavrar o competente edital em 21 de novembro, passou-se para a freguezia da Franca, onde, no dia 28 do mesmo mez e do anno da Era Christã de 1824, com grande solemnidade, á vista das pessoas mais qualificadas da mesma freguezia e «cidadãos della», bem como os da freguezia de Batataes, proclamou aos povos a suspirada erecção; ouvido o que pelas pessôas presentes, «mostraram a maior alegria», confórme se lê no auto lavrado pelo Escrivão da Ouvidoria, José Manuel Lobo. Confirmada a creação do 1.º Officio, dada posse solenne á nova Camara, demarcou-se, com enthusiasmo, a 9 de dezembro, o Rocio da Villa no rumo do Norte e do Sul, fincando-se páos com testemunhas, e ficando muito bem consignado no auto que das testemunhas do páo aroeira uma olhava para o Norte e outra para o Sul, e que das testemunhas do páo angico uma olhava para Leste e outra para Oeste. E assim se fizeram outros prestantes signaes, com assistencia austera do nobre Ministro. E, em todos os marcos afincados para demarcação do Pelourinho, foi pelo Porteiro José Joaquim Gomides, publicado em altas vozes, por tres vezes: — «Marco do Rocio da Villa Franca do Imperador!» E diz o Escrivão José Manuel Lobo, no seu auto, que, durante essas publicações clamantes, «não houve pessôa alguma que se oppuzesse». Pudera! Regozijados, sim, estavam todos, pela realização de seu formoso sonho. E foi, por certo, com os olhos rasos d'agua, que, depois da rubrica do nobre Ministro, lançaram sobre o papel os seus respectivos nomes os «Principaes» da terra, velhos sustentaculos da pretenção indigena — o velho capitão Hippolito, os illustres Camaristas, Padre Antonio Martins Rodrigues, José Justino Falleiro, Francisco Rodrigues Nunes, José Simão de Almeida e José Rodrigues de Barros.

Então, acondicionada a vida social para o Progresso, abriram-se á ambição e ao estimulo dos moradores as fontes abundantes de actividode. Os juizes despachavam autos, a Vereança provia gostosamente á execução das Posturas deixadas pelo Ouvidor Geral, os criadores apascentavam, engordavam e remettiam o gado suino, o agricultor colhia algodão, as mulheres fiavam na róca, e tão grande se mostrava o commercio de sal (segundo as investigações do illustre

dr. Bourroul, publicadas no precioso Almanach Paulista de José Maria Lisbôa, em 1884) importado de Santos para supprir as necessidades do consumo, além das fronteiras, nas provincias de Goyaz, Mato Grosso e Minas Geraes, que Villa Franca assumiu, triumphalmente, em relação a esse genero de riqueza, a posição opulenta de um Emporio.

Mas, estava escripto que os povos de Jacuhy e do Aterrado não admittiriam tão cedo a tranquillidade necessitada pelos de Villa Franca. Já em começos de 1825, alguns mineiros lançaram um abaixo assignado para que a nova Villa devesse pertencer, arrastando Batataes, á provincia visinha. Mas, o assignado fracassou, sob a indignação geral; e esta a synthetisou um dos solicitados, o cidadão Micheas Antonio Carlos de Vilhena (que, por engano assignara, a representação) em uma carta recolhida preciosamente aos Archivos Publicos do Governo paulista, na qual protestava o solicitado que a representação «lhe fôra mettida á cara *enadvertidamente*, sem que elle tivesse tido ainda conhecimento das pessoas do paiz, e que já agora, conhecendo-lhe os fundamentos falsos, exaggerados e intempestivos, declarava sem effeito, perante o sr. Capitão Commandante Militar, José Joaquim de Sant'Anna, a assignatura sua e a de seu filho Francisco Ignacio de Vilhena, afim de que o sr. Capitão fizesse chegar esse procedimento ao conhecimento do Nosso Presidente e de Sua Majestade Imperial». Por esse tempo, a Camara, relembrando os insultos de 1816, resolveu voltar á carga, num desforço; e, em junho, novos marcos estavam afincados, por ordem sua, nas terras do Aterrado. Indignada, a Vereança das Geraes mandou arrancal-os com estrépito, a 13 de julho, communicando á de Villa Franca a noticia desse acto com a expressa declaração de que não consentiria jamais em semelhantes investidas, «sem Ordem Superior no Arraial do Termo de sua Jurisdicção!» A Camara de Villa Franca respondeu de prompto que «sem ordem andava ella Camara de S. Carlos de Jacuhy, ousando, em 1816, mudar clandestinamente os marcos para o Ribeirão das Canôas.» Pois que ordem apresentára ella? (perguntava). Nenhuma; e até constava que o Exmo. Capitão-General, Dom Manuel de Portugal e Casiro, «reprehendera asperamente a sobredita Camara, por tão extranho proceder». Assim, «protestava contra esse menoscabo das leis, que, por todos os titulos, devemos respeitar e obedecer.» (Docs., pag. 676.) Trocaram-se officios entre os dous Governos limitrophes sobre o incidente. Mas, arrancados permaneceram os marcos, e o limite continuou retrogradado ao Ribeirão.

IV

Como se a espertasse o brado forte e famoso do Ypiranga, Villa Franca ia, entretanto, restituindo-se de seiva, num lento, mas perseverante progredir, pelo decurso das

terceira e quarta décadas do seculo, nesse mesmo affan de aperfeiçoamento commum a suas irmãs paulistas. Extincto o nevoeiro dos dias coloniaes, desfeito o periodo brumoso das milicias, que, no dizer ponderoso do dr. Toledo Pisa, «pelas guerras constantes nas campinas do Sul e pelas explorações longinquas do ouro, fazia predominar nos recenseamentos o numero de mulheres sobre o dos homens», voltou-se em todas as povoações da Provincia á normalidade da vida rural, trabalhosa e fecunda, sem preoccupações e temores de subitos alarmes; e Villa Franca, ainda á semelhança de suas irmãs da ex-Capitania, entregou-se com socego ao labor dos campos, ao activo e calmo commercio, a multiplos ramos de trabalho, congregando familias e estabelecendo reivindicadoramente a supremacia do elemento forte, operoso e progressista. Por isso mesmo, já em 1829 (seguddo refere com autoridade o mesmo preclaro dr. Toledo Pisa, em artigo inserto na «Tribuna da Franca», a 6 de novembro de 1904) possuia Villa Franca uma alentada população de 9247 individuos, pertencentes 5026 ao sexo masculino e 4221 ao feminino, com uma actividade casamenteira de oito enlaces em cada mil habitantes, e uma actividade profissional de 80 agricultores, 56 artistas, 45 negociantes, e 38 jornaleiros. Não era isso pouco para um fim de primeiro reinado. Não havia militares no municipio; e os jornaleiros ganhavam regaladamente os seus 240 réis diarios, nesse referido anno da graça de 1829, em que o velho e Rvmo. Padre Collado, Joaquim Martins Rodrigues se fez substituir na parochia pelo Rvmo. Padre Manuel Coelho Vital. Por esse tempo, no decenio que decorria entre os annos de 1828 e 1838, bem activas e bem prosperas andavam a industria fabril e a industria pastoril, como si porfiadas fossem no empunhar o sceptro da actividade no municipio. Resoava, resfolegante, pelos verdes campos, o galope dos laçadores habeis, cercando o gado arisco franqueiro, impellindo as grandes reses de ponteagudas e alargadas armas, abaladas e urrantes ao longo dos pastos, á beira dos vallos, o focinho no ar, a cauda retorcida no furor da carreira. Precipitadamente, esbarrando-se, pelos declives, desciam os carneiros alvos, na direcção do redil. Mais ao longe, eram gordas manadas de porcos em ondulações negras seguindo lentas e grunhidoras o caminho da Canna Verde, rolando inconscientes para o consumo das populações do sul. Na Villa, o rumor continuo dos teares trazia de dentro das casas a noticia alegre do trabalho, contava as abundancias da vida domestica. Subia no ar alacremente a sonancia intermittente dos guisos, annunciando a passagem das cargas, a passagem das tropas carregadas de artefactos, alimarias ora arquejantes chegadas d'além, trazendo os artigos novos do littoral, ora levando os tecidos grossos de lan, os pannos fortes de algodão, os chapéos de feltro de lan, productos dessa actividade operosa, cuja fama já procedia dos dias coloniaes, quando Souza

Chichorro escrevia para o governador Palma o seu Memorial, affirmando que a industria destes povos francanos daria, talvez, para «vestir a Tropa e a Escravatura da Capitania.» E, assim confortada, entre a agitação dos guisos da tropa e o bimbalhar dos sinos suavizando as almas devotas chamando-as para as resas do Padre Vital ou do Padre Lelis, deleitada entre o ruido animador dos engenhos e o mugido alviçareiro dos gados, continuaria Villa Franca sem embaraços a prosperar pelos annos em fóra, livre de abalos e sisanias, si o Demonio da Politicagem não espalhasse em torno as más sementes, impedindo, na indignada linguagem da Vereança, «*que vegetasse na França a arvore da Liberdade.*» E a Anselmada (de que nos falam o egregio dr. Bourroul, os archivos do Jury e os octogenarios sobreviventes da famosa desordem) encheu trez longos annos de terror e de espanto paralysante a historia da bella princeza do bello sertão.

Deram origem ao «tempo quente», segundo a linguagem authentica de Nenê Marques, as injustiças da gente affeiçoada ao Juiz de Paz, Manuel Rodrigues Pombo, perseguindo os contrarios e torcendo sempre o governo para os seus intentos. Contra os magnatas investia a desabusada critica da Barcellada, nas ruas, nas praças, nas lojas, nas vendas, nas salas, nos sitios, por toda parte, sobresahindo bramante do coro de protestos o potente vozeirão de Anselmo Ferreira de Barcellos, em torno do qual se arregimentavam os descontentes pelos actos da Vereança e das Autoridades criminaes e civis. Talhado fôra elle para Chefe. Nutrido, forte, «vermelho como papo de jacú», envergando sempre um largo jaquetão de couro curtido de veado campeiro, a barba espessa e flamante, beiço rapado á moda da época, falando muito alto e «asneirão», cantando resas na Matriz e praguejando pelos negocios e pontos de palestra da povoação, tal era Anselmo. *Homem peitudo*, alçara-se bravamente em nome dos que suppunha opprimidos. Não admittia mandões, não queria despotismos, que já lá se fôra o tempo dos privilegios, e a Lei do Senhor Dom Pedro Segundo se fizera para todos e não para alguns felizardos. Trovejava, por isso, contra os amigos do Coronel José Teixeira Alvares, Presidente da Camara Municipal, contra os Sandovaes, contra os depositarios da publica autoridade. Affronta era, e grave, dizia, cobrir-se Manuel Rodrigues Pombo de regalias e fazer timbre de suas grandezas para armar na Igreja Matriz um palanque alto de escadinhas para si e para sua familia, como se fôsse um Imperador. Affronta era que se arvorasse o mulato José Cursino dos Santos em Juiz Municipal interino, em exercicio de Juiz de Direito, para dar as ordens que lhe ditassem os poderosos. Affronta era ainda que tivessem voga os perfidos alvitres de Luiz Gonçalves de Lima, esse máu homem, que elle, Anselmo, haveria de, mais dias menos dias «trazer enfiado numa

corrente, arrastal-o pela rua até esbandalha-o, arrasar-lhe a casa e salgar o lugar, para que mais ninguem alli morasse:» E assim clamava, envolvendo no mesmo furor de ameaças os Juizes e os Camaristas, mais os parentes e amigos de Juizes e de Camaristas. No templo, devota e branda, resava por elle a sua mãe, a excellente d. Anna Heitor, sempre contricta, sem jamais sentar-se durante a missa, de joelho sempre e curvada sobre o seu rosario. Lá fóra, ao lado do Anselmo o Bernardo, o Athanasio e o Cayanna, sempre vigilantes, de cabeça erguida, numa attitude de molossos, decididos e valentes, esbatiam ás vezes o chapéo na testa, apalpavam a coronha da clavina suspensa a tiracollo. Podia tonar á vontade, annunciando a tempestade prestes a desabar. E a tormenta de facto desabou.

Como um ensaio, a 1 de janeiro de 1838, entram na Villa, a cavallo, 35 homens de Anselmo, «a dois de fundo», armados de facas, facões, espingardas e bacamartes, passeiam pelas ruas, em ostentação de força, vão abarracar-se em casa de Luiz José Fradique, donde annunciam «á face das autoridades constituidas (assim dizia a seu supplente em officio de 25 de março o Juiz de Paz Antonio Barbosa Sandoval) a intenção de arrasar tudo e de tirar a Taboleta da fachada do Juiz de Paz e encartar no emprego a José Joaquim Carmo! Grande medo! Muitos abalaram, muitos enterraram os seus haveres no temor dos saques do revoltoso. Entretanto, a ordem se restabeleceu, e o ensaio, embora a custo, fracassou «deante do zelo e prudencia» de Sandoval, heroe da critica emergencia.

Mas, Anselmo, envolto em processo por sedição, tendo, como juiz processante o supplente Pombo, esperava occasião asada para a sua arremettida efficaz e definitiva contra a Villa. E Villa Franca effectivamente poucos mezes logrou a paz.

No dia 27 de setembro, assistia Nenê Marques tranquillamente a uma partida de bilhar, á rua do Ouvidor, quando subitamente reboou lá fóra um estrondo de bacamarte, a que logo se seguiu outro, mais outro. Saem elle e os jogadores, de roldão, espantados, correm ao largo e enchergam logo estendido no solo immovel e hirto um caboclo de agigantado porte. Ao longe avistam ainda os matadores levados por um desenfreado galope, erguendo para o ar as armas triumphantes. Desta vez, era a Rebellião cruenta, feroz, decidida, que arremettia contra a Villa e a estarrecia, no espanto de tamanha audacia.

Setenta e tantos homens, de faca e garrucha á cinta e empunhando bacamartes e espingardas de pederneiras irrompem novamente pelas ruas da povoação, num terrificante estrepito de guerra. Em sua passagem, trucidam o Fiscal da Villa, Clementino José de Oliveira; e, continuando a correria, num clangoroso vozear de ameaças, enfrentam à casa

de Manuel Pombo, descem dos animaes, arrombam os portões do quintal e, com insultos intimam o dono — que saia para fóra. Desta vez, temeroso se produz o alarma, desabalada é a fuga dos medrosos. Numa atarantação, e sem o seu Presidente, que andava pela Côrte, a Edilidade não atina com os alvitres, com uma idéa siquer na altura das circumstancias. Mas, alguem, um christão, corre afflicto á chacara de Padre João de Oliveira Cardoso, na outra eminencia, a supplicar do prestante personagem que venha conter a onda anarchica. De prompto, Padre João (apontado posteriormente pela Vereança como chefe influente do «Partido dos Desordeiros») corre pressuroso até os insurrectos, arenga, despacha-os para uma casa, no alto, arvorada em quartel, «dominando a Villa». E, desse quartel, lembrando historias terroristas de Revoluções, partem as ordens terminantes: a libertação de recrutas presos, a intimação de banimento aos magnatas, a destituição dos juizes interinos e outros «attentados taes e tantos (como clamava depois a Edilidade, em seu esfusiante officio á Presidencia da Provincia) que relatal-os todos nem seria possivel». Por fim, tendo Rodrigues Pombo passado a vara a seu immediato supplente e promettido José Cursino demittir-se, debandadas como foram as hostes do Poder Municipal e firmada a promessa dos que ficaram de nada communicar ao Governo sobre o occorrido, retirou-se da Villa o batalhão rebelde. Então, radiante, apressou-se Padre João Cardoso a officiar ao illustre dr. José Venancio Lisbôa, Presidente da Provincia, relatando que, já no dia 28 de setembro, se haviam congraçado os dissidentes, promettendo esquecer todo o passado; que tudo eram caprichos, inimisades e temores panicos incutidos por justos remorsos» e que, por essas e outras, não haveria mais desordens, mesmo porque se ausentara «um Luiz Gonçalves de Lima, cujas danadas maximas adoptavam os que deveriam curar da boa ordem.» Mas, a boa ordem não voltava á Villa-Franca. Dias depois, tendo regressado á Villa José Teixeira Alvares, accordaram os brios em torno desse ardoroso chefe, que logo prégou a idéa de immediato desforço. Então, como nos grandes dias de crise e revolução, constitue-se a Camara em sessão permanente. Declara a Villa em perigo, «ferido de morte o asylo dos cidadãos pacificos», abalada a ordem constitucional. Em consequencia, reempossam-se os juizes de seus cargos, chamam-se a postos os patriotas da Guarda Nacional, invoca-se o auxilio da Tropa de Linha commandada pêlo Tenente Antonio Joaquim de Macedo, ordena-se a condução e deposito de polvora e balla para o sobrado de Sandoval, e põem-se em pratica outras medidas severas de salvação publica. Ao mesmo tempo, apresenta Teixeira uma berrante proposta para que se reclamem reforços urgentes do Governo, e a este se relatem os factos, sem esquecer de denunciar no officio que o Revmo. Senhor Padre João Teixeira de Oliveira Cardoso», andava

de mãos dadas com os inimigos da Legalidade, e que bem se conhecia *estar a fazer da Lei do Senhor D. Pedro Segundo como um cão surdo e mudo, que nem ao menos ladra, quando vê suas ovelhas dilaceradas pelos lobos.*». Assim resoluta, largou proclamação ao povo. Começava : «Cidadãos Francanos, amigos da Liberdade !» e assegurava o restabelecimento da ordem, «depois dos desatinos, desaforos e insultos», de uma «quadrilha de criminosos, violadores de asylos, assassinos execraveis» e pedia aos patriotas abrissem os olhos e vissem que «esses perfidos demagogos, fingindo virtudes que nunca possuiram, os levavam ao ultimo precipicio !» e terminava erguendo vivas á Santa Religião, á Constituição Imperial, ás Assembléas e «ao Nosso Jovem Imperador !» A proclamação foi publicada ao som do tambor, entre morras a Anselmo e ao Padre João Teixeira. Largamente se distribuiram armas, frequentes salvas ameaçadoras estrugiam no ar; e, sendo vesperas de Finados, (como sagazmente o observou o illustre dr. Bourroul na imprensa francana) plangentemente badalavam os sinos, como se o bronze da Matriz e do Rosario lançassem pelos espaços o dobre de fusilamentos. Por fim para complemento das providencias legaes, la seguiram para o sitio, n'uma embaixada a Anselmo, o Padre Camillo de Lelis, vigario da parochia, o Padre Vital e Theodorico de Mendonça Ribeiro, a dizer-lhe «que depuzesse as armas, pois, si obedecesse, teria coadjuvação das autoridades para o seu salvamento.» Mas, inflexivel, entre os seus, Anselmo respondeu logo que, si não estivessem pelo trato de 27 de setembro, nenhuma accommodação teriam e lá contassem com elle de novo na Villa. Deram de redeas para traz os embaixadores, e, na Villa, rompendo pelo sobrado, entre ondas de curiosos, numa anciedade, referiram á Edilidade a resposta coriscante do caudilho. Dalli mesmo rompeu a debandada, certo o povo de que Anselmo não era homem de atirar palavras ao vento ; e a Camara já de muito violára atroadoramente o trato. Forças teve ainda no emtanto a Vereança para referir ao Governo os acontecimentos, pedindo soccorros com arrepiamentos de convulsionado estylo. O Juiz Cursino, de seu lado, referia que «depois de haver reinado a anarchia, estimulou-se o brio de alguns habitantes respeitadores da Lei, os quaes, confiados na coadjuvação do nosso governo provincial, pegaram em armas no dia 31 de outubro, com o fim de sustentar as autoridades publicas e o imperio da lei da ordem», etc. Rôtas as condições de paz, a Discordia accendeu de novo o seu grande facho. Uma Portaria do Padre João Teixeira nas funcções de Juiz de Direito, por obra e graça da Revolta, annunciava, a 6 de novembro, que, «considerando sobre a consternação do povo pelos desatinos dos perturbadores da boa ordem, que, com a legalidade na bocca e anarchia no coração, pretendiam opprimir os probos e honrados para conseguir seus detestaveis fins, e, ponderando

mais que as legitimas Autoridades se achavam coactas e succumbidas e que nada puderam fazer a bem da causa commum, por falta de gente toda aperreada pelos turbulentos com armas aos peitos para engrossarem sua multidão desenfreada; na qualidade de chefe da policia autorizava ao Senhor Capitão Anselmo Ferreira de Barcellos para que,com a gente que tivesse e voluntariamente se lhe unisse, occorresse áquelle ponto e soccorresse os seus habitantes, mantendo a segurança publica e particular, e o socego geral com toda a moderação e prudencia possivel», como confiava «das suas boas intenções, por todos reconhecidas.» Assim dizia o documento publicado na Tribuna pela solicitude escavadora do illustre dr. Bourroul. O povo todo abalou, num pavor, com a Portaria, ficando a Camara unicamente com o Commandante interino da Guarda e «com varios capitães e officiaes da mesma», sem soldados della (porque a dissolvera o Padre) e mais cinco soldados restantes da Tropa de Linha, todos, no emtanto, no dizer heroico do Juiz Cursino, «dispostos a morrer, antes do que desamparar a causa publica.» Assim, bem poderiam José Teixeira Alvares, Antonio Barbosa Sandoval, Antonio Joaquim da Silva, José Luiz Cardoso, Manoel Rodrigues Pombo, Manoel de Meirelles Freire, Simão Ferreira de Menezes dizer, como disseram, ao Governo, em os officios de 4 de novembro : «Nós só confiamos em nosso valor para defender a causa publica e as nossas familias e nas providencias que esperamos, apezar de desconfiarmos que tarde chegará o soccorro.» E desconfiaram com razão. Anselmo não quiz esperar mais tempo: invadiu novamente a Villa, a 9 de novembro ; e, talvez por aquellas boas intenções que lhe reconhecia o Rvmo. Padre João, tratou de eliminar o que, na opinião de seu santo amigo, constituia embaraços á paz de Varsovia. Na cruenta investida, perecem Rodrigues Pombo, Francisco Ribeiro, Antonio Joaquim Guilherme. Caem feridos Vital Pereira Leal, Lucas Barbosa Sandoval. Alguns retardatarios da fuga escapam laboriosamente. Luiz Gonçalves de Lima chega á fronteira encolhido em um grande alambique, puchado a bois. Clementino, embora ferido, subtrae-se ás vistas do inimigo. Outros companheiros alcançam Canna Verde, outros Cajurú, outros mais longe procuram asylo. Antonio Sandoval, no impeto da carreira, só respira em Sorocaba. Todos fogem. O proprio Juiz Cursino, o da phrase heroica, houve por bem não seguir muito á risca a letra intransigente de seu relatorio energico. A prudencia mandava que se escondesse, e assim o fez, esperando occasião mais opportuna para a execução fiel de suas idéas patrioticas. Triumphara a Revolta. E foi somente com o advento a Villa-Franca do austero Snr. Dr. Joaquim Firmino Pereira Jorge, sisudo Juiz de Direito e Chefe de Policia, que, mercê de suas acertadas providencias, a Paz desceu, de azas estendidas protectoramente, ao seio da assombrada população.

V

Grande se produzira o abalo, e triste, medrosa e lenta voltava a Villa-Franca á actividade antiga do trabalho fecundo. Uma dormente inercia recobria as casas fechadas e taciturnas, o movimento quasi cessára nos campos e nos lares, calára a Industria, emmudecera por momentos o Commercio; e, embora attonita e quiéta pela memoria do perigo, Villa-Franca recebia de fóra, de quinhentas leguas em redor, desde os extremos do littoral (e para isso decerto muito concorreram as flammantes narrativas dos foragidos espalhados por toda a parte, empenhados em justificar, pelas cruezas do perigo, o acto da propria fuga), a terrorosa, comburente fama de sertão bravio e inhospito, de onde as proprias andorinhas fugiam assustadas e tontas pelo estrondear frequente dos bacamartes.

Tão duradoura, entretanto, não ficára a impressão dos factos, que já se não poudesse ir agora com socego á missa do Padre Faneco, successor do Padre Lelis na parochia. A verdade éra que já se reabriam de vagar as lojas, as vendas, as boticas da povoação; e que, além, na outra esplanada, de sua chacara adormida entre palmeiras, no lugar onde muitos annos depois deveria surgir o Bairro da Estação, o Revmo. Padre João Teixeira, todo corado em sua tez morena, já podia continuar a sahir tranquillo, como outrora. para os seus passeios matinaes, acompanhado de seus 12 bonitos cães de raça, livre dos receios de insultos e tocaias, risonho e amavel para com os transeuntes, como se nada de anormal houvera acontecido.

Naquelle tempo já existiam na parochia, além do Vigario, outros sacerdotes coadjutores, alguns dos quaes labutavam, não por determinação official ecclesiastica, e sim psrque escolheram Villa-Franca para sua residencia; e, efficazmente, voluntariamente, auxiliavam os vigarios, que se succediam no governo parochial, na necessaria edificação das almas. Edificação lenta, laboriosa era essa, que certo justificava a severidade e rudeza dos primeiros operarios da Fé, no alisar temperamentos sertanejos de tão agudas e asperas arestas.—Desculpavel era, por isso mesmo, que o «Vigario Velho», Revmo. Padre Joaquim Teixeira Martins, que assistira aos primeiros vagidos da povoação, não trepidasse, nos momentos de indignação contra os seus desaffectos, em fulmina-los com tremendos anathemas, n'um successo de prophecia que esfriava de medo e de justificado espanto os seus amados Francanos. Como não crêr? A um predissera elle que por corvos, cães e porcos seria comido; a outro que, á sua custa se banquetearia um tatú. E as tremendas prophecias se cumpriram. Bem parecera, no emtanto, que deveria escapar o ultimo dos condemnados, por isso que se exhumara protectoramente no interior da Igreja o corpo do infeliz. Mas cruel foi o desengano! Um reforçado tatú de

negras escamas penetrou no templo, escavou o tumulo do infortunado e deste devorou inexoravelmente e com ganancia os mortuarios restos. Assim o affirma, compungido e assombrado ainda do successo, o testemunho insuspeito e veneravel de Nênê Marques.

Austeros, todavia, e zelosos da moral privada, ao mesmo tempo assiduos no serviço da Santa Madre Igreja, iam elles, os ministros, secundando pertinazmente os esforços das autoridades locaes no resurgimento da vida francana; e os nomes dos padres Faneco, Cintra, Ferreira, Vital, Serafim, Cypriano, Lisbôa, Luiz de Souza e Ferreira Telles se entrecruzavam com os dos nobres magistrados, senhores doutores José Bernardo de Loyola, Joaquim Fernandes Fonseca, Manoel Bento Guedes de Carvalho e Vicente Ferreira da Silva Bueno para tecer a historia da sociabilidade francana posterior á Anselmada até a metade do passado seculo. E a verdade é que, pouco a pouco, renovando-se de alentos, unma vagarosa ascenção, a Vida começava a resurgir, em brotos vigorosos, nas eminencias do planalto. Mortas as dissenções que o sangue afogára, exilado voluntariamente Anselmo, que lá se dirigira para as beiras do Grande Rio, a installar-se com outros em torno da Capella de Santa Rita do Paraiso, regressados a seus penates os foragidos, com idéas novas de progresso recolhidas em cultas e policiadas paragens, o Trabalho readquiriu os seus direitos, o gado voltou a correr desimpedido pelas campinas, os teares se desentorpeciam, os fusos rodopiavam contentes, repicavam alegremente os sinos, a verdura renascia nos prados e a confiança nos corações. Descerrando lentamente os labios, a Fortuna cantava, resurgida para a vida commercial e para a vida industrial, desperta a Villa de sua atonia em novos dias de sociabilidade e riqueza. E com a alegria voltavam os bailes, voltavam as festas populares, de uma alacridade ingenua e primitiva. Ao som da clarineta predecessora do cornetim, na sala quadrangular e vasta, rompiam as damas e cavalheiros no miudinho da moda, formados em oito, cantando apropriadas trovas; garridas, as moçoilas, de madeixas pendentes, amostravam no peito o trancelim de ouro, nos lobulos da orelha os grandes pingentes de argolla, risonhas e nedias, a requebrar-se nos movimentos da saia de balão, expostos á luz vermelha das candeias os pés ligeiros e pequenos calçados em sapatos bicudos, faiscantes de lantejoulas. Voltou depois a Siriema, o grande sapateado de roda, n'um alarido novo de alentadas trovas, em que o masculo vozeirão dos moços mais profundo resoava sob o riso argentino das morenas. Resurgiu igualmente o Congado, resurgiu a Cavalhada mourisca; e, precisamente no grande largo, onde se mostrava desconfiado ainda o sobrado dos legalistas (bem mais tarde transformado no palacete Gusmão), erguiam-se, de novo, altos, vistosos palanques acolchoados, onde as moças francanas, em phrenesis de enthusiasmo, batiam palmas rui-

dosas, nas cargas tremendas dos cavalleiros christãos, travada a luta incruenta, em que se batiam de lanças enristadas toda a Menesada, e o Antonio Borges, o João Ignacio de Faria, o Antonio Machado Diniz, todos montados em ajaezados ginetes, de lantejoulas rebrilhantes ao sol, firmados nos estribos prateados de 4 libras, que retiniam no ferro dos complicados arreios.

E, assim, normalizada a vida francana, em meio do seculo, já a lembrança da Anselmada apparecia nas almas como a de um medonho pesadelo de que felizmente Villa-Franca despertára bizarra, cheia de viço e de belleza, disposta alegremente a continuar o seu interrompido esforço para a victoria do Trabalho e do Progresso.

VI

Com esse despertar coincidia bravamente o renovar irriquieto da quisilia teimosa dos Jacuyanos contra os seus visinhos, por meio de arremettidas na fronteira. A Camara francana, desilludida de um acôrdo sobre os limites, pede, em janeiro de 1850, a intervenção do dr. Vicente Pires da Motta, Presidente da Provincia, allegando que a duvida provém somente de não se correr um rumo na divisa, que do Marco Redondo procure o rio Sapucahy-mirim e deste prosiga até o morro agudo chamado dos Carvalhaes. O Governo «fiel ao seu systema de rodear, em lugar de resolver as difficuldades» (phrase veridica do illustre introductor do volume undecimo dos Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de S. Paulo), ordena, em fevereiro, á Vereança francana que «mantenha as divisas conhecidas de longo tempo e que o uso observado tem sempre respeitado.» Jacuhy reclama, de seu lado, a intervenção do Governo mineiro, emquanto a Camara de Villa-Franca restabelece as divisas, por meio de peritos, levanta um esboço, no qual demosntra que a povoação do Aterrado lhe pertence. E, por isso mesmo, planta novos marcos. Os de Jacuhy arrancam estrepitosamente esses novos padrões, num arremesso de duzentos homens em armas. Protesta a Vereança francana contra a violencia, pede um desforço ao governo da terra paulista. E, como os de Minas promettem perseguir os habitantes que, em virtude dos ditos marcos, se haviam passado para este termo, allega a Camara de Villa-Franca ser preciso que se desaffronte o artigo 90 da Constituição «que só permitte ao cidadão votar e ser votado na parochia onde reside»; e róga ao mesmo Governo «livre aquelles miseros habitantes da oppressão em que jazem.».

O padre Vicente leva o facto ao conhecimento do Governo de Sua Majestade Imperial. Sua majestade pede informações aos Presidentes das duas provincias interessadas. Presta-as o padre Vicente em 1851, e o Presidente mineiro, lá a seu modo, logo depois. O relatorio deste por tal fórma

offende a verdade, que contra elle protesta a Camara de Villa-Franca, ao mesmo tempo que relata ao Presidente Nabuco, (successor do padre Vicente desde agosto) as occurrencias graves, incluido o desacato inflingido pelos homens de Jacuhy ao juiz paulista, quando este fazia deligencia a uma legua áquem do Morro Redondo, declarando a este respeito ao mesmo Presidente que o sr. dr. Juiz Municipal, prudente como era, « assentou de retirar-se, e de facto retirou-se, não porque reconhecesse a injustiça do seu proceder, como no relatorio se conjectura, mas porque entendeu, e com razão, que, em um paiz regularmente organizado como o nosso, taes contendas se não devem submetter ao juizo dos bacamartes ». Sua Majestade exige documentos; o dr. Nabuco remette-os, em maio de 1852. E, discursando na abertura da Assembléa Provincial, o mesmo dr. Nabuco põe de lado como irregulares (assim se exprime o ponderoso dr. Derby) os acontecimentos de 1804, 1825, 1850 e 1851, para tratar de restabelecer como unica legitima a linha de 1786, dado assim ao acto de dois vigarios (o de Jacuhy e o de Franca, os quaes haviam combinado entre si as divisas de suas respectivas parochias) valor legal superior ao do Governo da Capitania de São Paulo em 1804. Ora, segundo o esboço da Camara francana, o Redondo, constante das velhas divisas reconhecidas, ficava um pouco ao sul do Sellado, e o prolongamento da linha traçada arbitrariamente pelos dois padres se quebrava desde a ponta oriental do Sellado, até o Morro das Palmeiras e o Ribeirão das Canôas. Pois bem (explicava a Edilidade); o Engenheiro Aroeira, Delegado do Governo, em virtude do acto de 21 de junho, encarregado de fixar as divisas entre os dois municipios, mais longe leva o arbitrio, porquanto, desprezando o Redondo pertencente aos paulistas, retraça uma nova e quebrada linha, que, partindo do monte dos Cavalhaes, no municipio de Batataes, atravessa o rio Sapucahy — mirim passa *a vol d'oiseau* por cima dos morros Cuscuzeiro e Bahú, e, deste, em vez de seguir a linha já phantasiosa dos vigarios, desce ainda mais, continúa o seu vôo por cima dos morros da Rosca, do Inominado, do Jaborandy, das Araras e da Fortaleza, e, dahi parte, como uma flexa, até a ponta meridional no Sellado, e deste, por fim, a rumo do das Palmeiras. Era, sem duvida, um bonito vôo. Mas, não estavam por isso os Camaristas de Villa — Franca. E, contra a violencia protestaram perante a Assembléa Geral, numa longa Representação, que o illustre dr. Derby gravemente qualifica de « notavel pela sua habilidade e calma, ao discutir os dados topographicos e historicos ». Depois de patentear as verdadeiras divisas, dizia a Camara aos Augustos Representantes da Nação que nenhuma questão fazia da mudança das divisas combinadas pelos dois vigarios lá por suas conveniencias particulares, « porque já isso entrara na regra dos factos consummados, e teve a sua sancção do tempo, si bem que, pela razão acima expendida, seria conve-

niente mudar as que se observam pelo Ribeirão das Canôas, pondo-as retiradas um pouco alem ». Mas, ver despresado o monte Redondo e substituido pelo das Araras, com isso é que não se podia conformar, porquanto o engenheiro Aroeira cortava, por essa forma, um terreno já desfalcado indebitamente « para obsequiar com elle o municipio de Passos » (*Documentos*, vol. 11, paginas 842 e 843). Certo era que a divisa dos Padres incidia já de tacto nas raias do arbitrio, sabido como era que o falecido vigario collado Padre Joaquim Martins Rodrigues « não querendo ter o incommodo de, em cada anno, percorrer aquellas partes de sua freguezia que comprehendia então as terras do Carmo, Santa Rita do Paraiso e Batataes, e era na verdade muito extensa, tendo o antigo vigario de Jacuhy, seu contemporaneo, Fazenda de gados no territorio do Atterrado », combinou com esse seu confrade « arbitraria e illegalmente, entre si, de ficarem as divisas desta freguezia da Franca pelo Morro Sellado ao das Palmeiras e deste, pelo Ribeirão abaixo, até Rio Grande ». E, desde então, « ficaram alteradas as antigas divisas por este lado e desfalcado desta freguezia o dito terreno do Atterrado ». E era ainda certo que o engenheiro Aroeira, mais realista do que o rei, mais longe levara ainda o expansionismo dos mineiros. E, como argumentassem os de Minas com o alvará de 19 de julho de 1814, e que vagamente se referia a « actuaes limites », a Camara francana demonstrava que, somente depois desse alvará e por um acto arbitrario da Camara jacuhyana censurado pelo proprio Governador de Minas, a devisa passara para o Ribeirão das Canôas. Mas, ao que parece (commenta o preclaro dr. Derby), a Secretaria do Imperio não se deu ao trabalho de verificar a valôr dessa citação do alvará feita pelos interessados de Jacuhy ; e (accrescenta o mesmo doutor, com acertada e penetrante ironia) « talvez que para a Secretaria do Imperio uma citação do Alcorão tivesse sido aceita como igualmente concludente para o caso ».

E ahi está como, por artes e conveniencias de dois representantes da Santa Madre Igreja, um delles com criação de gado na fronteira, aconteceu (como escrevia indignada a Vereança francana em dezembro de 1866, com dois grandes pontos de admiração) que, « tendo o territorio da freguezia do Atterrado pertencido á freguezia da Franca da Camara de Itú, e Capitania de São Paulo, passou a pertencer ao municipio da Cidade de Passos, provincia de Minas Geraes ! ! ». E é certo que se não falou mais nisso neste recanto do vasto paiz dos Factos Consummados.

VII

A Prosperidade sorria, no emtanto, para a terra do Capim Mimoso. No anno de 1852, o Capitão José de Barcellos construiu patrioticamente, á propria custa, um grande pre-

dio para nelle funccionarem a Camara e a Cadeia da povoação; e, quatro annos mais tarde, havendo magnates locaes demonstrado ao Governo Provincial a exuberancia da vida francana e os fortes elementos de que dispunha para o progresso, approuve á Assembléa Legislativa decretar que á categoria de cidade, com as prerogativas inherentes, fosse elevada a brava heroina dos tempos de Franca e Horta. E ei-la garbosamente constituida em Cabeça de grande Comarca geral de primeira entrancia desdobrada largamente para o sul até as longinquas terras de Casa Branca.

Desde então, e pelo espaço de dois decenios e meio, emquanto a imprensa não apparece triumphante no cimo do planalto, a historia da civilização e dos costumes francanos reveste as cores bucolicas e a singeleza da vida aldeã, entrelaçada de risos, labôres, resas e cantares, sem que entretanto se deixem suffocar as aspirações ainda incertas de aperfeiçoamento e riqueza.

Curiosa vida, simples costumes, tempos ingenuos eram esses da civilização rudimentar, que desabrochava lentamente nas alturas da collina!

Eram, a principio, os formosos dias em que se reuniam no largo da Matriz, envergando fardas encasacadas e barretinas encartoladas as bravas praças da invicta Guarda Nacional, radiantes todos, cavalleiros e infantes, aquelles sob as ordens do Major Francisco Antonio da Costa, e estes perfilados e de affectada carranca, sob as instrucções do Sargento Vicente Nunes, velho alfaiate, que morava no sobrado da esquina pertencente a Domingos das Araras e onde mais tarde veio assentar José Honorio da Silveira as prateleiras do seu estabelecimento commercial. O povo accorria contente, baboso de orgulho pelos garbos da sua « Briosa », ouvindo a chamada gritante, e applaudindo a irritada expressão do soldado de infanteria Joaquim Camillo, atirada estabanadamente da fileira para estimular as energias disciplinantes do Vicente, quando alguem não rospondia ao appello : — « Está rebelde, seu Commandante . . Cadeia nelle ! ».

Numa concurrencia frequente á desempenada Guarda, varios entretenimentos surgiam, enchendo de dançarolas as tardes domingueiras. Eram o rude Moçambique, o tripudiante Congado, as estrepitosas Cavalhadas mouriscas, passatempos intercalados de resas, missas cantadas, ladainhas e procissões, numa irreverente confusão de cousas profanas e sagradas, onde o sertanejo nem sabia ás vezes o que estava mais a admirar : — se a bizarria das Irmandades precedendo o andor da Patroeira, se as vestes multicores dos figurantos em torno do negro vice-rei, que passava, de grande manto encarnado, atraz do pallio, a mão nos copos da espada virgem, affectando uma catadura sinistra de autoridade suprema, dessas que podem, a um simples gesto, fazer rolar na poeira a cabeça de um subdito rebelde. O Congo possuia leis tremendas . . Mas, o vice-rei tinha o cuidado de ser clemente e de limi-

tar-se a inoffensivas carrancas, durante a procissão e durante os saracoteios da pragmatica. Havia muita fogueira, fogos, musica. No interior do templo rompia vagarosa a orchestra deante das estantes bezuntadas de cera das velas. O tabellião José Ferreira Mendes e o advogado Silverio Claudino da Silva, brandindo o arco retesado contra as cordas gementes das rabecas o prestante sr. Joaquim Gomes da Fonseca, Escrivão de Orphão atacando o rabecão bojudo, iam acompanhando envaidecidos, de cabeça alta, na execução de uma « Ave-Maria », os garganteios famosos da jovem d. Ritinha, cantora de primeira. Na rua, em frente ao coreto, um fremito agitava ás vezes a multidão, e havia um recolhimento de admiração, quando o Vicente Seleiro appressava o compasso, na variação de ophicleide, e o Candinho Roxo e o José Damião rachavam as trompas, ou quando, num cheio sonoro e prolongado, para que melhor o ouvissem, José Jeronymo, genro e ajudante do Escrivão, erguia para o ar acima do horizonte, durante o sopro rijo, a parte inferior campaniforme do trombone de vara. Nos serões familiares, sapateava a rapaziada, aos toques do pistão e da clarineta aguda, nos gostos de uma quadrilha ainda barbara, entre requebros e scintillantes olhadellas furtivas, que diziam, no vozeante rumor, a linguagem muda e ingenua das promessas, a correspondencia medrosa dos namorados. E, terminadas as festas, nem por isso desapareciam os passatempos do viver indigena. Havia ainda o bilhar antigo de Nenê Marques dos tempos da revolução ; e, mais tarde, inaugurado um outro, o de José Ferreira, para ahi affluia a juventude, á noite, ou nos dias santificados, ahi movia a massa (que era o taco da epoca em forma de forquilha), impellindo para o sacco de cada canto a bola roliça do adversario. Os homes de meia idade iam, á noite, por habito velho, palestrar á botica do chistoso e popularissimo capitão Joaquim da Rocha Neiva, Cavalleiro da Ordem da Rosa e supplente chronico do Juiz Municipal. De dia, si faltavam occupações, ou nos intervallos dellas, preferiam para ponto de conversa o sobradinho alegre do Collector, o muito magro e muito querido capitão Simão Ferreira de Menezes com criação de gado na cidade. A Collectoria se estabelecera no andar inferior (hoje salão do barbeiro Mello, uma sala de chão atijolado e paredes encardidas. Grande sala e de grandes prestimos era, porquanto dentro della se negociava o sello e se tirava o leite das vaccas do funccionario. Era mesmo para os visitantes do Capitão Menezes uma deleitosa curiosidade essa de ver a pericia dupla com que no mesmo ambiente se puchavam as reforçadas tetas leiteiras e se recolhia abundantemente, para os sustentos da Fazenda Publica, o gordo sôro substancioso do Orçamento. Outros varões francanos procuravam ainda a prosa seria do muito honrado Tabellião José Ferreira Mendes, sempre grave no seu cartorio, junto a uma catre velho e tosco de herança vetusta, destinado a supportar as rumas de papeis forenses. A's vezes,

em meio do bulicio do trabalho ou das palestras, ouvia-se de subito, vindo pelo ar calmo, o badalar de um sino triste, annunciando o « Viatico » para um enfermo. Immediatamente, o rumor cessava, o cartorio e o bilhar ficavam desertos, suspensas as feiras, interrompida a prosa no sobrado ; e, de toda a parte, compungidos e taciturnos, magnates e pequenos sahiam para a rua, embicavam para o templo, a disputar o pallio. Em opas da Irmandade do Santissimo, la seguiam os mais lestos, de tochas accesas, acompanhados do povo enorme. Pelas janellas, pendiam do peitoril as colchas rubras de tecido fino. Pelas ruas, creoulas appressadas giravam como peneiras de um lado e doutro, espalhavam aos punhados as folhas verdes, as florinhas e as petalas de rosas. Então, o Viatico passava, solemne e grave, sob o pallio, levando atraz cabeças curvadas e muito serias. Para dentro das janellas, divisavam-se os olhos tristes dos que se ajoelhavam, no lamento de não poder tambem sahir. Nas lojas e nas vendas, paradas as negociações, joelhos dobravam, pousavam em terra. A turba passava, cantanto o *Benedictus*. Faziam os pés um ruido secco esmagando as folhas. No ar badalava a campainha plangente, que um menino magro movia compassadamente, marchando na frente, muito teso, compenetrado de seu papel e muito serio. Esse menino se chamava Gaudencio Lopes de Oliveira. Depois, voltava a alegria, a palestra dos capitalistas se renovava, as transacções se reabriam, os teares se movimentavam, continuando a faina interrompida. Outras vezes, estourava no ar, propagando um som grandioso e cavo, um enorme foguete de bombão, annunciando o Estafêta. O homem chegava da Paulicéa, trazia as novas anteriores a dez dias decorridos e guardadas no alforge, penosamente, por montes e valles da provincia. Grande festa! Immediatamente, num atropelo, mais ninguem cabia na agencia de José Joaquim Teixeira. E era então, um gozo, um grande gozo receber a noticia das cousas longinquas vindas da Côrte ou de mais longe ainda, dalém Atlantico, pelo ultimo paquete, narrativas edificantes de que o Imperador da Austria comparecera ás manobras do Exercito e de que o Santo Padre Pio Nono lançara protectoramente sobre uns peregrinos a sua resgatadora benção pontificia.

Mas, nem tudo se expedia em festas e nem tudo eram rosas no planalto. De tempo em tempo, um borborinho novo e serio mais fortemente fazia bater os corações. Era a hora dos votos, a hora do perigo, a livida hora dos saracoteios da capangada eleitoral. Deante do oratorio e da vela benta, as mulheres pendiam a fronte sobre o terço para que as cousas bem corressem. Mas, dos cantos da casa, mãos nodosas, para manter muitas vezes o prestigio da instituições e dos chefes, iam tacteando o cano reluzente dos clavinotes... Durante a paz, tambem sahia devagar á rua, arrepanhando as saias, a velha Intriguinha maldizente, a repisar os factos e a salpicar de lama os caracteres. A Concupiscencia de

outro lado surdia, atando concubinagens, n'uma hostilidade traçoeira á tradição e á pureza dos antigos costumes, a relaxar o recato dos vestuarios, a desabotoar os corpetes, a rasgar impudicos decotes, a produzir motivos de publico escandalo. Velhas matronas francanas, fieis ao passado e guardas da Tradição, voltavam a face indignadas, cahiam de joelhos implorando do Altissimo que á Franca do Imperador mandasse um padre severo como o vigario velho, mas que fosse muito mais *peitudo;* mais corajoso para "acabar com essa endiabrada corja, com essa pouca vergonha !". E o Altissimo ouviu a ardente prece, fazendo chegar á Franca, no dia 23 de junho de 1860, o jovem Revreendo Padre Candido Martins da Silveira Rosa.

Contava o moço Vigario 22 annos de idade, era activo, formoso, corajoso, honesto. A população, curiosa, ao vel-o sempre lepido a viajar pelos quatro ventos, intemerato e dextro, aguentando, em cima do lombilho, os corcovos brutos dos bucephalos, appellidou-o desde logo, admirativamente, o "Peão". Depois, ao conhecer a sua musculatura de athleta esmurrando o Vicio e o colorido de sua Palavra enaltecendo as virtudes evangelicas de toda a alma o chamou "Benemerito", abriu-lhe as portas do coração. Em verdade, embora « *quasi sempre risonho, com seus olhos garços e rasgados, verdadeiras janellinhas dalma por onde sahiam as fulgurações de sua intelligencia* » (conforme o descrevia, 43 annos depois, o excellente Estevinho, na imprensa francana), padre Candido iniciou bravamente a suarenta empresa da civilização do planalto. Logo, aquelles « olhos garços » despediram fagulhas de indignação para reduzir a cinzas o matagal damninho dos máos costumes. Como auxiliares chamou missionarios, evangelizou os povos do municipio. Empresa aspera e rude era essa, por certo. Como bradasse, no templo, contra os desregramentos, contra a ousadia dissoluta dos que levavam á igreja as suas amasias, recebeu ameaças, prometteram-lhe páu e balas. Heroicamente respondeu do pulpito "que não haveria forças no mundo que o dissuadissem de falar a verdade, quando esta necessaria fosse para o bem de seus parochianos." Amigos dedicados saltaram então a proteger-lhe a pelle. Ia havendo um conflicto serio. O moço Vigario imperterrito continuou a campanha. Aproveitando uma iniciativa do padre missionario Bartholomeu Thadei, que clamava esbravejadamente contra o traje impudico de muitas mulheres, exigiu logo que todas as filhas de Eva, indistintamente, se apresentassem no templo de cabeça baixa e coberta. Houve, por isso mesmo, larga extracção de lenços de seda da India. Furiosos, procuraram os seus inimigos envolvel-o, sob qualquer pretexto, nas malhas da Justiça. Como enraio, accusaram-no de castigar alguem com palmatoadas. « Não era isso permittido, bradavam, sinão contra escravos ». Processado, Padre Candido foi absolvido, á mingua de provas. Posteriormente, novas occupações: o vigario casava orphãos, sem prévia

autorização do Juiz. Mas, Padre Candido continuou a sahir-se airosamente da enroscada. E atravez de accusações, de objurgatorias e de ameaças, lá proseguia a verberar mais alto e sem rebuços a dissolução dos costumes e a prégar a necessidade urgente de voltar ás vias santificantes da Oração e da Virtude. E cada vez mais ardente e mais sincera crescia nas almas a admiração pelo intrepido ministro dos olhos garços.

Fôra juiz do primeiro processo o irritavel magistrado, empossado em 1864, doutor Virginio Henrique da Costa, por antonomasia o " Onça ", que o era, na verdade. Um recolhimento apavorado suspendia o anhelito, quando elle passava, de vagar, no seu paletot de alpaca verde, atirando para a direita e para a esquerda olhares prescrutadores e penetrantes. A Fama dizia a sua veia causticante e impiedosa, temida pelos funccionarios do juizo, temida pelos procuradores de causas. No corpo dos nobres jurados o seu olhar tocava como a ponta fria de uma lamina de aço: provocava arrepios. Numa ogerisa contra homens do Conselho que se demoravam a achar os oculos nas algibeiras, atirava-lhes com esta prevenção, n'uma voz tonante ao abrir a sessão de Jury: " — qne os senhores Jurados que precisassem de oculos para assignar-se, deveriam desde logo munir-se delles, para que não estivessem a procural-os na occasião, tomando assim o precioso tempo. " Extremado politico, *chimango intransigente*. Possuia um vigoroso escravo: o Diogo. Fiel ás ordens de seu senhor (dizia-se), o Diogo desfechava tiros á porta de *cascudos*, a fim de amedrontal-os. Não escapou, é fama, a essas demonstrações estrondosas de quisilia o muito operoso e douto advogado, capitão Antonio Jacyntho Lopes de Oliveira. Mais perigosas, entretanto, que os projectís atirados pelo negro, cortavam o ar as settas penetrantes da Satyra togada. Ninguem se ufanou jamais de lhes haver subtrahido a pelle, nem mesmo o nobre e incorruptivel snr. capitão José Eduardo de Figueredo, prestigioso Chefe do Partido Conservador. O caso que fez epoca, repetido de bocca em bocca, succedeu entre os fragores de um pleito eleitoral. Da *chimangada* era a situação. Que importava? Mais tesos e arregimentados compareceram em frente da urna decisiva os batalhões de nobre capitão, na hora do combate. Grande apprehensão, grande susto! Desatinadamente se entreolharam os mesarios, vendo adeantar-se, num sorriso confiante, calmo e forte (ostentando a sua magnifica estatura e a bella saude respirada nos puros ares da Fazenda Santa Barbara, e retemperada na tranquillidade honesta de seus sentimentos de piedade christan) o alentado Chefe dos *Cascudos*. Bem o conhecia o Juiz. Affectando, entretanto, ignorancia, ao encontro lhe sahiu, como tomado de uma curiosidade subita de miope, a semicerrar os olhos, a mão acabanada sobre a testa, afim de proteger-se contra a irradiação da luz, em quanto perguntava: — «Quem é este Senhor? Quem é este Senhor?». E, como ouvisse a resposta do prestante Sr. Francisco Barbosa Lima, illustre

Chefe liberal, de «que era aquelle o snr. capitão José Eduardo de Figueiredo», retirou a mão da fronte, arcou para traz a cabeça, exclamou bem alto e rapido, como quem de subito se recordava: — «Ah, sim! é o frei José de Santa Barbara... E' o Santa Barbara... Ora, muito bem!» E fingiu traçar seguidamente, com a ponta do dedo indicador, no alto da cabeça, uma grande corôa fradesca. Isso não impediu (assim o affirmavam os velhos Conservadores irritados) que, posteriormente, alquebrado e doente se penitenciasse perante a sua victima, dando-lhe o verdadeiro nome, pedindo-lhe a sua preciosa amizade. E tão generoso fôra o capitão Eduardo (assim acrescentavam os seus amigos), que desferira um modesto sorriso e lhe respondera: — «Amizade, não, snr. doutor, que ella de nada lhe servirá; mas, como frade, eu lhe concedo o meu verdadeiro e puro amor fraternal».

Tão bravas como o Juiz Virginio vieram as bexigas por aquelle tempo. Inclemente, alastrada por todos os recantos da cidade, á semelhança de uma labareda que o vento impelle, a epidemia lambeu, devorou uma grande parte da população. Com mulher e filhos, quem poude fugir abalou, a trote de cargueiros. E, por algum tempo, a Franca do Imperador permaneceu deserta, a luz do sol cahia melancholicamente sobre as ruas e largos, sobre as jaboticabeiras frondosas do portuguez João da Costa ou sobre os repolhos famosos de Manoel Pereira, alcunhado, precisamente por causa destes, o Manoel Repolho. Raros viventes appareciam aqui e além, creaturas commodistas e indifferentes como o Diniz, em chinellas de couro, fumando á porta de casa o seu eterno cachimbo, ou como o João Panca, portuguez de grandes tamancas e cabelleira basta, a olhar philosophicamente para as prateleiras que, pouco antes, trazia sortidas e pejadas de bananas e gravatás. O Juiz Virginio tambem ficara, e prestou á cidade, contra a epidemia, relevantissimos e resgatadores serviços.

Felizmente, neste globo tudo passa. A fama do Juiz Onça e as bexigas passaram. O povo regressou mais alegre, as lojas se reabriram. E, novamente, na botica do capitão Neiva (morava onde depois se estabeleceu Pinto Bastos) se congregavam os magnates da localidade: o bondoso coronel José Justino Falleiros, calvo e risonho, com seus restos de cabello aproveitados por cima da careca, buscando disfarça-la; o muito amavel major Antonio Joaquim do Nascimento arrimado á sua bengala de castão de prata e sempre correcto no seu leve paletot pardacento e nas suas largas calças de algodão azul; o nedio e prazenteiro capitão Manoel Ferreira Candido, admiravel jogador de gamão; o honrado snr. capitão José Eduardo de Figueiredo, o da alcunha beatifica lembrada pelo Juiz Virginio, (alcunha a que davam realce os conhecimentos solidos de Latim do nobre Chefe e as suas habilidades vocaes no auxilio do Canto-chão); o José Cursino dos Santos, com seus interminaveis tremeliques nervosos; o mui circumspecto snr. capitão Antonio Carlos de Vilhena,

ponderado e commedido ainda mesmo quando, em meio do desabusado gargalhar da companhia, emittia a sua discreta risadinha em — eh! eh!; o jocundo capitão Guido Eugenio Nogueira, meio manco, meio escuro, admiradores todos da veia satyrica do boticario, o qual, baixo e gordo, ia atirando, de cara rapada, as suas retumbantes pilherias sobre os homens e cousas da localidade. Bom calculista, dizia-se que o excellente Neiva sabia manter atiladamente, com os magnates, o prestigio do estabelecimento, e com o escravo Luiz, em uma vendinha ao lado (no lugar onde muitos annos depois se erigiu e queimou o Bijou) a alta fama de um doce de leite, de que eram os meninos francanos de então (sexagenarios hoje) consumidores assiduos e vorazes. E, novamente ainda, nas festividades, accorria o povo rude e avido de emoções, e já de novo atroava os ares o vozeirão de Manoel Lourenço Pires, por alcunha o Manoel Branco (por ser negro fusco) durante os leilões de prendas, quando gastava elle prodigamente em lances altos, todas as economias recolhidas de vagar pelo espaço de um anno, a incitar a turba, e a bradar com enthusiasmo, ora á direita, ora á esquerda;

— Vamos. Coragem, rapaziada! Bufa, freguez!

Ao dr. Virginio succedera no juizado da comarca o dr. José Ignacio Gomes Guimarães, e a este, em 1867, o nobre dr. Francisco Lourenço de Freitas, velha figura de magistrado, de baixa estatura, calvo e sem bigodes, a barba á portugueza pelos queixos, todo elle guardando certa semelhança com o presidente americano Abraham Lincoln. Mas, a principal differença, era que trazia no corpo, insubstituivelmente uma enorme sobrecasaca e um collete preto muito largo e mal feito. Formara-se em Coimbra, era bondoso e circumspecto, habitava um sobradinho tosco perto do Mercado e possuia, como creado, um negro velho e beiçudo chamado Bahia. Sete annos permaneceu em Franca; e, sob sua egide, gozava o povo a deleitosa paz, entre murmurios de resas, toques de serenatas, folgares e serões compensadores do labôr diurno. A' noite, emquanto lá fóra chorava o pinho acompanhando pelas esquinas a rabeca do advogado Silverio, no interior, depois do terço, amontoadas no solo, em semi-circulo, moças, creanças e mucambas ouviam, num elevo, contadas pelas vovós complacentes as narrativas flammantes dos tempos de Capitão Hippolito, as zangas do Vigario Velho, a rudeza singular de uma epoca de formação em que a planta da cidade nada mais era do que uma pequena cruz entestada alem na igrejinha de Santa Ephigenia (hoje sede da Luz Electrica) tendo a peanha assentada na de São Francisco (parte posterior da Matriz Nova), ao passo que os braços se estendiam da igrejinha velha do Rosario (Mercado) até o projectado templo do Carmo, no largo que depois se chamou da Misericordia. Para dirigir mais solemnemente o terço, convidava-se ás vezes a Ignacia Landina, uma velhinha azougada e intelligente, natural das Geraes, moradora no Largo do Rocio, n'uma esqui-

na (onde se installou depois a pharmacia Petraglia). Muito apreciada pela sua memoria, gostava a Landina de referir por miudo as execuções criminaes a que assistira, dizia a epopéa estonteante da Anselmada, que testemunhara de perto, e que relatava imitando com a propria vóz o som profundo e ribombante dos bacamartes. A creançada attenta, impressionada com as visagens dos enforcados e com os estrondos da fusilaria, encolhia-se toda, achegava-se ás saias, perdia o somno. E, emquanto assim se preoccupavam mulheres e creanças, lá iam os homens para o gamão, em casa de negocio do tenente Felisbino Antonio de Lima, que de contente irradiava por ver reunida no seu salão a boa sociedade francana e mais os viajantes que gratuitamente hospedava, por gosto. A casa ficava na rua que de futuro se chamaria «Dr. Jorge Tybiriçá», no ponto em que hoje reside o major Firmino Cintra. Festa continua era essa de todas as noites na sala do prazenteiro Tenente! Além das narrativas hilariantes dos forasteiros, havia o commentario indigena sobre as excentricidades e sobre as figuras populares da communidade local. Diziam-se alli as surras applicadas com saccos de areia por Manoel Cabral em seus desafectos, e as diabruras do portuguez Domingos Alves, sujeito apatacado e genro do sargento-mór Antonio José da Silva Bastos. Esse Alves levava a palma entre os exentricos. Divertia-se, de vez em quando, a atirar pequenas moedas á creançada, ao fim da aula de Padre Pedro, gostava de vêr os meninos aos trambolhões pelo chão, n'uma nuvem de poeira, disputando as rodellas a empurrões e a murros. Outras vezes, ia, ao fim das missas ou durante as festas, agachar-se em meio do Largo da Matriz, como se estivesse a procurar um objecto perdido, para attrahir o povo. Por fim, escapulia de mansinho, sem que ninguem o visse, quando mais accesa andava a curiosidade publica. Havia mais o Antonio Xavier de Angra, popular e habilissimo curandeiro que, processado por haver lançado n'uma receita a firma Dr. Angra, allegára, em boa hora, que escrevera D'Angra e que não tinha a culpa de que se confundisse uma simples preposição e um apostrophe com o titulo de Doutor. Havia ainda o escrupuloso e desconfiado capitão Marceliano Rodrigues, sempre a falar baixo, a cochichar, como no receio de que lhe ouvissem alguma inconveniencia. Havia, ainda mais, o boticario Joaquim de Silva Souto, por alcunha o Joaquim Buffa, em consequencia de seu feio sestro de atirar a todo instante bruscamente sopros ruidosos e asperos que, ás vezes, faziam voar da balança os monticulos de remedio em pó. E, rindo-se delles, troçando-os, assim passavam os homens do gamão as doces horas, em triplice disfrute do jogo, da pilheria e do café com biscoutos servidos nas bandejas do tenente Lima, gozo complicado, a que de vez em quando se addicionava enthusiasticamente o commentario ruidoso de uma victoria de nossas tropas contra as hóstes do Paraguay.

E crescia sempre, mas socegada e lenta, a Franca do Imperador em consideração e riqueza. Em consideração, sim, que, para honrar as tradições do seu civismo e da sua religiosidade, não permittia se consummasse impunemente sem um protesto o que quer que nos brios ou na piedade a melindrasse. Era assim nas suas patriotadas durante a luta exterior; era assim quando em 1871 (segundo os documentos colligidos pelo infatigavel dr. Bourroul para a imprensa francana), a Illustrissima Camara Municipal, indignada contra a invasão de Roma pelos Garibaldinos, lançou perante o Santo Padre um protesto acerbo em que pedia ao Altissimo désse ao Brazil «uma voz potente no Conselho das Nações para reclamar com toda a sua força em favor do completo restabelecimento da Soberania Pontificia e da Liberdade Religiosa de duzentos milhões de Catholicos». Sobre esse papel lançaram enthusiasmados as suas respectivas assignaturas os honrados camaristas José Eduardo de Figueiredo, Antonio Carlos de Vilhena, Domingos Alves Leite, Thomaz José da Motta, Joaquim Justino Alves Ferreira, José Joaquim do Nascimento, Antonio Silverio de Freitas e Francisco de Faria e Mello. E tambem, sim, em movimento e riqueza progredia a Franca. No anno de 1872, para combater o analphabetismo e para acudir ás crescentes necessidades do Fôro, galardoou-a o Governo com uma segunda cadeira de ensino publico e com a creação de um segundo officio de Justiça. O movimento forense e o movimento do ensino disseram-no, então, de um lado, o velho Porteiro dos Auditorios, João Teixeira da Costa a apregoar pelas esquinas, de oculos calvagados na ponta do nariz, os editaes do Juizo, de outro a vóz cantante da meninada, nas monotonias da taboada, entre estalos alacres de palmatoadas. Augmentaram igualmente os estabelecimentos do Commercio. Já em 1873, fremente no seu prurido de trabalho, gosava a Franca do Imperador as delicias de uma actividade operosa em que se enriqueciam 84 agricultores, 25 negociantes de molhados, 15 commerciantes de fazenda, 6 advogados, 5 negociantes de sal por atacado, 4 selleiros, 3 alfaiates, 2 pharmaceuticos, 2 açougueiros e um padeiro. E a Illustrissima Camara Municipal, que hoje recolhe annualmente quasi duas centenas de contos de réis, já arrecadava gulosamente, aquelle tempo, a sua bonita verba de quatro contos, gosando a epoca deliciosa em que o vintem valia de facto vinte réis e servia para comprar alguma cousa. Certo é que a população ganhava para o seu sustento e economias. Ainda mais: além do pão de forno e do bolo de fubá muito em voga, parecia não descurar do pão espiritual, na lenta evolução da sociabilidade. Aos divertimentos rudes primitivos iam succedendo, de momento a momento, mais polidos e amenos passatempos. Certo, ainda frequentemente, no Largo, cantavam saracoteando os homens negros do «Moçambique», sapateavam os velhos da contradança de arcos, vaidosos na sua cartola, na sua casaca, e nos seus calções de cores estriden-

tes; e nem se desdenhavam, nas salas, o velho e brejeiro Miudinho, e nos laagos a investidura das Mantenas para as Cavalhadas bulhentas, quando o major Antonio Garcia de Figueiredo, mais o capitão Joaquim Garcia e tantos outros conspicuos personagens fulgiam sumptuosamente nos seus corseis ajaezados, aos olhos das deidades embevecidas. Certo, igualmente, ainda causava successo o joven Osorio no seu traje chibante de Cavalleiro Christão, aprumado no seu fogoso ginete russo-claro, enristando a lança contra os peitos do inimigo mourisco, e tocando, ao mesmo tempo, o coração das morenas maravilhadas e o orgulho paterno de Nêne Marques. Mas, é tambem certo que se amenisava o gosto. Já nas bellas mascaradas se erguiam os moços graciosamente nos estribos para offertar ás damas risonhas e inclinadas no peitoril das janellas uma flôr enlaçada em fitas variegadas, na ponta das lanças; e já fatigada pela monotonia das festas populares, a sociedade francana desse decenio de 1870 a 1880 exigia mais intimos e familiares serões, communicativos jogos de prendas, que produziam alegrias inesqueciveis, intermeadas de danças novas aprendidas na Paulicéa, ensaios de uma convivencia mais estreita, por meio da qual se desatava a lingua dos namorados e a Idéa ia surgindo de vagar do envolucro premente do obscurantismo aldeão, e se transformava, á semelhança de leve borboleta que, esperançada e timida, vae sahindo aos poucos do seu casulo. E tanto era verdadeira essa aspiração de progresso espiritual na terra dos Anselmos, que, de repente, librando-se das leituras e dos estimulos trazidos dos passeios á Corte e á Capital da Provincia, appareceu luminosa, entre applausos, a idéa de um Theatro. E, logo, abrindo a torneira de lagrimas deliciantes, abundantes e ingenuas, começaram as representações e os lances berrantes do «Poder do Ouro», da «Probidade» e dos «Anjos da Terra». Modestas a principio, essas representações occupavam as obras em construcção da Cadeia Publica. Depois, passaram as honras para o ranchão do Mercado. Por fim, graças á iniciativa de Joaquim Augusto da Cunha e Silva, de José Antonio de Lima e de Antonio Sebastião Barbosa, pensou-se na edificação de um predio proprio, onde os amadores déssem largas á sua vocação artistica e a platéa poudesse chorar e rir á vontade e da mais confortavel maneira. Formou-se uma grande *rata* de 48 accionistas, que deveriam contribuir cada qual com 205$000 réis, e acordou-se na construcção de 50 camarotes destinados aos associados, de modo que um restasse para a Policia e outro para os amadores. O tenente coronel José Garcia Duarte pediu a empreitada e, em seis mezes, dava concluido o predio. Então, com jubilo indizivel, na noite de 4 de abril de 1874, inaugurou-se o Theatro Santa Clara (assim chamado, ao que parece, por devoção de Guilhermino), solemnizando-se o acontecimento com a representação do drama «Luxo e Vaidade». no qual o snr. Joaquim de Lima desempenhou com successo o papel de Henrique, formoso galan. e

o snr. José Luiz Fontoura o da gentil Leonina cheia de castos rubores. Outros papeis foram confiados a Sebastião Barbosa, a Virginio Pereira dos Santos, (outra dama), a Guilhermino de Lima, a Firmino Cintra e a Gaudencio Lopes de Oliveira, que exercia o cargo de 1.º tabellião da comarca dssde o mez de dezembro de 1872. José Antonio de Lima apontava e ensaiava. A decoração dos scenarios e bastidores ficara a cargo do tenente Mamede, que de estudante *manqué* passara a exercer, com habilidade, a profissão de curandeiro. E era então uma infindavel delicia. As narrativas sobre as heroicidades da brava gente brazileira nos campos de batalha pareciam ter incendiado as imaginações, propagado o sentimentalismo; e o enthusiasmo attingia ao auge nas grandes scenas da «Affronta por Affronta», do «Soldado Brazileiro», do «Vinte e Nove ou Honra e Gloria» e de outros dramalhões de virar e romper.

Oito annos, entretanto, decorreram ainda, antes que a triumphadora imprensa galgasse as eminencias do planalto, e que se rasgasse a cortina de arrebóes magnificos para a civilização francana. Affirma, é certo, o incansavel esquadrinhador do Passado, o illustre dr. Bourroul, que já em 1859 tivera a Franca do Imperador as honras de um periodico, o *Constitucional*, redigido por um deputado francano que outro não era senão o prestigioso dr. Bento Guedes de Carvalho. Mas, o mesmo preclaro publicista confessa ignorar se o jornal fora ou não impresso na propria Franca e nem ha na Tradição noticia de que um prelo qualquer deixasse ouvir outrora o seu ruido caracteristico por esta zona longinqua do Bello Sertão; e, antes, é bem provavel que o *Constitucional* do qual o notavel excavador conserva religiosamente dois unicos exemplares) fosse tão util para a Civilização francana como se o escrevesse o fundador numa lingua impenetravel e barbara do remoto Oriente. Oito annos portanto, decorreram ainda antes que um prélo gemesse de verdade nas alturas da Cidade, oito annos ingratos (assim o proclamam os velhos amigos da Ordem) passados em estereis politiquices, em asperos attritos, desatinados pleitos, onde se receava echoar, a todo momento, para emittir uma opinião decisiva, a palavra tonitroante dos clavinotes!...

Mas, afinal, a Civilização sorriu, a Civilização triumphou, um grande prelo subiu em caixotes a lombada suave do terreno, e a Imprensa, a Conquistadora, tomou posse definitiva do planalto.

VIII

Quando appareceu o *Nono Districto* no dia 1 de janeiro de 1882, houve no espirito dos Francanos, anciosos de progredir, um clarão de deslumbramento. O jornal surgia em grande formato, como o dos mais conceituados orgãos do paiz, exprimia-se correctamente, em bonito estylo, dizia

cousas enormes, inauditas, com uma parte literaria selecta, impressionando pelo seu brilho até mesmo a pupila dos bons literatos de além. Trazia o seu primeiro numero uma apresentação da folha, demonstrando Gaspar da Silva e Cezar Augusto Ribeiro os beneficios que eram de esperar da imprensa, e continha já reclamação de um Matadouro, de um melhor Mercado, de Illuminação publica. E, desde o primeiro dia, começou a offerecer aos leitores producções ineditas de prosadores e bardos, que, ainda estudantes, destinados estavam a fulgurar depois como bellos astros de primeira grandeza na Literatura nacional. E foi um atroante successo. Já na vespera, á noute, uma ceia, na redacção, solemnizara o ruido victorioso do grande prélo; e os discursos de Gaspar da Silva, do dr. Frederico Moura, Presidente da Camara Municipal, do dr. Barnabé Vincent, Juiz Municipal, do academico Ismael Froemberg, do medico dr. Petraglia, do tenente coronel Garcia Duarte e do deputado Francisco Barbosa Lima terminaram entre «hurrahs» estrugidores, que espantaram os curiosos postados em frente do edificio. Depois, quando começou o *Nono* a criticar os actos das autoridades judiciarias e a verberar o «Beaterio», com invectivas agudas contra o padre Candido Rosa, a quem responsabilizava «pelo captiveiro intellectual em que vivia a Franca desde muitos annos», houve entre os adversarios politicos da situação dominante um sussurro de espanto muito serio, e o José Povo imparcial (mas amigo das tradições) franziu os sobrolhos, sem bem comprehender como podia admittir-se no seio da sociedade uma picareta assim revolucionaria e bruta que arremetia contra o edificio da soberania social, ousando salpicar de poeira a toga da Magistratura e tentando poluir a alva tunica da Santa Madre Igreja!... Por fim, quando o *Nono Districto* annunciou que não aceitava annuncios sobre escravos fugidos, «porque, dizia, não queria servir á mais infame e repugnante das instituições», não coube mais o assombro em muitas almas aferradas ao Passado. Beatas começaram a ciciar, á porta da Igreja, do lado da Sachristia, com um tremor nos labios, que o demonio em pessoa andava a affligir, a tentar a pobre Franca do Imperador, com a sua machina infernal. E como continuassem os artigos de atrevida feição revolucionaria contra as cousas constituidas, receberam os redactores do *Nono*, por linhas travessas, a esfusiante promessa de vingadoras pauladas.

Decorridos, entretanto, os primeiros mezes, comprehendeu atiladamente a mocidade francana que não podia conservar-se inactiva deante do impulsionante movimento intellectual imprimido por dois forasteiros illustres. Comprehendeu, ainda mais, que o desabrido e literario *Nono Districto* não se dedicava exclusivamente e desapaixonadamente ao bem da sociedade francana; antes, era certo que aspirava principalmente ser muito lido lá fóra, longe da Franca, pelos seus amigos letrados. Sabia, porém, que o *Nono* representava

uma brilhante, civilizadora iniciativa; e a mocidade francana, secundando o esforço de intellectuaes adventicios, aos poucos se foi approximando da penedia da Imprensa, pouco a pouco subiu ás eminencias do pharol, até tomal-o de assalto, no empenho de dirigir o fóco luminoso para os vagalhões desencontrados dos interesses da vida local. Já nesse mesmo anno de 1882, em março, Affonso Froemberg, Alvaro Abranches e Guilherme Woss, timidamente embora, apresentaram ao Publico o «Polichinello», pequeno semanario consagrado ao commentario alegre, destinado á juventude risonha. Mas a verdadeira concurrencia ao *Nono* somente a soube fazer, em 1884, a *Justiça*, orgam de combate, onde vibrava golpes de durindana rija o pulso rijo de Estevam Leão Bourroul. E foi então uma imponente, grandiosa lucta, cheia de faiscantes revérberos, e tão luminosa que aclarava a Franca, desenhando-lhe a figura altiva em destaque na carta geographica da Provincia.

Tenaz e vehemente, não impedia, entretanto, esse fragôr de batalhas a passagem solemne do Progresso. A' vezes mesmo, uma tregoa salutar reunia por momentos os paladinos da acção politica para que melhor celebrassem os avanços e melhoramentos da vida local. Foi assim, por exemplo, quando, entre girandolas e sons de fanfarras, se inauguraram os trabalhos de exploração da Linha Mogyana. Ensarilhadas as armas, empunharam os luctadores, successivamente, o malhete dourado que fitas auriverdes recobriam. O dr. Ferreira Alves, illustre Juiz de Direito, bateu a primeira estaca, dedicada á Magistratura; o alferes José Theodoro de Mello, Presidente da Camara, afincou a segunda, offerecida ao Municipio; Cezar Ribeiro, a terceira, consagrada á Imprensa; Alvaro de Lima Guimarães, decano respeitabilissimo dos commerciantes da praça, a quarta, destinada ao Commercio; o tenente-coronel José Garcia Duarte, a quinta, offerecida á Lavoura, e o douto esculapio e literato dr. Santos Pereira, bateu, para finalizar, a sexta estaca, reservada ás Sciencias e ás Artes. Houve discursos, vivorio, até a noite, num enthusiasmo prelibador da Civilização, como se todos os Francanos já estivessem ouvindo na outra eminencia da Cidade o silvo da locomotiva, que sómente deveria echoar pela deveza dalli a quatro alentados annos.

Em verdade, orgulhosa do proprio esforço, jamais descurou a população francana de celebrar ruidosamente as varias *etapes* de sua marcha evolutiva. Em 1884, para alagar em jubilo a inauguração do novo Forum, a eloquencia jorrou em borbotões. O dr. Barnabé Vincent, em meio da grande festa, declamou uma centena de tiras, invocando dez vezes os Manes dos Antepassados para que elles apreciassem o que ia de progresso por estas lindas alturas. A peça oratoria, segundo consta, foi remettida, por maldade, como reliquia, para os archivos da Secretaria da Justiça, em vez de ser publicada na imprensa local. E de bisbilhoteira Fama se re-

colhe que a extensão do discurso representou mais uma das infindaveis distracções do honrado Juiz Municipal, o qual se abstrahia ao ponto de esquecer ás vezes o proprio nome, sendo que resalvava o engano por esta fórma prolixa, ao lançar sobre os papeis a sua assignatura: «Henrique Barnabé, digo, Antonio Henrique, isto é, Henrique Antonio Barnabet Vincent».

Graças por esse tempo á influencia do *Nono* e da *Justiça* (não obstante o antagonismo de suas opiniões e crenças) um Cenaculo de esforçados intellectuaes (onde fulgiam os talentos de Cezar Ribeiro, Santos Pereira, dr. Alves, Bourroul, Marcolino e outros) produzia na cidade um movimento de idéas que formava e educava a juventude francana. Por isso mesmo, logo surgiu das cultas palestras gosadas nas salas das Redacções e no salão da projectada Bibliotheca Municipal o gigantesco, formoso plano de conferencias edificantes, quinzenaes e publicas, sobre assumptos de elevado interesse espiritual. A idéa venceu, e o certamen se inaugurou pomposamente a 7 de abril de 1884, com uma sessão solemne em honra da memoria de Louis Veilot. Presidiu-a o nobre dr. Alves, dando a palavra, successivamente, ao Orador official dr. Bourroul, e a Cezar Ribeiro, a Santos Pereira, ao Vereador José Carlos Vilhena e ao «Livre Pensador» (assim o noticiou a imprensa) Albert Levy.

Esse «Livre Pensador», tomando a palavra em nome da Colonia Franceza, declarou agradecer a homenagem da Franca «ao francez illustre, em cujo Ultramontanismo vencido, saudava elle, orador, o Estylo vencedor». Commentou-se a phrase irreverente do «Pensador» na terra do Capim Mimoso, cheia ainda das tradições do Vigario Velho; e não era sem motivo serio que Padre Candido começava a trovejar no pulpito e na imprensa contra a arremettida «desses innovadores, cujas herezias levavam ao atheismo e acoroçoavam a Revolução»...

A Bibliotheca Municipal inaugurou-se em junho. E o Cenaculo, resolvendo não perder vasa para expandir as suas energias intellectuaes, aproveitou logo o 7 de Setembro para mais uma sessão solemne, onde a Phantasia desprendeu os mais rasgados vôos. Da tribuna acolchoada o dr. Ferreira Alves comparou os Andradas aos heroes Stouffer, Furst e Melchtal da Suissa, e o dr. Bourroul, depois de descobrir uns traços de analogia entre d. Pedro Primeiro e Carlos Alberto, recitou estrophes inflammadas de Mendes Leal á memoria do rei de Piemonte. E é fama que um trovão de applausos celebrou o seu triumpho, no momento em que recitava os seguintes versos:

«Da nobre espada á lamina abraçado,
Viveu soldado rei, e rei soldado
Sobre a espada espirou»!

Era, então, no planalto um *fervet opus* de opiniões e contradictas. Uma polemica surgiu entre a Magistratura e a Igreja; e a Franca assistiu ao esforço de Padre Candido para demonstrar pela imprensa a seu impenitente adversario que inferno lá isso havia, e tremendo, com seus acompanhamentos de rubras e eternas labaredas. Propagava-se, ao mesmo tempo, a chamma do Abolicionismo, tendo por seu paladino o *Nono*, ao passo que a *Justiça* procurava conter o que ella chamava a «onda da Anarchia». E, como destinado a conter o dique, appareceu logo vigoroso o «Club da Lavoura e do Commercio da Franca». Depois, febril, quasi epidemico se mostrou o anceio de publicidade. Fundam-se, em 1885, varios periodicos: o *Papagaio*, de Simplicio Costa e Guilherme Woss; *A Gazetinha Familiar*, redigida por José Alfredo Lopes; o *Recreio*, de Geraldino Barbosa Lima; o *Pyrilampo*, de Affonso Froemberg e Agostinho de Oliveira; a elegante e original *Rosa-Chá*, do francano Alvaro Abranches Lopes. Este ultimo semanario, desabusadamente, cheio de verve e de audacia, não quer saber de peias, aspira á liberdade na imprensa indigena, quer uma folha superficial e catita que finja tudo saber, para se rir de tudo, misturando a seus dizeres conhecimentos de cousas estrangeiras. O Chronista dos bailes francanos descreve as toilettes empregando termos francezes: «Mlle. F. appareceu elegante no seu vestido *bleu marin*; Mlle. F. em seu traje branco *très chic bleu ciel...*» Observando essas innovações da rapaziada, um honrado e antigo professor de primeiras letras meneava pensativo a cabeça para lançar a sua phrase predilecta:— «Não ha que ver... estamos perdidos!». E a verdade é que, com taes estimulos a *Rosa-Chá* desbancou a simplicidade do vestuario, inaugurou o *chiquismo* na Franca do Imperador.

Não esquecia, entretanto, a Cidade os seus elevados interesses de ordem moral. Ciosa da instrucção e educação dos adolescentes, viu inaugurar-se o grandioso Lyceu Culto ás Letras, de Cezar Ribeiro, coadjuvado este no corpo docente pelo sabio frei Germano de Annecy. Estre frade, sobre o qual pousavam de longe olhares de scientistas illustres, muito amou a Franca do Imperador: além de ensinamentos, regalou-a com um preciosissimo relogio solar, feito de puro marmore de Carrara, por meio de sma subscripção popular e de um leilão de prendas ricas. Para a realização dessa bella obra concorreu efficazmente a imprensa local estimulando o patriotismo dos francanos de ambos os sexos e enfeixando, por intermedio de Fulgencio de Almeida, na *Rosa-Chá*, para as Francanas essa florida phrase —: «Minhas Senhoras, o relogio que ajudardes a levantar marcará a hora em que raiou a estrella do Progresso na Franca!» E as Francanas, em alvoroço. lá acudiram com seus bordados finos, e o relogio lá se ergueu, com imponencia e entre hymnos, marcando triumphalmente a «hora do Progresso».

E a Franca, mercê de seu excellente vigario (cuja au-

reola de benemerencia mais gloriosamente fulgia com a fundação da Santa Casa) e graças á iniciativa de seus bravos jornalistas, de seus industriaes, de seus commerciantes e capitalistas, de sua Edilidade esforçada de todos em summa que superiormente a amavam, resplandecia de energias, quando uma força nova lhe penetrou nos musculos com inaugurar-se o trafego da Linha Ferrea Mogyana, entre regosijos inenarraveis. E bem justificados eram estes, que logo appareceram os effeitos do auspicioso acontecimento. Novos hoteis recebem os passageiros e moradores novos: edificações novas se erguem, a população augmenta. Ao mesmo tempo, uma corrente mais forte de idéas e opiniões mais ruidosa e propagadoramente anima a campanha democratica e abolicionista. Já nada mais contém os impetos da legião, nem mesmo o esforço herculeo da *Justiça*, onde Iskander redobra contra os radicalistas o furor de seus golpes formidaveis. A mocidade francana quer a abolição. Guilherme Woss e Americo Penna collocam no seu posto a vigilante *Sentinella*. Não escapam a seu olhar os máus tractos inflingidos a escravos. Ella e outros orgams de publicidade verberam a conducta de autoridades que apanham negros fugidos. O advogado provisionado Joaquim Antonio Freire Franco, intercede no Fôro pelos captivos. Cada novo grupo de adherentes á idéa nova recebe applausos, manifestações de apreço. Tudo se move e tudo se aproveita em pról da liberdade. Na Estação da Mogyana, a prizão de um negro provoca um tumulto. Na noite de 10 de fevereiro de 1888, festejando-se o «Carnaval» distribuem-se no Theatro Santa Clara numerosos exemplares de uma poesia abolicionista, que termina assim:

Pois bem, francanas formosas,
A peito, ó moças, tomae
A redempção dos escravos!
Pedi, pedi, suplicae
A paes, a irmãos e maridos!
Estes entes tão queridos
Amar-vos-ão ainda mais,
Passada a lugubre noite,
Com seu cortejo de açoites,
De ferros, gritos e ais!

Logo, o *Nono Districto* annuncia com jubilo que a media semanal das manumissões ascende ao numero de 80, e lança, com arroubos de estylo, uma sincera «congratulação á Civilização francana». Por fim, a lei aurea fulgura ao longe e as acclamações do littoral repercutem no planalto do Capim Mimoso em manifestações retumbantes de uma vibração inaudita Na alacridade das festas, a imprensa eleva as notas mais sonoras, sem exceptuar a *Justiça*, que faz justiça e termina o seu artigo de fundo rendendo graças ao Creador por haver permittido

uma solução feliz do problema, sem a receada effusão de sangue.

Por caprichos do fero Destino, uma epidemia implacavel quasi dizima a Franca nesse mesmo anno de tantas alegrias e emoções sociaes. E' a variola que se apresenta, devoradora como nos tempos do Juiz Virginio. O panico produz o exodo das familias. Padre Candido inicía preces solemnes. Em agosto, os homens que haviam resolvido permanecer na cidade, congregam-se numa poderosa liga contra o perigo commum, elegem uma Junta de Salvação Publica, da qual é escolhido Presidente o honrado Juiz Municipal, dr. João Antunes Pinheiro. Lá fóra repercute a noticia com exaggeros apavorantes, que deixam atarantada e cheia de pavôr a Camara Municipal do Sacramento. Num edital de sensação, annuncia essa Corporação mineira a "ruptura de suas relações com a Cidade da Franca", estabelecendo uma embravecida multa de 30$000 réis e mais a pena de 8 dias de prizão a quem quer que viole o preceito imperativo, fructo da previdencia e engenhos da precavida Edilidade... Por fortuna, já em setembro a imprensa annunciou exultante a extinção do mal. O hospital fechou-se, com manifestações de apreço bramante ao dr. Santos Pereira e ao padre Candido Rosa, entre discursos calorosos do dr. Primitivo de Castro Rodrigues Sette (Promotor Publico da Comarca desde novembro do anno anterior), e entre regosijos do *"Francano"*, hebdomadario novo, que apparecera em julho e que deveria, por longos annos, dedicar-se com solicitude aos interesses locaes. A população voltou jubilosa e confiante; e, logo, como um grande acinte á inclemencia da Sorte, padre Candido, á custa de ingentes esforços que o exhauriam, fundou munificentemente o Collegio de Nossa Senhora de Lourdes, creação sumptuosa, de onde a consciencia popular viu projectar-se um clarão mais vivo sobre aquella fronte veneranda já encanecida nos trabalhos arduos da beneficencia.

Não menos rumoroso é em Franca o anno da graça de 1889. Caracterizam-no a desabalada propaganda republicana, com o seu orgam de publicidade *"O Tiradentes"*, a febre posterior de adhesões ao novo regimen e a effervescente actividade jornalistica. A Revolução encontrára os animos do planalto já por certo preparados para recebel-a. Em verdade, a turba enthusiasmada invadia a 17 de novembro o Paço da Camara, e organizava um Poder Provisorio encarregado de "manter a ordem publica e providenciar sobre as medidas urgentes". Compunham o Triumvirato Francisco Martins Ferreira Costa, João de Faria e José Guerner de Almeida. Lavrou Albert Levy a acta de adhesão. A Camara, essa esperou que assentasse a poeira; e, a 30 do memoravel mez, reunidos os vereadores Antonio Sebastião Barbosa, Antonio de Andrade Lobo Bastos, Joaquim Servulo de Vassimon, João Soares da Silva e Francisco Rodrigues do Nascimento, cada qual emittiu a sua declaração solemne de que aceitava

a nova ordem de cousas. E Vassimon propoz, com applausos da assistencia, que se officiasse ao Governo Provisorio do Estado, protestando-lhe obediencia "dentro da esphera legal". Então a imprensa, em sua grande maioria, entoou hosannas ao novo regimen.

A febre jornalistica recomeçava, na localidade. Dos treze orgams que haviam surgido successivamente no regimen decahido, restavam ainda seis: o *"Nono"*, a *"Justiça"*, o *"Francano"*, a *"Sentinella"*, o *"Correio da Franca"* o *"Jasmim"*, estes dous ultimos apparecidos um em abril, outro em maio desse mesmo anno de 1889. Ajuntou-se-lhe a *"Republica"*, logo no dia seguinte á revolução, redigida pelos drs. João de Faria e Manoel Nicacio, e mais por Fulgencio de Almeida, Alvaro Abranches, Adolpho Affonso e Agostinho de Oliveira. Já bem familiarizada com o ruido animador dos prélos, a mocidade francana tomava definitivamente de assalto a cidadella da Imprensa e aproveitava a sua formosa conquista, lavorando e brincando ao mesmo tempo, numa salutar e fecunda convivencia. O *"Francano"*, cheio de verve, assume uma feição desabusada, visando unicamente os negocios e acontecimentos locaes. Zimbilica, em suas Reportagens, declara com emphase graciosa que "trabalha pela bôa organização da Patria Brazileira atravez dos interesses da localidade", chama irreverentemente ao "Nono Districto" de Collegão caduco, e aventura-se a brejeirices de toda a ordem. Ao mesmo tempo, Semicrapo salteia sobre os acontecimentos, em versos de pés quebrados, de uma factura revolucionaria, mas de onde repontam de vez em quando quadrinhas como estas:

"Pintor que pintou Maria
Pintou tambem a Zabé,
Mas, qu'rendo pintar Leocadio...
— Qué dê pincé?"

Era, como se vê, a libertação do jornalismo local dos moldes severos até então observados na Franca. Ao "Francano" vieram juntar-se logo depois o ligeiro *"Colibrí"* de Oscar Octaviano, em 1890, a *"Epocha"* de Guilherme Voss, a vistosa *"Camelia"* de Francisco Octaviano, a lucida *"Estrella Polar"*, em 1891.

Com o enthusiasmo jornalistico progredia o instincto de sociabilidade, o espirito de associação. Havia o grupo espiritista, havia o grupo maçonico, havia tambem o "Grande Partido Catholico" de que era presidente o coronel Garcia Duarte, agraciado em 1888 com o Baronato da Franca. Ao mesmo tempo, novos capitalistas sobem a ladeira, assentam no alto as suas casas commerciaes; e, n'um prurido de assombrosa actividade, projectam-se, discutem-se, iniciam-se, realizam-se melhoramentos de toda a sorte: uma empresa de

bonde liga a cidade á Estação da Linha ferrea, varios Bancos abrem as suas portas auxiliando a Lavoura, recortam-se novas ruas, edificam-se novos predios, aventa-se a idéa de canalização de agua potavel, de uma empresa sobre carnes verdes, affaga-se o projecto de um Lyceu de Artes e Officios. Alguem atira mesmo com estardalhaço a idéa de um Gazometro. E' em verdade o Progesso que avança, em delirio, n'um bello impeto que nada mais deverá deter, na ordem material, politica e religiosa. O Fôro atulha-se de autos e papeis, n'um fervilhar de petições e demandas. E' então (1892), Juiz de Direito da Comarca o dr. Antunes Pinheiro, tendo como promotor da Justiça o dr. Marcilio Mourão. Toma posse o 2.º Tabellião da Comarca, major José Carlos de Vilhena. A arena jornalistica recebe novos combatentes. Apparece, em primeiro lugar, a *"Cidade da Franca"*, orgam do povo, em substituição ao *"Nono"* defuncto. Redige-a uma pleiade intelligente em que figuram o egregio dr. Modesto Brandão, o dr. Santos Pereira, Estevam Marcolino, Fulgencio e outros. Vem após a «*Gazetinha*» de Avelino Ricardo. Seguem-se, em 1893 : o *"Correio Popular"* de Aristides Simplicio da Costa ; o *Correio da Franca*, redigido pelo dr. Silvino de Faria ; o *Municipio*, escripto por trez excellentes bachareis : Faria, Julio Cardoso e Fabio Barreto. O campo de batalha politica enche-se igualmente de combatentes. Espaldeiradas rijas faiscam nos elmos de Florianistas e Custodistas. Legalista rubra, a Camara Municipal approva em outubro de 1893, uma grande Moção de Chico Martins protestando contra a Revolta e "lastimando profundamente que o marinheiro nacional, esquecendo as honrosas tradições da armada, tenha arvorado a bandeira da cobiça, levando a todos os angulos da Republica o sobresalto e o desgosto e ao estrangeiro o exemplo de Caim,» e que. por isso mesmo, "considerando que as revoluções sem principio estimulam a pirataria etc., resolve a Camara prestar a sua inteira adhesão ao Governo Federal, e faz votos para que todos os Brazileiros concorram com o seu contingente afim de ser mantido o governo constitucional». Furiosa contra a Edilidade, a «Epocha» declama que a Camara trahiu o Municipio, porquanto a Franca "jamais applaudirá o Despotismo". E, emquanto assim batalham os politicos, Hildebrando (Padre Candido) escreve artigos catholicos, o *"Francano"* exige melhoramentos locaes, outros se reunem discutindo o plano da construcção de nova Matriz. Resolve-se o ajardinamento do grande Largo, e já os enxadões cavam a terra quando o Fabriqueiro embarga o serviço. Mas, é preciso aformosear a cidade por toda a lei, os jornaes pedem agua, abaulamentos, arvores, muita luz. E surgem com brilho na imprensa as primeiras idéas sobre a illuminação da Franca por meio da electricidade. E todas estas cousas serias são aventadas e discutidas sem prejuizo do bom humor continuo dos hebdomadarios. O *"Periquito"*, applaudindo os melhoramentos locaes, não se esquece nunca de estampar no fron-

tespicio a sua pilheria de que decididamente "não aceita assignaturas de gente feia". De seu lado, noticiando a visita do muito honrado e sempre muito estimado, nutrido e gordo cavalheiro snr. Joaquim José Ferreira Telles, atira o "*Alfinete*" um adjetivo ribombante ao gosto da epoca revoltosa: que hontem "chegou a esta cidade o Telles, o nosso grande e imbombardeavel Telles". Esse afan de originalidade influe até mesmo na escolha de titulos para os orgãos de publicidade. Uma seita espiritista, por exemplo, adopta para o seu jornal a denominação edificante de "*Perdão, Amôr* e *Caridade*", afim de protestar contra a escandalosa denominação de *Castigo*, *Odio* e *Egoismo*, escolhida por outra seita igualmente espiritista.

No periodo que decorre de 1896 (anno em que approuve á Santa Sé conceder ao conego Rosa a dignidade de Monsenhor) até 1900, parece acrysolar-se entre os Francanos de nascimento ou de adopção o sentimento de solidariedade. Parece mesmo, atravez da Imprensa, que se revigora e cresce a estima publica pelas cousas e pelos homens do planalto. De vez em quando, por motivos de gratidão ou de solidariedade, surgem manifestações de apreço, em forma de passeatas, de sessões civicas, de jantares intimos. Em julho de 1898, sob a presidencia do honrado Juiz de Direito, dr. Manoel Polycarpo Moreira de Azevedo (que tomára posse do cargo em 1896), inaugura-se no Forum, com uma sessão solemne, a effigie a oleo do coronel Estevam Marcolino de Figueiredo, (deputado estadual reeleito em 1897), cujos esforços em prol da Santa Casa de Misericordia, do Collegio Nossa Senhora de Lourdes e do edificio da Cadeia e Forum accenderam em crepitantes labaredas a gratidão do povo francano. O dr. Thomaz Viegas, Promotor Publico desde 1895, e outros tribunos enaltecem as qualidades do Representante em brilhantes arroubos oratorios; e uma jubilosa sensação produz na assistencia a declaração leal do redactor do "*Municipio*", dr. Julio Cardoso, de que embora opposicionista, reconhece, e com satisfação, a justiça do apreço manifestado a quem «tão bons serviços prestou á localidade». Um novo sangue parece percorrer a arteria do municipio. Advogados novos elevam as suas tendas de trabalho. São elles Marcilio Mourão, egresso de sua Fazenda, Fabio Barreto, Antonio Xandó, Domingos Gonçalves Chaves (Promotor Publico em 1900, succedendo a Pinheiro Lima que occupára o cargo desde 1898). Alberto de Azevedo escreve para o "*Francano*" os seus bellissimos contos, sob o pseudonymo de Silvestre Moreno. Outros jovens literatos collaboram na "*Apotheose*" de A. Lobo, no "*Album*" de Antonio Ricardo, no "*Bandolim*", no "*Figaro*", de Rocha Lima, na "*Gazeta da Franca*", dirigida por Francisco de Assis Pereira. Era a nova febre de publicidade. A propria Edilidade. como se a assustasse o perigo de tantos olhos de jornalistas a observar-lhe os actos, creou, distribuiu gratuitamente um orgam oxclusivamente seu:

a "*Revista Municipal*". Foi por esse tempo de 1900 que surgiu garbosa, em agosto, a "*Tribuna de Franca*". de Francisco Cunha, destinada a longa e prospera existencia. E toda essa mocidade, é fama, tornava amena e facil a vida nestas alturas, realizando convescotes, convivios intimos, festejos e soirées familiares, de impressões indeleveis. O Cinema ainda não monopolizara egoisticamente as noites francanas, e a gente podia divertir-se de variadas maneiras. Tornou-se memoravel o Carnaval de 1900 pela sumptuosidade oriental de um baile á phantasia promovido pelo major Carrão e realizado no vasto salão do Forum. Themis sorridente cruzou os braços e deixou que deus Momo tomasse, por uma noite ruidosa, incondicionada posse da sala das audiencias. Foi um successo. As ricas toilettes (assim o noticiava embevecidamente a imprensa) rivalizavam em apuro, elegancia e brilho, com as das luxuosas Capitaes. Cruzando-se no salão, passavam garridamente a *Ramalheteira* e a *Jardineira* exhibindo flores nos seus açafates, o *Pierretti* proferindo graciosidades, a *Rosa*, o *Cravo*, a *Noite*, a *Palheta*, a *Naiade* ostentando a bizarria alegre das cores variegadas. Passavam ainda (assim o referia o Francano, com reportagem radiante e minuciosa) a *Cigana* que era Mlle. Elvira Cintra, a *Carmen* (Mlle. M. Cintra), a *Libellula* (Mlle. A. Carrão), a *Telegraphia* (Mlle. Nene Rocha), o *Gira-sól* (Mlle. M Martins) a *Rainha* (Mlle. Letinha Barreto) o *Pierrot* (Mlle. (Clarice Barreto), a *Pastora* (Mlle. Jovelina), a *Hespanhola* (Mlle. Carmen Affonseca) a *Jardineira* (Mlle. C. de Lima), a *Dançarina* (Mlle. Homerina Carrão), o *Bouquet* (Mlle. Filhinha Vasconcellos), as *Camponezas* (Mlles. Tarcilla e Georgina), a *Independencia* (Mlle. Hildebranda Valle), as *Republicas* (as meninas do dr. Polycarpo). Imponentes, em phantasias ricas, passavam igualmente os representantes do outro sexo. Contavam-se ás dezenas; e é fama terem logrado o maior successo (que o "Francano" qualificou de *invejavel*) o dr. Joaquim Carrão, no seu grande traje pomposo de Fidalgo de Luiz XV, alto e guapo, descançando a mão esquerda sobre o copo da aguda espada, e Godofredo de Castro, em seu vestuario de Ilhéo recem-chegado ao Brazil.

Depois da festa, o trabalho, a actividade intellectual. Sabino Loureiro começa as suas conferencias. Já então admirador incondicional de Rio Branco, disserta sobre o Laudo da Suissa; depois admira a obra de Casimiro de Abreu. Hildebrando continúa os seus artigos de propaganda catholica. Fulgencio atira *settas* contra a indifferença, que não encherga a maravilha do Relogio Solar de Frei Germano, e contra as cabeças femininas, que não usam chapéo. E o grande 1900 se despede com uma radiosa festa de primeira ordem no Collegio N. S. de Lourdes, onde a vivacidade e as provas de applicação e aproveitamento revelados por alumnas gentis enchem de lagrimas jubilosas os olhos paternaes de Monsenhor Rosa.

IX

Da era de 1900 em deante, os acontecimentos se precipitam, o Progresso alarga prodigiosamente os passos, a vida local se torna porventura ainda mais intensa. E um severo resumo se faz necessario para que se não tomem todas as paginas do Almanach.

Novos periodicos estréam na arena jornalistica. Surgem :

O " *Setimo Districto* ", em 1901 de Fernandes de Oliveira ; o " *Estudante* ", redigido por Waldomiro Calleiro e Jovino de Faria ; o " *Cravo* ", editado por Antonio Gonçalves. Sabino continúa as suas conferencias. Realizam-se outras diversões pomposas. O gosto pelo imaginoso produz bizarrias descriptivas . . . Noticiando um baile de luxo levado a effeito em setembro, um reporter compara as senhoritas francanas a « bellezas mythologicas de prehistoricos tempos hellenicos" e rapazes a" gentis fidalgos dos tempos cavaleirescos". Em 1902, M. Franco publica o primeiro Almanach de Franca. Inaugura-se alegremente, com musica de Tristão, o vistoso Jardim do Largo Barão da Franca. Enthusiasmada com o melhoramento, a imprensa unanime rasga elogios á Edilidade. Inaugura-se igualmente a Linha Telephonica. Publica-se o " *Riso* ", jocundo semanario. E', na verdade, um expansivo riso a boa vida daquelles dias, o que não impede que de vez em quando se exija muita compostura e seriedade. Numa sessão cinematographica, uma noite quasi rebenta um conflicto pela exhibição da fita «A mulher no banho ». Installa-se com solemnidade o Externato da Conceição. A encampação da agua-Nicacio e a inauguração da agua-Taveira recebem festejos condignos. A Camara é homenageada com uma grandiosa Polyanthéa. Sabino Loureiro proclama existir para a Edililidade « mais um titulo de consideração : a Agua". Um articulista considera que "tudo irá agora (provavelmente depois da agua) pelo caminho da paz, da justiça e do progresso ". E, á noite, representa-se no "Santa Clara," com applausos, o "Dioguinho," do illustre Cunha. Em 1903, começam as aulas dos Irmãos Maristas. Funda-se, entre espoucantes girandolas, o Gremio Literario Francano, á esforços de Mario Nicacio, dando lugar a que um chronista emitta a consideração de que " a Literatura, mesmo nas aggremiações primitivas, foi a salvadora dos maiores perigos . . . ". Cultiva-se, aproveitando-se todos os pretextos, o pomposo, o grandioso. Para um livro de versos que offerece á publicidade escolhe Sabino Loureiro titulo flammivomo de " Civismo — Nacionalidade — Paixão pela Patria". Noticiando a inauguração de um Club de danças, um ardoroso chronista declara-se impotente para descrever os esplendores do grande baile, porque, para fazel-o, "seria preciso possuir a inspiração de um poeta dantesco e a força épica de Homero, Virgilio, Ariosto, Victor Hugo e

Torquato Tasso... » Por isso mesmo, não se encontra um periodo em que mais alto suba, em terras da Franca, a febre do jornalismo. Destinado a retumbante successo, abre galhardamente a marcha o chibante " Janota ", de João Felicio e Saturnino Fernandes. Segue-lhe após o " Correio Commercial ", de edição diaria, dirigido por Bernardino Salles. Vem atraz o " Portugal-Brazil " publicação ephemera do dr. Santos Perereira. Antonio Gonçalves e Antonio André apresentam, em julho, o tristonho " Sonhador ". Desponta, em agosto, a bella " Aurora " de Abner Valente e Joaquim Faria. A Loja Maçonica " Emilio Zola " publica em setembro, um numero unico do " Lowton ". Em novembro, Ormisio Pereira e Benedicto Palhares offerecem ao publico francano a candida " Camelia ", João Lourenço Filho imprime o " Diario da Franca ". E, nesse recrudescer de enthusiasmos pela imprensa, no planalto, bem razão teve o Mauro da "Tribuna", quando num dia de bom humôr, annuuciou, em verso, que pela cidade andavam espalhados jornalistas aos montões,

«...não só moços como velhos,
Brancos, pretos, e vermelhos,
Com inteira liberdade
De escrever, por atacado
E a varejo... "

Triste, entretanto, o fim desse memoravel 1903, pois fecharam para sempre os olhos do incansavel e venerando Monsenhor Rosa ! Lanceadas por uma dôr sincera, trez mil pessoas lhe acompanharam o corpo ao ultimo jazigo. Um soluço enorme sacudiu toda essa multidão, arrebatada naquelle momento pela expontaneidade unanime de uma apotheose ; e uma verdade proferia Iskander, quando dizia em artigo para a " Tribuna " que todo o povo se ajoelhava deante do corpo immovel de Monsenhor, sciente de que esto « resumia, desde o anno de 1861, a historia religiosa, a historia politica, a historia social e economica da Franca de Imperador e de sua zona ».

Não esmorece, em 1904, a actividade progressista. O Gremio Literario deleita as familias de seus associados com frequentes archi-luzidos bailes cheios de sensação e luxo. O "Santa Clara " regorgita de expectadores, offerece magnificentes espectaculos, onde palmas redobradas alcança, com o " Amor da Paz ", o autor Almeida Pinto. Em fevereiro, a " Tribuna " offerece ao publico edição brilhante em homenagem a Hercules Florence, commemorando o primeiro centenario do grande homem. Collaboram na Polyanthéa Affonso Celso, Carlos Ferreira, Homem de Mello e muitos outros publicistas illustres. Em março, Astrogildo Alvares dá á publicidade o primeiro numero de um semanario novo — " O Prego ". Em abril, no dia 9, ruidosamente

e com orgulho e pompa, é inaugurada em Franca a illuminação pela electricidade. Na sessão solemne da Camara Municipal, precisamente ás 6 horas e 50 minutos da tarde, o nobre dr. Polycarpo, a convite do Presidente, dr. Faria, imprimindo um dedo sobre um botão electrico, dá o signal para que se promova o funccionamento geral da luz; e, no mesmo instante, ao som do hymno nacional, a cidade toda resplandece. Então, o illustre magistrado, mais o dr. Julio Cardoso, o dr. Fabio Barreto (representante da Camara de Ribeirão Preto,) o dr. João Kopke e outros desfolham no ambiente, galhardamente, as mais escolhidas flores da sua Rethorica. Queima-se á noite um lindo fogo de artificio e, entre as congratulações da Imprensa, no dia seguinte, proclama Sabino Loureiro, citando Castro Alves, que a Franca " desposára o Futuro ". E um grande baile no Externato Municipal encerra, entre sorrisos, com muita luz e muita musica, a serie dos inolvidaveis festejos.

Redobram-se, ao mesmo tempo, os esforços dos benemeritos em pról da Caridade. Uma grande Kermesse expõe os valiosos, vistosos donativos das Francanas para a Santa Casa de Misericordia. Em junho, por iniciativa do dr. João Kopke, erudito e excellente educador, uma altisonante festa artistica alegra, no « Santa Clara », um publico selecto, em beneficio da mesma pia instituição. A imprensa continúa o seu afan de pedir melhoramentos. João de Mello funda a " Cidade ", a 28 de maio. Verax envia á " *Tribuna* " os seus bons documentos historicos relativos á alta zona da Mogyana e ás figuras illustres da Politica nacional. Theophilo de Faria apresenta o " *Alcaide* " em agosto e, no mez seguinte, no dia em que se commemora o anniversario da Independencia do Brazil, surge na arena, bizarramente, destinada a longa e prospera existencia, a " *Cidade da Franca* " redigida por Assis Pereira e Urias do Nascimento. Apparece em novembro a " *Lyra* ", de Bento Bulhões. E o anno de 1904 termina festivamente com a honrosa visita á Franca do illustre prelado grego Dom Cyrillo Mogabgal, Bispo de Zahlé.

A mesma actividade social em 1905. Entram na scena jornalistica dois novos combatentes: a " *Farpa* " de José Moreira e Jorge Fernandes, e o " *Primeiro de Maio* ", ao serviço do Circulo Socialista Internacional. A 3 de maio, com jubilo ruidoso, inaugura-se o Grupo Escolar, creado em virtude do esforço dos dirigentes da vida politica local. Em julho, a pedido de Alfredo Paiva, a " Tribuna " dedica um umero vistoso ao anniversario natalicio de d. Izabel, Condessa d'Eu. E, em novembro, uma parte de sua edição é consagrada á personalidade egregia do dr. Bourrul, constante, operoso e dedicado amigo da Franca.

Surge em 1906 o " *Trabalho* ", jornal de reclames dirigido por Emilio Bruxellas, Carlos Pacheco e outros. Um illustre educador, Alfredo Paiva, escreve em estylo tonante

a nevrose do anno de 1905, a dissolução dos costumes brazileiros e a "*Epopéa do Cynismo*". Enthusiasmado, o intelligente Aristheu de Castro manda á imprensa uma longa apologia desse ardoroso publicista. Continuam os melhoramentos locaes. Funda-se o benefico Asylo de Mendicidade; publicam-se os Estatutos da Santa Casa de Misericordia; proseguem as obras da Matriz nova; inaugura-se o *The Great Attraction Club*, com uma bella festa palpitante, no Vellodromo Francano construido a esforços do Luiz Benini. E' o Sport que triumpha no planalto, com applausos de toda a imprensa. Bravos chronistas, sem perder a mira dos interesses locaes, setteiam o jogo do Bicho, castigam costumes, rindo sempre, rindo muito, a proposito de tudo, de todos e de nada, com esse magnifico bom humor que caracterizou, desde o seu inicio. a vida do jornalismo francano. O Mauro da *Tribuna* escreve que "ha dias em que a gente não é da conta de ninguem"; e o *Janota*. ao mesmo tempo que organiza disputadissimos concursos de belleza e fealdade, põe a juventude em polvorosa com suas celebradas *Apanhadas*, de uma reportagem atrevida e chistosa, onde se attribuem ao rapazio da terra facecias, calinadas e dizeres de incontestavel originalidade. São phrases deste jaez: "*Um olhar vae, outro vem; e o amor não vae, nem vem: fica:*" "*Si no inferno judiarem muito de mim, o que eu faço é morrer outra vez;*" *Quem morre se esquece de si mesmo, quanto mais dos outros!*"; *Quero casar-me, não ha duvida, mas esfrio, quando penso no mastigo*"; "*Ha dois momentos solemnes na vida do homem: o primeiro foi quando eu rapei a cabeça*"; « *Nunca nos devemos esquecer de que nossos paes serão avós de nossos filhos*"; "*Tudo que se planta nasce, menos defuncto*"; "*O Chopp refresca as esperanças*".

Em 1907, a vida social se manifesta em soirées frequentes, alegres diversões de toda a especie, em despedidas prenunciadoras da victoria definitiva do Cinema, que começa a empolgar as noites da população. José Pires, francano de rara habilidade, inventor de um aparelho cinematographico (o primeiro que tirou photographias animadas no Brazil) produz uma fita de cousas exclusivamente francanas, arrancando applausos estrepitosos, espertando o orgulho dos conterraneos. A Imprensa assignala a febre dos melhoramentos. A Camara Municipal aformoseia a cidade, abaulando caprichosamente as ruas, concertando sargetas, construindo boeiros, plantando arvores, iniciando os trabalhos de um grande, formoso jardim. Por coincidencia, o dr. Jardim de Azevedo toma posse da Delegacia. Ao mesmo tempo, a iniciativa particular cogita de uma Escola Maternal, nomeando logo um Conselho Provisorio, a cuja testa se colloca Francisco Martins. A rapaziada triumpha. O *Janota*, que Juca Tigre considera arrebatadamente a «Alma da Franca» e do qual diz Luiz de Lima, em uma «Apanhada», que é o uni-

co jornal francano de idéas verdadeiramente originaes, penetra bizarramente em sua mais bella phase, attrahindo todas as attenções, levantando uma popularidade ainda não vista na imprensa do planalto. A pretexto de festejar os candidatos eleitos em seus concursos momentosos, promove palpitantes brinquedos, alegres noitadas, onde fulguram as graças da mocidade feminina. Estimula, ao mesmo tempo, o gosto literario dos jovens estreantes, publica os versos do poeta goyano Hygino Rodrigues ; e, quando este incorrigivel bohemio falece, ao cabo de extravagancias, o chronista Maneco Mandiroba leva a effeito uma subscripção popular destinada á erigir um mausoléo que perpetue a memoria do infortunado vate. E é fama que não houve em Franca uma só bolsa que negasse o seu obulo para execução da piedosa idéa.

O anno de 1908 não destôa dos anteriores quanto ao movimento associativo e quanto ao progresso material. A população diverte-se nos sports, no theatro, nos pique-niques graciosos, nos certamens artisticos da Estudantina Francana, e, com mais ruido, na commemoração das grandes datas nacionaes. O Cinema continúa a invasão. Monsenhor Miguel Martins realiza conferencias religiosas. Funda-se uma grande sociedade recreativa. A imprensa commenta a lei do sorteio militar, acolhida esta favoravelmente por uma parte da juventude, cujo enthusiasmo engendra, num instante, como nas magicas, uma garbosa, brilhante Linha de Tiro. Outra parte, no emtanto, cheia de verve, não quer tomar a serio o alistamento. O insubordinado *Janota* estampa um regulamento humoristico sobre a invicta «Guarda Francana». Mandiroba escreve uma longa despedida á Franca do Imperador «por ter de seguir para o serviço» da Guarda e da Guerra ; e Aleixo Capivara, affectando uma jocosa indignação revolucionaria, declara-se, n'um grande manifesto, solidario com «trez mil francanas gentis, *que não se conformavam em ficar para tias* e, fremente, bravamente as instiga á rebellião, para que invadam o Paço da Camara Municipal, ahi prendam, arrastem para fóra o Presidente e os Membros do Sorteio Militar e solennemente os enforquem na Praça 15 de Novembro. Publicam-se novos orgãos de imprensa: *A Voz do Povo*, de Francisco e Olyntho Coelho, *O Orvalho*, de Dulcenira Coelho. *A Cidade* e a *Tribuna* continuam denodadamente a pugnar por melhoramentos locaes. Mas, em verdade, é o «Janota» que domina e empolga, em sua segunda phase, a vida francana de 1908. Uma pleiade buliçosa de moços, encapotados sob variados pseudonymos (Mandiroba, Leopardo, Poly-Nivrite, Scapin, Fox, Val Freitas, Juca Tigre, Leonce do Val, D'Algo Aleixo Capivara, Daguerre, K-Listo, D. Diniz, Malius, Norma de Engaddi, Valete de Ouros, e outros muitos) attesta a vivacidade prazenteira das intelligencias na continuação de suas chroniquetas e de suas «Apanhadas», onde o riso independente recorre com frequencia ao engenho de alegres disparates. Um collaborador declara que tem vontade, ás vezes,

subir ao pinaculo da torre da Matriz Nova munido de umas azas, e «despencar de lá, a ver se vôa...» Apresentando o programma de uma grande manifestação de apreço a um collaborador do «Janota», que regressará pelo trem da noite, Aleixo Capivara annuncia que, «para maior brilhantismo da recepção, as moças irão pintadas de verde e os rapazes de roxo, com excepção do Arnulpho, orador officioso, o qual, para differençar, vestirá um rico saiote bordado a macarrão e levará na cabeça uma grinalda de queiojs do Araxá; que, «ao apitar do trem, haverá um *delirium tremens* geral, vivas, morras, tiros, musica, fogos, bordoadas e narigadas e que o illustre manifestado, guindado para um andor, será adorado e carregado por quatro praças até o largo da Cadeia, onde se queimará um lindo monte de capim secco...» Por contrapeso, a «Cidade» e a «Tribuna» escrevem ponderados artigos de fundo e bonitas chronicas em que examinam as necessidades e os acontecimentos locaes, a vida artistica, a vida sportiva, a administração municipal, os relevantes serviços prestados pelo ex-Prefeito dr. Carrão, a nomeação do novo Prefeito, coronel Martiniano de Andrade, a visita de dois Secretarios de Estado, mais a dos Indios Bororós. Ao mesmo tempo, fazem justiça ao merito, proclamando as habilidades do francano José Pires, (coberto de louros em Uberaba, com as suas photographias animadas), elogiando o dr. Domingos Chaves, que exercera durante 6 annos o cargo de Promotor Publico, saudando o dr. Alberto de Azevedo, que o substituira em outubro, e salientando, finalmente, os esforços do intelligente e operoso padre Luiz Conrado, que, na administração das obras da Matriz nova, revela tenacidade e energias ao ponto de ser apontado pela «Cidade» como um «digno continuador da personalidade benemerita de Monsenhor Rosa».

Em 1909, inaugura-se o rapido desta cidade a Araguary; o jornalista B. reenceta a publicação das interessantes Noticulas; funda-se a União Operaria Beneficente; installa-se a terceira canalização d'agua, a «Garcia»; representa-se com successo no Santa Clara o drama «A Suprema Justiça», de Francisco Cunha; Zimbilica inicia na «Cidade da Franca» as suas excellentes ephemerides, reportando-se á imprensa francana desde 1882; inaugura-se o correcto Jardim do largo da Matriz; a Associação dos Empregados do Commercio realiza uma deslumbrante Kermesse; d. Alberto Gonçalves, Bispo de Ribeirão Preto, visita o planalto, e a morte arrebata impiedosamente quatro personalidades que prestaram á Franca inolvidaveis e relevantes serviços: Francisco de Lima, o correcto funccionario, major Claudiano, varão munificente, companheiro de Monsenhor Rosa, na fundação do Collegio N. S. de Lourdes, Simão Calleiro, o commerciante estimado, Alvaro Abranches, o francano genuino que muito illustrou, que muito amou e acoroçoou a vida jornalistica em sua terra natal.

Em 1910, apparece a Franca absorvida pelas emoções do grande pleito presidencial. Organiza-se uma demonstração de apreço ao coronel Francisco Martins e ao dr. Julio Cardoso; publica-se o grande Codigo Municipal, de 944 artigos; funda-se um grupo Dramatico; o Cinema triumpha com tres esforçados empresarios: José Pires, José Procopio e Alexandre Dau, este ultimo do mimoso e malogrado Bijou que as chammas, dois annos depois, inclementes iriam devorar; aprecia-se com interesse o cometa Halley, festeja-se alacremente o successo da briosa Linha de Tiro de Franca na parada famosa de 7 de setembro, no Rio de Janeiro. Removido da Franca por decreto de 24 de agosto, segue o dr. Manuel Polycarpo a 5 de setembro para Mogy-mirim, tendo recebido, antes de partir, eloquente demonstração de apreço do fôro, de seus amigos e da imprensa, que proclama a sua admiravel correcção na administração da justiça, durante 14 annos de judicatura na comarca. Afim de substitul-o, é removido das montanhas da Mantiqueira para os cimos do planalto francano, onde chega a 18 de outubro do mesmo anno, o autor deste Esboço.

Os periodos decorridos de 1911 e 1912 são por demais recentes para que delles se faça uma historia. E' todavia conveniente assignalar que o Progresso não affrouxou o seu grande passo, e que a fundação de uma Fabrica de Phosphoros; a installação do Banco de Custeio Rural; a inauguração do Cinema Santa Maria; a assignatura do contracto entre o Executivo Municipal e o provecto engenheiro dr. Gonçalves para o estabelecimento de uma rêde de exgottos no valor de 600 contos de réis; o contracto com a empresa de Electricidade para o novo e amplo fornecimento de força e luz; a fundação do Rink Francano; e, sobretudo a febre ardente dos automoveis (que, em numero de quasi duas dezenas, recortam lepidamente as ruas da Cidade, lançando em torno o cheiro activo da gazolina e o aviso continuo dos seus *fonfons* — attestam por certo, de maneira eloquente, a realidade e a continuidade da iniciativa individual, e que bem razão assistia ao enthusiastico, bondoso e prestantissimo Sabino Loureiro, quando lançava em 1906 a sua idéa sobre a «Franca desposada pelo Futuro», completando por essa fórma o optimismo antigo do bravo Capitão Hippolito, quando augurava, ha mais de um seculo, para a terra do Capim Mimoso a posição invejavel de «Segundo Paraiso da Capitania». Certo é que o Francano adora com tão merecido ardor o seu planalto, que parece confiar, e com razão, na realização das conjecturas propheticas do antigo Capitão-mór e do moderno e nobre Professor.

X

Não cabe nas paginas de um simples almanach (já o deixei dito) o que da bella Franca se pode informar e des-

crever. Um livro seria bem preciso para referir por miudo as suas condições de prosperidade, os elementos conservadores de sua vida economica, as garantias de sua grandeza futura. Uma adestrada penna patriotica poderia, então, affirmar a realidade dos sentimentos piedosos de uma população, que ha muitos annos alimenta, protege e conforta os enfermos e os indigentes nos aposentos de uma Santa Casa e de um Asylo, depois de tenazes, perseverantes esforços, donde a cordura das mulheres francanas transparece em manifestações radiosas da mais solicita benemerencia. Diria tambem o dignificante espectaculo de uma tolerancia pelas convicções alheias, numa vida social e religiosa em que se não degladiam e, pelo contrario, se amam e se abraçam catholicos, protestantes, maçons, socialistas e espiritistas, unidos todos pelo mesmo sentimento superior de fraternidade. E demonstraria que o catholico francano é bem um catholico fervoroso, que não se vexa (e antes se regosija) de dobrar os dois joelhos, de resar o seu Manual devoto, de bater nos peitos e de ajudar a entoar do melhor modo possivel, ás vezes esganiçadamente, o «Bemdicto Louvado Seja» do final das missas domingueiras. E informaria igualmente que o protestante não faz mysterio de seus protestos, que o maçon não occulta a estima pela sua Loja, o socialista a sua admiração estridente pela Belen Sárraga, o espiritista o seu enthusiasmo por José Arimathéa, o venerando Protector...; que, em summa, um respeito mutuo conserva cada qual socegado em sua esphera de acção, e que em França, bem ao contrario do que sóe occorrer nos meios affastados do littoral, cada individuo ou cada grupo de sectarios, em materia de convicções religiosas (e até mesmo de convicções politicas!) vigia unicamente a sua propria seara, e jamais se importa com os pertences e opiniões dos outros. Diria depois a genese da instrucção publica na Franca, o seu progressivo desenvolvimento até a lisonjeira situação presente, em que o excellente Grupo Escolar, o exemplarissimo Collegio Nossa Senhora de Lourdes, o Externato dos Irmãos Maristas, o Externato São José e as multiplas Escolas mantidas patrioticamente pelos Cofres da Camara Municipal, — asseguram o ensino primario e secundario a uma legião esperta de duas mil creanças: ao mesmo tempo que, devido á providente resolução dos paes, uma pleiade vivissima de moços francanos vae buscar ao Rio de Janeiro e á Capital paulista a superior instrucção e as regalias de um diploma scientifico. O historiador minucioso algo então diria, na lista dos genuinos francanos que além colheram louros de uma applicação intelligente, sobre os nomes de Simpliciano da Rocha Pombo, de Tullio Campos, de Alberto Azevedo, de Claudio Stockler de Lima, de Jovino Faria, de Joaquim Diniz, de Cezario Martins Ferreira, de José Lima, de Manoel Nicacio, de Antonio Nascimento, de Lamartine Ferreira Alves, de Augusto Castro, de Cicero Castro, de Cryso-

gono de Castro Junior, de Waldomiro Calleiro, de Caetano Petraglia, de Melchiades Vilhena, este ultimo bacharelando de 1912. E diria ainda a prosperidade e a riqueza mantidas pela solicitude patriotica da prestante Edilidade, pelo esforço confiante dos industriaes, pela tenacidade attenta dos agricultores, pela firmeza e credito dos fortes commerciantes e capitalistas da praça, homens da estatura viril de dr. Antunes, de dr. Gusmão, de Crysogono, de Hygino, de André Martins e de tantos outros honrados propulsionadores do progresso economico do municipio. Noutra ordem de informações, para decantar as energias inexgottaveis da Franca, tambem diria as excellencias de sua sociabilidade, o conforto material da cidade, a densidade da população, a vida de seus Clubs, o enthusiasmo dos *habitués* dos Cinemas, a belleza dos grandes largos arborizadados, o abaulamento das grandes ruas parallelas, o vistoso aspecto de seus jardins. Com homenageante verdade, poderia referir, então, que é precisamente em um desses bonitos espaços encanteiradas que, nos domingos, á noite, segundo gracioso habito introduzido pela mocidade no proprio dia da inauguração ruidosa, em 1901, passeiam as elegantes francanas, bem trajadas, bem penteadas e esbeltas, em torno do quadrilatero e do Coreto, ouvindo a boa musica, palestrando, caminhando ridentes, de vagar e altivas, nesse porte erecto que lhes è peculiar e que já um observador sagaz descobriu resultar da amenidade salutar do clima, que dilata e favorece os pulmões e o busto, e da planura suave das ruas e das praças, que facilita e conserva, sem constrangimento, a correcta verticabilidade da espinha. Diria, ainda mais, passando em revista os elementos intellectuaes da sociedade francana, que uma cidade enriquecida por um passado jornalistico de 57 orgãos de publicidade (numero em verdade assombroso para uma localidade remota das fronteiras paulistas) e contendo no seio, uma phalange distincta e intelligente de letrados, bem póde gabar-se de ser havida triumphalmente como uma das mais cultas cidades da inegualavel e gloriosa terra dos Bandeirantes. E, diria finalmente, o historiador imparcial que é por tudo o que esta cidade possue de bom e de duravel: sua tradição historica, sua belleza, sua riqueza, a gentileza e a elegancia de sua mocidade feminina, o brilho de seus intellectuaes, é por tudo isso que os jovens francanos amam a Franca luminosa com vehemencia, com vermelho enthusiasmo, não por certo levados por idéas de um bairrismo fôfo, que os amesquinharia, mas pelo desejo grande e sincero de vel-a prosperar, vel-a enobrecida e respeitada entre as suas irmãs da terra paulista. Quem percorre os jornaes francanos editados desde os primeiros albores da imprensa no planalto, encontra, a cada momento, a chamma dos mais rubros adjectivos ligados ao nome da nobre cidade, lembrando a comburente energia de labaredas que envolvem o disco solar. As expressões «*minha Franca*»,

«a nossa Franca», *«a nossa rica e idolatrada Franca»*, *«a nossa gloriosa Franca»*, — são frequentes nos labios ou na penna de todo o joven ausente por curto tempo embora de sua cidade. E' fama que Alberto de Azevedo, quando residia na Paulicéa, toda a vez que se o interpellava sobre o lugar de seu nascimento, arrastava fortemente es rrr para exclamar com enfunada emphase: «Eu sou frr...ancano!» E, quando assim dizia, arcava para traz a cabeça, numa *pose* guerreira sómente comparavel ao do Legionario antigo, que, nos confins do Imperio dos Cezares, em meio das populações barbaras, collocava a mão espalmada sobre a couraça do largo peito para affirmar, com bravo orgulho, a sua qualidade preservadora de cidadão romano.

E tinha razão o grande e inolvidavel Alberto. Ha nesta terra de Franca (assim o affirmam os velhos moradores, cheios de experiencia) alguma cousa impalpavel e mysteriosa que liga para sempre ao seu destino e á sua existencia não já sómente a alma dos nativos habitantes, mas a de todos os «intrantes», na phrase antiga do honesto e digno Capitão Hippolito. E a prova de que tambem os «intrantes» não escapam a essa attracção deleitavel e irresistivel, ahi a deixo eu na boa vontade com que procurei levantar o lindo véo que encobre o Passado e os Costumes da nobre Cidade, estimulando outras pennas, que, bem mais aparadas e bem informadas, melhor possam escrever, e com minucias, a historia deste Povo excellente, e referir, pelo aprofundado estudo de sua vida economica e da sua vida social, as condições infalliveis de sua maior prosperidade futura, de sua riqueza, de seu brilhante e incontestavel progresso.

DISCURSO DE POSSE

PELO

Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay

Socio effectivo do Instituto

DISCURSO DE POSSE

Meus senhores e illustres consocios:

A' amizade do sr. dr. Alfredo de Toledo, á benevolencia e generosidade de todos vós, devo uma distincção que sobremaneira me desvanece e honra, e dá-me o ensejo de vos dirigir algumas pallidas phrases de agradecimento.

Dentre os mais elevados titulos de associação scientifica de que nos devemos orgulhar no Brazil, figuram certamente os diplomas do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, em magno destaque; recente ainda é a aggremiação, mas já enorme labor accumulou; assim o attestam os volumes da sua «Revista», pejados de memorias da maior valia e estudos os mais diversos, assignados por uma serie de nomes illustres destacados da pleiade dos melhores historiographos brazileiros contemporaneos.

Uma das mais nobres feições do Instituto é a traducção exacta de um forte aspecto da terra paulista: a generosa, a magnifica hospitalidade offerecida a todos os brazileiros, o acolhimento fraterno aos forasteiros que vêm collaborar na obra do engrandecimento da patria brazileira, no Estado de S. Paulo, admiravel demonstração dos mais elevados sentimentos de solidariedade humana.

Assim é que, longe de se restringir aos limites do vasto campo de estudos constituido pelas pesquizas da historia local e a celebração das glorias paulistas, sempre se preoccupou o Instituto com as questões nacionaes, dedicando aos assumptos brazileiros tanta attenção quanto aos regionaes.

E' que o inspira a tradição: assim tambem nunca São Paulo coube dentro das suas fronteiras.

Eram os paulistas um punhado de homens ainda e, como que suffocados num ambito que tinha dimensões para abrigar qualquer nação européa, já procuravam devassar os mysterios do continente sul-americano.

A linha subtil dos demarcadores de Tordesilhas comprimia-os de encontro ao oceano, e elles, movidos por mysteriosa força, empolgados pela visão do grande imperio portuguez, que um dia vinha occupar quasi metade da America do Sul, começaram desde os primeiros annos vicentinos a perseguir o meridiano hespanhol, rechassando-o constantemente para o Oeste, para as selvas impenetraveis do centro.

Eil-os, pois, durante mais de dois seculos a acossar o grande marco geographico castelhano, obrigando-o a fugir da cadeia maritima ao coração da bacia amazonica, do littoral

de S. Vicente ás margens do Madeira, um retrocesso de dois mil kilometros.

Debalde resistem os leões de Castella; começam por abrigar-se atráz do invio sertão curytibano, lançam-nos os paulistas para além Paraná; logo depois já não os cobre mais grande caudal. Os descedores de indios do seculo XVII, agora transformados em garimpeiros de ouro, incançaveis e invenciveis, forçam os animaes heraldicos a refugiar-se, impotentes e exasperados, á margem direita do Paraguay.

Os ferozes guaycurús e payagus não conseguem deter os terriveis homens vestidos de couro, e assim, no primeiro quartel de seculo 18, o districto cuyabano e o amago do continente se annexou ao imperio das quinas.

Para os lados do sul, egualmente, abandonava o hespanhol enormes tratos de terras patrimoniaes, recebidas a fé dos tratados, legalizadas por successivos actos do bullario, ante a investida das bandeiras.

Eram ellas os factores do arredondamento imprescindivel do Brazil meridional, eram ellas a corrigir o erro dos descobridores e povoadores quinhentistas, que haviam aberto mão do estuario platino, a nossa fronteira natural, a annexar a área immensa hoje distribuida pelos nossos tres Estados do Sul.

Tambem, que imperio magnifico essa capitania de São Paulo, com mais de tres milhões e quinhentos mil kilometros quadrados, de onde mais tarde deviam surgir sete circumscripções da Confederação Brazileira, algumas dellas maiores do que o territorio de dois e tres dos mais poderosos Estados da Europa central!

A immensa fronteira que se desenrola da barra do Chuy á confluencia do Beni e do Mamoré, é quasi exclusivamente, póde-se dizer sem receio de exaggerar, obra das bandeiras paulistas; tão fundamente se implantou o nosso paiz na America do Sul; graças a ellas que o exame da carta do continente nos dá a impressão de que o Brazil impelle para as vagas do Pacifico as republicas andinas.

Ao par desta obra titanica da dilatação e da conquista, quanta demonstração de solidariedade portugueza e nacional deram as populações paulistas em todos os grandes transes da nossa historia, desde o soccorro dos vicentinos a Estacio de Sá, para a repulsa do francez até aos nossos dias!?

E' o terço de Luiz e Valentim Pedroso a levar aos pernambucanos poderoso auxilio, no momento mais angustioso das luctas contra os batavos, os contingentes de Estevam Ribeiro, Baião Parente, Domingos Jorge Velho, Mathias Cardoso, Domingos Jorge, a subjugar os Palmares, a debellar as grandes revoltas de indigenas, nos sertões da Bahia, do Piauhy, do Ceará, unicos agentes efficientes de que podiam lançar mão os governadores e a corôa.

«E' o Brazil immenso e soberbo, vaso de alabastro que Portugal entregou aos brazileiros, sem que nelle houvesse

vestigio da mais ligeira fenda», disse o visconde de S. Leopoldo numa formosa comparação.

Grande parte, enorme parte de tal perfeição de factura e de conservação, cabia a S. Paulo, em 1822; dahi para os nossos dias extrenuo defensor dessa integridade do gigantesco Brazil, que tanto é a sua obra.

Serviços de toda a especie prestou á communhão brazileira, offerecendo o sangue de seus filhos nos campos de batalha, da Banda Oriental e do Paraguay, apontando ás demais circumscripções nacionaes o caminho do progresso, pesando com o seu criterio, ponderação e espirito pratico, no sentido da sã politica, fugindo ás instigações do nativismo obscurantista, a aceitar generosamente o avultado encargo da magna quota com que concorre para os cofres nacionaes, a espalhar por todo o paiz a seiva do seu ouro.

Guarda e reflexo de tão gloriosas tradições, timbra o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, repetimol-o, em ser um centro da cultura, onde o amor á historia paulista se afere pelo apego ao estudo dos problemas da historia do Brazil.

Foi este espirito alevantado, de tão largos traços, que vos incute, meus senhores, tanta indulgencia e generosidade, ao fazerdes a escolha de um novo consocio, a quem faltam os predicados para ser recebido na illustre agremiação que constituis.

Recebestes a indicação dictada ao dr. Alfredo de Toledo pela amizade, com demasiada benevolencia.

A este nosso preclaro e benemerito consocio deve o Instituto tantos e tantos serviços, da maior monta e tão diversos, que lhe não quizestes discutir a proposta a mim referente.

Tal é a psychologia da minha admissão ao Instituto Historico e Geographico de São Paulo.

Summamente honrado e, sobretudo, grato á unanime investidura que me foi conferida, exprimo a todos os meus novos e illustres consocios os meus mais sinceros agradecimentos.

Obrigado, senhores! »

(*As ultimas palavras do orador provocaram uma salva de palmas*).

RESENHA HISTORICA

DO MUNICIPIO DE

São Pedro do Piracicaba

PELO

DR. JUNIO SOARES CAIUBY

Socio correspondente do Instituto

RESENHA HISTORICA

DO MUNICIPIO DE

São Pedro do Piracicaba

Em 1856, quando Piracicaba foi elevada á cidade, egualmente foi creada a capella de São Pedro, que então não passava de um bairro sertanejo, aos lados do Picadão, que era o caminho de Brotas, São Carlos, Araraquara, Dois Corregos, Jahú e outras ricas zonas do Oeste paulista, para onde de preferencia affluiam os lavradores de café.

Encostada á serra de Itaquiry, de cujas culminancias se avistam todo o valle do Piracicaba e Tieté, as montanhas de Botucatú e um extenso horizonte, a perder-se pelo sul do Estado, a nossa primitiva capella era o pouso obrigado de todos os viajantes, que nella encontravam um clima delicioso, uma população hospitaleira e as saudaveis diversões da caça e pesca, de que ainda é bastante fertil o pittoresco valle do Piracicaba, que comprime o municipio entre o rio e a serra, numa extensão de quatorze leguas até a confluencia do Tieté, já no municipio de Dois Corregos.

Os mais antigos moradores eram oriundos de Itú, Piracicaba (1) e do Sul de Minas, notando-se entre elles a nobre familia de Joaquim Teixeira de Barros, falecido em 1897, com 106 annos de edade, que abriu a fazenda Pinheiros, hoje pertencente ao sr. Ignacio Silveira Moraes, ficando seus numerosos filhos e parentes occupando as melhores situações, desde a Xarqueada, nas divisas de Piracicaba, até a Serreta, nas divisas de Brotas e Dois Corregos.

O capitão Affonso, pae dos srs. Manoel Morato do Canto, Affonso Gentil de Andrade e d. Clementina Teixeira, foi tambem o tronco de numerosa familia, que hoje avulta no municipio.

O capitão Verissimo Prado (2) que adquiriu a fazenda Bufete, hoje Santa Julia, de propriedade do coronel João Baptista de Oliveira, foi egualmente um dos mais antigos

---

(1) Tambem de Rio-Claro, Capivary, Mogy-Mirim, Itaquiry, Botucatú e outras.

(2) Verissimo da Silva Prado, cujo retrato orna o salão da Camara, irmão da illustre senhora, d. Veridiana Prado.

moradores, venerando-se ainda presentemente o seu nome, como um dos mais dedicados amigos da nascente povoação.

São ainda lembrados os nomes de Antonio Teixeira de Barros que abriu diversas lavouras; Antonio Teixeira de Escobar, este anno falecido, que construiu a primeira egreja e alinhou as ruas da cidade; Joaquim Pedroso de Queiroz, casado com d. Gabriela Maria de Jesus, que mantinha um antiquissimo hotel e construira muitas casas, que ainda agora se encontram no largo da Matriz; Antonio Gonçalves Ribeiro, rico proprietario do sitio Araquá, e muitos outros.

Vivem ainda alguns dos moradores antigos, que vão passando aos novos habitantes as tradições da localidade (1).

Em 1864 (2) foi São Pedro do Piracicaba elevada á freguezia, sendo nomeado inspector de quarteirão o sr. Luiz Teixeira de Barros, que ainda vive, em sua importante fazenda de São Carlos do Pinhal.

Em 1881 foi elevada á villa ao mesmo tempo em que Santa Maria, já capella desde 1879, era elevada á freguezia.

O seu primeiro escrivão de paz chamava-se Maximo de Paula Marques, succedendo-lhe Custodio de tal, João Ribeiro de Almeida, Thiago Augusto Teixeira de Barros, José Teixeira de Góes, João Candido de Moraes, Joaquim Matheus da Silva Paes e José Alexandrino de Oliveira, actualmente proprietario do cartorio.

Em 1857, quando veio o bispo d. Antonio Joaquim de Mello, de gloriosa memoria, em viagem pastoral e, ao mesmo tempo, em visita aos seus parentes, Barros e Teixeiras, era vigario de São Pedro, si não falham as tradições, o padre Orelli, italiano, irmão de Emygdio Votta que foi um dos primeiros logistas (3) do logar.

Desde então começaram a entrar italianos em São Pedro attrahidos pela benignidade do clima, desenvolvendo-se muito depois a immigração de sorte a ser hoje São Pedro um dos trinta municipios principaes no Estado pelo incremento do concurso estrangeiro (4).

Os italianos, principalmente, encontram aqui todas as facilidades, existindo muitas familias estabelecidas na lavoura e outras na cidade, entregues ao commercio, sendo prova da intensa vitalidade da prospera colonia o importante edificio que a sociedade italiana «Mutuo Soccorso» está construindo no largo da Camara.

---

(1) O primitivo *posseiro* das terras de São Pedro foi um tal Floriano, cuja biographia, quem desejar conhecer poderá ouvil-a ainda do Pereira Velho e do Baptista Gonçalves.

(2) Itaquiry, districto da comarca de Rio-Claro, capella em 1839 e freguezia em 1856, é mais antiga. Contemporaneamente, Brotas foi á freguezia em 1846 Dois Corregos em 1865, Jahú em 1846, Botucatú em 1846, Remedios (Anhemby) em 1866.

Estas e outras datas encontraram-se na — «Organização Judiciaria» — do snr dr. Brazilio Machado.

(3) Negociantes de fazendas e armarinho.

(4) Consta de um artigo do dr. Amandio Sobral no «Correio Paulistano»

Em 1890 foi São Pedro elevado a termo judiciario, annexo á comarca de Piracicaba, tendo exercido o cargo de Juiz Municipal, entre outros, os cidadãos Malachias Rogerio de Salles Guerra, Manoel Francisco Rodrigues Junior, José Merwerth e Fortunato Puglia, este negociante, que ha tempos se retirou para a Italia, bastante rico (1).

Em 1892 foi elevada á comarca, em virtude da lei n.º 80, de 25 de agosto, sendo installada pelo dr. João Baptista Pinto de Toledo, que, quatro annos depois, foi removido para a 2.ª vara da comarca de Campinas, donde sahiu este anno para a Capital. Veio substituilo o dr. José Pedro de Castro, que daqui passou-se para Brotas e ultimamente para Agudos, onde se acha. O primeiro juiz de direito é natural de Itú e o segundo de Mogy-Mirim.

A 15 de Dezembro de 1897 foi nomeado para aqui o o actual juiz de direito dr. Junio Soares Caiuby, natural de Campinas e genro do finado dr. Francisco da Costa Carvalho, que fôra o primeiro juiz de direito da comarca de Piracicaba, no tempo em que S. Pedro era simples capella (2).

Os promotores publicos têm sido o dr. Joaquim Martins Fontes da Silva, depois juiz de direito de Araraquara, actualmente advogado em Tieté, ; o dr. Antonio Augusto Malheiros, depois removido para Descalvado, onde faleceu ; o dr. Amazonas Pinto (3) ; o dr. Lafayette Rodrigues de Assis Valle, actualmente advogado em Piracaia; os drs. Jorge Militão de Souza Aymberé e Henrique Capellano, advogados na capital ; o dr. José Ferreira da Silva ; (4) — e finalmente o dr. Heculano Ribeiro, ex-juiz substituto de Campanha, no Estado de Minas, que para aqui veio em 1900, sendo, presidente do Estado o dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.

Creada a policia de carreira, pela lei de 23 de dezembro de 1905, veio em março do anno seguinte o primeiro delegado formado, dr. José Corrêa Borges, que daqui sahiu para Socorro e Botucatú, sendo substituido por seu irmão dr. Francisco Corrêa Borges, actualmente delegado em Faxina.

Seguiu-se o dr. Manoel de Azevedo Castro, removido de Bebedouro, exercendo aqui o cargo quasi dois annos (5) Depois o dr. Phidias de Barros Monteiro, removido de Ribeirão

---

(1) Outros italianos têm feito fortuna em São Pedro, aqui occupando cargos de policia, camara juiz de paz e diretorio

(2) Referencia nimiamente pessoal, que mantenho por verdade dos factos, notando que esta publicação era para as columnas de um jornal, sem assignatura. Nada obstante, vejo hoje com prazer o nome saudoso de meu sogro ligado a historia de S. Pedro, pois fôra elle quem me designára esta comarca, quando foi a minha vez de passar de promotor.

(3) O dr. Amazonas Pinto chegou a juiz de direito, mas não continuou a carreira.

(4) O dr. José Ferreira da Silva advoga em Piracicaba, onde é vereador e já foi delegado de policia.

Houve mais um promotor, que permutára com o dr. Ferreira, indo para Tieté, ou São Roque : creio que era o dr. Antonio da Rosa Moraes.

(5) O dr. Azevedo Castro é hoje jornalista na Capital. Teve uma administracão atarefada ; mas introduziu melhorameutos na cadéa, estimulou s sociedades beneficentes e recreativas, bem como a instrucção publica.

Bonito, não chegando a tomar posse, actualmente em Arêas; e por ultimo o dr. Joaquim Gonçalves Batalha, removido de Ubatuba, a cuja circumscripção pertencia a Colonia Correccional na Ilha dos Porcos.

Em 1882 chegou a estrada de ferro a Xarqueada, distante 21 kilometros desta cidade, divisa de Piracicaba, onde se formou a prospera povoação que é actualmente districto policial. Em 1894 o ramal de Itaicy foi prolongado até S. Pedro, que dista de Piracicaba 60 kilometros, de Jundiahy 194, de S. Paulo 254 (via Jundiahy e 302 via Mayrink), de Santos 320. (1)

Por estradas de rodagem, temos communicações com Piracicaba em um percurso de 6 leguas, Xarqueada 3, Rio Claro 7, Brotas 6, Torrinha 5, Dois Corregos 12, Anhemby (ou Remedios) — 9, (2) Botucatú 15, São Monoel 12 e Limeira 10 leguas.

Santa Maria (3) que faz parte do municipio, nas divisas de Dois Corregos e Remedios, fica apenas a 25 kilometros desta cidade, com uma excellente estrada de rodagem, menos os trechos denominados Inferno e Inferninho, na fazenda Rosario, juntos a um queixo da serra. (4)

A navegação fluvial do Piracicaba, ainda existente, transporta mercadorias e café entre os portos João Alfredo, Rosario, Villa Maria e Porto Martins, devendo mais tarde ser inteiramente abandonada, (5) quando a Sorocabana levar os seus trilhos de S. Pedro a S. Maria e dalli a Porto Martins e Torrinha, como aspiram os moradores desta zona cada vez mais progressista.

---

(1) Veja-se o mappa inglez, de 1903.

(2) Por Santa Maria; em recta, 7 leguas, se tantas.

(3) E' parochia, hoje annexada á de S. Pedro, nas divisas dos tres novos bispados — Campinas, São Carlos e Botucatú.

Villa pacifica, com uns vinte quarteirões, bem alinhados e no esquadro, a margem do Ribeirão Bonito, com ruas largas bem tratadas, casas, de construcção commum, limpas e arejadas.

A um raio de legua e meia, vê-se a orla da serra em semicirculo, com cafesáes nas fraldas e tombadores, bem tratados, sobresahindo os seiscentos mil cafeeires do coronel Bento Lacerda Filho, que a Paulista attrahiu para Torrinha.

O rio Piracicaba fica-lhe a uma legua, com excellentes portos, pouco visitados pelos vaporzinhos da Sorocabana. Porto Martins, no rio Tieté, acima da confluencia do Piracicaba, dista de Santa Maria quatro leguas.

O systema de sub-prefeituras, consolidado pela lei da reforma municipal, era alli adoptado, ha muitos annos, por concessão da camara e approvação do honrado senador Moraes Barros. Com uma renda de 7:000$000, a sub-prefeitura construiu o cemiterio novo, collocou sargetas nas ruas; mantém duas escolas, a illuminação, a limpeza publica, o fiscal, o procurador; e trata de construir um edificio para cadêa, quartel, repartições municipaes, e cartorio de paz e policia.

Santa Maria tem correio diario, ligado a São Pedro; possue excellentes terras, bôas aguas, clima excepcional, bom commercio, bôa lavoura e de tudo. Logo que tiver a estrada de ferro, ha de se tornar uma das cidades melhores e mais prosperas desta linha.

(4) Conviria mudar-se a estrada, dous ou tres kilometros longe da serra tirando-se uma recta do Campestre ao Morro Vermelho, ainda que augmentasse a distancia.

(5) Abandonada, a bem dizer, já está! Resta a Sorocabana, para não prescrever o previlegio de zona, iniciar a construcção da linha ferrea.

O municipio, sob o regimem benefico da lei n. 16 de 13 de novembro de 1891, (1) assegurando a autonomia municipal, baze da organização da Republica, só então começou a desenvolver-se, despertando-se o patriotismo dos habitantes e desenvolvendo-se-lhes o interesse pelos negocios municipaes.

Dahi para cá o progresso, bem que vagaroso, tem sido ininterrupto.

A Camara Munibipal, ao passo que tratava de melhorar as ruas, collocando sargetas e passeios, exigindo a construcção de muros e boa conservação dos predios, construindo o matadouro e cemiterio, sob todas as cautelas hygienicas, não se descuidava egualmente da boa conservação das estradas e do desenvolvimento da instrucção publica, que é a suprema garantia da existencia para o povo brazileiro, na concurrencia de elementos que affluem de todas as partes de globo.

O Brazil está sendo colonizado ha cerca de quatrocentos annos, mas a população tem definhado e desapparecido por falta de instrucção, (2) que só illumina as intelligencias, conduzindo o homem atravez de todas as difficuldades da vida.

A ignorancia é a cegueira, a miseria e a morte, que observamos desde o Amazonas ao Prata, em todo o vasto territorio deste bello paiz,

Misero Quevedo (3) quanto menos digno de lastima é o vosso infortunio, ao lado do desamparo e nudez dessas populações que ahi vegetam sob pobres palhoças, olhando indifferentes o pavilhão auri-verde da nossa terra natal ?!

Em 1897, no dia 31 de dezembro, inaugurou-se o Jardim Publico, levado á conclusão por iniciativa particular, em frente á bella Matriz, (4) que foi inaugurada solemnemente no dia 29 de junho de 1898, sendo governador do bispado o conego Ezechias Galvão da Fontoura, que para recebel-a veio aqui especialmente.

O edificio da Camara Municipal (5), onde egualmente funcciona o jury da comarca, foi tambem inaugurado nesse memoravel anno de 1898.

---

(1) Esta lei está revogada pela de n. 1,038 de 19 de dezembro de 1906, por sua vez modificada pela de n. 1.103 de 26 de novembro de 1907.

(2) Os primitivos colonizadores e capitães móres só tratavam de se enriquecer, deixando os naturaes do paiz na maior penuria. Os governos, presentemente, destinam o melhor de suas rendas para a instrucção publica, comquanto a sua acção não tenha ainda chegado a todos os pontos da Republica.

(3) O lendario martyr de Sarapuhy faleceu, tres mezes depois, no Hospicio de Juquery.

(4) A matriz foi construida por uma planta, consta que do dr. Ramos de Azevedo, pelo empreiteiro Carlos Francisco Dias, já falecido, auxiliado por bons operarios. Alguns a acham pequena, parecendo-lhes que a commodidade foi sacrificada á belleza da architectura. Por Deus, não a modifiquem mãos profanas em arte! Quando houver dinheiro, faça-se outra, em outro logar, maior e melhor.

(5) Em 1898 o jury era em uma sala particular, na casa que hoje é do sr. Cornelio Frota. O edificio, que havia no tempo do dr. Pinto de Toledo, desabára em consequencia de um formigueiro. A actual cadêa só tem accommodação para prisões e destacamento.

Em 1902 foi inaugurada a nova cadeia no Largo Municipal.

Em 1906 tivemos a canalização da agua, um dos mais grandiosos emprehendimentos da actual geração, devida principalmente aos cidadãos João Baptista de Oliveira, Benedicto Rosa de Lima e Costa e Joaquim Teixeira de Toledo, que facilitou o ultimo pagamento do respectivo contracto. (1).

A agua aproveitada para o abastecimento da cidade é a melhor possivel. Nasce no alto da serra, sendo captada a uns quatro kilometros do reservatorio, em uma floresta da fazenda dos herdeiros do finado coronel Antonio da Silveira Castro.

A agua é abundantissima, prestando-se para os usos domesticos e sobrando ainda para a réga dos jardins, hortas, pomares e extincção dos formigueiros. (2)

A Camara Municipal poz á disposição do governo um bello terreno para a construcção do Grupo Escolar de São Pedro, (3) afim de nelle serem accommodadas as oito escolas publicas, que aqui funccionam isoladamente.

Mantém a Camara egualmente escolas municipaes, sendo uma no bairro do Kerozene, outra no alto da serra e a terceira em Santa Maria, (4) subsidiando, além disso, a escola de primeiras letras da dedicada professora particular, d. Paulina Nunes de Moraes, que é o nosso «Jardim da infancia», na phrase caracteristica do dr. Azevedo Castro, ex-delegado.

O digno prefeito, coronel Lima e Costa, estuda presentemente os meios de levar avante a construcção do Mercado, installação da luz electrica, exgottos, etc.

Com estes melhoramentos, São Pedro, que é a séde de um municipio extenso, cuja pessima conformação topographica tem sido um empecilho ao seu desenvolvimento, alimentando quatro ou cinco povoações, (5) com prejudicial dispersão de suas forças locaes, vai se tornando o centro de attracção de todos os moradores e, certamente, entrará definitivamente no caminho do progresso.

---

(1) Lembro tambem os nomes do coronel Julio Cesar, de Itatiba, que acoroçoou a idéa; do empreiteiro, Rogerio Cesar de Andrade; do engenheiro, dr. Francisco de Paula Felicissimo; dos srs. Leonidas Moreira e Francisco Sampaio Moreira. A camara assumiu um grande compromisso, mas não superior ás forças do municipio, cujas rendas tendem a desenvolver-se. O povo, que por emquanto paga Rs. *2$500*, de impostos, por cabeça de habitantes, bemdiz, com sinceridade, o serviço da agua.

(2) Os moradores, por meio de bambús, canalizam a agua para hortas, formigueiros, etc., deixando-a correr o dia e a noute. Como a agua é abundante e a taxa é por torneiras, tolera-se.

(3) Vi a planta do grupo com o dr. Eduardo Kiehl, engenheiro das Obras Publicas. Acredita-se que o dr Candido Rodrigues, actual Secretario das O. P , mandará construil-o, brevemente.

(4) Outra foi creada no bairro da *Graminha*, onde está a nova capella de Santo Antonio, devida á iniciativa do sr. Lourenço Leme da Silveira.

(5) Os nossos municipes frequentam, indifferentemente, Xarqueada, São Pedro, Piracicaba, Santa Maria, Torrinha e Brotas. Com o tempo, as subidas da serra hão de ser melhoradas.

Resta-nos dizer alguma coisa sobre a população do municipio, assim como do seu commercio.

O municipio tem uma população calculada em quinze mil almas, sendo dez mil no districto de São Pedro e cinco mil no districto de Santa Maria.

Deste numero, devemos consignar seis mil italianos em São Pedro e dois mil em Santa Maria, sendo, pois, a proporção entre nacionaes e estrangeiros de oito mil para sete mil habitantes.

Entre nacionaes e estrangeiros, existe, assim, um perfeito equilibrio, e todos vivem na melhor harmonia, não havendo entre nós questão de nacionalidades.

O municipio, que conta 225 estabelecimentos agricolas e pastoris, conforme a ultima estatistica, (1) com seus 5 milhões de caféeiros, suas 12 mil cabeças de gado, com seus 20 mil alqueires de terras lavradas, (2) produzindo 5 milhões de litros de milho, 900 mil litros de arroz, 300 mil litros de feijão, 50 mil litros de aguardente, 300 mil arrobas de café, assucar, fumo, vinhos, toucinho, queijo, mandioca e até borracha (3) — tem logar para mais 15 ou 20 mil habitantes em condições de prosperarem todos folgadamente. (4)

O clima se presta para isso excepcionalmente. Póde ser comparado aos melhores da Italia e, entre nós, só encontra parallelo com os de Botucatú, Franca e Campos Novos.

Isto dizem os proprios estrangeiros, (5) que não escondem as suas preferencias pela nossa futurosa cidade.

Quanto ás terras, ha de tudo, desde a arenosa até a massapé. Nas fraldas da serra, então, a fertilidade é grandiosa, nada tendo este municipio a invejar aos sertões ultimamente explorados e entregues ao trabalho da civilização.

Deixaram em abandono este municipio por alguns annos, porque as terras estavam occupadas e havia outras, no Oeste, mais proprias e mais faceis para a lavoura de café; mas, o facto é que S. Pedro caminha e não ha crises que o façam estacionar.

Estamos entre os 50 pricipaes productores de café, dentre 172 municipios do Estado, conforme as melhores estatisti-

---

(1) Estatistica de 1907, ordenada pelo dr. Carlos Botelho e organizada pelo professor Antonio José de Castro Jobim, com dados fornecidos pela Camara, procurados pessoalmente e soccorrendo-se da estatistica de 1898, organizada pelos srs. Manoel Francisco Rodrigues Junior, Joaquim Norberto de Toledo, João Baptista da Cruz Leite, Antonio da Silveira Castro e dr. Alfredo Teixeira.

(2) São Pedro regula 6×5 leguas, ou 30 leguas quadradas, que são 54.000 alqueires; Santa Maria, 3×3, ou 9 leguas quadradas, que são 16.0.0 alqueires. Todo o municipio, 70.000 alqueires.

(3) A borracha de maniçoba foi preparada em 1904 pelo falecido Felisberto José Cardoso, que enviou amostras para S. Paulo. Outros fizeram plantações, sem resultado.

(4) As industrias constam de fabricas de beneficiar café e arroz, engenhos de assucar e aguardente, serrarias, fabricas de macarrão e cerveja, olarias, moinhos, etc.

(5) O padre dr. João Alberto Stupenengo, entre outros, era desse parecêr.

cas; (1) entre os dez primeiros pela diversidade das culturas e industrias, o que é essencial no periodo que atravessamos (2)

Para esse resultado muito concorreram os antigos moradores, já nomeados, e outros que vieram depois, podendo-se citar ainda os Mendes, os Pereiras, os Godoys, os Lacerdas, os Gomes, os Oliveiras, os Penteados, os Camargos, os Amaraes, os Cardosos, os Azevedos, os Prados, os Alves, os Frotas, os Lemes, os Sampaios, os Moratos, os Baltieri, os Franzinis, os Pesosottis e tantos outros que aqui estão labutando para deixar um porvir mais risonho aos proprios filhos.

Vem a proposito notar que a mocidade de S. Pedro, que é a melhor promessa de progresso para esta terra, tem dado mostras de sua intelligencia, fornecendo pessoal para o professorado publico, para o commercio, para o jornalismo, para o clero (3) e até para as bellas letras, nas quaes manifestou-se ultimamente, de uma maneira ruidosa, o jovem poeta do *Ementario*—Gustavo Teixeira nascido e educado aqui, a um canto da serra, no sitio de seu velho pai, o sr. Francisco de Paula e Silva, que se orgulha, egualmente de ter outros filhos, tambem intelligentes e estudiosos. (4)

Passemos, agora, para terminar ao nosso commercio.

Facil é calcular o commercio que póde ter uma cidade do interior do Estado, que se foi formando aos poucos ao lado de uma estrada, hoje abandonada; no fim de uma linha ferrea, que até ha pouco tempo era um verdadeiro trambolho, que foi prolongando-se aos poucos e por interminaveis voltas e curvas; um municipio que viu os seus vitaes elementos dispersos por outras vias de communicação, qual a Paulista, que cerceou a sua expansão forçando-o a ter só um horizonte: Piracicaba, a Noiva da Collina, que egualmente lamenta o seu *interior* reduzido, interceptadas as suas antigas relações com Botucatú, S. Manoel, Lençóes, Jahú, e todo o antigo sertão de rio abaixo.

Tocar em tal assumpto é para pedir que nos acudam, que nos abram novos horizontes, que nos tirem deste becco sem sahida, que prolonguem a linha de S. Pedro (5) para

---

(1) Artigo do dr. A. Sobral.

(2) A variedade de culturas, introduzida racionalmente e com toda a simplicidade, trará remedio para tantas crises, q ıe atravessamos. O lavrador mineiro tem de tudo um pouco, e, do pouco vive remediado, quando não chega a fazer fortuna

(3) Lembro monsenhor Virgilio Morato, vigario da Consolação; os drs. Luiz, José e Joaquim Teixeira; o dr. José Puglia; os professores Lauro Teixeira, Joaquim Osorio de Azevedo, Olympio de Carvalho, Avelino Teixeira, Manoel Nazario; Malachias Guerra; Sebastião Cosme Pedroso; d.d. Maria Luiza Guerra, Maria Augusta Moraes: e outros, de familias de S. Pedro.

(4) O commercio a retalho foi durante algum tempo monopolio dos italianos. Hoje, temos os syrios, com 13 lojas e armazens em São Pedro e 2 em Santa Maria. que fazem uma justa concurrencia, melhorando as condições da vida.

Os syrios foram visitados no dia 6 de novembro pelo Consul Imperial, Fuad Bey Mouzaffer, aqui recebido festivamente.

(5) O dr. Theodoro Sampaio lembrou para esta localidade o nome indigena—*Itarecê*, fronteiro á pedra, que é a serra. Para Santa Maria, teriamos —*Itaiàba*, cercado de serras.

qualquer parte, para Torrinha, Santa Maria ou Porto Martins, para Morro Pellado (Itirapyna) para Rio Claro, para onde quizerem; mas prolongue-se, porque Piracicaba e Capivary tambem querem e precisam os prolongamentos, para salvação do seu commercio, para a sahida de suas prodigiosas industrias, para o resfolego de seus habitantes, para a confraternização dos povos de toda esta zona importantissima.

E' isso entretanto uma aspiração talvez irrealizavel deante dos interesses contradictorios das companhias de estradas de ferro, perante o mutismo insondavel dos capitalistas retrahidos, sob a vigilancia de um governo, que tem tantas cousas em que cuidar, (1) vendo-se cercado de todos os lados pelos nonádas exhaurientes da politica.

Mas a missão dos que empunham a penna é de abrir novos horizontes para o progresso do Estado, intimamente ligado ao interesse dos municipios e ao bem estar do povo.

Fazendo a resenha historica deste municipio, sem outras preoccupações que as de servir melhor ao meio em que vivemos, (2) cumprimos um dever externando francamente o nosso juizo, e podemos assim encerrar estas pallidas linhas, consignando os nossos votos pelo progresso do municipio de S. Pedro e dos municipios visinhos, cuja amizade e cooperação egualmente desejamos, para o bem geral, para o engrandecimento do nosso Estado de S. Paulo e para a prosperidade de todo o Brazil.

S. Pedro, 1908.

---

(1) O governo quer, mas não o deixam!
(2) Não me sentia com forças para tanto; mas, é bem certo que—o homem põe e Deus dispõe!

Jornaes e Jornalistas

POR

ANTONIO EGYDIO MARTINS

Socio effectivo do Instituto

Jornaes e jornalistas

A 7 de fevereiro de 1827 sahiu o *Pharol Paulistano*, primeiro jornal que se publicou em S. Paulo, tendo sido seu fundador o dr. José da Costa Carvalho, depois barão e marquez de Monte-Alegre, que foi, nos primeiros tempos do referido jornal, auxiliado por Antonio Mariano de Azevedo Marques (*Mestrinho*), como collaborador, e, na parte material, por Manoel Francisco da Costa Silveira, depois official guarda-livros da Faculdade de Direito desta capital.

Depois de fundado o referido *Pharol Paulistano*, collaboraram no mesmo jornal, que era de pequeno formato e de quatro paginas com duas columnas cada uma pagina, o dr. Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro, depois senador do imperio e director da Faculdade de Direito de S. Paulo; padre dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, depois conselheiro, lente e director da mesma Faculdade; padre dr. Vicente Pires da Motta, depois conselheiro, lente e director da mesma Faculdade, e o celebre Manoel Odorico Mendes, emquanto esteve nesta cidade, durante uma excursão que fez á antiga provincia de S. Paulo.

O conselheiro dr. João da Silva Carrão, que, depois de formado, exerceu os cargos de lente da Faculdade de Direito, ministro, presidente da antiga provincia de S. Paulo, deputado provincial e geral e senador do imperio por S. Paulo, e falecido, a 4 de junho de 1888, na cidade do Rio de Janeiro, tambem collaborou, quando estudante, no *Pharol Paulistano*.

Em 1829 começou a sahir, nesta capital, o segundo e pequeno jornal *O Observador Constitucional*, impresso na typographia do *Pharol Paulistano* e de propriedade do subdito italiano dr. João Baptista Libero Badaró, que foi assassinado a 20 de novembro de 1830, havendo sido, no dia 24 de novembro de 1889, trasladados, da egreja da Veneravel Ordem Terceira de N. S. do Carmo para o cemiterio da Consolação, os restos mortaes daquelle medico, que, antes de expirar, exclamou: «*Morre um homem livre, mas fica a liberdade.*»

Em 1831, sob a redacção do dr. José Manoel da Fonseca (depois senador do imperio por S. Paulo e falecido a 10 de março de 1871), começou a ser publicado, nesta capital, o *Novo Pharol Paulistano*, impresso na typographia de

Manoel Francisco da Costa Silveira, que trabalhou, como compositor e paginador, na typographia onde se imprimia o *Pharol Paulistano,* do qual foi tambem, por algum tempo, redactor o dr. Antonio Manoel de Campos Mello, natural de Porto-Feliz e falecido no Rio de Janeiro, a 31 de agosto de 1878.

Em 1832 se publicava, duas vezes por semana, em pequeno formato, nesta capital, o jornal *Correio Paulistano,* impresso na typographia do *Pharol Paulistano,* sendo proprietario do mesmo jornal, que pouco tempo durou, o commerciante José Gomes Segurado, falecido a 31 de julho de 1852, e que, naquella época, era estabelecido com loja de fazendas na rua Direita, e era tio e sogro do tenente-coronel Joaquim Roberto de Azevedo Marques, que a 26 de junho de 1854 fundou o actual *Correio Paulistano,* do qual foi seu primeiro redactor-chefe o dr. Pedro Taques de Almeida Alvim, falecido a 1.° de fevereiro de 1870, sendo que o mesmo commerciante José Gomes Segurado foi sepultado na antiga egreja da Misericordia. que existiu no largo do mesmo nome.

Pela lei provincial n. 1, de 9 de março de 1835, foi o Governo autorizado a despender o que fosse necessario para a redacção, impressão e distribuição de uma folha diaria em que fossem trancriptos todos os seus actos que não exigissem segredo, sendo esta disposição revogada pela lei n. 30, de 31 de março de 1838, que deu autorização ao Governo para arrematar a typographia, uma vez que o prazo do arrendamento não excedesse ao tempo do contracto que para a impressão das instrucções, regulamentos e actos do governo e da Assembléa Provincial foi autorizado a celebrar.

Em virtude do que dispunha a lei n. 1, de 9 de março de 1835, foi fundado, em abril do mesmo anno, o pequeno jornal *O Paulista Official* (1), que era publicado ás quintas-feiras e sabbados, funccionando a typographia que pertenceu ao dr. José da Costa Carvalho, depois marquez de Monte-Alegre e foi adquirida pelo Governo Provincial pela quantia de 2:250$000, no antigo Palacio do mesmo Governo, sendo o dr. Emygdio Antonio da Silva, no mesmo anno de 1835, nomeado administrador da referida typographia, na qual se imprimia o mesmo jornal, que, mais tarde, passou a denominar-se — *O Governista,* fundado em 1842.

Em 1846 a typographia de Francisco José da Silva Sobral, na qual se imprimia o mesmo *Governista,* funccionava no antigo Palacio do Governo, passando, nesse mesmo anno, a denominar-se o referido estabelecimento typographia do *Censor,* cujo primeiro numero sahiu a 15 de abril

---

(1) O *Paulista Official* n. 180 de 26 de março de 1836, publicou o seguinte: «*Annuncio* — As cedulas de 100$000 rs. furtadas d'esta Thesouraria de S. Paulo são de Ns. 754, 757, 758, 759, 784, 785, 788, 812, 815, 823, 829, 830, 831, 833, assignadas por José Manoel de França, e Bernardo José Pinto Gavião Peixoto. Ninguem as deverá acceitar, visto que ellas serão aprehendidas, onde se acharem.»

de 1845, sendo toda a correspondencia, communicados e reclamações dirigidos ao dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, filho do cirurgião-mór Joaquim Antonio Pinto e que, em 1838, recebeu, na Faculdade de Direito desta capital, o grau de bacharel e o de doutor em 1839.

Pela lei n. 15, de 27 de fevereiro de 1847, foi o Governo Provincial autorizado a contractar uma folha official e a mandar fazer a impressão dos balanços, orçamentos e mappas que deviam ser presentes á Assembléa Legislativa Provincial, com o que poderia despender até a quantia de quatro contos.

O coronel Joaquim Floriano de Toledo, que desempenhou, por algum tempo, o cargo de inspector da typographia do Governo, foi, pelo marechal Manoel da Fonseca Lima e Silva, presidente da provincia de S. Paulo, encarregado, em abril de 1847, de montar de novo a typographia do Governo, a qual, por muito tempo, esteve arrendada, afim de ficar em estado de executar os trabalhos designados na lei provincial n. 15, de 27 de fevereiro de 1847.

A 2 de maio de 1840 é distribuido, na capital, o primeiro numero do *Solitario*, impresso, em duas columnas, na typographia de Silva Sobral.

A 6 de outubro de 1840 é publicado, na capital, o primeiro numero d'*O Escandalizado*.

A 31 de agosto de 1841 apparece, nesta capital, impresso na typographia de Costa Silveira, á rua de S. Gonçalo, depois do Imperador e hoje rua Marechal Deodoro, o pequeno jornal mordaz e satyrico — *O Escorpião*.

O jornal governista — *Americano*, redigido pelo conselheiro dr. Joaquim Ignacio Ramalho, depois barão de Ramalho, e falecido a 15 de agosto de 1902, começou a ser publicado em 1844.

Em 1851 publicava-se, nesta capital, um pequeno jornal, com o nome de — *O Clarim Saquarema*, impresso na typographia da viuva Sobral, a qual, naquella época, funccionava na rua do Imperador, hoje Marechal Deodoro, n. 1, estando embaixo do titulo do referido jornal, os seguintes dizeres : — *Viva o Imperador ! Viva a Constituição !*

A 5 de outubro de 1851 sahiu o primeiro numero da *Aurora Paulistana*, folha politica, industrial e literaria e impressa na typographia pertencente á viuva e filhos de Francisco José da Silva Sobral, e que funccionava na rua das Sete Casas, depois da Caixa d'Agua e hoje rua Barão de Paranapiacaba.

A 16 de outubro de 1852 é publicado, na capital, o primeiro numero d'*O Compilador Paulistano*, impresso na typographia do Governo, arrendada por Antonio Louzada Antunes.

A 7 de maio de 1853 é publicado, na capital, o primeiro numero do jornal — *O Constitucional*, impresso na typographia *2 de Dezembro*, de Antonio Louzada Antunes.

No dia 1.º de agosto de 1853 foi distribuido, nesta ca-

pital, o primeiro numero do periodico — *Independente*, cujo programma era defender as idéas conservadoras.

A 30 de abril de 1856 apparece, na capital, o primeiro numero, primeira série, d'*O Guayaná*, jornal scientifico, politico e literario, redigido por academicos e impresso na typographia *2 de Dezembro*, de Antonio Louzada Antunes.

No dia 30 de março de 1857 appareceu, na capital, o primeiro numero do periodico scientifico, critico e literario — *O Academico do Sul*, sendo seu redactor Daniel Dias Ribeiro de Almeida.

A 23 de fevereiro de 1858 apparece, na capital, o primeiro numero d'*O Talião*, periodico de reprezalias, tendo por divisa — *Dente por dente, olho por olho!*

Este jornal publicava-se quando era preciso *arrancar algum dente ou furar algum olho* e era impresso na typographia d'*A Lei*, estabelecida á rua de traz da Cadêa, depois da Assembléa e hoje rua Rodrigo Silva.

Na madrugada de 17 de maio de 1859 foi arrombada, a porta de entrada da casa onde funccionava a typographia *Dous de Dezembro*, na qual se imprimia o periodico *Publicador Paulistano*, cujo primeiro numero sahiu a 25 de julho de 1857.

Os autores dessa violencia, penetrando no interior do estabelecimento, damnificaram tudo o que encontraram, reduzindo a cinzas o papel em branco e impresso, os utensilios de madeira e diversas obras. Desmontaram o prélo, cujas peças principaes roubaram, bem como grande quantidade de typos, pretendendo, ao retirar-se, incendiar o predio, o que teriam conseguido, si não fossem as chammas do papel, que haviam incendiado em um quarto, abafadas pela grande porção de madeira que puzeram sobre o mesmo papel com o fim de dar intensidade ao incendio.

O proprietario da typographia e seus empregados não tiveram conhecimento do facto senão ás 9 horas da manhan, quando, voltando ao serviço, acharam a porta aberta e os vestigios dos estragos,havendo mesmo o proprietario presumido, na execução do delicto, a acção de mais de quatro pessôas, segundo a força de que dependia a deslocação da peça principal do prélo e a conducção de caixas de typos, declarando que eram muitas as pessôas que se julgavam maltratadas pelo mesmo periodico *Publicador Paulistano*, e por isso não podia ter juizo algum determinado, assim como nenhum dado a suggerir á policia para a descoberta do culpado ou culpados, havendo a mesma policia procedido ao competente exame e, apezar das deligencias, então empregadas, não conseguiu saber quem foi o agente criminoso.

A typographia *Dous de Dezembro* pertenceu ao capitão Antonio Louzada Antunes, falecido a 27 de fevereiro de 1870, e funccionava no antigo predio terreo de dois lances da rua das Flôres n. 60, sendo que o attentado praticado naquelle estabelecimento foi por occasião da ida (na manhã

de 17 de maio de 1859) da Matriz do Braz para a respectiva freguezia, da veneranda e milagrosa imagem de N. S. da Penha, que tinha vindo em 1858, quando se manifestou nesta capital (abril a julho) e em outras localidades da antiga Provincia, a terrivel epidemia da variola, que fez succumbir muita gente, havendo sido debellado esse flagello, graças ás acertadas providencias tomados pelo desembargador Bernardo Avelino Gavião Peixoto, então chefe de policia, que foi auxiliado pelo senador José Joaquim Fernandes Torres, presidente da Provincia.

Durante a mesma epidemia, a cidade de S. Paulo ficou quasi que deserta, pois as solemnidades da Semana Santa, realizadas em 1858 na egreja da Sé Cathedral, foram assistidas por diminuto numero de fieis, tal foi o pavor que causou a mesma epidemia no seio da população paulista.

A 7 de abril de 1860 appareceu, na capital, o primeiro numero do *Kaleidoscopio*, oram do Instituto Academico Paulistano, que foi fundado em 1858, sendo escolhido para seu presidente o conselheiro padre dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, então director da Faculdade de Direito.

No dia 5 de maio de 1860 apparece, na capital, o primeiro numero do pequeno jornal politico, literario e artistico, intitulado — *O Tymbira*, redigido por alguns academicos.

A 24 de julho de 1860 é publicado, na capital, o pequeno jornal — *O Vetante*, impresso na typographia de Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

No antigo predio terreo de um lance da rua Nova de S. José, actualmente rua Libero Badaró, n. 47, onde hoje existe o sobrado de n. 16-A, em que funccionava a typographia de propriedade da firma Azevedo & Irmão, foi fundado, a 26 de junho de 1854 o *Correio Paulistano*, pertencente ao tenente-coronel Joaquim Roberto de Azevedo Marques, que foi o primeiro typographo paulista que administrou officina typographica em S. Paulo.

Joaquim Roberto de Azevedo Marques, falecido a 25 de setembro de 1892, e seus irmãos Manoel Eufrasio de Azevedo Marques Sobrinho, falecido a 20 de fevereiro de 1878, e Roberto Maria de Azevedo Marques, falecido a 23 de junho de 1888, aprenderam a arte typographica na typographia onde se publicava o *Novo Pharol Paulistano*, do qual foi redactor o senador José Manoel da Fonseca, e pertencente a Manoel Francisco da Costa Silveira, falecido a 21 de novembro de 1865 e que, por espaço de 12 annos, exerceu, com muita dedicação e intelligencia, o cargo de secretario da Secretaria da Instrucção Publica, que foi em 1896 extincta, tendo sido seu ultimo director o dr. Arthur Cezar Guimarães.

A typographia, onde se imprimiu o primeiro numero do *Correio Paulistano*, foi, com o concurso de amigos, adquirida por Joaquim Roberto de Azevedo Marques, tendo os seus irmãos Manoel Eufrasio de Azevedo Marques Sobrinho e

Roberto Maria de Azevedo Marques, coadjuvado bastante nos primeiros annos, ao fundador do *Correio*, que era tambem irmão do dr. José Candido de Azevedo Marques, falecido a 12 de abril de 1890.

Apezar dos esforços que empregámos, não nos foi possivel saber ao certo qual dos tres irmãos daquelle distinto e estimado paulista é que fez parte da empreza como proprietario, suppondo-se, entretanto, que tivesse sido Manoel Eufrasio Sobrinho, que naquella época desempenhava o cargo de ajudante do chefe do Archivo da antiga Secretaria do Governo.

Transferindo o proprietario do *Correio* a sua residencia da rua Nova de S. José, hoje Libero Badaró, para a grande casa de sobrado da rua do Ouvidor, hoje José Bonifacio, n. 46, onde se levantam os predios de sobrados ns. 12, 12-A e 12-B, estabeleceu ahi as officinas no pavimento terreo, augmentando-a conforme se vê de um annuncio que aqui transcrevemos, extrahido do *Almanak Paulistano*, organizado e redigido por Marques & Irmão, e publicado em 1857, o qual é o seguinte:

«*Typographia Imparcial de Joaquim Roberto de Azevedo Marques. — Rua do Ouvidor n. 46.* — O maior e mais bem montado estabelecimento typographico que possue a capital, nelle publicam-se os seguintes jornaes:

Correio Paulistano, duas vezes por semana, e diario durante a sessão d'assembléa provincial; assigna-se para a Capital, por anno, 8$ rs., por semestre 4$ rs., para o Interior, por anno 10$ rs., por seis mezes 5$.

União dos Circulos, duas vezes por semana, assigna-se na rua Direita, casa do commendador Manoel Antonio Bittencourt. Capital por anno 6$ rs., por seis mezes 3$ rs. Interior por anno 7$, por seis mezes 4$.

Ypiranga, uma vez por semana, assigna-se na Capital por anno 8$, seis mezes 4$. Interior por anno 9$, por seis mezes 4$500.

Revista Mensal, do Ensaio Philosophico Paulistano.

Arcadia Paulistana, mensalmente. E mais obras avulsas.

Pessoal da Officina. — *Administrador*, Roberto Maria de Azevedo Marques. *Compositores*: — Antonio José Pereira, Pedro Manoel da Cunha, José Antonio Rodrigues de Vasconcellos, José Rodrigues de Barros, Francisco Antonio da Cunha, Benedicto Antonio de Oliveira, José Maria Pereira Lisboa, Joaquim Ignacio das Dôres, José Leandro de Toledo, José Agostinho da Conceição Barros, José Maria Rôa, Guilherme Zapp, Manoel Joaquim de Azevedo Marques e Joaquim Ignacio Leandro de Toledo. *Impressores*: — Antonio Pedro da Silva e Joaquim José de Sant'Anna do Espirito-Santo. *Batedores*: — Fructuoso Joaquim de Andrade e João Francisco Rhormens. *Entregadores de periodicos*: — José Francisco de Jesus e José Constancio Lustosa.

E' possivel que, dentre os compositores e impressores que

figuram naquella lista, tivessem, alguns delles, trabalhado nos primeiros numeros do *Correio Paulistano*, e por isso é que para aqui trasladamos do referido Almanach a mesma lista.

No correr do anno de 1859 os compositores do *Correio* resolveram, por iniciativa do compositor Filippe José de Figueiredo, então empregado nas officinas daquelle jornal, fundar uma sociedade de beneficencia, cuja idéa foi tambem aceita por todos os membros da classe typographica desta capital.

Reconhecendo, porém, mais tarde, que, naquella época, a classe typographica, pelo seu diminuto numero, não podia manter a mesma sociedade, os seus fundadores acordaram, então, em convidar os membros das outras artes para fazerem tambem parte da nova sociedade, cuja fundação teve logar á 24 de julho de 1859, com a denominação de — *Sociedade Artistica Beneficente*, tendo sido eleito seu primeiro presidente o benemerito paulista Joaquim Roberto de Azevedo Marques, havendo, em principios de abril de 1882, alguns membros da corporação do mesmo *Correio*, deliberado restaurar a *Associação Typographica Paulistana de Soccorros Mutuos*, installada a 11 de junho de 1876, o que se realizou na sessão de assembléa geral, effectuada a 30 de abril de 1882, sendo eleito, nessa occasião, presidente da mesma sociedade o capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques, que, na noite de 18 de setembro de 1882, foi alvo de uma honrosa manifestação de apreço, promovida pela corporação typographica do *Correio*, tendo-se associado á mesma manifestação as corporações das diversas officinas typographicas desta cidade, sendo-lhe, nessa occasião, offerecidos : — Pela corporação do *Correio*, o seu retrato a oleo, ricamente emmoldurado ; pela da *Provincia de S. Paulo*, hoje *Estado*, um rico tinteiro de bronze ; pela do *Diario da Manhã*, uma caneta com penna de ouro, e pela da typographia Seckler, um *bouquet* de flôres artificiaes.

Nos primeiros tempos da existencia do *Correio*, foi elle impresso em prélo de páo e depois em prélo manual, os quaes eram movidos á mão, passando, em principios de 1863, a ser impresso em machina *Alauzet*, marca *A*, primeira que appareceu em S. Paulo. Essa machina, que era movida a braço, foi montada e inaugurada por Domingos da Cunha Pinheiro, que nella trabalhou por algum tempo, até que ficassem bem praticos os seus discipulos Joaquim José de Sant'Anna do Espirito-Santo e Nazareno Antonio de Oliveira e Silva, que foram os que o substituiram no mesmo trabalho, sendo que, naquella época, o mesmo Joaquim José de Sant'Anna do Espirito-Santo, falecido a 14 de março de 1876, era o melhor impressor desta capital.

Devido ao grande augmento que teve a impressão de obras avulsas, o proprietario da typographia do *Correio* estabeleceu nella, no correr do anno de 1863, uma officina de encadernação, cuja direcção confiou a José Augusto de Moura, já falecido.

O benemerito paulista Frederico Antonio de Alvarenga, falecido a 27 de março de 1896, e que era um habil compositor, exerceu por algum tempo o cargo de administrador das officinas do *Correio*, e depois, em 1868, o de director do Hospicio de Alienados, que foi inaugurado a 14 de maio de 1852.

Em maio de 1867, o *Correio* principiou a fazer merecida e forte opposição ao desembargador José Tavares Bastos, então presidente da Provincia, e, por causa disso, muito soffreram o pessoal typographico e demais empregados da empreza.

A perseguição, movida por aquelle presidente, chegou a ponto de fazer com que a folha, por falta de quem a compuzesse, deixasse de sahir ou então sahia só com duas paginas, sendo que quasi todos os empregados, com excepção dos que eram estrangeiros, foram : uns, recrutados, outros, que faziam parte da Guarda Nacional, designados para servirem na guarnição da capital e outros marcharam para a guerra do Paraguay.

Para vingar-se da opposição, que então lhe fazia o *Correio*, o desembargador José Tavares Bastos rescindiu o contracto que tinha com a empreza do referido jornal e fez, a 25 de julho de 1867, um outro com o dr. Candido José de Andrade, para este se encarregar a impressão e publicação de todos os actos e mais peças officiaes no jornal de sua propriedade — *O Ypiranga*, cuja typographia funccionava, naquelle tempo, na rua do Ouvidor, hoje José Bonifacio, havendo a Assembléa Provincial, pela lei n. 19, de 7 de julho de 1869, § 3.° do art. 34, autorizado o Governo, a titulo de indemnização ao mesmo proprietario do *Ypiranga*, que em fins de 1869 deixou sahir, a pagar-lhe a quantia de quatorze contos pela rescisão do mesmo contracto e pela lei n. 1, de 19 de fevereiro de 1870, foi revogada aquella disposição.

Em meiados de 1869 começou a machina — *Alauzet*, marca *A*, a ser movida a vapor, sendo a typographia do *Correio* a primeira que, nesta capital, adoptou este melhoramento.

Nos primeiros dias em que o vapor começou a funccionar, affluia á typographia do *Correio* grande numero de curiosos para vê-lo trabalhar.

Foi um verdadeiro successo em S. Paulo.

Em principios de 1882 Joaquim Roberto de Azevedo Marques transferiu a propriedade do *Correio* á *União Conservadora*, organizada a 18 de dezembro de 1881, passando o mesmo *Correio* a ser publicado, dahi em diante, ás segundas-feiras, suspendendo depois, por não haver dado nenhum resultado a sahida do referido jornal naquelles dias, a mesma aggremiação politica, produzindo esta sua resolução grande contentamento entre o pessoal typographico e demais empregados do *Correio*, os quaes a partir de 6 de agosto de 1883, começaram a gozar novamente do descanço dos domingos.

A 1.° de dezembro de 1889 Joaquim Roberto de Azevedo Marques, que então occupava o cargo de editor-gerente do *Correio*, foi injustamente dispensado pela empreza do

mesmo jornal daquelle cargo, mandando a Associação Typographica Paulistana de Soccorros Mutuos áquelle saudoso jornalista o seguinte officio :

« Associação Typographica Paulistana de Soccorros Mutuos. — S. Paulo, 19 de dezembro de 1889. — Illmo. Snr. — O Conselho Administrativo desta Associação, representado pelos abaixo assignados, tem a honra de communicar a V. S. que, em sua ultima sessão ordinaria, resolveu, unanimemente, que fosse inserido em sua acta um voto de profundo pezar pela retirada de V. S. do jornalismo paulistano, facto este que foi justamente deplorado pela imprensa.

« Esta Associação, grata aos assignalados serviços prestados a ella por V. S., não podia, de fórma alguma, deixar de manifestar o seu sentimento pela ausencia de V. S. na imprensa diaria desta capital, onde o seu talento, luzes e patriotismo, muito contribuiram para a grandeza e prosperidade deste Estado.

« Deus guarde a V. S. — Illmo. Snr. Capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques. —*Joaquim Francisco de Azevedo. — Severiano José Ramos. — José Romão Martins. — Antonio Egydio Martins. — Antonio Louzada Antunes. — Luiz Domingues de Oliveira. — Jayme Marcos Gonçalves dos Reis. — Theodoro Augusto d'Oliveira. — João Augusto Ribeiro de Souza. — João Baptista de Mesquita. — Francisco Pereira de Andrade. — Pedro Augusto de Oliveira. — Francisco de Paula Domingues. — José Pinto de Oliveira* ».

A 29 de maio de 1890, a typographia do *Correio Paulistano* e seus accessorios foram transferidos aos cidadãos dr. Domingos Corrêa de Moraes, Manoel Lopes de Oliveira e Victorino Gonçalves Carmillo, ficando a redacção politica a cargo do dr. Jorge Ludgero de Cerqueira Miranda, irmão do general Francisco Glycerio.

Na noite de 14, para 15 de dezembro de 1891, diversos populares, acompanhados de um contingente de praças da Força Publica do Estado, assaltaram e empastellaram a typographia do *Correio Paulistano*, cuja interrupção, apezar dos estragos causados na redacção e officinas, foi apenas de dois dias, visto que todo o material, por ser antigo, tinha de ser reformado.

O novo material, que estava guardado em um armario, ficou intacto, de modo que foi elle distribuido das caixas em um só dia, e appareceu o *Correio* no dia 16, causando este facto grande e justa admiração.

Devido ao espirito de colleguismo do commandante do referido contingente, que por algum tempo exerceu no interior do Estado a sua antiga profissão de typographo, não houve conflicto entre os assaltantes e os typographos e demais empregados do *Correio*, que foram intimados para, incontinenti, se retirarem, antes de se dar o assalto ás officinas, as quaes funccionavam, naquelle tempo, no antigo predio terreo, situado na rua Quinze de Novembro, esquina do becco do

Inferno, hoje travessa do Commercio, e onde, em novo predio, existe actualmente a typographia d'*A Platéa.*

Além do *Correio Paulistano*, Joaquim Roberto de Azevedo Marques fundou, em 1856, em Santos, o jornal intitulado — *O Commercio*, cuja administração confiou a seu irmão mais moço, Roberto Maria de Azevedo Marques, e na cidade de Campinas um outro com o titulo de *Gazeta de Campinas*, cujo primeiro numero sahiu a 31 de outubro de 1869, sendo redactor do referido jornal o dr. Francisco Quirino dos Santos, falecido a 6 de maio de 1886, e gerente o venerando decano dos jornalistas paulistas cidadão José Maria Lisbôa, director do *Diario Popular*, que appareceu, nesta capital, a 8 de novembro de 1884, havendo tambem, nos primeiros tempos da existencia deste conceituado jornal, prestado os seus bons serviços, na redacção, o dr. Americo de Campos, falecido a 21 de janeiro de 1900, e que desde 1866 até 1867 redigiu o jornal illustrado *O Cabrião* (1), e o cidadão Horacio de Carvalho, distinto e illustrado director do *Diario Official*, e o cidadão Hilario Pereira Magro Junior, como paginador do mesmo *Diario Popular*, sendo que o *Diario Official*, creado pelo decreto n. 162, de 28 de abril de 1891, se imprimiu nos primeiros tempos de sua existencia, na machina *Alauzet n. 623*, havendo sido tambem impressa na mesma machina a *Redempção*, orgam de propaganda abolicionista, e que sahiu a 2 de janeiro de 1887, e do qual foi principal redactor o inolvidavel e corajoso abolicionista dr. Antonio Bento de Souza e Castro, falecido a 8 de novembro de 1898.

---

(1) Com relação ao jornal illustrado denominado — *O Cabrião*, extrahimos do relatorio do dr. Daniel Accioly de Azevedo, chefe de policia da antiga provincia de S. Paulo, o seguinte trecho :

«A 7 de abril de 1867, á noite, no theatro de S. José, durante a representação de um drama, em virtude de censuras publicadas no jornal — *Cabrião* — prorompeu um grupo de individuos, de que fazia parte grande numero de estudantes, em invectivas contra alguns actores, e principalmente contra os redactores da dita folha. Advertidos, contiveram-se; ao sahirem, porém, do edificio do Theatro, e já quando todos se retiravam, dirigiram-se á rua do Rosario, e de lá á do Jogo da Bola, onde residia o bacharel Antonio Manuel dos Reis, um dos redactores do — *Cabrião* — com o fim de darem demonstração de desacato Prevenido o cunhado daquelle bacharel, José Juvita Corrêa do Lago, morador na mesma casa, sahiu-lhes ao encontro, armado de cacete e offendeu levemente a um dos do grupo.

«Avisado do que se passava compareci immediatamente ao logar do conflicto e fiz effectiva a prisão do delinquente, perseguido até sua casa pelo clamor publico. Submettido a processo nos termos da Lei, serenou completamente a desordem que não passou de um desses factos mui frequentes á mocidade ardente e susceptivel, sempre que se sente offendida em seus brios.

«A 10, depois do espectaculo que se deu no mesmo theatro, um grupo de mais de cem academicos que, com a multidão desciam as ruas do Imperador e do Rosario, foi aggredido nas proximidades da travessa da rua da Bôa-Vista, por homens mal trajados, na maior parte portuguezes de baixa condição, travando-se uma lucta, da qual resultou ficarem levemente feridos alguns individuos de parte a parte e gravemente o estudante Maximiano de Freitas Valente.

«Durante o conflicto foi disparado um tiro de revolver, por pessôa que se não descobriu, o qual a ninguem offendeu.

«Auxiliado pela força publica restabeleci a ordem, que não foi mais alterada e fiz prender os delinquentes, que foram submettidos a processo.»

O mesmo dr. Antonio Bento de Souza e Castro, em data de 4 de maio de 1888, retirou-se da redacção do jornal abolicionista — *A Redempção*, para formar outra folha com o titulo *A Liberdade*.

A respeito da sua retirada, sahiu a seguinte declaração, firmada por aquelle chefe abolicionista, na — *Secção Livre* da *Provincia de S. Paulo* n. 3929, de 5 de maio de 1888.

«A Redempção. — Retirei-me da redacção d'*A Redempção*, para formar uma outra folha com o titulo *A Liberdade*.

«Nunca auferi o mais insignificante lucro desse jornal.

«*A Liberdade* será uma continuação d'*A Redempção* com o mesmo estylo e os mesmos collaboradores.

«Será publicada na typographia dos srs. Elias, Pinto & C.ª, á rua do Imperador n. 21, que serão os proprietarios desse jornal, cujo primeiro numero apparecerá na quinta-feira, 10 do corrente mez.

S. Paulo, 4 de maio de 1888. — *Antonio Bento.*»

Em 1856, além da typographia do *Correio Paulistano*, existiam as seguintes:

Typographia *Dous de Dezembro*, de Antonio Louzada Antunes, estabelecida em uma sala do pavimento terreo do antigo Palacio do Governo e se imprimiam, na mesma typographia, os seguintes periodicos de associações academicas — *O Guayaná* — e *Ensaios Literarios*, expediente da secretaria do Governo e outras obras avulsas.

Typographia *Literaria*, arrendada por João do Espirito-Santo Cabral, rua do Ouvidor, canto da de S. Bento e se imprimiam na mesma diversas obras avulsas.

Em 1865 existiam, nesta capital, os seguintes estabelecimentos typographicos:

Typographia *Imparcial*, de J. R. de Azevedo Marques, rua da Imperatriz, hoje Quinze de Novembro n. 27, tendo hoje o novo predio o n. 32.

Typographia *Literaria*, de J. do E. S. Cabral, rua do Imperador, hoje Marechal Deodoro, esquina do becco dos Mosquitos, hoje travessa da Esperança, n. 31.

Typographia *Allemã*, de H. Schroeder, rua Direita n. 32.

Henrique Schroeder, natural da Allemanha e falecido a 12 de setembro de 1876, era habilissimo ourives-abridor e foi o primeiro proprietario do *Diario de S. Paulo*, orgam do antigo partido conservador e fundado a 1 de agosto de 1865, tendo sido seus redactores, nos primeiros tempos, os drs. Pedro Taques de Almeida Alvim, falecido a 1 de fevereiro de 1870, e Delfino Pinheiro de Ulhôa Cintra, falecido a 6 de abril de 1895 e irmão do dr. Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra (barão de Jaguara), que desde 11 de abril até 10 de junho de 1889 administrou, como seu presidente, a antiga provincia de S. Paulo e faleceu a 14 de agosto de 1895.

O mesmo *Diario de S. Paulo*, que tambem pertenceu ao coronel Paulo Delfino da Fonseca, falecido a 25 de outubro de 1884, augmentou o seu formato a 1 de junho de

1874, tendo sido o primeiro jornal que, em S. Paulo, adoptou esse melhoramento, havendo, nessa occasião, reformado todo o material typographico, assim como foi pelo respectivo proprietario augmentado o salario do pessoal empregado nas officinas, que, dahi em diante, passou a ganhar 800 réis por milheiro de quadratins.

Os diversos proprietarios das outras officinas typographicas que, naquella época, tambem pagavam aos seus empregados 700 réis, tiveram, por exigencia delles, de augmentar os seus salarios para 800 réis.

A typographia do *Diario de S. Paulo* era, naquelle tempo, a unica que possuia machina com capacidade para imprimir jornaes de grande formato, sendo, portanto, ella a primeira que veiu para S. Paulo.

Com a ascenção, a 5 de janeiro de 1878 do antigo partido liberal ao poder foi, pelo gabinete Sinimbú, nomeado o dr. João Baptista Pereira, presidente da provincia de S. Paulo, o qual, poucos mezes depois da sua posse, rescindiu o contracto para a publicação dos actos officiaes e debates da Assembléa Provincial, que era feita pelo *Diario*, ficando, por causa disso a empresa sem recursos para manter a folha e o proprietario della, coronel Paulo Delfino da Fonseca, resolveu, então, na manhã de segunda-feira, 19 de agosto de 1878, suspender os trabalhos que estavam sendo feitos nas officinas e dando, nos jornaes desta capital do dia seguinte, conhecimento ao publico e aos assignantes de que o *Diario de S. Paulo* havia suspendido temporariamente a sua publicação, sendo que a typographia, onde se imprimia o mesmo *Diario*, funccionava, naquelle tempo, no antigo predio de sobrado n. 21 da rua do Carmo, pertencente ao major Joaquim Antonio Dias, falecido a 23 de janeiro de 1901, e era genro do tenente-coronel Joaquim de Souza Guimarães Cananéa, falecido a 2 de abril de 1870.

Collaboraram no *Diario de S. Paulo* os seguintes cidadãos: — drs. Rodrigo Augusto da Silva, Manoel Antonio Duarte de Azevedo, José Maria de Avellar Brotero, Paulo Antonio do Valle, Joaquim José do Amaral, Joaquim Antonio Pinto Junior, João Mendes de Almeida, Antonio da Silva Prado, Francisco Antonio Dutra Rodrigues, José Maria Correia de Sá e Benevides, João Pereira Monteiro Junior, Paulo Egydio d'Oliveira Carvalho, Sebastião José Pereira, João Theodoro Xavier, Juvenal de Mello Carramanhos, José Luiz de Almeida Nogueira, Francisco Mendes Paiva, Ezequiel Freire e José Avelino do Amaral Gurgel, engenheiro dr. Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, José Felizardo Junior e Domingos José da Silva Azevedo.

Desempenharam, durante alguns annos, na typographia do *Diario de S. Paulo*, os seguintes cargos:

De revisores de provas typographicas, os capitães Antonio José Baptista Luné, falecido a 23 de maio de 1877; Christino Augusto da Fonseca, fallecido a 8 de Novembro de 1885, e de ajudantes dos mesmos, Guilherme Xavier de Toledo e João Be-

nedicto da Veiga Cabral, depois proprietario-gerente da *Gazeta do Povo* e falecido a 22 de agosto de 1903; de gerentes do *Diario*, Joaquim Octaviano dos Santos e José Placido da Graça, e de administradores das officinas do mesmo *Diario* o respeitavel compositor Victor Antonio. de Mello e João Baptista Paes os quaes tambem desempenharam o cargo de paginadores do referido jornal.

O material typographico, machina e o vapor que existiam na typographia do *Diario de S. Paulo* foram, depois de suspensa a sua publicação, mudados para a do *Correio Paulistano*, que, a 15 de novembro de 1878, começou a sahir em grande formato havendo, a 4 de julho de 1880, o mesmo *Correio* diminuido o seu formato, ficando, em tamanho, reduzido a metade do que era, lamentando a imprensa da época esse facto.

A 17 de setembro de 1864 appareceu, na capital, o primeiro numero do *Diabo Coxo*, impresso na typographia e lithographia *Allemã*, de Henrique Schroeder e vendido na livraria de M. da Cunha, á rua Direita.

A 31 de agosto de 1865 é, na capital, publicado o primeiro numero d'*O Paiz*, jornal politico e literario e impresso na typographia *Allemã*, pertencente a Henrique Schroeder.

Esse jornal, que era orgam do antigo partido conservador, fez violenta opposição á administração do conselheiro dr. João da Silva Carrão então presidente da antiga provincia de São Paulo.

A 7 de julho de 1868 apparece, na capital, o primeiro numero d'*O Academico*, jornal juridico, literario e noticioso, sob a redacção de L. de Carvalho e J. F. Diana.

A 29 de junho de 1869 apparece, na capital, o primeiro numero d'*A Borboleta*, jornal em pequeno formato, dedicado ao bello sexo.

A 1.º de agosto de 1869 appareceu, nesta capital, o primeiro numero do *Anhanguera*, sendo director e redactor do referido jornal *Satanaz* e o respectivo escriptorio funccionava o *Inferno*.

No dia 6 de junho de 1870 foi distribuido o primeiro numero do jornal — *Imprensa Academica*, sendo redactores principaes da mesma folha os academicos Francisco de Paula Rodrigues Alves e Affonso Augusto Moreira Penna, e que, no mesmo anno de 1870, receberam, na Faculdade de Direito de S. Paulo, o grau de bacharel; 2.º redactor, Nogueira da Gama; 1.º collaborador, Misael Penna; 2.º Benedicto Valladares; 3.º João Ludovice, e 4.º, Viriato de Medeiros.

No dia 14 de abril de 1871 foi publicado o primeiro numero d'*A Propaganda*, jornal semanario, politico e literario redigido por academicos e dedicado á defesa das idéas democraticas.

A 6 de maio de 1871 sahiu o primeiro numero do jornal — *O Constitucional*, orgam do Club Constitucional Academico.

Até fins de 1872 se publicavam na antiga provincia de São Paulo os seguintes periodicos :

Americano. — Emprezario, João Baptista de Mendonça. — Anno I. — Publica-se em Pindamonhangaba. — Folha democratica.

Areense. — Proprietario, Alferes João José de Araujo Faria. — Redactor, Bacharel Carlos Caetano de Abreu. — Anno IV. — Periodico literario, commercial, noticioso e imparcial. — Publica-se em Arêas, uma vez por semana.

Correio Paulistano. — Director da Redacção e proprietario, Joaquim Roberto de Azevedo Marques. — Anno XIX. — Publica-se na capital todos os dias, á excepção dos dias seguintes aos domingos e dias santificados.

Correio de Taubaté. — Editores, A. J. D. do Prado e F. M. Damasco. — Anno I. — Folha dedicada aos interesses da lavoura, commercio e industria. — Publica-se em Taubaté.

Diario de S. Paulo. — Proprietario, Paulo Delfino da Fonseca. — Anno VIII. — Folha que publica os actos officiaes. — Publica-se na Capital todos os dias, á excepção dos dias seguintes aos domingos e dias santificados.

Diario de Santos. — Redactor, Bacharel José Emilio Ribeiro de Campos. — Anno I. — Folha imparcial, commercial e noticiosa. — Publica-se em Santos.

Echo Bananalense. — Folha literaria, agricola, commercial e noticiosa. — Publica-se todos os sabbados, no Bananal.

Esperança. — Publica-se em Itú.

Gazeta de Campinas. — Redactor, Bacharel Francisco Quirino dos Santos. — Gerente, José Maria Lisboa. — Anno III. — Publica-se em Campinas.

Imprensa. — Director da Redacção e proprietario, José Ignacio da Gloria. — Anno III. — Publica-se em Santos, duas vezes por semana.

Lorenense. — Proprietario. — Manoel Antonio de Góes Moreira. — Anno I. — Folha imparcial, noticiosa e agricola. — Publica-se em Lorena.

Mosquito. — Proprietario, L. A. Pereira & Comp. — Anno I. — Publica-se em Arêas, ás quintas-feiras.

Parahyba. — Proprietario, Joaquim José da Costa Victoriano. — Anno IX. — Folha literaria industrial e noticiosa. — Publica-se em Guaratinguetá.

Pindamonhangabense. — Emprezario, Joaquim Silveira da Costa. — Anno IV. — Folha imparcial e noticiosa. — Publica-se em Pindamonhangaba.

Revista Commercial. — Proprietarios, Rocha & Irmão.— Redactor, João José Frederico Ludovice. — Anno XXIV.— Folha imparcial. — Publica-se tres vezes por semana, em Santos.

Sorocaba. — Editor e proprietario, José Antonio Pereira Salles. — Anno I. — Publica-se em Sorocaba.

Vinte Dous de Maio. — Redactores e proprietarios, bacharel Antonio da Silva Prado e dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides. — Editor, Joaquim Gaspar dos Santos Pereira. — Anno I. — Publica-se na Capital duas vezes por semana.

Ypanema. — Editor e proprietario, Manoel Januario de Vasconcellos. — Anno I. — Publica-se em Sorocaba seis vezes por mez.

A 14 de maio de 1873 é publicado, na capital, o primeiro numero d' *O Constitucional*, orgam dos academicos conservadores.

No dia 15 de maio de 1873, sahiu o primeiro numero d'*A Crença*, redigida por academicos.

A 4 de junho de 1873 appareceu o primeiro numero d' *O Porvir*, impresso nas officinas typographicas do *Diario de S. Paulo* e redigido por academicos.

A 7 de junho de 1873 appareceu, na capital, o primeiro numero d'*O Tribuno*, redigido por academicos.

A 1.º de fevereiro de 1874, sob a redacção do dr. João Mendes de Almeida, apparece, na capital, o jornal — *A Ordem.*

A 2 de maio de 1874 sahiu o primeiro numero d'*O Rebate*, jornal politico e literario, redigido por academicos republicanos da capital.

Na antiga casa de sobrado da rua do Palacio, hoje do Thesouro, esquina da rua do Commercio, hoje Alvares Penteado n. 14, demolida em janeiro de 1905 e feita no local a que ora existe e tem o n. 15, foram em fins de 1874 montados o escriptorio, redacção e officinas d' *A Provincia de São Paulo,* hoje *Estado,* a qual, a 4 de janeiro, de 1875, na mesma casa nasceu, tendo sido este o seu primeiro pessoal; — *Redactores* — dr. Francisco Rangel Pestana, falecido a 17 de março de 1903 e dr. Americo Brasilio de Campos, falecido a 21 de janeiro de 1900, em Napoles, onde exercia o cargo de consul do Brazil. *Administrador* —José Maria Lisboa. *Auxiliares* — Lucio Drumond Furtado de Mendonça, que recebeu, em 1877, o grau de bacharel na Faculdade de Direito de S. Paulo e depois foi ministro do Supremo Tribunal Federal; Abilio Aurelio da Silva Marques, Roberto Duarte Ribas e Joaquim Taques Alvim. *Auxiliar do escript rio* — Manoel Carlos de Oliva. *Paginador* — Hilario Pereira Magro Junior. *Compositores* — Pedro Braga, Galdino de Andrade, Alfredo Girard, Antonio Forster, Francisco Emilio Opperman e Heitor Goulart de Vasconcellos. *Impressor* — Euclides Saturnino Pedroso.

A Provincia de São Paulo foi o primeiro jornal que, a 23 de janeiro de 1876, iniciou a venda avulsa nas ruas desta capital, incumbindo-se desse serviço Mr. Bernard Gregoire, o qual, munido de uma buzina e com uma grande touca branca na cabeça, se postava nas esquinas das ruas da cidade, apregoando a venda daquelle

importante orgam republicano e de propriedade de uma associação commanditaria.

Mr. Bernard, que encontrou uma cidade ainda não habituada ao facto, foi quem creou o costume e abriu brécha ao seu negocio, contando com a pratica e o longo tempo que já tinha da profissão, tendo sido antes vendedor do *Petit Journal*, de Paris, e da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro.

Os proprietarios dos outros jornaes diarios, então existentes nesta capital, bastante admirados da novidade introduzida por Mr. Bernard Gregoire, ridicularizavam a este vendedor do jornal — *A Provincia de São Paulo*, cuja empreza, em suas palestras, elles criticavam por haver dado consentimento para ser vendido aquelle importante orgam republicano nas ruas da capital de S. Paulo !

A 6 de fevereiro de 1875 apparece, na capital, o primeiro numero do jornal satyrico e illustrado — *O Photographo*, sahido da lithographia do cidadão francez Jules Martin, sendo que a essa lithographia foi concedida por carta imperial de 30 de outubro de 1875, o uso do titulo de — Imperial.

Com o titulo — *A Renascença*, appareceu na capital, no dia 15 de junho de 1875, o primeiro numero daquelle jornal academico, orgam do Instituto Literario.

A 1.º de janeiro 1876 distribuiu-se o primeiro numero do periodico litterario e recreativo — *A Sensitiva*, impresso nas officinas d'*A Provincia de São Paulo*, hoje *Estado*, e redigido por alguns typographos, empregados no mesmo jornal.

Com o titulo — *O Trabalho* foi, no dia 15 de janeiro de 1876, distribuido, nesta capital, o mesmo pequeno jornal literario e noticioso, redigido exclusivamente por artistas typographicos e impresso na typographia do *Diario de S. Paulo*.

Sob o titulo — *O Constitucional*, orgam do Club Constitucional Academico desta capital, appareceu, no dia 25 de março de 1876, sendo redactor principal do mesmo o 5.º annista da Falculdade de Direito, Luiz Paulino Pereira Pinto.

No dia 2 de abril de 1876 começou a ser publicado, nesta capital, o periodico literario intitulado — *A Republica das Lettras*.

Com o titulo — *A Academia de S. Paulo*, sahiu das officinas d'*A Provincia de S. Paulo*, hoje *Estado*, no dia 2 de abril de 1876, o primeiro numero do mesmo jornal, orgam dos estudantes de S. Paulo, tendo sido seu redactor o 5.º annista Antonio Tiburcio Figueira.

A 6 de abril de 1876 sahiu o primeiro numero do jornal — *A Consciencia*, do qual foram redatores os acade-

micos Affonso Celso Junior, Alberto Fialho, Carlos França, Ezequiel Freire, Fernandes da Cunha e Magalhães Castro.

A 12 de abril de 1876 sahiu o primeiro numero do jornal — *A Instrucção Publica*, sendo redactor-chefe do mesmo, José Raymundo de Vasconcellos e gerente, Octaviano d'Oliveira.

No dia 16 de abril de 1876 (domingo) appareceu, nesta capital, o primeiro numero do periodico illustrado *O Polichinelo*, sendo a redacção do mesmo periodico confiada a habeis e espirituosas pennas e seu desenhista era Huasca de Vergara, tendo vindo na primeira pagina o retrato do Marquez do Herval e na ultima o do senador padre Diogo Antonio Feijó, que está sepultado no jazigo da egreja da V. Ordem Terceira de São Francisco da Penitencia, sendo que o *Jornal do Commercio* n. 307, de sabbado, 18 de novembro de 1843, publicou, a respeito do falecimento do mesmo padre Feijó, a seguinte noticia:

« O Sr. Diogo Antonio Feijó, senador do imperio pela provincia do Rio de Janeiro, ex-ministro da justiça e ex-regente, faleceu na cidade de S. Paulo. »

A 18 de abril de 1876, sahiu o primeiro numero da *Tribuna Liberal*, orgam das idéas liberaes, sendo redactor e proprietario o dr. Bento Francisco de Paula Souza e gerente da typographia, onde se imprimia o referido jornal, José Rodrigues de Barros, filho de José Branco de Barros, falecido na idade de 80 annos, a 24 de junho de 1871.

No dia 23 de abril de 1876 sahiu o primeiro numero do periodico *A Sentinella*, do qual era redactor o grande advogado, jurisconsulto e jornalista dr. João Mendes de Almeida, então chefe proeminente do antigo partido conservador de S. Paulo, havendo o mesmo dr. João Mendes de Almeida fundado a 7 de setembro de 1857, o periodico *A Lei* e a *Opinião Conservadora*, a 4 de junho de 1869.

A 30 de abril de 1876 foi distribuido, na capital, o primeiro numero do periodico denominado—*A Lucta*, pertencente a um club academico.

A 19 de maio de 1876 apparece, na capital, o primeiro numero d'*A Republica*, orgam do Club Republicano Academico, sendo seus redactores Laurindo Pitta, Antonio Lara da Fontoura Palmeira, Joaquim Vaz, P. Amaral, José A. de Paula Souza, Salvador Leite de G. Penteado, José Gomes Pinheiro Machado e Brasilio Rodrigues dos Santos.

A 4 de maio de 1877 é publicado, na capital, o primeiro numero d'*A Reacção*, orgam do Circulo dos Estudantes Catholicos.

A 23 de maio de 1877 apparece, na capital, o jornal denominado—*Labarum*, sendo redactor-chefe do mesmo Eduardo Paulo da Silva Prado, e redactores, Valentim de Magalhães, bacharel Bulhões Carvalho, Carneiro Leão e Leite Moraes Junior.

A 30 de abril de 1878 circulou, na capital, o primeiro numero do jornal—*Germania*, tendo sido seu fundador e redactor o subdito allemão Otto Stieher, falecido no Rio de Janeiro.

A empreza daquelle antigo e conceituado jornal pertenceu, por algum tempo, a uma sociedade anonyma, que, depois, foi dissolvida, passando, desde principios de 1881, a pertencer a mesma empreza a J. G. Trebitz, que até hoje a dirige.

De todos os jornaes, que aqui se publicam e pertencentes a membros da colonia portugueza, hespanhola, italiana, franceza, allemã e outras, é a *Germania* a folha mais antiga desta capital.

No andar terreo do sobrado n. 68 da rua de S.Bento, funccionou, por algum tempo, a typographiía *Allemã*, que antes esteve no becco do Inferno, hoje travessa do Commercio, e pertencente a Antonio Elias da Silva, sendo que era nessa typographia que se imprimia o *Jornal da Tarde*, que foi a 6 de novembro de 1878 fundado pelo mesmo Antonio Elias da Silva João Benedicto da Veiga Cabral, João Baptista Paes, Carlos Augusto Pereira de Andrade e João Raymundo de Oliveira, tendo sido esse jornal o primeiro que se publicou á tarde nesta capital, havendo, em data de 19 de setembro de 1879. João Baptista Paes, João Raymundo de Oliveira, João Benedicto da Veiga Cabral, Firmino Moreira Lyrio, Carlos Augusto Pereira de Andrade e Francisco Augusto Pereira de Andrade, proprietarios do referido *Jornal da Tarde*, em pblicação que fizeram na *Secção Livre* dos jornaes daquelle tempo, deixado a empreza do mesmo jornal, a qual ficou a cargo de Antonio Elias da Silva, proprietario da mesma typographia, na qual, em 1875, era impresso o jornal humoristico *O Coaracy*, que foi fundado no domingo, 25 de abril de 1875.

Em 16 de outubro de 1879 appareceu impresso em typographia propria e que funccionava na rua do Imperador, hoje Marechal Deodoro, n. 3, o primeiro numero da *Gazeta do Povo*, que foi fundada pelos antigos proprietarios do *Jornal da Tarde*, sendo que foi a *Gazeta do Povo* o segundo jornal diario que se publicou, nesta capital, á tarde.

A 7 de setembro de 1879, sob a redacção dos drs. Joaquim de Almeida Leite Moraes, Bento Francisco de Paula Souza e Brazilio Augusto Machado de Oliveira, appareceu, nesta capital, o jornal *A Constituinte*, orgam do antigo partido liberal, occupando Alfredo de Almeida o cargo de gerente do referido jornal, até o dia 9 de fevereiro de 1880, data esta em que deixou o mesmo cargo, que passou a ser desempenhado por Carlos Augusto Pereira de Andrade, que já exercia o de administrador da typographia onde se imprimia o referido jornal, cujo primeiro numero foi paginado pelo mesmo estimado e habil compositor Carlos Augusto Pereira de Andrade, sendo que foi *A Constituinte* a primeira folha da manhã que nesta capital começou a publicar-se ás segundas-feiras.

O dr. Joaquim de Almeida Leite Moraes, com o dr. Augusto de Souza Queiroz, falecido a 24 de fevereiro de 1900,

na Allemanha, fundou, nesta capital, *O Diario de S. Paulo*, a 17 de janeiro de 1883, havendo o mesmo dr. Leite Moraes falecido a 1.° de agosto de 1895, feito tambem parte da redacção do *Federalista*, ultimo orgam do partido liberal em S. Paulo e que desappareceu com a proclamação da Republica, a 15 de novembro de 1889.

No dia 12 de outubro de 1879, sob a redacção do dr. Estevam Leão Bourroul (1) começou a ser publicado nesta capital o *Monitor Catholico*, havendo o mesmo dr. Bourroul, com o estudante de direito Benedicto Philadelpho de Castro, fundado, a 22 de junho de 1876, o periodico academico — *O Catholico*.

Sob a redacção dos academicos Alberto Salles, Pedro Lessa e Alcides Lima, apparece, na capital, o primeiro numero do periodico—*O Federalista*, a 6 de abril de 1880.

A 1.° de janeiro de 1881 sahiu o primeiro numero da *Gazeta de S. Paulo*,, jornal diario de que foram proprietarios e responsaveis os drs. Climaco Barbosa e Alfredo Silveira da Motta.

A 1.° de março de 1881 sahiu o primeiro numero d'*A Comedia*, de propriedade de Valentim de Magalhães, Silva Jardim, Gustavo Julio Pinto Pacca e Adolpho Carneiro,sendo redactores os dois primeiros.

A 21 de abril de 1881 apparece, na capital, o primeiro numero d'*A Republica*, orgam republicano academico, impresso na typographia d'*A Provincia de S. Paulo*, sendo redactor-chefe Alberto Salles e redactores Alcides Lima, Pedro Lessa, A. Mercado, Urbano do Amaral, Homero Baptista e Aristides Maia.

A 3 de novembro de 1881 começou a ser publicado, nesta capital, *O Commercio de S. Paulo*, folha diaria e de propriedade de Elias & Navarro.

No dia 1.° de janeiro de 1881 sahiu, em substituição da *Tribuna Liberal*, que, sob a redacção do dr. Herculano Marcos Inglez de Souza e administração de Joaquim Taques Alvim, appareceu, a 27 de outubro de 1877, o primeiro numero do *Diario da Manhã*, de propriedade de J. J. Teixeira e sendo redactor principal o dr. Brazilio Augusto Machado de Oliveira, filho do brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, falecido a 16 de agosto de 1867.

Em substituição ao mesmo *Diario da Manhã* foi, em 1882, fundado o jornal diario — *Ypiranga*, de propriedade do dr. Pelino Joaquim da Costa Guedes, que, a 19 de janeiro de 1883,

---

(1) O dr. Estevam Leão Bourroul, que é irmão do clinico dr. Paulo Bourroul, tomou o grau de bacharel na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1881, sendo filho do estimado e bondoso pharmaceutico Camilio Bourroul, falecido, na edade de 74 annos, a 7 de março de 1891, em consequencia de uma anemia cerebral, proveniente de graves ferimentos que recebeu de um subdito italiano de nome Nicola Ceci, que, ás 8 horas da noite do dia 24 de janeiro do mesmo anno, penetrando na « Pharmacia Bourroul », á rua João Alfredo, hoje General Carneiro, depois de pedir áquelle cidadão francez que lhe trocasse uma nota de 20$000, vibrou-lhe no craneo e na nuca, golpes profundos com uma machadinha, sendo o movel do crime o roubo.

contractou com a mesa da Assembléa Provincial a publicação dos trabalhos e debates da mesma Assembléa.

A typographia, na qual se publicava o referido *Diario da Manhã*, de que era gerente J. Navarro de Andrade, funccionava, naquella época, no antigo predio de sobrado com sacadas de rotula e que, em sua substituição, foi feito o de n. 1 da rua do Ouvidor, hoje José Bonifacio, havendo residido, no mesmo antigo predio, com sua familia, o coronel Bernardo Jacintho Gomes, falecido em 1810, e que no governo diocesano do 3.º bispo d. frei Manoel da Resurreição, occupou o cargo de escrivão da Camara Ecclesiastica, sendo que, por occasião de ser inhumado o cadaver daquelle famoso e illustrado prelado, falecido a 21 de outubro de 1789, na capella-mór da egreja da Sé Cathedral, cahiu a lampada no chão, facto este que fez com que se alvoroçasse o povo, que se achava presente a esse acto, retirando-se o mesmo, incontinenti, daquella egreja e dizendo: —*Apagou-se a luz da diocese de S. Paulo.*

No dia 3 de novembro de 1883 sahiu o primeiro numero da *Gazeta Liberal*, jornal diario, de que foi proprietario-gerente Antonio Pinto Corrêa Junior, primeiro presidente da Associação Typographica Paulistana de Soccorros Mutuos, installada a 11 de junho de 1876 e restaurada a 30 de abril de 1882.

A typographia, onde se imprimia o mesmo jornal, funccionava, naquella época, no andar terreo do predio n. 6 da rua de Santa Tereza, de propriedade do popular paulista coronel Gabriel Marques Cantinho, falecido a 30 de outubro de 1898, havendo residido no mesmo predio, por longos annos, com sua familia, o dr. Hyppolito José Soares de Souza, que administrou, como seu vice-presidente, a antiga provincia, no periodo decorrido de 19 de maio até 13 de setembro de 1852 e de 6 a 30 de junho de 1859 e faleceu a 21 de agosto de 1869.

O coronel Gabriel Marques Cantinho residiu, com sua familia, no antigo predio de sobrado da rua de S. Gonçalo, depois do Imperador e hoje rua Marechal Deodoro, esquina da rua do Jogo da Bola, depois da Princeza e hoje rua Benjamin Constant n. 14, havendo residido antes, segundo consta, no mesmo predio, o cirurgião-mór Constancio José Xavier Soares, que, por occasião da visita dos ex-imperaradores do Brazil, em 1846, á antiga provincia, foi agraciado com o gráu de cavalleiro da Ordem de N. S. Jesus-Christo e foi quem se encarregou de embalsamar o corpo do grande paulista padre Diogo Antonio Feijó, falecido a 10 de novembro de 1843, e que está sepultado em um carneiro do jazigo da egreja da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, do lado direito de quem entra no mesmo jazigo e quasi junto ao altar, o qual está collocado entre duas janellas que dão para o largo de S. Francisco e perto do portão que existe no canto da mesma egreja, sendo que, no dia 22 de julho de 1842, pelas oito

horas da manhan, seguiram, por ordem do governo, no vapor de guerra — *Amelia*, que do porto de Santos partiu naquelle dia para o do Rio de Janeiro, onde chegou a 23 do mesmo mez, os senadores padre Diogo Antonio Feijó e dr. Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro, pronunciados por crime de rebellião, tendo ficado nesta Capital por se achar gravemente enfermo e com o consentimento do Barão de Monte-Alegre, então presidente da Provincia, o senador Francisco de Paula Souza e Mello, havendo seguido tambem para o Rio de Janeiro, no mesmo vapor de guerra — *Amelia*, o brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto e o seu genro, dr. Antonio Pereira Pinto.

Por occasião da revolução de 1842, capitaneada pelo brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, foi organizado, para defesa da Capital, um corpo de voluntarios, do qual foi commandante o tenente coronel Diogo José Machado, falecido a 25 de outubro de 1863.

No dia 3 de janeiro de 1843 chegou ao Rio de Janeiro, conduzido pelo tenente-coronel Antonio João Fernandes Pizarro Gabizo, o chefe da rebellião de S. Paulo, brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, e foi recolhido á fortaleza da Lage, havendo o mesmo brigadeiro falecido a 7 de outubro de 1857, a bordo do vapor *Piratininga*, meia hora antes deste vapor entrar no porto do Rio de Janeiro, quasi defronte da fortaleza de Santa Cruz, onde, segundo consta, estivera tambem preso em 1843 e foi, por occasião da visita, em 1846, dos ex-imperadores do Brazil á antiga provincia de S. Paulo, condecorado com o gráu de dignitario da Ordem da Rosa.

Do seu consorcio com a Marqueza de Santos (1), deixou o mesmo brigadeiro Tobias os seguintes filhos:

Dr. Raphael Tobias de Aguiar e Castro, falecido a 31 de outubro de 1891.

Dr. João Tobias de Aguiar e Castro, falecido a 28 de outubro de 1901.

Dr. Antonio Francisco de Aguiar e Castro, falecido a 12 de julho de 1905.

Brazilico de Aguiar e Castro, falecido a 22 de fevereiro de 1891.

Em data do 15 de abril de 1884, sob a redacção de Gaspar da Silva e Léo de Affonseca, sahiu, nesta Capital, o primeiro numero do *Diario Mercantil*, de propriedade de uma associação commanditaria, funccionando a typographia onde se imprimia o mesmo jornal no antigo predio da rua do Commercio, esquina do becco do Inferno, hoje travessa do Commercio n. 50.

A 7 de setembro de 1885 sahiu o primeiro numero da *A Ordem*, sendo J. P. da Veiga Filho seu redactor-chefe e redactores, Muniz Varella, Borja de Almeida, Paulino de

---

(1) A Marqueza de Santos, que nasceu nesta capital, a 27 de dezembro de 1797, foi casada, em primeiras nupcias, com Felicio Pinto Coelho da Cunha.

Souza, Arthur Guimarães, Primitivo Sette, Americo Prado e Aquilino do Amaral.

A 3 de maio de 1886 apparece, na capital, o primeiro numero d'*O Provinciano*, folha liberal, redigida pelos drs. Martim Francisco Ribeiro de Andrada Junior, Antonio Manoel Bueno de Andrada e Theophilo Dias de Mesquita.

A 10 de janeiro de 1887 sahiu o primeiro numero d'*A Procellaria*, folha semanal e redigida por Julio Ribeiro, falecido, nesta capital, a 2 de novembro de 1890.

A 27 de março de 1887 é publicado, na capital, o primeiro numero d'*A Farpa*, periodico humoristico, literario e noticioso, de propriedade de uma associação e redigido por Luiz de Carvalho, falecido a 10 de junho de 1890, e Anselmo de Carvalho.

A 7 de abril de 1887 apparece, na capital, o primeiro numero d'*A Sentinella*, orgam republicano, redigido por Arthur Itabirano e A. Diana Terra.

A 3 de maio de 1887 é distribuido, na capital, o primeiro numero d'*A Penna*, periodico quinzenal, literario e noticioso.

A 30 de setembro de 1887 começou a ser publicado, nesta cidade, o *Diario de Noticias*, de propriedade dos subditos portuguezes Coelho de Souza & Bairão.

No dia 1.º de julho de 1888 sahiu o primeiro numero d'*A Platéa*, jornal illustrado e semanal, de propriedade de Araujo Guerra & Comp., sendo que de 1891 em deante, passou o mesmo jornal a ser publicado diariamente pela manhã e depois á tarde.

No antigo predio da rua da Imperatriz, hoje Quinze de Novembro, n. 36, em que residiu o dr. Francisco Antonio de Souza Queiroz Junior, funccionou a typographia onde se imprimia *O Federalista*, ultimo orgam do antigo partido liberal e que appareceu a 15 de julho de 1888, sob a direcção do dr. Luiz Gonzaga de Oliveira e Costa, que exerceu o cargo de secretario do Governo Provincial desde 11 de julho até 16 de novembro de 1889, dia em que o brigadeiro dr. José Vieira Couto de Magalhães entregou a presidencia da antiga Provincia ao Governo Provisorio, acclamado pelo povo e composto dos drs. Prudente José de Moraes Barros, Francisco Rangel Pestana e coronel dr. Joaquim de Souza Mursa, então director da Fabrica de Ferro de S. João do Ipanema, que começou a funccionar a 4 de dezembro de 1810.

A 16 de julho de 1888 sahiu o primeiro numero d'*O Rebate*, de propriedade de Julio Ribeiro, autor do romance historico intitulado — *Padre Belchior de Pontes*, havendo o padre Manoel da Fonseca escripto a historia da vida do mesmo padre Belchior de Pontes, nascido em S. Paulo, em 1643 e falecido em 1719, sendo sepultado na antiga egreja do Collegio.

A 15 de agosto de 1888 apparece, na capital, o primeiro numero d'*O Escandalo*, de propaganda republicana.

A 21 de maio de 1889 apparece, na capital, sob a redacção de Affonso Celso Garcia da Luz, o primeiro numero da *Estréa*, orgam do Congresso — *Culto ás Letras.*

A 2 de junho de 1889 foi, na capital, distribuido o primeiro numero d'*A Quinzena Paulista.*

A 6 de junho de 1889 foi, na capital, distribuido o primeiro numero d'*O Brazil,* sendo redactor-chefe do mesmo, Izidoro José Ribeiro de Campos e redactores, Antonio de Godoy Moreira e Costa, A. Castilho e O. Andrade.

A 1.° de julho de 1889 apparece, na capital, sob a redacção do dr. João Mendes de Almeida, então chefe proeminente do partido conservador da antiga provincia de S. Paulo, o jornal — *A Sentinella da Monarchia.*

No dia 21 de julho de 1889 foi distribuido, na capital, o primeiro numero d'*O Voluntario da Patria*, redigido pela directoria do Club dos Voluntarios da Patria, fundado a 30 de junho de 1889 e installado em sessão solemne realizada a 7 de julho do mesmo anno, tendo sido eleito, nessa sessão, presidente honorario do referido Club o general dr. José Vieira Couto de Magalhães, então presidente da provincia de S. Paulo.

A 13 de outubro de 1889 apparece, nesta capital, *A Democracia*, orgam politico e literario.

A 19 de janeiro de 1890 foi distribuido, na capital, o primeiro numero d'*O Radical Paulista.* sendo redactor responsavel e proprietario do mesmo o dr. Joaquim Fernando de Barros.

A 17 de março de 1890, em substituição da *Gazeta do Povo*, começou a sahir, na capital, o *Jornal da Tarde*, de propriedade de Alfredo Prates, que em data de 28 de fevereiro de 1890, adquiriu, por compra, a empreza jornalistica e typographica da mesma *Gazeta do Povo.*

A 7 de abril de 1890 começou a ser publicado, nesta capital, o *Diario do Commercio.*

A 21 de maio de 1890 sahiu o primeiro numero d'*A Patria,* sendo redactor do mesmo jornal o conego João Evangelista Braga e administrador Joaquim Diniz, residente nesta capital.

A 31 de maio de 1890 apparece, nesta capital, o primeiro numero do jornal — *Verdade e Luz*, de propriedade do popular, estimado e humanitario cidadão Antonio Gonçalves da Silva Batuira, falecido a 22 de janeiro de 1909.

A typographia, onde se imprimia aquelle jornal, funccionou, por algum tempo, na rua do Lavapés e depois na rua Espirita n. 28.

A 1.° de maio de 1891 sahiu o *Diario Official*, do Estado, tendo sido este o seu primeiro pessoal superior: — Director, dr. João José de Araujo. Sub-director, José Pedro Lessa. Administrador, Dr. Marcolino Pinto Cabral. Chefe de contabilidade, Francisco Augusto Pereira de Andrade.

A 9 de julho de 1892 apparece, na capital, o primeiro numero d'*A Reacção,* orgam do Circulo dos Estudantes Ca-

tholicos, sendo redactores do mesmo José Mariano Aranha, José Tavares de Lacerda, Ismael Franzen, Alcantara Machado, Luiz Assumpção, Ernesto Miranda e Alberto Cardoso de Mello.

A 29 de julho de 1892 apparece, na capital, o primeiro numero d'*O Protesto,* orgam de propaganda monarchista.

A 13 de novembro de 1892 apparece, na capital, o primeiro numero do *Jornal Operario,* de propriedade de China e Gouvêa.

A 17 de novembro de 1892 é distribuido, na capital, o primeiro numero da *Opinião Nacional*, jornal de opposição ao governo do dr. Bernardino de Campos, que tomou posse do cargo do presidente do Estado a 23 de agosto de 1892.

Foram redactor politico do mesmo jornal o dr. Americo Braziliense de Almeida Mello e redactores os drs. Francisco de Toledo Malta e Pedro Augusto Gomes Cardim, havendo o referido jornal desapparecido em 1893.

A 17 de janeiro de 1893, foi, por Cezar Ribeiro, fundado nesta capital o *Commercio de S. Paulo*, havendo a typographia desse jornal diario funccionado, por algum tempo, no antigo predio de sobrado da rua de S. Bento, n. 35, que foi demolido e feito o que ora existe, e que pertenceu ao brigadeiro Joaquim Mendes Guimarães, falecido, na idade de 37 annos, a 20 de novembro de 1875, sendo que o mesmo brigadeiro Guimarães era amigo intimo e compadre do tenente-coronel Antonio José Fernandes Braga, natural de Portugal e falecido, na idade de 88 annos, a 11 de maio de 1889, tendo esses cidadãos, desde 1873 até 1877, feito parte, como vereadores, da patriotica Camara Municipal, que muito auxiliou, no inicio da transformacão e embellezamento desta grande cidade, o inolvidavel e honrado presidente da antiga Provincia, dr. João Theodoro Xavier, qne até hoje não mereceu uma estatua!

TREMEMBÉ

APONTAMENTOS HISTORICO-CHOROGRAPHICOS E ESTATISTICOS

Memoria apresentada ao Segundo Congresso Brazileiro de Geographia

POR

V. COELHO DE CARVALHO

Socio correspondente do Instituto

TREMEMBE'

Apontamentos historico-chorographicos e estatisticos

INTRODUCÇÃO

Diz o notavel historiador Oliveira Martins considerar que um dos subsidios principaes para a historia geral de um paiz consiste nas monographias locaes, onde se estudam a archeologia e a historia, as biographias e as tradições, com os documentos á vista e á mão os archivos municipaes e particulares. Um corpo de monographias destas formaria um thesouro de inestimavel valor para o estudioso, ao mesmo tempo que serviria para arraigar nas localidades esse amor da terra, base natural e necessaria do sentimento mais abstracto, a que se chama patriotismo.

Alexandre Herculano, comprehendendo a grande importancia do estudo dessas pequenas fracções do territorio de uma nação, oppôz o municipalismo ao romantismo, que, no segundo quartel do XIX seculo, acoroçoado pela reacção medieval, instigava o predominio absorvente das ideias classicas do seculo XVIII, e a opposição do grande historiador-estadista triumphou então, inspirando em Portugal uma portaria do Governo, (*) que recommendava ás camaras dos differentes municipios do reino a coordenação de seus annaes, no intuito de dar á historia patria o seu devido merecimento e importancia, tornando o conhecimento da mesma o mais perfeito e minucioso possivel.

Foi visando esses multiplos interesses de ordem social e patriotica que nos propuzemos á confecção destes apontamentos que valerão como subsidio a futuros investigadores que pretendam realizar trabalho mais completo.

O que agora apresentamos, em sua modesta importancia, terá o valor do estimulo para a organização de trabalhos congeneres, e representa já um pequeno esforço nosso, se considerarmos que para a sua elaboração poucos documentos podemos colligir.

(*) Portaria de 8 de novembro de 1847.

CAPITULO I

TOPOGRAPHIA

Situação. — Posição geographica. — Limites. — Clima. — Salubridade. — Excellencia de suas aguas. — O Tremembé aconselhado pela medicina como localidade recommendavel aos convalescentes. — Ausencia de molestias epidemicas, contagiosas ou infecciosas. — Jamais nesta localidade foi constatado caso algum de febre palustre, não obstante a sua visinhança com terrenos alagadiços. — Sua atmosphera é sempre varrida por ventos brandos, que sopram na direcção da cordilheira. — Aspecto geral do Tremembé. — Ruas e praças.

A florescente cidade do Senhor Bom Jesus de Tremembé, situada em um vasto planalto, á margem direita do rio Parahyba e sobranceira ao mesmo, está a 22° e 57' de latitude sul e 2° e 25' de longitude oeste do Rio de Janeiro, numa altitude de 590 metros acima do nivel do mar. Dista cerca de 63 leguas do Rio de Janeiro e 26 de São Paulo.

Circumscripto pelos municipios de Taubaté, Pindamonhangaba, S. Bento de Sapucahy e Buquira, o Tremembé estende-se numa vasta planicie desde a Estrada de Ferro Central do Brazil até á imponente serra Mantiqueira em um dos seus pontos mais elevados — o Pico Agudo (2.000 ms.) — com uma área de mais de quinhentos kilometros quadrados.

A' margem esquerda do rio Parahyba desdobra-se numa ampla varzea, que, pela sua fertilidade e vastidão, está destinada a ser o celeiro inexhaurivel do Estado de S. Paulo.

O clima do Tremembé é excellente, não se fazendo aqui sentir nem os rigores do frio nem as ardencias do calor, oscillando entre 10 e 28 gráos centigrados a temperatura local, com uma media de 16 a 19 gráos.

Pela sua preconizada salubridade e pela amenidade do seu clima, é o Tremembé recommendado por summidades medicas para a convalescença de seus clientes, que aqui vêm todos os annos em grande numero restaurar a saúde avariada ou revigorar, neste meio tonificante, as forças depauperadas pela permanencia em centros onde o calor enervante e a vida sedentaria atrophiam o organismo.

A agua potavel do Tremembé, principalmente a que deriva da *Fonte Santa*, assim denominada desde tempos remotos, segundo a tradição, é magnifica e até aconselhada como de benefica influencia no tratamento de certas enfermidades, nomeadamente as que affectam as vias digestivas.

Ha quem affirme que ella contém arsenico e magnesia, o que só uma rigorosa analyse poderia confirmar.

Esta agua, que constitue mais um titulo de recommendação do Tremembé, devidamente explorada, talvez podesse constituir a base de uma industria lucrativa.

Visinho de vastissimas terras que periodicamente ficam submersas pelas aguas do Parahyba, e onde, conseguintemente se formam tremedaes enormes e numerosas lagoas, jamais em todo o territorio do Tremembé foi constatado caso algum de febre palustre, e nunca o mosquito transmissor daquella febre foi encontrado.

Talvez se possa attribuir este facto ás correntes brandas, quasi continuas, de ar, que, purificado nas matas viridentes da serra Mantiqueira, perpassam sobre a povoação, na direcção da cordilheira.

A cidade de Tremembé —, dividida, no perimetro urbano em dezoito ruas, perpendiculares entre si, seis praças, e contando mais de 400 casas, algumas das quaes de boa apparencia — offerece um conjuncto agradavel, e pontos de vista admiraveis, principalmeute para os lados da majestosa Mantiqueira, cujos detalhes se observam perfeitamente á vista desarmada, destacando-se nella o verde glauco das suas matarias, o azul escuro dos reconcavos, as faixas argentadas das quedas d'agua e o rendilhado de seus pincaros que parecem servir de apoio á aboboda celeste.

Para os lados do Atlantico avista-se, em amplissimo horizonte, um longo trecho da serra do Mar, mas esta como esbatida a esfuminho sobre um fundo de quadro de longuissima perspectiva.

O rio Parahyba, com uma largura e profundidade consideraveis junto á povoação, fórma tambem um ponto de vista magnifico, offerecendo agradaveis diversões aos forasteiros que nelle fazem excursões piscosas ou pelas suas margens, cobertas de vegetação, exercicios cynegeticos.

O Tremembé, finalmente, pela sua posição topographica e pela excellencia de seu clima, é um logar destinado a ser, em futuro proximo, um importante centro industrial e principalmente agricola.

CAPITULO II

NOÇÕES HISTORICAS

Etymologia da palavra «Tremembé». — Fundação da povoação. — Costa Cabral, descendente do descobridor do Brazil foi o primeiro povoador do Tremembé. — Elementos constitutivos da população do Tremembé. — O Portuguez, os Carijós. — Criação do districto de paz. — A sua elevação á categoria de municipio. — Outras notas.

Diz o dr. Theodoro Sampaio, em uma memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, sobre « O tupy na geographia nacional », que no sul do Brazil se designa

muitas vezes pelo nome de *Tremembé* ao logar apaúlado, a uma bacia natural, enxarcada e coberta de vegetação aquatica, ou ao mesmo brejo, vocabulo que parece de procedencia guarany, corruptela de *tére-membé*, que quer dizer: — *jerro, curso d'agua que se abranda, qve se espraia am lecendo.*

Entre o gentio que outr'ora occupou as costas do Norte do Brazil se faz menção de uma tribu de *Tremembés*

E' bem provavel, porém, que esse nome lhes advenha da conformação do logar que habitavam, talvez alagadiço ou enxarcado.

Attribuimos a outra origem aquella denominação:

Já nos referimos no Capitulo I deste trabalho á *Agua Santa do Tremembé*, assim denominada em consequencia da credulidade da sua acção benefica no tratamento de diversas molestias.

A *virtude* dessa agua, segundo a tradição, é conhecida desde tempos remotos, não sendo ignorada dos indios que aqui habitavam e que foram os descobridores daquella fonte e da *santidade* da sua lympha, fonte que, por muitos annos, foi denominada — *Fonte dos Indios.*

Como é sabido os indigenas costumavam dar ás suas aldeias e aos logares que queriam assignalar denominações que eram a verdadeira synthese das condições naturaes desses logares e das impressões colhidas ao contemplal-os, e que, sob este ponto de vista tão bem definiam os mesmos, sob todos os aspectos. E' possivel, pois, que daquella *fonte*, cujas qualidades conheciam a proclamavão, tirassem o nome do seu aldeiamento, e assim parece ter succedido.

O termo tupy-*terembé* (*te*, nome, fama boa; *iembe*, tanque, fonte d'agua, — *fonte de agua afamada*), cuja significação é: — *agua afámada boa para a saude*, não parece difficil de explicar aquella etymologia, tendo passado, por corrupção, ao actual *Tremembé.*

Como se deprehende do encontro de ossadas de indios e *igaçabas* no logar onde assenta a actual cidade de Tremembé, foi aqui primitivamente uma aldeia de aborigenes da tribu dos guaranys.

Annos depois da destruição da villa de Santo André da Borda do Campo, em proveito da florescente villa de S. Paulo de Piratininga, os habitantes daquella povoação, despeitados com os seus rivaes vencedores e não querendo encorporar-se a elles e ficar sob o seu dominio, estenderam-se para noroeste, onde se estabeleceram, dando origem ás povoações de Mogy das Cruzes, Jacarehy, São José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Lorena, etc., çujas fundações datam quasi todos da mesma época.

Acreditamos que a povoação do Tremembé por gente civilizada deve ser contemporanea, ou pouco posterior á de Taubaté, donde dista apenas 6 kilometros, isto pelo anno de 1600, ou mesmo antes, visto a villa de Santo André haver sido destruida entre 1561 e 1565.

A verdadeira fundação do Tremembé, entretanto, pode dizer-se realizada em 1669, época em que o capitão-mór Manoel da Costa Cabral obteve permissão para erigir uma capella em terras de sua propriedade aqui situadas.

Este Costa Cabral, (1) da nobre familia dos Cabraes de Portugal, era descendente do descobridor do Brazil e possuia no Tremembé importantes propriedades agricolas, que mais tarde foram doados á egreja, constituindo o seu patrimonio.

«O capitão Manoel da Costa Cabral era natural de S. Paulo, foi importante e prestimoso cidadão em Taubaté, onde teve as redeas do governo, occupando o cargo de juiz de orphãos em 1668; foi potentado e abastado em bens e teve o caracter de um verdadeiro pae da patria; casou-se com Anna Ribeiro de Alvarenga, natural de S. Paulo, filha de Francisco Bicudo de Brito e de Thomasia de Alvarenga, e faleceu em 1709 e sua mulher em 1716 em Taubaté.» (2)

Antes da erecção da Capella do Bom Jesus, já aqui existia uma pequena ermida com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, (3) da qual não ha vestigios, se bem que se conheça, — por tradição, — o logar onde a mesma era situada, junto á propriedade do capitão Costa Cabral, ou mesmo dentro della, mais ou menos onde está localizado o actual cemiterio municipal.

Segundo se deprehende dos documentos que em seguida transcrevemos, a egreja de N. S. da Conceição foi mudada para o logar onde hoje está a matriz de Tremembé, passando a ter como orágo o Sr. Bom Jesus.

* * *

Provisão para levantar uma egreja no sitio de Tremembé a Manoel da Costa Cabral — pagou dous mil e duzentos. — O doutor Manoel de Souza de Almeida, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Prelado administrador desta cidade do Rio de Janeiro e das demais capitanias da sua repartição e nella commissario da Bulla da Santa Cruzada, etc.

As que a presente nossa provisão virem, saude e paz para sempre em Jesu Christo Nosso Senhor, que de todos é verdadeiro remedio e salvação, fazemos saber que a nós nos enviou a dizer o capitão Manoel da Costa Cabral, morador em Taybathé, que elle tinha um Christo de vulto e ima-

---

(1) Era filho do Capitão Manoel da Costa Cabral natural da ilha de S. Miguel, descendente da illustre casa dos senhores de Belmonte, como se vê no brazão de armas passado em Lisboa em 1709 a seu sobrinho Gaspar de Andrade Columbeiro, natural da ilha de Santa Maria, e que foi registrado em 1762 na Camara de São Paulo. O progenitor do fundador do Tremembé casou duas vezes: — a 1., de que este descendia, na villa de Mogy das Cruzes, com Francisca Cardoso, fallecida em 1655 em Taubaté, filha de Gaspar Vaz Guedes e de Francisca Cardoso, e a 2. em Taubaté, com Maria Vaz, como consta do inventario com que faleceu o dito capitão, em 1659, na mesma villa de Taubaté onde se havia estabelecido, depois de sua fundação por Jacques Fe iz.

(Vide *Geneologia Paulistana* e Silva Leme — vol. 7. pag. 343.)

(2) Silva Leme — Genealogia Paulistana.

(3) A imagem, toscamente esculpturada, que veneravam nesta capella existia ainda ha pouco na frabrica da egreja matriz.

gem muito devota, feito á similhança do Senhor de Iguape, (1) ao qual elle ditto capitão Manoel da Costa Cabral levado de bom zelo e para maior gloria deste Christo e devoção dos fieis christãos o queria collocar em um altar colateral da Egreja de Nossa Senhora da Conceição de Tremembé, o que não podia fazer sem licença nossa, pelo que nós havendo respeito a petição do ditto Manoel da Costa Cabral junta com o seu bom zelo e ser justo, havemos por bem lhe conceder licença, como pela presente nossa provisão lhe concedemos, para que possa fazer alevantar hum altar na ditta Egreja de Nossa Senhora da Conceição, colateral, em que se poderá collocar o Santo Christo, sendo primeiro benzido pelo Revd° Pe. Vigario da ditta Egreja a quem encommendamos tome a sua conta determinar o logar mais conveniente na ditta Egreja para se fazer o ditto Altar colateral, e assim mais concedemos licença para no ditto altar do Santo Christo, ao depois de feito, levantado e decente, se possa dizer Missa, e mandamos ao ditto Padre Vigario nos informe por escripto da decencia e frequentação com que estiver este Altar. Outrosim — Mandamos a todos os nossos subditos de qualquer qualidade que sejão, com pena de Excommunhão *ipso facto* nella incorrendo, quem encontrar por si ou por outrem a devoção do ditto Manoel da Costa Cabral, antes ajudem todos com suas esmolas para que vá em augmento e devoção dos fieis Christãos e a veneração do Santo Christo etc. — Dado nesta cidade do Rio de Janeiro, sob nosso signal e sello de nossas armas aos dezoito dias do mez de janeiro de mil seiscentos sessenta e tres annos, e eu Manoel de Castro Peyxoto, Escrivão da Camara Ecclesiastica, que o escrevi. — Prelado Administrador — Lugar do sello — A chancellaria 1$000 — Provisão para levantar Altar lateral e se dizer missa nelle ao Santo Christo na Egreja de Nossa Senhora da Conceição de Tremembé, ao Capitão Manoel da Costa Cabral — Pagou 1$000 réis — Fica registrado no livro da Camara Ecclesiastica a fls. 15 v. —

* * *

Mais tarde o mesmo Manoel da Costa Cabral solicitou e obteve licença para a fundação de uma capella, sob a invocação do Senhor Bom Jesus, para a qual esta imagem foi trasladada — e que é a origem da actual matriz.

E' do teôr seguinte a provisão que autorizou a referida fundação :

«O licenciado Francisco da Silveira Dias, Vigario Geral e Administrador desta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e mais capitanias da sua Repartição, por Sua Alteza, etc. Aos que a presente nossa provisão em fórma virem e a sua noticia vier, saude e paz para sempre em *Jesú-Christo Nosso Salvador*, que de todos é verdadeiro remedio. Fazemos saber que a nós nos enviou a dizer por sua pe-

(1) Si se analysar cuidadosamente vê-se ser trabalho do mesmo esculptor.

tição Manoel da Costa Cabral, dizendo-nos em ella que elle tinha uma fazenda na villa de Taubaté, em um sitio em que chamam Tremembé, no qual assistia a mais de anno com sua familia, e por lhe ser muito difficultoso a elle e a sua familia ir ouvir missa á sua freguezia, por lhe ficar muito distante, nos pediu lhe concedessemos licença para que na dita sua fazenda sita em Tremembé pudesse fazer uma egreja que fosse capaz e sufficiente para se dizer nella missa com a decencia que se costuma. E nos dizendo respeito ao que na sua dita petição allega e nos parecer justa, lhe concedemos licença, como pela presente nossa provisão lhe concedemos, para que na dita sua fazenda possa levantar uma egreja da invocação do Bom Jesus, em logar mais conveniente e afastada das casas da dita fazenda e obrigará a sua dita fazenda ao ornato e retificações da dita egreja para a decencia do culto divino e ao depois de feita nos dará parte para mandarmos visitar e informados de sua decencia lhe concederemos licença para que qualquer Sacerdote, assim secular como regular, possa dizer missa nella precedendo primeiro ser benta a dita egreja por nós ou por quem commettermos nossas vezes. E mandamos, sob pena de excommunhão, que nenhuma pessôa encontre ao dito Manoel da Costa Cabral a devoção em que determina fazer a dita egreja, antes o ajudem e lhe dêm todo o favor que fôr possivel e sob a mesma pena de excommunhão que esta se cumpra e guarde como nella se contém, e se registrará esta nossa provisão nos livros da nossa Camara para que a todo o tempo conste delles. Dada nesta cidade do Rio de Janeiro sob o nosso signal e sello que perante nós serve, aos vinte dias do mez de abril. Eu, o Padre Francisco Alves Fonseca, Escrivão da Camara Eclesiastica o fiz, de seiscentos e setente e dois — Francisco da Silveira Dias — Logar do sello — A chancella e sello 6$980 — Silveira — Provisão para levantar uma egreja no sitio de Tremembé a Manoel da Costa Cabral — pg. 2$200 — Fica registrada no livro da Camara Ecclesiastica a fl. 25 — O padre Francisco Alves da Fonseca».

Sendo então o Brazil uma colonia portugueza, portuguezes eram em todas as suas povoações os mais importantes elementos. O portuguez que tão bem se adapta ao meio em que vive, identificando-se com elle a breve trecho, originou aqui, como em toda a parte, uma raça typica local pelo seu cruzamento com as familias indigenas. Até hoje o elemento portuguez prepondera no Tremembé, graças ao isolamento em que a falta de vias de communicação rapida o manteve por muito tempo. Encontra-se aqui egualmente, até agora, o typo do indio puro — o carijó — trazido no tempo de Costa Cabral das bandas de Iguape.

O Tremembé foi criado freguezia pela lei n. 1, do 20 de fevereiro de 1866, lei esta revogada pela n. 1, de 14 de março de 1868.

Por decreto n. 132 de 3 de Março de 1891 ? foi esta povoação elevada á categoria de districto de paz, sendo por esse mesmo decreto determinadas as divisas respectivas que são exactamente as mesmas do actual municipio.

Por lei n. 458, de 26 de novembro de 1896, foi creado o municipio de Tremembé, desmembrado do de Taubaté, porém só em 1904 é que o governo do Estado mandou proceder á eleição dos vereadores que constituiram a primeira Camara, installada a 7 de janeiro de 1906.

Pela actual lei organica dos municipios (1), o Tremembé tem a categoria de cidade.

CAPITULO III

VIAS DE COMMUNICAÇÃO

Estradas estaduaes — Ponte sobre o Parahyba — O aterrado — Dez pontes em dois kilometros — Antiga estrada dos Bandeirantes — Caminhos municipaes — Conservação dos mesmos — Legislação da Camara em relação a este serviço publico — Estradas de ferro — Via fluvial — Antiga navegação no Parahyba — Telephone — Agencia postal — Uma avenida em projecto.

O Tremembé é atravessado por uma estrada inter-estadoal, que, partindo de Taubaté, vae ao Estado de Minas-Geraes, por onde se faz em grande escala o commercio entre aquelle e o Estado de S. Paulo.

Esta via de communicação tem, a partir desta cidade, em direcção á serra, um trecho muito importante constituido por uma recta absoluta, na extensão approximada de cinco kilometros, lançado sobre terrenos que as enchentes periodicas do Parahyba innundam por completo, o que obrigou a a dar ao mesmo trecho uma elevação consideravel — em aterro — que o põe inteiramente ao abrigo das enchentes.

Em virtude disto é o aterrado cortado por dez pontes, no espaço de dois kilometros, a primeira das quaes, logo á sahida da povoação e lançada sobre o rio, tem uma extensão de 125 metros.

Esta estrada foi aberta primitivamente pelos taubateanos, que se internavam no sertão á busca de ouro e que foram os descobridores das minas de Caheté.

Mais uma estrada de rodagem e um tramway ligam o o Tremembé á séde da Comarca, da qual dista seis kilometros apenas.

Além daquellas, diversas estradas municipaes ligam esta cidade ás de Pindamonhangaba, São Bento do Sapucahy,

(1) Lei n. 1038, de 19 de dezembro de 1903, art. 3.° § 5.°.

Buquira, Estação Andrade Pinto (da Estrada de Ferro Central do Brazil (1), Campos do Jordão (2), etc.

Todas estas estradas são annualmente restauradas pelos moradores visinhos de cada uma, em virtude de leis municipaes que regulamentam este serviço.

Em cada bairro ha um inspector de nomeação da Camara, encarregado não só de dirigir os trabalhos de reparação dos caminhos, mas ainda de informar sobre qualquer occorrencia que possa interessar a este ramo do serviço publico.

Em virtude da pequena distancia entre esta cidade e a estação da Estrada de Ferro, a Camara Municipal tem projectado abrir uma avenida em direcção á mesma, melhoramento este de grandes vantagens para a população desta cidade.

Antes da inauguração da Estrada de Ferro da Cachoeira a São Paulo, e mesmo alguns annos depois, o Tremembé era o ponto terminal de uma linha de navegação fluvial a vapor, que fazia o serviço de transportes entre aquella e esta localidades, com diversos pontos ou estações intermediarias.

O Tramembé é ligado aos municipios limitrophes por linhas telephonicas e possue um bom serviço postal diario.

CAPITULO IV

POPULAÇÃO

Urbana — Rural — Eventual — Indole do povo.

A povoacão do Tremembé, propriamente dita, occupando uma área de 400 mil metros quadrados, approximadamente, dividida em espaçosas ruas e praças, traçados perpendicularmente entre si, possue mais de quatrocentos predios, alguns dos quaes de regular apparencia e construcção.

A sua população urbana, normal, não passa de 2.000 almas, cifra esta que por occasião das populares e tradicionaes festas de agosto se eleva a dez, doze mil e mais.

A população rural do Tremembé orça por 8 a 10 mil habs..

Os naturaes do logar,—ou seja por falta de estimulo ou porque a vida lhes decorra facil em virtude da abundancia de peixe que o Parahyba lhes fornece e do qual muitas familias tiram o indispensavel para a sua subsistencia — são bastante despreoccupados e algo indolentes.

Morigerados e ordeiros, são de indole docil e pacifica.

Não obstante o seu numero, decorrem ás vezes alguns annos sem que a justiça tenha que intervir no julgamento de um delictuoso de Tremembé.

Mesmo durante as festas de agosto, em que se reune aqui tão avultada população, não poucos são os annos em que o policiamento tem sido feito apenas por tres praças, sem que a ordem publica e o respeito pela propriedade alheia deixem de ser perfeitamente mantidos.

---

(1) A 4 kilometros distante da povoação.
(2) Distante 7 leguas.

Que beneficos resultados se poderiam auferir de uma população desta natureza, congregada em officinas, produzindo sob a direcção experimentada de um bem orientado e progressista gerente!

Nos demais caracteres, este povo parece-se bem com a generalidade dos paulistas, notado pela sua hospitalidade, intelligencia. bondade, inconstancia, bairrismo, tendencia para o exaggero, desconfiança, etc.

A densidade da população de Tremembé é, mais ou menos, de 20 habitantes por kilometro quadrado.

CAPITULO V

INDUSTRIAS

Extractivas — Schisto betuminoso lamellar — A turfa como combustivel economico — Vestigios de carvão de pedra — Outros mineraes: — Kaolin, talco, oca, pedras de amolar, barro de modelar, — A tabatinga como substitutivo da cal em varios casos — Madeiras e lenha — Industrias manufactureiras — Vantagem de sua installação nesta localidade — Abundancia de pessoal e preço de mão de obra — O futuro do Tremembé sob este ponto de vista — A trappa de Maristella — As trappistinas — Sericultura e apicultura — Pomologia — Avicultura — Viticultura e vinificação—Industrias transportadoras — Iniciativa futurosa — Industrias commerciaes — Caça e pesca — Outras considerações.

O sub-solo do Tremembé, constituido em grande parte de terrenos sedimentares formados por alluvião, é composto de uma grossa camada de schisto betuminoso lamellar, sendo em outros logares coberto por grandes manchas de turfa.

Qualquer destas substancias aqui existentes em quantidades extraordinarias, poderia ser a base de lucrativas industrias, quando intelligentemente exploradas; pois, como se sabe, do schisto de Tremembé se extrae o kerozene, substancia em que é rico, a parafina, o gaz de illuminação, (1) etc.

O schisto, como a turfa, podem ainda ser empregados como combustivel, aquelle em machinas a vapor, e esta tanto para aquelle fim como em fogões economicos.

Os residuos da turfa incinerada pódem ainda ser utilizados como substitutivo da cal no branqueamento de paredes.

Explorações ha tempos aqui realizadas em terrenos situados nas fraldas da serra Mantiqueira denunciaram a existencia de carvão de pedra.

Além dos mencionados, ha aqui outros mineraes, que, devidamente aproveitados, poderiam servir á criação de apreciaveis industrias. Citaremos o *kaolin*, de excellente qualidade,

---

(1) A cidade de Taubaté é illuminada a gaz extrahido do schisto de Tremembé.

e o barro de modelar, tão apreciados em ceramica ; a *tabatinga*, empregada em caiações, o talco, a óca, o roxo-terra, as pedras de amolar, etc., tudo isto aqui existente em grandes quantidades.

O Tremembé ha de vir a ser um centro muito prospero no dia em que aqui se desenvolver uma mauufactura qualquer em que se possam aproveitar as energias latentes e improductivas, pela inacção, que aqui existem. E, com franqueza, poucas localidades poderão offerecer melhores condições para o desenvolvimento de certas industrias, se attendermos não somente á excellencia das condições climatericas e topographicas do Tremembé, mas ainda á abundancia do pessoal aproveitavel que póssue e á exiguidade dos salarios.

E tanto são bem fundadas as nossas ponderações, que os religiosos Trappistas, essencialmente industriaes e laboriosos, de um atilamento acima de toda a apreciação, quando pretenderam estabelecer-se na America do Sul, ha cinco annos, depois de haverem percorrido em exploração todos os paizes deste continente, todos os Estados do Brazil e os melhores pontos do Estado de S. Paulo, vieram localizar-se no Tremembé, na fazenda que denominaram *Maristella*, e cujo progresso, apezar da sua recente fundação, tem sido attestado por quantos têm visitado os importantes estabelecimentos daquella ordem.

A confirmar ainda os nossos conceitos está a recente fundação do Mosteiro das Trappinistas nesta cidade, estabelecimento religioso onde a industria manufatureira acompanha as praticas do culto. (1)

A apicultura, aqui ensaiada com optimos resultados, tornar-se-ia rendosa se fosse explorada em larga escala, a avaliar pelos resultados colhidos pelos poucos que se dedicam a esse ramo de industria.

O mesmo diremos em relação á sericultura, á pomologia, á avicultura, á viticultura, etc.

Uma industria aqui regularmente explorada, se bem que em pequena escala, é a da lenha, de que se abastece não só esta localidade, como, em sua maioria, a população de Taubaté.

A caça e a pesca são aqui egualmente exploradas, com regular proveito.

O municipio é cortado por muitos caminhos vicinaes e ligado aos municipios visinhos por boas estradas de rodagem. Entre esta cidade e a de Taubaté ha uma linha de bondes a vapor que faz diariamente o serviço de transporte de passageiros e mercadorias entre as duas cidades.

Actualmente projecta o Governo do Estado a construcção de uma linha ferrea ligando Taubaté aos Campos do Jordão, passando pelo Tremembé, estrada que será de grande vantagem para este municipio, visto ter de atravessar uma fertilissima zona agricola.

---

(1) Fabricam, em machinas apropriadas, rendas, bordados, tecidos de malha, passamanaria, etc.

CAPITULO VI

AGRICULTURA

A natureza das terras — A varzea e os morros — Aproveitamento do solo — Rectificação do rio Parahyba — A cultura do arroz — O linho brazileiro — Pecuaria — Pomologia — Plantas exoticas — A sua aclimatação neste municipio — Estatistica agricola — Notas diversas.

Como dissemos algures, o Tremembé occupa uma vasta planicie, que se estende desde a margem da Estrada de Ferro Central do Brazil até á serra Mantiqueira.

De natureza argilo-silicosa, estas terras são apropriadissimas para o cultivo do arroz, como o demonstraram os padres Trappistas nos amplos arrozaes do Birizal.

Estas terras, ricas em humos como são, prestam-se egualmente para a cultura de outros cereaes.

As terras elevadas, seccas e arenosas, são optimas para a cultura do café e de arvores fructiferas.

Uma parte da varzea, attingida periodicamente pelas enchentes do Parahyba, só poderá ser convenientemente aproveitada depois de cortadas algumas voltas do rio, o que aliás parece facil e pouco dispendioso, segundo estudos feitos por distintos profissionaes, por ordem da Secretaria de Agricultura do Estado.

Ha alguns annos foi descoberta em terras do Tremembé uma planta textil cujas fibras, convenientemente estudadas na Europa, foram julgadas excellentes para fiação e tecidos finos.

Obtido privilegio de exploração, foi montada uma empreza com grandes capitaes, procedendo-se a vastas plantações do vegetal que denominaram—linho brazileiro.

Dissenções entre os socios e a morte do principal director fizeram baquear a nascente e esperançosa empreza, com grandes prejuizos para os seus iniciadores, sem que até agora fosse tentada de novo uma cultura que, os entendidos continuam a reputar de promettedores resultados.

O linho de Riga, cuja plantação aqui tem sido ensaiada, produz de um modo lisonjeiro, podendo, segundo cremos, ser tratado com vantagem.

Nestes ultimos annos, tem sido aqui introduzida e hoje tem já um bom desenvolvimento a cultura de arvores fructiferas exoticas, européas, principalmente, que aqui medram de uma maneira muito animadora, nomeadamente as pereiras, macieiras, cerejeiras, pecegueiros, castanheiros, kakis, ameixeiras, nogueiras, etc. As parreiras estão por egual aclimadas aqui ; e ha deste precioso vegetal grandes plantações em Tremembé.

Vamos concluir este capitulo com uma resumida estatistica agricola, pela qual se poderá ajuizar da producção

actual do nosso pequeno municipio, antes, porém, lembraremos que a pecuaria tambem aqui não é desconhecida, havendo alguns criadores intelligentes, principalmente de gado vaccum.

Producto explorado	Quantidade annualmente	Valor
Aguardente.	40.000 litros	8:000$000
Arroz.	1.800.000 »	270:000$000
Café	50.000 arrobas	250:000$000
Feijão	50.000 litros	100:000$000
Milho.	600.000 »	48:000$000
Gado cavallar e muar.	160 cabeças	4:800$000
» lanigero e caprino	250 »	750$000
» suino.	800 »	40:000$000
» vaccum	400 »	18:000$000
Mel de abelha. . . .	1500 litros	2:250$000
Cera animal	quantidade relativa	—
Lenha	11.000 carros	55:000$000
Schisto betuminoso. .	300 vagões	7:500$000
Tijolos	600.000	15:000$000
Farinha de mandióca .	30.000 litros	6:000$000
Peixe fresco	35.000 kilos	15:000$000
Algodão.	(quantidades pouco	—
Assucar	consideraveis e de	—
Fumo (tabaco) . . .	difficil computo)	—
		840:300$000

Vinho Carvão vegetal Madeira Pedras de amolar Talco Turfa Oca e roxo terra Barro de modelar Fructas	Quantidade cujo calculo approximado tivemos difficuldades em obter.

Café :

Cafeeiros produzindo.	900.000
» em formação	100.000

Aves e ovos — grande quantidade, porém de difficil computo.

Videiras produzindo e em formação — dez mil.

E outros productos de menor importancia.

Considerando a pequena área territorial do nosso municipio e a sua insignificante população, são bem significativos os algarismos que acima offerecemos e que constituem a me-

lhor prova da excellencia destas terras, sob o ponto de vista productivo.

Foi tendo em vista estas considerações que no dia onze de agosto deste anno aqui se fundou uma importante sociedade que, sob a denominação de Associação do Roteio Rural do Tremembé, pretende dar á lavoura do municipio o maior incremento possivel, tendo, para melhor exito do seu programma, obtido o franco apoio do Governo do Estado.

A Camara Municipal desta cidade, com o mesmo intuito, dirigiu ha pouco ao sr. dr. Secretario da Agricultura uma representação no sentido de obter a fundação aqui de um nucleo colonial, ideia esta que, suppomos, vingará, por ser de grande alcance para o desenvolvimento da riqueza do Estado e engrandecimento do Paiz.

CAPITULO VII

NOTAS AVULSAS

A instrucção publica no Municipio é ministrada em oito escolas primarias, das quaes tres são do sexo masculino, duas do feminino e tres mixtas.

A população escolar era em 1908 de 152 meninos e 80 meninas. Este numero não representa nem a quarta parte das creanças em edade escolar que, por desidia dos paes e falta de obrigatoriedade de ensino, crescem no obscurantismo.

Nas jazidas de schisto betuminoso lamellar aqui existentes, donde é extrahida a materia prima para a illuminação da cidade de Taubaté (1), encontra-se grande quantidade de exemplares de uma fauna e flôra fosseis de afastado periodo geologico.

O que mais abunda, entretanto, são os *Ychthyolithos*, de que enviamos alguns specimens. Pertenciam a especies de peixes desapparecidos, mas que têm ainda representantes no Parahyba.

Poderiamos ampliar mais o nosse trabalho, accrescentando-lhe outras notas interessantes sobre este municipio, referindo-nos á sua flôra, ás especies de peixes e aves que povoam os seus rios e os seus bosques, mas deixamos de fazel-o já porque nos escasseia o tempo, já porque, sendo taes especies communs a todo o Estado, pouco interesse podia despertar o seu estudo.

Concluindo, pois, estes breves e desataviados apontamentos, offerecemol-os, como um modesto ensaio, á apreciação do douto Congresso de Geographia que decidirá se deverão ser os mesmos melhor ordenados, desenvolvidos, completados, ou se — pelo seu denhum valor ou utilidade — devem ser lançados ao pó do esquecimento.

---

(1) Do schisto betumincso de Tremenbé extrae-se ainda o kerozene, a parafina, oleos lubrificantes, etc.

A Rebellião Praieira

PELO

CORONEL JOÃO DE LYRA TAVARES

Socio correspondente do Instituto

A' bella e altiva

AREIA

Este estulo contém a reproducção, em synthese, do que disseram varios escriptores sobre a revolução pernambucana de 1848. Não merece portanto, a importancia que as narrativas inteiramente desconhecidas des pertam áquelles que se dedicam ao estudo da historia patria.

O meu fim com a sua publicação foi reunir ao que se havia editado relativamente á parte tomada pela Parahyba na mencionada rebellião, os documentos officiaes que a respeito foi-me dado obter.

Além da utilidade que poderá ter de proporcionar facil conhecimento aos que o pretenderem, sobre o movimento praieiro nesta região, este trabalho offereceu-me ambicionado ensejo para demonstrar a sympathia que consagro aos filhos da invicta cidade de Areia' cujo amôr inesquecivel e nobilitante á terra em que nasceram vibra-lhes mais alto e mais forte do que as mais altas e as mais fortes dissenções.

Nenhum outro meio se me afigurou melhor á essa affectiva manifestação do que contribuir para a vnlgarização de factos em que refulgem insophismaveis a generosidade e o civismo dos seus ascendentes.

Fazem hoje sessenta e dois annos que uma pleiade denodada de arcienses ezpunha os peitos ás balas de um exercito pela sua excepcional solidariedade a amigos politicos. Não lhes seria possivel nutrir esperanças de triumpho. Tiveram, pois, o fetichismo da lealdade. Tornaram-se martyres por serem heróes.

Os feitos que praticaram traduzem glorias aos seus patricios. A sua rememoração os desvanecerá. Estarei satisfeito. Nenhuma outra intenção impelliu-me a escrever as linhas que se seguem.

Parahyba, 21 de evereiro de 1911.

O AUCTOR.

A Rebellião Praieira

O parlamento brazileiro, creado pela constituição imperial, reuniu-se pela primeira vez em 1826; e, durante o reinado de Pedro 1.º a opposição, composta embora de politicos cujos principios não se harmonizavam, constituiu sempre a maioria da camara temporaria.

Ensaiava-se ainda entre nós o systema representativo. O imperador era de temperamento impulsivo e sem nenhuma experiencia; os homens publicos e a imprensa tambem não tinham feito a sua educação politica.

Ao primeiro ministerio brazileiro, de 16 de janeiro de 1822, em que predominára a orientação intelligente e patriotica de José Bonifacio, succedera o de 17 de julho de 1823, em que se destacava a figura de Carneiro de Campos.

A 10 de novembro do mesmo anno surgia o gabinete de Villela Barbosa a quem succedeu, em 21 de novembro de 1825, Fernandes Pinheiro. Forçado este ás modificações ministeriaes de 21 de janeiro de 1826 e 15 de janeiro de 1827, teve, afinal, que deixar a administração, em 20 de novembro de 1827, a Araujo Lima, por sua vez substituido, a 4 de dezembro de 1829, por Paranaguá.

Recrudesceram terrivelmente as lutas durante este governo, que soffreu no parlamento e na imprensa formidavel opposição. Surgiram varios jornaes federalistas e outros defendendo as ideias republicanas; e, taes foram as perturbações occorridas que Pedro 1.º, passando o governo a Carneiro de Campos em 19 de março de 1831, precisou conceder-lhe exoneração a 5 de Abril, quando organizou-se o gabinete dos senadores Marquez de Inhambupe, Marquez de Aracaty, Visconde de Albuquerque, Marquez de Baependy, Marquez de Lages e Marquez de Paranaguá.

Já não era, entretanto, possivel esbarrar os acontecimentos que se desdobravam com assombrosa intensidade.

As repetidas transformações operadas na alta politica nacional, denunciadoras de irreflexão ou tibieza, inflamavam cada vez mais o espirito publico.

A 7 de abril, Pedro 1.º decidia-se a abdicar em favor de seu filho, d. Pedro de Alcantara, partindo para Portugal.

* * *

Desde 1808, com a vinda de d. João 6.º para o Rio de Janeiro e em virtude da invasão de Portugal pelos francezes, crescera notavelmente a emigração da metropole para a colonia.

Os brazileiros tinham alcançado com a independencia a posse dos seus direitos politicos, e os portuguezes, já ligados por laços inextinguiveis á população indigena, não poderiam desinteressar-se pelos negocios publicos em que estavam habituados a interferir, como se na sua propria terra estivessem.

Desse antagonismo de nacionalidades, derivaram-se as primeiras divergencias da nossa sociedade, no regimen imperial.

Liberaes e absolutistas, isto é, brazileiros e portuguezes, foram os partidos em que se dividiram os homens politicos daquella epoca.

Pedro 1.º, por não haver nascido no Brazil, tornára-se suspeito aos liberaes, e, por isto, alvo de desconfianças e hostilidades que os seus inapagaveis serviços á independencia não obtiveram dissipar ou esmorecer.

Impellido pelas circumstancias em que se deparou, á deliberação de 7 de abril, firmou a crença aos brazileiros de que se solidificára a grande victoria definitivamente conquistada em 7 de setembro de 1822.

Desappareceram então os partidos patrios e surgiram no scenario nacional os partidos politicos.

* * *

Pedro 2.º tinha cinco annos de idade, quando deu-se a renuncia do primeiro imperador. Assumiram provisoriamente a regencia Caravellas, Campos Vergueiro e Lima e Silva. A 17 de junho era eleita a regencia definitiva composta de Lima e Silva, Costa Carvalho e Braulio Moniz, aos quaes succedeu, depois do Acto Addicional, Diogo Antonio Feijó, substituido em 18 de setembro de 1837 por Araujo Lima.

No periodo da regencia estiveram na arena os partidos restaurador ou caramurú, republicano e liberal.

O primeiro trabalhava pela volta de Pedro 1.º, o segundo pretendia a abolição da monarchia e o terceiro pugnava pela conservação do regimen monarchico, sendo, porém, reformada a constituição de 1824. As ideias sobre essa revisão scindiram os liberaes, porque uns desejavam-na mais ampla e outros a queriam mais restricta. Os dois grupos divergentes passaram a denominar-se, respectivamente, exaltado e moderado.

O reinado da regencia foi uma phase de agitações constantes. Movimentos revolucionarios explodiram no Ceará de 1831 a 1832, em Pernambuco de 1832 a 1835, no Pará de 1831 a 1833 e de 1835 a 1837, na Bahia de 1837 a 1838,

no Maranhão de 1838 a 1841, e, finalmente, no Rio Grande do Sul de 1835 a 1845.

A falta de duradoura cohesão entre os directores da politica nacional e a deficiencia de comprehensão dos seus deveres civicos, por parte de muitos que dispunham de relativa ascendencia na opinião popular, faziam infructiferos os melhores esforços dos que visavam os legitimos interesses da communhão.

O ministerio de 7 de abril, a que perteuciam Carneiro de Campos, Visconde de Goyanna, Ignacio Borges, Souza França, José de Almeida e José de Moraes, teve que entregar o poder, em 16 de julho do mesmo anno, a Feijó, Carneiro de Campos, Lino Coutinho, Bernardo de Vasconcellos, Itaborahy e Suruhy, que o deixaram em 3 de agosto de 1832 a Araujo Lima, Hollanda Cavalcanti e Barroso Pereira. A 13 do mez seguinte, estes eram substituidos por Vergueiro, Paraná, Cayrú e Tramandahy, que, em 16 de janeiro de 1835, retiraram-se, sendo organizado o gabinete de Castro e Silva, Alves Branco e Santos Barreto.

A 13 de outubro de 1835, iniciava-se a regencia de Feijó, sendo nomeado no dia immediato o ministerio de Abaeté, Alves Branco, Castro e Silva e Suruhy, ministerio a que succederam, em 5 de fevereiro de 1836, o de Ignacio Borges, Abaeté, Castro e Silva, Salvador Maciel e Lima e Silva; em 1 de novembro, o de Lima e Silva, Aguilar Pantoja, Castro e Silva, Salvador Maciel e Marquez de Lages; e, em 16 de maio de 1837, o de Alves Branco, Jequitinhonha, Costa Pereira e Tristão dos Santos.

Batiam-se, naquelle tempo, com ardor, os moderados, exaltados e restauradores, salientando-se nestas fileiras os vultos eminentes dos Andradas, que, voltados do exilio em 1828, se haviam reconciliado com Pedro 1.º.

Razões anodinas, apaixonamentos desvairantes, separavam preciosos elementos, que tão proficuos seriam, trabalhando disciplinados, contidos por uma orientação segura, aos interesses collectivos.

Foi nessa emergencia impressionante e difficil para o nosso paiz, que Olinda e Vasconcellos, num louvavel impeto patriotico, alliaram-se aos restauradores já sem fundamento para sustentar a sua bandeira, em virtude do falecimento de Pedro 1.º, em 1834, e resolveram disputar colligados as eleições de 1836. Da victoria que conquistaram, resultou o desmoronamento da situação dominante, vindo á regencia Araujo Lima, em 18 de setemhro de 1837.

Nasceu então o partido conservador, dividindo-se a sociedade brazileira nas duas poderosas correntes, que se combateram até a proclamação da Republica.

E' verdade que a situação conservadora começada em 1848, foi succedida por um longo periodo de inteira confusão; mas, não se extinguiram absolutamente as dissenções partidarias, que reappareceram depois perfeitamente accentuadas.

Subira Olinda, naquelle anno, apoiado devotadamente pelos seus correligionarios que o ostracismo tornára realmente cohesos. Em 1849, porém, rebentaram as primeiras discordias, motivando a substituição do presidente do conselho por Monte Alegre. Em 1852 tinham recrudescido as desharmonias, entre os dominantes, a tal ponto que Monte Alegre, Euzebio de Queiroz e Muritiba careceram abandonar o poder. A 11 de maio ascendia o ministerio de Itaborahy, que, em 1853, solicitava tambem exoneração.

As fileiras conservadoras patenteavam-se enfraquecidas por desaggregações intimas, originadas de incompatibilidades entre os seus chefes.

Em condições egualmente intrincadas debatia-se o partido liberal, preso do enorme lethargo que lhe sobreveio ao insuccesso dos movimentos revolucionarios de S. Paulo, Minas e Pernambuco.

Irrompia nesse momento inquietante, de descrença mesmo, a figura empolgante de Paraná, á frente do gabinete de 6 de etembro, composto de Bom Retiro, Nabuco de Araujo, Abaeté, Rio Branco e Bellegarde.

Baldados os esforços envidados para reharmonizar os seus correligionarios, o habilissimo estadista, fiando-se no seu immenso prestigio, que acabava de ser engrandecido com as glorias alcançadas em sua missão especial ao Rio da Prata, atirou-se corajosamente á fundação de uma politica nova, procurando apagar as linhas que delimitavam os campos partidarios, de modo a não permanecerem desaproveitadas as aptidões de compatriotas illustres, inteiramente arredados da administração por amor aos compromissos assumidos.

Era necessario que se offerecesse opportunidade a um encontro digno, inattingivel a suspeitas desabonadoras, entre adversarios que se deparavam impossibilitados de governar com os seus respectivos partidos, pelas rivalidades pessoaes que perturbavam inteiramente a união e a disciplina de que careciam para enfrentar as responsabilidades do poder.

Impunha-se que o paiz vencesse os empecilhos oppostos ao seu desenvolvimento pela severidade de combatentes, cuja sensibilidade pessoal permittira suppôr-se-os até olvidados das suas intenções patrioticas.

A' admiravel visão politica de Paraná não escapou a gravidade do momento. E, elle agiu com a inquebrantavel firmeza que lhe era habitual, praticando com pericia o grandioso plano que acudira á sua fecunda imaginação de experimentado e sagaz timoneiro.

«Não ha mais saquaresmas nem lusias. As luctas passadas estão esquecidas. Aos conservadores eu dou a fiança do meu nome e do meu passado; aos liberaes, porém, a quem não posso dar a mesma fiança, asseguro que concorrerei dando os primeiros passos a seu encontro.» Assim manifestava-se Paraná no parlamento.

Falecendo a 3 de setembro de 1856, substituiu-o Caxias, que manteve integra a sua orientação, tambem seguida por Olinda, presidente do gabinete de 4 de maio de 1857, que fôra aliás, a principio, o unico chefe conservador a condemnal-a desassombradamente.

Abaeté, gabinete de 12 de dezembro de 1858; Uruguayanna, gabinete de 10 de agosto de 1859; e, emfim, novamente Caxias, gabinete de 2 de março de 1861, não se desviaram do programma de conciliação que emprehendera Honorio Hermeto. O ultimo desses ministerios, entretanto, soffreu na camara temporaria, em 1862, a opposição arregimentada e activa da *liga progressista.*

A retirada de Saraiva e Sá e Albuquerque do ministerio Caxias, determinada por divergencias do primeiro com Sayão Lobato, implicára as hostilidades de Zacarias, Paranaguá e outros amigos de Saraiva ao referido gabinete, fortificando-se assim a opposição vigorosa e brilhante que já representavam Theophilo Ottoni, José Bonifacio, Francisco José Furtado, Francisco Octaviano, Felix da Cunha, Martinho Campos e outros parlamentares distintos.

Congraçando-se os liberaes e conservadores dissidentes, a esforços de Nabuco de Araujo, formou-se o pujante partido que teve a denominação de *liga progressista,* cuja existencia foi annunciada por Zacarias, em 1862, da tribuna da camara.

Não poude o governo resistir á sua acção, e, a 24 de maio de 1862, subiu ao poder a nova aggremiação, com o gabinete de Zacarias de Góes, Francisco Furtado, Carlos Carneiro de Campos, Dias de Carvalho, José Bonifacio, Porto Alegre e Sá e Albuquerque.

Seis dias durou este ministerio.

Encontrando embaraços na camara temporaria e sendo-lhe recusado pelo imperador o decreto de dissolução, resolveu demittir-se; e, a 30 tomava conta da administração o Marquez de Olinda.

Zacarias voltou ao governo em 1864, gabinete de 15 de janeiro, sendo substituido por Furtado, gabinete de 31 de agosto, a quem succedeu Olinda, gabinete de 12 de maio de 1865.

Em 1866 organizou ainda Zacarias o ministerio de 3 de agosto, que encerrou o dominio dos progressistas.

Passou a direcção dos negocios publicos, em 1868, a Itaborahy, gabinete de 16 de julho, constituido sómente por conservadores. Aos liberaes historicos desde 1866 com um orgam na imprensa — A Opinião Liberal — alliaram-se então definitivamente os progressistas e receberam com franca opposição a situação que se inaugurava.

O imperador impera, governa e administra, dizia, em 1869, no Senado, o chefe do gabinete conservador.

O rei reina e não governa, accentuavam os liberaes no seu programma, votado unanimemente no club da Reforma.

Arregimentados e fortes bateram-se até a proclamação da Republica, sem nunca mais confundirem-se, os dous partidos nacionaes. Não se deram mais treguas. A questão abolicionista, mesmo, que teve, pró e contra, paladinos esforçados de uma e outra das correntes partidarias, não chegou a produzir, ainda que temporariamente, o apparecimento de elementos adversos no governo.

A luta, que recrudescera no ministerio Dantas levando ao ostracismo os liberaes, manteve-se ardorosa até o seu desfecho em 1888, no gabinete João Alfredo, sem que jamais as combinações dos contendores de cada lado, com os seus inimigos politicos, tivessem outra significação que o amparo mais proveitoso á causa da libertação dos escravos, exclusivamente.

De 1868 a 1889, além dos dous partidos constitucionaes, apenas surgiu o que prégava as idéas triumphantes a 15 de novembro, cujo manifesto foi publicado no dia 3 de dezembro de 1870, no jornal «A Republica», trazendo as assignaturas de Saldanha Marinho, Aristides Lobo, Ottoni, Lafayette, Rangel Pestana, Limpo de Abreu, Quintino Bocayuva, Moreira Pinto, José Maria, Bittencourt Sampaio, Salvador Mendonça, Lopes Trovão e muitos outros brazileiros illustres.

As idéas democraticas que tinham levado ao martyrio os patriotas da Inconfidencia, resurgidos em 1817 e 1824 em Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, em 1835 no Rio Grande do Sul e em 1837 na Bahia, congregavam decididos apostolos para implantal-as definitivamente no Brazil.

Fomos arrastados insensivelmente a divagações que excedem muito da nossa intenção de rememorar, em ligeira synthese, os factos que antecederam ao ultimo movimento revolucionario do regimen imperial, no qual morreu Nunes Machado, desapparecendo com elle, do scenario politico, por muitos annos, o partido liberal brazileiro.

Voltemos, portanto, á phase politica anterior á *rebellião praieira.*

*
* *

A primeira situação conservadora que tivemos foi a que começou com o ministerio de 19 de setembro de 1837, constituido por Bernardo de Vasconcellos, Maciel Monteiro, Miguel Calmon, Itaborahy e Rêgo Barros, ao qual seguiu-se o de 16 de abril de 1839, organizado por Almeida e Albuquerque, Candido Baptista e Senna Pereira. A 1 de setembro era ainda este ministerio substituido pelo de Manoel Galvão, Assis Coêlho, Maranguape, Alves Branco, Senna Pereira e Marquez de Lages, succedendo-o, em 18 de maio de 1840, o de Maranguape, Silva Maia, Senna Pereira e Salvador Maciel.

Em 1840 a opposição, que engrossára com o apoio de varios conservadores, inclusive Martim Francisco e Antonio Carlos, trabalhava vigorosamente pela declaração da maioridade de Pedro 2.°.

Os Andradas e Hollanda Cavalcanti poseram-se á frente do movimento, pela extinção da regencia.

Vencedores em 23 de julho de 1840, subiram os liberaes com o ministerio de 24 do mesmo mez e anno: Antonio Carlos, Abaeté, Sepetiba, Martim Francisco, Visconde de Albuquerque e Visconde de Suassuna.

A 23 de março de 1841 voltavam ao poder os conservadores, que organizaram o ministerio de Sapucahy, Visconde de Uruguay, Sepetiba, Miguel Calmon, Paranaguá e José Clemente, e ainda, em 20 de janeiro de 1843, o de Silva Maia, Paraná, Joaquim Vianna, Itaborahy e Salvador Maciel.

A 2 de fevereiro de 1844, voltaram a dominar os liberaes, com o gabinete de Macahé, Abaeté, Alves Branco, Ferreira França, Visconde de Albuquerque, Manoel Galvão e Jeronymo Coelho.

Na mesma situação liberal tivemos o ministerio de 26 de maio de 1845, de Macahé, Abaeté, Alves Branco e Visconde de Albuquerque; o de 2 de maio de 1846, de Marcellino de Brito, Fernandes Torres, Cayurú, Visconde de Albuquerque, Santos Barreto e Lopes Gama; o de 22 de maio de 1847, de Alves Branco, Campos Vergueiro, Souza Oliveira, Candido Baptista, Paula e Souza e Antonio Manoel de Mello; o de 8 de março de 1848, de Macahé, Pimenta Bueno, Abaeté, Souza e Mello e Fernandes Leão; e, finalmente, o de 31 de maio do mesmo anno, de Paula e Souza, Dias de Carvalho, Campos Mello, Souza Franco, Fernandes Leão e Santos Barreto.

Os conservadores reconquistaram o governo em 29 de setembro do 1848, com o ministerio de Araujo Lima, Monte Alegre, Euzebio de Queiroz, Itaborahy e Souza e Mello, ministerio que somente ficou completo em 23 de julho de 1849 com a entrada do Barão de Muritiba, Manoel Vieira Tosta, para a pasta da marinha, passando á da Guerra Souza e Mello, que a occupava interinamente.

Foi quando o poder se achava em mãos deste ministerio que irrompeu a *Rebellião Praieira*, denominação com que passou á historia a revolução de 1848 no actual Estado de Pernambuco.

* * *

O dominio liberal começado em 2 de fevereiro de 1844 trouxera ao governo Hollanda Cavalcanti, que pretendeu, a principio, fundar uma politica de concordia, na qual não preponderasse nenhum dos partidos existentes em Pernambuco.

Guabirús e praieiros, eram os nomes que tinham as duas parcialidades que se combatiam.

A nomeação de Marcellino de Brito para presidente da provincia faz perceber-se esse intuito. Entretanto, não inspirando confiança a Hollanda a representação pernambucana na camara temporaria, firmou elle uma alliança intima com o partido conservador do Rio, approximando-se por sua vez os praieiros de Aureliano Coutinho.

Com a reorganização ministerial de 26 de maio de 1845, melhorou a situação de Urbano Sabino e Nunes Machado, inimigos irreconciliaveis dos Cavalcanti, Rego Barros e Souza Leão.

Embora ministro, tinha Hollanda contra si as prevenções de Macahé, primeira figura do gabinete, circumstancia que facilitou aos praieiros a nomeação do seu fervoroso correligionario, desembargador Chichorro da Gama, para presidente da provincia.

E, depois, quando, em 1846, com o ministerio de 2 de maio, Hollanda obteve posição de notavel ascendencia na politica nacional, se não ousou demittir Chichorro da Gama, foi porque seria imprudencia fazel-o, com a certeza de que se daria a passagem á opposição, já temerosa no parlamento, de Urbano e Nunes Machado.

A's vagas senatoriaes de Antonio Carlos e José Carlos Mayrink, foram indicados pelos praieiros, com injustificavel preterição de Muniz Tavares, Chichorro da Gama e Ernesto Ferreira França, que, incluidos na lista em 1847, foram escolhidos pelo imperador, a despeito dos esforços em contrario de Hollanda Cavalcanti. Demittindo-se, foi Hollanda substituido no gabinete por Lopes Gama, seu amigo, de modo que os praieiros, satisfeitos com a sua retirada, não se julgaram, entretanto, melhor amparados com o seu successor.

O gabinete de 22 de maio de 1847, organizado por Paula e Souza, que cedeu a sua presidencia a Alves Branco, não se atreveu tambem a retirar Chichorro da Gama da presidencia de Pernambuco, contra cuja administração eram arguidas graves censuras, attribuindo-se-lhe ostensiva intervenção no pleito senatorial em que fôra candidato.

A camara vitalicia, que até então só havia annullado as eleições do Marquez de Lages, em 1829, e a de Diogo Antonio Feijó, em 1833, por 17 votos contra 13, annullou as de que sahiram triumphantes Chichorro de Gama e Ferreira França.

Urbano Sabino e Nunes Machado verberaram, da tribuna parlamentar, apaixonadamente, a resolução do Senado, e sustentaram com dedicação os mesmos candidatos no novo pleito.

Com a ascenção ao poder do ministerio de Almeida Torres, 8 de março de 1848, Chichorro da Gama, já eleito deputado e, pela segunda vez, na lista senatorial, foi demit-

tido da presidencia da provincia, sendo substituido pelo conselheiro Vicente Pires da Motta.

Foi terrivel a opposição dos praieiros a este gabinete, que, afinal, teve de deixar o governo a 31 de maio de 1848, quando assumiu a administração o ministerio de Paula e Souza, ultimo da situação liberal que se iniciara em 1844.

Foi valiosissima a contribuição dos praieiros para a quéda de Almeida Torres, despertando commentarios nas rodas politicas da epoca não terem logrado ser directamente representados no governo, para cuja instituição tornara-se inestimavel a sua acção parlamentar.

Parece que, como uma recompensa a essa desconsideração, é que foi destinada a Chichorro de Gama a presidencia da Camara, cargo que occupava quando novamente foi escolhido com Ferreira França, para o Senado, por Pedro 2°.

Não havia, porém, mudado a orientação da camara vitalicia, onde a influencia de Araujo Lima constituia insuperavel obstaculo á consagração da victoria praieira.

Depois de caloroso debate, o Senado, pela maioria dos seus membros, recusava ainda a sua approvação á preferencia do monarcha, insistindo em annullar as eleições de Pernambuco.

Caso semelhante nunca se dera no Brazil. E, mesmo depois, durante toda a vigencia do regimen monarchico, não mais aconteceu deixar de ser reconhecido o senador que, tendo-se-lhe annullado a eleição, voltasse novamente escolhido pelo imperador. Torres Homem, Leitão da Cunha e Christiano Ottoni não foram logo reconhecidos, mas, reeleitos, tiveram facil entrada na alta camara.

Desde então, os praieiros foram arrastados a uma attitude de combates continuos, pois que seguiu-se a essa acabrunhadora desventura partidaria a vinda ao poder dos conservadores, com o gabinete de 29 de setembro de 1848, organizado por Araujo Lima.

Das difficuldades oppostas contra a sua politica por este conceituado estadista, decorreram innegavelmente aos praieiros os seus ultimos insuccessos. Era, portanto, intensa e irrepremivel a prevenção com que os liberaes pernambucanos recebiam a situação que se apresentava, tendo á frente, vencedora, a figura altamente prestigiada do seu mais poderoso adversario local.

*
* *

Refere Joaquim Nabuco que o Visconde de Camaragibe dissera uma vez ao conselheiro João Alfredo terem os praieiros tirado aos conservadores nove decimos da população, e que o cavalcantismo tinha degenerado pelo crime dos feudatarios, senhores de engenho.

Essa informação, muito valiosa pela respeitabilidade de sua fonte, traduz a influencia extraordinaria de Urbano Sa-

bino e Nunes Machado em sua terra. Forçoso é reconhecer, todavia, que esses idolatrados chefes, justamente porque tinham como base de sua honrosa posição politica a immensa popularidade conquistada, temiam resistir á vontade ordinariamente imponderada da multidão, de cuja confiança se desvaneciam incomparavelmente. Contribuiu talvez de modo decisivo essa dependencia aos impetos de um povo ainda não perfeitamente educado para a pratica dos seus legitimos deveres civicos, em que se deparam os directores do partido praieiro, para a sanguinolenta luta em que foi sacrificado o maior vulto das fileiras liberaes pernambucanas, naquella epoca. Faltavam a Nunes Machado alguns predicados essenciaes para o commando. Elle era melhor combatente do que director. E, por isto, em vez de representar, no melindroso momento que atravessava a politica de sua provincia, o verdadeiro papel de guia, submetteu-se, valentemente, é verdade, mas sem reflexão, ás desarrazoadas exigencias dos seus correligionarios.

Tal era a dedicação que a estes consagrava o denodado batalhador, que, dizia Paraná: «Nunes Machado tem todas as virtudes, menos a de resistir aos amigos.»

Os praieiros não foram solidarios com os luzias que revolucionaram S. Paulo e Minas, após a ascenção ao poder dos conservadores, em 1841. Ao contrario, apoiaram decididamente o ministerio que venceu taes revoltas, e mantiveram attitude independente na politica geral, sem alliança com os liberaes do sul.

O movimento da Praia teria de circumscrever-se, portanto, á sua provincia, não havendo probabilidade de repercutir em outros centros do paiz.

O insuccesso do combate era, pois, inevitavel.

Fora nomeado presidente de Pernambuco Herculano Ferreira Penna, que assumiu a administração em 25 de outubro de 1848. Sendo adiada a sessão da camara, regressaram para a sua provincia os deputados praieiros. Nunes Machado ficara, entretanto, no Rio de Janeiro.

O ostracismo, pelas discordias profundas e vivas odiosidades pessoaes que reinavam em Pernambuco, apavorava os liberaes. Elles não tinham effectivamente outra causa, além da situação amedrontadora em que se encontravam, para insurgir-se contra a legalidade; e, por isto, adoptaram desatinadamente, como bandeira politica, a nacionalização do commercio a retalho, pretenção absurda e retrograda, em que se reflectia o ciume patrio dos primeiros tempos da Independencia.

Conta Urbano Sabino que, antes de embarcarem para Pernambuco os deputados praieiros, havia sido resolvido, em reunião do partido, que não seria consentida a rebellião geralmente esperada em sua provincia.

No dia 7 de novembro, porém, já celebre por ter sido a data em que rebentara a revolução da Bahia, ás 10 horas

da noite, partiam de Olinda os primeiros grupos de revolucionarios para Iguarassú, onde se deviam reunir as forças rebeldes ao mando de Manoel Pereira de Moraes (Moraes de Inhaman).

A 10 circulava impressa uma proclamação, que terminava :

«Os nossos brios e a nossa dignidade não consentem que nos curvemos ao jugo de ferro de inimigos tão rancorosos; mil vezes morrer com as armas na mão, vendendo caras as nossas vidas, do que cobardes sujeitarmo-nos a uma escravidão tão vergonhosa! União e coragem, e nada temais. A victoria será infallivelmente nossa. A's armas, meus Patricios, ás armas!»

De Iguarassú seguiram os revolucionarios, já com 600 homens, e no dia 12 tomaram Nazareth.

A 14 deu-se o primeiro encontro em Mussupinho, com as forças legaes, travando-se porfiado combate; e, a 21, os rebeldes atacavam Beberibe.

O presidente da provincia publicava, a 22, uma proclamação procurando incitar os defensores da legalidade e da ordem, depois de aconselhar aos revolucionarios que abandonassem as armas.

Nunes Machado que, conforme relata Macedo em seu «Anno Biographico» dizia : «Não vou para Pernambuco porque, se fôr, serei victima, fôra chamado para conter os seus adeptos mais exaltados. Chegando a Alagôas, mostrou-se tão surprehendido com a noticia do movimento que «lançou imprecações contra os seus amigos e partiu para fazer desarmar o seu partido.»

A 17, no vapor «Bahiana», aportava ao Recife, sendo prohibido pelo governo que se lhe promovesse recepção festiva. A sua attitude parece que era então conciliadora. Mas, no dia immediato, fazia circular a seguinte declaração :

«Tendo-se espalhado de hontem para cá, depois da minha chegada, a mais infame noticia, offensiva da lealdade de meu caracter, como a de que me acho inteiramente mudado de meus principios, e adhiro á causa saquarema, que por tanto tempo tenho combatido ; julgo do meu rigoroso dever declarar perante os meus comprovincianos, que estou cada vez mais firme em minhas opiniões ; e visto como a malvadeza do Presidente da Provincia, o sr. Herculano Ferreira Penna, tem feito derramar sem nenhum motivo legitimo o sangue dos meus Patricios, e se dispõe a levar minha Patria a ferro e fogo, estou resolvido a correr todas as vicissitudes, a que porventura possa ser levada esta bella Provincia, e nem duvido offerecer minha vida, se tanto fôr preciso, para salvar Pernambuco das desgraças que lhe estão propinquas.

Recife, 18 de novembro de 1848. — Joaquim Nunes Machado.»

Espirito independente, caracter pundonoroso, temperamento impulsivo e ardente, o grande chefe liberal não po-

deria resignar-se serenamente á suspeita de uma conducta desleal.

As transigencias habeis, as contemporizações patrioticas que, na epoca actual, tanto enaltecem os verdadeiros directores da opinião, exprimiam pusillanimidade, indicavam recuo, eram prenuncio distinto, indiscutivel, de deserção, aos olhos das camadas populares, naquella phase de nossa vida politica.

E, mesmo que não estivesse na indole do desventurado pernambucano a repulsa energica que julgou necessaria á calumnia perversamente propalada contra a sua inquebrantavel firmeza partidaria, é de suppor-se que elle teria de ceder, afinal, á vontade dos seus correligionarios.

Inclinava-o ao desastrado caminho seguido a impressão que dominava o seu indomavel espirito, soberanamente combativo, de que os adversarios seriam inexoraveis para com os seus amigos, cujos soffrimentos sinceramente compungiam-no.

Na situação em que Nunes Machado testemunhava os negocios politicos de sua terra, seria inverosimil que obtivesse dos seus partidarios abandonarem as armas.

Além de ameaçados pelas naturaes hostilidades dos seus antagonistas que acabavam de subir ao poder, estavam já compromettidos pela attitude revolucionaria assumida, e não acreditariam na clemencia do governo para retrocederem tranquillos.

A razão expressa no manifesto, é certo que precipitou a resolução do chefe rebelde; porém, é facil descortinar-se, á mais ligeira reflexão, que a sua attitude, embora mais demoradamente resolvida, teria de ser a mesma a que decidiu-se num assomo de altivez tão adequado ao seu temperamento.

Longe dos acontecimentos, como estivera ao rebentar o movimento, é acreditavel que Nunes Machado persistisse no pensamento de lhe ser contrario.

Mas, em presença dos factos que se desdobravam em Pernambuco, sentindo de perto as impressões, que tanto o revoltavam, do predominio de seus inimigos na terra que elle ardentemente amava, e, presenciando as represalias muitas vezes indignadoras e sempre estimulantes praticadas pelos detentores do poder contra os que imperavam em seu grande coração, elle não permaneceria indifferente á rebellião, ainda que inteiramente convencido da imprudencia dos seus amigos e do desastre irremediavel que uma tal conducta produziria.

O calumnioso boato divulgado sobre a sua posição, infamante aos seus purissimos sentimentos de partidario fiel e irreductivel, é patente, repetimos, que preponderou para a rapidez com que definiu-se, mas não foi a força principal que o impulsionou á luta.

Os actos do inolvidavel pernambucano, em todas as phases de sua carreira politica, esculpem perfeitamente o seu

espirito inamoldavel a injuncções aviltantes e imperterrito na defesa dos seus principios, mas profundamente vibratil ás suggestões dos seus amigos.

Nunes Machado embarcou no Rio adverso e chegou em Alagôas ainda condemnando a revolução. Ao saltar no Recife, trazia a idéa de acalmar os seus partidarios; tão brusca e terminante lhe fôra, entretanto, a mutação derivada da approximação delles, tal predisposição venceu-o logo ás tendencias por quasi todos nutridas, que, á primeira impressão da perfidia annunciada contra a sua honorabilidade civica, esqueceu inteiramente a róta traçada meditadamente, apagando-se de repente todos os reflexos das elevadas conjecturas que o propendiam á prudencia, e irmanou-se sem detença á causa que prognosticara funesta.

Embaciou-se-lhe a luz firme e serena da razão, passando a guial-o incoercivel e ardente o calor fortalecente e desnorteante do instincto.

A adhesão de Nunes Machado deu notavel incremento á rebellião.

A 23 de novembro fazia ser endereçada uma circular aos liberaes das demais provincias, assignada, além delle, por Felix Peixoto de Brito e Mello, Jeronymo Villela de Castro Tavares, Antonio Affonso Ferreira, Felippe Lopes Netto, Antonio da Costa Rego Monteiro, José Francisco de Arruda Camara e Joaquim Francisco de Faria, todos deputados.

A 25 era publicado o seguinte manifesto:

«Gozava a provincia de Pernambuco da mais perfeita paz quando a ella chegou no dia 16 do proximo passado mez de outubro o Exmo. Sr. Herculano Ferreira Penna, como seu presidente. A demissão do Sr. Costa Pinto e a mudança do gabinete no Rio de Janeiro pouca sensação causarão na provincia, e o partido liberal resignou-se a tudo, esperando do novo ministerio o cumprimento do seu programma administrativo.

Logo que o Sr. Penna foi nomeado presidente para esta provincia, a deputação de Pernambuco teve um aziago presentimento, e alguns dos nossos collegas declararão na camara que elle seria infenso á provincia e hostil ao partido liberal. Este presentimento fundava-se tambem nos primeiros actos do ministerio, que, sem apoio na população, começou a sua vida com enganos e falsidades para poder ganhar tempo e collocar-se em circumstancias de affrontar a opinião do paiz, por meio de uma reacção violenta.

Para as provincias de Minas e de S. Paulo, onde o partido saquarema não tinha agentes capazes de dirigir a invasão, mandou o gabinete, para presidente, a dous homens de acção e de energia; para o Rio de Janeiro, porém, onde existia toda a intelligencia dessa facção, nomeou ao Sr. Pedreira, e o mesmo fez para Pernambuco com a nomeação do Sr. Penna, porque era aqui onde essa facção se suppunha

tambem forte pelos homens assignalados por precedentes horrorosos.

A vida anterior do Sr. Penna autorizava esta conjectura, porque, homem da fortuna, se tinha mostrado sempre sem vontade propria, inconstante, voluvel e apenas instrumento nas differentes vicissitudes por que tem passado o Brazil desde a abdicação do fundador do imperio até hoje.

O Sr. Penna, vindo de passagem com alguns dos nossos collegas, mostrou-se a bordo inteiramente pacifico, e até contrario a toda a reacção e violencias; mas no fundo de sua alma occultava o narcotico com que pretendia adormecer-nos, pois que só nas Alagôas se soube da nomeação do novo chefe de policia, que elle occultou sempre de seus collegas; e só depois de sua chegada aqui soubemos de outras dimissões e nomeações de que vinha premunido com inviolavel sigillo.

Depois de sua posse alguns dos nossos collegas visitarão o Sr. Penna e a sua linguagem foi sempre a mesma de moderação, de imparcialidade, e até inimigo de reacções, e isto mesmo disse e prometteu a varias pessoas do nosso lado. Sem embargo, apregoavão os nossos contrarios que esta supposta moderação acabaria assim que embarcasse o Sr. Costa Pinto, que se havia demorado esperando a chegada do vapor do norte.

Fosse esta ou não a causa dessa especie de torpor em que parecia conservar-se o Sr. Penna, o certo é que na vespera do embarque do Sr. Costa Pinto foi revelar-lhe todo o mysterio da sua apparente inactividade, e então lhe disse que ia fazer uma inversão completa, e que já tinha começado em segredo pelas comarcas mais distantes, pois que tal era a condição com que os guabirús lhe promettião o seu apoio.

No dia do embarque do Sr. Costa Pinto foram alguns dos nossos amigos despedir-se d'elle logo pela manhã, e ahi os preveniu elle de todas as desgraças imminentes sobre o partido liberal e do animo deliberado em que estava o presidente Penna de fazer uma completa inversão na provincia, não poupando até os officiaes subalternos da guarda nacionol nem os ultimos supplentes dos delegados e subdelegados, accrescentando qne esta inversão, exigida pelos guabirús, estava muito no espirito fraco do Sr. Penna e na sua vida de condescendencia e de dubiedade.

Esta noticia, com quanto extraordinaria nos não surprehendeu de todo, e quizemos tentar ainda um meio pacifico e prudente afim de evitar as serias consequencias que previamos. Estando presentes alguns dos nossos collegas, tomamos a deliberação de irmos todos entender-nos com o Sr. Penna e mostrar-lhe o abysmo que elle ia cavar com estas medidas violentas, pois que, comquanto podessemos de certo modo atenuar os seus effeitos na capital, não o poderiamos de certo no interior, onde já apparecião assomos de serio descontentamento.

A linguagem do Sr. Penna foi já outra muito diversa comnosco, o homem estava animado de idéas contrarias a toda a especie de moderação, e até respirava certo ar de marcialidade que nos espantou, e concluio dizendo que tinha muitos recursos pata manter a tranquillidade da provincia, quaesquer que fossem os resultados das suas medidas, pois que o governo estava em seu direito demittindo e nomeando a quem lhe parecesse.

Cumpre observar que no Rio de Janeiro tinha a deputação pernambucana assentado, que ainda quando o Sr. Penna fosse hostil ao partido liberal, a nossa opposição devia ser em todo o caso de muita moderação, de muita prudencia e até de resignação, e nesse sentido nos unimos todos ao directorio da sociedade imperial pernambucana e fizemos uma circular a toda a provincia, cujo documento publicamos agora para vergonha dos que nos calumniavão, dizendo que promoviamos uma desordem para sustentarmos as posições officiaes, sem se lembrarem de que o Sr. Domingos Malaquias na qualidade de vice-presidente, havia completado a inversão do Sr. Manoel de Souza e que nem por isso o partido liberal se armou nem atroou o céo e a terra como costumava fazer a facção guabirú; e, todavia foi, nessa época, que o partido liberal deu mais signaes de vida e de força, pois que para viver não tem necessidade senão de garantias ou simplesmente da fiel execução das leis. Não contestamos nem contestaremos ao presidente da provincia o direito de demittir e nomear livremente os empregados de méra confiança, nem as demissões nos assustavão; porém as nomeações, recahindo em pessoas conhecidamente atrozes por seus precedentes horrorosos, devião alarmar toda a provincia, e assim aconteceu. Um Joaquim Cavalcante de Paulista, um Francisco do Rego, um José Maria de Cursahi, etc. taes nomeações erão o mesmo que nomear os algozes e designar as victimas em Olinda, Iguarassú, Páo d'Alho e Nazareth, e forão justamente os habitantes destes termos que primeiro se armarão, não para aggredir ao governo, mas para defender as suas vidas, como o fizerão em Mussupinho com o denodo de homens desesperados e sem outro recurso.

Em todas as nomeações e em outras que se seguiram, como as de Pedro Carrapato, de Manoel Henrique Wanderley, de Caldas de Goyanna, etc. etc., o Sr. Penna mostrou-se méro instrumento dessa facção assassina que por tantos annos assolou esta provincia, onde em breve se reproduzirão os actos mais atrozes. A casa do infeliz capitão Luiz Alves Pereira, de Páo Amarello, foi invadida e saqueada; sua mãi, enferma e decrepita, foi maltratada e espancada, e elle mesmo assassinado cobardemente a sangue frio, depois de prisioneiro em Mussupinho. Um homem cuja vida é um tecido de atrocidades, que se havia armado contra o governo da provincia e feito derramar muito sangue em março e abril deste anno, o celebre José Pedro das Lages em fim, foi

chamado, armado novamente pelo Sr. Penna e revestido de plena autoridade para assolar o sul da provincia. O Rio Formoso foi invadido por uma horda desse caudilho, presos e maltratados muitos cidadãos, entre outros o ex-delegado da comarca o tenente-coronel Francisco Antonio Bandeira de Mello. Não satisfeita ainda com estas atrocidades, a mesma horda invade o termo de Serinhaem, prende o ex-delegado major Caetano Francisco de Barros Wanderley e commette cinco assassinatos, entre elles o do infeliz Manoel Maria Cavalcante Lins. Em Santo Antão as novas autoridades do Sr. Penna entrão na cidade á força armada, acompanhadas do famoso assassino evadido da cadêa, José Severino Cavalcanti; enchem-se as prisões de cidadãos pacificos e respeitaveis, cujo grande e unico crime era pertencerem todos ao partido liberal, escapando sómente aquelles que previram desde logo esse fatal resultado pela qualidade dos nomeados.

Este estado violento foi produzindo como que uma especie de desespero, e por toda a parte soou o grito de alarma. Todas as comarcas se foram armando, emquanto as tropas do governo acompanhavam os perseguidos de Olinda e de Iguarassú!

O governo, longe de attender a justa causa desse armamento forçado, longe de cumprir com a lei mandando que o chefe de policia se apresentasse nos lugares de reuniões armadas para ouvir as queixas dos perseguidos, mandou-os pelo contrario espingardear por uma columna da força de primeira linha ao mando do Sr. coronel Bezerra.

A conducta dos nossos infelizes amigos foi sempre moderada; tiveram tempo e lugar de aggredir as forças do governo e de as bater em Iguarassú ou Pasmado; mas não quizeram e preferiram retirar-se de diante dellas até que, acossados viram-se na necessidade de voltar caras de Mussupinho, onde mostraram que eram pernambucanos. Bastará dizer que o 4.° batalhão de artilharia quasi que não existe e foi completamente destroçado neste encontro desigual, em que a coragem supprio o numero e o desespero a disciplina.

Um outro facto revela muito mais a indole do Sr. Penna,e é a demissão perfida do Sr. Carlos Martins de Almeida do lugar de subdelegado da freguezia do Poço da Panella para ser substituido pelo celebre capitão Sebastião Antonio do Rego Barros.

Esta nomeação era tão significativa, tinha um alcance tão longo, que poz em completo alarma a toda a freguezia e dous dias depois cento e cincoenta homens se achavam reunidos e armados dentro das matas de Apipucos, fugindo do punhal do assassino Manoel Joaquim do Rego Barros e das cordas com que forão amarrados muitos guardas nacionaes, espancados e presos outros, e, finalmente, do poder da quadrilha do Arrayal que por este meio pretendia o Sr. Penna instaurar de novo naquella freguezia. Como póde justificar-se o Sr. Penna de semelhante nomeação sobretudo, da demissão perfida e acintosa

do Sr. Carlos Martins, rico proprietario, homem honesto e probo, e além disto até criado do Imperador, pois que é seu guarda-roupa, e seus dois irmãos, um o Visconde de Almeida, camarista e outro veador de S. M. a Imperatriz?

Em tudo quanto acabamos de expôr, vê-se que ninguem concorreu para o estado de conflagração em que se acha a provincia senão o proprio Sr. Penna como instrumento da facção guabirú, a cuja vontade se cingiu sem o menor criterio, sem a menor reflexão, e até desprezando o juizo de todos os homens honestos, sizudos e pacificos da provincia; que esta reacção chegou ao ponto em que se acha, independente de nós e até de qualquer outra pessôa, pois que foi só devida ao instincto da propria conservação; foi o brado de indignação que a produziu, foi o echo de um gemodo entranhavel arrancado do peito de tantas victimas designadas pelo presidente Herculano Ferreira Penna ao punhal de ferozes assassinos, delegados e subdelegados de sua policia de sangue e de exterminio.

Tanto mais para deplorar é a sorte desta provincia, quanto que o mesmo presidente, pelo orgam de seu chefe de policia, se declara coacto, e que ainda não fez tudo quanto delle tem exigido a facção guabirú, na qual tem conhecido o desejo immoderado de conquistar o poder á custa dos maiores attentados, ainda sacrificando a actual fórma de governo, ou a integridade do imperio. A autoridade publica tem sido, portanto, humilhada pela facção nas pessôas do Sr. Penna e do Sr. desembargador Firmino Antonio de Souza, incapazes de conter a impetuosidade dessa catadupa de crimes commettidos em seus nomes por tantos malfeitores. Assim é que cidadãos livres têm sido açoutados no quartel de policia em pleno dia e á face do povo, com ultrage das leis e dos magistrados, que muitos engenhos foram completamente saqueados pelas tropas do governo, como Mussupinho, Cachoeira, Araripe de baixo e de cima, etc., etc.; que muitos processos se têm instaurado contra pessoas innocentes, e varios cidadãos espancados pelos agentes da policia, como quasi diariamente acontece no Recife, na Bôa-Vista, no Poço da Panella, na Varzea, e em outros logares deste termo, sem que nem a presidencia nem o chefe de policia possam cohibir semelhantes attentados, ou então os toleram, o que ainda é peior e mais aggravante.

Neste estado de violenta perseguição, atulhados de infelizes victimas os porões dos navios de guerra, cheia a cadeia de innocentes a titulo de prevenção, tão sómente para satisfazer os mesquinhos odios de pequenos mandões como delegados, subdelegados, supplentes e até inspectores de quarteirão, cercadas as casas dos nossos melhores amigos, e varejadas sem as formalidades da lei, as noticias aterradoras de assassinatos e de prisões dos nossos alliados por toda a parte, á expectativa de novas violencias exigidas e até

annunciadas com antecipação pelos mais exaltados espoletas da facção; esperando todos os dias que nos falte o ultimo recurso da imprensa, pois que até pretendem despedaçar e saquear a do Sr. Luiz Roma, segundo o ensaio que acabam de fazer; ameaçados nós mesmos pelo periodico União de violencias contra nossas pessoas e até de deportações; o que nos cumpre fazer? Acompanhar os nossos concidadãos na sua gloriosa defeza, protestar em nome da Constituição e do Imperador contra tantas atrocidades commettidas pelo seu delegado e votar á execração dos Pernambucanos honrados e de todos os Brazileiros o nome do sr. Herculano Ferreira Penna. Pernambuco, 25 de novembro de 1848. Os deputados á Assembléa Geral Legislativa pela Provincia de Pernambuco. — Joaquim Nunes Machado — Antonio Affonso Ferreira — Dr. Jeronymo Villela de Castro Tavares — Dr. Felippe Lopes Netto — José Francisco de Arruda Camara — Antonio da Costa Rego Monteiro — Dr. Joaquim Francisco de Faria — Felix Peixoto de Brito e Mello».

A 16 havia partido para Iguarassú, afim de reunir-se ao exercito revolucionario, Antonio Borges da Fonseca.

Além de forças enviadas pelo presidente da Bahia para auxilio do governo, chegou ao Recife o general José Joaquim Coelho, depois Barão da Victoria, que assumiu o commando das tropas legaes.

Nazareth foi retomada em 28 de novembro, occorrendo, porém, cerrado fogo em que morreu o capitão João Marinho Falcão, amigo devotado dos guabirús, que, já residindo nesta então provincia, foi expontaneamente para Pernambuco bater-se ao lado dos seus correligionarios.

Os rebeldes passaram a reunir-se em Catucá, onde receberam fortes contingentes levados por Borges da Fonseca, coronel Henrique Pereira de Lucena e capitão Leandro Cezar Paes Barreto.

A 30 de novembro deu-se renhido combate em Maricota recolhendo-se os revoltosos novamente em Catucá onde, aggredidos pelas forças legaes, sustentaram, com assombrosa impavidez, o combate de 8 de dezembro.

A 13 de dezembro os revolucionarios atacaram Goyanna, dirigidos por Moraes, João Roma, Borges da Fonseca, João Paulo, Lucena, Leandro e Antonio Luiz. Tomaram conta da cidade e receberam ali notaveis auxilios de forças que lhes faram fornecidas pelos Alecrins e outros praieiros parahybanos, residentes em Pedras de Fogo, fugindo os guabirús completamente desbaratados, para Taquara.

No dia 14 os rebeldes dirigiram-se para Páo Amarello, donde vieram á Parahyba; e, sabendo que eram perseguidos pelo general Coelho, tomaram a direcção de Cruangy, entre Goyanna e Nazareth, onde se prepararam para dar combate ás forças governistas. Commandava em chefe os revolucionarios, o destemido Manoel Pereira de Moraes, que tinha como ajudante de campo Borges da Fonseca.

As forças que se compunham de 1200 homens, foram divididas em duas columnas uma commandada por Lucena e outra por João Roma.

A 20 de dezembro deu-se o encontro, pelejando com extraordinaria bravura todos os combatentes.

Desde novembro a revolta rebentara tambem em Rio Formoso, Una, Serinhaem, Agua Preta, Ipojuca, Escada, S. Antão, Muribéca, Jaboatão, S. Lourenço, Bonito, Flores e outros pontos.

Convencendo-se o governo central de que Ferreira Penna não conseguiria abafar a revolução, cujas proporções já impressionavam a capital do paiz, em cuja imprensa eram debatidos com vigor os acontecimentos de Pernambuco, decidiu-se a substituil-o por Manoel Vieira Tosta, conhecido como homem lutador, energico e devotado ao seu partido.

Tendo chegado a 23, tomou posse a 25 de dezembro, o novo presidente.

O seu primeiro acto foi dirigir aos pernambucanos uma proclamação, concitando-os a depôr as armas.

Respondeu-lhe a 29 o «Diario Novo», orgam dos rebeldes, em linguagem violenta, fazendo apreciações severas sobre a administração Penna,

A 31 partiam para o sul da provincia afim de se reunirem ás forças revolucionarias, os deputados praieiros que ainda permaneciam no Recife, depois de terem feito circular um manifesto em que se declaravam dispostos a morrer com os seus amigos no campo da batalha.

O governe fez seguir com egual destino fortes contingentes.

Os deputados praieiros chegaram ao territorio de Alagôas onde Peixoto de Brito obteve a adhesão do tenente-coronel Mavignier.

O dr. João Capistrano Bandeira de Mello, presidente daquella provincia, ordenou, porém, activa perseguição aos revoltosos, sendo preso o referido tenente-coronel e regressando a Pernambuco os chefes liberaes, que, a 8 de janeiro, se achavam em Una.

A 23 voltavam ao Recife Nunes Machado e Villela Tavares, unindo-se Peixoto de Brito e Antonio Affonso ás forças revolucionarias, em Agua Preta.

O general Coelho dirigiu-se para ali, com tropas consideraveis, em perseguição aos insurrectos. Estes, porém, informados por Lopes Netto de que ficara fracamente guarnecida a capital, resolveram tentar um golpe decisivo.

Deixaram alguma força em Agua Preta com a intenção de entreter os adversarios pela convicção de que lá permaneciam; e, a 27 de janeiro, com cerca de 2000 homens partiram a dar combate ao governo em sua séde.

Acampando no engenho Mocotó, a 1 de fevereiro, dividiram os praieiros as suas forças em duas columnas, que. durante a noite, se approximaram cautelosamente do Recife.

A's 5 horas da manhã do dia 2 de fevereiro os rebeldes atacaram a capital, romperam fogo ao mesmo tempo as duas columnas, que eram commandadas por Pedro Ivo e João Roma, entrando na cidade uma pela Cabanga e outra pelo Olho de Boi.

Nunes Machado, Antonio Affonso, Peixoto de Brito e Villela Tavares vinham na columna sob o commando de João Roma.

No bairro de S. Antonio tomaram os praieiros as ruas do Collegio, Queimado, Larga do Rosario, Crespo, Cabugá, Nova, Roda e outras. Deram-se combates renhidos nas ruas da Penha, Livramento, Estreita do Rosario, Praia, Concordia, pateos do Carmo e S. Pedro, e outros pontos.

Lutaram heroicamente os revolucionarios, confiantes na victoria, até quando, ás duas horas da tarde, chegaram as tropas commandadas pelo general Coelho, que, tendo sabido do plano adoptado pelos revoltosos, partira em marcha accelerada á capital.

A columna rebelde denominada do norte, que entrara pela Soledade, aquartellou-se em um sobrado onde Nunes Machado foi ferido, falecendo immediatamente. O desapparecimento do mais prestigioso chefe liberal, facto que, embora sómente por pequeno numero conhecido na occasião, divulgou-se logo pelos mais graduados praieiros, e o inesperado auxilio trazido ao governo pelas numerosas forças ao mando do general Coelho, decidiram a victoria ao governo.

No dia 3 o presidente da provincia publicou uma proclamação exaltando o seu triumpho, e noticiando a prisão de Lucena, Leandro e Feitosa, valorosos combatentes rebeldes.

Informados da derrota da columna do sul, os revolucionarios que constituiam a columna do norte retiraram-se para Beberibe, onde se reuniram a Borges da Fonseca que escapara ao desastre daquella. Seguiram dahi para Iguarassú e Pasmado onde chegaram a 5 de fevereiro. A 6 partiam do Recife fortes contigentes legaes em sua perseguição. A 11 entraram os rebeldes em Goyanna aprisionando a guarnição e tomando o armamento.

Depois de um encontro com as tropas do governo em Páo Amarello passaram os revoltosos para a Parahyba; e, ao mesmo tempo, Pedro Ivo reorganizava as forças sob seu commando, dirigindo-se para o sul de Pernambuco.

*
* *

Logo que rebentou a revolução de Pernambuco, o presidente da referida provincia pediu ao da Parahyba que collocasse nos limites desta, as forças de que pudesse dispor para soccorrer a cidade de Goyanna.

Immediatamente o dr. João Antonio de Vasconcellos, que administrava esta circumscripção, deu as providencias solicitadas, seguindo para Pedras de Fogo, em 8 de no-

vembro de 1848, cincoenta praças de linha e policia ao mando do tenente Claudino Agnello Castello Branco, da companhia fixa de primeira linha, e para Alhandra trinta sob o commando do capitão de policia Jesuino Antonio de Almeida e Albuquerque.

A esses officiaes fez recommendar João Antonio Vasconcellos que attendessem a qualquer requisição das autoridades pernambucanas.

A' proporção em que esses destacamentos iam sendo requisitados e marchavam para Pernambuco, eram enviados pelo governo parahybano novos contingentes para Pedras de Fogo, não já de soldados de linha ou de policia, mas da guarda nacional, a cargo de quem ficara a guarnição desta capital. E' assim que, além do contingente mencionado, foram a 12 de novembro, 54 praças commandadas pelo tenente Severiano Elysio de Souza Gouvêa; a 13, 31 commandadas pelo tenente Adelgicio Jesuino de Vasconcellos; e, a 14, 64 commandadas pelo tenente Gervasio Victor da Actividade, pertencentes todos esses officiaes á guarda nacional.

De documentos officiaes existentes no Archivo Publico verifica-se que, além da força citada a que se referiu um chronista dos acontecimentos de que estamos tratando, seguiram mais, então, da Parahyba para Pernambuco, a 15 de novembro, sete praças commandadas pelo cadête Ignacio Alves de Azevedo; a 25, 90, commandadas pelo alferes do exercito Manoel Eloy Mendes; e, a 28, 40, commandadas pelo alferes da guarda nacional José Gomes Jardim.

Além dos officiaes que foram commandando os mencionados destacamentos, varios outros da guarnição parahybana tiveram de ir auxiliar o governo pernambucano.

Os tenentes Agnello Castello Branco, Francisco José do Rosario e Severiano Elysio de Souza Gouvêa tomaram parte nos renhidos combates de Maricóta e Catucá, sendo que o ultimo defendeu ainda a cidade de Goyanna em fevereiro de 1849, onde foi prisioneiro. O capitão Jesuino commandou as forças legaes na mesma cidade, a 13 de dezembro, quando foi atacada pelos revolucionarios, resistindo valentemente com sessenta praças a cerrado tiroteio, só abandonando o seu posto quando já não tinha nenhuma munição para sustentar o fogo.

O alferes Bellarmino Gomes da Silva e o major Antonio de Deus e Costa, que seguira com mais de 100 praças de Pedras de Fogo, tomaram parte na ultima batalha de Goyanna e foram ambos ali prisioneiros. O alferes Manoel Eloy Mendes regressou a esta capital ferido em um braço; o capitão Luiz Estanislau Rodrigues Chaves, que estivera tambem em Pernambuco, voltou enfermo; e o alferes Adelgicio Jesuino, por crime de desobediencia, veio preso.

Dos soldados parahybanos morreram em combate em Pernambuco 6, foram feridos 7 e prisioneiros 4.

Em fins de dezembro de 1848, o major de policia Manoel Rodrigues de Paiva obteve organizar, de ordem do presidente desta então provincia, em Alhandra, uma força de cincoenta homens, inclusive indios, para auxiliar Goyanna, onde ficaram.

Além desses soccorros, a Parahyba forneceu a Pernambuco o armamento e munição de que poude dispor durante a revolução.

Receioso de que se reflectissem em nosso territorio as perturbações que dominavam naquella provincia, o dr. João Antonio de Vasconcellos mandou, em principios de dezembro para Itabayanna, o major Nicolau Tolentino de Vasconcellos, com instrucções para reunir a guarda nacional. Convencendo-se porém, posteriormente, de que não devia temer qualquer acontecimento na alludida localidade, pelas informações que lhe eram ministradas, resolveu ordenar que passasse á Natuba o citado official com a força sob seu commando.

Por ser limitrophe, pareceu ao presidente da Parahyba, que desse ponto melhor contribuiria para o restabelecimento da paz *que se ia cada vez alterando mais em Pernambuco*, conforme declarou em documento official.

Logo apòs o fogo de Cruangy, quando bem proximos de nós estavam os revolucinarios visinhos, chegou a ter o major Nicoláu Tolentino, em Natuba, uma força superior a cem homens.

Naquella epoca a guarnição desta cidade ficara reduzida a cerca de 30 praças de linha e 15 de policia, alem de cento e poucas da guarda nacional.

Chegavam constantemente a esta capital, durante o movimento pernambucano, noticias inquietantes.

Casos se deram de familias fugirem para os matos e praias, com receio de ser invadida a capital pelos rebeldes. Alguns se preveniram de jangadas que conservavam á mão para embarcar ao primeiro signal.

O presidente da provincia mandou construir trincheiras nos logares por onde pederiam pretender os revoltosos entrar na séde do governo parahybano, trincheiras que eram guardadas pelos destacamentos retirados de Pombal, Areia e outras localidades.

Ao mesmo tempo em que taes providencias eram adoptadas para garantir a séde, conflictos se davam em alguns pontos do interior que faziam suppor a execução de um plano combinado com os praieiros pernambucanos, e eram espalhados boatos que infundiam serio temor ao governo desta provincia.

Triumphantes em Goyanna, a 13 de dezembro, os praieiros dirigiram-se a Páo Amarello, partindo em seguida para Pedras de Fogo, onde chegaram na tarde de 15.

Informado desse acontecimento, o presidente da Parahyba fez publicar a seguinte proclamação :

«Habitantes da Parahyba!

Constando, por noticias officiaes, que os rebeldes de Pernambuco têm occupado a Povoação de Pedras de Fogo, e podendo acontecer que venham até esta cidade; o Presidente da Provincia, que não cessa em velar sobre a tranquilidade publica, convida a todos os cidadãos capazes de pegar em armas a se reunirem o signal de rebate por cornetas no Palacio da Presidencia e ahi encontrarão armamento e munição para a defesa commum. O Governo contando com o concurso de todos os Parahybanos, assegura que está disposto até o ultimo extremo a não consentir que a mão dos rebeldes offenda um só de vós; ajudae o Governo e tranquillizae-vos. Palacio do Governo da Parahyba. em 17 de dezembro de 1848. — João Antonio de Vasconcellos».

O major Antonio de Deus da Costa, que guarnecia Pedras de Fogo, seguira em auxilio de Goyanna ao saber do assalto de 13. Não tiveram, portanto, nenhum embaraço os rebeldes para se apoderarem daquella villa.

Sabendo, todavia, que eram perseguidos a pequena distancia pelo general Coelho, os liberaes, a quem se incorporaram o capitão da guarda nacional Antonio da Costa Alecrim e o alferes Antonio Martins Pedrinha, se dirigiram para Cruangy, entre Goyanna e Nazareth, onde deram o combate, a que já tivemos ensejo de referir-nos, ás forças legaes.

***

Ao ser conhecido em Parahyba o insuccesso do ataque dos praieiros á capital pernambucana, em 2 de fevereiro de 1849, o dr. João Antonio de Vasconcellos fez publicar a seguinte proclamação, que encontramos annexa ao seu relatorio á Assembléa Provincial:

«Habitantes da Parahyba! As armas do Governo Imperial obtiveram um triumpho decidido no dia 2 do corrente sobre os rebeldes de Pernambuco, que levaram sua audacia a acommeter o Governo na sua mesma capital! Mais de duzentos mortos, quasi trezentos prisioneiros, cujo numero se ia cada hora augmentando, a captura dos caudilhos Lucena, Leandro, e Feitosa, a morte do deputado Nunes Machado á testa de uma das columnas rebeldes, taes foram os resultados de um combate, que durou 13 horas; os facciosos fogem espavoridos sem chefes e dispersos seguidos, pelas forças do Governo que continuam a perseguil-os sem lhes dar descanso. Parahybanos, relatando-vos estes luctuosos acontecimentos, que me forão neste momento communicados pelo Exm.º Presidente de Pernambuco em data de hontem, se por um lado comvosco me congratulo pelos triumphos da causa da ordem, e da Lei, por outro se me aperta o coração por ver tanto sangue derramado! Sirva esta ensanguentada scena de exemplo áquelles, que ainda não estiverem desenganados

de que não é pelos caminhos da desordem, e com as armas na mão que se pode conseguir fins alguns.

Continue, Parahybanos, a ser obedientes e fieis, como até hoje tendes sido, ao Governo, e ás Leis ,detestando a perfidia, e a desordem.

Prosegui em ter toda a confiança na actual Administração da Provincia; ella é incansavel em promover a vossa prosperidade quanto o permittem as forças da mesma Provincia, e em garantir vossos direitos sem distincção de partidos, pela fiel observancia da Constituição e das Leis. Seguros, como deveis estar, destes patrioticos sentimentos do Governo, continuae a ajudal-o com o vosso comportamento de ordem, para que a nossa bella Provincia tambem continue a gosar da tranquilidade, que todos se admirão; tão junto de uma Provincia, que se conflagrára. Parahybanos! aproveito esta occasião para louvar e mesmo agradecer essa vossa conducta pacifica, esses vossos sentimentos de ordem, a quem se deve a paz da Provincia, que tenho a fortuna de governar.

Viva Sua Majestade o Imperador.

Viva a Constituição do Imperio.

Vivam os Defensôres da Legalidade.

Palacio do Governo da Parahyba em 5 de fevereiro de 1849.

João Antonio de Vasconsellos.»

Longe estava de suppor o presidente desta provincia ao escrever a proclamação transcripta, onde deixa perceber a sua convicção de que fôra supplantada completamente a rebillião pernambucana, que a Parahyba teria de passar a ser o theatro da lucta.

O insuccesso de 2 de fevereiro não bastou para anniquilar os praieiros.

Vencidos no Recife, ellas atacaram Goyanna a 11 de fevereiro; e, victoriosos, aprisionaram a guarnição da cidade, inclusive o major Deus e Costa, o tenente Severiano, o alferes Belarmino e outros parahybanos, apoderando-se de todo o armamento das tropas governistas.

Partiram depois para Páo Amarello, onde tiveram encontro com as forças legaes, e dali sahiram com destino a actual cidade de Areia.

A 15 de fevereiro entraram em Pedras de Fogo com 700 homens; e, a 16, se achavam a Itabayana.

O juiz municipal do Pilar communicou immediatamente ao presidente da provincia, adiantando que as forças rebeldes constavam de 1500 homens. Sem fundamento para providencias seguras, porque ignorava o governo qual o destino dos revolucionarios, foi ordenada, entretanto, a ida do chefe de policia com trinta praças para intimal-os a que se retirassem ou deposessem as armas, recorrendo ao tenente coronel Feliciano Antonio Falcão, que os perseguia desde Pernambuco, caso não conseguisse demovel-os dos seus intuitos.

Na mesma occasião fez o presidente seguir um expresso para Areia com instrucções ao dr. Maximiano Lopes Machado, juiz municipal e delegado do respectivo termo, para reunir a guarda nacional afim de se oppor á entrada dos rebeldes alli, sendo logo responsabilizada a alludida autoridade *por qualquer omissão.*

Apezar de haverem sido dirigidas iguaes recommendações ás autoridades e commandantes da guarda nacional de outros termos, é claro que o governo receiava terem os praieiros o apoio dos areienses, pois de outra maneira não se explica a precipitação com que responsabilizavá o dr. Maximiano Machado, sem generalizar a advertencia, *por qualquer omissão.*

As convicções liberaes do illustre magistrado tornaram-no evidentemente suspeito ao governo. E, não se illudira o dr. João Antonio de Vasconcellos, porque, a 19, chegavam os rebeldes a Alagôa Grande onde foram recebidos pelos liberaes de Areia, tendo á frente o dr. Maximiano Machado. A 18 entravam triumphalmente na cidade serrana, que os acolhia demonstrando intenso jubilo, com festas e acclamações.

Além do dr. Maximiano Machado, notabilizaram-se pelo auxilio que prestaram aos seus correligionarios de Pernambuco os liberaes areienses tenente coronel Joaqnim José dos Santos Leal e major Joaquim Gomes da Silva, commandantes da guarda nacional, Antonio José Gonçalves Lima, collector das rendas geraes, Francisco Romão, Messias Francisco Bezerra, Manoel Joaquim dos Santos Leal, padre José Genuino de Hollanda Chacon e Luiz Vicente Borges.

Os revolucionarios conduziam os prisioneiros feitos no ultimo combate de Goyanna.

Foram soccorridos pelos seus amigos de Areia com armas, munições e gente.

O tenente coronel Joaquim Leal e major Joaquim Gomes deram-lhes cem granadeiras; Antonio José Gonçalves Lima forneceu-lhes barris de polvora; outros conseguiram chumbo; o dr. Maximiano Machado e Joaquim Leal organizaram um batalhão com pessoal da terra, prestando-lhes dedicado auxilio Francisco Romão, que foi official desse batalhão, e Messias Bezerra. Manoel Leal estudou os melhores pontos de defesa e os guarnecia; o padre Chacon animava com ardor os combatentes e Luiz Borges deu-lhes franca hospedagem.

As noticias do qne occorria em Areia, repercutiram impressionantes nesta capital.

O presidente da provincia fez publicar logo a seguinte proclamação:

«Parahybanos! Os revoltosos de Pernambuco depois de terem ensanguentado o solo d'aquella infeliz Provincia por mais de tres mezes, enchendo-a de cadaveres e devastações, procuraram perturbar a nossa paz, invadindo o territorio d'esta Provincia na Cidade de Arêa a 18 do corrente, para manchal-o dos mesmas horrores! Posto que fugitivos se devem considerar os revoltosos, comtudo são temiveis no manejo de

seus ardis, e por isso não se illudam os incautos: estam perdidos, e só querem augmentar com o uumero de seus crimes a lista dos compromettidos: até n'isto são perversos.

Parahybanos! nunca um Povo obteve melhoramentos sociaes por via das armas, insultando o seu Governo, desobedecendo as suas Leis, e Autoridades constituidas, e derramando o sangue. Sempre as verdadeiras e profundas reformas foram a consequencia da madura reflexão, da discusão, e do sentimento geral. E' pois fóra de duvida que esses homens se illudem, e commettem crime imperdoavel quando lançando mão das armas, pretendem violentar o Governo para obterem cousas, que elles mesmos nem bem tem combinado, e sobre que divergem. Nada podendo obter em sua Provincia é rematada loucura pretenderem impor-nos seus desatinos. Nestas circumstancias é necessario, que nos unamos todos, e isto, vos ordeno, á forte columna do Governo de Pernambuco, que ja os persegue, para lhe darmos mais força, e assim de uma vez acabar o hediondo monstro da anarchia, que levantando sua cabeça em Pernambuco, donde vem fugindo, corre para o meio de nós, prestes a dar seu ultimo arranco. Parahybanos! A vossa dignidade e pundonor foram vilipendiados pela invazão d'esses barbaros: lançae mão das armas, e repeli-os como a inimigos aggressores, porque só assim poderemos assegurar a paz e tranquilidadde que nos querem roubar.

Viva o Imperador.

Viva a Constituição Jurada.

Vivam os Amigos da bôa ordem.

Palacio do Governo da Parahyba em 20 de fevereiro de 1849.»

Foram logo suspensos o juiz municipal e os officiaes da guarda nacional sympathicos ao movimento, nomeadas novas autoridades policiaes e designados commandantes de confiança do governo para a guarda nacional do termo em que estacionavam os rebeldes. O presidente appellou para os proprietarios do municipio solicitando-lhes auxilios e garantindo indemnização de todas as despezas que fizessem.

Os cofres do thesouro provincial passaram para bordo do brigue de guerra *Andorinha*, aqui chegado a 14 de fevereiro com forças e munições remettidas pelo presidente de Pernambuco, logo que soubera da direcção tomada pelos rebeldes, que eram seguidos pelo tenente coronel Falcão, com forte contingente.

Obtendo permissão de presidente para entrar na provincia, o alludido official no dia 16, pouco depois que os praieiros abandonaram Itabayanna, chegava alli, onde descançou, partindo para Areia a 18. A 21, pela madrugada, estava naquella cidade o exercito governista que fora guiado desde Itabayanna por Sebastião Guedes Alcoforado, e, ás 7 horas da manhã teve inicio o sanguinolento combate que durou até 1 hora da tarde.

A intrepidez das forças legaes rivalizou com a bravura das hostes rebeldes.

Terminada a batalha pela retirada dos liberaes, ficaram no campo cinco soldados mortos e 38 feridos, perdendo os revolucionarios seis homens e deixando 26 prisioneiros, além de algumas armas e munições.

Transcrevemos aqui a ordem do dia do tenente coronel Feliciano Antonio Falcão, que encontramos annexa ao relatorio do presidente João Antonio de Vasconcellos, dirigido á Assembléa Provincial em 1 de agosto de 1849, e no livro — A Rebellião Praieira — de Figueira de Mello :

«Acampamento Volante, da Columna de operações do Norte de Pernambuco, em a Cidade do Brejo d'Arêa da Parahyha, 21 de fevereiro de 1849.

ORDEM DO DIA N. 3

A contumacia dos criminosos, elevada a um gráu de exaltação que a posteridade apenas acreditará como fabulosa, derramou mais uma vez o precioso sangue dos Brazileiros, no escarpado terreno em que assenta esta Cidade !

A victoria alcançada por esta Columna em o dia treze do mez que corre, em o Engenho — Páo Amarello, pertencente ao territorio de Pernambuco, convenceu os reprobos que cobriram essa formosa Provincia de lucto, e de dôr, de que não era possivel manterem-se por mais tempo no bello torrão predestinado pela Providencia para occupar um ponto luminoso no vasto territorio da America, e por isso resolveram no antro do crime, trazer a guerra civil ao centro de um povo pacifico. Com incrivel rapidez a inercia de uns, a credulidade, e a perversidade de outros, fez com que o soão da anarquia succedesse á branda viração da Paz ; e o caudilho derrotado em Páo Amarello perseguido sem descanço por esta Columna desde esse ponto, até a Povoação Lagôa Grande — deparou com homens revestidos da autoridade publica, que não só os conduziram em triumpho como puzeram á sua disposição os recursos de todo o genero que existiam nesta cidade ! Esta columna quebrada de fome, sede e fadiga, cifrando suas esperanças em Deus, e no seu valor, transpôz vinte e tres leguas de arido terreno, e com a impavidez dos verdadeiros bravos desferiu o pavilhão Nacional junto dos ingremes penêdos desta, para os reprobos, nova Gibraltar ! tendo antes batido o inimigo em os pontos avançados collocados em os Engenhos — Gregorio, e Bôavista —, e na ladeira do Tatú, e finalmente nesta Cidade. A's 7 horas da manhã rompeu o fogo em o primeiro destes pontos, e durou com pequenas interrupções até a uma da tarde, tempo em que o inimigo foi expellido desta Cidade, deixando em poder dos vencedores duzentos e setenta e cinco cartuxos emballados ; quinhentas pedras de ferir, treze saccos com chumbo em grão, quinze espingardas, cinco laza-

rinas. vinte e seis prisioneiros, sete baús contendo parte dos objectos que roubou aos pacificos habitantes desta Cidade, seis bois, que furtou em o Engenho Varzea Nova, os cadaveres de seis bandidos que ficaram insepultos no campo do combate, a alguns dos quaes perseguir o ignominioso ferrete da escravidão; além d'aquelles que conduzia no mesmo estado, e feridos, segundo as disposições unanimes dos moradores das circumvizinhanças desta Cidade.

A columna perdeu o intrepido Cadête do 6.º Batalhão de Caçadores João Cavalcante de Albuquerque Bello, um soldado do 2.º Batalhão de Artilharia a pé, dous soldados e um Tambor do 5.º Batalhão de Fuzileiros, os quaes despindo o involucro carnal voaram á mansão dos justos, e cercados da auréola da Gloria Celeste, são outros tantos intercessores pelo bom resultado de nossas armas; o valente major commandante interino do 6.º Batalhão de Caçadores o sr. João Guilherme de Bruce teve um ferimento leve e frontal: o distinto Tenente Manuel Claudio de Oliveira Cruz, que servia ás ordens do commandante da Columna, foi gravemente ferido; os Cadetes Maximiano Francisco Duarte e Erico da Silva, Alexandre José Lopes, e Angelo Francisco Carneiro um anspeçada, quatro soldados e um corneta do 2.º batalhão de cavallaria a pé, um primeiro sargento, José Thiago da Silva, segundo dito, José Fernandes da Silva, 3 cabos, 1 anspeçada e 9 soldados do 5.º Batalhão de Fuzileiros, um cabo e oito soldados do 6.º Batalhão de Caçadores feridos. Comquanto o Commandante da Columna pague um tributo ao merito, declarando que os tres corpos de que se compõe a Columna, em o combate deste dia, portaram-se com uma intrepidez igual áquella que ostentaram em os combates precedentes; todavia, julga de rigorosa e intuitiva justiça fazer honrosa menção do Sr. Tenente Sesgnando Nencizio Marreiros de Sá, e da 5.ª, 6.ª e 7.ª Companhia do 5.º Batalhão de Fuzileiros, que formaram a guarda avançada, e desalojaram o inimigo dos pontos do — Gregorio e Bôavista, — sendo coadjuvados sob o Commando do valente primeiro sargento Raymundo José de Moraes: esta companhia por circumstancias imprevistas e superiores aos calculos da humana prudencia, ficou durante a acção exposta ao fogo mortifero do ponto avançado da Bôavista, cuja guarnição é estimada em o numero superior de cem combatentes: e não obstante a desproporção desta força numerica, comparada com a da companhia, que apenas era de vinte e sete praças, desempenhou perfeitamente o serviço de que foi encarregada. O Sr. Tenente Manuel Claudio de Oliveira Cruz, pela promptidão e clareza com que transmittiu as ordens do Commandante da Columna, nas differentes direcções que as necessidades do serviço o exigia. Os Srs. Majores João Guilherme de Bruce e Hygino José Coelho, Commandantes interinos, aquelle do 6.º Batalhão de Caçadores, e este do 2.º Batalhão d'Artilharia a pé, o segundo por ter marchado com o Bata-

lhão do seu Commando, coadjuvando as 3 companhias da guarda avançada, em o ataque da cidade, e o primeiro por ter marchado com 4 companhias do seu commandante, para substituir o corpo, e companhias da vanguarda, que estavam extenuados de fadigas ; o que não se verificou, porque, difficultando-se essa substituição, todos carregaram sobre o inimigo, e o expelliram. O Sr. Capitão graduado, com exercicio de Ajudante do 6.° Batalhão de Caçadores José Leitão de Almeida, por ter snbstituido o Commandante interino do mesmo Batalhão logo no começo do serviço de que foi encarregado, por ter sido ferido.

O Sr. 2.° Tenente Hermes Ernesto da Fonseca, encarregado da direcção dos Obús pela pontualidade com que se fez jogar este quando o Commandante da Columna lh'o ordenou, e por ter tomado parte no ataque da Cidade, como official de fileira, quando a configuração do terreno inutilizou o emprego da artilharia. Finalmente o Commandante da Columna vai levar á presença de S. Exc. o General em chefe das tropas empregadas na pacificação da Provincia de Pernambuco, os originaes das partes officiaes que lhe dirigiram os Srs. Commandantes dos Corpos, em as quaes recommendam alguns dos seus commandados ; e S. Exc. com o espirito de rectidão, e justiça que o caracteriza, não deixará de attender a essas mesmas recommendações. Terminando a presente ordem, o Commandante da Columna ordena que os corpos hoje rendam as devidas graças á Padroeira do Imperio, pelo triumpho que lhes permittiu, e para que faça estancar os jorros de Sangue Brazileiro abertos por reprobos dignos da Maldição de Deus e dos homens. — Feliciano Antonio Falcão, Tenente Coronel Commandante.»

O documento que reeditamos é visivelmente parcial, entretanto, refere com minuciosidade occurrencias que carecem ser registradas, ficando ao talento do historiador futuro aproveital-o para as justas deducções que elle faculta.

A circumstancia de tratar-se de uma informação de quem figurou na lucta, se justifica precaução no julgamento do seu valor real, não fundamenta absoluta recusa á sua acceitação.

Em suspeita identica incidiriam as affirmativas adversas, e não se chegaria jamais, portanto, a uma illação razoavel sobre os acontecimentos enunciados exclusivamente pelas partes contendoras, despresando-se inteiramente os seus testemunhos.

A revolução de que nos occupamos, por exemplo, é um assumpto sobre que ninguem escreveu com melhores fundamentos do que Urbano Sabino e Figueira de Mello. Entretanto, se bem que antagonistas extremados, deixaram inestimavel subsidio a quem pretender firmar criteriosa opinião sobre o cruento prelio em que foram figuras de inconfundivel destaque.

No mesmo dia em que se déra o combate, deixaram Areia as forças revolucionarias, ás quaes se incorporou o

tenente coronel Joaquim José dos Santos Leal, evadindo-se os demais chefes areienses que se tornaram solidarios com a revolta.

E' bem possivel, como narram documentos officiaes, que elles tivessem procurado inutilmente os auxilios dos seus correligionarios de Independencia e Bananeiras, dirigindo-se depois a Pocinhos, municipio de Campina Grande, pensando o governo que se destinávam aos sertões parahybanos. Entretanto, refere Irineu Joffily como uma recordação da sua infancia, «que na manhã do dia seguinte ao em que se dera o combate de Areia, chegaram os rebeldes a Pocinhos, transpostas em uma noite as dez leguas que separam essa povoação daquella cidade. Alli os chefes revoltosos Borges da Fonseca, B. J. da Camara, Santos Leal e outros formaram conselho e resolveram o licenciamento e dispersão das suas forças em razão da inefficacia da resistencia. Separaram-se os chefes em diversas direcções disfarçados em vaqueiros.»

Essa dispersão não foi, todavia, attinente ao exercito praieiro, vindo de Pernambuco. Ella concerniu ás forças parahybanas que haviam sido organizadas em Areia, as quaes desappareceram dessa época em diante do movimento revolucionario, pois que nenhuma allusão lhes foi mais feita posteriormente. Quanto aos insurgentes da visinha provincia, sabe-se que continuaram em armas, tendo descido ao Ingá, quando circulou aqui a noticia de que se destinavam á capital, motivando tal boato ter estado esta cidade, durante toda a noite de 26 de fevereiro com as tropas existentes de promptidão e a população alarmada, á espera do ataque.

De Ingá se encaminharam, porêm, os rebeldes para Mogeiro, e dalli foram a Natuba, Cruangy, Lagôa Secca e Pasmado.

Somente depois que se teve conhecimento exacto de já estarem em Pernambuco as forças praieiras é, que foi considerada pacificada esta provincia, dirigindo o seu presidente um officio de agradecimento. em 11 de março, ao commandante das forças legaes, pelos serviços prestados á ordem publica, na Parahyba, documento que transcrevemos:

« Illmo. Sr. Tendo remettido a V. S. o officio incluzo, não foi mais V. S. encontrado no Brejo d'Arêa voltando do caminho juntamente com uma força de 50 praças, que eu havia enviado para aquella Cidade, afim de conduzir prizioneiros, conforme me havia o Chefe do Policia solicitado da parte de V. S. Aproveito agora a occasião para agradecer em nome d'esta Provincia o relevantissimo serviço que V. S. prestou-lhe, livrando-a, por sua bravura, e da Columna sob seu Commando, dos males com que a ameaçava a presença dos revoltosos, que V. S. bateu, dispersou e afugentou d'entre nós. Sua Majestade o Imperador devidamente remunerará tão assignalados serviços; entretanto que estes Povos bem dirão eternamente o nome de V. S. Deos Guarde a V. S.

Palacio do Governo da Parahyba, 11 de março de 1849. — João Antonio de Vasconcellos, — Sr. Tenente Coronel Feliciano Antonio Falcão, Commandante da Columna operadora da Provincia de Pernambuco ».

Restabelecida a paz, o governo fez seguir para Areia o chefe de Policia, afim de fazer o inquerito relativo á perturbação occorrida no citado termo, e, proseguindo o processo, foram pronunciados 18 revolucionarios, sendo nove liberaes areienses que adheriram á causa pernambucana, já mencionados, e nove dos que vindos de Pernambuco, figuraram mais salientemente nos acontecimentos desenrolados dentro do territorio parahybano.

* * *

Durante a rebellião em Pernambuco varios factos se deram na Parahyba, que, se não traduziam a sua repercussão nesta provincia, denunciavam pelo menos certa agitação no espirito publico.

A 4 de fevereiro, em Bananeiras, o juiz municipal bacharel Antonio Benicio Saraiva Leão Castello Branco expedira ordem de prisão contra o sr. Antonio José Ignacio, de quem era adversario, sob o pretexto de andar elle armado. Reuniu-se, porém, grande massa popular e tendo á frente o sr. José Lopes Pessôa da Silva, escrivão do termo, dirigiu-se á casa do juiz exigindo a relaxação da ordem.

Esta autoridade, devido á exaltação do povo, receiou insistir na effectividade da prisão determinada e passou o exercicio de seu cargo ao primeiro supplente Estevão José da Rocha.

O acontecimento foi communicado ao governo pelo dr. Antonio Benicio, contra quem recebeu tambem o presidente da provincia representações de officiaes da guarda nacional, da camara municipal e dos juizes de paz, evidenciando-se, portanto, que a opinião popular era contraria ao juiz.

Temendo proceder immediatamente contra os responsaveis pelo levantamento do povo de Bananeiras, em virtude da situação em que se achava sob a ameaça de um ataque imminente pelos revolucionarios pernambucanos, o governo silenciou a principio, resolvendo depois, quando não mais havia fundamento para temer complicações e já tinha recebido ordem superior, mandar instaurar processo contra os bananeirenses envolvidos no facto mencionado.

Para alli seguiu o chefe de policia, que, tendo procedido ás deligencias legaes, verificou a criminalidade de diversas pessôas, entre as quaes o escrivão Joé Lopes e Alexandre da Silva Lima Veneno, que foram pronunciados.

Em Piancó reflectiu-se sem disfarce o movimento pernambucano.

Em fevereiro e março houve ajuntamento de gente armada, não tendo incremento a rebellião certamente pelo in-

successo dos liberaes nos ultimos encontros com as forças legaes nesta e na provincia visinha.

O Presidente de Pernambuco, Antonio da Costa Pinto, por officio de 16 de outubro de 1846 ordenara ao chefe de policia da mesma provincia dr. Antonio Henriques de Miranda que se transportasse a Pajehú de Flôres, onde se davam repetidas perturbações, para restabelecer a ordem e punir os criminosos.

Dessas deligencias resultaram, não podemos verificar exactamente se devido ao exagero de prevenções despertadas por questões politicas ou se effectivamente por crimes commettidos, o processo e a captura do coronel Francisco Nogueira Paz, ligado por laços de familia a prestigosos chefes liberaes de Piancó. Conseguindo evadir-se, Nogueira Paz veiu para Piancó, onde se achava quando deu-se a insurreição praieira.

Reunido aos principaes chefes de Piancó inclusive o commandante superior da guarda nacional e varios officiaes, organizou um batalhão popular para atacar Pajehú de Flôres, facto que é confirmado no seguinte officio publicado pelo chefe de policia de Pernambuco.

Illmo. Snr. — Tendo chegado hoje da marcha, que fiz para Floresta em seguimento dos revoltosos, que se armaram para atacar este Termo, e que marchando ainda alguns até cinco leguas desta Provoação, e reconhecendo a força que eu tinha reunido para rebatel-os, retrocederam, e foram se fortificar dentro de Floresta; vou dar a V. S. pelo miudo parte de quanto occorreu neste Termo de 30 de janeiro proximo passado até o dia de hoje.

Fui avisado com toda a eerteza, e por documentos que os revoltosos Nogueira Paes, Seraphim de Souza Ferraz, José Rodrigues, José Antonio e outros achavam-se concertados para atacarem este Termo no dia 28 de fevereiro e que já estavam de marcha. Mandei notificar tanto a Guarda Nacional, como a gente desarmada das tres Freguezias Talhada, Flôres e Ingaseiras, apezar das criticas circumstancias, á que se acha reduzido esse Termo pela terrivel secca, que o devasta, reuni d'entro de Talhada 600 homens, onde esperei alguns dias pelos rebeldes e como elles até o dia 9 do corrente não se atrevessem a vir e apparecesse noticia de que marchavam a tomar o ponto de Flôres, levantei daqui o acampamento, e marchei para aquelle ponto, onde reuni 1,428 homens: — e como ahi tivesse eu noticia, que Nogueira Paes marchava da Villa de S. Antonio de Piancó até o lugar de Manguenza; que sendo sabedor da grande força, de que eu dispunha, voltára e debandara a gente; e que José Rodrigues, José Antonio, Joaquim Ferraz e outros vieram até o lugar de S. João deste Termo, distante da Villa quatro leguas, (onde receberam a carta, cuja cópia vai inclusa, assim como tambem vai a cópia da que ahi escreveu o caudilho José Rodrigues a seus comparsas, que dahi tambem voltaram para Floresta, onde se foram fortificar como fui certificado por of-

ficio do Delegado daquelle Termo) — resolvi marchar sobre Floresta, afim de batel-os e desarmal-os.

Com este proposito marchei no dia 18 do corrente de Flôres, mandando seguir uma columna pelo riacho do Navio abaixo sob o commando do Capitão João Pimentel de Siqueira Brito e outros Officiaes de distincção, e ás ordens do Subdelegado de Flôres, a fazer ponto no lugar Croiba, e eu desci com outra columna pelo rio Pagehú abaixo. Como porém a minha marcha fosse muito moderada, em razão de ir a pé toda a tropa, tanto a soldadesca como os Officiaes e muitas pessoas distinctas da Comarca pela magreza extraordinaria dos animaes, tiveram os rebeldes tempo para se desalojarem das posições e trincheiras que haviam feito, tanto pela estrada por onde eu seguia, como da Villa, onde a principio pretenderam esperar-me.

Entretanto, ia eu passando a salvo todas as trincheiras, que elles haviam feito pela estrada, e de que havia dous dias tinham sahido, eis que arraiando no lugar denominado Pedras, distante duas leguas da Villa da Floresta, ahi veiu ter commigo o Delegado deste Termo, e participando-me que a Villa achava-se só, sem nella estar um só dos rebeldes (porque se haviam debandado, e alguns passado o rio para o lado da Bahia), exigiu de mim que voltasse dalli, por quanto o seu Termo achava-se em paz ; — e por mais que lhe representasse, que podiam os rebeldes andar por ahi em bandos e que precizo se fazia o procural-os, a tudo rebateu, apresentando que, ainda quando existisse no seu Termo algum rebelde, elle obrigava-se a desarmal-o, e por conseguinte que não tinha precisão alguma de mais força.

A' vista, pois, disto obrigou-me a voltar, e debandar as tropas ; o que fiz constrangido, mas forçoso me foi assim obrar, pois que não era possivel percorrer um Termo, cujo Delegado exigia a minha retirada, protestando achar-se elle em paz e socego. Eis, portanto, a fiel narração da nova revolta deste Termo, e os passos que dei para rebatel-a, ou impedil-a, como consegui.

Acha-se Nogueira Paes na Villa do Piancó, para onde ja officiei ao novo Delegado, afim de capturar os revoltosos, que no seu Termo se acharem homisiados. Os Brasis debandaram-se para o Termo da Barra do Jardim, Provincia do Ceará, para onde vou tambem officiar, afim de serem perseguidos. Os de Floresta andaram passando para o lado da Bahia, por onde vagam dispersos.

Não sei se a perversidade e affouteza de taes revoltosos ainda os fará pegar em armas terceira vez, apezar de terem sempre fugido e vergonhosamente na segunda sem ao menos esperarem pelo menor fogo, dando com isto despezas á Nação, e incommodando os povos, que no rigor da horrivel secca, que os persegue, deixaram suas mulheres e filhos nas garras da penuria, e lançaram mão das armas para defenderem suas vidas, honras e fazendas, que estavam prestes a padecer.

Deus Guarde a V. S. Delegacia de Flores em Serra Talhada, 31 de março de 1848. — Illm. Sr. Dr. Jeronimo Martiniano Figueira de Mello, Chefe de Policia da Provincia. — Manoel Pereira da Silva, Delegado de Policia.

O juiz municipal e o promotor publico de Piancó influenciaram o movimento sympathico aos revolucionarios pernambucanos, e, por isto, foi aquella autoridade suspensa, sendo esta exonerada.

Parece indiscutivel que, á morte de Nunes Machado, em 2 de fevereiro, no ataque ao Recife, se deve principalmente attribuir não se haver generalizado a rebellião na Parahyba.

Piancó preparava-se para a lucta, organizando forças; Bananeiras não se atreveria a insurgir-se contra uma ordem legal do juiz municipal do termo, se uma forte corrente de solidariedade não ligasse seriamente os seus mais prestigiosos politicos, que, se fossem pela causa legal, não concorreriam para a desmoralização de uma autoridade decididamente apoiada pelo governo, no momento em que este, sob a ameaça de uma seria perturbação na ordem publica, appellava para os seus amigos solicitando extremos esforços no sentido de evital-a; Areia demonstrou, pela valente attitude que assumiu, mesmo depois da morte de Nunes Machado, que estava alliada francamente á rebellião, conhecendo tão bem a marcha e os planos dos rebeldes, que de lá vieram os liberaes recebel-os em Alagôa Grande com o nobre desassombro de quem não procura dissimular a sua posição.

A hesitação dos praieiros, ao sahirem de Areia, sobre se deviam ir para Bananeiras ou Guarabira, resolvendo-se afinal seguir para Pocinhos, em Campina Grande, divulgando-se logo que buscavam o sertão, indica claramente que elles entraram na Parahyba contando com alliados em varios pontos da provincia.

A indecisão dos praieiros vindos de Pernambuco, justificada pelos dissabores que lhes advieram da perda do seu grande companheiro e idolatrado chefe, percebe-se perfeitamente. Elles não traziam plano de combate; reconheciam-se em situação difficil e recorriam aos seus correligionarios desta provincia, em cujo amparo confiavam. E, que tinham fundamentos para acreditar na generosidade e firmeza dos liberaes parahybanos, provaram-no eloquentemente o carinho e os serviços que lhes foram dispensados nos pontos do nosso territorio em que estiveram, desde Pedras de Fogo, onde Antonio Alecrim auxiliou-os sem subterfugios e com tal dedicação que, com gente sua, foi combater em Pernambuco occupando o posto de major das forças revolucionarias, até Areia, a cidade invicta, em que os pernambucanos encontraram a fidalguia de amigos incomparaveis e a nobreza de correligionarios irreductiveis.

Se antes do ataque ao Recife os praieiros viessem á Parahyba, não ha duvida que teriam conseguido com facili-

dade o levantamento de muitos municipios e a conflagração desta provincia seria então completa.

Pelo procedimento de Areia, que se bateu, com inexcedivel denodo, quando a revolução era considerada já vencida, porque se a suppoz extincta em Pernambuco desde o falecimento de Nunes Machado, facil é imaginar-se a intensidade da lucta se permanecessem ainda as esperanças de victoria, que tanto estimularam os rebeldes no começo da revolta. Elles comprehendiam realmente a sua situação, quando recorreram aos seus correligionarios da Parahyba. E, por isto mesmo que foi na phase angustiosa da descrença que os filhos desta terra os acolheram com extraordinaria intrepidez, promovendo elementos em seu favor e pegando em armas para defendel-os com sacrificio de posições officiaes vantajosas e de recursos pecuniarios que abnegadamente lhes dispensaram para a acquisição de munições e armas, é que mais se notabilizaram os liberaes parahybanos na rebellião de 1848.

Não discutimos neste momento a justiça da causa que levou os pernambucanos á lucta.

Não procuraremos saber se os parahybanos tinham razões para se rebellarem contra o governo da sua provincia. Accentuaremos, todavia, que estes, abandonando a tranquillidade que gosavam no exercicio de cargos publicos importantes, renunciando com admiravel desprendimento o seu bem estar, para soccorrer os seus amigos politicos de Pernambuco, quando elles, vencidos em sua terra. sem esperanças mais de triumpho, invocavam a sua solidariedade, deram um exemplo rarissimo de firmeza partidaria.

Se a conducta dos praieiros, insurgindo-se contra o governo e resistindo ás suas resoluções amparadas tão vastamente na opinião popular, que os proprios adversarios não lhe contestavam o immenso prestigio, encorajados pela esperança da victoria de sua causa, confirma dignamente a altivez e a bravura que tanto têm distinguido os pernambucanos na historia nacional; na conducta dos liberaes parahybanos, irmanando-se á sua sorte no momento em que, desnorteados e perseguidos, tentavam livrar-se dos seus inimigos, refulgem a grandeza de Vidal de Negreiros e a audacia de Peregrino de Carvalho.

Não estamos escrevendo a historia da revolução de 1848; entretanto, referindo-nos a acontecimentos que, originados della, se desdobraram entre nós, devemos tornar salientes as virtudes de filhos desta terra que se recommendaram á imperecivel gratidão dos seus conterraneos.

Os liberaes de Areia foram impellidos á revolução pelos seus arrebatamentos civicos. Elles não poderiam imaginar vantagens pessoaes n'uma lucta de que somente aos pernambucanos ellas caberiam no caso de serem triumphantes.

A' posição que tinham perante o governo local era bôa, patenteando-o a circumstancia de estarem de posse dos principaes cargos de autoridade no seu termo.

Fascinou-os, portanto, um alvo dignificador. Não se poderá allegar que fossem impulsionados por intuitos deprimentes.

*
* *

Sciente o presidente de Pernambuco de que os revolucionarios tinham regressado á sua provincia. e comprehendendo a sua desillusão sobre o resultado da lucta, procurou ir ao encontro dos desejos que naturalmente nutriam de suspender as hostilidades, dirigindo, em 3 de março, ao chefe de policia, o seguinte offcio :

«Illm. Snr. — Constando-me que os rebeldes, que foram batidos em Areias da Provincia da Parahyba, tendo novamente entrado em territorio d'esta e sendo incessantemente seguidos pela columna do Coronel Pimentel, debandaram em grupos, que andam foragidos pelas matas entre Iguarassú e Camassary, recommendo a V. S., que expeça as convenientes ordens a todos os Delegados de Policia, para que empreguem a maior actividade e vigilancia para capturar e desarmar quaesquer partidas ou individuos, que por ventura appareçam no districto de sua jurisdicção ; advertindo porêm, que aquelles que não sendo chefes, se apresentarem pacificamente, e deposerem e entregarem expontaneamente as armas, não devem ser inquietados, limitando-se as Autoridades a tel-os debaixo de vigilancia, participando immediatamente a V. S. quaes aquelles que se apresentam.

Convêm tambem que V. S. faça saber aos mesmos Delegados, que tendo chegado hoje o Batalhão 8.º de Caçadores composto de 500 praças, vou fazer marchar para o interior uma força de linha destinada a bater os grupos, que não quizerem depor as armas, e apoiar as Autoridades no empenho de por termo á rebellião, que tem assolado esta bella Provincia, que certamente terá de ser esmagada em poucos dias, se todos os defensores da Constituição, mediante mais algum esforço, concorrerem para acabar com esses restos de anarchistas, que abandonados de seus chefes, sem direcção e sem recursos, só procuram escapar ao justo castigo de seus crimes.

Deus guarde a V. S. Palacio do Governo da Provincia, 3 de março de 1850. — Manoel Vieira Tosta.»

Igual providencia fôra adoptado pelo Governo com relação aos revolucionarios qne haviam seguido para o sul da Provincia.

Não se enganara Vieira Tosta quanto ao resultado de sua resolução.

Desilludidos, alguns grupos rebeldes aproveitaram a tolerancia que lhes era assegurada e foram depondo as armas.

João Paulo Ferreira, Moraes e Borges da Fonsêca eram já os unicos chefes salientes que combatiam, sendo que os dois primeiros não tinham mais duvida sobre a sorte do movimento.

Faltava-lhes munição, alem de estarem reduzidas as suas forças. Resolveram então que Borges da Fonsêca voltasse á Parahyba para obter recursos dos liberaes desta provincia.

A 15 de março partia para aqui o fogoso caudilho.

Na sua ausencia, Moraes e João Paulo Ferreira orientados pelo coronel José Joaquim de Almeida Guedes, de Olinda, que auxiliara os revolucionarios a principio, abandonando depois a rebellião, de que seriam infructiferos quaesquer esforços, resolveram abandonar as armas.

Desfarçados, dirigiram-se ao Recife conseguindo fugir para os Estados Unidos.

Antes de embarcar, escreveu Moraes a seguinte carta, que deixou para Borges da Fonsêca:

«Acho-me nesta Praça occulto; saio já para a Europa; e a tudo isto me obrigou o desamparo, em que me deixaram e não perfidia minha. O Governo offerece amnistia aos que não são reputados cabeças, entregando as armas aos Delegados, o que podem fazel-o ao José Ignacio de Tracunhaem, ou Manoel Thomaz, no caso de quererem.

Toda a diligencia é a seu respeito e por isso se deve pôr a salvo. Todos hoje reprovam a continuação do movimento e mesmo eu tenho entrado nesta verdade; e quanto mais demora houver com as armas na mão, mais tarde nos será a victoria. Salve-se e os nossos amigos não se sacrifiquem mais sem proveito. Adeus — Moraes. — Recommende-me aos amigos. Não sou perfido.»

*
* *

Inteirado da chegada de Borges da Fonsêca á Parahyba o presidente desta provincia pediu immediatamente auxilios ao de Pernambuco, que foram enviados a 21 de março pelo vapor Imperador.

Nesse mesmo dia, porêm, tinha Borges da Fonsêca voltado á Pernambuco, chegando a 22 em Pasmado. Encontrando dispersas as forças e sabendo da resolução de Moraes e João Paulo, dirigiu a seguinte carta ao coronel José Vicente de Amorim Bezerra;

«Ilmo. Sr. — Rocolho-me neste momento ao acampamento das forças liberaes em operação no Norte da Provincia sob meu immediato commando; e sabendo que dous companheiros têem acceitado proposições de paz em minha ausencia, o que muito abona os seus cavalheirosos sentimentos, desejoso de pôr termo a uma luta fratricida, a qual temos sustentado com denôdo, intrepidez e moralidade, convido a V. S. para um conferencia, dignando-se V. S. trazer copia authentica do Decreto de Amnistia, e mais preparar-se para resolver varias questões, como a do armamento, munição, e forças de amigos meus da Parahyba do Norte que se acham commigo. Não tenho o menor escrupulo de vir a um acôrdo com V. S.

por ter inteira confiança em sua probidade e brazileirismo, e portanto penso que V. S. não terá razão para escrupulizar a pedida conferencia no lugar, que o portador indicar; podendo vir V. S. sem estrondo de força armada, porque com o aspecto della nada faremos. Meus precedentes garantem V. S. que pode trazer em sua companhia o Tenente Coronel Francisco Cavalcante d'Albuquerque Maranhão, ou ao meu muito especial amigo, o Dr. Affonso d'Albuquerque Mello. Aproveito a opportunidade para offerecer a V. S, e protestar-lhe toda a consideração por sua pessoa.

Acampamento das Forças Liberaes, 22 de março de 1849, ás 3 horas da tarde. — Antonio Borges da Fonsêca».

Respondeu-lhe o referido coronel nos termos que se seguem :

«Illmo. Sr. Antonio Borges da Fonsêca. — Com quanto não possa, nem deva reconhecer a V. S. como Commandante das forças intituladas liberaes, e sim desobedientes ao Governo de S. Majestade o Imperador, todavia o dever de civilidade, e o empenho que V. S. ostenta pelo termo de uma luta fratricida, que deve magoar todo coração Brazileiro, me obriga a responder á carta que, sendo datada de hontem ás 3 horas da tarde sem declaração do lugar (o que não devia occultar), foi por mim recebida hoje ás onze horas do dia.

Não devendo corresponder-me com V. S. em fórma official, não posso, nem estou autorizado a conceder-lhe a conferencia pedida, nem remetter-lhe copia authentica do Decreto de Amnistia, e menos para aceitar condições que não sejam a prompta entrega das armas com proposito de irem para as suas casas ; a estes porêm darei plena garantia de sua pessoa, menos aos chefes, a respeito dos quaes sò o Exmo. Presidente da Provincia póde resolver. Entretanto, vou remetter ao Exmo. Sr. General Commandante das Armas, a referida sua Carta ; ficando V. S. na certeza, que as operações continuarão em vigor, emquanto me constar, que se acha reunida qualquer força em opposição ao Governo Legal.

De V. S. Attento Venerador, — José Vicente de Amorim Bezerra. Acampamento da Villa de Iguarassú, 23 de março de 1849. »

Deliberou então Borges da Fonsêca a publicação de um manifesto, que transcrevemos na integra :

« Senhor. — Quando se quiz tratar a revolução que rompeu no dia 7 de novembro de 1848, consultado por meus amigos, disse-lhes — é prematura, porque nem temos munição de guerra, e nem ao menos o acôrdo da Parahyba e Alagôas ; façamos munição, e escrevamos aos amigos das duas Provincias.

Não foi meu conselho ouvido, e José Joaquim d'Almeida Guedes com João Paulo Ferreira se partiram de Olinda com força armada a procurar em Inhaman a Manoel Pereira de Moraes, que, sem ouvir-me, nem ao nosso amigo Fran-

cisco Honorio se pôz em campo com aquelles. Fiquei neutro, uma vez que republicano não podia auxiliar o torpe Governo Imperial. Logo de Iguarassú fugiu Guedes, e os mais seguiram o seu destino, atacando Nazareth, e combatendo o Governo em Mussupinho. Moraes e João Paulo retiraram-se do Catucá com apenas 80 dos seus.

Assim estava aberta a lucta entre o poder corruptor do Brazil e o povo; e eu entendi dever abandonar minha familia, meus commodos, as vantagens de um advogado, que gozava já de creditos seguros, para tomar parte na lucta contra o poder, e em favor do povo, e minha consciencia me accusaria, se não procedesse assim, se sem meu compromettimento fôsse o povo vencido.

Sahi pois de minha casa na Cidade do Recife no dia 15 de novembro; vim a Iguarassú, reuni 60 paisanos armados; deixei-os em ponto; parti para o Catucá; achamos Moraes e João Paulo, os quaes aceitaram o meu convite e assim se organizou a columna liberal do Norte, que tanto fez em prol da causa. Fomos sempre perseguidos pelo Governo, á quem só dá cuidado a columna liberal do Norte.

Apezar disto, e de alguns revezes, desenganado o Governo de não poder anniquilar-nos, pôz em leilão 5 cabeças, a minha, e as de Moraes, Pedro Ivo, Felix Peixoto, e Roma; não foi sufficiente; e, corruptor como é, lançou mão de outro meio. Bom instrumento achou no infame Guedes, e este malvado, junto com o miseravel Manoel Filippe de Christo Leal nos procuraram para deixarmos as armas com promessa de termos os cabeças oito contos de reis, passagem e passadio para qualquer paiz estrangeiro; a cuja proposição respondi, rejeitando tão inaudito offerecimento. Emfim, Guedes e Christo subornaram João Paulo; Moraes resolve commigo atacar a capital da Parahyba, e concordamos ir eu dispôr alli as cousas; parto no dia 15, volto no dia 22, e já o não acho; havia sido conduzido por Guedes! Coitado! foi victima de sua facilidade. Tambem não acho mais a columna reunida: estava totalmente dissolvida.

Tanto esforço do Governo contra a columna liberal do Norte me fez ver, que a dominação actual se acha anniquilada, e que com algum trabalho mais estará ella em terra. Convenci-me que a morte d'esta columna importava a morte da liberdade, e curvando-me diante de Deus, implorei-lhe protecção, misericordia e valor para entrar em um trabalho superior ás minhas forças; mas trabalho que, na sinceridade do meu coração, creio, de vital interesse para todos nós, e para o Brazil. Dei começo a reunir os dispersos no dia 23, e hoje estou em fé de alguma coisa fazer e tenho confiança de montar a columna, e ter a protecção dos liberaes.

Eu sei que muitos não annuirão a tão prematuro movimento; mas hoje força é que todos os liberaes me ajudem,

certos que a morte da columna do Norte é a morte da liberdade, e o anniquilamento de todos os liberaes, que se não curvam á prepotencia estrangeira, e de uma familia ebria de orgulho e ambição e que entendeu dever ser Pernambuco seu feudo. O liberal busca o bem de todos; mas ás vezes tem carencia de se referir ás pessoas liberaes, como agora. Meu programma foi publicado; não o altero; não quero impôr minha opinião á Nação, venha a Constituinte e protesto sujeitar-me á forma de Governo que ella decretar.

Se prevalecer a Monarchia Constituinte, curvar-me-hei Não tenho, Senhor, ambição alguma; Deus é testemunha do meu coração, desejo só legar á minha Patria uma nacionalidade, que não temos, ajudae-me, e não tereis nunca que arrepender-vos e antes o vosso nome em tempo será levado á posteridade. Acreditae que só a morte me arredará deste proposito, uma vez que a minha mulher e meus filhos já estão entregues a Deus para delles ter compaixão. Eis o meu Manifesto. *Quem não é por nós é contra nós*, disse Nosso Senhor Jesus Christo. Liberdade e paz aos que me ajudarem, anniquilação e morte aos que me combaterem, e auxiliarem o Governo Imperial.

Recebei, Snr., meus votos e crêde que vos tenho na mais subida consideração. 27 de março de 1849. O vosso menor criado Antonio Borges da Fonseca. »

Recrudescendo as perseguições que, contra Borges da Fonseca, eram movidas pelo governo, não lhe foi possivel escapar.

Soubera o commandante do 8.º batalhão de caçadores que o ardoroso rebelde se achava nos matos do *Cabu*, e organizando o ataque o surprehenderam em uma palhoça, onde o prenderam e ao seu major de brigada Bento José Ferreira Ponteiro, ourives parahybano e seu fiel companheiro.

A 31 de março, pelas 4 horas da tarde, entrava Borges da Fonseca no Recife, escoltado por oitenta praças, sendo remettido para bordo da fragata *Constituição*.

No seu interrogatorio confessou altivamente sua parte na rebellião, e que, embora não commandasse as forças, as dirigira em todos os combates; que não aguardára a reforma da Constituição pelos meios legaes porque a opinião publica não se manifestava realmente nas eleições e, finalmente, que não se podendo limitar o poder soberano do povo a revolução sendo vencedora, poderia mudar a forma de governo existente e destruir a integridade do imperio.

E' tempo de serem rebatidos os conceitos apaixonados e injustos com que procuraram encobrir os meritos inconfundiveis de Borges da Fonsêca, aquelles que o tiveram como adversario na rebellião a que vimos nos referindo. Figueira de Mello e todos os governistas que escreveram a respeito, exaggerando o papel desempenhado pelos seus

amigos, deixaram-se arrastar pelas suas affeições pessoaes para com os triumphadores e não tiveram a nobre energia dos fortes para resistir ás prevenções que sentiam contra o valoroso antagonista, que confessam aliás ter-se constituido a cabeça que dirigia a revolta e o braço que a sustentava, depois da morte de Nunes Machado.

Tentaram deprimil-o, pretenderam offuscar-lhe os merecimentos e as virtudes, mas em sua narrativa deixaram assignaladas as suas grandes qualidades de batalhador convencido, sincero, abnegado, valente e irreductivel.

Borges da Fonsêca, conforme se vê da informação que, em 7 de janeiro de 1815, remetteu Amaro Joaquim Raposo de Albuquerque a D. João 6.°, « era um moço de familia respeitavel pela sua origem. »

As suas campanhas nunca objectivaram fins desabonantes. Ao contrario, desprendido de interesses de qualquer ordem, elle se dedicava sempre á sorte da collectividade, á defesa dos seus principios, sem vislumbrar vantagens pessoaes nem posições de evidencia.

Na revolução praieira mesmo, verifica-se que elle contribuiu denodadamente para incremental-a, alistando-se nas fileiras rebeldes sem preocupação de posto, chegando, entretando, a occupar o mais graduado delles, porque, elevado pela sua bravura e pela sua capacidade na confiança dos companheiros, foram-lhe sendo destinadas as commissões mais arriscadas.

Discuta-se a sua bandeira. Combata-se a sua orientação. Condemne-se o desperdicio dos seus talentos em prélios inopportunos. Mas reconheça-se a grandeza da sua fé nas crenças que professava. Admire-se a sua firmeza inquebrantavel, a sua lealdade incorruptivel, o seu devotamento incomparavel ás ideias, aos amigos, aos fins por que se batia. As campanhas civicas não facultam aos triumphadores o monopolio das homenagens.

Os que são vencidos podem conquistar tambem, nas amarguras das suas desilusões,, a reverencia mais merecida, a consagração mais desvanecedora, á dignidade de sua conducta, á nobreza de suas qualidades patenteadas fielmente ao calor das pelejas, que não permitte fingimentos, e contempladas na serenidade das refregas pelos contendores probidosos, que se não deixam vencer pelo odio.

Borges da Fonsêca foi um obstinado propagandista das suas opiniões, um paladino intrepido e pertinaz, um desses batalhadores ricos dos predicados que melhor os assignalam e enaltecem.

Nunca ambicionou honras nem defendeu interesses. Trabalhou pela patria e viveu de sonhos.

E' sempre esta a sina dos precursores dos elevados idéaes. E elle foi um dos precursores mais fervorosos da democracia no Brazil.

E' uma vileza procurar eternizar os seus erros, sem perpetuar tambem os seus esforços e os seus serviços, em proporção immensamente superior, ás prerogativas populares e á Republica.

O seu vulto ha de permanecer inoffuscavel em nossa historia politica como um exemplo de energia e perseverança, na vulgarização altiva e intemerata das proprias convicções.

A prisão de Borges da Fonsêca terminou a revolução.

Com o seu desaparecimento da lucta, estava assegurada a victoria do governo.

Annita Garibaldi

PELO

Commandante HENRIQUE BOITEUX

Socio correspondente do Instituto

Annita Garibaldi

Não unicamente entre varões se ufana o Brazil de contar heroes; uma mulher, Anna de Jesus Ribeiro, ANNITA GARIBALDI, é um delles e gloriosamente se hombreia com os mais dignos.

E' brilhantissima a trajectoria que deixou traçada na sua curta existencia a legendaria catharinense, desde o momento que, fascinada pelo extraordinario homem que se chamou José Garibaldi, atirou-se-lhe aos braços, até aquelle em que exhalou o ultimo alento nas margens do Erydano, a combater pelo ideal da unificação italiana.

Vimos em Ravena, cheios de veneração, o monumento que os patriotas italianos levantaram á memoria da Heroina dos Dous Mundos, que tão generosamente pagou á Italia os serviços que ao Brazil republicano seu marido prestou.

Novo monumento lhe vai ser erecto, este de gratidão nacional, mostrando assim a Italia que não se esquece daquella que tanto mereceu pelos seus heroicos feitos. Rende-lhe um preito devido, emquanto nós, esquecidos do que na nossa Patria praticou, conservamos a sua memoria no olvido.

Oxalá possamos um dia ter na base de um monumento erguido á sua memoria o que se lê, gravado no pedestal do que se levanta em Ravena:

La patria l'amira
Il mondo t'adora.

* * *

Anna de Jesus Ribeiro, filha legitima de Bento Ribeiro da Silva e de Maria Antonia de Jesus, nasceu em Morrinhos, no Tubarão. Desde joven revelou-se espirito forte e de acção; dotada de não vulgar belleza, a todos attrahia pela graça natural que ostentava.

Quando, em 25 de julho de 1839, foi proclamada na Laguna a republica catharinense, naquella cidade, se achava ANNITA, em companhia dos paes.

A sua exaltada imaginação, superexcitada pelos successos que acabavam de se desenrolar naquelles sitios, procurava satisfação na contemplação dos navios que compunham a es-

quadrilha republicana que, sob as ordens de Garibaldi, se preparava para novos feitos.

Talvez seu coração, em logar de seus negros olhos, procurasse dentro daquelles navios aquelle que se tinha tornado, pelas suas façanhas, desde o Rio Grande, o seu ideal...

A Garibaldi não passou despercebido aquelle typo de mulher; do mesmo modo o seu coração, em vez do seu olhar, fixou-se nella e nunca mais a perdeu de vista.

Tinha encontrado, por sua vez, o ideal que procurava; vibraram unisonas as cordas da sympathia e entre ambos estabeleceu-se tal harmonia que, daquelle momento em deante, um não poderia existir sem o outro. Completaram-se mutuamente. E é tão certo isto, que não se poderá explicar muitos dos feitos e triumphos de um sem a presença do outro.

Desejavam os paes de Annita que ella desposasse João Gonçalves, official do exercito imperial; e por isso, quando Garibaldi apresentou-se em sua casa, pedindo-lhe a mão, teve como resposta uma formal recusa.

Não desanimou, porém, Garibaldi; entre elle e Annita existia um pacto infrangivel, pacto cimentado junto a uma fonte, que ainda hoje existe em uma das praças da cidade de Laguna, onde, pela vez primeira, se encontraram e falaram.

Annita não mentiu á palavra dada e, se dilacerou o coração paterno por não ter accedido a seus desejos e abandonar a casa, o cedeu ao pacto de amor jurado. Poucos dias depois, sob a tutela dos canhões do *Rio Pardo*, offerecia José Garibaldi á Annita, que, sem constrangimento o acompanhou, um asylo seguro, jurando-se mutuamente em face do céu e do mar uma união completa.

Não gosou Annita por muito tempo de doce tranquillidade; antes, ia para ella começar a epopéa brilhante que lhe estava destinada a escrever.

Não querendo, de fórma alguma, abandonar a companhia de seu adorado Garibaldi na arriscada empreza que ia executar, no corso aos navios que faziam o commercio de cabotagem, parte em 20 de outubro na esquadrilha organizada para tal fim.

Composta de tres pequenas embarcações, esta esquadrilha aventura-se até a barra de Santos e, quer na ida, quer na vinda, é perseguida por navios maiores e mais fortes da esquadra imperial. Sustentando repetidos canhoneios, recebe Annita, a bordo do *Rio Pardo*, o seu primeiro baptismo de fogo, e dir-se-ia que nelles retemperou-se-lhe o animo.

Não podendo Garibaldi, em vista de ter-se dispersado, em noite de cerração, a *Caçapava* e estar desmontado o canhão do *Seival*, sustentar sómente com a capitania luta tão desegual, procurou refugio no porto de Imbituba.

Bem sabia o bravo marinheiro que não tardariam os navios inimigos em procural-o; apparelhou-se, portanto, para recebel-os condignamente, dispostos todos a morrer antes do que render-se.

Na manhã de 4 de novembro, appareceram em frente ao porto os brigues-escunas *Andorinha* e *Bella Americana* e o patacho *Patagonia*, os quaes, aproveitando-se do vento que lhes era em tudo favoravel, investem contra o *Rio Pardo* e uma pequena bateria collocada em terra, feita com os canhões do *Seival*, e em successivas bordadas despedem mortifero fogo de artilharia e fusil.

Desenhava-se critica a situação dos republicanos, apertados cada vez mais na facha de fogo em que se achavam envolvidos. Cada bordada dos navios imperiaes era para aquelles bravos por demais funesta. Rareava cada vez o numero dos que defendiam, ao passo que as perdas soffridas pelos atacantes eram insensiveis. O combate tornou-se encarniçado; ao vigor com que atacavam os imperiaes confiados na superioridade e na posição que occupavam, respondiam com mais denodo os republicanos, decididos a não ceder; procuravam compensar a pouca força de seus canhões pela precisão de seus tiros. Esperavam anciosos pela abordagem; a salvação estava nella e por isso, com raiva fria, espreitavam, desesperados, este momento que não viam chegar.

Reduzidos cada vez mais; o *Rio Pardo* com a tolda cheia de cadaveres; os sobreviventes, mutilados uns, feridos outros; os cascos das embarcações, completamente crivados e cortados pela metralha; ainda assim ajudava a bateria de terra, que não cessava de fazer fogo, conservando o inimigo sempre á distancia.

Apezar daquelle espectaculo cheio de angustia para todos, quem ousava falar em render-se?

Quem ousaria fraquear, vendo na tolda do *Rio Pardo* a valorosa Annita, de carabina em punho, impavida ao fogo, desprezando a morte, batendo-se como o mais valente, emprestando valor áquelles que desfaleciam, animada, com as faces rubras, olhar em chammas e cabellos soltos ao vento, percorrendo a bateria em uma actividade febril, excitando a todos na defesa do estandarte, symbolo do ideal pelo qual se batiam?

Eis que, de repente, no momento mais acceso do combate, uma bala, batendo de encontro á amurada do *Rio Pardo*, arrója Annita ao convez e com ella dois marinheiros, que ficam estendidos mortos. Ouviu-se um grito geral, precipitando-se todos para erguel-a; mas, antes que a acudissem, levanta-se coberta de sangue dos companheiros e o seu unico pensamento foi fazer novo appello á bravura dos combatentes. Supplicada para que se recolhesse á coberta, respondeu; *Sim, vou descer ja, mas é para enxotar os poltrões que lá se foram esconder.* E um momento depois, apparece trazendo á sua frente tres marinheiros que se tinham alli refugiado.

Deante de tanto heroismo, não mais insistiu Garibaldi e entregou-se ao destino.

Antes de iniciar-se o combate, insistiu com ella Garibaldi para que desembarcasse; não cedeu; ao iniciar-se a luta, inuteis foram as suas instancias para que não se expuzesse. Em resposta aos pedidos, olhando-o, tranquilla e sorridente, apontou a sua carabina e foi a primeira a disparal-a, dando assim o signal de fogo.

Prolongou-se o combate até quasi ao anoitecer e, com a retirada dos navios atacantes, poude Garibaldi recolher-se á Laguna, onde encontrou a *Caçapava*.

Foi nesse combate que revelou-se ANNITA a mulher extraordinaria, cuja vida é constituida por uma série ininterrupta de luctas, de sacrificios, de devotamento, de amor e de fé.

Quando Garibaldi chegou á Laguna, já novo caminho tinham tomado as idéas politicas. O general Canavarro, pelo regimen despotico que estabelecera; o proceder duro e ultrajoso de seus officiaes; os máus tratos, os vexames, a rapina de sua soldadesca, tinham alienado todas as sympathias dos catharinenses pela causa republicana. O general Canavarro, como diz Garibaldi, não soube captivar as sympathias daquelle povo que o tinha acolhido tão bem.

O governo imperial, no intuito de suffôcar a nascente republica, tinha enviado uma expedição de 2000 homens para operar por terra e uma esquadrilha composta de 13 navios, com 300 praças de guarnição, 600 de abordagem e 32 bocas de fogo.

Contavam os republicanos com 1200 homens de infantaria, com uma bateria de 6 peças na fortaleza da barra e 16 peças nos navios da esquadrilha, fundeada em semi-circulo parallelamente á curvatura da margem á entrada do porto.

Era meio dia de 15 de novembro de 1839, quando apresentou-se a esquadrilha imperial formada em duas divisões Confia Garibaldi o commando da capitanea á ANNITA e vae á terra observar, de uma eminencia, o movimento dos navios inimigos e conhecer dos logares circumvisinhos.

Ouve, nesse interim, o disparo dos primeiros tiros e logo percebe que não lhe resta a menor probabilidado de victoria; regressa immediatamente para bordo do *Rio Pardo*, onde ANNITA já tinha iniciado o combate, apontando e disparando ella proprio os canhões.

Com o fim de poupal-a. manda-a Garibaldi á terra a pedir reforço ao general Canavarro e com ordem ao mesmo tempo de ficar em terra.

Lesta, salta ANNITA em um bote tripolado por dous homens e dirige-se á terra, sem tremer ao ruido do canhoneio, nem tão pouco das balas que sibilavam sobre sua cabeça.

Ia encarniçado o combate, que mais parecia um turbilhão de fumo e fogo, acompanhado de roucos ribombos e sibillantes silvos, levando na sua marcha infernal a destruição e a morte, quando em voga larga approxima-se ANNITA, de regresso, com a resposta de «que não podia mandar reforços e que salvasse as armas e munições e se retirasse com ellas».

E Annita, ao lado de Garibaldi, sempre intrepida, extraordinária, nem siquer arrefecia o seu ardor ao ver, á passagem de cada um dos treze navios que compunham a divisão atacante, vomitar sobre os pequenos navios da esquadrilha republicana o mais mortifero fogo de metralha e fuzil.

Tão rude e cruento foi este combate que, durante 15 minutos a passagem de cada um delles, perderam elles um terço de sua guarnição e, quando chegaram ao porto, estavam desmantellados e crivados de balas.

Não queria Garibaldi que seus navios cahissem em poder do inimigo e por isso confiou á annita o desempenho da ordem que recebera, e foi debaixo de intensissimo fogo que ella começou o desembarque do armamento e munições, que só podia fazer em um pequeno bote de dous remos. De pé, na pôpa da embarcação, cujos remadores se curvavam ao passar as balas, a legendaria brazileira, em vinte viagens successivas, de bordo para terra e de terra para bordo, apparecia calma, firme e arrogante como a estatua de Pallas. E ainda, na ultima viagem, ajuda a Garibaldi a lançar fogo aos seus navios. De bordo do *Rio Pardo* passam successivamente aos outros e, finalmente, ao *Itaparica*, onde ateiam o incendio, que, attingindo o paiol de polvora, fal-o saltar em estilhaços, levando entre os destroços os corpos mutilados dos valentes que a defendiam. Com ella voou o seu valente commandante, o intemerato lagunense João Henriques, morto pouco antes.

Receberam em suas toldas as canhoneiras imperiaes ns. 13 e 6 os destroços inflammados daquella carcassa, que tantos heroes conteve.

Reunidos os elementos que ficaram daquelle desastre, seguiram os republicanos para o centro, em demanda de Lages.

Desde esse dia trocou Annita a vida de marinheiro pela de soldado. Não lhe fariam medo os combates de terra, pois, como marinheiro se amoldaria ás circumstancias. Ao lado de seu dilecto Garibaldi, nada tinha que temer.

Excellente cavalleira, apezar de penosissima marcha, entre lagunas, florestas e tremedaes, tudo supportava. Da Laguna á Torres e de Toorres á Vaccaria seguiu rumo a expedição.

Em 14 de dezembro, em caminho para Lages. encontram-se as forças sob o commando do coronel Teixeira e de Garibaldi, no passo de Santa Victoria, no rio Pelotas, com as forças do coronel imperialista Francisco da Cunha Xavier. Derrotado este no combate travado, perde a vida, afogado ao transpor o rio.

Não deixou Annita nesta peleja de tomar activissima parte. Se bem que não fosse do numero dos combatentes, comtudo, durante a pugna, expondo-se com uma abnegação extraordinaria, era o anjo que a todos os feridos acudia; era a providencia junto d'elles. Enfermeira carinhosa e meiga,

tinha um sorriso de bondade, uma palavra de conforto, um gesto de compaixão e, finalmente, uma prece para muitos; por isso, era venerada por todos e por todos considerada como o espirito que presidia as victorias.

Chegada a columna a Lages, foi restabelecido o governo republicano e de novo em marcha na perseguição de outra columna imperialista, ao mando do coronel Antonio de Mello e Albuquerque.

Em 12 de janeiro de 1840, na margem do rio Marombas, no logar denominado Campos das Forquilhas, trava-se o combate.

Por uma astuciosa tactica do coronel Albuquerque, caem os republicanos em uma emboscada, sendo completamente derrotados. E' nelle que Annita é feita prisioneira,

O facto assim se deu: Fingindo o coronel Albuquerque abandonar o campo, avançam os republicanos; porém, os imperialistas occultam-se e envolvem-os e Annita, que conduzia as munições, receiosa que faltassem, tambem se adianta, sendo sorprehendida por um esquadrão inimigo, que cae sobre os soldados da guarda.

Excellente cavalleira, como dissemos, poderia ter fugido, mas dentro do seu peito pulsava nm coração de heroe. Animou os seus a defender-se e, ao ver-se completamente cercada pelos imperialistas, não se atemorizou. Intimada a render-se, nega-se com desafio. Uma bala atravessara-lhe o chapéo, levando-lhe uma madeixa; de espada em punho, investe contra a escolta incitando os seus soldados. Outra bala mata-lhe a montaria e caindo por terra é feita prisioneira.

Levada á presença de Albuquerque, repelle com energia e altivez as palavras pouco attenciosas daquelle chefe e principalmente de João Gonçalves Padilha, ás mãos de quem quiz o destino que ella viesse a cair. Era este official o mesmo a quem o pae de Annita queria escravizal-a. E não é demais dizer que daquelle dia em diante elle jurou vingar-se, tornando-se um dos mais accerrimos perseguidores de Garibaldi.

Não se perturbou Annita com tal desdita; era forte bastante para calcular, com clareza, o que lhe esperava alli, no meio daquella gente, ella sem defeza e prisioneira daquelle de quem se recusara ser mulher.

Preferia a morte á affronta; estava resolvida a defender-se como antes fizera.

Um momento houve que essa altivez se abateu. Espalhou-se pelo acampamento a noticia da morte de Garibaldi. Cheia de angustia, de todos indagava; a qualquer sussurro prestava ouvidos; sentia-se só e desamparada. Separada daquelle que tanto amava, a pobre Annita, entregue ás mãos de um algoz, ficou acabrunhada.

Uma esperança, porém, ainda lhe animava; queria procurar morto no campo de batalha aquelle que entre os vivos

não encontrava, e por isso, resoluta, vae implorar do chefe imperialista a graça de procurar o corpo do marido ; queria vel-o e abraçal-o ainda uma vez, antes de dal-o á sepultura, cavada por suas proprias mãos.

Não lhe negou o chefe ; eil-a, ao escurecer, qual espectro, reflectindo ao luar que illuminava aquellas lugubres campinas, dando tons ainda mais tristes áquelle quadro, na sua piedosa pesquiza. De cadaver em cadaver, revolvendo-os de cubito, para ler nas physionomias rigidas a sentença do destino que lhe esperava, procura com avidez o corpo do seu idolatrado esposo. Não houve mouta que não batesse, anfractuosidade que não examinasse, senteiro que não trilhasse, e, se por acaso novo cadaver encontrava, tremendo a cada vaga semelhança, ia inquiril-o com muda interrogação, esperando muda porém expressiva resposta. Em vão : a funerea campa não continha o que procurava, nem lhe dera a sentença do seu destino. Cada illusão era para ella nova esperança. O seu coração sentiu-se mais aliviado e, resoluta como uma vidente, resolveu não mais procurar entre os que tinham cahido no campo de batalha, mas sim entre os que continuavam a se bater pela santa causa da liberdade.

Resolveu, pois, fugir ; com calma e reflexão traçou o seu plano. Bem sabia ella os perigos a que se ia expôr, mas para ella não havia tropeços. O principal obstaculo estava em illudir a vigilancia das sentinellas dispostas de maneira a evitar a fuga dos prisioneiros. Eram elles em numero de doze, reunidos em uma clareira, occupando o centro da mesma ; ao redor, deitados os soldados inimigos, faziam verdadeira muralha, impossivel de atravessar-se sem ser presentido. Pois bem : Annita, apezar de todas as difficuldades, conseguiu, arrastando-se entre as filas de soldados, illudir as sentinellas e, orientada pela pesquiza anterior, deita a correr campo em fóra e embrenha-se na floresta. Cortando por atalhos, vai ter a uma casa. Como seria recebida ? era a interrogação que lhe apparecia sombria, como as florestas que vinha de atravessar. Cheia de duvidas e receiosa, aproxima-se : desapparecem-lhe todos os receios em vista do acolhimento que teve.

Ao chegar a esta casa, teve Annita inaudita surpresa ; nella encontrou o palla de seu marido. Como teria elle ido alli parar ? teria sido encontrado em abandono no campo ou seria despojo de um cadaver ? A apparição daquelle objecto de inestimavel valor para ella que de angustiosos problemas não veio trazer áquelle cerebro ardente ? Precisava partir ; não tardariam por certo os soldados a vir procural-a ; estava bem certa de que Gonçalves não a deixaria escapar. Troca o seu chale pelo pala de Garibaldi, pois que a hospedeira só tinha a lucrar. Sem tardar, monta em um cavallo que obtivera por emprestimo e envolta no querido manto, põe-se a caminho em direcção a Lages.

Começa então nova e durissima prova; desamparada, sem armas nem guia, privada de alimentos, segue a esmo, porém confiante, evitando os moradores e atravessa a floresta.

Era a epoca das chuvas; cheios os rios, alagados os campos, sendo preciso muitas vezes atravessar a nado muitas correntes, ainda assim chega ao passo do rio Canôas. Quatro soldados, ahi postados, deixam por terra as armas e fogem espavoridos á apparição de extranha visão; era Annita, que aproveitando-se da fuga dos soldados, atira-se ao rio, segura as crinas do seu cavallo e atravessa-o a nado, visto como naquella occasião não dava váo. Uma vez á margem opposta, com as roupas colladas ao corpo, tiritando de frio, fustiga o cavallo e, por montes e valles, em carreira vertiginosa, á procura do marido, vae em demanda de Lages. Oito dias eram passados quando em seus braços caiu, depois de desesperada angustia e mil soffrimentos.

De Lages descem os republicanos para Vaccaria e com elles Garibaldi e Annita e depois para Setembrina, onde chegam a 16 de abril e, finalmente, ás margens do Capivary, onde novamente se começou a tratar da organização de nova flotilha.

Durante este tempo pôde Annita descançar um pouco, gosando de certa paz de espirito, porque junto della estava o marido.

Foi n'esse remanso de paz e felicidades que em Mostardas, perto de São Simão, em uma pequena casa deu á luz Annita, um robusto rapaz, primeiro fructo daquelle amor, a 16 de setembro de 1840.

Trazia elle na fronte o sello de sua origem tempestuosa: uma cicatriz, provocada talvez pela queda do cavallo que dera Annita, quando foi feita prisioneira do combate de Forquilhas marcava a fronte de Menotti, nome dado áquelle primogenito, em honra a um dos martyres da liberdade italiana.

Teve Garibaldi necessidade de ir a Setembrina proverse do necessario para attender a sua mulher. De regresso, devido ás chuvas que tudo tinham alagado, demorou-se mais do que pensava. Ao approximar-se de casa, ouve forte fuzilada; atira-se raivoso em direcção a ella. Ahi chegado, encontra-a vasia. Nem Annita, nem Menotti, nem ninguem. O seu desespero foi enorme.

O major Francisco Pedro de Abreu, por alcunha o *moringue*, que não podia perdoar a Garibaldi o ter-lhe quebrado um braço em um ataque anterior, sabendo da existencia deste posto dos republicanos, caiu-lhe em cima de surpresa e derrotou-o completamente. Os homens de Garibaldi não tiveram outro recurso senão fugir, recolhendo-se ás matas vizinhas e com elles a pobre Annita. Havia apenas doze dias que havia dado á luz e nestas condições é constrangida a saltar a cavallo, em noite tempestuosa, com a simples roupa do corpo, trazendo aos braços o precioso fardo, e cor-

rer por entre silvados e barrancos, á procura de um logar seguro onde se podesse esconder e agasalhar aquelle pedaço de sua alma.

Quiz, porém, a fortuna que Garibaldi a encontrasse. Recolheram-se á antiga morada, mas por pouco tempo, pois mudaram-se para o Capivary.

Depois do ataque á cidade de S. José do Norte, foi levantado o cerco de Porto Alegre.

Combinada a retirada, parte Canavarro, ao qual se reuniu Garibaldi com sua pequena familia, com 1800 homens em direcção a Vaccaria.

Sobre esta celebre retirada damos a palavra a Garibaldi. «Conduziamos por unico alimento algumas vaccas ao laço, não encontrando animaes nos aridos caminhos que deviamos percorrer. Pelas chuvas quasi perennes n'aquellas montanhas cheios além disso os rios, muitas bagagens se perdiam, arrebatadas nas passagens pela torrente. Marchava-se com chuva, sem alimento; acampava-se sem alimento e com chuva. Entre um rio e outro, aquelles que ficavam com as vaccas tinham carne, os outros nada. A infanteria especialmente padecia, faltando-lhe o miseravel pasto da carne de cavallo.

Foram scenas de horrores. Muitas mulheres, segundo o costume do paiz, seguiam a tropa e com ellas as crianças. Poucas sairam da floresta. Algumas apanhadas pelos cavallarianos que, poucos entre os afortunados, tinham podido salvar o cavallo e com elle uma criança abandonada pela mãe morta ou moribunda de fome, de fadiga ou de frio.

«Annita tremia á idéa de perder o nosso Menotti, que salvámos por um milagre. No mais arduo do caminho e no passo dos rios, eu trazia o meu filho de tres mezes em um lenço a tiracollo, procurando aquecel-o com o sopro. De uma duzia de cavallos e mulas que serviam para montaria e para minha equipagem e que comnosco tinham entrado na mata, só com dois cavallos e duas mulas tinha ficado; o resto tinha caido de cansaço.

«Os guias, por cumulo de caiporismo, tinham-se enganado de caminho, e este foi um dos motivos pelo qual mais difficilmente trilhámos aquella terrivel floresta das Antas.

«Como se continuasse para diante, sem nunca encontrar o fim daquella maldita picada, eu fiquei na floresta com duas mulas tambem cançadas, com intenção de salval-as, fazendo caminho pouco a pouco e alimentando-as com folhas de taquara. Mandei Annita com um criado e com o menino, para que procurassem a saida do mato e alimento para ambos.

«Os dous cavallos que restavam, cavalgados alternativamente pela corajosa Annita, salvaram o todo. Ella saiu da picada e por felicidade achou alguns de nossos soldados com um fogo acceso, cousa não facil pela chuva continua e pela triste condição a que estavamos reduzidos.

«Os meus companheiros, que tinham conseguido enxugar alguma das andrajosas roupas, tomaram o menino, en-

volveram-no e aqueceram-no, e tornaram a chamal-o á vida, quando a pobre mãe já pouco esperava. Com amoravel solicitude aquelles milicianos procuraram tambem alimentos, com os quaes ambos se confortaram...

Transpostos os matos Portuguez e Castelhano, dirigiram-se á Cruz Alta e dahi a S. Gabriel, onde se estabeleceu o quartel general, reassumindo ahi Bento Gonçalves a presidencia da republica a 14 de março do 1841.

Precisava Garibaldi descançar; tinha agora uma familia a cuidar, por isso pediu permissão para retirar-se do serviço. Obtida essa, dirigiu-se para Montevidéo, onde chegou com Annita em principios de 1842.

Vivendo exclusivamente dos parcos vencimentos que recebia seu marido das lições que dava no collegio Senaidei, Annita, uma vez mãe, dedicou-se exclusivamente aos cuidados da familia. «Annita, escreve o marido, superior a seu sexo nas vicissitudes e nos perigos, era admiravel na vida domestica; ella me ajudava e me consolava na adversidade, na pobreza em que me achei em todo o periodo entre a vinda do Rio Crande e o serviço debaixo do estandarte da Republica do Uruguay. Durante o tempo de meu serviço áquella Republica Annita pouco abandonou Montevidéo, viveu naquella cidade, amada por todos!»

E não foi escassa virtude manter em decoro, ella propria, tres filhos e o marido, que dava tudo quanto possuia; sem fazer-lhe sentir as difficuldades a que a sua cavalheiresca natureza condemnava-a, sem recordar-lhe que vinha de familia abastada e que por elle tudo tinha abandonado. O dr. Odicini narrou que, quando nasceu Therezita, não havia em casa nem lume, nem meios de fazer um caldo, com excepção de feijões seccos, e que elle teve que correr á sua casa para alimentar convenientemente a parturiente.

Em 26 de março de 1842, na igreja de S. Francisco de Assis, une-se Garibaldi á Annita pelos laços matrimoniaes, consagrando solemnemente as suas nupcias com a mulher que tinha sido até então sua fiel companheira.

Pelos fins de 1847, consegue Garibaldi, não sem difficuldade, que Annita o precedesse com os filhos, então tres em numero, com destino á Italia, promettendo reunir-se a ella em casa de sua familia, em Nice.

Chegada a Genova, depois de dous mezes de viagem, qual o acolhimento que teve Annita deduz-se da seguinte carta inedita, escripta pelo seu proprio punho de Annita a Stefano Antonini, habitando ella a casa de um irmão naquella cidade (Temos o *fac-simile*, que contesta a opinião de alguns biographos de Garibaldi, como sendo Annita uma mulher vulgar e quasi analphabeta).

« Estimadissimo senhor.

Tenho prazer em dar a V. S. a noticia de minha feliz chegada a Genova, depois de uma felicissima viagem de

cerca de dous mezes. Fui muito festejada pelo povo Genovez, de modo singular.

Mais de tres mil pessoas vieram debaixo das janellas gritando «viva Garibaldi, viva a familia do nosso Garibaldi» e me deram uma bella bandeira com as côres italianas, dizendo-me de entregal-a ao meu marido logo que chegar a Italia, para que seja o primeiro a plantal-a no solo Lombardo. Se soubesse quanto é amado e desejado Garibaldi em toda a Italia e principalmente aqui em Genova! Todos os dias, a cada navio que julgo vir de Montevidéo, penso que possa ser elle, e se isso fosse, eu creio que as festas seriam sem fim. As cousas da Italia procedem assáz bem. Em Napoles, Toscana e Piemonte foi promulgada a Constituição e Roma levará pouco a tel-a. A guarda nacional está estabelecida em toda a parte e muitissimos beneficios obtiveram esses paizes.

De Genova e de todo o Estado, foram expulsos os Jesuitas e todos os seus familiares, e por toda a parte só se fala em unir a Italia mediante uma liga politica e aduaneira e poder libertar os irmãos Lombardos do dominio do estrangeiro.

Mil finezas recebi dos irmãos Antonini. Ante-hontem fui á Opera e hontem á noute á Comedia. Visitei os principaes logares da cidades e dos arredores e amanhã parto no vapor para Niça.

Far-me-ha o favor, no caso que meu marido ainda não tenha partido, solicital-o a isso e dizer-lhe que os ultimos acontecimentos da Italia devem fazer-lhe accelerar a sua partida.

Saudando-vos, pois, caramente me creia
Sua devot.ma creada — Annita Garibaldi
Genova, 7 Março 1848. »

Quando esta carta chegou, já Garibaldi tinha partido chegando a Niça em junho de 1848.

Tres dias depois partia Garibaldi para regressar da primeira e infructifera empreza que emprehendeu na sua patria, depois de sua volta. Em 24 de outubro achava-se Annita em casa de Carlo Notary, em Livorno.

*
* *

Não querendo Annita deixar de acompanhar seu marido na nova campanha que ia encetar, com elle partiu, deixando em companhia dos avós os filhos agora crescidos.

Em novembro achava-se em Florença, donde pretendia Garibaldi atravessar os Apeninos e levar soccorros a Veneza.

No combate de Luino, Annita lá estava.

No meio da luta, que era de corpo a corpo, no mais forte da refrega, o cavallo preto em que montava Annita é attingido por uma bala, cae e arrasta-a comsigo na quéda.

Não esmoreceu a corajosa mulher; ergueu-se rapidamente e, de um salto, pula na garupa do cavallo que montava Garibaldi.

Este esforço exhauriu-lhe as forças. Sustentando-a com um braço, deita-a semi-morta adeante de si no arção da sella, e com o outro, empunhando a espada, abre caminho, a galope e consegue escapar e por a salvo o precioso fardo. Acompanha Garibaldi a Bolonha, a Ravena, a Macerato e a Rieti. Ahi convenceu Garibaldi a ANNITA que ella devia evitar os perigos da campanha eminente e voltar para junto dos filhos, o que ella fez partindo para Niça.

Estava Garibaldi em Roma e Annita, sabendo dos perigos que corria o marido, e tendo noticia dos successos de 3 de junho, não descançou um só instante; tomou como guia o cavalheiro Felice Orrigoni, um veterano de seu marido, e com elle partiu para Roma.

Era a manhã de 14 de junho; Garibaldi tinha transportado o seu quartel general para a Villa Spada. Estava almoçando, quando de repente abre-se a porta da sala; Garibaldi solta um grito, e se acha logo em seguida nos braços de ANNITA. Orgulhoso, mostra elle aos seus companheiros de armas da Italia o modelo das esposas e das mães, uma heroina digna de marchar ao lado d'elles.

Como tivesse vindo? como tivesse atravessado tantos logares inimigos, illudindo na Toscana os espiões austriacos, e ao redor das portas de Roma as vedettas francezas, e tantas outras interrogações bem se pode imaginar.

— Sabeis em que ella se tem divertido vindo da Via Corsini aqui, general? perguntou Orrigoni a Garibaldi.

— A parar ao longo de S. Pedro, em Montorio, para ver a bateria franceza. Olhae, vêde a poeira que nos cobre a ambos: é a que as balas produziam batendo sobre a muralha. E emquanto eu lhe dizia: «Vinde, Senhora, vinde! é inutil fazermo-nos matar aqui!» respondeu-me: «Como achaes, meu caro, que os francezes arranjam as nossas egrejas?»

Na noute da festa de S. Pedro houve o ataque á porta de S. Pancracio. ANNITA, obrigada por doente a conservar-se de cama, escreveu a Garibaldi o seguinte bilhete:

«Meu amigo, á hora da peleja não penses em mim, nem em nossos filhos, não cuides senão da Italia. *Annita Garibaldi.*» Documento digno de mulher da antiga Sparta!

Diz Clement Robert, referindo-se ao dia 30 de junho, em que foi necessario ceder á força:

«Durante esse terrivel combate, Garibaldi mostrára a mais heroica coragem. Viam-no em toda a parte: aqui á testa d'um batalhão, para uma carga de bayoneta; acolá, reunindo os soldados que começam a desanimar; sempre nos pontos mais perigosos, não cessando de dar o exemplo dessa bravura, de que na America tantas provas apresentou. ANNITA não o abandonou. Nos bastiões, nas brechas, animava os

combatentes, dando exemplo da mais valorosa e nobre intrepidez.

Era, escreve o coronel Hoffstetter, uma mulher de seus 28 annos, bastante morena, de traços interessantes, franzina de corpo; mas, á primeira vista, se descobria n'ella a amazona. Tive muitas vezes occasião de ver quanto o seu marido lhe queria bem.

* * *

A lucta em Roma era impossivel e, por isso, a 2 de julho de 1849 sahia Garibaldi da cidade: em trajes masculinos e apezar de seu adiantado estado de gravidez, junto delle está Annita. Não houve rogo que a dissuadisse. Conhecia por demais o que seu marido offerecera aos que o quizessem acompanhar: fome, sede e lucta sem descanço. Collocou-se á frente de uma centuria.

A datar deste momento, começou essa memoravel retirada, cheia de incriveis peripecias atravez de quatro exercitos. Os francezes estavam sob os muros de Roma; os austriacos, hespanhoes e napolitanos espalhados pelas proximidades.

Caminhava Annita para o martyrio, cujo desfecho não tardaria muito.

Nesta terrivel retirada, sob a ardencia do sol, fazendo marchas e contra marchas, dormindo ao relento ou em constantes alertas, dispensando alimentos para ganhar tempo, tudo soffre Annita. A 25 do mesmo mez acha-se Garibaldi entrincheirado nas alturas de Citerna: advertido, porém, que as forças do gran-duque Ernesto e austriacas tratavam de impedir-lhe a passagem, usa de um estratagema, emprehendendo a subida do monte Luna. A estrada corre n'aquelle monte por muitas viravoltas, diz Hoffstetter. Cavalgava na frente Garibaldi e com elle Annita e o estado maior. Era preciso abrir caminho. A principio quiz fazel-o á bayoneta, mas depois de melhor explorado colloca um forte destacamento para guardar Sant'Angelo no Vado, e outro deixa em Moscatello, afim de conservar em distancia o inimigo que vinha de Lestine.

O destacamento Dragoni, deixado de guarda em Sant'Angelo, sorprehendido por descuido, por um esquadrão de *hussards*, é posto em debandada e é com tal precipitação que fogem, que Annita, que cavalgava na retaguarda, na ausencia de Garibaldi, indignada ao assistir este foge-foge desordenado, atira-se sobre elles de chicote e, com a espada, consegue certa calma. Gritava ella: «Covardes! emquanto uma mulher se bate, vocês fogem!»

Internado Garibaldi em S. Marino, resolveu fugir em direcção a Veneza; na noute de 1 de agosto embarca-se com Annita e alguns fieis amigos.

Começou, porém, para elles, por mar e por terra, uma caça sem descanço. O general austriaco Corzkousky derramou por toda a Bolonha um bando de selvagens. Estes ameaçavam de fuzilamento immediato todo aquelle que soccorresse aquelles salteadores fugidos da cadeia e da forca, e ajuntava, entre outros signaes, para descobril-os «que estava com Garibaldi uma mulher gravida de seis mezes».

A principio tudo correu bem aos fugitivos, como diz Guerzoni; porém pela tarde, refrescando o vento e engrossando o mar, o navegar de tantos barcos de pesca era arduo e arriscado, mas caminhava-se sempre. Pela tarde, os vigias assignalavam no horizonte os navios austriacos.

O plano de Garibaldi foi rapido; mandou que se espalhassem e fossem para ponta Maestra.

Para livrar-se da perseguição, teve que atirar-se para a costa de Magnavacca, onde foi outro milagre de arte e de fortuna o poder desembarcar.

Mas a terra não era mais segura do que o mar. A propria natureza do solo, vasto paul entrecortado de canaes, circundado de matas e cheio de canaviaes, com casas esparsas, tornava igualmente difficil ao forasteiro a entrada e sahida.

Era preciso separar-se para evitar a caça que ia começar. Assim fizeram. Garibaldi ficou só com Annita e com o capitão Liggiero. Mas, coitada! a pobre já não era mais a amazona que, por semanas inteiras, podia correr a cavallo, com o filho no seio, as florestas do Brazil e carregar ao lado do marido contra fileiras de inimigos! Della vivia ainda o espirito, mas o corpo estava consumido. Gravida de seis mezes, tranzida pelos soffrimentos e pelos sobresaltos da ultima odysséa, assaltada desde S. Marino por uma febre insidiosa, dilacerada por atrozes caimbras de estomago, ardendo em sêde, privada, ha muitos dias, de todo e qualquer alimento reconfortante, descalça, esfarrapada, semi-nua, a misera mulher tinha chegado ao extremo de suas forças; e só um pensamento lhe sorria e lhe dava forças para dissimular o seu mal; era o de não causar embaraços á salvação do marido e o dever que tinha, em qualquer caso, de participar até o ultimo do seu destino.

E, certo, o marido a comprehendia e soffria com isto; mas como o unico meio de salvamento para ambos era deixar immediatamente aquella praia deserta, já tomada pelo inimigo, Garibaldi, abandonou á sua sorte o barco que os tinha trazido, sem ao menos tirar os miseros andrajos.

Tomando nos braços Annita, escoltado por Leggiero e guiado por um lavrador que o acaso lhe trouxera á presença, atravéz dos canaviaes, temendo mais pelo precioso fardo, do que por si proprio, chega finalmente a uma cabana deserta, onde a comitiva acha ao menos um esconderijo e Annita, sobre um montão de palhas, um pouco de repouso.

Não havia, porém, decorrido uma hora que os fuzileiros estavam n'aquelle asylo, incertos ainda para onde deviam ir, quando apparece á porta da cabana um joven, que logo foi reconhecido por Garibaldi como um patriota ardente.

Era com effeito Giovachino Bonnet, de Comachio, que, vendo da janella de sua casa de campo o desembarque de Garibaldi e a perseguicão dos austriacos, viera offerecer-lhe na terrivel penuria o seu soccorro, embora arriscadamente.

Poucos instantes depois, com effeito, conduzia Bonnet a errante brigada para casa de um seu fiel amigo. Annita, depois de tantos dias, pôde accommodada em um leito receber os primeiros soccorros que o seu estado aggravadissimo requeria.

Mas tambem aquelle primeiro esconderijo não era seguro, torna-se perigoso e, por isso Bonnet insistiu para que no mesmo dia se passassem á casa de um parente seu, onde achariam a mesma segurança e cuidados. Assim poderiam esperar mais tranquillamente o exito de novas tentativas que pretendia fazer para pol-os em salvamento.

A obra de Bonnet não se podia dizer perfeita senão quando tivesse conseguido conduzir os seus protegidos fóra dos valles de Comachio. Posta Annita em um barco, sobre colchões e travesseiros, depois de assegurado que as patrulhas austriacas se tinham afastado, ordena a seus empregados que transportem os fugitivos, designando para primeira parada a fazenda do Marquez de Guiccioli, situada perto de S. Alberto.

Era a noite de 3 agosto quando partiu Garibaldi. Os homens que o conduziam, amedrontados, abandonaram-no na costa de Panero, perto de S. Angelo. Consegue Garibaldi obter um carro e n'elle colloca Annita agonisante, e durante aquelle piedoso trajecto, caminhando ao lado d'ella, protegendo-a, com uma umbrella, dos raios solares, parava de vez em quando, para limpar-lhe a espuma que lhe inundava a bocca. Em chegando á fazenda do Marquez de Guiccioli, encontrou o medico dr. Nanini, que ali se achava por acaso: este a examinou e comprehendeu, desde logo, que nada havia a fazer e que poucos minutos de vida restavam á Annita.

Era preciso que a luctuosa tragedia tivesse fim. A's 4 horas da tarde de 4 de agosto de 1849, Annita expirava nos braços de Garibaldi, mal acabava de sorver um gole d'agua que havia pedido a seu marido, para humedecer seus resequidos labios.

Pobre Annita! Tinha invocado do marido a suprema graça de nunca ver-se separada delle e o seu desejo foi cumprido.

Morreu como tinha sonhado: entre os braços daquelle que em vida tanto amou. Consagrou-se voluntariamente a um holocausto perpetuo de fé, de devotamento e de amôr.

Mal expirára Annita, quando em frente á casa appareram os austriacos, tendo apenas Garibaldi o tempo de fugir,

pedindo aos circumstantes que dessem condigna sepultura á sua mulher, até que pudesse elle, em occasião mais propria, vir buscar os seus restos.

Comprehende-se que é tragedia terrivel o entregar a outrem a piedosa missão de dar sepultura a sua mulher apenas falecida. Mas assim quiz o destino.

Quinze dias mais tarde, alguns lavradores viram uma mão emergir de um montão de areia; chamada a autoridade, foi encontrado o cadaver de uma mulher, desfigurada pela incipiente putrefacção. Transportado o cadaver e autopsiado, tinha nas visceras um feto de sete mezes. Era ANNITA GARIBALDI.

Porque sepultada d'aquelle modo? Explica o feitor Ravaglia que escondeu o cadaver de ANNITA e espalhou a noticia que não estava morta, para poder transportal-a durante a noute; com medo de ser descoberto, sepultou-a daquella maneira. Diz Bonnet que, sabedor do facto, não o approvou e que dissera ao feitor Ravaglia para desenterral-o e transortal-o a Pinetta, onde, em logar escondido e remoto, lhe desse sepultura.

Prometteu-lhe o feitor fazer isto, mas ao que parece, não o fez.

Ainda depois de morta, continuou a tragedia.

Hoje guarda a Italia os ossos da heroina brazileira que fez sua a causa italiana.

*
* *

Do matrimonio de ANNITA com Garibaldi por muito tempo duvidou-se.

O seguinte acto matrimonial, obtido em Montevidéo, graças á gentileza do sr. ministro do Uruguay, P. Antonino e Diez, tira toda a duvida e fecha toda a controversia:

Hay tres sellos. 031318

«Martin Perez, Cura Rector de la Parroquia em San Francisco de Asis, en Montevideo.

«Certifico: que en el Libro primero de matrimonios de esta Parroquia, al folio diez y nueve vuelto, se lee la partida que transcribo: Don Zenon Aspiazú, mi lugar Teniente Cura de esta Parroquia de San Francisco de Asis em Montevideo, autorisó el matrimonio que *in facie Ecclesiæ* contrajó por palabras de presente Don José Garibaldi, natural de Italia, hijo legitimo de Don Domingo Garibaldi y de Doña Rosa Raymunda: com Doña Ana Maria de Jesus, natural de la Laguna en el Brasil, hija legitima de Don Benito Riveiro de Silva y de Doña Maria Antonia de Jesus, habiendo el Señor Provisor y Vicario General dispensado de los conciliares proclamas y praticado lo demas que previene el derecho: no recibieron las benediciones nupciales

por ser tiempo que la Iglesia non las imparte. Fueran testigos de en otorgamiento Don Pablo Senaidei y Doña Felioiana Garcia Villagran, lo que por verdad firmo yo el Cura Rector. — LORENZO A. FERNANDEZ.

«Concorda con el original y á solicitud de parte interessada expido el presente en Montevideo á viente y siete de Enero de mil ocho cientos ochenta y uno. MARTIN PEREZ».

*
* *

O MONUMENTO A ANNITA GARIBALDI, EM ROMA

Constituiu-se em Roma um *comité* para a erecção de um monumento á ANNITA GARIBALDI, sob a presidencia honoraria do Cav. José Biancheri, presidente do Senado, e dos ministros do Brazil e da Argentina, do Syndico de Roma e do de Niça.

O mesmo *comité* publicou o seguinte manifesto:

«Italiani!

Nella data centenaria della nascita de GIUSEPPE GARIBALDI, l'Italia deve sciogliere un voto de gentile riconoscenza, deve colmare una lacuna de inqualificabili dimenticanza.

Compagna, si non inspiratrice — affectuosa fino alla idolatria — eroica fino al martirio — devota fino alla morte — ANNITA GARIBALDI fu esempio de ciò que possa amor di dona, di sposa e di madre, Essa che fu sorriso e fede nei turbinosi anni giovanili d'el Eroe leggendario.

In mezzo alla frenesia di monumenti ereti ad uomini che la Storia presto dimenticherà, è nobil e doveroso ne sorga uno che ricordi Colei che, non nata su solo italiano, fu tanta e generosa parte nell'epopea del nostro riscatto.

A noi sembra che tale manifestazioni di pietosa e tardiva riconoscenza possa e debba, anzi, degnamente compiersi nella data memoranda che il mondo civile si appresta a commemorare ed il Comitato nazionale sorto unicamente per questa affirmazione fa appello a quanti in Italia serbano culto per il passato, fede al presente, speranza nell'avenire, perchè contribuiscono con l'autorità del nome, con l'efficacia della propaganda, col conforto de una intelligente cooperazione e tradurre in atto il voto che, ancora una volta, varra a confermare la gentilezza e la poesia del popolo nostro.

Stringiamosi, Italiani tutti, nell'omaggio alla Donna che, fuggiasca e perseguitata, mori en terra italiana, martire gloriosa di abnegazione e d'amore, e sia questa prova novella che la virtù e l'eroismo non muriono mai.»

BIOGRAFIA

DE

Hippolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça

PELO

DR. ALCIBIADES FURTADO

Socio honorario do Instituto

A Alfredo de Toledo

Homenagem de estima e de admiração

O momento em que actuou o jornalista do *Correio Brasiliense* era de reacção clerical e de decadencia politica; a sociedade portuguêsa sua contemporanea compunha-se d'uma resumida minoria de intellectuaes, orientados conforme a filosofia francêsa do seculo 18, e da grande massa inculta e beata, que representa o peso morto, quando se apura o valor de uma raça.

A litteratura offerece nas creações do tempo a imitação dos modelos classicos nos escriptores mais equilibrados, mas quasi sempre o falso sentimentalismo e o falso gosto, ao qual corresponde a enfase das rimas e o guindado do discurso, quando se não desvirtua na pornografia.

Floresce o poema heroe-comico, acirra-se a satira pessoal e os motivos encomiasticos prelifêram na maior parte dos versejadores.

Os emigrados resentiam-se das influencias do meio social originario; em Pariz, Felinto Elisio imitava os modelos italianos e francêses, outros nacionalisavam os latinos ou escreviam compendios didacticos; mas nada se creava, porque a sinceridade era escassa.

Bocage padeceu por causa da sua superioridade; a sua bella ode: *A Voz da Razão* resôa solitaria no silencio das consciencias do tempo.

A sociedade soffria do desequilibrio das instituições sacudidas vigorosamente pelo absolutismo pombalino, combalidas pela nova ordem de coisas que a revolução francêsa creara e que se impunha em todo o mundo, apezar da censura e da policia.

A inquisição, convertida pelo absolutismo em instrumento da politica entrara em decadencia. «As ordens religiosas desmandavam-se em aggressões e descompusturas.»

Na côrte, a nobrêsa conspirava com D. Carlota contra o marido e as scenas domesticas do cazal de D. João 6.º tornavam impossivel o prestigio da corôa.

A nobrêsa, abatida pelo ministro de D. José I, tinha no reinado de D. Maria retomado as posições perdidas, mas sem o lustre que d'antes possuira.

O marquez de Penalva, com apreciaveis razões, ponderava em carta aberta ao principe regente os perigos que corriam o mesmo principe e o reinado da elevação aos altos postos do governo de pessoas estranhas á nobrêsa; mas esta perdera os antigos elementos eugenicos, a burguezia assediara as funcções principaes; e o principe por indole cercava-se de gente inferior.

Portugal havia muito tempo não tolerava dentro d'elle homens de valor; reconhecem-n'o e affirmam os mais insuspeitos e autorisados escriptores d'esse paiz. (1)

A nobrêsa de segunda ordem ou lettrada era composta de desembargadores, que D. Domingos de Souza Coutinho considerava serem com os inquisidores e padres causa dos males de Portugal. Se contou alguns homens de merecimento real, era pela maior parte formada de individuos de idéas acanhadas, carolas, beneficiados com sinecuras rendosas. Entre os desembargadores avultava Diogo de Pina e Manique, magistrado violento «a expressão viva do despotismo».

O numero de desembargadores era, demais, excessivo; nos quadros ordinarios era de 60 juizes a relação de Lisbôa e de 45 a do Porto, afóra os outros tribunaes; e segundo Mousinho, (Relat. 16 de Maio de 1832) a relação do Porto chegou a ter 390 desembargadores.

Era uma plethora de justiça togada e sem funcções.

Alem das livrarias dos particulares, algumas notaveis, (2) havia algum negocio de livros em Lisbôa. Era, porem, defeso introduzir livros francêses e a censura foi n'este ponto inexoravel. Conta Liberato, que o livreiro Rey vio-se em apuros por causa de um volume das *Ruinas* de Volney que fornecera á livraria de S. Vicente, cujo prior por isso o denunciou á policia.

Os jornalistas e poetas, que mais sobresahiam eram os tosados por Macêdo no seu poema *Os Burros*; achincalhavam-se pelas tabernas e botequins gastando na maledicencia o precioso tempo.

Era essa a vida portuguêsa, quando a politica externa ia levando Portugal á contingencia dos subterfugios, que alguns escriptores de moralidade pouco exigente admiram ou fingem admirar como *a victoria da rapoza contra a aguia*.

Economicamente, a nação achava-se arruinada, as repetidas sangrias com que comprava a paz á França e em seguida á Inglaterra, tinham-na depauperado, conforme a declaração do regente. (3)

Por occasião das negociações diplomaticas com a França a opinião sem governo dividiu-se em partidos, o inglês, representado pelos ministros D. Rodrigo de Souza Coutinho e D. João de Almeida, e o francês, pelos seus companheiros de ministerio, visconde de Balsemão, conde de Villa Verde e outras influencias do reino.

---

(1) Joaquim de Vasconcellos — *Cartas Curiosas escriptas de Roma e de Vienna pelo Abbade Antonio da Costa*: «O seculo 18 offerece alguns caracteres desta tempera: em Portugal são raros. Não faltaram portugueses que déssem gloria ás sciencias, ás lettras, ás artes nesse seculo, mas para poderem respirar e triumphar tiveram de sahir da patria.»

(2) Vide — Vilhena Barboza — *Resenha Historica e Archeologica de Portugal*

(3) Decreto de 23 de Nov. de 1807, datado do Palacio da Ajuda e Alvará de 7 de Junho do 1809.

D'ahi a pouco tempo, no temor da invasão, o rei e a sua côrte abandonariam o povo ao inglês, para que este o defendesse das armas francesas, e transportariam nos navios portuguêses, tantas vezes gloriosos no oceano, a humilhação d'uma fugida ás pressas.

.....

O *Correio Brasiliense*, começando a publicar-se em 1 de Junho de 1808, em Londres, veio a pello para orientar pela critica imparcial e pela divulgação das noticias mundiaes a sociedade portuguêsa, profundamente vexada e commovida.

Durante o largo periodo de vida deste jornal grandes acontecimentos se deram na Europa e na America, que foram esclarecidos e commentados com criterio e elevado patriotismo.

Em todo esse tempo teve sensivel destaque o redactor do *Correio Brasiliense*. Elle soube guardar a mesma attitude de combate, quando tantas reputações de homens publicos naufragaram.

Basta repassar os olhos sobre a producção litteraria do reinado de D. João 6.º para se apurar as *virtudes civicas* dos escriptores desse periodo.

Quando D. João, proclamado rei, começou a governar em seu proprio nome, a face do mundo politico se havia modificado. O grande Napoleão cuja figura epica fazia tremer, mesmo de longe, os pequenos estadistas de Portugal, desapparecera na formidavel derrota de Waterloo.

Os poetas daquelles tempos magros, que foram *a edade de ferro* da litteratura luza, na velha frase consagrada, celebravam em odes e cantos épicos aquelle fraco rei lusitano e a queda napoleonica, quando não bajulavam na rima ao Marechal do exercito português, duque de Wellington ou a Protecção Inglesa. Era toda uma gente sem nome. Como que num eclipse de consciencias, desapparecera toda a noção de pudor dos povos ; pois que em 13 de Julho de 1815 no Theatro Feydeau de Paris, Wellington entrando na sala de espectaculos, foi saudado pelo povo de Paris, com os gritos de Viva Wellington ! Vivam os Inglêses ! Viva o vencedor de Waterloo ! (1)

***

Os francêses nunca apreciaram bastantemente a Bayle, cuja falta de estylo nunca lhe perdoaram, como hoje o Sr. Roustan, da *Revue Critique et Litteraire* não soffre essa feição de Gobineau ; tanto o fetichismo da forma absorve a a intelligencia francêsa.

H. J. da Costa não escrevia como um classico, nem como um artista ; mas como um argumentador que era,

(1) Henri d'Almeras, *La Vie Parisienne sous la Restauration.*

o seu modo era demonstrativo; tinha particular inclinação para o sillogismo; amava as idéas; preoccupavam-no factos. Era, n'uma palavra, um pensador. A sua obra *O Correio Brasiliense* representa um esforço continuo da vontade. Advinham-se-lhe através do periodo o cerebro activo e a rapida circulação sanguinea. Tinha nascido para a lucta, e luctou, cerca de vinte annos, a boa lucta liberal.

Ficou da sua fisionomia espiritual, pintada por H. Harlow, uma gravura de H. R. Cook, que anda junto a *Narrativa*: é uma figura viva e elegante.

Ha cem idéas nos seus escriptos sufficientes para fazerem delle um pensador e um publicista de notavel descortino politico.

Titulo qne ninguem lhe poderá contestar é o de introductor da imprensa no Brazil e de autor da primeira revista portuguêsa no estrangeiro.

.....

O juizo de Varnhagen sobre Hippolito ainda não soffreu contestação séria. Nas paginas adiante teremos de nos referir a elle e ao que escreveram contra o eminente publicista os seus contrarios, depois que desappareceu da face da terra a geração que o vio nascer, o que tornava mais difficil a contradicta.

Era nosso intuito, por occasião do centenario da imprensa no Brazil, publicarmos uma bibliografia dos annos de 1808 a 1822, na qual nos teriamos de occupar do *Correio Brasiliense* e de seu redactor. Motivos pessoaes fizeram-nos addiar esse proposito, e com os apontamentos do estudo feito, pozemo-nos a esquadrinhar nos archivos o que nos permittisse pôr em relevo a figura moral de nosso patricio, que permanecia indecisa, apagada, como se fosse um personagem subalterno; e tal acontece nas restaurações de télas antigas e preciosas, brochadas pelo verniz ou por addições de tintas intrusas, acreditamos vêr, agora, melhor, mais luminosa e verdadeira a figura viva e insinuante do pensador, cuja biografia esboçamos, na esperança de ainda virmos a fazer obra mais perfeita.

Com paciencia e constancia é que se elucidam os casos obscuros da historia, obra que nunca se deve considerar definitiva, sendo um dos seus necessarios factores o tempo.

I

H. J. da Costa Pereira (como o publicista assignava) nasceu na Colonia do Sacramento, a 13 de Agosto de 1774, quando seu pai Felix da Costa Furtado de Mendonça ali estava em serviço militar, occupando o posto de alferes de ordenanças. A sua mãi foi D. Anna Josefa Pereira.

Foi-lhe conferido brazão de armas da casa dos Costas e Pereira, a 19 de Fevereiro de 1791.

Hippolito casou-se na Inglaterra com uma senhora dessa nação, cujos antecedentes ignoramos. Teve do seu casal um filho, José Tito da Costa, que parece chegou a assentar praça, devendo ter entrado para a marinha nacional.

H. J. da Costa Pereira bacharelou-se em direito e filosofia em Coimbra.

Não sabemos como elle se approximou do ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho, depois Conde de Linhares; este servia na diplomacia, tendo deixado o cargo de ministro plenipotenciario em Turim, para occupar o logar de ministro da Marinha no Reino, vago pelo fallecimento de Martinho de Mello e Castro, em 796, em setembro. Em 1798 foi H. J. da Costa Pereira encarregado de negocios para os Estados Unidos e em 1801, no mesmo ministerio nomeado deputado litterario da Junta da Impressão Régia.

Não foi o unico brazileiro que achou animação e apoio junto do preclaro estadista; tambem Fr. José Mariano da Conceição Velloso, pelo mesmo tempo, mereceu da sua esclarecida estima o ser despachado director da Imprensa Régia, a qual encorporada com a do Arco do Cégo, estabeleceu-se em 1791.

Da importante missão aos Estados Unidos da America, desempenhada pelo futuro jornalista liberal, possue o Archivo Publico Nacional alguns documentos: são estes um officio por copia de D. Rodrigo de Souza Coutinho, datado de Queluz, a 21 de Setembro de 1798, dirigido ao ministro de Portugal em Philadelphia, Cipriano Ribeiro Freire, participando a nomeação de Hippolito para encarregado de negocios, com reservada commissão nos Estados Unidos da America e no Mexico, conforme as instrucções fornecidas ao commissionado. De como desempenhou-se d'essa commissão esclarece o relatorio que ao mesmo ministro (Souza Coutinho) apresentou, datado de Lisboa, a 24 de Janeiro de 1801. Tendo partido de Lisbôa a 15 de Outubro de 1778 e chegado a Philadelphia aos 13 de Dezembro desse anno, foi de cerca de dois annos a sua permanencia nos Estados Unidos. Esta demora na grande republica, já então maravilhosa construcção do liberalismo, não foi sem consequencias notaveis para a orientação politica de Hippolito; como aconteceu ao General Miranda, de Venezuela, outro pioneiro da emancipação politica do seu paiz, o succo liberal penetrou-lhe até a medula e havia tal acontecimento de mudar-lhe a directriz da vida e influir nella poderosamente.

Fundaria mais tarde em Londres uma loja maçonica, a Loja «Lusitania», filiada ao Grande Oriente de Londres, para a qual redigiu regulamentos e desempenharia importante missão que adiante havemos de mencionar.

Reunia Souza Coutinho, então ministro da marinha (foi depois da fazenda), por necessidade de cultura, feita na Italia e na Inglaterra, na sua vida de diplomata, os homens de merecimento, como o gravador Domingos de Sequeira,

que foi discipulo insigne de Pompeo Battoni, o cav. Napion, Hase, o prior dos Anjos e alguns poucos, entre os quaes naturalmente o nosso biografado; pois que não foi a commissão aos Estados Unidos o unico favor que delle mereceu.

Em 1801, depois desta commissão, foi nomeado deputado litterario da Junta da Impressão Régia com Frei Conceição Velloso e os professores Custodio José de Oliveira e Joaquim José da Costa Sá. No anno seguinte, como fosse á Inglaterra, o ministro deu-lhe incumbencias de caracter official.

Na Inglaterra, a Maçonaria o absorveu inteiramente e a tal ponto que não passou isso desapercebido á policia do intendente em Lisbôa.

Effectivamente, Hyppolito levára para Londres pranchas de representante em missão especial. Conforme Preston (*Grand Lodge Minutes*, 1812), (1) as lojas portuguesas solicitaram apoio e autorisação para praticarem os ritos da Ordem, sob a protecção inglesa e debaixo desta bandeira. Das determinações favoraveis redigiram um tratado que foi subscripto por H. J. da Costa e por Haseltine, thesoureiro da Grande Loja, e approvado pelo Grão Mestre.

Assim, era por intermedio da Maçonaria que o liberalismo inglês, como as idéas da revolução francesa, a filosofia e as novas noções economicas se introduziam em Portugal, *curée* de religiosos turbulentos e de fidalgos medrosos de Napoleão e policiados por Diogo de Pina e Manique.

Tornando a Portugal nesse mesmo anno de 1802, em Julho, havia tres ou quatro dias de desembarcado, foi preso e recolhido ao Limoeiro, incommunicavel, e seis mezes depois, transferido para o Juizo da Inquisição, em cujos carceres viveu anno e meio, supportando a lentidão feroz desse processo de hyenas humanas que passou a ser proverbial. O juizo da inconfidencia, embora mutilado na sua fereza pela reforma pombalina, subsistia mal disfarçado, com a velha miseria, carceres a dentro, na Praça do Rocio.

Eis como narra Hippolito o seu caso :

«Havia tres ou quatro dias, que eu tinha desembarcado em Lisbôa, e era isto pelos fins de Julho do anno de 1808, quando entrou em minha casa um corregedor do crime, e dizendo-me quem era, me disse tambem que tinha ordem para me apprehender os meus papeis, e metter-me em segredo, com rigorosa incommunicação. Eu conhecia esse homem pelo nome, mas não pela pessoa ; e cheguei a duvidar se elle era o que me dizia ; não só por seu modo e maneiras, senão porque estava sem vara, ou outra insignia, que fizesse respeitar o seu cargo. E não obstante conhecer eu,

---

(1) «The History of Freemasonry» by Robert Freeke Goutd, 1896 — Philadelphia.

que esta circumstancia era um erro, que elle Ministro commettia, que me izentava de crime fosse qual fosse o desrespeito, com que o tratasse: visto que não trazendo a insignia de seu cargo, o podia reputar como um simples particular, que se atrevia a insultar o sagrado asylo da minha casa; comtudo foi mui differente o meu modo de proceder, porque lhe pedi cortezmente, que se sentasse, e me deixasse ver a ordem que dizia ter, ou ao menos que me dissesse de quem ella era. Mostrou-me então um bilhete do Intendente Geral da Policia, que de boa vontade aqui copiára, se de memoria o pudesse fazer pelas mesmas palavras e ortographia. Este bilhete ordenava a minha prisão, apprehensão dos meus papeis, *e que se procurasse achar-me alguma insignia maçonica;* e dava por motivo deste procedimento haver eu ido a Inglaterra sem passaporte.»

Objectou-lhe Hippolito que se achava empregado no Real serviço, como Director Litterario na Junta da Impressão Régia, que previamente solicitara licença de S. A. R. e que essa licença lhe fôra concedida por um Aviso da Secretaria de Estado da Repartição competente; que além disso, tinha o passaporte em forma, expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros. Isso era, porém, um pretexto para iniqua perseguição. Hippolito allude veladamente a alguem, como responsavel por esta. Como o corregedor, ao proceder á busca a limitasse a certos documentos, pediu-lhe que se dignasse a juntar tambem outros papeis aos appensos, como o Aviso de licença, passaportes, cartas de Officio, etc., emfim, cousas que o poderiam justificar; o corregedor, porém, o não quiz attender, declarando, que a elle corregedor cabia arrecadar, conforme o seu criterio proprio, o que lhe parecesse util para o procedimento da culpa. Negou-se, pois, a juntar aos autos a licença e o passaporte. Era manifesto o seu intuito: quando Hippolito fôra, entre outras cousas, accusado *de ter ido a Inglaterra sem passaporte*.

Ponderou-lhe este ainda, que a juntada ao appenso de um caderno de copias de sua correspondencia deveria ser feita com o proprio caderno ou na ordem nelle observada, porque o sentido não fosse truncado da mesma correspondencia. Ainda isso lhe foi negado. Como para evidenciar o proposito que trazia o ministro de encontrar algo que podesse servir para a condemnação de Hippolito, instaurou elle devassa para ouvir de testemunhas o que soubessem do detento.

Por fim, porque nada colhessem de grave ou conducente no proposito que trouxera o corregedor, deixaram a presa amollentar-se no longo soffrimento physico e moral da enxovia de segredo. O Regedor, quando vinha á visita, não se dignava de interrogar o infortunado. Decorreram seis mezes, voltou o corregedor outras vezes a inquirir e versou a inquirição sobre a filiação maçonica de Hippolito e factos que que se prendiam á sua qualidade de maçon. A policia ar-

rogava-se ao conhecimento do que considerava um delicto, ainda que nenhuma lei assim o autorisasse, pois que a justiça civil nada tinha que ver com os editaes do Santo Officio, materia puramente ecclesiastica.

Uma noite o carcereiro entrou no segredo em que estava o prisioneiro, acompanhado de quatro ou seis homens mal encarados e disse-lhe que aquelles homens o vinham buscar; perguntando elle para onde, responderam-lhe que não sabiam.

Eis como Hippolito descreve a silenciosa viagem, cercada de mysterio :

« Com effeito subi á uma sége, que tinham preparado, onde achei um taciturno companheiro, e cercado por alguns beleguins do Santo Officio que marchavam de pé, fui levado à rua de S. Joseph, ou portas de S. Antão ; ali para que não pudesse presumir o meu destino quem visse passar a sége, entramos num becco, que ficava á esquerda, aonde me fizeram apear, e a pé continuei o caminho pelo becco adiante, vindo ter outra vez ao Rocio por outra sahida, que tem o mesmo becco, e conduzido á porta dos carceres da Inquisição, onde me fizeram o assento ou termo da prisão . . . . O carcereiro, que ali, por maior autoridade, tem o nome de Alcaide dos carceres, fez-me uma admoestação, em que me recomendava portar-me com muita seriedade, naquella respeitavel casa ; que não fizesse bulha no meu carcere, nem falasse alto, para não ser sentido dos outros presos, que estivessem em carceres vizinhos ao meu, e outras advertencias deste genero ; conduzio-me depois a um carcere, que era um pequeno quarto de doze pés por oito, com uma porta para o corredor, e nesta porta duas grades de ferro distantes uma da outra a grossura da parede, que é de quatro palmos e por fóra destas grades ha outra porta de taboa ; no cimo desta porta de taboa fica uma bandeira ou fresta, por onde entra no carcere a claridade reflexa, que lhe póde vir da luz do corredor, a qual o corredor de fóra recebe das janellas, que tem para os xaguens. Neste pequeno quarto havia um estrado de taboa com um enxergão que me servia de cama, uma bilha com agua e um vaso para as necessidades da natureza, que se despejava de oito em oito dias, emquanto eu ia á missa. Este carcere é de abobada por cima e por baixo ; e o pavimento de tijolo, e como as paredes são de pedras, e muito grossas, é o aposento, no inverno, sobre muito frio, humido, que as paredes e grades via muitas vezes cobertas de agua, como de grosso orvalho : a minha roupa, durante o inverno, estava completamente molhada. Tal foi o meu aposento pelo espaço de mais de dous annos e meio ».

Aos 28 annos de edade, com o temperamento sanguineo nervoso, vigiado, numa cellula humida, á ração, privado dos cuidados de asseio, martirisado fisica e moralmente, debatia-se o futuro publicista liberal, como um pequeno leopardo

em jaula suffocante. A's vezes pareceu-lhe que se esqueciam delle e que as inquirições eram feitas para amollecer-lhe a restante energia.

Este processo lento do Santo Officio, que ficou tradicional, actuava como emoliente nos caracteres mais bem temperados. No temperamento de Hippolito semelhante reagente uma virtude teve, de tornal-o mais continente e reflectido.

O que o mortificava mais era a contingencia de trazer a roupa suja durante dous mezes, e depois, pelo resto do tempo, vestia uma camisa, emquanto lavava a outra que tirava do corpo.

As inquirições eram capciosas, estupidas e fatigantes.

Em certo ponto desse soffrimento, começou a pensar seriamente no evadir-se do carcere. Havia tres annos que se achava preso. A sua causa fôra posta em mesa para julgamento, mas vencendo-se por maioria que se não lhe podiam applicar senão as penas de exercicios espirituaes, voltou de novo a causa ao silencio.

Ao inquisidor Antonio Velho da Costa expoz o seu estado de saude profundamente alterada e o pensamento que tinha de requerer ao Soberano.

« Que era de todo escusado esse procedimento, retorquiu-lhe o inquisidor, porque o Soberano bem conhecia a rectidão do tribunal e só os presos eram culpados da demora de seus processos. »

Fugir, foi o pensamento continuo de Hippolito, desde esse dia. Procurava fazel-o do modo mais natural e « sem violencia ás cousas ou pessoas ».

Como isso realizou elle? Silencia a *Narrativa*.

O processo inquisitorial é minuciosamente descripto por Henrique Carlos Lea na sua *Historia da Inquisição na Edade Média*. Com a Inquisição desappareceram as garantias de processo das cortes episcopaes, o qual era baseado nos principios do direito romano. Para bem se comprehender aquelle methodo juridico, diz Lea, é preciso nos representarmos o modo pelo qual o inquisidor concebia as suas relações para com os accusados submettidos ao tribunal. Como juiz, elle defendia a fé e vingava as injurias feitas a Deus pela heresia. Mas era ainda mais do que juiz; era um confessor luctando pela salvação das almas que o erro tinha arrastado á perdição. Nesta dupla qualidade, revestia autoridade superior á dos juizes seculares. Uma vez que a sua santa missão fosse cumprida, pouco importavam os meios. Se o culpado esperava alguma piedade para o seu crime imperdoavel, devia antes testemunhar submissão sem reserva ao pai espiritual que trabalhava por salval-o do inferno.

A primeira cousa que se lhe exigia, ao apresentar-se ao tribunal, era o juramento de obedecer á Egreja, de responder

veridicamente á todas as questões que lhe fossem propostas, denunciar todos os hereticos delle conhecidos e se submetter á toda penitencia que lhe fôsse imposta; se elle recusava prestar o juramento, proclamava-se a si mesmo heretico convencido e impenitente.

Os factos, pois, tinham para o inquisidor o valor indiciario, o pensamento intimo era o seu ponto de mira.

Havia tres formas de procedimentos criminaes: a accusação, a denuncia e a inquisição, que passou a ser regra commum. A ausencia, na prática, equivalia á confissão. A morte mesmo não servia de refugio. Pouco importava o julgamento divino, a fé devia ser vingada pela condemnação do culpado e os fieis edificados pelo seu castigo. H. C. Léa reproduz a forma do interrogatorio das *Praticas* de Bernardo de Gui.

Hippolito publicou o Regimento do Santo Officio de 1640 e o novissimo de 1774, o regimento pombalino.

No preambulo deste Regimento, *ordenado com o Real Beneplacito, e Regio Auxilio* pelo Eminentissimo e Rmv. Senhor Cardeal da Cunha, etc., este Inquisidor Geral no Reino e seus Dominios, verbera a criminosa illegalidade dos Regimentos anteriores. Estabelecida a Inquisição por D. João III, como tribunal da Corôa, o Inquisidor Geral Cardeal Infante fez o regimento approvado por D. Sebastião, em Evora, por alvará de 15 de Março de 1570. Sob a influencia jesuitica o Cardeal Infante deu regimento ás Mezas Subalternas a 18 de Julho de 1552, regimento não approvado, nem confirmado e que se manteve clandestino e manuscripto. D. Pedro de Castilho, Inquisidor Geral e Vice-Rei dos Reinos de Portugal, revogando sem autoridade o primeiro regimento manuscripto, promulgou outro; e ainda com uzurpação do direito da corôa, por Provisão de 22 de Outubro de 1640 D. Francisco de Castro, Inquisidor Geral, publicou o seu regimento de accôrdo com o espirito das Decretaes de Bonifacio 8°.

O regimento do Cardeal da Cunha aponta as monstruosidades dos anteriores regimentos, nos quaes se não respeitaram as regras do direito da defeza e os principios mais humanos.

Os defeitos apontados pelo Cardeal da Cunha foram: o de se negarem aos réos os nomes das testemunhas que os accusavam; os lugares, os tempos dos delictos; todas as circumstancias que lhes pudessem dar conhecimento individual das pessoas das testemunhas referidas; o erro de se haver procedido á relaxação, que é morte natural, confiscação de bens, e infamia até a segunda geração por testemunhas singulares, e contra os direitos naturaes e o Divino (Deuteronomio, cap. 17 e 19); os tormentos, como recurso para se obterem confissões, quando os mesmos gentios, gregos e romanos somente para os escravos tinham semelhante uso, finalmente a persistencia da infamia, ainda depois de expiado o delicto e a denegação do recurso á Corôa.

———

Do processo de Antonio José da Silva, publicado por Esquiros (Dr. Moreira Pinto), é o termo seguinte, pelo qual se póde imaginar a horrivel prova a que se sujeitava o accusado :

« Aos 23 dias do mez ae Setembro de 1726, em Lisboa, nos estáos e casa deputada para o tormento, estando ahi em audiencia de manhã, sendo pelas nove horas e meia, os senhores inquisidores João Alvares Soares e Felippe Maciel e deputado D. Francisco de Almeida, mandarão vir perante si a Antonio José da Silva, réo preso conteúdo nestes autos, e sendo presente lhe foi dado o juramento dos Santos Evangelhos em que poz sua mão, sob o cargo do qual lhe foi mandado dizer a verdade ; *e ter segredo*, o que tudo prometteu cumprir, e logo lhe foi dito, que pela casa em que estava e instrumentos que nella via entenderia facilmente quão rigorosa era a deligencia que com elle se queria executar, a qual evitaria se quizesse acabar de confessar todas as suas culpas, e por dizer que não tinha mais culpas que confessar, foi mandado para baixo, e chamados á mesa os medicos e cirurgião e mais ministros da execução de tormento, aos quaes foi dado o juramento dos Santos Evangelhos em que puzeram as mãos, de bem e fielmente fazerem seus officios e terem segredo, o que tudo prometteram cumprir ; e sendo o réo despido dos vestidos que podião servir de embaraço ao dito tormento, foi lançado no potro, e começado a atar por mim notario em nome dos senhores inquisidores, que se naquelle tormento morresse, quebrasse algum membro, perdesse algum sentido, a culpa seria sua, e não dos senhores inquisidores, e mais ministros que o forão na sua causa, que a sentenciavão conforme o merecimento della e por dizer, que não tinha mais culpas que confessar, se lhe concontinuou o tormento, e sendo atado em 8 partes, e levando nella meia volta em todas as ditas 8 partes que corresponde a um trato corrido, a que tinha sido julgado, foi mandado desatar e levar ao seu carcere, e duraria o dito tormento um quarto de hora, em o qual gritou muito e só chamava por Deus e não por Jesus, ou Santo algum ; e eu notario dou fé passar tudo na verdade, e assignei pelo réo por não estar capaz, e com os ditos senhores inquisidores. Etc . . . .

O réo assignava por mão de outro o Termo de Segredo, em que se compromettia, com pena de grave castigo, a silenciar sobre o que vira e ouvira no seu carcere e sobre quanto se passara com o seu processo. » (1).

---

(1) A tortura foi introduzida para supprir os ordalias. Innocencio IV na sua bulla *Ad-extirpanda*, (1152) approvou o seu uzo para a descoberta da herezia. Em plena barbaria do seculo XII, Gratiano declarara com regra aceita no direito canonico, que nenhuma confissão devia ser extorquida pelos tormentos. Clemente em 1306 estabeleceu que não seria admittida a tortura senão com o consentimento do bispo, se este podesse ser consultado dentro dos oitos dias. As regras clementinas tornaram-se a lei da Egreja. (Lea, cit.) .

Eis como narra José Liberato a fuga de Hippolito:

« Por este tempo aconteceu um caso notavel em Lisboa, e como em seus resultados eu fui parte, e não pequena, darei delle uma breve noticia.

Por negocios seus estava para partir para a Inglaterra Hyppolito, que depois alli foi autor do *Correio Brasiliense*, periodico bem conhecido; e como disto soubesse D. Rodrigo, que foi o 1.º Conde de Linhares, e que então era Ministro de Estado, o incumbiu de certas compras para o estabelecimento do Arco do Cégo, que alli havia formado e para o qual tinha chamado de Italia o celebre gravador Bartolezzi. Hyppolito partiu para o seu destino, e indo para Londres, além dos negocios a que ia, entrou a ter relações mais publicas com as lojas maçonicas daquella capital. Gente, que lhe não era affeiçoada bem como ao Ministro, de quem se sabia levava commissões, mandou lá espreitar-lhe os passos. E como se soubesse que parte dos seus negocios era o tratar com os pedreiros livres inglezes, entraram a espalhar os inimigos do Ministro, que este o havia mandado só para esse fim. Nesse tempo o Prior dos Anjos, Ferrão, costumava fazer frequentes visitas a D. Rodrigo, e em uma dellas disse-lhe o Ministro: — estou muito mal com Hyppolito, porque me tem compromettido com esta gente. Sei que o que mais tem feito em Londres é frequentar as lojas maçonicas; hei de mandal-o prender assim que chegue a Lisboa.

Ora isto dito a Ferrão, que era amigo de Hipolyto, o que D. Rodrigo bem sabia, era o mesmo que dizer-lhe que o avisasse das suas intenções.

Ferrão visitava-me todos os dias, e tomava á noite chá commigo; e como tivesse ouvido o que acaba de referir, veio logo fallar-me, e disse-me: — Sabe o que se passa? E contou-me tudo o que tinha passado com D. Rodrigo.

Neste caso o que me parece se deve fazer, é escrevermos aqui já uma carta a Hippolyto para Falmouth, onde supponho ainda estará, afim de o avisarmos do que se passa, e para que se acautele, e não comprometta a si nem a D. Rodrigo. Mas como a minha lettra é muito conhecida na Intendencia, irá a carta escripta por sua lettra. Ferrão tinha estado muito tempo em casa de Manique, e havia sido o mestre ou pedagogo dos filhos. Escrevemos-lhe com effeito a carta, porque o paquete estava para partir, e Hippolyto a recebeu em Falmouth. Por uma leveza porém incomprehensivel, não fez caso do aviso, suppoz que era só para lhe metter medo e com toda a papelada que trazia ás claras, apresentou-se em Lisboa. D. Rodrigo cumpriu o que havia dito, porque antes que desembarcasse foi preso a bordo do paquete. (1)

---

(1) Hippolito refere a circumstancia de sua prisão de modo differente, como vimos. Tambem não houve intuito de abreviar o processo na transferencia do Limoeiro para a Inquisição; antes houve pensamento occulto de perder e de arruinar o preso na sua fortuna ou haveres. E' o que se de-

Foi conduzido ao Limoeiro com todo o corpo de delicto, e só passados alguns dias foi transferido para a inquisição, como por favor, porque se esperava que o processo fosse mais rapido, e a soltura mais facil.

A inquisição nessa época, se ainda tinha unhas para arranhar, já não tinha dentes para morder.

Depois deste caso que se não poude evitar, era preciso dar traça como se poderia abrir correspondencia com elle. Ferrão, sempre incansavel e activo, teve artes para descobrir um empregado subalterno da Inquisição, e de o comprar.

A compra foi feliz, porque o homem foi sempre fiel e cumprio á risca o seu mandado. Entrou-se em uma correspondencia regular com o preso, e era eu quem a escrevia, pela razão que já dei de ser muito conhecida a lettra de Ferrão. Nós o animavamos com a esperança de não ser longa a sua prisão, e de que o seu castigo seria leve, porque os seus amigos não se esqueciam delle.

Entre os que forte e descobertamente advogavam a sua causa era o Duque de Sussex, que seu pae George III tinha mandado para Portugal para o dissuadir de uma união muito abaixo da sua jerarchia. Devo tambem dizer que o Principe Regente não era avesso a Hippolyto, porque sempre o tinha protegido e ao irmão e tinha concorrido para irem frequentar a Universidade de Coimbra.

Nem D. Rodrigo era tambem seu inimigo, ou lhe queria mal. Se foi causa de o prenderem, teve por motivo arredar de si suspeitas de ser cumplice nas indiscreções que tinha commettido em Londres.

Depois de mil instancias que seus amigos tinham feito para que fosse salvo, e se lhe désse por acabado o castigo que já tinha soffrido, foram os seus amigos avisados de que em breve seria solto, e de que apenas iria estar uns dias em Rilhafoles, porque então esse edificio não era caza de Orates como hoje, e servia de correcção para aquelles que os padres tristes, chamados inquisidores, para alli mandavam para aprenderem doutrina christã, quando eram forçados a tratal-os *con amore*. A hypocrita e estupida inquisicão sempre suppunha que os individuos que prendia, não sabiam o cathecismo.

Todos esses planos ficaram frustrados por nma casualidade que nem o preso nem os seus amigos podiam prever. A Inquisição, que segundo a frase da Escriptura, bem se podia chamar o *Lago dos Leãos*, estava n'esta épocha quasi vasia, porque, segundo me lembra, só tinha então alli por inquilino Hippolyto e um seu patricio brasileiro (1), cujo

---

prehende da *Narrativa*. A Inquisição conservava effectivamente unhas felinas e os velhos processos de soffrimento humano.

Convem notar que José Liberato escreveu as suas *Memorias* aos oitenta annos, onze mezes e dois dias, em 22 de Junho de 1854. Facil era divergir nos detalhes do que escreveu H. J. da Costa Pereira na sua *Narrativa*.

(1) Joaquim Vieira Couto, procurador do povo do Tijuco. Vide *Memor. do Districto Diamantino*, cap. XXIII, pag. 244 e seguintes. Por J. Felicio dos Santos (Dr.)

nome me não lembra. Esta circumstancia fazia com que os dois presos já alli não fossem tratados com rigor, ou com as grandes cautelas; e já era tanta a liberdade que tinham, que Hippolyto sabia todos os cantos da casa, e até havia tido a facilidade de tirar d'ella dois exemplares dos dois regimentos, o velho e o novo, dado pelo Marquez de Pombal, pelo qual a moderna Inquisição se regia.

A casualidade, de que acima fallei, foi a seguinte:

O principal guarda da casa, assustado, como depois constou, de ser preso por dividas, tinha desapparecido uma noite de casa, e nella só tinha ficado um guarda inferior para dar a cêa aos presos.

Como viesse a dar a cêa a Hippolito, e este soubesse delle que estava só, e que o guarda principal não tinha apparecido, concebeu logo a idéa da probabilidade de fugir naquella mesma noite. Fingio-se muito encommodado com uma forte dor de barriga e pedio ao guarda que lhe fosse aquecer uma pouca d'agua e lh'a trouxesse.

Este não teve difficuldade em lhe fazer a vontade, e partio logo para lh'a ir buscar, deixando alli o molhe de chaves com que fechava as portas.

Tanto que o viu ausente por alguns momentos, Hyppolito descalçando as botas, e enfiando-as nos braços, pegou nas chaves, e com ellas foi abrindo as portas que já bem conhecia, e chegou são e salvo até a da rua, porque a cosinha estava longe e não podia ser percebido pelo guarda. Alli é que esteve por um momento arriscada a sua fuga, porque mettendo a chave na fechadura, e vendo que não dava volta, ficou na maior anciedade e susto. Succedeu, porém, e sem saber como, que tocou no fecho da porta e esta se abriu. Deu um salto de alegria no Rocio (1) e se achou respirando o ar livre; e calçando as botas, que levava enfiadas no braço, se poz a andar.

Achou-se tambem logo em difficuldade. Os seus amigos ignoravam esta fuga não esperada, e era-lhe necessario recolher-se em casa d'alguem que não o trahisse.

A primeira pessoa que lhe lembrou foi Sebastião de S. Paio, neto do grande Marquez de Pombal, e nessa idéa se dirigiu ás Janellas Verdes, mas não estava lá, achava-se em Oeiras.

Lembrou-se de outros amigos, mas todos se tinham mudado, e já não viviam nas casas em que os tinha deixado.

Na maior confusão de idéas pôz-se a andar ao acaso, sem felizmente ser encontrado pela policia; e já fatigado metteu-se para descançar em uma dessas barracas de vendedeiras que antigamente estavam ao longo da Ribeira Velha.

---

(1) Como se sabe, a inquisição funccionou depois do terremoto de 1755 na praça do Rocio, no local occupado hoje pelo theatro D. Maria II.

A primitiva inquisição fôra estabelecida por D João III no paço dos Estaus — Vide «Estudos Historicos e Archeologicos» de J. de Vilhena Barbosa e «Diccionario Geographico de Portugal», por Perestello da Camara sob a palavra *Lisboa*.

Uma lembrança feliz então o salvou; lembrou-se da casa de um antigo amigo e advogado *Barradas*, sobrinho do que foi Ministro d'Estado, e sendo já quasi manhã foi bater-lhe á porta. Por sua ventura não se tinha elle mudado, recebeu-o como era de esperar; e assim que foram horas, foi dar parte ás pessoas que convinha que o soubessem.

O primeiro cuidado que houve foi occultar o lugar em que estava, porque espalhando-se a noticia entre os amigos de que elle tinha fugido, todos queriam ver e abraçar o *martyr* que tinha escapado aos algozes.

.....

Para fazer geralmente acreditar que o fugitivo já não estava em Lisboa, empregou-se um meio o mais verosimil que se podia encontrar.

Estava a partir para o Mediterraneo uma fragata commandada por um amigo, Rodrigo Lamar, e então pediu-se a Hippolyto que escrevesse a seu irmão que estava em Lisboa, uma carta com data de Gibraltar e chegando aqui foi levada ao Regente, que se não mostrou muito indisposto contra o fugitivo; e com esta boa lembrança todos ficaram persuadidos de que o nosso homem estava fóra do reino.

.....

Passados alguns mezes, tendo que ir em uma commissão ao Alemtejo Filippe Ferreira de Araujo e Castro, o levou comsigo a titulo de criado, e de lá passou á Hespanha, e depois a Gibraltar, donde partiu para Londres, e ahi escreveu o bem conhecido *Correio Brasiliense*. O modo por que se escapou da Inquisição é tal e qual, como m'o referiu nos dias em que esteve em S. Vicente. Na sua *Narrativa*, que escreveu em Inglaterra e á qual ajuntou os dous Regimentos da Inquisição, não mencionou as particularidades que tenho referido: não quiz comprometter ninguem, e por isso foi mui parco no que escreveu.»

A gloria do jornalista não passou sem contestação; depois que se elle encerrou no silencio do tumulo, oppozeram reaccionarios malevolas e aleivosas referencias ao seu caracter.

O officio de jornalista e a vida de emigrado pobre não eram condições propicias á independencia moral e Emerson observou com a sua perspicacia: que a questão da economia e a da moral se confundem, porque condição absoluta da virtude é que seja assegurada a independencia do homem.

«A pobreza desmoraliza. Na medida de suas dividas, um homem endividado é um escravo; Wall Street estima que é facil a um millionario ser homem de palavra, homem de honra, mas quando o dinheiro começa a faltar ás pessoas, se não póde nunca estar seguro de que ellas guardarão a sua integridade».

H. J. da Costa teve que supportar vexames e privações: é natural que ellas o abatessem; mas faltam-nos pro-

vas sufficientes para sentenciar da sua conducta ; estimal-o na sua obra é fazer-lhe justiça.

Existe, é certo, no archivo da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, *Collecção Linhares,* a correspondencia official do conde de Linhares e do marquez de Funchal, embaixador de Portugal em Londres, sobre proposta feita por este e aceita por Hippolito, de se abster de critica ao governo, que, de sua parte se propunha a adquirir 500 exemplares do seu jornal, em cada edição. (1)

Digamos antes de proseguirmos no exame desta questão, que nenhum jornalista contemporaneo aqui no Brazil poderia lançar uma pedra á reputação do jornalista do seculo passado, nem valeria a pena defendel-o ; mas as cousas não foram neste ponto como parece á simples leitura de taes documentos.

Vejamos como as cousas se passaram :

Temos um depoimento e este insuspeito, vindo de um accusador de Hippolito, José Liberato, que chegado de pouco a Londres, e logo indigitado para substituir a João Ferreira Pinto no *Investigador Portuguez*, subsidiado pelo Conde de Funchal, conta a sua entrevista com este, cujo typo descreve: «bem que de figura externa pouco gentil, homem muito instruido, de maneiras agradaveis, e até engraçadas, inimigo figadal dos francezes, e monarchista exaltado ; fóra destes pontos não havia quem fosse mais amavel e tratavel do que elle.» O dr. Abrantes, o introductor de Liberato, pel-o ao corrente dos intuitos do Conde : «Disse-me que como o Conde folgava de muito de fazer os seus artigos sobre cousas de Portugal e sobre politica, debaixo de nomes suppostos, *e não se havia podido arranjar com o Correio Braziliense*, tinha conseguido que o irmão Conde de Linhares, ministro do Brazil, auxiliasse o *Investigador* com algumas subscripções, porque nelle o Governo, ainda que não tivesse um decidido apoio, ao menos, não teria um inimigo declarado, como era o *Correio Brasiliense...*»

O preço desta abstenção ou complacencia era de cento e tantos numeros mensaes para o Brazil, e passou a ser um subsidio...

Assim, não era da parte dos jornalistas que partia a humilhação.

Estava no declinio a estrella dos Linhares e o jornal de Hippolito, filiado ao partido do Conde da Barca, que se

(1) Carta do Conde de Linhares, capeando documentos sobre José Anselmo Corrêa e Hippolito J. da Costa Pereira Furtado de Mendonça ; Officio de D. Domingos de Souza Coutinho, de Londres, em 7 de Março de 1810, sobre negociações feitas com Hippolito para que o *Correio Brasiliense*, mediante a compra de 500 exemplares do mencionado jornal, se deixasse de referir a assumptos desagradaveis á Corôa e expulsão de José Anselmo Corrêa ; Officios de D. Domingos aceitando por parte do Governo a proposta de compra de 500 exemplares do *Correio Braziliense*. (Brazil em Geral, 16—7, Bibliotheca Nacional).

oppunha ás medidas economicas daquelle ministro. Apertado pelos seus amigos e tambem pelas exigencias politicas, D. João 6.º, que não se distinguia pela gratidão, dahi a pouco romperia bruscamente com o amigo dos transes arriscados de seu governo.

A historia imparcial, reconhecendo o merecimento de Linhares, não julgará sem severidade a cessão de Santa Catharina, que elle esteve em termos de fazer aos inglezes, sem a intervenção inesperada do conde de Anadia.

Qual era o conceito de Liberato, então inimigo de Hippolito, sobre o jornal deste, com o qual ia concorrer? Dil-o elle mesmo: *O Investigador*, pois nessa época, tomou o ascendente sobre os dous outros jornaes, o *Correio Braziliense*, escripto por Hippolito e *O Portuguez* por João Bernardo da Rocha, que aqui ha pouco morreu. Nenhum delles advogava os interesses de Portugal; porque o primeiro só tinha por missão o servir o Brazil á custa da mãi patria; e o segundo, bem que dissesse e escrevesse cousas a bem de seu paiz, não tinha plano, nem systema naquillo que escrevia...»

Alli está claro o valor de cada jornal e o da sua orientação: Hippolito acariciava a idéa da emancipação politica de seu paiz, João Bernardo e Liberato, dous emigrados constitucionaes, anhelavam Portugal unido, com séde de governo e sob a constituição, que era a grande panacéa liberal do tempo.

A conclusão do que expomos é, porém, clara para o nosso intuito: Não foi de Hippolito que partiu a idéa do arranjo, nem ficou por elle ou se acordaram os dois, foi para logo se deshaverem.

O grande Camillo Castello Branco, que acabou visconde de Corrêa Botelho e enobreceu o segundo appellido, escrevia com a penna afinada na sua sensibilidade doentia; nem se poupou a si mesmo. Quando se tratava de desancar alguem, que lhe abespinhasse os nervos irritadiços, pouco se lhe dava da injustiça do ataque. No que diz respeito a Hippolito foi contradictorio e inveridico; contradictorio: porque no *Perfil do Marquez de Pombal* invoca a autoridade de Hipolito e o denegriu no prefacio aos *Ratos da Inquisição* (1); inveridico porque deu a Hippolito a paternidade de um escripto alheio, sem maior exame e até nos parece, que de caso pensado.

O prefacio á edição inglesa da *Historia de Portugal*, que Camillo attribuiu a Hippolito, nunca foi delle e visivelmente se descobre o seu autor. Hippolito additou á traducção de Antonio de Moraes Silva, a qual é de 1788, impressa na Officina da Academia Real das Sciencias e já

---

(1) Serrão de Castro (Antonio) Porto, 1883 — Ernesto Chardron, Ed.

nesta data, trazia o incriminado prefacio e mais as notas que se lêem á pag. 24 da edição inglesa. O prefacio é da edição francesa.

Innocencio informa que a *Historia de Portugal* teve varias edições, sendo a primeira a francesa e seguindo-se as de Moraes Silva, de Hippolito, de José Agostinho de Macedo e outra posterior. Existem na Bibliotheca Nacional e as examinamos alli.

Na parte da *Historia*, que editaram em Londres, em 1807, F. Wingrave & C.ª, coube a Hippolito sómente additar a Secção X, que trata da Historia do Reinado de D. Maria Primeira — encontramol-o alli o homem independente e sizudo que era. Escrevendo sobre a reforma das Ordens Religiosas, para o que a rainha creara uma Junta, assim se manifesta:

«Mas, como aqui não se trata de fazer o elogio desta Soberana (o que será obra de mais elevada penna), mas sim de referir a historia fiel dos acontecimentos de seu reynado; pede a verdade historica, que se diga que este estabelecimento não produziu os beneficios, que se esperavam, o que foi devido á má escolha de individuos que compunham a Juncta; os quaes eram ecclesiasticos de fracas idéas, além de más theologias: e o que peior foi, tiveram por presidente D. José Maria de Mello, Bispo titular do Algarve, e Inquisidor Geral, que unindo o espirito sanguinario da Inquisição á superstição, ignorancia, que lhe eram naturaes, se fazia incapacissimo de promover as beneficas e religiosas vistas de S. M. E se algum escriptor, que escreveu em Portugal, disse o contrario do que aqui se assevera, lembre-se o leitor, para comparar as authoridades, que nenhum livro se pode imprimir naquelle Reyno sem licença daquellas pessoas, que a historia tem obrigação de censurar.»

Isto não é positivamente um elogio á Inquisição.

A' pag. 240 referindo-se ao mau tratamento que em Lisboa se deu ao Enviado da Convenção, escreveu isto:

«Quanto á má recepção daquelle chamado enviado da França, não havendo a Côrte de Portugal reconhecido o novo Governo, que os Francezes tinham erigido, mal podiam receber um enviado de tal Governo, e o máo tratamento, que elle pessoalmente recebeu foi culpa do Intendente Geral da Policia, Diogo de Pina Manique, a quem se commetteo hospedar esse individuo.

Manique, tão máo de coração, como ignorante, não vio naquelle enviado senão um objecto em quem exercer a sua illimitada authoridade, e não attentou ás consequencias; mas antes que a França fizesse d'isso um motivo de queixa, deveria ter pedido ao Governo Portugues o castigo de Manique que no caso de lhe ser negado, ficaria sendo a injuria nacional»...

Tambem isto não era o elogio da policia do reino...

Mas esta leviandade de Camillo Castello Branco não lhe era privativa; ha escriptores que repetem accusações com igual leviandade e por menor esforço, não lhes permittindo a natural preguiça examinar o que de verdade podem conter as asseverações que endossam.

Isto no Brazil é uma praga.

Entre os principaes detractores de Hippolito avulta José Agostinho de Macedo, o qual fundou o semanario *O Espectad r Portuguez*, que se desmandou em personalidades, alvitres e invectivas de toda a naturesa, (affirmava Innocencio) destinado em parte para combater algumas passagens e doutrinas do *Correi Brasiliense*, cujo redactor se empenhava em propagar idéas liberaes entre os portugueses do velho e novo mundo.

«Este semanario, começado em 1815, durou dois annos, sendo suspensa a sua publicação por ordem do Desembargo do Paço, pela soltura e violencia dos seus escriptos».

O defeito deste testemunho não deflue sómente do depoimento acrimonioso, senão da propria qualidade da pessoa, como diria um jurista. Intrigante por indole e por officio, o redactor do *Espectador Portuguez* fez dos seus escriptos o pelourinho dos homens de lettras do seu paiz. Nas *Memorias para a vida intima de José Ag stinho de Macedo*, obra posthuma de Innocencio, as falhas do caracter do biografado assombream-lhe, de tal forma, a figura moral que se torna escusado o confronto entre o publicista liberal e o ex-agostinho.

Innocencio (1) corrobora o que escrevera Liberato (pag. 52, das *Memorias* deste): «Entre os muitos espiões de policia que havia neste tempo, um muito conspicuo era José Agostinho de Macedo; e desta sua prenda já eu estava avisado. Declarou-se meu inimigo não só porque lhe pagavam para isso, porém porque não lhe quiz dar entrada commigo.

Um dia me veio procurar; e tomando por pretexto o desejar frequentar a nossa livraria, pedio-me que o quizesse nella introduzir. Eu recebi-o com a mais escrupulosa e delicada cortezia, porém respondi-lhe: que a livraria era como publica, e que todos alli eram admittidos, ou a podiam frequentar; que alli havia sempre um criado intelligente, e que este não só o havia de receber como convinha, mas lhe ministrar todos os livros que quizesse ver, rogava que não tivesse o incommodo de me procurar por esse motivo. Elle que ouvio a minha resposta, e o ar serio, e ceremonioso com que o recebi e lhe fallei, entendeu-me perfeitamente, e nunca mais me procurou. Despedio-se, e eu com todo o ceremonial

(1) Consta por vias incontestaveis, que entre os agentes que por parte da policia se empregaram para este fim, fôra um delles José Agostinho e ou seja que elle solicitasse este odioso mister, ou que o convocassem para o exercer, o certo é que se affirma prestara muí bons serviços que lhe foram remunerados com avultado salario».

da etiqueta o acompanhei até a porta. Vingou-se depois em desacreditar S. Vicente, e em nunca poupar o meu nome, quando lhe vinha a pello».

Hippolito foi o primeiro tosado n'*Os Burros*, e neste poema burlesco foi o autor até a calumnia:

«Tu, redemptor politico te dizes
Do triste Portugal, que os teus quizeram
Ir pôr sem mais nem maes na mão do Corso».

Hippolito nada teve de commum com os estadistas que preconisavam uma approximação francesa, nem com os que se rebaixaram a Junot, por occasião da reconquista. Pelo contrario, no n. 1 do *Correio Braziliense* trata com merecida severidade ao autor de um opusculo *Noticia Historica do Estado actual da Inglaterra neste anno de 1808, Lisboa, na Impr. de Bernardo José Alcobia. Com Licença da Meza do Dezembargo do Paço*... que reputava encommenda de Junot. Os seus sentimentos de patriota manifestam-se eloquentemente na Miscellanea, á pags. 143 de vol. 1, noticiando a revolução em Portugal, e a installação da junta do governo no Porto.

José Liberato deixou escripto: «Para desaggravar uma sociedade, á qual muito me honro de ter pertencido, a *Maçonaria*, direi com a verdade como diante de Deos se m'a pedisse; que emquanto um dos regentes do Reino, o Patriarca eleito, Bispo do Porto, de accordo com os seus collegas, mandava prender nos carceres da Inquisição, e depois *septembrisava* homens honestos, e honrados como pedreiros livres, a auctoridade, que os representava em Portugal, chamada *Grande Loja*, negava briosamente ao General Junot a dignidade de Grão Mestre... O que sei porque assignei, é que emquanto os amigos do throno e do altar, pediam um Rei a um conquistador estrangeiro, os que eram calumniados, como inimigos do mesmo throno e do altar, negavam uma alta dignidade a um dos seus soldados que em seu nome governava, e era General de um grande exercito. Todos os papeis da *Grande Loja* foram agarrados a um dos presos, que em dia de quinta-feira santa foram mettidos na Inquisição. Por elles soube o Governo o que eram os Maçons portuguezes, que continuou a perseguir.»

Tambem José Bonifacio... *Tu, quoque*... Ao jornalista a quem nunca negaram talento os seus adversarios de Portugal, José Bonifacio, que no bajular despejado ao Conde de Funchal, se rebaixava a *criado de trazeira* se atreveu a chamar de foliculario.

Eis um topico da carta de José Bonifacio de Andrada e Silva:

«Tome V. Ex. a almofada do coche e então com gosto serei criado de trazeira...» — Carta de 3 de Setembro de 1815, ao Conde de Funhal.

Quando Jesé Bonifacio, desembargador em Lisboa (1) pretendia um logar na diplomacia ou alhures, escrevia ao Conde de Funchal, numa bajulação lamurienta: «Accrescente V. Ex. a tudo isto algua zanguinha de ver que os meus serviços como Lente, Magistrado e soldado da Patria até agora não tem merecido a menor contemplação, ao mesmo tempo que tanta gente não sei como, tem sido honrada e despachada. Já estou velho e mal acostumado para ser gallopim de ante-salas, mas se me quizerem dar algum Governilho subalterno; folgaria com ir morrer na Patria e viver o resto de meus dias debaixo do meu natural Sñr. pois sou Portuguez castiço. . . »

«Peço um Governilho, porque detesto o ser Desembargador de presente e de futuro. Hum pequeno paiz que me convinha era Sta. Catharina. . . » (2)

E passemos adiante.

E por fim, Liberato :

On n'est jamais trahi que par ses amis. . . Liberato e Hippolito começaram amigos e amigos acabaram. O motivo da desavença de ambos foi mofino.

Falle o mesmo Liberato :

«Nesta época havia em Londres mais dois jornaes, um escripto por João Bernardo da Rocha, que depois o substituio pelo *Portuguez*, e outro pelo Hippolito, com o titulo bem conhecido de *Correio Brasiliense*. Hippolito, vaidoso e ingrato, foi o unico portuguez, que em Londres se declarou por meu inimigo, deslembrado, que por minha intervenção tinha achado refugio e segurança no Convento de S. Vicente de Fóra, em Lisboa.

Sabendo que tinha chegado a Londres, e persuadido de que me achava sem protecção alguma, esperava que eu o fosse procurar, e me lançasse em seus braços, fazendo-me instrumento da sua politica. Era naquelle tempo a de fazer desacreditar o Conde de Funhal, a quem se procuravam pretextos para lhe tirar a embaixada, e para isto estava vendido ao partido do Conde da Barca, Antonio de Araujo. Como visse que o não procurei, e que era protegido pelo Conde de Funchal, com quem elle já havia estado ligado, e tinha acceitado ser o primeiro redactor do *Investigador*, declarou-me uma guerra torpe e baixa, á qual poucas vezes respondi, e sempre laconicamente, e em ar muito sizudo, e nobre. A final, como direi, fizemos as pazes ; e eu fui o primeiro que para ella dei o passo : em todas as acções da minha vida sempre me quiz mostrar cavalheiro e bem educado.»

---

(1) Era dezembargador da Relação da Casa do Porto no exercicio de Coimbra : intendente geral das Minas e Metaes do Reino de Portugal e Algarve.

(2) Cartas, a 30 de Julho de 1812 e 3 de Setembro de 1813 e 7 desse mesmo mez e anno. Vide «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro a 24 de Janeiro de 1807.

Passava-se isto em 1814. *O Investigador* publicava-se em Londres sobre a direcção do addido da legação portuguesa, dr. Abrantes, a quem substituiu José Liberato. Antes de entrar em suas novas funcções, foi este apresentar-se ao Conde que era quem subsidiava o jornal. Era o Conde então o Ministro de Portugal, como se disse acima.

Continue a exposição de Liberato: «Quem logo desejei ver foi João Ferreira Pinto para lhe dar noticias de seu pae e irmão; e com toda a especialidade tambem o doutor Abrantes, de quem acabava de receber tão assignalados favores. Este ficou muito satisfeito em me ver, e logo me disse: O senhor Liberato foi um anjo que aqui me apparece: eu desejo muito partir quanto antes para Lisboa, porque minha mulher está muito doente, e dá-se muito mal nesta terra; e não podia fazer porque sou o redactor principal do *Investigador*, na publicação do qual muito se interessa o Conde de Funchal; e não me quer deixar ir embora, sem que ache pessoa capaz que me substitua, porque o meu collega doutor Vicente Nolasco é muito bom para tudo, menos para dirigir um jornal, e trabalhar nelle como é preciso. . . Seguio-se o ir apresentar-me ao Conde de Funchal, o que logo fiz, acompanhado pelo doutor Abrantes. Mostrou-se muito satisfeito de eu passar a substituir o doutor Abrantes na redacção do *Investigador* e sobre ella disse-me que o doutor me instruiria, e me daria as noções convenientes.»

«Passado este primeiro ceremonial indispensavel, o meu amigo Abrantes me começou a explicar o que era o *Investigador*, como me havia sido estabelecido, e como delle eu havia de tirar vantagens muitas. Disse-me, que como o Conde folgava muito de fazer ás vezes seus artigos sobre cousas de Portugal, e sobre politica debaixo de nomes suppostos e não se havia podido arranjar com o *Correio Brasiliense*, tinha conseguido que o irmão, Conde de Linhares, ministro do Brasil, auxiliasse *O Investigador* com algumas subscripções, porque nelle o governo, ainda que não tivesse um decidido apoio, ao menos não teria um inimigo declarado como era *O Correio Brasiliense*. . .» Pags. 131 — 133, cit. *Memoria*.

Não é preciso muito esforço psicologico para comprehender os escrupulos de Hippolito, esquivando-se á intimidade do novo redactor do jornal de Linhares, ao qual se acabava de *alugar ou de vender* (para applicarmos a expressão do mesmo autor das *Memorias*) José Liberato.

Aliás, já nos primeiros numeros do *Correio Brasiliense* se nos depara a tal *hostilidade* a Linhares e ao ministro de Portugal em Londres, D. Domingos de Souza Coutinho, a proposito das propriedades portuguesas detidas em Londres.

Quanto aos Linhares, põe em relevo a longanimidade de Hippolito este topico, em que repellia a insinuação de haver escripto por vingança um dos primeiros artigos do *Correio*; «Quanto á insinuação de ser vingança contra pessoas daquella familia, como nessa familia não ha senão um homem a quem

isto se possa attribuir, que he o actual Ministro de Estrangeiros no Brasil, esta insinuação fica assaz refutada, com o que se disse no mesmo n. 6, a favor daquelle Ministro, de quem o *Correio Brasiliense* recordará as faltas, quando ellas apparecerem, com tanta imparcialidade, quanto prazer que teve em achar por onde o louvar.»

Fecha com estas palavras essa passagem: «O redactor do *Correio* não se mette de traz da porta para atirar a pedrada». E' uma cabal resposta que descobre um caracter franco e leal; pois, de facto, nesse mesmo numero se encontram elogiosas referencias ao Ministro, a proposito da creação da Imprensa no Brasil, a quem chama de benemerito, accrescentando, que era o juizo que delle fazia desde Portugal,—que era o mais desinteressado e intelligente dos ministros do reino.

Nas commissões que desempenhou não foi o esteril agraciado dum ministro, nem se cingiu aos limites da incumbencia. O seu zelo e curiosidade por toda a especie de melhoramentos tornavam-lhe fecundas as observações. A 15 de Agosto de 1799, de New-Brunswick, onde não tinha Portugal ministro ou encarregado, enviava ao ministro do Reino uma relação do estado da Marinha dos Estados Unidos da America do Norte. Em 30 de Junho de 1822, escrevia a seu irmão Saturnino da Costa Pereira patriotica e suggestiva carta sobre melhoramentos de que o Brazil carecia.

Nesta carta, que se conserva no Archivo Publico Nacional e que demos á luz n'*A Renascença* de Dezembro de 1904, propunha-se a organisar correios e apresentava um plano de viação e colonisação do Brazil com naturaes da Irlanda e da Allemanha (exactamente a melhor colonisação possivel ainda hoje) sem onus para o Erario.

A 16 de Julho de 1822, a Grande Loja do Gr.·. Or.·. do Brazil pelo seu poder legislativo, delibera fazer-se reconhecer do Grande Oriente Britanico e envia carta de Delegado a Hippolito,

A independencia do Brazil veio encontral-o de penna na mão, e ainda serviu-lhe á causa até o ultimo alento de sua laboriosa vida. O governo imperial o distinguiu com a nomeação para encarregado de negocios do Brazil em Londres, cargo que exercia interinamente quando falleceu.

Um mez antes do seu inesperado fallecimento fez sentar praça, como voluntario na marinha brazileira, o seu filho de 12 annos de edade José Tito da Costa.

Homem de sentimento, pronunciou-se pela emancipação dos escravos e pelo respeito á vida e á propriedade do indio, que D. João 6.º mandava guerrear. Da influencia que exerceu o seu jornal sobre a sociedade de Portugal e do Brazil occupou-se largamente o eminente Varnhagen e a esse respeito discorreremos em outro capitulo.

Em certo tempo todos os olhos estiveram voltados para elle d'aqui do Brazil. Por occasião da revolução de 1817 em Pernambuco passou por agente dos revolucionarios e na historia

desses successos Francisco Muniz Tavares dá como emissario dos pernambucanos para Hippolito um tal Kœsner, negociante no Recife. (1)

Conforme o *Diario de Tollenare* (*Notas Dominicaes*—Rev. Inst. Arch. e Geogr. de Pernambuco, vol. XI, 1900—Ns. 51—64) o *Cabugá* teria partido na semana anterior ultima de março de 1817 e na segunda semana de maio, quando se achava em bloqueio o porto de Pernambuco, dois dias antes de terminada a revolução Koster (que não é outro senão o tal Kœsner) achava-se no Recife e era enviado como parlamentario á Esquadra Realista.

Dos docs. existentes no Arch. Publ. não se apura a intervenção de Hippolito, nem a existencia de missão para elle da parte dos revolucionarios de Pernambuco.

O *Correio Braziliense* protestou sim, mais tarde, contra as medidas de excessivo e deshumano rigor dos Governos da Bahia e do Rio de Janeiro contra os pernambucanos; e nisto foi acompanhado pelo *Campeão Portuguez*.

II

Varnhagen viu claro atravéz da historia mal feita da regencia de d. João 6.º e de seu governo. Os mestres a quem chamamos patriarchas da independencia eram para Varnhagen: Silva Lisboa, Azeredo Coutinho e Hipolito da Costa: «Hipolito José da Costa, mais liberal que ambos, foi o primeiro defensor mais ousado da permanencia da côrte no Brazil, e por conseguinte da emancipação deste paiz; pugnou pela monarchia representativa e a integridade nacional da terra de Santa Cruz; sustentando com ardor a transferencia ideada pelos conquistadores mineiros, da capital brazileira, do Rio para Minas, sem indicar a paragem...» Esta idéa foi esposada, como se sabe, pelos legisladores republicanos brazileiros.

---

(1) Escreveu o Dr. Tavares: «Contemporaneamente, embarcara para Inglaterra hum certo Kœsner, negociante no Recife; era honesto o seu caracter, suas idéas ajustadas. Os membros do Governo Provisorio o respeitavam, e resolveram fazel-o portador de despachos para Hippolito José da Costa, Brasileiro, que ha muitos annos residia em Londres e que consagrava a sua vida ao melhoramento da especie humana, illuminando-a com os seus escriptos scientificos e de participar-lhe o andamento do Brasil.»

Dos docs. do Arch. apuramos, que o Ministro José Corrêa da Serra declarou Pernambuco em bloqueio, logo que teve noticia da revolução. O Cabugá sahiu no *Gypsy* a 5 de abril, com dois secretarios e chegou a Boston a 19 de maio, onde não foi aceita a sua missão. No *Herald* de Barbados seguio o negociante inglez Carlos Bowen e a Norfolk chegou a 23 de abril, levando noticia da revolução afim de tratar armamentos e polvora para os rebeldes, onde alliciou hum gazeteiro para apregoar o util da revolução e tentar a casa de S. P. Christian para este negociante, sacando letras sobre Lyne & Cia. de Londres; a que esta não annuio. Em Baltimore havia 2 embarcações que sahiram carregadas com armamentos para Pernambuco, uma pela casa de Vankel & Brune, chamada *O Montezuma*, que sahiu a 6 de maio e outra *O Maliens*, por Tenant, que sahiu a 7; datas approximadissimas da revolução.» Em nada disto se envolveu Hippolito; ao menos não ha disso documentos.

Commentando o insuccesso da colonização de Friburgo, observava o nosso historiador: «Neste ponto ha que admirar o espirito politico e previdente de Hipolito José da Costa, que em abril de 1819, e depois, em março de 1820, applicava a tal respeito as doutrinas, que hoje a experiencia tem provado serem as unicas a proposito para fazer prosperar o Brazil...»

«Foi por indicação do *Correio Braziliense*, que a Côrte mandou aos estados americo-castelhanos negociar os direitos de successão á soberania desses estados, que pertenciam á princeza do Brazil, d. Carlota, irmã de Fernando VII, em caso de captiveiro da familia Bourbon de Hespanha; providencia que teve lugar por occasião da conquista de Cayena.»

Sobre o *Correio* escreveu elle: «O *Correio Braziliense*, do qual sahiram á luz vinte e oito volumes pelo menos (desde Junho de 1808 até 1822), (1) reunia a tudo quanto continha de vantagens o *Investigador* em sciencia, o ser redigido por um politico de tanta illustração como Hypolito José da Costa, que como dissemos fugira de Lisboa, para escapar ás perseguições da Inquisição. — Em boa hora o fez, qne a isso deveu a vida, e devemos nós o ter fundado o dito periodico, de que foi o principal redactor.

«No *Correio Braziliense* ha sempre, desde 1808, o mesmo pensamento politico; de promover a prosperidade e augmentos do Brazil, conservando nelle a Côrte apezar do natural ciume de Portugal, e de introduzir na administração e até no systema de governo as necessarias refórmas, por meio de instituições como as que hoje temos. — Não cremos que nenhum estadista concorresse mais, para a formação de um imperio constitucional, do que o illustre redactor do *Correio Braziliense*. Em verdade que a leitura desta publicação nos infunde o devido respeito a esse politico previsor, que se mostrava ao mesmo tempo homem de governo. Talvez nunca o Brazil tirou da imprensa mais beneficios do que os que lhe foram offerecidos nessa publicação, em que o escriptor se expressava com tanta liberdade como hoje o poderia fazer; mas com a grande vantagem de tratar sem paixão as questões da maior importancia para o Estado, taes como as de fomento da colonização estrangeira, etc. Estes e outros assumptos acham-se tratados nesse periodico, que passará á posteridade para justificar quanto deve o actual imperio a Hypolito José da Costa. Não é modelo de estylo ou de linguagem; antes pelo contrario neste sentido muito ha que desculpar a um homem que vivia em paiz estrangeiro, em uma época em que o horror pelos gallicismos não havia passado da pessôa do desterrado Filinto; mas foi um politico pensador e creador.»

.....

(1) A collecção é de 29 volumes, de 1 de Junho de 1808 a dezembro de 1822.

O redactor do *Correio Braziliense* era em politica typo de bom patriota. Criticando este ou aquelle vicio na administração lamentava-o; e via-se que o não fazia só pelo gosto do dizer mal e deprimir, nem por impaciente ambição. – Fazendo opposição, não deixava de ser homem de governo. Desejava a refórma, não o cahos. As theorias não o cegavam. Sustentava que tão impossivel seria uma camara de deputados na Turquia, como um sultão nos Estados Unidos. São ainda deste Brazileiro, eminentemente liberal, as seguintes expressões repassadas de bom senso: «Deixemos essa palavrosa exclamação sobre liberdades e tyrannias... O povo que desejar ser livre e feliz, cuide de assegurar com as suas virtudes proprias essa liberdade e essa felicidade que deseja; porque, emquanto se esperançar noutras nações para gozar esses bens, será escravo, será infeliz. Não discuta sobre a fórma de governo: reflicta no modo de melhorar seus costumes. Um povo sem moral, se não tem liberdade, nunca a obterá; se a tem, certamente a perderá.» — (XXIV, 27).

Foi com um pensamento igual que Emerson disse: «Nós aprenderemos um dia a substituir a politica pela educação.»

Varnhagen citando as prohibições que em Portugal houve, em relação ao *Correio Brasiliense*, additou em nota: «No Rio de Janeiro prohibido por pouco tempo se lia, até no Paço sem rebuço algum.» Veja-se *Correio Bras* dos vols. XIX e XIV.

A prohibição da leitura e da circulação do *Correio Brasiliense* e das revistas *O Campeão Portuguez* e *O Portuguez*, em Portugal, constam da Communicação de 22 de Março de 1812, ao Desembargo do Paço, do Edital de 15 de Novembro de 1815 e da Circular dos Governadores do Reino a 17 de Junho de 1817. No Brazil foi o *Correio* prohibido pela carta régia de 17 de Novembro de 1811.

De Hippolito e de suas obras deram succinta noticia Innocencio Francisco da Silva no vol. III do seu *Diccionario Bibliographico*, Brito Aranha no vol. X do mesmo Diccionario (3.º do Supplemento), mais modernamente Augusto Blake no *Diccionario Bibliographico Brazileiro*, 3.º volume e o sr. dr. José Carlos Rodrigues na sua Bibliotheca Braziliense — catalogo, etc.

Tambem Ricardo Pinto de Mattos no *Manual Bibliografico Portuguez*, sem qualquer menção de autor, deu noticia deficiente do *Correio Brasiliense*.

O sr. Barão Homem de Mello escreveu na *Revista do Instituto Historico do Rio de Janeiro*, vol. 35, de 1872, uma noticia biographica e Pereira da Silva occupou-se igualmente da personalidade de Hippolito com a pressa com que escrevia a historia, tendo emittido contra o jornalista conceitos colhidos em fontes duvidosas.

O autor das *Memorias do Districto Diamantino da Comarca de Serro Frio*, á pag. 252 e seguintes escreveu, com apontamentos de Theofilo Ottoni, o tribuno mineiro, passa-

gem que carece de ser rectificada. Dá-se ahi a prisão de Hippolito conjunctamente com a de José Joaquim Vieira do Couto e a libertação de ambos em 1807, por occasião da entrada de Junot em Portugal.

A verdadeira historia de Couto em Portugal nos é transmittida pelo mesmo Hippolito no volume VI (1811) pag. 705, *Miscellanea do Correio Brasiliense:* «A Inquisição que reteve muitos annos o mal afortunado Couto, acabou por entregal-o ao governo que o encerrou na fortaleza de Peniche e depois na de Cascaes, *sem crime, sem processo, sem sentença.*

Desta foi solto pelos franceses, mas vindo a serem expulsos os seus libertadores, foi como envolvido na septembrisada dos Governadores do Reino, deportado para a Ilha da Terceira, onde falleceu aos 27 de Maio de 1811.»

O proprio Hippolito deixou uma auto-biographia, se assim se pode chamar o que escreveu com o titulo de: NARRATIVA da perseguição de Hippolito da Costa Pereira Furtado de Mendonça, preso e processado em Lisboa pelo pretenso crime de Franc-Maçon ou Pedreiro Livre.» Londres, 1811; 2 vols. in-8; W. Lewis, Impr.) a qual teve uma edição em vernaculo e outra em inglez e que foi reimpressa no Rio de Janeiro, em 1841, na typ. de C. Ogier & C.

Os escriptos de Hippolito são mencionados por Innocencio; são os seguintes:

«Historia breve e authentica do Banco da Inglaterra», com dissertação sobre as notas, moedas de cambio e letras, etc. — Traduzida em portuguez. Lisboa, 1801, 4.°.

«Ensaios politicos, economicos e filosophicos de Benjamin, Conde de Rumford», traduzidos em vulgar. Lisboa, 1801, 4.° em 2 tomos.

«Historia de Portugal», composta em inglês por uma Sociedade de Litteratos, trasladada em vulgar com as notas da versão francesa, e do traductor português Antonio de Moraes e Silva e continuada até os nossos dias. Nova edição. Londres, na Off. de F. Wingrave — 1809, 8.°, 3 tomos.

Além duma grammatica portuguêsa e inglêsa, publicações sobre agricultura, escreveu regulamentos para a «Loja Luzitana», que fundou em Londres, tendo deixado inedito o seu Diario de Viagem a Philadelphia em 1798, o qual foi publicado na Rev. do Inst. Hist. do Rio de Janeiro, tomo 21.

José Agostinho de Macedo attribuiu-lhe a autoria das *Cartas sobre a Franc-Maçonaria*, que se dizem impressas pela primeira vez em Amsterdam, em 1803 e depois em 1805 datadas de Madrid, suppondo elle que esta edição fosse de Londres.

Innocencio, parece com asserto, põe em duvida que dessas publicações fosse o autor Hippolito, tendo estado preso na época em que sahiu a primeira edição.

Em 1823, antes de haver colhido os fructos da sua perseverança pela causa da libertação do seu paiz e o premio da constancia e desprendimento de que deu fartas provas na

lucta de largos annos, falleceu em Londres, cercado do affecto da familia que constituira naquella cidade.

Os adversarios descobriram-se respeitosos diante do homem superior que nesse momento entrava no tumulo, satisfeito do dever cumprido e gloriosamente. E não lhe regatearam os louros.

Este foi o necrologio que á ultima hora e já no prelo inseriu nas suas paginas a revista portuguêsa *O Padre Amaro*, n. XXXV, de Setembro de 1823, que então sahia em Londres :

> «Hippolito Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça, Commendador da Ordem Imperial do Cruzeiro, interinamente Encarregado de Negocios do Imperio do Brazil, em Londres. Redactor e proprietario do *Correio Braziliense*, falleceu em Kensington aos 11 de Setembro pelas cinco horas da manhã, em consequencia de uma molestia aguda que no decurso de seis dias occasionou a sua morte, sem que elle até o ultimo momento se persuadisse, segundo dizem, de que estava em perigo de vida. Esta ultima circumstancia seria, porventura, mais uma felicidade, ou mais uma desgraça deste homem celebre, pela alternativa de fortunas e contratempos, que nos ultimos 20 annos da sua vida o fizeram tão conspicuo á Nação Portugueza em ambos os mundos ?
>
> Seja como fôr, o certo é que H. J. da Costa considerado como homem de Lettras não era um escriptor ordinario nem póde ser indifferente á Nação Portugueza, por isso mesmo que o seu nome se acha enlaçado com os grandes acontecimentos que tiveram lugar durante um periodo de 15 annos, nos quaes acontecimentos elle teve parte activa, e quasi sempre desfavoravel.
>
> Estas considerações nos determinaram a traçar uma breve noticia da sua vida (como publicista) mas a falta d'espaço neste numero nos força a retardar a publicação».

No volume XXIX da sua revista escrevera elle sobre o reconhecimento das Americas Hespanholas pela Suecia e Estados Unidos :

«Emfim a causa Americana está decidida, e acabada nella a dominação Européa.

Temos vivido quanto basta, para morrermos satisfeitos, havendo testemunhado a liberdade geral daquella parte do mundo em que nascemos. Praza a Deus que della se aproveitem para bem. Da nossa parte temos feito ha vinte annos, quanto de nossos humildes esforços dependia para esse fim.

Os nossos votos acompanharão sempre aquelle paiz.

Já não nos restará pezar, se aqui acabarmos nossa carreira litteraria (N. de Julho, pag. 217).»

Esse prazer o teve de não cerrar os olhos, sem ter visto toda a America independente.

Escrevendo sobre José Joaquim Vieira do Couto, o mallogrado procurador do povo de Serro Frio: «E' morto o Couto; mas a sua memoria deve ser honrada como um dos martyres dos direitos da sua patria»; victima da calumnia, martyr da liberdade, Hippolito José da Costa aguarda ainda a sua consagração no bronze imperecivel.

CERTIDÃO

Certifico, em virtude do despacho retro, que a carta a que se refere o requerimento é do seguinte teor:

«Charo Mano do C. — Por cartas que tive dessa cidade e depois outras de Lisbôa, soube que havia sido nomeado Deputado em Côrtes pela provincia do Rio Grande; e tanto por seu respeito individual, como pela causa publica, peço a Deus que S. A. R. o não deixe partir para Lisbôa; pelo que respeita e por que vem ter um encommodo e despeza de sahir de sua casa; para logo voltar; pois se diz que as Côrtes acabarão em breve tempo, isto he, logo que tenham findo a Constituição e se procederá a novas eleições e assim terá de fazer uma viagem quasi em vão; pelo que respeita á causa publica; por que está demonstrado, que os Deputados do Brazil em Côrtes já de nada servem, senão de serem testemunhas de insultos, que fazem ao seu paiz, sem poderem remediar cousa alguma. Eu tenho feito um plano para a organização dos Correios, estradas, paquetes e colonização do Brazil por estrangeiros da Irlanda, Allemanha, etc.; sem que o Erario faça mais despeza, que uma bagatella em seu principio, e afim de que o trabalho desses colonos substitua o dos negros d'Africa.

Desejaria, pois, que vossê fallasse nisto ao Ministro da Guerra que muito bem me conhece, ou ao Ministro dos Negocios do Reyno, que não deixará de lembrar-se de meu nome; e se o quizerem eu lhe mandarei; e eu servirei nisso aqui, na promptificação da gente, eu irei lá pôl-o em execução, se julgarem proprio empregarem-me nessa repartição; pois estou resolvido a sair da Inglaterra, e ir viver e passar o resto dos meus dias no Brazil: pois já bastam 20 annos de exterminio em terras estranhas.

Eu intentava estabelecer-me no Rio Grande, na fazenda de nosso pay, mas voçe me diz que foi vendida; desejaria que voçe me mandasse dizer quem a possue e se seria possivel tornar a compral-a, e por quanto; porque eu logo que possa arranjar os negocios de minha familia e cobrar o que aqui tenho, no Brazil me vou estabelecer, e nenhum paiz me agrada mais do que o Rio Grande, e a cultura das terras para o que bem sabe tive sempre a maior inclinação. Comtudo, se depois que fallar aos Ministros no plano que

levo dito achar que pode servir á causa publica, ou n'isso lá ou em alguma commissão aqui, de mui bôa vontade applicarei a isso alguns annos mais; porque ainda não perdi o patriotismo, que sempre tive, e parece que quanto mais vivo em paizes estrangeiros, mais saudades tenho do meu, e a minha mulher, posto que ingleza, deleita-se com a idéa de ir para o Brazil. O que aprendi nos Estados Unidos sobre os planos de colonisação, e o que sei na Inglaterra sobre Correios, me fazem persuadir que o meu plano a esse respeito será bem succedido, se cahir em mão que queira ou saiba executal-o.

Admiro-me de que esse Governo ainda não tenha estabelecido um Agente com caracter publico, n'esta importante Corte; aonde o poderia fazer com summa facilidade; mas sobre isso nada quero dizer aos Ministros directamente, para não parecer intromettido; e já em outra precedente lhe lembrei a você essa idéa, que talvez a tenha apontado a quem lhe disse. Quando me escrever, póde dar as suas cartas a Mr. Standfart, que esta lhe entregará e elle m'as remetterá. Queira dar lembrança á Mana e receba de minha mulher os mais affectuosos cumprimentos.

Dê tambem os meus agradecimentos ao Marquez d'Anjeja pelas lembranças que me mandou por sua via e creia-me senpre seu Mano do C. — *H. J. da Costa Pereira.*

E para constar onde convier se passou a presente Certidão, na conformidade do artigo vinte e seis do Regulamento, annexo ao Decreto numero mil quinhentos e oitenta, de trinta e um de Outubro de mil oitocentos e noventa e tres. E eu Luiz Lisboa da Silva Roza, archivista o escrevi.

Archivo Publico Nacional, 31 de Janeiro de 1901. — O Chefe da 2.ª Secção, *Manoel José de Lacerda.*

Rio de Janeiro 31 de Janeiro de 1901. — Archivo Publico Nacional, em 31 de Janeiro de 1901.

DOCUMENTOS

Extracto da acta da 10.ª Sessão da Grande Loja «Poder Legislativo do Grande Oriente» realizada aos 16 dias do mez do 5.º anno da Verdadeira Luz de 5.822 (16 de Julho de 1822).

«Propoz...que na mesma occasião em que o Grande Oriente Brasilico se fizesse reconhecer do Grande Oriente Britannico, encarregasse ao seu Delegado naquelle Oriente da remessa de todas as instrucções e papeis concernentes ao systema maçonico dos 7 gráos, adoptado pelo Grande Oriente Brasilico.

«Idem...Que se mandasse carta de Delegado ao Maçon Hypolito.»

Livro de Ouro, N. 1.

Officio a D. Rodrigo de Souza Coutinho

Illmo. e Exmo. Sr.

Tomo a confiança de apresentar a V. Exa. a lista incluza que contem o estado actual das forças navaes Americanas; porque não tendo S. Magestade aqui agora Ministro ou outra pessoa que eu saiba, encarregada de fazer semelhantes avizos, penso dever remetter a V. Exa. informaçõens deste genero que podem prestar alguma utilidade.

Deus guarde a V. S.

New-Brunswick, 15 de Agosto de 1799.

Illmo. Exmo. Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho.

O mais obediente subdito

Hippolito José da Costa Pereira.

(Acompanha uma relação do estado actual da Marinha de Guerra nos Estados Unidos da America Septentrional).

Mss. do Archivo Publico Nacional, ns. 9 (21) — 1799.

Copia d'um officio de Rodrigo de Souza Coutinho a Cypriano Ribeiro Freire:

«Sua Magestade foi servido nomear ao Bacharel Hippolito José da Costa Pereira para a commissão que V. S. verá exposta na Instrucção de que lhe remetto copia, e como V. S. com as suas respeitaveis luzes pode melhor avalior a utilidade de que a mesma será ao Real Serviço se fôr bem executada, é inutil que eu me demore em expol-a, e bastará só que no Real Nome lhe recommende a auxiliar os trabalhos deste Moço que dá grandes esperanças, e que procurando facilitar-lhe os meios para a execução de tudo o de que vai encarregado, vigie tambem sobre a sua conducta, e informe sempre do modo porque elle se conduz, e como satisfaz aos importantes objectos que lhe vão tão recommendados. Devo tambem lembrar a V. S. que procure facilitar-lhe depois da sua viagem, e observaçoens nos Estados Unidos a sua passagem ao Mexico, e que lhe procure as necessarias recommendaçoens para que elle possa satisfazer tudo o que vae encarregado. Lisongeio-me e espero que V. S. satisfará as Reaes Ordens que lhe communico, e que concorra para a execução das grandes vistas que Sua Magestade tem em particular consideração.

Deus guarde a V. S. — Palacio de Queluz, aos 21 de Setembro de 1798. (Assignado) *D. Rodrigo de Souza Coutinho.*

Mss. do Archivo Publico Nacional. N. 9 (21) — 1799.

Memor. Forças Maritimas.

ALCIBIADES FURTADO.

(COPIA)

Para Hippolito José da Costa

Tendo Sua Magestade destinado a Vce. para ir procurar alguns productos e noções de uteis Culturas aos Estados Unidos da America e ao Mexico.

Foi a mesma Senhora Servida Mandar assistir a V. Mce. com huma ajuda de Custo de Duzentos mil réis, e com huma assistencia de seiscentos mil réis, que Sua Magestade poderá accrescentar, se V. Mce. houver de demorar-se mais de hum anno na sua viagem; o que parece não será necessario, e igualmente determinou que eu lhe desse as seguintes Instrucções:

Logo que V. Mcê. chegar a Filadelfia irá procurar o nosso Ministro Residente, Cypriano Ribeiro Freire; e entregando-lhe as Cartas, que leva para o mesmo, tanto minhas como do Sr. Luiz Pinto, lhe explicará toda a Commissão de que Sua Magestade o encarregou; e lhe dirá que tem ordem para que elle guie os seus paços, e o auxilie em todos os exames, tanto nos que ha de fazer nos Estados Unidos, como depois no Mexico, para onde S. S. deve procurar-lhe os meios de transitar, sem que possa dar a menor sombra de suspeita á Côrte de Madrid ou de Commerciante.

Nos Estados Unidos deve V. Mcê. procurar em primeiro lugar instruir-se com toda a exacção nas culturas e preparações do Tabaco da Virginia e de Maryland, e depois de tomar todos os conhecimentos que se houverem publicado nesta materia, deve V. Mcê. praticamente vêr tudo, examinando tambem com a maior individuação a Planta de Tabaco e se hé a mesma ou outra especie differente da que se cultiva no Brazil.

Todas as noticias theoricas e praticas que V. Mcê. puder haver e escrever sobre esta importante Cultura e preparação da Planta de Tabaco, V. Mcê. ás reunirá em fórma de Memoria, e as entregará ao nosso Ministro em Filadelfia juntamente com a boa semente que puder haver, e o encarregará de remetter logo, para que Sua Magestade possa principiar a tirar partido de sua Viagem, ainda antes que chegue aqui de volta.

Na despeza que V. Mcê. fiser com acquisição de Sementes, dará parte para que Sua Magestade ha mande logo abonar.

O mesmo que acabo de recommendar-lhe a respeito do Tabaco devo tambem diser-lhe a respeito da Cultura do Linho Canhamo, que Sua Magestade encarregou a V. Mcê. de examinar com a maior individuação, e exacção, assim como a qualidade do terreno em que elle produz melhor, e de tudo isso deve V. Mcê. recolher noticias theoricas e praticas, remettendo-as pelo methodo já dito e que sejam taes que nada deixem a desejar nesta materia.

Como a Cultura do Linho Canhamo alterna com a das Plantas Cereáes, e com as dos Prados, V. Mcê. mandará igualmente todas as observações que puder fazer sobre a Agricultura dos Estados Unidos, em que não deve esquecer-se de relatar o que vir sobre a Cultura das Batatas e das diversas Plantas destinadas a formar Prados Artificiaes, assim como a rotação ou alteração das diversas Culturas, sobre os Estrumes de que mais uzam e sobre a grandeza dos Productos que obtem.

Sobre este objecto lembra particularmente a Planta da *Guinea Grass,* de que se diz muito bem, e se V. Mcê. vir que os seus effeitos são taes como se publicão V. Mcê. deve mandar as suas Sementes juntamente com a discripção do modo porque se cultiva.

O mesmo digo a V. Mcê. sobre as outras Plantas destinadas a Prados Artificiaes.

Outro objecto muito essencial hé o das Arvores cultivadas nos Estados Unidos e particularmente o *Acer Sacharinum* de que se retira o Assucar; e Sua Magestade encarrega a V. Mcê. de examinar o producto desta Arvore e de referir o juizo que forma a respeito das vantagens que dá.

Tanto desta arvore como de todas as outras e Arbustos de que V. Mcê. puder obter as Sementes com a descripção das suas culturas deve tambem entregal-as ao nosso Ministro remettendo-me tambem a conta da despeza que fizer com este envio de sementes, que serão altamente muito interessantes, e mais fará o Reino do que para o Brazil, a excepção do Rio Grande, que é clima analogo do Reyno.

Depois de V. Mcê. haver assim satisfeito a Commissão de que vae encarregado para colher a conveniente instrução nos Estados Unidos da America, deve V. Mcê. procurar de accordo e auxiliado pelo nosso Ministro passar ao Mexico e uzando ahi de summa moderação e modo, e disfarçando o grande objecto que o leva aos Dominios Hespanhoes, deve V. Mcê. procurar instruir-se e traser as melhores Memorias, 1.º sobre a qualidade de Insecto, cujo germe forma a Cochonilha, e verificar se hé o mesmo que nos já temos no Rio de Janeiro e em S. Catharina; 2.º reconhecer e firmar-se bem no modo porque preparam as diversas especies de cochonilha e por-se bem no caso não só de informar exactamente do que ha nesta materia, mas ainda de executar depois todas as preparações; 3.º examinar bem o *Cacuts Cochelinifer*, em que se cria o insecto, e se hé a mesma especie que temos no Brazil; 4.º procurar mandar alguma porção consideravel da Semente do mesmo Insecto que possa logo remetter-se com a Instrução que V. Mcê. dirigir para o Rio de Janeiro e de que possa immediatamente tirar-se partido.

He inutil que eu recommende a V. Mcê. o interesse que haverá na boa e feliz exacção desta commissão, nem que lhe lembre o grande Serviço que vai fazer á Sua Augusta Soberana, e ao seu Paiz, e o reconhecimento que juntamente

pode esperâr por um similhante Serviço, e como espero de seu zelo e intelligencia.

V. Mcê. deve tambem examinar com olhos muito attentos o estado da Cultura nos Dominios Espanhoes; deve observar se ha em materia de Prados algumas Plantas desconhecidas que deêm uma maior vantagem; tanto das Plantas como das Arvores e Arbustos deve V. Mcê. procurar todas as Sementes que puder, e remetter as mesmas com os seus nomes, ou trazel-as quando aqui voltar. Se na sua viagem pelos Estados Unidos puder observar alguns trabalhos sobre os Mineraes, quaes o Ferro, ou nos Dominios Espanhoes sobre o Ouro e Prata, e puder fazer alguma descripção dos methodos por que as Minas são trabalhadas, e dos principios de economia tanto publica como particular, com que são regidas.

Sua magestade lhe manda muito recommendar que não deixe de trazer sobre estes objectos as noticias mais circumstanciadas.

V. Mcê. deve tambem não perder de vista todas as obras Hydraulicas que se lhe offerecerem, seja nos trabalhos feitos para ajudar ou melhorar a Navegação dos Rios, seja nos Canaes, seja em Maquinas; e de tudo isto deve V. Mcê. dar a melhor conta que puder; ajuntando as discripções do que puder observar com mais miudeza.

Eis aqui tem V. Mcê. exposto em breves palavras toda a Commissão de que Sua Magestade se dignou encarregal-o; e eu espero que V. Mcê. corresponda a justa expctação da Mesma Augusta Senhora, e a honra que recebe por huma similhante escolha.

Dos fructos que se forem experimentando dos seus primeiros trabalhos, logo que chegar aos Estados Unidos, dependerão os maiores favores que V. Mcê. então poderá esperar da Real Grandeza de Sua Magestade, e espero que as Relações que V. Mcê deve ir logo mandando serão escritas com tal clareza e methodo e exacção, que V. Mcê. poderá cada dia fazer-se mais digno da Real Consideração de Sua Magestade que hé e deve ser o principal voto de hum fiel e zeloso Vassalo, como V, Mcê. se tem sempre mostrado,

Deus Guarde a V. Mcê. Palacio de Queluz em 22 de Septembro de 1798 — *D. Rodrigues de Souza Coutinho.*

DIOGO ANTONIO FEIJÓ

Discurso feito em nome da Camara Municipal de S. Paulo

PELO

DR. ARMANDO PRADO

Socio effectivo do Instituto

DIOGO ANTONIO FEIJÓ

Senhores :

Venho, em nome da cidade de S. Paulo, receber a estatua do Padre Diogo Antonio Feijó, mandada levantar, com dinheiro do povo, por uma commissão de cidadãos que, por essa maneira, juntam mais um titulo de benemerencia aos muitos que já possuem.

O melhor modo de exprimir a gratidão da Cidade, neste instante, consiste em definir a significação que ella vê no facto da erecção deste monumento.

Diogo Antonio Feijó é um dos mais acabados productos da democracia brazileira, porque sahiu do berço mais humilde, que se possa imaginar, e, por força sómente do merito, subiu a ter o maior prestigio social e politico.

Nasceu elle em São Paulo. Era filho de paes incognitos. Fôra engeitado em caso do revmo. Fernando Lopes de Camargo, que lhe serviu de padrinho, no baptismo, em 1784.

Outro qualquer, na posição delle, enxergando nas baixas condições de uma tal origem uma causa de soffrimentos e de vergonhas, procuraria, por todos os modos, disfarçal-a. Elle, como que se vangloriando de ter ascendido do lodo ás estrellas, assim não procedeu ; antes, no seu testamento onde se encontra a idéa da emancipação do ventre escravo, se declarou natural de S. Paulo e filhos de pais incognitos.

Graças ao trabalho e ao merecimento, foi deputado, ministro da justiça, senador e regente do Imperio ; tornou-se digno da immortalidade e constituiu a todos os brazileiros na obrigação de lhe renderem á memoria perenne culto civico, porque, na mais arriscada crise da formação de nossa nacionalidade, elle salvou a patria, satisfazendo as aspirações federativas do povo e mantendo, ao mesmo tempo, milagrosamente, a unidade do Imperio, dentro dos moldes democraticos.

A vida publica veio recrutal-o em 1821.

Encontrava-o acrisolado pela pratica da virtude, pelo exercicio do trabalho e pela disciplina do estudo.

Dos mysterios de uma hereditariedade indefinivel e desconhecida, atravéz de uma educação cujos dados se ignoram, surgiu elle feito homem de notavel força physica, munido de uma intelligencia poderosa, enriquecido com um coração bem formado e, sobretudo, com uma vontade desenvolvida, forte até a rijeza e um tanto exaggerada na inflexibilidade.

Até então, a sua existencia se repartira entre os deveres de um obscuro ministerio sacerdotal e o acanhamento e os labores de um pouco rendoso professorado de francez, latim, historia, geographia, philosophia, logica e moral em Guaratinguetá, Parnahyba, Campinas e Itú. Dessa quadra de verdadeira preparação nos ficou, além dos optimos exemplos de sua vida, um tratado de logica e philosophia experimental, escripto com methodo e clareza, cheio de noções e doutrinas que elle, mais tarde, tratou de pôr em pratica.

Quando Diogo Antonio Feijó nasceu, o Brazil já não era mais uma colonia resignada ao despotismo da metropole.

O espirito de autonomia, cuja manifestação primeira é o episodio de Amador Bueno, estava organizado e, como um rio que vê suas nascentes brotarem em pontos de uma area immensa entre si afastados, approximava-se da foz, por onde desaguaria no oceano batido de luz da nossa independencia.

A aspiração dos brazileiros ao governo de si mesmos encontrou a sua primeira satisfação na sabia politica de D. João VI.

O bom rei portuguez, ao transferir-se do Rio de Janeiro para Lisboa, legou a emancipação politica á vasta colonia, já então nacionalidade capaz de arrebatar pela força o que lhe era outorgado como dadiva. O desejo da independencia que, até certo tempo, foi o da minoria culta, entrou a infiltrar-se nas camadas populares. E' que, para tornar-se accessivel á alma bronca do povo, assumira as feições do nacionalismo, do odio ao portuguez.

Diogo Antonio Feijó foi um nacionalista extremado. Homem vivo e ardente, como poderia occultar, ou torcer, os seus sentimentos e impressões? Divulgou-os com aquella franqueza que o notabilizava e ia até a inconveniencia. Essas opiniões, tão conformes ás vontades da epoca, a influencia que as virtudes, o saber e as funcções sacerdotaes haviam grangeado a Feijó, impelliram-no, em esplendida hora, para a actividade politica.

Em 1821, sahiu eleito deputado ás Côrtes Constituintes de Lisboa.

Não podia ser mais irritavel a discordancia entre Portugal e o Brazil. Num movimenso de cega e odienta reacção, a Metropole tentava empurrar o Brazil para traz, para o estado de colonia, com as provincias reduzidas ao governo feudal das capitanias de 1532. Appareceram, nesse momenmento, os deputados brazileiros, representantes das irrefreaveis aspirações autonomicas da patria nascente. A lucta, que era inevitavel, foi empolgante.

Quando ia mais travada, cahindo de toda a parte sobre os brazileiros os insultos e as ameaças, parecendo que, diante dellas, a energia dos combatentes novos ia empallidecer, Diogo Antonio Feijó pronunciou o seu primeiro discurso politico.

«Proponho, dizia elle, como unico meio de fazer parar o progresso das desgraças, que ameaçam o Brazil, como a medida mais segura para consolidar a reunião da grande familia portugueza e para dar ao mundo o irrefragavel testemunho de nossa prudencia, desinteresse e justiça:

1.º Que se declare que o Congresso de Portugal, emquanto se não organiza a Constituição, reconhece a independencia de cada uma das provincias do Brazil;

2.º Que a Constituição obrigará sómente aquella provincia cujos Deputados nella concordarem pela pluralidade de seus votos;

3.º Que as Côrtes prestarão todo o auxilio áquella provincia que se achar ameaçada de facções, sendo por ella requerido, com o fim sómente de a por na perfeita liberdade de escolher;

4.º Que se declare ao governo que suspenda todos os provimentos e qualquer determinação a respeito do Brazil, excepto quando lhe for legitimamente requerido por alguma provincia;

5.º Que os governos do Brazil onde se acharem destacamentos de Portugal, os possam fazer retirar desde que assim o julgarem ser conveniente.»

Senhores, a audacia era inexplicavel!

O Brazil, sem mais forças que o caracter de seus filhos, reclamava, em Lisboa, no mais inflammado da reacção, a independencia das suas provincias pelo direito de acceitarem ou não a constituição a votar-se.

Logo depois, os brazileiros, confirmando em parte as reivindicações do deputado de 21, respondiam ás violencias da Metropole com o — Independencia ou Morte — de Pedro 1.º, na collina do Ypiranga.

A primeira assembléa geral legislativa do Brazil reuniu-se dentro de uma atmosphera revolucionaria.

A maioria batia-se pela monarchia constitucional, segundo os moldes do regimen parlamentar inglez. O Imperador, empolgado pelo absolutismo, apartava-se cada vez mais da Camara.

Naquelle prelio de gigantes, avultou Diogo Antonio Feijó. A sua acção radical, transmittida atravez dos projectos relativos á eleição por circulos, á abolição das condecorações e do celibato dos padres, imprimia, (quem o disse foi Euclydes da Cunha) tonalidade expcionalmente revolucionaria em todos os debates.

Foi memoravel a discussão provocada pelo projecto que abolia o celibato clerical.

Feijó lançava as seguintes affirmações: é da primitiva attribuição do poder temporal estatuir impedimentos do matrimonio, dispensar nelles e derogal-os; á igreja sómente

compete estabelecer condições e regular as formas pelas quaes se possa, válida e licitamente, receber o sacramento; o contracto e o sacramento são essencialmente distinctos e muitas vezes estão e podem estar separados sem inconveniente algum.

Estas theses, de envolta com as quaes iam não só a preeminencia do Estado sobre a Igreja e a separação da igreja nacional, sinão tambem a instituição do casamento civil e sua primazia sobre o religioso, foram sustentadas com ardor e a teimosia que singularizavam o caracter de Feijó. Erudição, dialectica, muito geito para a polemica, eis o que o lidador revelou sob as formas de um estylo desataviado e negligente, porém vibrante, claro, agilissimo e certeiro nos golpes, como convinha a um homem resoluto e apressado.

«Sempre zelamos pouco de linguagem e do estylo, escreveu elle, de uma feita; gostamos de ser entendidos e isto basta.»

Quereis saber o que se propunha afim de compellir a Igreja a acceitar o audacioso projecto?

Nada mais nada menos do que isto: autorizar o governo a obter de Sua Santidade a revogação das penas espirituaes impostas ao clerigo que se casa, fazendo saber ao Santissimo Padre a necessidade de assim praticar, visto que a Assemblea não pode deixar de revogar a lei do celibato; marcar o governo ao nosso plenipotenciario prazo certo, e só o sufficiente, em que deve definitivamente receber da Santa Sé o deferimento da supplica feita; no caso da Santa Sé recusar-se ao requerido, o mesmo plenipotenciario declarar a S. Santidade, mui clara e positivamente, que a assemblea geral não derogará a lei do celibato, mas suspenderá beneplacito a todas as leis ecclesiasticas disciplinares, que estiverem em opposição aos seus decretos, mantendo o governo a tranquillidade e o socego publico por todos os meios que estiverem ao seu alcance.

No testamento, com que falleceu, Feijó insistiu na sua idéa. Não somente declarou que tudo quanto dissera e escrevera sobre a disciplina da Igreja fôra por zelo e affecto á mesma Igreja, mas tambem (e isto é expressivo) que desejava se removessem os obstaculos que, segundo mostrava a experiencia, se oppunham á salvação dos fieis.

Onde maior temeridade de pensamento, maior energia em sustental-o quando controvertido, maior afinco em pratical-o?

A pureza da vida privada de Feijó nunca foi seriamente discutida.

Advogando a causa da abolição do celibato clerical, não promovia interesses proprios nem compunha justificações para fraquezas que nunca lhe foram imputadas.

Senhores, a influencia europea foi notavel na formação do parlamentarismo brazileiro, cuja primeira crystallização se operou na Constituinte de 1823, onde appareceram as melhores illustrações e competencias do paiz.

Si a liberdade religiosa e a instituição do jury marcam o alto nivel a que a cultura e o liberalismo subiram os debates naquella mallograda assemblea, o voto de graças, redigido por Antonio Carlos, definiu-lhe a orientação politica.

«A assemblea, dizia o voto de graças, não trahirá os seus committentes, offerecendo os direitos da nação em baixo holocausto ante o throno de V. M. I., que não deseja e a quem mesmo não convem tão degradante sacrificio; nem terá o ardimento de invadir as prerogativas da Coroa, que a razão aponta como complemento do ideal da monarchia».

Estes limites não foram mantidos.

Tornada mais intensa pela irritação nacionalista e envenenada pelo militarismo interveniente, a opposição entre a camara e o Imperador degenerou na dissolução da assemblea, onde, pela primeira vez, falara e já altivamente a soberania nacional.

Porém, a mão pesada do absolutismo não teria forças para tolher a formação politica da nação, em marcha para a monarchia constitucional representativa.

O instincto nacional, ou, melhor, a razão esclarecida da minoria culta, detentora da politica e dos destinos da maioria inculta e composta de agrupamentos ethnicos sem cohesão historica, percebera que, só dentro daquella forma de governo, seria possivel manter integro o paiz e evitar-lhe a sorte das demais nações sul-americanas.

As intenções do Imperador, embora cortejasse elle o constitucionalismo e outorgasse a Carta de 1824, gisada segundo o projecto da Constituinte, ficaram desmoralizadas desde que contrastaram a corrente parlamentarista, lidima expressão das tendencias do paiz. Dahi veio que a abdicação resultou da dissolução da Constituinte. O 7 de abril de 31 proveio do 12 de novembro de 23.

A victoria da revolução é um lance decisivo da nossa historia.

A nação chegara a uma encruzilhada inevitavel: ou, com os exaltados, tomaria o rumo da republica, ou, com os moderados, ficaria no caminho da monarchia á moda ingleza.

A republica, por prematura, seria a ruina. Era indispensavel que o Brazil, sem longa preparação, não passasse do estado de colonia para o de povo investido do governo de si mesmo. Aliás, o seu futuro correria como o dos outros povos da America latina, que, no deslumbramento dos triumphos sobre a Metropole, não observaram o meio, em que viviam, nem o momento historico, que atravessavam, e se entregaram á traição das utopias.

A liberdade é arma que se quer em mãos experimentadas.

Uma roda de deputados, entre os quaes Evaristo Ferreira da Veiga, tivera intuição do desastre e resolvera combater a revolução, que, apeando do throno o Imperador, arriscava as instituições e implantava a anarchia.

O vendaval, apagada a luz que norteara e unira as

provincias, punha-as no risco tremendo de se separarem, tacteando na sombra.

Com forças que haviam concorrido para o movimento, formou-se o Partido Moderado, que manteve a continuidade monarchica, revestindo-a daquelle caracter democratico tão conforme ás inclinações do paiz.

Era genial a transacção.

A monarchia adeantava-se tanto, que invadia a zona illuminada pela idéa republicana.

Os moderados venceram os exaltados, dos quaes tinham sido companheiros na vespera; firmaram o que haviam concorrido para abalar; correram, antes voaram a alcançar o rochedo, que haviam sacudido do alto da montanha, e, no meio da encosta, puderam retel-o, para que não fosse esfarelar-se no fim do abysmo.

As duas figuras mais relevantes do Partido Moderado foram Evaristo Ferreira da Veiga e Diogo Antonio Feijó. Evaristo, tendo-se elevado da condição de livreiro obscuro á de personalidade primacial no jornalismo do tempo e no parlamento, foi o doutrinario da sua parcialidade. Não lhe era dado, porém, jugular a crise revolucionaria e militarista que, em som de guerra, occupara a praça publica. Isto seria a gloria intemerata do engeitado de 1784, de Diogo Antonio Feijó.

A nomeação delle para ministro da justiça, em 1831, collocou-o defronte da prea-mar da desordem.

Resoluto até a temeridade, teimoso até o emperramento, rapido nas determinações e fulminante no executal-as, desinteressado até a abnegação, infatigavel, austero e impassivel ao clamor dos descontentes, Feijó, eis o homem para a situação.

Dissolvendo o exercito indisciplinado, as suas mãos attingiram, no primeiro golpe, a garganta do monstro.

Foi assim que da revolta militar de 7 de abril não provieram os fructos azedos e venenosos do militarismo.

Restaurou-se a autoridade civil; concluiu-se o trabalho de Evaristo da Veiga; o principio monarchico e a integridade nacional salvaram-se.

A acção do ministro prolongou-se e envolveu a organização administrativa, escolar e financeira do Brazil.

Com uma das mãos Feijó extirpava as porções gangrenadas do organismo patrio, com a outra filtrava os tonicos garantidores da sua saude e desenvolvimento.

Não ha, pois, nenhum exaggero nestas arrebatadas palavras de Euclydes da Cunha:

> «Feijó, vindo de uma parochia de S. Paulo, dilataria em pouco tempo a sua individualidade sobre a amplitude indefinida da patria que se construia. Domina inteiramente o quadro. Recorda o heroe providencial de Thomaz Carlyle.»

Em abril de 1832, Feijó esmagou um motim organizado pela facção que pretendia restaurar Pedro 1.º no governo. José Bonifacio de Andrada e Silva tomara parte no levante.

O ministro da justiça, na sua marcha para o restabelecimento da ordem, não vacillou ao encontrar o vulto prestigioso do tutor do Imperador infante, cuja exoneração solicitou ao poder legislativo.

Vencedor na Camara, Feijó foi derrotado, por um voto, no Senado.

Abandonou, por isso, o ministerio e retirou-se para S. Paulo. Seguiram-no até Bemfica dezeseis pessoas, visto como, tendo elle retardado a hora da partida, desnorteou os que pretendiam acompanhal-o com suas homenagens.

No Pedregulho, avistou-se com a sua bagagem: duas canastras sobre o lombo de um burro, no lote de um tropeiro paulista, que lhe deu emprestado o cavallo em que regressou para a provincia natal.

Assim pobremente, democraticamente, viajava, em plena monarchia, o homem a quem se confiaram a fortuna e o futuro do Brazil!

No dia 12 de outubro de 1835, tomou posse do cargo de regente do Imperio.

A situação do paiz era lobrega.

Algumas provincias estavam insurgidas; outras ameaçavam fazel-o. A politica desbragava-se. O aspecto das finanças era pessimo. O governo não podia contar com o apoio do parlamento.

Quanto a Diogo Feijó, o cansaço, as primeiras aggressões da paralysia haviam inoculado o pessimismo em sua alma varonil.

«Ainda estou vivo, escrevia elle ao Marquez de Barbacena, em dezembro de 1835, posto que cada dia mais desacoroçoado de pôr a caminho esta machina desmantelada, onde faltam peças importantes para cuja factura não descubro por ora artifices».

Antes de assumir o governo, fez testamento e impoz condições em que manifestou sério temor pelo desmembramento das provincias.

Não obstante isso, entrou logo a trabalhar com o habitual ardor.

Augmentou as forças do exercito. habilitando-o para garantir a tranquillidade do Imperio. Atacou os movimentos insurreccionaes do Pará e do Rio Grande do Sul, procurando fazer pacificação sem o elemento das armas, como que convicto de que motins se reprimem com violencia, não assim repugnancias baseadas em principios que constituem a vida dos povos, como affirmaria mais tarde o manifesto dos revolucionarios de 1842. Regulamentou, não sómente os serviços de numeração e substituição de notas do thesouro, sinão tambem a instrucção primaria e a administracção das obras publicas municipaes da Côrte. Melhorou, por um lado, as

condições em que se arrematavam os serviços dos africanos livres, e, por outro, deu instrucções para que as provincias, seguindo o exemplo de S. Paulo, se organizassem conformes á reforma constitucional. Aconselhou e promoveu a colonização do paiz por estrangeiros, sem distincção de origem e religião; cogitou da cessação do trafico; organizou o policiamento da cidade; tornou livre o commercio de varios generos; reformou os serviços das alfandegas; tratou do montepio geral dos servidores do Estado; estabeleceu linhas de omnibus no Rio de Janeiro; animou a industria da moedura do arroz; diligenciou pela retirada do papel-moeda da circulação; desenvolveu o ensino agricola; alentou a catechese dos indios e engrandeceu a navegação de rios e mares.

O progresso do Brazil, até a epoca da Regencia, fôra politico e restringira-se á minoria culta que habitava o littoral.

Diogo Feijó foi quem impulsionou o desenvolvimento economico, financeiro e social do paiz.

Elle foi quem escreveu o primeiro numero do programma de levar a civilização ás populações do sertão. A primeira lei, que promulgou como Regente, foi a 31 de outubro de 1835, autorizando a construcção de uma estrada de ferro que ligasse o Rio Janeiro ás provincias de Minas Geraes e São Paulo.

Affirma Euclydes da Cunha que, por essa maneira, elle descobria o meio para remover-se em parte uma fatalidade resultante da nossa amplitudade e impenetrabilidade continental, devido á qual a civilização tinha parado na minguada zona littoranea, deixando na penumbra os planaltos e criando uma tremenda incompatibilide entre as populações abeiradas do mar e os rudes patricios que, no isolamento das chapadas, se afundavam na ignorancia, na indolencia e na barbaria.

Os planos precursores concebidos por Feijó, o foram prematuramente. Ficou-lhe, porém, segundo a opinião do escriptor dos *Sertões*, a gloria de haver adivinhado esse antagonismo formidavel do deserto e das distancias, que ainda hoje tanto empece o pleno desenvolvimento da vida nacional.

Certa vez, Diogo Feijó redigiu e fez publicar no *Correio Official* um artigo onde declarava que, a persistir a Camara nas suas pretenções de influir no governo, o Regente se resolveria a exercitar todas as funcções do poder moderador, embora houvessem sido limitadas, pois «o poder executivo devia ser independente do legislativo e não sujeitar-se a maiorias de camaras, que eram varias e caprichosas».

A ameaça de dissolver a Camara era positiva.

Desajudado dos conselhos de Evaristo da Veiga, já então morto, Feijó dava largas ao seu temperamento autoritario e reproduzia os gestos de Pedro I, nas vesperas da abdicação.

A attitude era contradictoria e insustentavel.

No *Golpe de vista sobre o estado actual do Brazil*, publicado no periodico — *O Justiceiro* — Feijó censurava a

Pedro 1.º o ter-se alimentado com o leite do despotismo. E' de Feijó o seguinte periodo: «A obediencia cega nos subditos; uma representação acanhada e sempre curvada ao monarcha; uma constituição dictada por elle; instituições que formassem uma monarchia forte sobre formulas representativas, eis o que se meditava e tratava de pôr em pratica por fas ou por nefas.» São ainda de Feijó as linhas que passo a reproduzir. «O monarcha já se tinha familiarizado com as doutrinas favorecedoras do despotismo; achava-se industriado nos planos anteriores, para poder facilmente mudar de conducta, e acostumar-se com linguagem que outr'ora se lhe fez parecer tão insolente: dissolveu a Assembléa Constituinte; deportou deputados, que lhe eram suspeitos ou temiveis; fez retirar para fóra desta provincia cidadãos pacificos que nenhuma relação tinham com esses seus antigos privados; tomou uma attitude militar e ameaçadora. Debalde offereceu uma constituição mais liberal que a projectada no Apostolado e mil protestos com sua constitucionalidade: o attentado era horroroso para que o Brazil deixasse de estremecer á vista delle.» E era o mesmo Feijó quem se propunha dissolver o parlamento!

Oliveira Lima disse que os revolucionarios no poder invariavelmente se fazem autoritarios e quasi nunca chegam a tornar-se populares.

Foi o que succedeu com Diogo Antonio Feijó.

Mas, uma vez que elle atacava o systema politico do paiz, seria sacrificado como o fôra o primeiro imperador.

A lucta parlamentar avigorou-se.

A opposição, sob o fogo da paixão partidaria, numa ancia crescente de ir ao poder, passando sobre os liberaes, impugnava as medidas mais salutares, hostilizava os planos ainda os mais patrioticos.

Não podendo governar e não querendo transigir, Feijó reuniu os amigos e, vendo que nenhum lhe queria herdar o cargo, renunciou-o em favor de um adversario politico—Pedro de Araujo Lima.

Cedia sem curvar-se.

Num manifesto que logo fez espalhar, exclamava elle:

> «Brazileiros!
>
> Por vós subi á primeira magistratura do Imperio, por vós desço hoje desse eminente posto.
>
> Ha muito conheço os homens e as cousas. Eu estava convencido da impossibilidade de obterem-se medidas legislativas adequadas ás nossas circumstancias, mas forçoso era pagar tributo á gratidão e fazer-vos conhecer, pela experiencia, que não estava em meu poder ácudir ás necessidades publicas, nem remediar os males que tanto vos affligem.
>
> Não devo por mais tempo conservar-me na Regencia; cumpre que lanceis mão d'outro cidadão

quê, mais habil, ou mais feliz, mereça as sympathias dos outros poderes politicos.

Eu poderia narrar-vos as invenciveis difficuldades que previ e experimentei; mas para que ?

Tenho justificado o acto da minha espontanea demissão, declarando ingenuamente que eu não posso satisfazer ao que de mim desejaes.

Entregando-vos o poder, que generosamente me confiastes; não querendo por mais tempo conservar-vos na expectação de bens, de que tendes necessidade, mas que não posso fazer-vos; confessando o meu reconhecimento e gratidão á confiança que vos mereci, tenho feito tudo quanto está de minha parte.

Qualquer, porém, que for a sorte, que a providencia me depare, eu sou cidadão brazileiro, prestarei o que devo á Patria».

A sahida de Feijó, depois da qual, por uma dessas inconsequencias de que a politica é fertil, o governo pedia á camara aquillo mesmo que fôra negado ao Ex-Regente, isto é, força, dinheiro e arbitrio, encerra o cyclo historico do Partido Moderado, que, sacrificando os Exaltados, produziu a desunião do liberalismo e do ideal republicano, operou a genial composição entre a monarchia, indispensavel á manutenção do territorio nacional, e o sentimento democratico, radicado no povo.

«Os homens, diz Joaquim Nabuco, tinham nesse tempo outro caracter, outra solidez, outra tempera; os principios conservavam-se em toda a sua fé e pureza; os ligamentos moraes que seguram e apertam a communhão estavam ainda fortes e intactos, e por isso, apezar do desgoverno, mesmo por causa do desgoverno, a Regencia apparece como uma grande época nacional, animada, inspirada por um patriotismo que tem alguma coisa do sopro puritano. Novos e grandes moldes se fundiram então. A nação agita-se, abala-se, mas não treme nem definha. Um padre tem a coragem de licenciar o exercito que fizera a revolução, depois de o bater nos seus reductos e de o sitiar nos seus quarteis, isto sem appellar para o estrangeiro, sem bastilhas, sem espionagem, sem alçapões por onde desapparecessem os corpos executados clandestinamente, sem pôr a sociedade inteira incommunicavel, appellando para o civismo e não para uma ordem de paixões que tornam todo governo impossivel. Os homens dessa quadra revelam uma grande virilidade e energia superior, sentindo-se somente incapazes de organizar o chaos; ao mesmo tempo todos possuem uma integridade, um desprendimento absoluto. As lutas, os conflictos, a agitação dos clubs, todas as feições da epoca são as de uma democracia antiga, antes da corrupção invadil-a».

Diogo Antonio Feijó tomou parte na sedição de 1842. Aliás, elle sempre fôra um rebellado.

Si, no poder, jugulou a revolução, foi porque comprehendeu esta verdade, que Joaquim Nabuco synthetizou nesta phrase :

> «A fatalidade das revoluções é que sem os exaltados não é possivel fazel-as e com elles é impossivel governar».

A volta ao poder do Partido Conservador. depois do despique liberal do Maioridade, produziu a insurreicão de 1842, cujos fins eram alcançar do Imperador demittisse o ministerio e sobrestivesse na execução das leis reformadoras do Codigo do Processo Criminal e criadoras do Conselho de Estado, tidas por inconstitucionaes.

O verdadeiro movel, porém, era a reconquista do poder pelos liberaes decahidos.

Em S. Paulo, a revolta, além do mais, se propunha depôr o Presidente Barão de Mont'Alegre, chamando o Presidente Bahiano por Feijó, cujo bairrismo ia ao ponto de iniciar proclamações por esta fórma : «Diogo Antonio Feijó, do Conselho de Sua Majestade, Grão Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro, Senador do Imperio, e por mercê de Deus — Paulista».

A sedição rompeu em Sorocaba, sendo Raphael Tobias de Aguiar acclamado presidente interino pelos insurgentes.

O primeiro gesto de desobediencia consistiria em impedir a posse das novas autoridades, nomeadas em virtude da lei de 3 de dezembro de 1841.

Tudo estava resolvido quando os rebeldes, entendendo que o nome de Feijó lhes emprestaria grande força fóra da provincia, levaram os factos ao conhecimento do Ex-Regente, que logo, acceitou a tarefa.

O movimento estava fadado a abortar. A revolução, mal preparada, teve logo conhecidos e tomados os seus primeiros passos. Os rebeldes, bisonhos cidadãos sem instrucção militar, agarrados á força ou por meio de astucias e enganos, não obedeciam a um pensamento capaz da enthusiasmar. Impeto de politicos despeitados pela perda do poder, a revolução não podia interessar, como não interessou, a população de uma provincia que, na phrase intelligente de Raphael Tobias, «era acostumada a longa paz e dada á agricultura, commercio e artes de sua vida privada».

Penetrada pelo desanimo, desmoralizada pelo atropelo das decisões, vacillante nas determinações de seus chefes, combatida pela população em maioria ordeira, a sedição desfechou no desastre da madrugada de 28 de maio, quando junto á villa de Pinheiros, ao verem os soldados de Caxias, os rebeldes da Columna Libertadora, depois de ligeiro tiroteio, debandaram cheios de terror panico.

A 7 de junho, na derrota da Venda Grande, a revolução perdia as ultimas energias.

Feijó estava em Sorocaba.

Fôra elle um dos raros que não occultaram, afim de reunir gente, os verdadeiros fins do levantamento. Elle foi tambem um dos illudidos. Esconderam-lhe o mais negro dos acontecimentos; não lhe disseram os temores, as fraquezas e o desalento da gente de Raphael Tobias; não lhe contaram que o governo crescia sobre a revolta, que já se encolhia, medrosa. Para Feijó, a Columna Libertadora continuava a ser um grosso feixe de paulistas viris, possuidos de ardor por uma causa e em marcha, de victoria em victoria, sobre o solo alvorotado da provincia.

A verdade, porém, logo se fez.

Abandonado em Sorocaba, sentindo cahir sobre seus hombros atlanticos todo o volume das responsabilidades, Feijó era o unico insurrecto que permanecia na linha. O desastre não o abateu. Emquanto os companheiros se alargavam pela provincia em busca de esconderijos, elle, sobre a rocha viva da sua energia, fazia imposições ao vencedor.

Eis uma carta que escreveu nessa occasião:

« *Illmo. e Exmo. Snr. Barão de Caxias.*

Sorocaba, 14 de junho de 1842.

Quem diria que em qualquer tempo o Sr. Luiz Alves de Lima seria obrigado a combater o Padre Feijó?

Taes são as coisas deste mundo!

Em verdade o vilipendio que tem o governo feito aos Paulistas, e as leis anticonstitucionaes da nossa assembléa me obrigaram a parecer sedicioso. Eu estaria em campo com a minha espingarda, se não estivesse moribundo; mas faço o que posso. Porém, alguns choques tem já produzido o espirito de vingança e eu temo que o desespero traga terriveis consequencias; e como persuado-me que Sua Magestade Imperial ha de procurar obstar as causas que derão motivo a tudo isto, lembra-me procurar a V. Ex.ª por este meio e rogar-lhe a seguinte acomodação que he honrosa a Sua Magestade Imperial e a Provincia; e vem a ser: Primeiro — cessem as hostilidades; — retire-se da Provincia o Barão de Monte-Alegre, e seu Vice-Presidente, até que sua Magestade nomeie quem lhe parecer; e a Provincia pede a V. Ex.ª que interceda perante o mesmo Senhor, para que não nomeie socio, amigo ou alliado de Vasconcellos: Segundo — que a lei das Reformas fique suspensa até que a Assembléa receba a representação que a Assembléa Provincial dirigiu a mesma sobre este objecto: Terceiro — Que haja

amnistia geral sobre todos os acontecimentos que tiverão logar e sem excepção; embora seja eu só exceptuado e se descarregue sobre mim todo o castigo, etc.

Deos felicite a V. Ex.ª como deseja quem hé de V. Ex.ª Amante e obrigado servidor

DIOGO ANTONIO FEIJÓ.»

Os revolucionarios nunca haviam exigido tanto.

A carta, que eu li, é o documento humano de uma energia que nós outros, productos de uma epoca de desfallecimentos, talvez achemos incomprehensivel e ridicula.

A alma de Feijó, dentro de um corpo prostrado pela molestia, assistia de pé ao desabamento. Era feita de um extranho metal, privado de ductilidade.

Amparando o seu procedimento com o principio ultra-republicano do direito de revolução contra os actos do despotismo, não fraqueou nem se desculpou.

«Eu declaro ao senado e á nação, disse elle, ao defender-se, que em verdade eu não fui *cabeça,* nem ao menos *autor* do movimento revolucionario de São Paulo; mas que approvei-o; que adheri a elle; que desejava que elle fosse feliz, e que para esse fim escrevi e dei alguns passos depois do seu rompimento: eu estava e ainda estou profundamente convencido que a isso era eu obrigado pelos juramentos que prestei; que, se o que eu fiz todos fizessem, se todos fossem fieis aos juramentos prestados á constituição do estado, nunca haveria movimentos revolucionarios, porque os que ousassem lançar sobre ella mãos sacrilegas, se acharião sós, e cahirião cobertos de maldições e desprezo, quando não soffressem as penas da lei: eu penso que, se uma nação é tal que vê submissa a violação de suas instituições, é ella indigna de ser nação livre; é já escrava, e se já não tem senhor, terá o primeiro que o queira ser: entendo portanto que não é só direito, mas sim dever de todos que prezão os foros e dignidade de cidadãos livres oppor-se ás infracções da constituição de seu paiz não só por todos os meios que lhe facultão a constituição e as leis, como tambem, faltando estes, por todos os outros que lhe restem... que, para conseguir e consolidar as instituições em um paiz, é indispensavel nelle esse sentimento geral e instinctivo de resistencia á tyrannia a qual existe toda vez que se viola a constituição; que, emquanto esse sentimento não estiver infiltrado nos animos, radicado nos espiritos, a liberdade será apenas nominal; que é só depois que tal foi a religião politica de Inglaterra que ella tem tido estabilidade, e apresentado ao mundo admirado o espectaculo de sua grandeza e de sua gloria; que é por isso que se acha consignado em nossas leis o direito de resistencia ás ordens illegaes, sem o que seria fantastica e chimerica nossa forma de governo».

Na opinião do Padre Feijó, a revolução era o exercicio de um direito: não tinha porque envergonhar-se nem desculpar-se delle.

No momento em que a illusão se esvaneceu, elle, sosinho, vendo esfumarem-se em attidudes de fuga as silhuetas dos que haviam levantado e composto a Columna Libertadora, revelou-se na immensidade de sua altivez, de sua abnegação, de sua tenacidade.

Não era dos que tapam os ouvidos para não escutarem os berros da tempestade.

Certo dia, Caxias foi á casa onde elle se achava.

— Quero, disse, falar com o sr. Senador Feijó.

Logo em seguida, o vencido, presa uma perna pela paralysia, entrou na sala, caminhando com difficuldade.

— Só o dever de soldado, accrescentou Caxias dirigindo-se a elle, me impõe o doloroso dever de vir prender ao Sr. Senador Feijó, um dos chefes do movimento revoltoso. Convido-o a acompanhar-me.

— Estou ás suas oidens, respondeu Feijó.

— Quer V. Ex.ª dar algumas providencias, ou levar alguns objectos para o Quartel General, onde tudo falta?.

— De nada precizo, rematou o preso, apenas de uma esteira.

Diogo Feijó que, segundo a narrativa do Conselheiro Marinho, "no ultimo e desesperado momento, tomou sobre si todas as consequencias do movimento e com generosidade se sacrificou, conhecendo bem as garras entre as quaes se mettia foi posto em uma caleça, e, guardado por numerosa escolta, caminhava para S. Paulo, levando sobre o semblante os traços de uma alma impassivel na desgraça e os signaes de uma consciencia tranquilla, pela convicção de haver fielmente preenchido o seu dever.

Verificando o governo que a presença de Feijó em São Paulo era perigosa, determinou se recolhesse ao Rio, de onde sahiria para o Espirito Santo. O velho estadista, que nunca fôra um resignado e que, acceitando todas as consequencias das idéas que punha em pratica, as defendia teimosamente e se irritava quando havia opposição, retirou-se protestando fazel-o, " não por obediencia á ordem illegal e anticonstitucional, que recebera, mas para evitar sómente maiores violencias, á vista da ameaça do emprego da força contra um homem que era habitual e gravemente enfermo.»

Conta-se que, a bordo, durante a travessia de Santos ao Rio de Janeiro, o Senador Vergueiro que tambem seguia preso, atenazava o seu companheiro de infortunio, perguntando-lhe constantemente:

— O que vae ser de nós, Feijó?

Feijó não attendia. Mas chegou uma vez em que, azoinado, respondeu:

— Não sei. Mas, si eu fosse governo, o menos que faria era cortar a çabeça aos chefes de sedição.»

Todos sabem que, em relação a Feijó, os acontecimentos de 42 se encerraram completamente com uma absolvição pronunciada pela Camara Vitalicia, ao fim de longas discussões.

Eis aqui, em traços breves, a biographia de Diogo Antonio Feijó, que falleceu em São Paulo, a 10 de novembro de 1843 e, desacompanhado dos abundantes necrologios que tantos mediocres hão despertado, foi sepultado na igreja do Carmo, de onde seus despojos foram depois transferidos para lugar que hoje se desconhece.

Setenta annos durou o processo a que se subordinaram as acções do Padre Feijó. E'-lhe favoravel o julgamento da posteridade. O praso foi longo. A sentença poude sahir amadurecida e inappellavel. O premio, que lhe não deram em vida, vae recebel-o agora nesta estatua, cujas linhas elegantes e majestosas encerram uma consagração nacional justa, sincera, indiscutivel e opportunissima.

Porque somos liberaes e democratas e queremos a integridade territorial do paiz e o seu progresso perfeito sob o predominio da autoridade civil, erigimos este monumento ao homem que, sahido de obscuro berço, garantiu a estabilidade da lei, deu exemplos de culto á liberdade, salvou a união do Brazil, sobrepujou as idéas do seu tempo, foi um caracter intemerato e demonstrou que a nossa raça tambem é capaz de produzir nomes que augmentem e illustrem as galerias de Plutarcho.

XIRIRICA

Evaporundyba e Yporanga

PELO

DR. EDMUNDO KRUG

Socio effectivo do Instituto

I

XIRIRICA

Parece q' se viciou o nome deste Bairro, donde a Freguezia tira o seu, quando alguns Antigos chamáo Ribeiráo da Tiririca, ou do Tirirical, que diz — taquáras que cortáo, ou feixos de taquáras que cortáo, a que chamáo jayvaras, creciymas da Lingua original.

Do «Livro do Tombo»

Quem não terá um sorriso nos labios, ao ouvir pela primeira vez este nome exquisito!

Mal sabem, porém, taes maliciosos que a esta cidade, assim como a quasi todos os logares situados nas margens da Ribeira, está reservado um bello futuro.

Cidade de aspecto variado pela quantidade de morros que a cercam, cortados pela majestosa Ribeira, que dão uma nota alegre ao conjuncto harmonioso de toda a paisagem, não é tão antiga como talvez se presuma.

Rebuscando os antigos livros da igreja, ahi ainda existentes, achei uma infinidade de documentos, que mais adiante passarei a transcrever. Delles deduzir-se-á como foram fundadas a actual cidade e a antiga freguezia, situada dois kilometros distante daquella.

Quanto ao logar actual, existe ahi uma rua que corre parallela á Ribeira; destacando-se della, perpendicularmente, outras transversaes, que, com uma subida mais ou menos forte, vão dar a uma segunda e terceira ruas, parallelas á primeira, nas quaes existem as melhores casas e mais bem sortidos armazens.

Num vasto largo encontra-se uma nova igreja, ainda por acabar, e logo atraz desta as ruinas de uma outra, da primeira matriz construida na actual Xiririca, que, devido aos grossos e possantes muros, devia-se presumir ter sido uma invencivel fortaleza.

Atraz destas ruinas, no sopé de um morro, existe pequena capella que geralmente está adornada de flores naturaes. E' ahi que começa o caminho que vai ter ao cemiterio, collocado no cume da mesma colina.

Neste logar de eterno descanso jazem os restos mortaes de Henrique Bauer, que morou por muitos annos em Jurú-Mirim e estudou a Ribeira, a fundo, levantando a sua carta, colleccionando e analysando minerios e galgando morros, afim de poder fazer uma propaganda séria da fertilissima zona.

Do alto do cemiterio desenrola-se adiante dos olhos do excursionista majestoso panorama de successivas cadeias de montanhas que desapparecem no infinito azul.

D'ahi, em direcção rio abaixo, se vê o Vutupóca, morro de 600 m. de altura, mais ou menos, que se presume ter sido vulcanico e no qual, conforme os ditos de pessoas de meu conhecimento, se diz que ha fontes de agua quente. (*)

De clima quasi tropical, é o terreno excellente para o cultivo de cacáo no nosso Estado; por estar situada na bôa estrada de rodagem que, vindo de Cananéa e passando pela Barra do Bananal, vai ter a S. José do Paranápanema, é apropriada para o desenvolvimento racional de uma lavoura ou criação lucrativa; por ser logar de passagem forçada de canoas que vêm, Ribeira acima, para descarregar suas mercadorias no vapor fluvial que ahi atraca, está destinado, quando se cogitar em dar credito ás minhas palavras e o governo se dispuzer á uma propaganda séria da zona, a ser um importante fóco commercial.

Pois bem, para que aquillo que hoje ainda é legivel, mas que mais tarde não o será, para que aquilio que já está sendo carcomido pelas traças fique reservado para a posteridade — os documentos referentes á fundação do logar — resolvi na minha ultima viagem á bella zona, demorar-me alguns dias mais em Xiririca para procurar documentos historicos e publical-os.

Naturalmente foi pelo *Livro do Tombo* que procurei, cujo livro tive a grande felicidade de obter por intermedio de meu amigo sr. Coronel Joaquim Brazileiro Ferreira, que com tanta amabilidade me facultou um ameno trabalho.

O *Livro do Tombo* é o antigo livro da igreja onde se lançavam os mais importantes acontecimentos referentes ao logar e outros assumptos de interesse geral. Mas qual não foi a minha surpreza, quando, revendo-o, tive de verificar que o verdadeiro livro se tinha extraviado e que este era uma segunda edição, bem imperfeita, do primeiro!

Note-se que os primeiros documentos ahi escriptos são de uma clareza extraordinaria, com bellissima e invejavel calligraphia, tornando-se os seguintes, peiores, e até illegiveis os ultimos.

Foi obra iniciada por um tal padre Mendonça.

O primeiro documento, a abertura do livro, refere-se ao primeiro *Livro do Tombo* e, sendo bastante interessante, transcrevo-o em seguida:

(*) *Tem Ribeirão, que corre da parte de hú grande Morro q' tem este Nome, o qual diz — Morro q' estala, que arrebenta. (Do Livro do Tombo).*

«Joaq^{m} Julio da R^{m} Leal, Presbitero Secular, Cavalheiro da Ordem de Christo, Cap^{m} Confirmado do Real Collegio de Paranágoa, Vigario Collado da Parochial Egreja Matriz de N. Snr^{a}. do Rozario da mesma Villa de Paranágoa, n'ella e sua Comarca, Vigario da Vara, Juiz dos Casamentos, e Reziduos, Examinador Synodal do Bispado de São Paulo, e Visitador Ordinario das Comarcas da Marinha do Sul, do dito Bispado de S. Paulo, pelo Exmo e Rv^{m} S. D. Matheus d'Abreu Pereira, Bispo Diocezano, etc. etc.

«Faço saber ao M. R. Sr. Vigario Collado de Xiririca José Francisco de Mendonça, que revendo os Livros desta Igreja achei o Livro do Tombo cheio de furames, encontrando n'elle, já Pastoraes, já Capitulos de Vizita, já Propostas, e Ordens, q' mais se deve chamar confusa Micilania, e não Livro do Tombo, alem dysto, vi no dito Livro, Pastoraes tão antigas, como são as do Exmo Snr. D. Frei Antonio d'Aguadalupe. D. Frei João da Cruz, e do Sn^{r} D. Bernardo primeiro Bispo de S. Paulo, quando alias só devião estar copiadas as Pastoraes dos Ex^{mos} Prelados desde o tempo q' principiou esta Freguezia, a ser Parochia : igualmente vi q' as mesmas ordens dos M. R. Vigarios da Vara, sendo posteriores a muitas Pastoraes, eram escriptas primeiro do q' as Pastoraes antigas, tudo sem methodo, e só com dezaranjo e notavel dezalendo, para de hoje em deante remedear este mesmo dezaranjo, rubriquei este Livro, para servir de Tombo d'Igreja de fls. 1 a de fls. 128, Até o fim, para as Pastoraes dos Ex^{mos} e Rev. Prelados, e Rv^{s} Vizitadores, visto que o Livro das Pastoraes está cheio de nodoas, e manchado, e por isso incapaz de continuar a servir, por embeber tinta, e ficarem as Letras apagaveis, e se não entenderem nos vindouros tempos. Neste Livro do Tombo escreverá M. R. Sr Vigr. com o seu continuado aceyo, clareza, e methodo, a fundação desta Freguezia, procurando dos Homens mais antigos, q' Homes forão, os que Levantarão a primeira Capella ; e seus nomes dos mais conhecidos habitadores da quelle Tempo. A demembração da Villa de Iguape no tempo do Exmo Sr. Bispo D. Frei Antonio da Madre de Deus e a Copia de tudo o que está escripto de fls. 5 até fls. 6. Igualmente os nomes d'Orago da sua Freguezia ; quantas Igrejas se tem feito desde a sua fundação : os Altares que tem, os Santos, e os que annualmente se festejam : suas Alfayas e Paramentos, Vida e costumes : Os termos dividentes, seus nomes quer da Ribeira acima, chamado Pilloens, quer Ribeira abaixo : a extensão em Legoas, que tem a Freguezia, o nome de todos os Bairros d'ela, as Fazendas mais notaveis, o numero de Engenhos, e os Senhores dos ditos Engenhos : o Patrimonio da Matriz : a Fundação da Capella filial de Ivaporandyva, quem a fundou, se tem patrimonio, e em que anno se principio a celebrar nella ; a Copia do Requerimento exarado no Tombo antigo Fs... Quem foi o seu primeiro Parocho desta Freguezia, quantos tem havido encomendados ; seus nomes,

e patria; o bem que fizerão para augmento da Freguezia: quem foi o primeiro Vigario collado, seo nome e patria; Copia da Carta da sua Collação: quem foi o primeiro Vigario da Vara; Copia da Reprezentação do R^{m} Vizitador ao Exmo Prellâdo para a desmembração da Vara: Copia da primeira Provizão de Vigario da Vara, Copia do Termo q' se passou em vizita para a fundação da Nova Igreja Matriz, e finalmente numero de Fogos, pessoas de Confissão, do numero de habitantes; o Comercio, q' plantassões, importação e exportassão. Igualmente escreverá tudo o mais notavel q' tem acontecido desde a fundação desta Igreja, o que se poderá saber, inquirindo dos homens mais antigos, e o que for acontecendo de hoje em diante de mais memoravel, para se não perderem os acontecidos feitos, da Lembrança dos homens pois só deste modo se conservarão, apezar da edacidade dos annos. Bem sei, que este trabalho hé grande, porem são mayores os talentos, e scientificos conhecimentos do M. R. Parocho actual: e como hé primeiro Vigario Collado desta Matriz, elle tambem deve ser o primeiro com toda clareza, ordem, e com methodo, deve esclarecer, e avivar o que si de todo esquecido. O Livro do Tombo antigo, sirva só para os Capitulos de Vizita. Assim escrupulozamente se observe, emquanto os Ex^{mos} e R^{mos} Prellados não mandarem o Contrario.

Xiririca, em Visita aos 8 de 7b^{ro} de 1819.

O Viz^{or} Joaq^{m} Julio da R^{m} Lêal

O antigo *Livro do Tombo*, como se deduz deste documento, continuou a servir para receber os *Capitulos de Vizita*, mas estando *cheio de furames*, quer dizer, de furos feitos pelas traças, cujos estragos se alastraram, desappareceu finalmente, não se sabendo hoje o que n'elle se continha. Foi uma pena, mas assim acontece com os *cacarecos* que, atirados ao lado, depois de servirem durante annos e annos, desapparecem por completo.

O Padre Mendonça, ou por mera curiosidade ou por querer agradar ao seu supérior em ordens, começou a investigar, ponto por ponto, o prescripto no documento que acabei de transcrever.

Começa elle o novo *Livro do Tombo* com o seguinte documento:

Origem, e Fundação desta Igreja e Freguezia de N. Senhora da Guia de Xiririca

«Das memorias ainda existentes e incontestaveis desta Freguezia consta que aos 16 de Janeiro de 1757 alguns dos principaes moradores Desta Ribeyra acima, então Freguezes da Villa de Iguape, no bairro de Jaguary, hu dos mais an-

tigos d'esta Freguezia, passarão a Escriptura de Patrimonio da primeira Capella, que fundarão debaixo da Concessão do Excellentissimo e Reverendissimo Prelado Dom Fr. Antonio da Madre de Deus Galvão deste Bispado de Sam Paulo; e que passados Seis annos, depois de fundada a Capella, foi esta desmembrada da Igreja Matriz da referida Villa de Iguape por Sentença do mesmo Excellentissimo e Reverendissimo Prelado de 19 de Janeiro de 1763. Sendo em todo este espaço Vigario Collado da referida Villa de Iguape o Muito Reverendo Antonio Ribeiro». »

Quem fez o primeiro donativo para ser constituido o patrimonio da Igreja? A resposta nol-a dá o § 3.º cujo documento foi extrahido pelo Padre Mendonça, do *Livro dos Capitulos das Vizitas*, que diz: Forão Romão de Veras e seu irmão Severino de Veras com as suas mulheres Maria Rodrigues de Vasconcellos e Maria de Oliveira que fizerão o donativo de *duas moradas de cazas mixtas, cubertas de telha que tinhão comprado a João de Pontes e Antonio de França, dando as para Patrimonio para Se conseguir o estabelecimento de hũa Capella neste Rio da Ribeira, onde a querem erigir os moradores do ditto Rio para remedio espiritual de suas almas.*

A respectiva escriptura foi lavrada pelo Tabellião Carlos Manuel Pereira da Silva em o Sitio do Jaguary (*) para onde seguiu de Iguape, a requerimento dos doadores, aos *dez e Seis dias do mez de Janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor J. Christo de mil Settecentos e cincoenta e Sette.*

A capella foi erigida sem perda de tempo; talvez tivesse sido ella, a primeira alli edificada, muito modesta, modestissima, mas que importava isso, se a principal cousa era que os crentes tivessem um logar para levantar as suas preces a Deus!

O dia da installação festiva da casa santa não é comprovado por documento algum, porém daquelle que trata do *Orago* deduz-se o seguinte:

«Logo que se fundou a primeira Capella, então Filial da Igreja Matriz da Villa de Iguape, se lhe deu o seu titulo ou patrimonio, hé constante q' o Reverendo Vigario Collado d'aquella Villa Antonio Ribeiro Subira a este Lugar acompanhado de muitos dos seus Freguezes, a collocar festivamente na mesma Capella a Imagem de Nossa Senhora da Guia, cuja invocação ficou sendo o Orago Perpetuo desta Freguezia de Xiririca em cujas visinhanças hé fundada da parte fronteira. Esta collocação hé do anno de 1757, pouco mais ou menos; e ficou-se desde então celebrando o seu Anniversario, ou o Dia de Nossa Senhora da Guia a oito de Settembro com o concurso dos Devotos, e Romeiros dos Lugares circumvisinhos.»

(*) O nome official de Jaguary é hoje Itaúna, o «*Livro do Tombo*» nos dá a seguinte explicação da etymologia do logar. *O Nome deste Bairro muito antigo quer dizer — agua ou rio de caxorro.*

A capella ahi ficou; porém, devido á grande distancia de Iguape a Xiririca, donde devia vir um sacerdote desobrigar os freguezes, os moradores não tiveram a conclusão dos seus desejos.

Por mera commodidade pessoal, tal qual acontece ainda hoje aqui entre nós, nos longinquos sertões paulistanos, o padre preferio ficar na sua séde e receber a meia oitava de ouro por anno, do que seguir, Ribeira acima, até Xiririca, numa canôa sem commodidade alguma, fatigando-se durante alguns dias de viagem penosa, soffrendo sêde e mesmo fome no caminho despovoado: era um máo cumpridor dos seus deveres. Estas affirmativas ahi emittidas deduzem-se do documento encontrado no *Livro do Tombo* a fls. 4, verso. Este documento é bastante interessante e delle se verifica como era grande a necessidade *dos povos* de então, ouvir uma missa ou mesmo a fala do Sacerdote. Eil-o:

«Gemendo estes Moradores da Ribeira asima com a grande, e irremediavel carencia de Suffragios, Se confederaráo com o Reverendo Vigario de Iguape de erigirem hua Capella, em qual constituisse elle Reverendo hum Capelláo actual a Sua custa. obrigando-se elles contribuir cada hum com meia oitava de ouro por pessôa de Confissáo. Mas, tendo passado o espaço de Seis annos, e vendo náo dava Satisfação ao Compromisso, vindo Somente depois da Paschoa desobrigal-os, e cobrando todos os Seus emolumentos, sem dar providencia ao pacteado; Se resolveráo fazer representação a Sua Exellencia R^mo^, o que visto pelo ditto Senhor, Mandou notificar ao Reverd^o^ Vig^o^ Antonio Rib^ro^, para que dentro de tres mezes nomeasse Capelláo, pena de q' ficaria devoluta por Direito, e occorreria a táo urgente necessidade. Porém, como o ditto Reverendo Vig^o^ ainda notificado náo desse satisfação e promettido, proferio Sua Exell^a^ R^ma^ a Sentença, que aqui etc....»

A sentença proferida pelo então Bispo de S. Paulo Frei Antonio da Madre de Deus, em 19 de Janeiro de 1763, em resposta ao requerimento acima, foi simplesmente o desmembramento da Capella, fundada pelos Veras, da Matriz de Iguape, nomeando para lá um Capellão Curado, que devia receber de cada habitante de confissão, do logar, annualmente, 1/2 oitava de ouro, percebendo elle um total de 300 oitavas, pois, como se verifica no documento a que me refiro, haviam já alli 600 almas. Frei Antonio fixa os limites do districto da dita Capella, da seguinte fórma:

« O Ribeirão dos Pillõens inclusive da parte Superior, e a Pedra grande chamada Fortaleza, e na Lingua da Terra Jyquyá, inclusive da parte inferior são os Termos demarcantes desta Estola, ou Freguezia de Nossa Senhora da Guia de Xiririca, a respeito das Freguezias Suas Visinhas Limitrofes q' são a Villa de Apiahy, e a Villa de Iguape, devendo por conseguinte abranger todos os rios que desaguáo dentro das mencionadas demarcações.»

A freguezia estava, pois, fundada; a pedra fundamental para a creação do logar estava posta; foi o seu primeiro Capellão Curado o Padre José Martins Tinoco. (*)

Quanto á extensão desta freguezia foi original a maneira de medil-a. Naturalmente é esta avaliação completamente falsa, por fazer justamente a Ribeira, entre a barra dos Pilões e Xiririca, algumas voltas bem grandes, mas por ser documento curioso copio-o na sua integra:

« Não se pode exactamente avaliar a Extensão de Legoas, que tem esta Freguezia, Senão pelo tempo que se gasta descendo, contando á relogio as horas que se tem observando Levar quem desce sem fazer paradas e a bem remar, alem da rapidez da Ribeira, tanto maior onde sente o impulso das Cachoeiras; e assi gastando com esta velocidade cinco horas dos Pillõens até esta Freguezia, e desta até a Fortaleza ou Pedra Jyquyá o mesmo tempo, pode avaliar-se a Extensão de vinte Léguas incluindo-se duas Léguas em cada hóra; ao que parece tiveráo Seria a reflexiva attenção, quando se assignalou com húa igualdade assi a extensão de Sima, como a estensão de baixo desta Freguezia.»

A freguezia ia crescendo, pois *entre os Successos que Se devem referir nestas Memorias Se conta a multiplicação Sensivel dos Habitantes. Do Rol de descoriga Se ve contar o Numero de Pessoas de Confissão de mil duzentas e oitenta e*

O Reverendo Doutor Jozé Martins Tinoco, oriundo de Portugal Formado pela Universidade de Coimbra, segundo se crê, mas sem constar em que Faculdade, foi o que creou esta Freguezia de baixo dos auspicios do Excellentissimo e Reverendissimo Prelado o Senhor D. Fr. Antonio da Madre de Deus, como se ve das copias fieis deste Livro, fl 6. Este Reverendo Parocho poz logo as suas vistas em requerer ao mesmo Exellmo. Prelado hua Regra certa e original sobre os usos e costumes, que Se obrigaria nesta Igreja. pelo que toca ao Pé d'altar, e proventos da Estola Parochial, representando que esta igreja se achava fundada em arrayáes de Minas, onde tudo se compra e vende a preço d'oiro, não devendo por conseguinte excluir-se d'esta Lei os emolumentos Parochiaes ao exemplo das Igrejas de Minas: e como os Reverendos Parochos das Freguezias visinhas, Apiahy e Paranapanema, fundadas em arrayáes de Minas, percebessem o preço do oiro, e o referido Vigario desta propuzesse isto mesmo ao mesmo Exellmo. Prelado, mandou este observar n'esta Igreja de Xiririca os Usos e Costumes da de Paranapanema, que com effeito se observáo, exeptuando aquelles que o tempo tem variado, como em Seu lugar deixamos ditto. Não tem faltado quem ouzasse escurecer a memoria, e Virtudes de hum tão exacto e desinteressado Parocho, arguindo-o de dólo e prevenção na representação, que fez ao Exellmo. mencionado Prelado, e dizendo temerariamente, que havendo recebido Ordem expressa para se conformar com a Igreja mais visinha, que era a de Iguape, adoptou a de Paranapanema por causa da riqueza do Oiro, o que Sem trabalho se refuta recorrendo as copias Fieis da Creação desta Igreja.

Das Memorias desta mesma Igreja se mostra, que o Seu Parochiato durou 10 annos contados da data da Creação até a posse do seu Successor a 10 de Janeiro de 1773, havendo em todo este decurso trabalhado na regularidade dos seus Freguezes com Santos exemplos e Sã doutrina, deque mereceu os justos Louvores de dois Reverendissimos Visitadores, e dos Seus mesmos Parochianos: e Senão deixou mais outro monumento do temporal desta Igreja incipiente a pouquidade dos habitantes, a Limitação das Suas faculdades, e depois a Solidão continua desta Freguezia n'aquelles primeiros tempos o privaráo de mais esta gloria. Havendo-se enfim conduzido para o arrayal de Yporanga, alli acabou Sua carreira, e jaz Sepultado na Capella velha do mesmo arrayal.

No Seu tempo se contão 39 Cazamentos, doze de pessoas brancas, e destas algúas que passáo pelas principaes Familias desta Freguezia: baptizaráo-se cento e oitenta é seis, e fallecidos settenta e cinco, sobraráo cento e onze individuos de augmento a Povoação antiga.

oito, e trezentos e tres Fogos, chegando porem a duas mil almas o numero de toda a Povoação Segundo parece constar do Cenço ou Rol da Policia desta mesma Freguezia feito em Janeiro deste mesmo anno de 1819.

Crescendo o numero dos habitantes, è logico que o trabalho feito por elles já apparecesse mais; maiores roças eram plantadas, negociantes se estabeleciam e procuravam auferir, por meio de uma exportação, maiores vantagens, e, como muitos generos deviam vir de fora, estabeleceu-se uma regular importação e exportação, como podemos ver dos seguintes dados:

« Já desde o anno, e ainda antes, de 1790, começaváo alguns moradores desta Freguezia a applicar-se a plantação de arroz, segundo as noticias daquelle tempo, mas não era cultivado este genero da Lavoura com tanto empenho e generosidade, emquanto Senão procurava e pedia constante e annualmente, ja Subindo ja descendo de preço, e algúas vezes inteiramente se abandonava a mais infima estimação, até que elevou-se a Ser o principal fundamento do Commercio desta Freguezia do anno por diante de 1807 com a Transmigração de Sua Magestade Fidelissima de Portugal para este Reino do Brazil. Então foi que a industria e a Arte tentaráo os Engenhos de virar com agua tanto por Sima como por baixo, depois q' apenas Se contaváo tres atê quatro de virar por sima; e fazendo-se maior e' mais constante a estimação deste genero, começou da mesma Sorte a Ser maior a Importação ou o Commercio de fora de Fazenda Secca, molhados e Escravatura.

«Fazendo pois hú calculo prudente a vista do que se tem sabido exportar-se cada anno deste referido genero, segundo hé maior e geral a felicidade das Colheitas, chega ate 20$ alqueires o arroz em casca, e a 10$ o pillado.

Mas, alem deste genero universal, hé bem certo que Se deve tão bem contemplar a plantação quasi geral do Fumo, que neste Paiz se fabrica excellente e em grande quantidade, do Feijáo que se planta quatro vezes no anno, do Milho duas vezes no anno, da Mandióca, da Cana para aguardente, e finalmente do Café bem que genero este aqui pouco cultivado Sendo todos elles os da exportação, como do consumo e commercio do mesmo Paiz...»

O logar, porém, onde estava edificada a capella não foi decididamente bem escolhido, ou pelo menos os moradores não tinham observado qual a altura das maiores enchentes. As *Chêas* deviam ter sido antigamente tão frequentes que o povo se vio necessitado a fazer a mudança da freguezia, escolhendo para isso um logar mais apropriado, dois kilometros rio abaixo.

Devido a esta mudança houve muitas lutas politicas na antiga Xiririca, como nos narram as tradições ainda existentes na actual; dois partidos se formaram: um resolveu mudar-se, o outro, não querendo a mudança e tambem não podendo ficar no logar, esphacelou-se, retirando-se então

muitos habitantes da freguezia, indo fundar diversos bairros no rio Juquiá e mesmo na Ribeira.

Deve ter sido uma enchente medonha, pois facto é que, estando a freguezia situada numa barranca do rio, a qual ahi tem talvez uma altura de 14 metros, foi toda ella attingida pelas aguas, como veremos mais adiante.

Ainda hoje existem as ruinas da mencionada Capella; das grossas paredes, feitas de pedra e cal, deduz-se um interessante plano; devido, porém, á espessa vegetação que, no decorrer dos annos, cresceu no recinto da mesma, é quasi impossivel um estudo completo da sua disposição.

Eu a vi, examinei-a, mas não pude verificar, nas observações feitas, si a capella tinha tido torre e qual o estylo do todo. Deve ter sido um estylo tosco; moldura de especie alguma pude descobrir que me tivesse incitado, pelo menos, para alguma deducção logica.

O interessante é que os muros todos foram feitos de pequenas pedras, havendo entretanto, não muito distante do logar, grandes blocos.

O documento abaixo, que transcrevo por completo, nos dirá mais exactamente quaes os motivos da mudança da referida capella ou Matriz para o logar actual.

Devo, porém, observar, que tenho minhas duvidas sobre que tivesse existido somente uma capella. Julgo que tivessem sido construidos, pelo menos, duas capellas no decorrer de 1757 a 1816, a primeira, provavelmente ligeira, de pau-a-pique, foi feita em curto lapso de tempo; a segunda, cujas ruinas ainda existem, foi feita com mais vagar. Duvido que uma Matriz, como essa a que me refiro, tivesse sido edificada depressa, pois sendo todos os habitantes do logar lavradores, estes não podiam cuidar continuadamente da construcção; havia cousa mais urgente a se fazer: eram as plantações.

Mudança desta Matriz e Freguezia para Ribeira abaixo perto da Ilha Formosa, Causas disso; Meios e Diligencias que se tem empregado.

«Nenhuma empreza tem sido mais retardada, nem mais difficil de Se por em execução do que a Reedificaçáo de húa Nova Matriz, a vista da urgente necessidade que tem obrigado a pertender esta obra, e por conseguinte a mudança desta Freguezia. Era necessario de certo modo que as grandes Chêas repetissem cada anno os mesmos effeitos de ruina, afim de obrigar com mais força os presentes Moradores a procurarem a Sua mesma utilidade, e melhoramento, corrigindo assi a falta de cautela e previdencia, que commeteráo os primeiros Fundadores desta Freguezia, húa vez que a experiencia, e a mesma razão os advertia, que, Se os mais

pequenos regatos Se eleváo e Sobrepujáo prodigiosamente com a abundancia das chuvas, hu rio grande, cujas aguas Sáo o concurso de outros muitos rios, que se associáo e ajuntáo em húa Só madre, como acontece com esta Ribeira, a que grao de elevação náo deve Subir até que se possa espraiar. Para exceder os Limites das chêas ordinarias este caudaloso Rio, náo carece mais, que as chuvas abundem mais na parte dos campos e das Suas cabeceiras, para subir os Lugares mais altos, e alagar tudo em distancia immensa. Se éra pois assas bastante para intentar a referida mudança húa destas Chêas, que se contáo de maior intervallo de annos, que Se deve dizer tendo ellas Sido tão frequentes, que treze annos á esta parte, com pouca differença não se contáo menos de tres ou quatro, pouco menores húas a vista das outras.

Muito pouco faltou que esta Matriz existente, por Ser de pedra e barro; não experimentasse a mesma Sorte que tiveráo as Cazas da Freguezia, com a Chêa extraordinaria de 28 de janeiro de 1807 e depois com a de 7 de Outubro de 1809. Que triste era andar em canôas, carregadas com os moveis domesticos, procurando refugio contra as aguas que cresciam e inundaváo; e quando parecia escapar-se em húa casa por estar em mais alto terreno, onde não constava ter chegado algua das Chêas anteriores, passar Logo a outra casa mais alta, e desta emfim procurar como ultimo asillo a mesma Igreja, reduzida já a necessidade de fazer-se desta Casa Sagrada o arcenal ou commú deposito das coisas profanas, como aconteceu emtão, e póde acontecer ainda! Depois disto, que desconsolação ver submergidas, e algúas destroçadas inteiramente, depois da inundação, aquellas casas que faziáo o ornato da Freguezia, a residencia dos moradores, dando hum espectaculo Lastimoso já por apparecerem Sem belleza, como esqueletos descarnados, e entulhadas de profundo lodo, ja por estarem inclinadas e pensas, destituidas de portas, de janellas, dos moveis emfim de madeira do interior e que guardaváo a alfaya domestica e a roupa dos habitantes, porque tudo as aguas arrebatarão com os mais despojos Sujeitos a Sua violencia, e Levaváo a espalhar ao Longe, e por diversas e incognitas partes!

Portanto não havendo nisto exaggeração algúa, porque tudo se passava realmente aos olhos destes Moradores, aquem ainda mais convencia a propria experiencia de tantos prejuizos, e ainda mesmo dos perigos evidentes, a que acabaváo alguns de escapar, a vista destas causas táo fortes tratou se Logo desde a primeira, chamada a Chêa Grande, de mudar esta Matriz e Freguezia para melhor Lugar; e a medida que repetiáo novas Chêas, assi renovaváo os mesmos incommodos, igualmente Se renovava esta pertenção, procuraváo-se os meios mais convenientes, assentando-se Sempre de contribuirem com Seus arrozes para os gastos e trabalhadores, afim de Se não tirarem do Serviço da Lavoura. Tendo-se

emfim consumido muito tempo em propor os referidos meios, em tomar medidas, fazer representaçoens, determinar Procuradores, conciliar vontades, vencer contradiçoens (que jamais deixão de haver) nestas circumstancias todas approximou-se as nossas a vontade benefica do Muito Reverendo Vigario Collado e da Vara da Villa de Paranaguá, Visitador Ordinario que tem sido desta Igreja em Settembro de *1816* e de *1819* e tomando a Si o cuidado de promover esta nossa tão Louvavel Pertenção, havendo-se conduzido ao Lugar escolhido para a nova Fundação offerecido e dado p^r hum generoso Parochiano Romáo de França Lisboa, alli ouvindo o mesmo Reverendissimo Visitador Ordinario Joaquim Julio da Resurreição Leal os votos e pareceres, estando presentes o R. Vigario Collado actual, o Capitão Mor deste destricto José Antonio Peniche, o Capitão Commandante da Freguezia Francisco de Paula França, e outros muitos dos Principaes Moradores, Se Lavrou o Termo que serve de fundamento a construcção da ditta nova Matriz, e hé como Se Segue :

Copia do Termo que se passou para a Fundação da Nova Igreja Matriz.

Aos nove dias do mez de Settembro de mil oito centos e dezeseis estando juntos o Muito Reverendo Joaquim Julio da Resurreição Leal Vigario Collado, e da Vara da Villa de Paranaguá, Vizitador Ordinario da Freguezia, de Xiririca, e o Muito Reverendo José Francisco Mendonça, Vigario Collado da mesma Freguezia de Xiririca, e o Ill^o Cap^m Mór José Antonio Peniche, e o Cap.^m Commandante Francisco de Paula França, e o Cap^m Joaquim Pupo Ferreira e o Cap^m Gregorio Felix de Almeida, o Tenente Antonio Glz Fontes, o Alferes Ignacio da Costa França por parte dos moradores Ribeira aSima, o Alferes Braz da Cunha Ramos e mais moradores abaixo assignados, appareceu Romáo de França Lisboa, e disse que de Sua livre vontade, e Sem constrangimento de pessoa algúa, dava o Lugar, que fica a-Sima da Ilha Formoza (*), para n'elle se mudar a Igreja Matriz de Xiririca, e com todo o Seu terreno para os moradores da mesma Freguezia fazerem as Suas cazas, abrindo ruas, e senhoreando-se do ditto terreno e campos que foráo Seus cultivados, de hoje e para todo o Sempre, fazendo esta Solene doaçáo Só pela devoçáo que tributa a Virgem Nossa Senhora da Guia, como pela desconsolação que tinha de ver as Cazas dos dittos moradores arruinadas com as Chêas da Ribeira. Igualmente todos os mesmos Moradores tanto da

(*) Descendo da Freguezia para baixo o primeiro bairro hé o dá Ilha Formosa, assi chamado talvez pela vista-agradavel que offerece a extremidade Superior da Ilha, quando a Ribeira está baixa. Fronteiro está o Ribeirão chamado da Ilha Formosa.

Ribeira acima, como da Ribeira abaixo Se obrigavão a pagar cada Fogo hú alqueire de arroz pillado, em quanto durassem as obras da Igreja, annualmente, continuando sempre a dar a mesma porção todos os annos, com clausula porém que os Fogos, que não tivessem escravos, dariáo annualmente o ditto alqueire de arroz, ficando Livres de dár mais cousa algúa em attenção a Sua pobreza, e os que tivessem escravos, alem do alqueire de arrôz pillado por Fogo, darem aquillo que a Sua devoção pedisse por adjuctorio, e não Se negavão mesmo por devoção a Virgem Senhora da Guia mandárem algúas vezes escravos para ajudar naquillo que pudessem. O mesmo Ill° Capitão mor vocalmente disse, que deixava ordem ao Capitão Command^e^ para mandar roçar o Lugar e todo seu circuito, e determinava que Se fizesse toda esta Limpa por esquadras, ficando o mesmo Ill° Cap^m^ Mór, e o R. José Francisco de Mendonça por Protectores da ditta obra, e para clareza e tudo todos Se assignaráo no mesmo dia, mez, éra ut Suprá. Joaquim Julio da Resureição Leal, Vizitador Ordinario—Jozé Francisco de Mendonça, Vigario Collado—Romáo de França, Doador—Jozé Antonio Peniche, Capitão Mór—Francisco Paula França, command^e^—Joaquim Pupo Ferreira—Gregorio Felix de Almeida—Antonio Gonçalves Fontes—Ignacio da Costa França—Braz da Cunha Ramos—Joaquim Pereira Cardozo—Bento Jozé da Costa—Ignacio Beneditto de Freitas—Anacleto Pereira—Jozé Gonçalves da Costa—Jeremias de Souza e Oliveira—Manuel Bento Dias—Ignacio Gomes—Reginaldo Jozé de Pontes—Bento Pupo Ferreira—Joaquim Pereira de Oliveira—Antonio Gomes da Silva—Rafael Gonçalves de Oliveira—Estes tres ultimos e Jeremias de Souza assignaram-se com † cruz, por não saberem escrever.»

Este documento está *conforme ao Original*, como diz o proprio Padre Mendonça, que o transcreveu do primeiro *Livro do Tombo*, que então existia.

Tomada posse do logar onde se devia erigir o novo templo, tendo sido roçado o mesmo local para ahi se *fazerem os moradores da Freguezia as Suas cazas, abrindo ruas* etc. deu-se inicio á nova igreja, da qual já falei no começo deste pequeno trabalho, igreja esta que acha-se em ruinas. Parece-me, porém, que os promettedores do alqueire de arroz não cumpriram as suas promessas: talvez as ameaças do bom padre de nada valessem, e que do purgatorio, apezar de serem muito crentes, os habitantes não tivessem medo. Assim deve ter ficado a edificação parada até que o prelado vendo-se embaraçado, enviou um requerimento ao General da Cidade de *S. Paulo* para se manifestar a favor da Obra da Nova Matriz, requerimento este que foi respondido, sendo intermediario da correspondencia o Capitão Mór da Villa de Iguape, resposta esta datada de 11 de janeiro de 1820, cujo teor é o seguinte:

« Havendo-me exposto o Reverendo Vigario da Freguezia de Xiririca José Francisco de Mendonça a necessidade que havia de fazer-se nova Igreja Matriz por causa das continuadas chêas, e inundaçóens da Ribeira, que não Só destróem o Templo, mas táobem impedem aos Moradores de edificarem cazas na vizinhança, por ser todo o terreno paludoso, e que havendo dado principio a esta obra por húa contribuição voluntaria de arrôz, com que o Povo concorria, authorizado pela Camara, muitos se Subtrahiáo ; e tendo eu consideraçáo a Attestaçáo da Camara (digo da mesma Camara) a esse respeito, a informaçáo de V. M. e outros, a que procedi ao mesmo assumpto, e cumprindo com as Recommendações de Sua Magestade que Manda, que os Governadores e Capitaens Generáes desta Capitania favoreçáo e coadjuvem os Vigarios das Igrejas, hei por bem conformar-me com a informação de V. M., e mando que a faça pôr em inteira execução, para o que lhe remetto por copia assignada pelo Commendador Manoel da Cunha de Azeredo Coutinho Souza e Chixorro, Secretario deste Governo, e V. M. me participará o augmento que leva o Templo por meio desta providencia. Deus guarde a V. M. Sam Paulo, 11 de Janeiro de 1820. João Carlos Augusto Oeynhausen — Snr. Cap.m Mór das Ordenanças da Villa de Iguape.

Eis o teor da informação mencionada :

« Ill.mo e Ex.mo Senhor. Em cumprimento do respeitavel Despacho de Vossa Excellencia proferido no Requerimento junto do Muito Reverendo Vig.o da Freg.a de Xiririca Sobre a continuação da nova Matriz, que pertende, e q' hé muito util e conveniente pelas rasoens recontadas no ditto Requerimento. Hé meu parecer, depois de ouvir as proposiçoens das principaes pessoas da ditta Freguezia que para formarem hum rendimento annual para a factura da ditta Matriz hé justo, e bem proporcional que cada cabeça de caza contribûa annualmente com tantos meios alqueires de arrôz de casca, como quantas pessoas de confissão tiverem em Sua casa, ou Sejáo filhos, aggregados, ou escravos, em cujo pagamento ou contribuição voluntaria convieráo as dittas principaes pessoas, e de Suas mutuas vontades, ao que Se deveráo Sujeitar ou obrigar as mais cabeças de caza insignificantes. Porem, prevendo-se que em muitas cazas (especialmente pobres) há por exemplo oito ou dez pessoas de confissão, e d'elles não Se empregáo na Lavoura Senáo dous ou trez, e os mais em nada ajudáo por pequenos ; Sou de parecer q' fiquem izentos os individuos de Confissáo q' náo tiverem completos doze annos de de idade, porq' dahi para menos nada ajudáo, bem como alguns miseraveis invalidos, que melhór conhecerá o ditto Reverendo Vigario.

Aquelles moradores ou Freguezes, que não tiverem arrôz pa pagarem a contribuição annualmente, ou porq' não plan-

tassem nem colhessem, ou por Se terem empregado em outros Serviços, devem ser obrigados a virem ou por Si, ou por outrem á Sua custa, trabalhar na Obra da Igreja Matriz té perfazer o valor do arroz, que devia dár, segundo o preço corrente daquella Freg.ª no mesmo anno, abonando-se o preço dos jornaes pelo mesmo, q' a obra da Igreja estiver pagando geralmente. Por este modo Se pode conseguir a Obra sem vexame dos povos em mais ou menos annos, Segundo o rendimento q' produzir a dª Contribuição, o qual Supposto Seja modico, tem a seu favor e beneficio Serem táo bem de pouco valor os materiaes necessarios naquelle Lugar. Hé quanto tenho a propor a V. Ex.ª que mandará o q' for Servido. Iguape 28 de Novembro de 1819. José Antonio Peniche Capitáo Mór — Manuel da Cunha de Azeredo Coutinho Souza Chixorro. »

Eis alguns dos documentos que se referem á fundação de Xiririca (antiga e actual). Quanto á conclusão da Matriz e ao povoamento do logar, nada posso dizer, visto não achar documentos dos quaes pudesse deduzir qualquer cousa a respeito, duvidando mesmo que exista alguma cousa ainda sobre o assumpto.

A maneira como foi fundada Xiririca é quasi tal qual como se fundam ainda hoje os povoados; em nada differe: Primeiro é a capellinha que é erguida, ou por méra devoção do proprietario do terreno sobre o qual ella é erigida, ou mesmo por especulação, pois em dias determinados, no dia do patrono da Igrejinha, por exemplo, são queimados fogos, fandangos e outros *rachapés* são executados, divertindo-se a visinhança e os forasteiros á sombra do milagroso protector do tosco sanctuario. Uma venda ou maior armazem é logo construido nas proximidades, uma casa já se levanta ahi, e em bem pouco tempo organiza-se o povoado; este torna-se commercial, e, si as terras circumvisinhas são boas, quasi sempre o futuro do logarejo está garantido.

Na verdade, a actual Xiririca não atravessou por completo todas as phases pelas quaes tem de passar uma povoação futurosa, porém, a passos curtos, ella irá avante e oxalá que saibam os xiriricanos aproveitar sempre as boas occasiões, para fazer da sua amavel e hospitaleira cidade uma importante localidade, situada no mais lindo e fertil rio sul-paulistano, na grandiosa Ribeira de Iguape!

II

Ivaporundyba ou Vaporundyva

Mui propriamente significa este Nome: Rio de muito Vaporú, fruta.

«Do Livro do Tombo, de Xiririca.»

Deixando-se a hospitaleira Xiririca e tomando-se uma canôa, das muitas que seguem, Ribeira acima, até Barra dos Pilões, Yporanga, Capella da Ribeira etc., passa-se, no segundo dia de agradavel viagem, depois de se ter apreciado as bellezas naturaes deste grandioso rio, depois de nos ter saudado o alto pico do *André Lopes* com a sua cabeça calcarea, depois de termos conhecido, mais de perto, o bondoso e gentil povo ribeirinho, por Ivapurunduva, logar ermo e habitado por algumas familias de pretos, descendentes dos escravos de epoca da qual logo mais tratarei.

Uma capellinha, sem architectura alguma, apenas com uma larga porta no pavimento terreo e duas janellas no andar superior, que dão luz ao côro, está construida no logar mais alto da beira da Ribeira; ingremes morros, como o *Morro da Joanna* e outros, cercam-n'a pelo lado de traz, dando assim ao logarejo uma vista agradavel e poetica.

Alguns fazendeiros, proprietarios de pequenas engenhocas, estão estabelecidos nas circumvisinhanças, fazendo, talvez, sómente o necessario para entreter a vida e ganhar alguma cousa mais do que o sufficinte quotidiano.

O fim da minha visita ao logar foi vêr a igreja, afim de colher dados minuciosos sobre a existencia de Ivapurunduva; foi porém, impossivel, pois não encontrei livro algum na capella, e todos os dados que podia obter já os tinha rebuscado em Xiririca no *Livro do Tombo*.

Antes de entrar na igreja, deparamos com dois sinos de tamanho regular, pendurados num varal enfiado na parede da capella, e amarrados com corda feita de cipó embé.

Uma grande chave enferrujada é posta na fechadura; com custo abre-se a capella; o cheiro de môfo e o calôr abafado que ahi reina, nos faz retroceder.

O aspecto interior da igrejinha é tristissimo: tudo está sem ordem; as vestes do sacerdote, já mofádas e carcomidas pelo tempo e podridão; uma grade de madeira, bem antiga, quasi cahindo; cadeiras, sem encosto, espalhadas por aqui e acolá; emfim um completo cháos, deduzindo-se disso tudo, que o zelador não se importa muito com as cousas dos seculos idos, deixando-as em completo abandono a estragarem-se ainda mais do que estão.

Num altar achava-se uma pequena imagem de Nossa Senhora do Rosario, vestida de seda e com um botão enorme de ouro pregado nas suas vestes. Disse-me a pessôa que

me acompanhava, que existiam dois deste grandes botões, dados a Nossa Senhora por um mineiro piedoso ha mais de cem annos, tendo sido um delles roubado por curiosos que ahi estiveram.

Contou-me ainda, qme esta imagem tinha virtudes milagrosas, pois só era necessario fazer-se uma procissão, em canôa, com ella, para que logo chovesse!

O arraial, que é bem mais antigo do que Xiririca, e talvez mesmo mais antigo do que Jaguary (Itaúna), está hoje em completa decadencia, havendo ahi talvez só umas seis casas mal acabadas, quasi em ruinas, habitadas por pessôas que se dedicam exclusivamente á lavoura e gado. Dos documentos que transcreverei mais adiante, deduzir-se-ão as datas mais importantes e os dados mais interessantes sobre a creação do logar.

No *Livro do Tombo*, de Xiririca, no capitulo que trata dos nomes dos Bairros e da sua descripção, achei a seguinte nota do Padre Mendonça:

Ivaporundyba, ou Vaporundyva (1) Ilha e Ribeirão. Bairro.

Pede a antiguidade, e os Successos deste Bairro tão celebre, que nos demoremos algúa coisa na sua exposição, Mui propriamente significa este Nome: Rio de muito Vaporú, fruta. O Bairro pois de Ivaporudyba, nos seus primeiros tempos Arrayal de Minas, consta ter sido, quando não dos primeiros mais antigos, ao menos habitado já antes da Creação desta Freguezia (2). Mas ver agora, dentro de poucos annos já não digo o espaço de algúas Legoas até as Vargens por onde se andava expeditamente noite e dia, mas somente o Lugar da commú Frequencia, cuberto de matos, despido de tantas cazas e ranxarias, sem a pastaria de gados, q' contava, sem o reciproco commercio, que Se fazia com a influencia do Oiro, dos extranhos e moradores, Sem aquelle numero de escravaturas, q' éra o arrimo dos Mineiros, cujos nomes em parte de esquecerão, em parte apenas Se recordão; ver, digo, este agradavel Arrayal já extincto, e existindo apenas Hua Capella, esforço e empenho dos Pretos escravos, affeiçoados a Devoção de Nossa Senhora do Rozario, parece se pode justamente dizer, q' esta, mais Louvavel, Obra hé como o ultimo Suspiro de tantos trabalhos e fadigas, que alli se havião empregado.

Já falamos acima, quando fizemos menção dos antigos moradores desta Freguezia, de João Dias Baptista, de Domingos Rodrigues Cunha, do capitão Joaquim Machado de Moraes, Mineiros deste Arrayal. Além d'estes tambem constão os Nomes do Capitão mór João Baptista da Costa da Villa de Cananéa, do Alferes Jozé da Silva Martins, Solteiro, que não tem hoje em dia descendencia nesta Freguezia, bem

---

(1) No proprio *Livro do Tombo* ha confusão quanto a orthographia ora é escripto Ivaporundyba, ora é Ivaporudyba.

(2) Quer dizer: já antes da fundação de Xiririca. (Nota do autor).

assi constáo os de Nicolau Antunes, natural de Lisbôa, cazado com Catharina de Sene da Costa, natural de Iguape, progenitor dos Antunes, de quem já nos Lembramos ; de Manuel da Costa Travassos, oriundo de Portugal, cazado com Maria da Costa, natural d'Iguape, progenitores dos Travassos igualmente mencionados. Mas com justa razão parece ainda mais memoravel o Nome de Joanna Maria, natural de Minas Geraes, náo pela nobreza de Seu sangue, ou por deixar muitos filhos, ou emfim pelas suas riquezas, nada de tudo isso ella ou teve, ou fez a satisfação dos Seus desejos. Toda a sua distinção lhe proveio unicamente das suas honestas e Virtuosas acçoens ennobrecidas pela sua admiravel caridade. Tendo vindo para este arrayal cazada com André de Souza oriundo de Portugal, bem se pode affirmar q' ella foi a Alma de Ivaporudyba, assi como foi a Sua origem, fazendo o melhor uso dos bens, que a Providencia confiou as Suas mãos. Por fallecimento do primeiro marido tornou a cazar com João Marinho, tambem de Portugal, e por morte deste terceira vez com José Manuel de Sequeira Lima, natural de Minas Geraes, talvez alliciados todos das estimaveis qualidades desta Piedosa Mulher, cuja Caza em todo o tempo foi o abrigo dos Pobres, o Hospicio dos Peregrinos, e, o que hé mais, honrada no espaço de vinte e dous annos, mais ou menos, como o de Martha e Maria, pela Presença Real de Jesus Christo; pois n'ella Se celebrava o S.to Sacrificio, e Se conferiráo os mais Sacramentos, excepto o do Matrimonio, ao que parece, antes de Servir a Capella de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos, por eleição bem acertada do Primeiro R.do Parocho Jozé Martins Tinoco no anno Septimo do Seu Parochiato.

Falleceu emfim essa virtuosa Mulher aos 2 de abril de 1802, com idade de noventa annos, sem deixar bens alguns, porque em vida Soube distribuil-os, e renumerar com a liberdade os escravos que lhe Serviáo. »

Acaba-se de vêr que, por não haver Capella no arraial de Ivaporundyba, eram feitos, os officios divinos, exceptuando os casamentos, na casa desta *piedosa Mulher*, chamada Joanna Maria; fazia-se isto ahi devido a uma representação que fez o povo do logar ao Vigario Capitular, com séde em S. Paulo, allegando que a longa jornada até Xiririca fazia-lhes perder muito tempo, e sendo constantes as enchentes na Ribeira, os desastres eram frequentes. Eis a cópia do requerimento acima mencionado :

«Muito Reverendo Senhor Doutor Vigario Capitular. Dizem os Moradores das Minas de Ivaporudyba Freguezia de Nossa Senhora da Guia de Xiririca, que o Seu Reverendo Parocho os obriga no tempo de Quaresma dar satifação aos Preceitos annuaes na Capella da Freguezia, de que Se Ségue aos Supplicantes intoleravel dano nas Suas fazendas pelos muitos dias, que perdem no trabalho de seus escravos, acontecendo as vezes ficarem ilhados pelos contratempos de hua

caudalosa Ribeira, pelo qual descem e Sobem, passando faltas de mantimentos, e muito mais pelo risco das canoas carregadas de gente de toda idade, de que Succedem muitos infortunios, como tempo há pela mesma occasião se affogou húa escrava, e mais tres que correráo grande risco perdendo tudo, e de proximo tres pessoas affogadas, e húa pagem; e o mesmo acontece, e pode acontecer aos d'aquella parágem, quando se vem baptisar, e outros muitos inconvenientes náo menos temerosos, que por notorios Se náo allegáo. Por tanto Pedem a Vossa Senhoria, attendendo aos referidos inconvenientes, conceda benignamente Se possão desobrigar na dª paragem, e que o Rever.do Parocho, achando-se n'ella possa baptizar todas aquellas crianças, que nesse tempo se lhe offerecerem, para Se evitarem os mencionados inconvenientes. E receberáo Merce.»

O despacho do Vigario Capitular a tão justo pedido está concebido nos seguintes termos:

« Sendo verdade o que os Supp.es allegáo, o Reverendo Parocho os poderá desobrigar e administrar-lhes os mais Sacramentos necessarios em a paragem referida, e Lugar que para esse effeito Se preparará com a decencia que fôr possivel. Sm Paulo 1 de Março de 1770 — Carvalho. »

Por muito tempo, pois, deveram ter sido feitos os officios na casa desta mulher de *admiravel caridade*. Mas neste mundo ha sempre quem seja dotado de espirito de contradicção, quem seja opposicionista nato; qualquer inimigo ou desaffecto da *santa* mulher, pois inimigos tem até a melhor mulher, achou que a casa de Joanna Maria não servia para se effectuarem missas, baptizados etc. e que uma igreja devia ser levantada, e assim foi que antes do anno de 1791, annos ates da morte de Joanna, se deu começo á capellinha da qual tratei ao principiar este artigo e que ainda hoje poderia contar cousas dos tempos idos, assumptos da historia paulista, que ninguem mais sabe hoje e que sempre se ignorará.

Eis em seguida o documento que se refere á fundação da igreja de Ivaporundyba:

« Ja deixamos ditto, que os Pretos, escravos dos moradores de Ivaporudyba, onde abundaráo primeiramente, movidos da Devoção para com a Senhora do Rozario, começaráo a festejar desde principios a mesma Senhora nesta Freguezia (1), erigindo-lhe Altar, e mandando vir a Sua Imagem, que se conserva nesta matriz; e que os mesmos escravos do referido Bairro, pela distancia em que se achaváo, e por poderem apenas vir pela Paschoa, da Ressurreição, quando se desobrigaváo da quaresma, festejar a Nossa Senhora hé q fundaráo a Capella de baixo da Invocação de Nossa Senhora do Rozario, que hé o Seu Orago, a quem desde o anno de sua Benção, qe foi o de 1791 a 21 de Agosto, começaráo a Festejar Sem interrupção na 1ª Dominga de Outubro,

(1) Freguezia de Xiririca. (Nota do autor).

Segundo o Seu Costume, com eleição de Juizados e Reinados. Concorrendo pois os Senhores dos Sobredittos escravos com a sua approvação e auxilios, mormente o Capitão Joaquim Machado de Moraes, de quem já fallamos, erigio-se de baixo da Faculdade Ordinaria a referida Capella no Lugar em que existe, pagando-se todo trabalho dos taipeiros e carpinteiros com o Oiro dos mesmos escravos. Não consta o tempo certo em que teve principio esta obra, mas Sem duvida foi dentro de cinco annos do parochiato do Reverendo João Teixeira da Cruz (1), entre 1775 e 1780, de quem adiante fallaremos. O qual Reverendo Parocho, persuadido da necessidade e utilidade d'esta Capella n'aquelle bairro, moveu ainda mais os sobredittos Moradores e Seus Escravos, a pôrem em execução os Seus Louvaveis desejos. A náo pequena demora com tudo, que padeceu até a Sua Dedicação ou Benção, asima mencionada, deixa ver que alguas difficuldades, como accontece em Similhantes Obras, retardaráo o uso desta Capella, que apenas ficou concluida no que tóca sómente ao corpo da Igreja, Sem terem podido Levar aSsima a sua Capella-mor, e a Sua pequena Sacristia.»

Toda igreja deve ter um patrimonio, isto é: bens consignados para o sustento do padre que ahi diz missas, ou então para, com os rendimentos, poder se concertar a igreja, o cemiterio, emfim para se poder manter decentemente tudo o que diz respeito á casa de Deus. Este patrimonio pode constar de casas, como vimos quando tratei de Xiririca, ou de terrenos, que são alugados para lavradores, ou mesmo de terrenos auriferos em arraiaes de minas.

Ivaporunduva é logar muito rico em ouro, e logico era que qualquer proprietario piedoso tivesse feito doação de alguma lavra á Santa protectora da capellinha. O ouro era bateado tambem pelos crentes, que, por mera devoção, reservavam alguns dias do anno para este serviço, cujo producto, depois de lavado, era entregue á igreja.

---

(1) Acha-se no *Livro do Tombo* a seguinte memoria sobre o padre João Teixeira da Cruz;

Terceiro encommendado

Posto que devemos ainda fazer mais extensa a menção do Reverendo Antonio Pedroso de Barros Leite, e Ligar de certo modo com os Subsequentes vinte e dous annos cinco mezes e nove dias, que ainda parochiou, os primeiros dous annos e Sette mezes, que aSima dec aramos, com tudo este hé o Lugar em que deve entrar o Reverendo João Teixeira da Cruz, natural da cidade de Sm Paulo, como terceiro Parocho Successor. Não Se acha termo de sua Pósse, mas parece de outras memorias do Tombo que Servio, que foi aos vinte e oito de Agosto de 1775 Durou o Seu Parochiato cinco annos e cinco dias, até o dia dous de Setembro de 1780. Tendo-se empregado vigilantemente na boa conducta dos Seus Freguezes, mereceu os justos Louvores de hum Reverendissimo Visitador, e dos Seus mesmos Parochianos. As exhortaçoens Saudaveis deste Reverendo Parocho Se deliberaráo os Escravos e Moradores de Ivaporandyba erigir a Capella de Nossa Senhora do Rosario dos Pretos d'aquelle ba rro. Acabou Sua carreira mortal em a Villa de Iguape, onde estava residindo.

Contáo-se neste decurso celebrados nove Cazamentos, dous Sòmente de pessoas brancas: baptizados cento e trinta e seis; e tendo fallecido cincoenta Sobrando oitenta e seis individuos de augmento a povoação antiga,

Documentos exactos sobre o patrimonio de Ivaporunduva não encontrei, sómente faz o *Livro do Tombo*, de Xiririca, menção do assumpto no seguinte trecho que transcrevo:

« Para Titulo ou Patrimonio da mencionada Capella de Nossa Senhora do Rosario dos Pretos de Ivapurudyba, Erigirão ao mesmo tempo hua morada de cazas de taipa, visinha a mesma Capella. cuja escrittura consta fôra alli mesmo passada pelo Tabellião da Villa de Iguape Joaquim Pereira do Canto, e Se crê estar lançada no Livro competente de Notas d'aquelle tempo, depozitado no Archivo da Camara da mesma Villa. Pertence ao mesmo Titulo a Doação de hua Sorte de Lavras, que algum tempo depois foi feito a Nossa Senhora do Rosario por hum dos Moradores Mineiros daquelle Bairro, da qual Senão celebrou escritturação, e Somente Se couserva húa muito fiel e antiga tradição que hé bastante para confirmar a Sua posse. »

Durante a minha ultima estadia na Ribeira procurei indagar da tradição que se refere a essa lavra de ouro: nem em Xiririca nem no proprio lugar em questão me foi possivel obter siquer vestigios de informações.

Estas doações eram geralmente de valor para os verdadeiros devotos, que eram excessivamente dominados pelo clero, como se depreende principalmente dos documentos transcriptos sobre Xiririca; estes nunca davam objectos de pouco preço para satisfazer os seus piedosos sentimentos; é por isso que presumo ter sido a lavra de alto valor aurifero. Talvez algum investigador mais paciente do que o humilde signatario destas linhas, amplie com o tempo as muitas lacunas que ahi ficam para serem preenchidas.

Já ficou dito no começo deste pequeno trabalho, quando tratei do interior da capellinha, que ahi deparei com os paramentos e alfayas, em estado deploravel. Não pude saber si ellas eram as mesmas que existiam na fundação da igreja; duvido, pois que pannos e sedas não resistem por muitos annos em athmosphera carregada de humidade, como é a da Ribeira, mófam em pouco tempo, decompondo-se por completo, principalmente quando se acham em recinto nunca ventilado.

O *Livro do Tombo*, de Xiririca, nos dá uma completa lista das alfayas e moveis que ahi existiam, e pela variedade de objectos se deve deduzir que a capellinha *era remediada*; possuia um patrimonio cujos juros davam margem para uma ornamentação decente, e, além disso, a devoção dos pretos era grande, pois estes tambem contribuiam para esse fim.

Termino a transcripção dos documentos existentes no *Livro do Tombo*, de Xiririca, com o logar que se chama actualmente Yvapurunduva. Não considero estes documentos acima transcriptos, de grande importancia para a historia do nosso Estado, mas, como estou tratando dos antigos *bairros* da Ribeira, não podia me furtar a este trabalho.

III

Yporanga

Yporanga — Agua bonita

Um dos primeiros viajantes que escreveram sobre Yporanga foi Carlos Rath, o geographo allemão, nascido em Tübingen (Württenberg), que, em portuguez pouco grammatical, nos deu uma pequena descripção do logar, ignorando eu si este documento, que transcrevo por completo no fim deste trabalho, já tivesse sido publicado anteriormente.

Sou de opinião que um geographo bem preparado como era Rath não devia descrever um logar qualquer em cinco ou seis palavras. Yporanga é mais digna do que aquillo que elle nos legou. Diz este viajante, no documento a que me refiro e que deve ter sido escripto no anno de 1852 ou 1854, o seguinte:

«Na freguezia conta-se pouco mais ou menos 30 casinhas, uma Capella e uma cadeia; consiste em uma rua, e as outras casas espalhadas; logar bem triste que se póde ver nas margens da Ribeira. As montanhas de granito e de schistos argillosos primitivos são mui proximos. A unica vista que se tem, Ribeira abaixo para as cachoeiras, é de um quarto de legua. As capoeiras e os mattos afogam a gente.

A antiga povoação foi situada algumas leguas por cima do ribeirão, (*) onde se chama os Pinheiros. No mesmo logar acha-se ainda vallas grandes, desvios do Ribeirão este, provavelmente das lavras de ouro. Serviços grandes e antigos da primeira povoação que viveu só da mineração de ouro. Agora não se trata mais deste serviço, por não fazer mais conta».

E' só sobre o logar.

Si analysarmos bem este trecho, é licito confessar que do anno de 1854 para cá se modificou bem o pittoresco e agradavel logar. Façamos antes de tudo uma narração exacta do actual Yporanga.

A canôa em que seguimos, Ribeira acima, que nos levou com tanta segurança atravez das fortes cachoeiras do *Poço Grande, Caracól e Funil* abriga-se sob o verdejante tecto de um vistoso *Pau d'Alho*, e, junto com outras muitas, de diversas procedencias, descança, amarrada no proprio *varejão* do habil canoeiro, da viagem que fez de Xiririca para cá.

Saltando-se por cima de duas ou tres embarcações que nos atravancam o caminho, piza-se logo em chão firme do pittoresco porto semicircular para galgar immediatamente a ingreme escada, em bruto, de 53 degráos, obtidos de lage calcarea das proximas serras. Uma inscripção, mal acabada,

(*) Ribeirão do Yporanga. (N. do A.).

feita com ferro ponteagudo no ultimo degráo, reza: *Cheia 26-6-91*, o que nos indica que tambem este logar seria bem perseguido das innundações, tal qual aquellas que obrigaram a mudança de Xiririca, si Yporanga não tivesse sido construida em logar alto, para se ver resguardada de taes phenomenos. A vinte passos desta escada topa-se com uma segunda escada, mais bem feita, de 9 degráus; subindo-a, achamo-nos no vasto pateo da igreja. A agradavel apparencia deste edificio, as formas proporcionadas da torre, executada n'um estylo gothico e ingenuo, retem-nos, como architecto, para admirarmos a habilidade do pedreiro que a edificou. Sentimos, porém, immensamente, que o corpo da igreja seja feito de taipa e de pau-a-pique, com telhado muito saliente, sem esmero algum, estando até em plena desharmonia com o restante.

A igreja é o ponto central de todo o logar; dahi sahem as ruas que vão aos diversos pontos da povoação, e neste mesmo logar, no pateo da igreja, acham-se os armazens mais importantes que suprem os moradores da villa e os proprietarios dos sitios, distantes dous ou tres dias de canôa, no Rio Pardo, Rio Turvo e Ribeira acima, etc. Ha entre estes armazens alguns de consideravel importancia attendendo-se ás necessidades da povoação, e é, principalmente aos domingos e dias santificados, dentro delles que se manifesta a parte mais interessante da vida do povoado. Individuos vestidos de bombachas estão assentados sobre o balcão, palestrando, rindo-se, matando a sêde e offerecendo algum refresco ao amigo ou despreoccupado observador; mulheres regateiam e compram deste ou daquelle obsequioso caixeiro um lenço de côres, alguns metros de chita ou um enfeite qualquer. E todos são attendidos da mais cordeal maneira, sahindo sempre satisfeitos do negocio, e convencidos de terem feito bôa compra. Roceiros de longe offerecem suas mercadorias em troca deste ou daquelle indispensavel instrumento para a lavoura, ou propõem a barganha de sua colheita de arroz ou de milho ao proprietario, com vantagem reciproca. E' natural que o proprietario do armazem saia lucrando, saia ganhando bem, mas, attendendo ás circumstantancias do negocio firmado, nada pode-se oppôr a um lucro de 30 a 40 %.

Sabendo um roceiro que fulano ou cicrano vem á zona afim de estudal-a, com habilidade e cortezia chega-se a elle contando-lhe as riquezas auriferas existentes, as curiosidades que ha por ahi, narrando-lhe, por vezes com bastante phantasia, observações extraordinarias que se fizeram em tal e tal anno, convidando-o gentilmente, por fim, a fazer uma excursão ao seu sitio, onde, sendo o convite acceito, se é hospedado com lealdade e satisfação, convidando-o a fazer uma excursão ás bellissimas grutas calcareas da zona ou para observar as aguas esguichantes do maravilhoso *Varadouro*.

Quanto ás narrações que ahi se ouvem deve-se dar o menor credito possivel, devido a deducções pouco logicas que

são feitas por estes habitantes, na maioria pouco escrupulosos em materia de observação.

Digo isto, porque ha pessôas que têm viajado por ahi, *scientistas* de nome obscuro, que pretendem propalar tudo que ouvem como sendo verdadeiro, sem ter feito observações proprias e prejudicando completamente o desenvolvimento da zona com phantasias extravagantes e sem valor.

Não se presuma que seja *enfadônho* viver entre esta boa gente por algum espaço de tempo; pelo contrario, as constantes narrações que se ouvem disto e daquillo, as festas tradiccionaes a que se assiste, os casos supersticiosos que são contados com tanta graça, as observações erroneas que são feitas pelos roceiros da circumvisinhança do logar e descriptos como factos irrefutaveis, são todos factores que nos mantem constantemente em actividade intellectual, não nos deixando succumbir pelo enfado, como acontece em outras localidades do interior do nosso Estado.

Eu desviei-me do assumpto, peço excusas.

A villa, hoje, pela nova lei eleitoral, cidade, não se compõe de uma só rua, como diz Carlos Rath, mas sim de seis ruas mais ou menos longas e estreitas, cujas habitações, baixas, são construidas, na maioria das vezes, de taipa ou de pau-a-pique e caiadas de branco. O proprio povoado está collocado sobre diversos outeiros e a sua posição geographica, observada por Carlos Rath, é de 5°18''6' long. occ. Rio de Janeiro e 24°51' lat. sul. A Commissão Geographica e Geologica achou os seguintes dados: 24°35'41'' lat. sul e 5°23'01'' long. O. do Rio de Janeiro.

Por esta pequena descripção que faço, C. Rath não tem absolutamente razão de affirmar que seja Yporanga *logar bem triste que se póde ver ás margens da Ribeira;* pelo contrario, de todos os muitos logares que conheço na zona sul-paulista é este o que mais me attrahiu, e, francamente, si tivesse de escolher como moradia qualquer cidade ou villa entre as muitas de S. Paulo, escolheria Yporanga, escolheria *Agua bonita.*

Não tenho, porém, terminado com a minha descripção.

Percorrendo com maior attenção o logar, verifica-se acharmo-nos em sitio antigo, vestigios de architectura colonial se observam nos dois ou mais sobrados velhos, bem velhos, ahi existentes. Nelles encontram-se, no pavimento superior. saccadas estreitas, constituidas de balaustres de taboas recortadas e pintadas de uma só côr. São estas casas documentos historicos, já carcomidos, não pelas traças dos nossos archivos, mas sim pelos dentes do tempo e pela humidade proveniente da evaporação das crystalinas aguas do Rio Ribeira; estes dois factores já deram cabo de grande parte da madeira que constitue estas habitações historicas, que em breve, em bem poucos annos, desapparecerão dentre as novas, reduzindo-se a pó, devido á demolição, para darem logar a outras que ahi se levantarão.

Não posso precisar a quantidade de casas existentes em Yporanga, mas si Rath assignala só trinta moradias em uma unica rua existente, devemos presumir que a cidade tenha hoje pelo menos 200, das quaes algumas conservam-se fechadas, por se acharem os proprietarios em suas lavouras proximas.

A cadeia mencionada por Carlos Rath ainda existe, e sendo velha, é um fóco antihygienico, onde póde-se desenvolver, com facilidade, qualquer molestia contagiosa : bem carecia de uma completa refórma ; o governo sabendo, porém, muito bem, que não ha na zona criminosos, gente ruim, e outras aberrações animaes em fórma humana, acha que a cadeia *prehistorica* ainda póde servir por muitos annos, até que, abatendo-se sobre um dos guardas bonacheirões, que zelam pelo bem estar publico, envie um engenheiro das Obras Publicas para dar o seu muito dilatado e consciencioso parecer, no qual affirmará que a cadeia effectivamente se abatera de velhice ! Por aqui, em épocas de fartura, jogou-se dinheiro á rôdo para a edificação de bellas obras ; para lá, para uma zona que merecia ter uma outra sorte que não a que tem actualmente, devido á uberdade do seu solo, devido ás suas inexgotaveis riquezas, devido á bondade do pacifico povo, e que se despreza por completo, não houve vintem para melhorar a sua situação lastimavel ! ! E' triste se narrar isto, mas é facto consummado !

Carlos Rath, apezar de ser allemão (e quasi todo o allemão é apreciador da natureza) achava Yporanga bem triste, o mais triste logar da Ribeira. Já fiz ver, em linhas anteriores, que isso é uma inverdade, não preciso commentar mais tal facto, só quero deixar aqui assignalado que u'a mais imponente vista, um aspecto mais variado de cidade sul paulista não ha, principalmente avistando-se *Agua bonita*, 1/4 de legoa distante do ponto onde deve atracar a fragil embarcação que nos conduz Ribeira acima.

O que Rath diz das matas e capoeiras é uma verdade ainda hoje. Ha ainda tantas e tão proximas ao logar, que na realidade *afogam*, e ainda mais lindas, mais densas, mais ricas tornam-se ellas, quando nos embrenhamos no verdadeiro sertão, entre Yporanga e Apiahy. E que riqueza em madeiras ! que valor está ahi escondido sem poder ser retirado por falta de faceis meios de communicação !

Quanto á fundação do actual logar os documentos que seguem, aliás ainda ineditos, darão esclarecimentos bastantes para aquelles que se interessem por este meu despretencioso trabalho e por assumptos historicos da nossa patria. Eil-os :

NOTICIAS QUE EU OBTI DOS MORADORES MAIS ANTIGOS A RESPEITO DA POVOAÇÃO DESTA FREGUEZIA DE YPORANGA

Na era de mil sete centos e sincoenta e cinco, os mineiros que trabalharam nas Lavras de ouro no Ribeirão de

Yporanga, sendo os mais apontados, Garcias Rodrigues Pais, o guarda-mór José Rollim de Moura, Antonio Leme de Alvarenga, Nuno Mendes Torres, fizerão huma Capella de paredes de taipa e cobrirão com telhas, no mesmo lugar da outra Capella mais antiga coberta de Capim, que os mencionados tinhão feito, logo depois que vierão habitar no d.º Ribeirão, em razão de ficar perto de Suas Lavras, de oiro, e Garcias Rodrigues Pais deu a Imagem de Santa Anna para Padroeira da dª nova Capella, e Antonio Leme de Alvarenga deo para a dita imagem hum resplendor e coroa de oiro, que até o dia de hoje existe. Esta dita Capella nesse tempo pertencia a Villa de Iguape, de onde vinha annualmente o Coajutor, ou outro qualquer Sacerdote p.r mandato do Vig.º desobrigar o povo dos preceitos Quaresmal, baptizar, cazar, etc.

Passados alguns annos, os moradores da Freguezia de Apiahy determinarão erigir em Villa a dita Freguezia. para cujo fim obtiverão anexar os moradores da Capella de Yporanga, por conceção do Ex.mo Bispo Diocezano, cujo nome ignoro, e desde então principiou a ser Capella filial da Villa de Apiahy, de onde annualmente vinhão os Reverendos Vigarios administrar os sacramentos, até que por varias representaçoens ao Ex.mo Bispo Diocezano Dom Frei Manoel da Resurreição da falta de um Sacerdote para administrar os Sacramentos, obtiverão um Capellão com nome Frei Antonio d'Ascenção o qual prezistio nesta dezoito annos até que se recolheu ao Seu Convento, e ficarão os habitantes na mesma falta de Sacramentos. Só annualmente vinha o R.º Vig.º de Apiahy desobrigar o povo, baptizar etc. e cobravão meia oitava de oiro por cada pessoa de Confição e neste infelis estado persistio este povo p.r m.tos annos.

No anno mil oitocentos e dois eu vim ordenado de São Paulo, e principiei a administrar todos os Sacramentos p.r faculdade dos Reverendos Vigarios da Villa do Apiahy. Só annualmente vinhão a esta cgd.r Vigario desobrigar o povo e cobrar as conceiçoens, fazer festas etc. Mortos os ditos mineiros habitantes no Ribeirão de Yporanga, o resto do povo veio estabelecerse nas margens da Ribeira, fazer plantaçoens de arroz, edificar Engenhos de pilar os d.tos e transportalos p.ª a Villa de Iguape, e Como com muita difficuldade se podia ouvir Missa, e Sepultar os Corpos dos que falecião. Vendo eu que na Ribeira, digo na barra do Ribeirão de Iporanga, tinha Escolastica Maria Carneiro hum sitio adonde se podia edificar outra Capella, afim de evitar o incommodo do povo, e meo na viagem para dentro do Sertão (que se diz ter huma legoa) pedi a dita Escolastica me vendesse o Seu sitio, o que ella me respondeu generosamente que para o d.º fim dava o sitio de esmola a S.ta Anna. Convoquei o povo desta afim de mettermos maons outra da Capella, e que para o d.º fim era precizo fazermos huma plantação de arroz, afim de termos din.ro para pagarmos ao menos o mestre das Taipas (Francisco Alves...(?)) e com o feito o povo

não se negou, apezar de serem todos indigentes, no dia apregoado por mim, todos se aprezentarão Com suas foces e machados Fizemos a primeira rossada no Lugar que está hoje a Freguezia. Vendido o arroz rendeo o seu liquido cem mil réis, mandei então tirar Provizão de erecção para a nova Capella, que hé da maneira Seguinte :

Ex.mo Rev.mo S.or : Dizem o Padre Bernardo de Moura Prado, o Capitão Joaquim de Moura Rollim, e os mais moradores do Arrayal de Iporanga, felial a Villa de Apiahy, que acabando-se as minas de oiro do d.o Arrayal, Se estabelecerão os habitantes delle nas margens da Ribeira distante huma legua (caminho espesso) ficando aquelle sitio totalmente dezerto por cuja causa a Capella que os antigos ahi edificarão tem tido grande ruinas, por não haver morador vizinho que possa zelar della, em razão de se acharem todos habitando na dita Ribeira, por isso desejão mudar a dita Capella para a mesma margem da Ribeira, e como não podem fazer, e nem demolir a antiga Capella sem licença de V. Ex.a, por tanto os Suplicantes pedem a V. Ex.a R.m Se digne mandar passar Provizão para a creação da nova Capella no Supra ditto Lugar. E. R. M. Despaixo — Passe Provizão — São Paulo 7 de Julho de 1814—Matheos Bispo.

Eis o teor da provisão datada de 11 de Abril de 1815 :

«Dom Matheos de Abreu Pereira p.r merce de Deos e da Santa Sé Apostolica Bispo de São Paulo, do Conselho de Sua Alteza Real o Principe Regente N. Senhor. Aos que esta nossa Provizão virem Saude e Paz em o Senhor. Faremos Saber que atendendo nós ao que por sua petição representarão o Padre Bernardo de Moura Prado, e o Capitão Joaquim de Moura Rollim, e os mais moradores do Arrayal de Iporanga, Termo da Villa de Apiahy, deste nosso Bispado, Havemos por bem pelo presente conceder lhes Faculdade para reedificarem a Capella de Santa Anna, erecta no dito Arrayal, passando daquelle Lugar para o da Ribeira adonde existe o povo, com tanto que seja o lugar decente, alto, livre de umidades, desviado quanto possa ser possivel de Lugares immundos, e Sordidos e de cázas particulares, não sendo, porem em Lugares ermos, e despovoados, e com ambito Sufficiente em roda para poderem andar Prociçoens, de sorte que fique com capacidade, para pelo tempo futuro servir de Matriz, se for precizo, o qual Logar será aSignado pelo dito P.e Bernardo de Moura Prado, a quem por esta damos Commição. Observará oque determina a Constituição do Bispado, sendo tudo Sem prejuizo dos Direitos Párochiaes e depois de completa a Capella não se poderá nella celebrar sem Licença Nossa, para a qual procederá imformação. Vizita e juntamente será apresentada com Sertidão do P.e Sentença do Dote da d.a Capella. Dada em São Paulo sob Nosso Signal e Sello das Nossas armas aos 11 de Abril de 1815. Eu o Padre Fernando Lopes de Camargo Escrivão Ajudante da Camara de Sua Ex.a Rev.a o

escrevi. D. Matheus Bispo. Provizão para que V. Ex.ª Rv.ᵐ ha por bem conceder faculdade para reedificação da Capella de Iporanga, Termo da Villa de Apiahy, na forma asima declarada. Para V. Ex.ª R.ᵐ assignar. »

Vê-se que quem formulou este documento visava um certo interesse hygienico, pois exigia o Bispo D. Matheus que a igreja fosse edificada em logar limpo, *desviado de Lugares immundos*, livres de maleitas (*sordido*); demonstra tambem, mui claramente, que se exigia do povo uma grande devoção, pois não devia ser edificada a igreja em logar despovoado, e ter bastante espaço em torno de si, para se poderem realizar pomposas procissões. Sem as festas não entrava dinheiro nos cofres da igreja, e sem este, padre algum poderia se manter n'um lugar que se compunha de tão poucas casas.

A igreja foi construida e deve ter ficado prompta antes do anno 1821; como, porém, a antiga igreja estava affecta á Villa do Apiahy, era necessario que o Vigario d'esta, informasse si a nova capella estava dignamente ornamentada e si o patrimonio antigo, isto é, os bens que pertenciam á primeira capella, construida de taipas e *coberta de capim* (deve ser de sapé), feita pelos Rodrigues Pais, Rollim de Moura, Alvarengas e Torres, eram sufficientes para a manutenção do clero, e para esse fim, então, foi dirigida ao Vigario da Vara um requerimento, informando o seguinte:

«Ill.ᵐᵒ Sn.ʳ Vig,ʳ da Vara. Dizem os moradores do Arrayal de Iporanga filial de Apiahy, que por terem de fazer Seu requerimento a Sua Ex.ª R.ᵐ afim de obterem Provizão de Benção para a nova Capella do di'to Arrayal, Se lhes fas preciso que o Reverendo Vig.ʳ da Egreja desta Villa de Apiahy lhes ateste se o patrimonio, que servio para a Igreja velha, pode servir para a dita nova Capella. Item se a dita está decentemente ornada capás de benzer-se, e por tanto Pedem a Vm.ᶜᵉ Se digne mandar passar a attestação, Como for verdade E. R. M. »

Este documento tirado do Livro do Tombo, de Yporanga, não traz a assignatura de morador algum, o que é na verdade de lastimar, pois poder-se-ia verificar se ainda ha ahi descendentes dos antigos signatarios deste requerimento.

Era naquella epoca Vigario collado de Apiahy o padre Generoso Alexandre Vieira, e este deu o seguinte despacho, do qual se deduz uma certa bondade e que é isento de qualquer inveja, pois sendo a capella de Yporanga antiga filial de Apiahy, o padre d'este, incurtado nos seus rendimentos annuaes por desligar-se desta a capella em questão, podia informar bem diversamente daquillo que informou. Eis o documento, (O despacho) ao qual me refiro:

«Attesto e fasso certo que a setenta e tantos annos (*)

(*) Yporanga antiga foi conseguintemente fundada no anno de 1751 mais ou menos, ella é, pois, 6 annos mais antiga que Xiririaa. (Nota doAutor).

Se edificou a Capella de Santa Anna do Arrayal de Iporanga filial a esta Villa, servindo sempre para o Seu Patrimonio a Fabrica, ou enterro dos moradores do mesmo Arrayal, isto determinado pelos Vizitadores, e por consentimento de todos meus antecessores. Este mesmo patrimonio pelo Seo rendimento pode servir para a dita nova Capella, eu consinto p.r ser de razão e Custume antigo. Item certifico que a dita nova Capella, pelo louvavel zello que tem tido o R.º Padre Bernardo de Moura Prado, Se acha decentemente ornada, e Capás de benzerse, e por tanto se faz merecedor de toda a atenção de Sua Revma todo o beneficio da ditta Capella. O referido é verdade o que juro aos Santos Evangelhos. Apiahy, 8 de Outubro de 1821. O Vigario Collado Generozo Alexandre Vieira.»

Munidos deste documento trataram os moradores do novo logar, do novo Yporanga, por intermedio do Padre Bernardo, de adquirir do Bispo D. Matheus a provizão para ser benta, a nova capella e dirigiram ao mesmo o seguinte requerimento:

«Exmo. e Rdmo. Snr. Diz o Padre Bernardo de Moura Prado, e os demais moradores do arraial de Iporanga, termo da Villa de Apiahy, que elles tem erigido por Provizão de V. Exa. a Capella de Santa Anna sita as margens da Ribeira, e mais comodo aos ditos moradores, em lugar da antiga, que se achava fundada mais remotta, e penoza para os mesmos habitantes, e como na conformidade da mesma Provizão de V. Exa. deve a referida nova Capella ter a qualidade que ella indica e estas concorrem no sitio da fundação e bem assim tem o mesmo titulo da Fabrica que teve a primeira Capella, como fazem ver a V. Exa. no documento junto, a fim de alcançar-se de V. Exa. a Faculdade de ser Benta na forma do Ritual Romano. Por tanto Pedem a V. Exa. seja servido mandar passar Sua Provizão para se Benzer a dita Capella, e se celebrarem nella os officios Divinos. E. R. M.

O despacho do Bispo D. Matheus foi, como sempre, laconico: *Passe Provizão*, e é datado de *17 de Novembro de 1821*.

A provizão mesmo é concebida nos seguintes termos:

« Dom Matheus de Abreu Pereira, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo de São Paulo, do Conselho de Sua Majestade Fidelissima etc Aos que esta Nossa provizão virem Saúde e Benção em o Senhor. Fazemos Saber que attendendo Nós ao que por Sua Petição representarão o Padre Bernardo de Moura Prado e mais moradores do Arraial de Iporanga, districto de Apiahy deste Nosso Bispado. Havemos por bem pelo prezente conceder Faculdade a Mto. Reverendo Vigario da Villa de Apiahy, para que com o Escrivão do Seu Cargo, possa visitar a nova Capella de Santa Anna sita as margens da Ribeira, e achando-a decentemente ornada, Capáz de nella celebrarem os Officios Divinos, a benzerá, e juntamente hum cemiterio competente, para o que

por esta mesma lhe concedemos Faculdade, fazendo-se de tudo, os termos necessarios, e do estilo, que com essa, e as ordens por que foi erecta a referida nova Capella, se remetterá á Camara Episcopal, ficando tudo lançado no Livro do Tombo da mesma Freguezia, ou Villa. Dado em S. Paulo sob o Nosso Signal e Sello das Nossas armas aos 19 de Novembro de 1821. Eu o Padre Fernando, digo o Padre Idelfonço Xavier Ferreira official da Camara o Escrevi. Dom Matheus Bispo. »

Este documento, registrado no livro 27, fol. 68, da Camara Ecclesiastica, deve ainda existir, em original, aqui em S. Paulo e nelle diz-se bem expressamente, que antes de ser benta a nova igreja ella devia ser visitada pelo Padre de Apiahy. Esta visita, que correspondia a uma fiscalização rigorosa por parte dos visitadores, que muitas vezes eram demasiadamente severos, talvez para não incorrerem em castigos ou mesmo para agradarem a seus superiores em ordens, devia ter sido feita de bem pouca vontade, attendendo-se á pessima estrada que já ligava, naquella epoca, Apiahy a Iporanga. Se hoje, devido ás chuvas torrenciaes, a estrada carece de constantes concertos e a viagem, para quem a percorre por obrigação, é perigosa, o que seria naquelles tempos, que ninguem, nem o governo, se importava com a manutenção das mesmas! Em todo o caso o Padre da Villa de Apiahy foi para lá aos 4 dias do mez de Junho do anno de 1822 afim de fazer a visita requerida, lançando o termo da visita no antigo livro do Tombo (?) como era uso :

« Aos quatro dias do mez de Junho de mil oitocentos e vinte e dois o Reverendo Vigario collado Generozo Alexandre Vieira, visitou a nova Capella de Santa Anna do Arraial de Iporanga, por Faculdade de Sua Exa. Rma. e achando-a decentemente ornada para se celebrar os Officios Divinos, e alem disso tendo se cumprido tudo quanto determina a Provizão da erecção da dita Capella respeito o lugar e mais circumstancias, deu o dito Reverendo Vigario Collado, e da Vara, por vizitante, e mandar que Se passasse este Termo, no qual Se assignou juntamente commigo Escrivão do seu Cargo, o Padre Antonio José Pereira de Carvalho, e o Reverendo Vigario Collado, e da Vara Generozo Alexandre Vieira. »

Visitada a capella no dia 4, era natural, que o vigario de Apiahy achando-a *decentemente ornada para celebrar os officios divinos,* e tendo lavrado o termo supra mencionado, a população, ainda bem pequenina, se preparasse com rapidez para que fosse a modesta casa de Deus benta sem demora. Era o padre de Apiahy que devia proceder a esta ceremonia religiosa. Eis o documento que se refere a esta acto :

« No anno de mil oito centos e vinte e dous, digo no anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo aos cinco dias do mez de Junho de mil oito centos e vinte e dous, o Muito Reverendo Vigario Collado e da Vara da Villa de Apiahy Generoso Alexandre Vieira, acompanhado

dos Reverendos Padres Bernardo de Moura Prado, e Francisco José da Trindade, Benzeu a nova Capella de Santa Anna do Arrayal de Iporanga, conforme determina a provizão de Benção, que obtiverão os moradores do dito Arrayal, do Ex.mo e Rv.o Senhor Bispo Diocezano Dom Matheus de Abreu Pereira, e para constar fiz este termo, que assignei com o Reverendo Vigario Collado e da Vara, e Eu Padre Antonio José Pereira de Carvalho escrivão que o escrevi. O Vigario Generoso Alexandre Vieira.

No mesmo dia sinco de Junho da era supra indicada no termo da Benção o Reverendo Vigario da Vara, Generoso Alexandre Vieira juntamente com os Sacerdotes asima nomeados, Benzeo o Adro, e a roda da Igreja para servir de Semiterio até que edifique-se outro em lugar Separado da Matriz, e para em todo o tempo constar passo esta clareza. —*O Vigario, Bernardo de Moura.* »

O que succedeu em Yporanga depois do benzimento da capella não sei, provavelmente a população ia crescendo, porém devagar; as grandes cachoeiras do Funil, Caracol e Poço Grande, tambem a pessima estrada de Apiahy impediam o seu desenvolvimento rapido, e sendo mesmo a maior parte da população affeiçoada á lavoura, era natural que os povos só fossem ao logar quando necessitassem de chitas e de sal para consumo diario, nas suas propriedades. Cultivava-se muito arroz, é provavel que ainda se bateasse bastante ouro e pacatamente continuavam a viver os habitantes do logar. Acharam, porém, alguns annos depois, necessario elevar a povoação, até aqui Capella, á categoria de *Villa* e assim sendo, requereram, quem foi não sei nem pude descobrir, á Assemblea Geral esta transformação politica. O requerimento foi discutido, e aos 9 de dezembro de 1830 foi promulgada a respectiva lei concebida nos seguintes termos:

Decreto: Hei por bem Sanccionar e ordenar que se execute o que resolveo a Assembleia Geral sobre a relação do Conselho Geral da Provincia de São Paulo. Artigo 1.o Crear-se-hão Freguezias as Capellas de S. João do Rio Claro, e de Nossa Senhora das Dores de Tatuhy no destricto da Villa da Constituição: de Cabreuva e Idayatuba no da Villa de Itú: de Nossa Senhora de Bethlem no de Jundiahy: do Bairro dos Silveiras no de Lorena: de Iporanga no de Apiahy.

Artigo 2.o O Governo marcará a cada huma o competente destricto.

O Visconde d'Alcantara, Conselheiro de Estado Honorario, Ministro Secretario do Estado dos Negocios de Justiça o tenha assim entendido e faça expedir os despaixos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em nove de Dezembro de mil oito centos e trinta, nono da Independencia, e do Imperio. Com a Rubrica da Sua Majestade Imperial. — *Visconde d'Alcantara.*

Os limites da nova Freguezia ficarão determinados como se segue, tirados por mim, do livro do Tombo.

DECLARACÃO DOS LIMITES

O Governo determinou a Camara da Villa de Apiahy que marcasse os limites desta Freguezia, vindo os enviados da dita Camara demarcarão por Limites desta Freguezia, na Ribeira asima a barra do Rio São Sebastião, Linha recta de huma, e outra parte da Ribeira; e Ribeira abaixo no Ribeirão dos Pilões, digo na Barra do Ribeirão chamado Pilões, linha recta de huma e outra parte da Ribeira seguindo o Sertão para o Sentro; n'este Lugar confinava o districto da Villa de Apiahy, com a Freguezia de Xiririca, ficando todo o Ribeirão dos Piloens pertencendo a esta Freguezia por seguir Ribeira asima: e para em todo o tempo constar e evitar duvidas fasso esta declaração. — *O Vigarto Bernardo de Moura Prado.*

Eis ahi todos os documentos existentes no livro do Tombo, de Yporanga, que foi aberto no dia 12 de Agosto de 1833 pelo Vigario João Baptista Pereira, com séde em Iguape; elles tratam da fundação deste pitoresco logar. Si existe ainda o Livro do Tombo do primitivo Yporanga não sei, duvido porém; elle deve ter tido a mesma sorte que os seus semelhantes, que vindo a passar a mãos leigas, desaparecem por completo, tendo talvez servido para atear fogo em um fogão de qualquer caboclo boçal e muito pouco comprehendedor de assumptos relativos á historia do nosso paiz.

Com a transcripção destes documentos conclui o historico de Yporanga. Poderia continuar a commentar o trabalho de Carlos Rath, como porém o mesmo nada diz da fundação do lugar, e sendo elle muito falho, dou por concluido com o ultimo documento autentico achado e já transcripto. Carlos Rath, a meu ver, deixou-se levar muito por informações bem pouco fundamentadas, parecendo-me que elle não teve, na maioria das vezes, o sufficiente cuidado de verificar e examinar detidamente os problemas que se lhe depararam; tambem elle era um descontente, de um pessimismo inqualificavel, que só achava defeitos em tudo, não louvando o bom e o util; mesmo questões pessoaes que tinha durante as suas viagens, incommodos que lhe affectavam, eram levados ao conhecimento do Governador da Provincia, e é devido a tudo isso, que Rath não enxergava as cousas como devia enxergar. Hoje em dia, nós, moços, estamos acostumados a analysar os assumptos de maneira diversa. E é devido a isto, que lamento que elle não nos tivesse deixado descripção mais nitida do lugar que ora acabo de tratar — de Yporanga — de *Agua bonita.* Até mesmo o trabalho de Rath que transcrevo em seguida como *nota* pode ser muito contestado por aquelles que, como eu, conhecem mais ou menos a fundo, a zona da Ribeira de Iguape.

NOTA

9.ª Comarca de Itapetininga

6.º Municipio da Villa de Xiririca da Freguezia de Iporanga.

Descripto por Carlos Rath-Dr. e Ingenieur Geograph.

Freguezia de Iporanga situada 5 graos 18 minutos 6 segundos de longitude occidental do Rio de Janeiro; 24 graos, 51 minutos de latitude, 879 pés sobre o nivel do mar. O nivel da Ribeira é 812 sobre o nivel do mar.

Visinha do distrito de Apiahy que é 6 leguas distante desta ultima em quanto que verdadeiramente têm sómente 4 leguas, creada por decreto da Assembléa Geral de Novembro de 1830. O seu termo consta de 1200 moradores que se dão a criação de porcos e a plantação de arroz e canna.

A freguezia é collocada na margem direita do Ribeirão Iporanga o qual no mesmo lugar desagua no rio Ribeira do lado esquerdo. A freguezia é situada 89 palmos acima do nivel da Ribeira.

O ribeirão Iporanga tem 10 braças de largura na embocadura, e acima tem 2 a 4 braças só. O fundo é muito desigual, e não é navegavel.

Na freguezia conta-se pouco mais de 30 casinhas, uma capella e uma cadea: consiste em uma rua, e as outras casas espalhadas; lugar bem triste que se pode ver nas margens da Ribeira. As montanhos de granito e de schistos argillozos premitivos são mui proximos. A unica vista que se tem Ribeira abaixo para as cachoeiras, é de um quarto de legua.

As capoeiras e os mattos afogam a gente.

A antiga povoação foi situada algumas leguas por cima do ribeirão, aonde se chama os Pinheiros. No mesmo lugar acha-se ainda vallas grandes, desvios do Ribeirão etc., provavelmeute das lavras de ouro. Serviços grandes e antigos da primeira povoação que viveu só da mineração de ouro. Agora não se trata mais deste serviço, por não fazer mais conta.

O nascimento do ribeirão Iporanga tem 5 leguas pelo oeste, entre grandes e altas montanhas recebendo no curso delle alguns outos riaxos. Entre estes, ha um bem notavel que sahe de uma gruta que toma o nome de S. Antonio. Esta gruta acha-se entre as pedras de cal, formando na bocca da gruta uma muralha preta de 812 pés. Este gigantesco paredão é ornado de alguns arbustos, plantas e cipós, que sahem das frestas dos jazigos, que se mostram aqui bem horizontaes, correndo de leste para oeste, com uma queda do norte para sul de 20 graos.

A gruta tem a largura de 130 palmos e faz um vão, com a fundura de 80 palmos, fora do canal donde sahe o

riacho que tem a largura de 30 palmos, igual á da bocca da gruta. A perfundidade do Ribeirão tem 4 a 6 palmos. Para entrar é preciso entrar primeiro na agua. A altura da gruta pode ter 60 a 80 palmos, e é inteiramente ornada de stallactites, isto é uma crosta ou melhor precipitação de cal mui branca que cobre as abobadas e as paredes, e alguns poucos Stallagmites de cal, correspondente no chão. Estes Stallactites e Stallagmites formão as vezes figuras mui pittorescas, que ficam penduradas nas abobadas etc. A agua é muito fria, dez graos de Reaumur.

O canal donde sahe a agua, forma no fundo muitas cascatas, porém no fim estreita-se para uma fresta mui escura e medonha.

Este mesmo riacho tem tres leguas acima o nome d'agua fria e sahe por baixo das pedras de cal, e depois de ter corrido 3/4 de leguas toma o nome de funil ou sumidouro; porque a agua sumia-se entre um buraco, tambem nas mesmas pedras de cal e apparece na gruta de Sto. Antonio outra vez, para unir-se pouco distante com o rio de Iporanga.

Para chegar neste rio e na gruta de St. Antonio é preciso passar um lugar onde corre o rio entre os rochedos de cal mui altos, empinados e lisos, que quasi não dão espaço para passagem de uma cobra. Se escorrega o pé (naturalmente descalço) ou a mão, precipita-se o visitador sobre o ribeirão que em grande profundidade corre com muita velocidade.

Até hoje não tem outro caminho.

No leito destes rios e riachos, acham-se pedras grandes de quartzo, lages de uma pedra silicosa, schistosa, melaphir, Jaspes ordinarios, pedra de ferro e pedra de cal muito preta.

Esta cal preta forma uma collina, que se estende para noroeste algumas 8 leguas, mudando já algumas leguas distante a cor e o principal caracter.

Na gruta está ella acamada em lages ou jazigos de 6 a 12 pollegadas, muito duro, mais grande dolomitica, sem veas; as fendas são cheias de uma argilla arenosa branca pouco calcarea.

Para queimar gasta muita lenha e dá uma cal meia preta hydraulica de boa qualidade; a gente de lá, não sabem lidar com ella. Eu suppuz que fosse uma especie do uculan ou Antraconite dos mineralogicos.

Duas leguas acima ve-se a cal com a cor azulada com veas brancas e de quatzo com gallena ou Tellurio (mina de Chumbo com pouca prata etc.) Lá ella forma rochedos grandes que parecem a cal carbonica da fabrica de ferro de S. João de Ipanema e de Apiahy. Esta collina é riquissima destas minas de chumbo.

chumbo,	Tellur,	Ouro,	Prata,	Cobre,	Enxofre,
54,0	32,0	1,0	8,5	1,3	3,0

Amostras e descripção desta mesma mina mandei eu ao sr. Raphael Decio que usurpava esta terra muito montanhosa para o governo! Fóra do logar que mencionei, acha-se ella perto da villa de Xiririca, rio dos Pillões, bairro Vutuverava e Campo-largo de Curitiba.

Esta mesma collina de pedra e cal acha-se no interior do Iporanga, e nas outras partes muitas vezes ellevadas e destruidas por uma pedra que se chama Leucomelan, Leucitaphyr, e Melaphyr, pedras vulcanicas; o povo chama-lhe pedra de capote ou de ferro por causa da sua côr, e da propriedade de criar uma casca vermelha terrea em redor de si. Esta pedra forma quasi sempre morros muito agudos, que sobresahem ás outras montanhas e destroem e poem em ruinas as outras formações. Estes morros agudos são innumeraveis embaixo da serra.

Algumas vezes mostra-se a pedra mais basaltica, isto é, em columnas prismaticas, as mais vezes redondas em bollas, muito dura, cor escura de ferro, por dentro, por fóra avermelhada. As vezes acha-se este melaphyr em lages mais ou menos grossas e com algum som; as vezes de cor cinzenta: tambem se encontram nos leitos dos rios.

Na freguezia de Iporanga contarão-me certas pessoas de credito, que um morador de lá, achou na roça delle, na occasião de queimar, pedras azues derretidas e no chão um metal como estanho, que elle vendeu em Iguape. O homem não quiz me mostrar as pedras por ter medo que o governo tome o terreno delle onde se acham estas pedras.

Nas margens do rio Ribeira perto da freguezia de Iporanga no caminho para a villa de Apiahy, rio acima, onde desagua o riacho S. Sebastião, lado direito da Ribeira acha-se um mineral bem raro, o espatho da Islandia. Espatho de cal, claro transparente, desfaz-se em pedaços romboides, lamelloso, com a particularidade de ter uma refracção dupla com o da Islandia.

No morro escarpado ao lado esquerdo da Ribeira, duas leguas acima de Iporanga contem uma grande porção de um mineral já mencionado chamado Pyrites. O morro já se incendiou umas poucas de vezes por si mesmo, causa rompimentos, quedas de grandes pedaços do morro. E no anno de 1847, cahindo de repente uma torrente de agua quasi do cume do morro, abrio um caminho pelo seu declive e corria com tal impetuosidade, que arrastava e estragava tudo que encontrava.

Os pyritos servem para a fabricação do enxofre, do acido vitriolico, para marte ou caparosa e colcothar, um mineral de pintura vermelha e para burnir ouro e prata.

No rio Guaporunduva e principalmente nas cabeceiras delle onde se chama ribeirão das mortes, ribeirão dos Pilões, ribeirão St. Anna, onde atravessa o caminho do Iporanga para a freguezia do Paranápanema, acha-se um grande serviço de quasi duzentos annos nos valles, montes de cascalhos,

desvios dos mencionados ribeirões, emfim aqui se ve material para uma pintura extraordinaria e horrorosa.

Os lavradores que viverão aqui para tirar ouro matarão uns aos outros e por isso os brancos desappareceram e só os pretos se conservarão até hoje no ribeirão Guaporunduva, Anhangueira, etc.

As formações dos grandes paredões do logar chamado Passa-vinte são de cal carbonifera com minas de chumbo ; acima de Ribeirão das Mortes, e dos Pilões atravessa a mesma formação pelo lado do norte.

Ribeirão abaixo estão a maior parte dos montes de Quartzo, schistos premitivos e schistos quartzosos. No lado do ribeirão St. Anda é grés branco, de feldspatho e quartzo como no morro que se chama mesmo Pedra branca por seu cume ser sem vegetação e reluzento ao longe. Para cima do Ribeirão dos Pilões os grandes e altos paredões são de grés branca inferior, com os jazigos conglomeraticos muitas vezes alternando ; pois destes acha-se muito quartzo. O terreno baixo entre as montanhas, nas marges do ribeirão é esteril, sem terra nem vegetação, os lavradores de ouro fugirão destes lugares tristes, de lembranças medonhas, onde elles tirarão o metal infernal.

O ouro que se tira no Apiahy, Iporanga e Guaporunduva, e nas margens da Ribeira mostra-se mais ou menos com as quinas bem agudas, pouco rollado de cor claro, amarello, até alguns pedaços tem uma cor verde esbranquicenta, tem 22 quilates em seu valor.

O ouro com a area de Apiahy, examinando mechanicamente deu-me o seguinte resultado : O oxydo de ferro tirado pelo iman 40,13, Zircon 12,08, Mangan. Superoxido 15,9 Riacolith 12,30, Quartzo 12,80 — Total 100,00.

A analyse de ouro deu o resultado seguinte :

Ouro	Prata	Ferro	
89,80	9,86	0,32	— 99,98

Em geral o ouro destes lugares, é muito miudo, os cantos e quinas não são muito arredondados e a abundancia foi grande ! As vezes acha-se folhetos bem grandes com o de 10 a 20 oitavas ; e no Iporana uma familia de um capitão mór achou um pedaço de 12 libras, formando uma cabeça de macaco a qual foi causa de um processo infernal até que a cabeça do macaco desapareceu.

Diamantes acham-se só alguns poucos nos ribeirões para o lado do sul de Apiahy, abaixo da serra entre tres morros agudos, na frente nas furnas, ainda no sertão bruto sem moradores. Ouro como diamantes tira-se nesta Provincia das alluviões, raras vezes experimenta-se fazer uma mina e quando a fazem é sempre com um fim funesto e prejudicial dos mineiros, donos dos escravos, falta de conhecimentos e cuidados.

Julgo aqui ter lugar alguma observação sobre o lucro dos mineiros de ouro nas minas ricas de California e da Russia e dos ganhos com a fabricação de ferro na França.

. . . . . .

Nas visinhanças do rio Ribeira, Iporanga abaixo, nolugar denominado Caracol e outro no Poço Grande, acham-se minas de ferro magnetico com mistura de ouro e nas lavras dos rios das Mortes tem a mesma mina. Estas minas de ferro mostram raras vezes crystaes ; a maior massa é porosa, tuffosa, muito preta, quasi sem lustro metalico, e as cavidades são cheias de um barro muito vermelho com pouca mica.

A maior parte da mina pode-se observar nas margens dos riachos que mostrão uma extenção ou riqueza grande.

A mina de ferro do Poço Grande sahe da formação primitiva dos schistos argilosos mui destruidos, em companhia de um quartzo branco com veias de oxydo de ferro em pó. Os moradores de lá me affirmão que neste pó se acha ouro em folhetos bem visiveis.

Depois deste exame fica-se certo que as terras abaixo da serra principalmente as do rio Ribeira por dentro, e nas terras montanhosas a beira mar, até Guaratuva, são terrenos metaliferos para o futuro do paiz. E não como a infeliz terra da Provincia de Minas aonde se tirou com innumeraveis escravos o ouro e os diamantes para mandal-os para a Inglaterra e França, onde se a purifica, lapida, engasta, etc., com a qual mão de obra ganhão metade e mais, alem de que falsificam.

Chumbo, estanho, cobre, azougue, ferro etc., occupa gente que ganha e necessita de muitas cousas. Para a apuração destes metaes, carece levantar machinas, engenhos, edificios grandes, os productos necessitam os habitantes do Brazil em seu estado bruto, para os industriosos levantarem fabricas e mil ramos para purificar e fabricar os objectos. Até hoje o dinheiro que se ganha nos productos da exportação fica nas terras estrangeiras, em troco de generos de toda a qualidade, que vem para o uso, emquanto se produz no mesmo paiz, tambem nelle fica o dinheiro.

As terras das plantações de agricultura são serra acima, e para lá dos Campos de S. Paulo de Sorocaba e dos Campos Geraes até o grande rio Parana onde afinal se tira o combustivel mineral.

Para a criação dos animaes ficam os Campos Geraes, pois os outros terrenos quanto mais se aproximão a serra, tanto menos servem para a cultura e criação de animaes por causa do muito frio e humidade.

O IMPERIO DOS INCAS

PELO

DR. DOMINGOS JAGUARIBE

Socio benemerito do Instituto

O Imperio dos Incas

PARTE I

INTRODUCÇÃO

«Felix, quem veritas per se docet, non per figuras et voces transeuntes, sed sicuti se habet»,

(*De doutrina veritates*).
Imitação de Christo, Cap. III.

Bemaventurado aquelle a quem a verdade enna, não por figuras e vozes que passão, senão por si mesma e como em si é».

Até o anno 1500, pequena era a civilização européa. O novo mundo desconhecido por ella tinha alcançado um governo estavel; as suas florestas e montanhas continham todos os preciosos vegetaes que vieram muitos seculos depois fazer a fortuna da therapeutica, que achou nos alcaloides destas florestas os segredos dos remedios conhecidos antes pelos Incas, a *quina* com que debellavam as febres, a coca, com que aliviavam e curavam as dôres e insensibilizavam os tecidos permittindo operações sem dôr!

Ainda mais que isso, os Incas chegaram a tão adeantado estado de civilização e de descobertas de alcaloides que o curari lhes permittia immobilizar a sua preza com o terrivel veneno, que paralyzava os musculos que em seguida com o antidoto feito com o sal (clorureto de sodium) depois da caça subjugada, a libertavam dos laços, viva, mas já nas jaulas!

A arte de desenhar e de tecer o algodão e a lã, tecidos finissimos, (*Histoire de la coca*), era admiravelmente praticada. Damos em seguida em clichés, alguns desenhos de bolsas e lenços dos quaes usavam para guardarem as folhas da coca, a preciosa bebida que tira a fadiga, a fome e a sêde, permittindo aos indios as jornadas difficeis e a resistencia e tenacidade de que são capazes e não foram jamais excedidas por outros povos.

Os leitores verão no respectivo cliché o escudo que servia para as armas imperiaes do Perú, antes da conquista

e tambem em miniatura os Incas o usavam para o sello com o qual assignalavam as ordens, porque não conheciam a linguagem escripta.

Professores especialmente educados e preparados, conheciam e liam o registro dos acontecimentos feitos em nós dados nos cordões, como hoje fazemos com as letras do alphabeto. O desenho foi um dos ramos de ensino mais aperfeiçoado, todos os feitos de guerra, a chegada dos hespanhóes, immediatamente eram copiados em tellas de panno fino de algodão, sendo tão peritos desenhistas que Pizarro ficou admirado.

Os correios levavam aos Imperadores essa especie de telegrammas.

Admirou-se o europeu, em chegando ao Perú, de vêr as obras d'arte, architectura, pontes de cipós sobre os rios, trabalhos de pedra e madeira encontrados nos munumentos, templos e fortalezas.

A tradicção passada de pais a filhos atravez as gerações abre muita luz ao investigador que ler as narrativas feitas pelos principaes indigenas aos invasores que as transmittiram como se verá da bibliographia dos autores citados por nós no inicio, visto que a nós só cabe a fiel interpretação do que elles dizem.

Quando em 1638 a quinina foi introduzida na Europa com o nome de *pó dos jesuitas*, não se podia avaliar que o segredo do remedio contra as febres era conhecido dos indios. O mesmo aconteceu com a ipecacuanha e com tantas outras drogas, que revolucionaram a moderna therapeutica e já os Incas empregavam muitos seculos antes de 1500.

Infelizmente muitos remedios se perderam, tendo os chronistas apenas lembrado os seus usos.

Exemplo do que dizemos é o uso do guaraná, que substitue os preparados do acido lactico que Metchinicof apregoa actualmente para prolongar a vida, evitando como acontece as fermentações putridas e as pitomainas.

A coca conhecida pelo nome de planta divina na linguagem dos Incas, que a preferiam a oiro era o melhor presente da natureza feita ao homem selvagem. Não corrompe como o alcool, mas dá vitalidade, força e vigor, prolonga a vida, e augmenta sua resistencia a tanto, que os algozes e tyrannos não puderam vencer os indios que não reagiam, mas fugiam para as montanhas, obrigando que os perseguidores os seguissem, cahindo pelos caminhos que os indios venciam uzando a coca.

A coca, a quina, o matte passaram aos usos dos outros povos da America.

A esposa de Manco Capac Inca IV, foi cognominada a *mai da coca*, *Mama coca*, e desde então a planta ficou deificada, não se celebrando festa alguma sem que fosse queimada a coca, e das suas fumaças os adivinhos tiravam motivos para interpretar augurios. As mumias e os corpos se-

pultados linham perto a elles vasos usados para beberagem da coca.

Augustin de Zarate em sua «Histoire des Découvertes du Perú» (1555), diz o seguinte: «Em certos valles no meio das montanhas, o calor é maravilhoso, cresce nesses lugares uma herva chamada coca, que os indios estimam, mais do que o oiro e a prata. A virtude desta herva reconhecida pela experiencia, é que toda a pessoa que a tiver na bocca não soffre nem sêde nem fome».

Garcilazo de la Vega, a quem mais de perto seguimos, era filho de nobre hespanhol; seu pai serviu sobre as ordens de Pizarro, que julgou acertado dar as filhas dos generaes dos Incas e as dos imperadores, aos seus soldados. Tirada a sorte coube a Garcilasso por esposa a filha do Inca Huayna Capac, escapada da morte na guerra contra seu irmão. Desta união proveio o notavel historiador que pelos laços de parentesco, pelo conhecimento da lingua do Perú podia, melhor que qualquer outro, dizer o que se havia deixado na civilização que os invasores destruiram.

O Inca Roca, no XII Seculo (Histoire de la Coca, Dr. Golden Martiner, Paris, 1904), fez plantação da Coca nas montanhas de Pacatambu e enviou seu filho Lloque Yupanqui, com 15.000 guerreiros, para conquistar as tribus selvagens de Anti-Ingu.

Quando Yupanqui avançou com seu exercito até o rio Paucartambo e dahi até Pillcu-pata, chegando a Havisca no anno de 1197, fez as primeiras plantações de coca nos montanhas na base oriental dos Andes.

Garcilazo pretendeu herdar esta plantação de seu pai filho do Perú; mas a ganancia dos hespanhoes que tudo confiscaram, poz termo a essa exploração da cultura, que tanta riqueza e felicidade deu por mais de 400 annos ao povo do Perú.

«A coca conforme se lê no livro citado, pag. 44, previne o corpo de muitas enfermidades».

Os medicos a empregavam triturada em applicações sobre fracturas- para expellir o frio do corpo ou para que penetre e para curar as feridas e as bicheiras, fazendo cahir os vermes.

Goza das virtudes para a cura dos males exteriores e ainda para os internos e por isso se uza a coca, mastigando e engulindo o succo.

A maior parte da renda dos padres de Cusco, provinha da venda da coca.

O odio que os hespanhoes tinham ás tradicções dos indigenas era conhecido, e narra Garcilazo:

«Eu me lembro de uma historia que ouvi no meu paiz natal, o Perú, a proposito de um gentil-homem chamado Rodrigo Pantoja, que indo de Cusco a Rimac encontrou um pobre hespanhol, (porque lá como aqui ha gente infeliz), que levava nas costas uma filhinha de dois annos. Pantoja co-

nhecia esse hespanhol e perguntou: porque você carrega essa criança que pesa tanto? E' porque, diz elle, não tenho dinheiro para alugar um indio para carregar minha filha».

«Pantoja reparou, quando elle falava, que a bocca estava cheia de coca, sendo habito desprezivel, só empregado pelos indios idolatras; o mesmo Pantoja lhe fez ver isso, ao que respondeu o pobre homem: «eu detesto este habito, como os nossos patricios; mas é preciso que eu me habitue a imitar os indios e a ter a coca na bocca, porque devo vos informar, sem ella eu não teria força para carregar este fardo, ao passo que comendo-a supporto e não me fatigo». Desde então se reconheceu que não era vicio (como fazem com o fumo, mas por necessidade corporal para resistir ao trabalho e a fadiga.

Os arbustos são do porte de um homem, nascendo a planta das sementes plantadas em viveiro, e planta-se como se faz com as vinhas, deitando as hastes e tendo-se o cuidado de não deixar-se as raizes dobradas sobre ellas mesmas, o que serviria para matar a planta.

Quando se faz a colheita tomam-se os ramos na mão e arranca-se folha por folha sem tocar no galho. Depois da colheita faz-se seccar ao sol as folhas, ellas perdem a bella côr verde tão apreciada, e reduzem-se a pó, (tão delicadas são ellas), si forem calcadas empilhadas em cestas. E' preciso cobrir os cestos com folhas largas de outras plantas para que a humidade não estrague as folhas da coca. Guarda-se a cesta cheia envolvida em pannos.

A coca era tambem conhecida pelo nome Hayo, visto ter sido assim denominado por Antonio Havero, historiador de Felippe II, que nas suas correspondencias sobre as conquistas, narra que os chibohas assim chamavam a coca.

Assim como no Paraguay, Rio da Prata, Paraná e Rio Grande do Sul se uza hoje a cuia para o matte, tambem os indigenas do Perú uzavam uma especie de purungo, com tubo de barro e de taquara para a bebida da coca.

Damos o cliché explicativo, copiado do livro citado, pag. 62.

O nome destes vasos era pororós e o tubo se chamava lipta.

Os Incas tinham como tambem os generaes e principes de sangue, ricos vasos ornamentados para o uzo da coca. A pag. 149 do livro citado vemos um bello desenho do qual damos o cliché.

O Dr. Golden Mortimer a pag. 150 do livro citado, diz o seguinte:

«O desenvolvimento muscular e o exercicio de força muscular, têm preoccupado o homem em todos os tempos. Os Incas prestavam o maior cuidado aos jovens, durante o periodo da puberdade, e só quando se mostravam dignos da estima, é que se lhes concedia permissão para cingir as *chupas* nas quaes se collocavam as folhas da coca e os pororós, que

continham cal com a qual se misturavam as folhas para serem mastigadas».

Esses vasos eram collocados na sepulturas, na crença de que para a longa viagem da morte, era preciso levar a coca e com effeito os vasos eram cheios dellas.

Tendo nos referido á antipathia dos hespanhóes pelos habitos dos indios, occorre dizer aqui que o misoneismo, isto é, a *antipathia* por tudo o que é *novo*, teve nos hespanhóes a mais perniciosa influencia ; entretanto esse povo conserva ainda hoje uma especie de idolatria pela tauromachia e a castanhola, que emquanto for habito popular deprime a grande Hespanha.

Os gregos conheciam este mal e com razão chamavam neophobia, (*neos*, novo — *phobein*, medo, pavor). O que é verdade é que este estado do espirito humano sempre que se manifesta, traduz e mostra o atrazo e a ignorancia, tal como a aurora mostra o dia.

Com razão disse em um recente estudo, na «Revista de Psychotherapia» pag. 151, 1912, o meu sabio mestre e amigo Dr. Berillon: «O medo do novo nas classes cultas se complica de dois sentimentos igualmente incommodos : a impressão de um ciume que em presença de uma superioridade incontestada não saberia se exprimir livremente, e o soffrimento de vaidade irritada».

Las Casas no seu livro «As Indias Occidentaes», pag. 280, depois de haver feito a Carlos V a descripção das crueldades feitas aos indios, disse criticando alguns sacerdotes :

«Eis ahi porque os indios zombam do Deus que nós adoramos, e persistem na incredulidade; elles creem que o Deus dos Christãos é o mais cruel dos deuses, porque os Christàos que o servem e que o adoram são os peiores e os mais corrompidos de todos os homens».

Falando da indole dos indios lemos na obra citada :

«Christovão Colombo deu testemunho quando declarou : «Eu juro, disse elle a Fernando, em uma de suas cartas, que não ha no mundo povo mais brando e mais humilde».

Cita ainda Las Casas : «Tem-se visto muitos hespanhóes, bastante deshumanos, dando a comer a cães exercitados para matar indios, crianças, filhos destes infelizes ! Os cães os estrangulavam e devoravam».

«Um cão perito e sagaz, que matava indios, denominado Bezerril, tinha a mesma ração dos soldados, não só em viveres, mas em oiro ! »

Os povos da America do Sul tinhão nos habitantes do Perú e do Mexico, os mais adiantados, chegando a gozar durante mais de quatro seculos de um crescimento de população, paz e progresso. Torna-se uma obrigação imperiosa para o historiador e psychologo, indagar qual a causa que uniu esses povos barbaros e os fez felizes no Imperio dos Incas ?

A resposta é facil, quando se compara o passado das duas nações americanas com o presente:

1.º A religião, como base, obrigando todos á adoração do Sol;

2.º O povo não era mestiçado. A raça pura faz a grandeza de um povo.

Quando se perscrutam os échos da historia ao tempo do soffrimento de seus martyres, como que se ouve sahir do intimo de nossa alma patriota, respostas concordantes com as idéas que dilatamos, interpretando o sentir dos grandes vultos, na sepultura ignorada onde repousam.

Eis porque não podemos esquecer na tradição dos grandes homens da America do Sul os nomes de Antonio Carlos e José Bonifacio, aquelle conspirando com Lord Cochrane para a fuga de Napoleão o Grande, de Santa Helena, afim de vir fundar o Imperio do Brazil, e o irmão e emulo de Benjamin Franklin nas duas Americas, o patriarcha da nossa independencia, fundando a nacionalidade brazileira, para a realização dos nossos grandes destinos.

Tanto Napoleão como os Andradas estiveram desterrados e parece-nos ouvir sahindo dos tumulos a conversa delles e a resposta do maior general que teve o mundo: «Poderá o imperio, que ligou por tantos seculos os Incas ao povo, ligar os brazileiros por algum tempo?»

Com razão diz o sabio sociologo Gustavo Le Bon serem as raças mestiças ingovernaveis.

Os paizes novos da America, depois da destruição pelos Europeus de milhões de indigenas, não podiam deixar de ver mestiçada a sua população. Sendo o indio de procedencia asiatica, o cruzamento que se fez com os europeus hespanhoes de um typo de homens fortes mais aventureiros. Dahi decorre que introduzido pelos hespanhoes e portuguezes na America do Sul, o negro, este tambem fez a mestiçagem mais numerosa no Brazil do que nas republicas hespanholas.

Da resultante da raça mestiça do branco com o indio e do branco com o negro, conforme provou Quatrefages, no seu livro «Raças-Humanas, esta ultima é inferior á outra.

No Brazil o heroismo dos indios e dos cruzados permittiu que o systema de povoamento portuguez, pelos donatarios, e a posse das terras pelos primeiros posseiros, désse aos povoadores o dominio facil, com as energias de um patriotismo mais forte entre os filhos dos colonos, do que nos proprios paes.

Foi talvez a essa observação que o grande Paula Souza, declarou na tribuna do Parlamento uma phrase prophetica: «O primeiro Imperador sahiu do Brazil por não ser mestiço, o mesmo virá a acontecer com Pedro II».

João Capistrano de Abreu cita nos seus Capitulos de Historia Colonial á pag. 18, titulo 11, o conceito e a opinião de Antonil em 1717:

«O Brazil é o inferno dos negros, o purgatorio dos brancos e o paraizo dos mulatos».

A raça latina tem crença e patriotismo em grau elevado; mas o seu papel a respeito da colonização tem sido sempre de augmentar os centros de população, as cidades; jámais foi creadora de grandes nucleos. Para formar estes só os allemães têm sido felizes, de modo que a nossa observação e estudos a respeito nos induzem a fazer o seguinte conceito: a raça teutonica é melhor para colonizar, porque faz nucleos isolados que crescem, ao passo que a raça latina augmenta as cidades já feitas.

Resultou do cruzamento dos hespanhoes com os indios o apparecimento de aventureiros e Ramos Mejia, no seu livro «As Multidões Argentinas» bem o demonstra. O Brazil teve porém uma vantagem immensa da sua mestiçagem, que foi o povoamento rapido sem odio de raças, de modo que não se deu aqui o que se deu nos Estados Unidos do Norte, onde o General Grant disse uma vez: «Os negros nos Estados Unidos são uma pedra no estomago do paiz, não se digere, nem se deixa digerir».

Os preconceitos, sonhos, visões, augurios serviram de arma a Cortez e a Pizarro para impressionar os indios e os subjugar.

E' entre os povos barbaros que se têm visto os maiores exemplos do valor da sujestão sobre o espirito.

Convem aqui lembrar que tanto no Perú, como no Mexico, imperios foram constituidos por governos que tiveram successão regular, sendo que o Perú contava mais de 400 annos de governo hereditario e o Mexico 200 annos, onde a successãs do throno era dada ao mais valente dos mexicanos, com excepção de Montezuma XI imperador que foi o ultimo dos soberanos desthronados pelos hespanhoes e que, sendo filho do imperador do mesmo nome, ao qual succedeu, foi por suas qualidades e bravura e não pela herança que elle deveu succeder a seu pai.

A esse homem assim bravo e indomavel coube por sorte attestar perante a historia o modo pelo qual o desconhecido pode transformar os governos e os povos.

E' o caso que lemos na «Histoire Generale des Voyages» de La Harpe, pag. 310, vol. X: » Alguns pescadores pegaram nas bordas do Lago do Mexico uma ave de tamanho nunca visto, com figura monstruosa, levando-a á presença de Montezuma. Este passaro tinha na cabeça uma placa cornea brilhante que com o reflectido do sol produzia uma luz ou reflexo triste e medonho. O Imperador Mexicano, fixando os olhos na placa brilhante, percebeu a representação de uma noite estrellada, brilhando as estrellas, ao ponto de elle pensar, no momento, que o Sol havia desapparecido (o que teve de verificar olhando depois para o Sol) visto não poder comprehender a razão do que via com seus proprios olhos.

«Elle viu soldados desconhecidos e bem armados que vinham do lado do Oriente e que faziam horrivel carnificina a seus vassalos. Fazendo logo comparecer todos os sacerdotes de sua côrte para verificarem o prodigio que se apresentava, a grande ave ficou immovel perante todos elles, e emquanto muitos delles verificavam o que o imperador vira apparecer nesta placa reluzente, o passaro escapou-se de suas mãos voando para longe.»

Poucos dias depois deste prodigio, outro se repetiu. (Obra cit. pag. 31):

Um trabalhador veio correndo ao palacio e pediu com muita instancia para falar a Montezuma, a quem narrou o seguinte:

«Vi em sonho o Imperador adormecido em um local ermo, tendo na mão uma pastilha accesa.

Uma voz ordenou-lhe que tomasse a pastilha da mão de Montezuma e a applicasse na coxa, o que logo foi feito sem que fosse visto por Montezuma. Então a voz disse:

E' assim que teu soberano adormece emquanto o raio retumba nos ares e que os inimigos vêm do outro mundo e invadem o imperio para destruir a religião?

Dizendo assim o trabalhador, depois de haver feito uma exhortação junto ao soberano, fugiu correndo. Quando Montezuma quiz ordenar que o prendessem por ter praticado essa audacia e para castigar a insolencia, sentiu uma dor tão aguda sobre a coxa, que não poude resistir; gritando e chamando pelos seus intimos, todos verificaram que havia o signal de uma queimadura recente, e ao vel-a o monarcha americano ficou abalado e aterrorizado».

Seja porque os sacerdotes inimigos do principe houvessem feito predicções sinistras, ou porque o odio que elle inspirava ao povo que estava atormentado de impostos, ao ponto de que os proprios velhos e enfermos, que não podiam pagar, eram trucidados, Cortez soube tirar partido destes presagios, fazendo crer que elle vinha ao Mexico em nome do verdadeiro DEUS, para destruir os idolos e seus exploradores.

Na verdade sabe-se e todos os historiadores narram que na séde das audiencias estabelecidas depois da chegada dos hespanhoes, havendo Marina, interprete e fiel amiga de Cortez, contado que, para punir os caciques da desobediencia de prestarem apoio ao invasor, fôram exigidos delle 20 bomens para serem sacrificados no templo, como era de uso e ás vezes mais de mil dessas victimas eram assim sacrificadas sem offerecerem a menor resistencia.

Cortez indignado contra essa perversidade, declarou que era tempo de acabar com essa barbaria abominavel, do contrario elle ia metter esses infames ministros em cadeias de ferro para os punir.

Marina, a interprete indigena annunciou o que se ia fazer e presos os executores, os officiaes de Montezuma ficaram

perplexos em vista de tanta audacia. Cortez soltou 2 para informarem, depois de estarem presos, que Cortez nada temia.

Um dia (Obra cit., pag. 329, Vol. X) quando se celebrava a maior festa dos Mexicanos e que de todas as provincias chegavam os crentes para assistirem ao sacrificio de uma grande porção das victimas humanas pelos ministros da religião de Montezuma, alguns hespanhoes que estavam presenciando essas scenas horriveis foram narral-as a Cortez.

Sua colera, levantando a coragem indomita do General fez com que todas as suas tropas embaladas e em marcha o acompanhassem até o templo. Os ministros sacrificadores, vendo-se em perigo, gritaram por soccorro, e logo milhares de indios mexicanos vieram junto a elles. Ordenou Cortez que Marina gritasse em alta voz na lingua dos Mexicanos : «O general declara que, á primeira flecha que fôr disparada, elle fará degolar todos os Caciques e permittirá aos soldados castigar a insolencia dos indios».

Cortez queria introduzir no culto dos americanos do Mexico o castigo aos executores das leis.

A ameaça que Cortez mandou pronunciar foi logo realizada, ordenando Cortez aos proprios Caciques que si elles destruissem os idolos com suas proprias mãos, elle firmaria com elles uma alliança, mas foi com lagrimas e gritos de dôr que elles lhe responderam que era impossivel obedecer. Logo os soldados de Cortez, com as balas certeiras destruiram e quebraram todos os idolos da Igreja, acabando assim com os monstros do templo e pondo em fuga os indios.

Quebraram todos os instrumentos de supplicio.

Quando os americanos viram estas destruições e observaram que nada acontecera aos hespanhoes, começaram a pensar : que elles valem mais do que os idolos, porque os deuses não se vingaram por os haverem destruido.

Desde então os hespanhoes foram olhados como homens de uma especie superior e se impuzeram como se fossem deuses.

Com essa crença Cortez mandou caiar e limpar o templo, onde foi collocada uma cruz.

E' sabido como foi acceita a moral e a crença em Christo, todos os heroes indios queriam trazer comsigo os rozarios que os primeiros padres chegados, distribuiram entre elles.

A leitura constante que fazemos de livros antigos nos autoriza a crer que havia verdadeiros hypnotizadores entre os sacerdotes, porque quando Montezuma viu que suas ordens e os seus exercitos não puderam impedir que Cortez chegasse a Chales já perto de sua residencia, enviou os magicos para que o fizessem adormecer, visto que por todos os outros meios e pelas armas nada conseguira. Chegando a Tezcuco, cidade importante, cujas calçadas eram de 20 pés de largura, todas as pedras lavradas, tendo gravados muitos desenhos, recebeu o enviado de Montezuma que chegou carregado em andor nos hombros dos soldados.

O Mexico tinha sua Capital arborizada de arvores fructiferas, os lagos com boas casas nas margens, canaes navegaveis, palacios e templos admiraveis e riquezas enormes porque eram ás centenas que se contavam as estatuas de idolos de oiro e prata.

A arte do desenho estava tão adiantada que todos os acontecimentos que se iam passando, como o desembarque de Cortez, sua cavallaria, as peças quando davam tiros eram immediatamente pintados pelos artistas do imperio.

Os correios mandados por Montezuma transportavam a elle immediatamente estes desenhos que eram tão bem feitos que La Harpe assegura ter Cortez declarado jámais haver visto na Hespanha tão bellos e tão expressivos desenhos.

Damos aqui a descripção do encontro de Cortez com Montezuma, onde a audacia e a traição se desenham :

«Cortez apeiou-se a alguma distancia de Montezuma, que desceu apoiado nos hombros dos principes Islacpalapa e Tezcuco. Seus cabellos cobriam as orelhas, representava ter 40 annos, tendo a côr mais colorada do que os americanos, seu nariz era aquilino, olhos muito vivos, todo o seu porte era de majestade, tendo um manto de algodão muito fino ligado aos hombros de modo a cobrir todo o corpo, com uma franja de ouro, arrastando na terra. A corôa era uma especie de mitra de ouro. Os sapatos eram de ouro macisso, sendo ligado por correias ás pernas, como usavam os antigos reis de Roma. Cortez avançou-se a passos largos e fez profunda reverencia a que Montezuma correspondeu, beijando a mão, que abaixou até a terra, o que causou admiração aos mexicanos, que jámais haviam visto tanta reverencia feita pelo soberano. O soberano ficou logo visto como criatura inferior á outra ou pelo menos ao monarca que Cortez representava. Cortez trazia uma corrente de pedras falsas, mas admiravel pelo brilho e tamanho das pedras, com o fim de fazer presente a Montezuma, mas, como estava perto delle pediu para a collocar no pescoço imperial. Os 2 principes quizeram impedir tão grande liberdade, mas Montezuma criticou o escrupulo de seus principes, contente de se ver assim ornamentado. Montezuma mandou vir o collar que passava por ser o mais rico do seu Thesouro e o collocou no pescoço de Cortez. Esse acontecimento foi a 8 de Novembro de 1519. (La Harpe, Livro cit. pag. 420, vol. X).

Curiosa é a revelação feita por Montezuma na sua primeira audiencia a Cortez na qual elle observou que o soberano de Hespanha era descendente de *Quezacoal*, antigo fundador do imperio do Mexico que, conforme uma tradição, sahira de seu paiz para ir conquistar novas terras no Oriente, tendo permittido que seus descendentes viessem mais tarde para reformar as leis e os costumes do Mexico.

Essa tambem é a historia que os theosophos modernos, interpretando os livros e as tradições contam, considerando que a America do Sul é o mais antigo dos paizes conhecidos

do mundo. Atlantide, da qual nos occupamas no livro que sob este nome escrevemos, confirma esta tradição.

Interessante é ler o que dizem La Hárpe e Garcilazo de la Vega, que era filho do Perú e foi quem melhor escreveu sobre os primeiros acontecimentos dos europeus no Novo Mundo:

«As ruas se achavam cheias de povo que gritava Teules, que quer dizer Deus. O palacio de Montezuma era grandioso, tendo 30 portas de entrada, cada uma para uma rua; a principal dava em uma praça espaçosa, toda coberta de jaspe negro, vermelho e branco.

A porta principal tinha as armas imperiaes, tendo a apparencia de uma aguia e do outro lado um leão. A aguia tinha as azas abertas, como querendo voar, tendo nas garras um tigre. Depois de passar com seus officiaes por 3 vestibulos, incrustados de jaspe, chegaram ao quarto do imperador, admirando Cortez os ornamentos e a riqueza das pranchetas de ouro bordadas. Os tapetes finos e bordados, feitos de algodão, cobriam as paredes. Grinaldas feitas de ciprestes e de cedro, tendo relevos da mais rica moldura. Os mexicanos não conheciam o uso dos pregos, ligavam as taboas dos forros por engastes apropriados, revelando-se marcineiros e pedreiros eximios.

Cada salão era occupado por officiaes empregados em varios misteres. Os primeiros ministros receberam Cortez na porta da ante-camara real, mas ali elles tiraram os ornamentos, porque perante Montezuma só podiam apparecer sem elles, mas não ousaram pedir que Cortez fizesse o mesmo. Montezuma recebeu Cortez em pé, revestido de suas insignias de dignidade suprema, dando alguns passos para receber o General, pondo suas mãos nas espaduas quando elle se abaixou para o saudar e lançando um olhar doce sobre os officiaes hespanhoes do cortejo, assentou-se e deu outras cadeiras a Cortez e a todos os officiaes.

Longa foi a audiencia, inquerindo Montezuma sobre diversos assumptos da historia, producção e usos dos Orientaes.

As explicações que elle pediu mostraram a Cortez que não era só pelo testemunho de estrangeiros que elle aprendera a dar solução a certas difficuldades.

Fez principalmente sentir que os mexicanos descendiam do primeiro rei que fôra tambem o fundador do imperio do Oriente, elle sentia-se feliz por ver realizada a prophecia que seus maiores sempre esperavam.

Cortez fez sua conversação sómente sobre a religião de Christo, dizendo que vinha naturalmente para completar as explicações que elle dera ao monarca sobre as leis de sua nação e logo oppoz-se com toda a energia á pratica dos sacrificios humanos, contra o barbaro uso da antropophagia feita nas victimas dos inimigos. Desde esse dia Montezuma prohibiu que viesse na sua mesa carne humana, não ousando prohibir aos seus subditos.

Em seguida Montezuma quiz que elle visitasse os principaes templos, mas pediu que ficasse na porta até saber dos sacrificadores si podia o introduzir. Ao que consentiu, mas com a condição de não fazer signal de pouca reverencia. Quando cada idolo era apresentado, como tambem cada objecto com a descripção de seu uso, os officiaes riram-se. Logo os sacerdotes ficaram irritados, o que não impediu Cortez de lhes propor que fosse collocada a Cruz, symbolo da religião catholica na Egreja, para que elles verificassem que todos os idolos deixavam de ser adorados e só ella o seria.

Os sacerdotes ficaram indignados com tanta audacia pedindo os sacrificadores que Cortez pedisse aos deuses que lhe dessem ideias mais favoraveis, o que não impediu de escolher um dos templos para fazer seu quartel general.

«Tendo Cortez sido informado que a cabeça de um espanhol fora trazida a Montezuma e que a occultaram, o General reuniu os officiaes para ouvir o modo de vingar o crime. Uns opinaram que fosse abandonada a Capital, levando-se as immensas riquezas que já possuiam, outros que era melhor fingir que se ignorava o crime até que se pudesse vingal-o. Mas Cortez teve um plano que La Harpe, liv. cit., pag. 245, Vol. X, assim descreve :

«A historia não conhece exemplo de uma audacia dessa natureza, porque elle entendeu de prender Montezuma no seu palacio e escolher a hora em que ia visital-o todos os dias.

Ordenou a sua tropa, a cavallaria e artilharia que estivessem a postos para combater, mas que todos os movimentos fossem feitos sem barulho para não despertar suspeitas. Em seguida, tendo feito occupar por algumas brigadas a entrada principal, elle entrou acompanhado por Alvarado, Sandoval, Velasquez de Lion, Lugo e Avila e uma escolta de 30 soldados escolhidos. Não foi surpresa para os ministros o verem entrar assim armados, porque já tinham ficado acostumados a vel-os sempre com as armas.

Montezuma os recebeu sem desconfiança, e aos interpretes, tendo-se aproximado Cortez apresentou suas queixas contra Qualpopoca que, desprezando a paz, atacara os hespanhóes em Vera Cruz, estando elle e suas tropas sob a protecção do imperador mesmo. Fez ver que o mais infame dos crimes fora o massacre de um soldado e emocionando-se fez ver ao soberano, que elle conhecia o caso e que era sob sua ordem que assim procederam. Accrescentou que longe de dar ouvidos a essa historia, elle acreditava que esse crime, sendo uma vergonha para Montezuma, a offensa era feita a elle e não ao Monarcha que elle representava no Mexico.

«Montezuma mudando de cor, mas procurando conter-se disse que era impossivel partir delle esse crime. Cortez respondeu que elle tambem não acreditava, mas suas tropas e os hespanhóes queriam uma desaffronta publica e que para isso elle propunha ao imperador de ir sem sequito ao seu quartel general, como coisa de sua espontanea vontade para

passar lá algum tempo, como amigo, que tal prova de confiança, não só acabaria o pezar do mais poderoso monarcha do mundo, como reverteria em sua honra, apagando uma mancha tão vergonhosa. Além disso suas tropas e elle prestariam as provas de veneração e gratidão.

«Cortez calou-se esperando a resposta. Montezuma ficou como que immovel pela colera e pela surpreza. Como o silencio continuasse e Cortez não quizesse empregar a violencia, antes de perder a esperança, continuou observando que como o alojamento das tropas era em um dos palacios onde Montezuma ia sempre o visitar, os seus subditos não teriam que se admirar que elle fosse lá passar com elle alguns dias, para que assim se apagasse a nodoa feita em seu nome, o que era uma gloria para Montezuma. O Imperador perdendo a paciencia, e comprehendendo o fim occulto de Cortez, disse bruscamente que um imperador do Mexico não fora feito para ser preso, e que quando elle fosse capaz de tanta baixeza, seus vassalos se opporiam.

«Cortez disse então que elle de boa vontade cedia ao seu pedido, porque os hespanhóes sabendo que o que elle queria era a amizade de Montezuma, o modo de ser julgado pelas tropas lhe era indifferente. Montezuma foi vendo o perigo em que estava sem poder achar solução para se ver livre de Cortez e propoz então prender Quapopoca e todos os officiaes, que elle entregaria a Cortez e que elle daria dois de seus filhos em penhor, indo elle mesmo se occultar nas montanhas.

Cortez despresou todas estas propostas e Montezuma não se rendia. Já 3 horas se passaram nesta occorrençia e os officiaes hespanhoes principiavam a agitar-se alarmados de tanta demora. Velasquez de Lion disse com altivez que eram inuteis as suas discussões, e que ou Montezuma se entregaria á prisão, ou elle o apunhalaria.

Montezuma, que não comprehendeu o que disse Velasquez com tanta vehemencia, perguntou a Marina, a fiel interprete, o que elle tinha dito, mas essa diplomata habil juntou a interpretação, fingindo que os hespanhoes não a entendiam,—«que o monarcha corria imminente perigo porque quem desobedecia a Cortez desobedecia ao proprio DEUS, que o enviara ao Mexico, que ella sendo filha e vassala de Montezuma só queria o interesse delle e de seu paiz, que era preciso sem demora acompanhar o General estrangeiro e ella garantiria que elle seria tratado com a maior consideração. Do contrario, não respondia por sua vida.

Essa foi a palavra de ordem, e logo Montezuma declarou a Cortez que se entregava em suas mãos, certo de que era a vontade do deus do Mexico, visto que elle se via na obrigação de ouvir os hespanhoes chegados á sua presença.

Montezuma ordenou que se apromptasse a liteira e disse aos seus officiaes que era por vontade dos deuses que elle ia passar alguns dias com os hespanhoes, obedecendo assim a

poderosas razões de Estado e que era absolutamente para o bem do Mexico.

Em seguida deu ordem ao seu general de ir prender Qualpopoca e seus generaes, calcando o sello usual para garantir as ordens que dava. Os officiaes acompanharam a liteira, ordens foram dadas para que só os generaes e grandes do Mexico fossem admittidos como visitas. O soberano podia passear e receber visitas, recebia Cortez em audiencia, nada faltou aos pratos de sua mesa, que continuou a ser a mesma. A mesa imperial era farta, grande o numero dos pratos bem preparados.

Chegou Qualpopoca preso e algemado com seus officiaes, mas, Cortez, em vez de os castigar formou um designio tão audacioso como esse que tinha executado com o soberano prisioneiro seu em sua séde e palacio!

Cortez fez ver que desde que o soberano consentira ficar preso, reconhecia que era o culpado e não os pobres generaes seus, que executaram suas ordens, e fazendo trazer os ferros com que se prendiam os grandes criminosos hespanhoes, ordenou com voz firme que fossem postos no grande criminoso Montezuma!

Presenciaram esta scena, unica na historia do mundo Marina, Cortez e um pequeno numero de seus capitães e fazendo todas as continencias ao soberano o metteu em ferros para que elle reconhecesse que havia uma justiça superior que tocava aos pobres como aos reis, que era a justiça do verdadeiro DEUS.

Posto a ferros foi prohibido de ter a menor communicação com seus ministros.

Tamanha vergonha fez Montezuma cahir na tristeza infinda e nem uma só queixa articulava, permanecendo assim por muito tempo, como se estivesse fóra de si. Alguns des seus domesticos choravam e se lançavam a seus pés, fazendo collocar entre os ferros e as carnes pedaços de panno para evitar a dôr das feridas.

Ao mesmo tempo, como havia um palacio cheio de lanças e armas de guerra, afim de evitar que pudessem ser um dia empregadas contra os hespanhoes, Cortez mandou amontoal-as para que na fogueira fossem queimados Qualpopoca e seus officiaes. Em seguida veio com toda a reverencia á presença de Montezuma afim de participar que a Justiça estava feita, e para dar graças a Deus de haver permittido que o grande soberano do Mexico soffresse com resignação o castigo a que todos os que praticam crimes devem se submetter e portanto agora ia o libertar dos ferros e dar liberdade.

Narram alguns historiadores e as chronicas por elles referidas que Cortez se pôz de joelhos e com suas proprias mãos tirou os ferros de Montezuma.

O monarcha humilhado, applaudiu a volta de sua pessoa á grandeza da terra, o que fez abraçando Cortez, a

quem agradeceu tanta generosidade. Cortez quiz não desmerecer desta honra, ordenando que todas as sentinellas se retirassem e que, havendo desapparecido a causa de sua prisão, elle era livre de voltar ao seu palacio.

Mas Cortez sabia qual era a opinião dos principes da Côrte, que viam bem que Montezuma não podia se separar dos hespanhoes para que o povo não dissesse que elle recebera a liberdade delles.

Foi por intermedio de Marina, essa mulher extraordinaria, amiga de Cortez, que esse plano foi suggerido ao proprio soberano, que bem longe estava de ver nestes conselhos a vontade do General hespanhol!

A historia do Napoleão do Mexico não está completa, nosso fim sendo facilitar aos leitores portuguezes, brazileiros e hespanhoes, que todos temos quasi que a mesma linguagem e nos entendemos quando lemos, alguns traços destas luctas que excedem em proporção, em surpresas, em coragem, traição e perversidades á historia de todos os povos.

Falta-nos a competencia para melhor esclarecer o assumpto, mas, como ha mais de 400 annos que outros não tem tentado em portuguez a empreza se tornou facil a quem, como nós só pode dar o que tem: o patriotismo e o amor pela America do Sul, cujas antiguidades merecem melhor historiador.

Terminamos observando que o regimen da liberdade que uniu as republicas da America no governo republicano, comparado com o longo periodo do Imperio dos Incas, vem provar que a liberdade sem as luzes da justiça e da religião, é um flagelo, porque 400 annos depois da chamada civilização, na mesma Capital do Mexico, onde Cortez prendeu Montezuma de quem era hospede, dentro do seu proprio palacio; o presidente Madero, trahido pelo seu ministro que se proclamou presidente, foi covardemente assassinado no mesmo local!

Os theosophos sustentam ser a America o paiz mais antigo

Os antigos historiadores arabes, Masoude, entre outros, nos referem que no Seculo V viam-se os juncos com velas em forma de leque, ancorados no Golfo Persico, defronte dos brancos palacios de Hirão.

Mas eis que um documento, encontrado em Pekim, estabelece hoje que os marinheiros celestes, aos quaes já devemos a bussola e o compasso, não se limitaram a fazer suas excursões para o Occidente, até os confins da Europa, ousa-

ram desde uma época muito remota, lançar-se atravéz das soledades immensas do Pacifico, e, muito antes que Colombo chegasse ás Antilhas, descobriram a America.

A dizer a verdade, alguns sabios, sem atreverem-se a affirmal-o, tinham disso alguma suspeita. Havia-se notado que certos habitos de indios peruanos e mexicanos apresentavam uma extraordinaria semelhança com os usos dos camponezes chinezes: o mesmo modo de construir choças com tecto de ramos, mesma maneira de tecer os amplos mantos para a estação das chuvas.

Detalhe mais notavel: a escripta hieroglyphica dos antigos povos do Yucatan e do Mexico e Perú offerece uma grande parecença com os caracteres figurados, donde se deriva a escriptura chineza e muitas tribus se servem ainda de um idioma monosyllabico, que tem um parentesco evidente com a lingua chineza.

O naturalista americano dr. Saville descobriu ha alguns annos, em Honduras, pranchas de pedras em que estavam esculpidas cabeças do typo mongolico, bem definido, e ultimamente uns operarios que construiam nas ruinas do palacio de Montezuma, encontraram alli mais de mil salas de jalde, e é de notar que o jalde não se encontra sinão nas montanhas da China e do Thibet.

Um achado descoberto por um archeologo francez, o professor Hamy, tinha, por outra parte, feito suspeitar que as relações entre Americanos e Chinezes podiam não ter-se reduzido apenas a trocas commerciaes, mas tendo um caracter religioso. Tratava-se com effeito de um bloco de pedra, no qual estava gravado o symbolo com o qual os Chinezes desde remota antiguidade, têm representado o Universo: — Um disco em que apparecem em conjunção *Yong* e *In* o principe varão e princeza femea.

Sem duvida alguma que desde então, deixando-se levar pela corrente maritima que parte da costa asiatica, segue a cadeia das ilhas Alencianas e torna a passar pelas costas do Alasca, da Columbia e da California, — os Celestes frequentaram assiduamente as ricas comarcas da America Central.

Hoje estamos emfim de posse de uma prova escripta das antigas relações da China com o Novo Mundo. Achava-se enterrada nos fundos de um dos palacios da cidade imperial de Pekin, donde a tiraram os officiaes do Corpo Internacional de Occupação.

Esta consiste em uma relação de viagem escripta por um bonzo budhista, de nome Hoei-Chin, que tendo partido para a America com outros missionarios chinezes no anno 458 da nossa era, só regressou em 599.

Seu relatorio é de tal exactidão que é facil reconhecer os lugares que estão descriptos.

Eis as passagens essenciaes do documento:

« Fon-Sang (Mexico) está situado mais ou menos a 20,000 li (cerca de 1.100 kilometros) a Oeste do Paiz de

Han (Kamstschatka) o qual está a igual distancia a Leste da China.

Este paiz contém muitas arvores cujos pimpolhos semelhantes servem aos indigenas de alimento; seus fructos são vermelhos e têm a forma de peras. A casca destas arvores se prepara como o canhamo para a fabricação de tecidos de pannos bordados; o tronco serve para construir casas. Os indigenas têm um systema de escriptura e fazem com a casca das arvores. Não têm nem armas, nem soldados e jámais fazem guerra.

Em virtude das leis do paiz, existem dois carceres, um ao norte e outro ao sul. Aquelles que commettem faltas ligeiras são remettidos para o segundo; os culpados de crimes graves para o primeiro. Os prisioneiros e prisioneiras podem casar-se e os seus filhos são vendidos como escravos. Quando um homem de elevada posição commette um crime, o povo se reune em grande numero, senta-se diante do culpado, em uma mesa de banquete, e se despede d'elle como se fôra morrer. Depois atiram-lhe cinza na cabeça.

Quando se trata de faltas leves, só o culpado é castigado, mas quando se trata de grandes crimes, os filhos e netos compartem o castigo. Casos excepcionaes ha em que o castigo se estende a seus descendentes até a setima geração.

Os gamos são adestrados como as bestas entre nós: o leite das femeas serve para fazer queijo. Encontra-se neste paiz uma especie de pera encarnada que é boa em todas as estações. Abunda a uva; não se vê ferro. O commercio é livre, mas é prohibido fundar casas de trafico.

Quando um homem deseja casar-se com uma moça, levanta sua choça diante della. Cada manhã e cada tarde rega e escalda o espaço intermedio e continua este manejo durante um anno inteiro. Se no fim deste tempo a jovem não consente na união proposta, o homem renuncia e vai-se embora; se convem, o matrimonio se realiza. Quasi da mesma maneira se celebra na China.

Imagens que representam os espiritos dos antepassados são collocadas sobre uma especie de pedestaes e lhes dirigem orações pela manhã e á tarde.

O rei só se immiscue no governo, trez aunos apoz o seu advento.

Antigamente a religião de Budha era desconhecida neste paiz, mas no quarto anno *ha-ming*, reinando Hiam-Wou-Ti, da dynastia dos Sun (isto é, no anno 458 de nossa era), indo missionarios da provincia de Ri-Pin arribaram a Tou-San e prégaram a fé budhica. Levaram livros e imagens sagradas; introduziram entre elles o uso das cerimonias religiosas e os habitos da vida monastica. E deste modo mudaram os costumes do paiz.

Fica pois estabelecido diante do facto, e outros documentos o confirmarão sem duvida muito breve, que a

influencia da civilização chineza contribuiu de uma maneira apreciavel para o desenvolvimento das antigas civilizações americanas, a dos Aztecas e dos Incas, cujas riquezas por sua grandeza ainda causam admiração aos europeus.

(Vide Atlantida. Brazil Antigo, do autor, livro premiado pelo 2.º Congresso de Geographia, do qual foi presidente.) (*)

O general Porphirio Dias mandou imprimir para commemorar o 4.º centenario de Christovão Colombo as obras de D. Fernando Ixtlixochillo.

E' de todas as publicações sobre a America a que nos fornece o testemunho de maiores antiguidades. O autor, que tomou o nome de um dos imperadores do Mexico, aventura-se a narrar a historia desde o anno 1 da era de Christo até depois da conquista. Os fundamentos em que se baseia são mappas, desenhos e a tradição que foi sempre conservada, na historia do Perú e do Mexico, pelos hieroglyphos e pelos nós em cordões. Essa obra foi escripta em 1600.

No primeiro capitulo narra D. Fernando resumindo:

« Os tultecas souberam da creação do Mundo e da terra, céo e planetas, bem assim que DEUS criou o homem e a mulher para multiplicação das raças.

«Antes dessa raça existiu uma de gigantes, que foi destruida no anno 270 da era christã quando houve um eclipse do sol e da lua e tremores de terra submergindo montanhas, escapando poucos descendentes vivos. As ossadas encontradas mostram que a estatura destes gigantes era de 12 palmos.

Tulteca quer dizer homem artista e sabio. Foram grandes pintores e architectos. A pag. 37, relatando a vida e o progresso desse povo no anno 880 da nossa era, diz: «A esse tempo o paiz estava povoado em extensão de mais de mil leguas, entre as cidades mais importantes estava Teotihuacan, dedicada a DEUS, era o sanctuario dos Tultecas. Havia palacios, todos elles de pedra, templos grandiosos e muito altos, edificios immensos, que ainda hoje assombram os visitantes de suas ruinas.»

Em Cuanhuahual fizeram um palacio de pedras grandes, pegadas umas ás outras, sem nenhuma madeira.

«As cidades de Cholula e Kalico, Yotopee no mar do sul, cahiram em ruiua, mas verifica-se por ellas que foram das maiores cidades do mundo».

(*) As communicações e viagens do Perú á Asia estão evidentemente provadas pelos documentos da historia, tantas vezes citados em nosso livro « Brazil Antigo-Atlantide, » e principalmente no estudo que fazemos sobre os Incas

A antiguidade do homem na America do Sul é do periodo glaciario (Dicionario — A grande encyclopedia vol. 26 titulo Perou.) Na historia legendaria do Perú, cita-se uma velha dymnastia Pirhua. Seguiu-se o periodo dos prophetas que terminou por uma distruição completa da civilização e do povo.

Os Quichuas vieram dos Andes para formarem outra nacionalidade perto do lago Titicaca. Ainda existem as ruinas do templo no palacio dos tempos prehistoricos. O deus adorado era chamado Patchacamac. Depois da destruição deste povo veio Manco Capac Inca I que foi o fundador da dymnastia da qual nos occupamos.

Os tultecas eram architectos, mechanicos, sabiam retirar o ouro e a prata e os fundir e fazer obras preciosas, eram nigromantes, astrologos, poetas, oradores e philosophos. Cultivavam o milho, o algodão, feijões e legumes de toda especie varia do paiz. Eram os melhores pintores da terra e as mulheres insignes tecedeiras, fabricavam mantos de muitas côres, com figuras, melhores do que os que se faziam em Sevilha ao tempo da invasão hespanhola».

«Vestiam os tultecas em tempo de calor, mantos, e no inverno jaquetas sem mangas; calçavam sapatos a seu modo. As mulheres usavam mantos brancos e saias de algodão de muitas côres. Os sacerdotes usavam tunicas negras, os cabellos grandes, trançados, andando sempre com os olhos baixos, humildes e descalços, quando entravam nos templos; eram castos, não conheciam mulheres, cada 20 dias faziam penitencia e falavam poucas vezes. Os reis usavam mantos brancos e pardos, tendo collares de ouro e pedrarias preciosas. Tinham no palacio immensos jardins, tanques com criação de peixes, aves e animaes.

«Só tinha uma esposa, guardando a castidade por morte della e as mulheres herdavam o reino e não se casavam mais. Usavam de agua canalizada e banhos. A criação de aves e gallinaceos era obrigatoria.

«As trocas ou compras eram feitas com uma moeda de cobre da largura de dois dedos; tambem compravam com o cacau, pedras preciosas,, ouro, mantos. Cada 20 dias havia feriados, sendo no principio de cada anno muito mais.

«Chegados a este estado de adiantamento, tiveram a guerra com Topiltsin, que veiu em seguida a muitos cataclismas e signaes agoureiros. Nesta guerra (pag. 57, obra citada) morreram durante os tres annos e dois mezes que durou, entre homens e mulheres 3 milhões e duzentos mil e do lado opposto 2 milhões e quatro centos mil homens! »

O mesmo autor pag. 469 e seguintes faz a apologia da historia geral do Mexico desde o começo do mundo.

«O mundo teve conforme as pinturas e a crença dos mexicanos, guardadas depois da invasão, quatro edades: a primeira chamada *Atlanatis*, que quer dizer *Sol da agua*, que significa *Sol da terra*, que se abriu a terra, desapareceram montanhas, perecendo quasi todas as creaturas e com ella a raça dos gigantes que povoaram a America do Sul. A segunda *Hecatonactink*, que quer dizer *Sol de vento* (ar) que por tempestades e trombas derrubou todos os edificios e arvores, só escapando aquelles que se esconderam nas grutas; medonha epoca que ao terminar-se, a terra estava sem gente, mas habitando-a muitos monos, o que fez a fabula tornar-se acreditada, isto é, que os indios se transformaram em monos.»

«Os novos povoadores vieram em navios da parte do Oriente até o local chamado Papunha, até a cidade de Cholula, a primeira feita depois deste periodo.

«Da raça primitiva dos gigantes, haviam escapado alguns que opprimiram e reduziram á escravidão esses novos povos, que a final se vingaram, os servindo em festas e os embriagando para matar a todos elles.

«No periodo de maior prosperidade chegou em navio um homem que foi denominado Quelzalcohualt, justo e santo, que veio do Oriente evitando todos os vicios e pecados. Foi elle quem primeiro collocou uma cruz que denominavam DEUS das chuvas e da saude, o qual vendo o pouco fructo de suas predicas, voltou para onde havia vindo, prophetizando que voltaria em um tempo e anno que se chamou *ce acalt* e que então sua doutrina seria racebida, os seus filhos ficariam senhores das terras e tudo veiu a realizar-se visto que apenas elle sahiu, deu-se a destruição da segunda epoca, como já ficou dito.»

«A cidade de Cholula era, como uma outra torre de Babel e segundo parece e pelos dados que se verificaram, correspondeu logo depois da encarnação de Nosso Senhor Jesus Christo.»

«Desde esse tempo principiou a quarta epoca chamada *Tletonative* porque ha de acabar com fogo.»

«Desde o anno 349 da era Christã tem o Mexico sido governado por imperadores. A lista é assaz numerosa das duas raças Tultecas e Cerichimecas.»

Do interessante livro que me foi offerecido pelo amigo de infancia João Capistrano de Abreu, La Historia de El Perú por Aguero, extrahimos algumas referencias para testemunhar os factos narrados por historiadores, observando nós que o autor em vez de traduzir, divulgar e elogiar o trabalho de Gracilazo de La Vega, o emerito filho do Perú, que primeiro escreveu, bem informado pelo seu nascimento e casamento com a filha do ultimo dos Incas, o chama parcial.

«Sem embargo a historia e os commentarios de Gracilazo de La Vega são e serão eternamente a melhor origem para a verdade que, narrada por elle, conforme se verifica do mesmo livro citado tantas vezes, é a mais imparcial.

Damos a prova na seguinte citação feita por elle:

«Se me offerece a autoridade de outro varão, insigne religioso da Santa Companhia de Jesus, chamado padre Blas Valero que escreveu a historia daquelle imperio, em elegantissimo latim e pudera escrever em qualquer outra lingua por ser versado e ter o dom dellas; mas por desdita de minha terra que não poude ter a historia escripta por mão de mestre, se perderam seus manuscriptos na ruina e saque feito pelos inglezes em Cadiz em 1596, morrendo elle pouco depois. Escaparam alguns retalhos do que escrevera elle e o padre Saavedra, natural de Sevilha em 1600 publicou os fragmentos e os citou textualmente.»

A guerra fratricida dos dois ultimos Incas, enfraquecendo o paiz não podia deixar de obrigar ao escriptor Gracilazo de se manifestar em favor de um e não do outro e isso é

ser imparcial, quando se tem as provas perto de si. O merito do livro do distincto Dr. José de La Riva Aguero está em narrar sempre Gracilazo e os leitores terão assim gratidão para com o mais moderno dos autores da historia do Perú, que se pôe em confronto com o mais antigo, ambos dignos da terra natal.

Quanto tempo durou o imperic dos Incas do Perú?

Na opinião de Valero, livro citado, pag. 21, foi de mais de 500 annos e cerca de seis centos segundo Gracilazo.

Velero diz que a habilidade e o genio dos peruanos indiginas, excede á de muitas nações do Orbe, porque sem letras puderam alcançar muitas coisas que as outras nações, como o Egypto, os Chaldeus e os Gregos não conseguiram, parte porque conhecendo o alphabeto dos nós elles liam com elles, como se fossem letras, e se as tivessem conhecido teriam excedido os Romanos e Gaulezes.

Gracilazo, livro II cap. XXX observa quanto seria para admirar a Solon que fez as leis para os Athenienses, a Numa Pompilio aos Romanos e Licurgo aos Lacedemonios, se soubessem que os Incas tinham suas leis conhecidas do povo e autenticadas pelo alphabeto dos nós, interpretados e traduzidos pelos encarregados deste estudo, desamparados do socorro da escripta que fez as leis dos antigos povos. A verdadade é que as leis dos Incas, feitas por Manco-Capac I foram sempre praticadas e conhecidas. até 500 annos depois pelos Incas herdeiros do Imperio.

Aos invasores além de todos os males e destruições dos monumentos, se deve a perda completa da leitura dos nós de cordões, cada um dos nós substituindo uma letra do nosso alpabeto, era naturalmente tão expressivo para os que o tocavam com os dedos, como os signaes das letras dos cegos servem hoje para elles lerem, pelo toque dos dedos.

Conheciam os Incas as grandes estrellas:

« Chamavam Pirua a Jupiter, Aucayoc a Marte, Caster Illa a Mercurio (protector dos viajantes e commerciantes) Huacha a Saturno (fazedor de peste e mortandade, raios e trovões) O signo do Zodiaco era tambem conhecido e o Sol era o deus que adoravam (Gracilazo pag. 138 e 139).

O deus Sol era chamado *Inti*. A lua *Guella*, Venus *Chosca* (*).

---

(1) O sabio E. Schuré na sua obra prima, « L'evolution Divine », estuda com profunda investigação Os Atlantes, que que foram os primitivos povos do mundo. O chamado Novo Mundo perdido por cataclysmos vae deixando retirar das ruinas o segredo da sua antiguidade. Foi aqui que o homem vidente, teve a primeira noção de DEUS verdadeiro. Os reis toltecos foram iniciados e a decadencia destes povos proveio do periodo em que dominou a magia negra que o diluvio fez desapparecer com o povo. A tradição esoterica avalia em um milhão de annos a epoca em que floresceram as maiores cidades do mundo, que existiram na America do Sul. No Cap. III. E. Schuré mostra que 4 grandes cataclysmos, separados por milhares de annos engoliram o velho continente cujos ultimos vestigios na ilha Poseidonis indicaram a actual America do Sul accrescida para o lado do Pacifico, ao passo que Atlantide trabalhada pelo fogo central em outro cataclysmos, desapparecia, submergida no Oceano. Como Platão havia feito notar no seu livro Thimeu, houve em Atlantide uma theocracia a mais antiga do mundo, e foi com grande pazer que vimos o sabio Schuré eslarecer este assumpto.

O Culto do Sol e os Preconceitos-Idolatria

A antiguidade da America foi sempre considerada pelos theosophos, como sendo nella que começou a civilização do mundo, a cincoenta mil annos (1) Foi a raça vermelha a que dominou o continente Austral, quando toda a Europa estava mergulhada nas aguas.

A mythologia Brahama tem como certa a existencia de uma raça de gigantes, foram encontrados nas cavernas do Thibet, no tempo em que a Asia estava ligada á America, ossadas humanas gigantescas, cuja conformação se assemelha á dos animaes quadrumanos. Essas provas de uma raça intermediaria, visinha da animalidade, não possuindo nem a linguagem articulada, nem organização social, nem religião, põem em evidencia que os tres factores DEUS, homem e religião, são indispensaveis á comprehensão do mundo e da humanidade, sempre que a sociedade se organiza.

DEUS, que é a luz serve de base á liberdade, e esta sem a luz, é um flagello.

DEUS é o sopro de Jehovah, na bocca de Adams, o verbo de Hermés e o *Fogo de Prometheu.*

A tradição Egypcia, attestada por Platão, considerava Atlantide, que foi destruida por um grande cataclysmo, a séde primitiva da raça vermelha, da qual os polinesianos e indios da America do Norte e do Sul, representados pelos *Aztecas*, foram os senhores do Mexico e do Perú.

Creado o homem á imagem de DEUS, o corpo ligado como parte integrante da animalidade á terra, não pode deixar de, pelo espirito que o anima, ter tambem sua ligação natural para penetrar no infinito.

Resulta que a parte material do corpo fica pelo nascimento e morte, (dois termos fataes de sua propria natureza) ligada ao mundo terrestre, mas a parte espiritual indestructivel, segue pela lei da evolução ao seu destino, que é a perfectibilidade.

A lei da affinidade esclarece bem a nosso ver o caso, porque si ella liga os corpos componentes de um todo material, serve para explicar por analogia, a ligação do espirito que vivifica a creatura.

Gustavo Le Bon provou que a materia considerada como inerte, é ao contrario, e que longe de não poder restituir a energia que lhe era fornecida, é ella mesma a collossal fonte de energia, chamada interatomica, podendo despender força sem precisar procural-a fóra. (2)

Como existiram povos errantes e barbaros os chamados europeus civilizadores, pretenderam civilizal-os. Aqui cabe a nós americanos apreciar, que sempre que a religião, embora idolatra, teve como base um culto obrigatorio, os povos a ella

(1) Eduard Schuré, Les Grands Initiés, pag. 5,
(2) Gustavo Le Bon: L'evolution des forces, pag. 14.

submettidos, prosperaram, cresceram e garantiram largos seculos de governo estavel.

Resulta desta observação que o principio da religião é inherente a vida humana, podendo-se assegurar que todo aquelle que não reconhecer a religião como caracteristico do homem culto, ignorará sempre a razão de ser de sua propria existencia.

A astronomia mostra que o nosso planeta está collocado no espaço infinito, tendo milhões de mundos circulando-o.

A supposição de que estes mundos foram feitos por DEUS, para demonstração de seu infinito poder, assegura que não é só para a terra que foi creada a humanidade. Outros typos humanos vivem em outros mundos accommodados perfeitamente ao meio que lhes é proprio; não havendo duvida sobre a personalidade tão mortal como de todos os que viverem no planeta terra, até que ficando immortal possa a alma viver no infinito. (1)

A doutrina catholica nos ensina que o espirito evolve a DEUS.

O nosso presado amigo, o grande orador padre Julio Maria, bem expoz em seu sermão de 11 de dezembro de 1911: (2).

« O orador fez a analyse dos personagens e factos que se destacam no Evangelho do segundo Domingo. João Baptista, — o santo preso, condemnado e assassinado por Herodes — o criminoso não faz senão mostrar a falsidade do *juizo humano* e a necessidade de um outro juizo que o corrija: — *o juizo de Deus.* Este juizo para João Baptista é anticipado no elogio que Jesus Christo fez, e o Evangelho registra do Precursor; para os outros homens elle será dado ao genero humano inteiro na segunda vinda, que será não só o triumpho definitivo e a ultima phase da Igreja, mas tambem a manifestação das consciencias. »

«O orador compara a primeira com a segunda vinda; e mostra, com muitas e variadas considerações as semelhanças e differenças entre uma e outra, assignalando que a primeira vinda de Jesus Christo foi a mizericordia, a segunda será a Justiça.»

«Mostra o que ha de mais sublime no espirito e o que ha de mais terno no coração da humanidade excedido pelos mysterios ineffaveis do Homem-Deus, nascendo em Belem, crescendo em Nazareth, prégando na Palestina, morrendo no Calvario.»

Mostra o que ha de mais epico na imaginação humana excedido pela imponencia e a magnificencia da segunda vinda, em que o mesmo Homem-Deus apparecerá triumphante e glorioso sobre as nuvens do Céo».

---

(1) S. João Chrisostomo diz no seu livro, *De incomprehensibili natura Dei* I. IV. « Ha bem outras virtudes que estamos longe de conhecer as denominações. Ha muitas ordens de seres no Ceu, onde se encontram innumeras tribus de habitantes differentes, dos quaes seria impossivel a palavra humana de dar uma idéa ».

(2) Jornal ds Commercio da mesma data.

A proposito citaremos aqui as palavras de Joseph de Maistre : (1) Pensai que a affinidade natural da religião e da sciencia se reune na cabeça de um homem de genio : (a apparição não deve estar longe). A opinião que fazemos hoje sobre cousas que nos parecem bizarras ou insensatas, serão axiomas e ficar-se-á admirado da estupidez actual, como nós ficamos, quando estudamos a idade media».

Santo Agostinho foi discipulo de S. Paulo e disse : (2) A essa santa hyerarchia, imagem da belleza increada, deve-se juntar em cada esphera que lhe é propria, e com o grau de poder e de sciencia, os mysterios illuminadores, afim de se traçar com fidelidade seu principio original. A perfeição consiste em se approximar de DEUS, por uma corajosa imitação e o que é mais sublime ainda, é ficar sendo seu cooperador. A existencia dessas creaturas é devida a uma participação de DEUS communicando-se com ellas.»

Feitas estas despretenciosas observações, com reserva de se forem contrarias á nossa religião, serem tomadas como não existentes, vamos dar aqui o mechanismo pelo qual os Incas adorando o Sol, delle se dizendo filhos, conseguiram fazer a religião que reuniu, protegeu e serviu de principal base á estabilidade duradoura dos 400 annos de reinado no Perú até a invasão européa.

O Sol não podia deixar de ser pela evidencia de sua influencia o agente fecundo para a terra, como para o espirito dos povos primitivos.

Antes da doutrina dos Incas rendamos ao sabio Humboldt as homenagens que elle tambem prestou ao astro rei: (3)

«Sua acção manifesta-se ora tranquillamente e em silencio, por affinidades chimicas e determina os differentes phenomenos da vida, entre os vegetaes, na endosmose das paredes cellulares ; entre os animaes no tecido das fibras musculares ou nervosas ; ora faz brilhar o raio, com o trovão na atmosphera, as trombas d'agua, as tempestades... As ondas luminosas não se acham sómente sobre o mundo dos corpos, e não se limitam a decompor e recompor as substancias ; ellas não têm por unico effeito attrahir para fóra do seio da Terra os germens delicados das plantas e de desenvolver nas suas folhas a materia verde da chlorophila e das cores das flôres aromaticas, ou de repetir mil e mil vezes a imagem do Sol no meio do choque gracioso das vagas e sobre as astes tenues dos vergeis dos prados curvados ao sopro dos ventos. A luz do Céu, conforme os differentes graus de sua duração e do seu brilho tambem está em relação mysteriosa com o homem interior, com a excitação alegre e melancholica do seu humor... E' o que Plinio o antigo exprimiu por estas palavras : «Cœli tristitiam disculit Sol et humani nubila animi serenat».

---

(1) Soirées de S Petersbourg.
(2) Hyerarchia, pag. 196.
(3) Cosmos III, 428.

O Sol expulsa as tristezas do Céu e dissipa as nuvens que entristecem o coração.

Decorre destas considerações o natural pendor que os Incas possuidores do governo sobre um povo ignorante e barbaro, mas consciente de seu dever, tinham pela religião do Sol, do qual se fizeram filhos. Os sacrificios humanos foram sempre ininterrompidos, sendo as victimas comidas e na mesa régia esta iguaria era apetecida. O fim deste sacrificio tinha por objectivo mostrar a indifferença pela morte, cabendo por sorte, que as victimas assistiam, um sacrificio do qual se serviam e se nutriam com a consolação de que o que ellas iam soffrer já outros muitos, em todos os tempos, haviam padecido resignados.

A invocação que os Incas faziam ao Sol é bastante eloquente e devemos a Marmontel : Vol. II, pag. 35, a traducção seguinte :

A' tarde o Inca marchava para o templo com o seu sequito e em alta voz pronunciava a oração quotidiana :

«Deus bemfeitor, tu vais-te affastar de nós e dar vida e alegria aos povos que estão em outros hemispherios, aos quaes o inverno, filho da noite, afflige longe de ti. (1) Não murmuramos queixas por isso, tu não serias justo si só para nós fosse consagrado o vosso amor, esquecendo-se do resto do mundo. Segue tua marcha, mas antes deixa que um dos teus raios faça accender o fogo que vai illuminar os teus altares, espalhando a consolação durante tua ausencia. Eu nasci rei e teu filho, permitti que agora mesmo seja accesa a fogueira destinada a teu culto.»

Dirigindo-se para o povo continuava conforme lemos no livro «Voyage du Perú».

«Filhos do imperio, é chegado o momento de restituir o preço do vosso nascimento. Toda a creatura que olhar a vida como um bem é obrigada a transmittir e multiplicar esses beneficios. Si ha algum entre vós que tenha alguma queixa a fazer que se levante e diga o que sente porque eu estou aqui, como filho do Sol para adoçar esta queixa. Mas si todos estão contentes e satisfeitos dos beneficios recebidos, que todos se unam ao seu soberano para render o culto e com uma fé mutua pedir que se perpetue o numero dos felizes.»

Eis a explicação deste mysterio :

Desde a fundação do Imperio dos Incas por Manco-Capac, elle possuia um espelho convexo engastado de ouro, artificio mysterioso guardado pelos sacerdotes do culto e só conhecido do Inca e delles. Uma fogueira era preparada com lenha muito secca de aloés e cedro. Os raios solares incidindo no espelho, reflectiam á distancia coincidindo no fóco, naturalmente como os celebres espelhos de Archimedes,

---

(1) Parecerá aos leitores que a palavra hemispherio seria impossivel de ser pronunciada naquelles tempos ; mas a nossa traducção é fiel.

a fogueira preparada com a lenha resinosa, ardia logo depois de feita a oração, produzindo no animo do povo uma alegria profunda e sincera.

O fumo aromatico predispunha na atmosphera embalsamada, o sentimento que faz o povo tornar-se cada vez mais crente.

Apenas a fogueira ardia, o povo formando circulos concentricos, guardada a ordem das classes, isto é, as mulheres mães, os jovens que eram a força e a esperança do imperio, pediam ao Sol que lhes désse forças para amar, respeitar as leis e adorar o Sol.

Um dos mais interessantes clichés que publicamos neste estudo é o que copiamos do importante livro de Jorge Jean e Antonio d'Ulhoa, pag. 382, Vol. I. Uma pedra que elle chama mineral gallinaceo é empregada para a fabricação de espelhos por ser susceptivel de um bello polido. Procurando estudar a natureza dessa pedra o meu velho, bom amigo e companheiro dr. Ennes de Souza me explicou que esse minerio chama-se tambem em geologia Obrediano, ou agatha vulcanica. Quando muito porosa, é a pedra pome, indicativa da origem vulcanica, onde se encontra. O Perú, que é o paiz mais rico de ouro e minerios da America do Sul, tem tambem uma pedra conhecida por *Ouro dos Incas*, que é o sulphureto de arsenico, que por suas qualidades era queimado para produzir um cheiro desagradavel e mesmo venenoso, por conter arsenico, que se desprendia ao lado do acido sulphuroso. Como a pedra podia accender isso impressionava os indios.

A documentação da historia, quando pode ser feita com reproducção dos desenhos da epoca, torna mais facil o encargo do historiador.

O sabio professor Berillon, a cuja amizade devo a honra de ser professor correspondente da Escola de Psychologia de Pariz da qual é Director, autorizou-nos a publicar os clichés dos «Ex-votos dos Azteques do Mexico e dos Peruvianos» na epoca precolombiana, titulo do folheto no qual com muitas observações faz um estudo comparativo da medicina indigena, com a da mesma epoca na Europa e do culto religioso.

Vê-se o modo expressivo com que os Incas faziam perpetuar em vasos de barro os symbolos dos deuses que eram invocados para curar as molestias.

Citando o celebre Franciscano Bernardino Sa Lagun, que no livro «Historia Generale de los casos de la Nueva España» dá estes desenhos, indica os nomes com que taes idolos eram denominados na lingua Nahuatl. Os medicos (titici) de Talehulco eram afamados, conheciam a therapeutica vegetal do paiz, usavam dos banhos quentes (temazcalli).

O povo era supersticioso e attribuia aos idolos a cura dos males.

As principaes divindades assim se chamavam:

1. *Huitzilopotchlli*, deus solar e da guerra, por abreviatura Maxitli.

2. *Tezcatlipoca* (espelho brilhante) regulador do mundo. Adorado para cessar as epidemias.

3. *Tlaloc* (terrestre), deus dos montes, das aguas e dos quatro pontos cardeaes.

4. *Toci* (deus avô), curador das molestias da pelle.

5. *Nanahualt*, deus da lepra e da syphilis.

6. *Yoalticlilt*, protector dos banhos a vapor.

7. *Ictlilton*, deus curador das creanças.

8. *Tlazolteolt*, deusa do amor e das molestias que elle gera.

9. *Cinapipilin*, protector das mulheres gravidas.

10. *Tzapotla Tonam*, deus da medicina. Descobridor das resinas medicinaes, da therebenthina.

Hontem, como hoje, a superstição e o deconhecido governam o mundo, e as solicitações aos idolos era a forma votiva que ligava as curas á crendice.

O culto do Sól tornou-se obrigatorio, sem impedir que os pequenos idolos chamados ex-votos, tivessem em cada lar, um logar onde pendurados, influiam no ambiente indigena. Supplicas votivas eram feitas com uma exterioridade religiosa, que tornava o crente insensivel ao soffrimento.

Embora fossem insignes naturalistas no preparo das essencias vegetaes, quer para os remedios que curam, quer para os venenos que matam, não se poude jamais conhecer o segredo do curare, e como veremos na biographia de alguns imperadores incas, difficil foi fazer desapparecer o veneno, que, uma vez tomado, fazia o individuo ficar esqueletico, prolongando a vida para soffrer.

Entre os Egypcios, os Etruscos, os Gregos e os Romanos, tambem se conheciam e eram tambem usados os symbolos fetichistas, que representavam o orgam affectado, em um ex-voto expressivo.

A religião dirigida pelos sacerdotes tinha tambem nos alcaloides tirados das plantas, e no preparo do succo de algumas dellas, beberagens fermentadas, com aroma e gosto deliciosos. Com o fim de se communicarem com os deuses os sacerdotes em condições especiaes, bebiam até se embriagarem e sob a acção vaporosa dos licores e vinhos, viam e sentiam, em uma allucinação verdadeira, os seus deuses.

O conselho que os celebres sacerdotes, assim excitados, davam ao despertar desta embriaguez religiosa não raro produziu o morticinio de victimas aos milhares, sacrificadas e comidas por ordem dos deuses. Curiosa é a obediencia que as victimas prestavam a estes augurios, morrendo com maior resignação do que o cordeirinho tirado dos rebanhos.

A idolatria leva necessariamente os povos á superstição, sua filha legitima. Não só no Perú e no Mexico, como ainda ha bem poucos annos na Turquia, o poder dos Incas e dos Faquires é conhecido.

O seguinte testemunho do dr. Robert Brudemell Carter por elle mesmo narrado em uma nota a pag. 220 da traducção que fez para o inglez do «The Ophtalmoscope», é bem eloquente:

«Eu tive occasião de observar em 1844 um caso de amaurose por uma violenta emoção: Quando a expedição turca sob o commando de Koord Ahmet Pacha tomou posse de Jabel, districto montanhoso situado a Sud-Oeste de Tripoli. Adgi Goonus, um dos agentes do Pacha, teve ordens de receber um imposto de uma tribu de Morebouts, cuja unica occupação era offerecer aos viajantes destes paizes uma hospitabilidade generosa e desinteressada e dar esmolas aos pobres do paiz.

«Esta tribu era considerada sagrada entre os arabes, e até então, por esta razão gosava do privilegio de isempção de qualquer imposto. O Cheik deste povo hospitaleiro recusou-se submetter-se ás exigencias do agente do Pachá, allegando que as rendas da tribu tinham applicação obrigatoria e eram propriedade dos pobres, e da qual elle não podia dispôr. Adgi Goonus insistiu, mas o Cheik recusou sempre vindo o agente exasperado a ameaçal-o de morte immediata, si não pagasse a contribuição. O Cheik então disse abrindo os dois braços: Pois bem, uma vez que persistis nos vossos odientos designios e quereis absolutamente roubar os bens dos pobres, sêde maldito e que DEUS vos faça ficar cego!!!

«Apenas foram pronunciadas estas palavras (que eu ouvi por estar presente) Adgi Goonus segurou com as mãos a cabeça e principiou a dar gritos de dôr; o infeliz havia perdido a vista. Eu fiz, como medico, tudo o que era possivel para alliviar seus soffrimentos, mas foi em vão. O agente do Pacha deixou o campo e morreu pouco tempo depois no meio de horriveis dores». (1)

E' no ambiente apropriado á vida dos espiritos que deve operar-se a reincarnação, deve ser na materia corporal, na Terra que se faz esta dolorosa prova da purificação, si bem que todos nós vemos quanta degradação ha nas creaturas, ao par da evolução progressiva das raças, nas nações, todas ellas marchando para a perfectibilidade mas lentamente, por causa das leis humanas imperfeitas, pois é bem certo que achar-se-á a causa dos males que affligem a humanidade, estudando-se a historia de suas instituições.

Voltaire, o incredulo, na «Princeza de Babylonia» disse: «Não é mais surprehendente morrer duas vezes que uma. Tudo é resurreição neste mundo».

---

(1) A proposito deste assumpta deve-se ler na biograpbia dos Incas o senho de Viracocha. No Mexico o apparecimento de uma ave singular fez com que pelo reflexo do brilho da parte cornea de seu bico visões terriveis apparecessem, conforme narramos em outro capituio.

O Imperio dos Incas no Perú

(DESDE A 1118-1519)

Manco-Capac, Inca I
1118-1147

Embora muitos livros tenham sido publicados a respeito do reinado dos Incas, que exerceram por mais de quatrocentos annos um governo prospero tendo leis prudentes e soldados indigenas bem familiarizados no exercicio das armas, permittindo ao Imperio do Perú a conquista de muitas provincias; entendemos de nosso dever contribuir no Instituto Historico para dar aos leitores da lingua portugueza um resumo da historia dos Incas e tambem as nossas impressões a respeito da influencia exercida pelo seu governo em um periodo de tempo tão dilatado, que a historia da humanidade nos tempos modernos não conseguiu registrar para com outros soberanos.

A primeira observação que o escriptor tem de notar é sobre o mechanismo dos *nós* dados em cordões, distribuidos em suspensão em grandes salões em sentido vertical, que serviam de alphabeto cuja leitura era dada aos poucos encarregados desses conhecimentos.

Garcilasso de La Vega, que é incontestavelmente o autor mais bem informado da prehistoria do Perú, por ser filho do paiz e ter-se casado com a descendente filha do ultimo Inca, com razão lastima que entre todas as desgraças promovidas pelos invasores hespanhóes seja a maior a da destruição deste segredo com o exterminio dos homens que haviam perpetuado até aquella epoca o registro de todos os factos historicos daquelle paiz.

Os monumentos achados e conservados depois de muitos annos da invasão dos quaes damos muitos clichés, copiados dos autores competentes, são a prova evidente da adeantada civilização a que haviam attingido os Imperios do Perú e do Mexico, cujo estádo de civilização nos parece ter sido maior do que o da propria Hespanha, até aquella occasião.

O que ha de mais obscuro na historia do Perú é a maneira pela qual os Incas, denominados filhos do Sol, perpetuaram a dymnastia durante 400 annos.

O primeiro Inca, *Manco-Capac* teve por esposa *Coya,* dizendo-se ambos filhos do Sol.

A fabula da sua origem era narrada ao povo e ás provincias que incorporavam ao Imperio, contentes de conhecer a origem que lhes assegurava um poder divino, influenciados pelo maior astro util a todo o mundo e sem o qual a vida seria impossivel.

Os indigenas da America do Sul naquella vasta região, jámais se preoccuparam de pôr em duvida a origem de seu soberano.

O governo imperial tornou-se deste modo uma força, porque as outras nações selvagens da visinhança sempro em guerras ferozes e barbaras, tornavam-se cada vez mais fracas junto de um poder que se concentrava com intuito de alargar seus dominios, e o exercito do imperador, cada anno mais forte, submettia ao imperio dos Incas as nações até então ingovernaveis.

Todos os autores são accordes na fabulosa origem dos Incas, no intuito de chamarem a si maior periodo sobre suas pessoas, podendo governar e impor sua vontade ás tribus ignorantes e crueis, despidas das mais rudimentaes virtudes e mais crueis na vingança do que os proprios animaes irracionaes.

Sem ideia de religião, essas tribus não poderiam moderar os instinctos que a herança tornava sempre perversos, alimentando-se da carne humana, como os animaes carnivoros, fazendo dos vicios as fontes de seus gosos; proclamando-se ellas mesmas as mais perversas entre todos os animaes!

Tanto Herrera como Gregorio Garcia, em seu livro « *Origen de los indios* », Livro V, cap. VIII, confirmam o testemunho de Garcilasso de La Vega: « A fabula dos primeiros Incas é transmittida aos outros do seguinte modo:

O Inca I Manco-Capac era filho do Sol. Seu pae impressionado pela mizeria em que viviam tantos povos infelizes, foi enviado com *Coya*, tambem filha do Sol e irmã do mesmo inca afim de civilizar as nações, dar-lhes leis conforme á razão e á equidade para ensinar a cultivar a terra e nutrir-se de seus fructos, instruindo sobre o culto do Sol, seu pae, mostrando a maneira com que deviam protecção uns aos outros e quaes os sacrificios que deviam offerecer,

Para esse fim o Sol collocou o irmão e irmã no lago de Titi-caca, affastados de Cuzco cerca de 80 leguas, elles receberam uma barra de ouro de pouco mais ou menos meia braça de cumprimento com a espessura de dois dedos, ordenando que seguissem o regimen de vida como bem entendessem e por toda a parte por onde andassem, deviam tocar á terra com a barra de ouro, estabelecendo leis que deviam ser obedecidas cegamente, não só pelos seus descendentes assim como pelos povos submettidos á sua obediencia ».

Com esta ordem o irmão e irmã seguiram para o septentrião até uma montanha ao Sul de Cuzco, chamada Huanacauri e tendo lançado no chão a barra de ouro que o Sol seu pae lhes dera, logo o Sol desapareceu de seus olhos. Então o Inca comprehendeu que era em obediencia ao Sol seu pae, que esta jornada fora feita com intuito de garantir-lhe a prosperidade e o imperio sobre os Povos do Perú.»

Os primeiros indios aos quaes elles falaram, tocados pela linguagem desta fabula e pela doçura das palavras e

das offertas vantajosas, correram em multidões para a montanha de Huanacauri, onde o Inca principiou a edificar a cidade de Cuzco, providenciando a respeito da subsistencia dos habitantes.

Estes novos vassallos encantados pela vida de doçura, por toda a parte que percorriam espalhavam a noticia, annunciando aos povos mais affastados a boa nova e convidando-os a virem se submetter ao Imperio dos Incas.

Foram fundados muitos centros de populações chamados cidades, das quaes a maior não continha mais de cem casas. Começou Manco-Capac a formar um pequeno exercito, sem prejuizo dos homens serem instruidos no exercicio da agricultura e as mulheres na pratica de tecidos de fios e dos serviços domesticos. O dominio do novo monarcha se extendeu para o Oriente, desde Cuzco até o rio Pancartombo, e para o Occidente cerca de oito leguas, até o rio Aporimac e para o Sul nove leguas até Quequefana.

A memoria confusa dos indios não poude fornecer aos historiadores dados precisos, e os *nós*, que eram lidos por interpretação dessa linguagem falada, não foram traduzidos para linguagem escripta.

Pretende Garcilasso que não podia ser inferior a 400 annos o dominio exercido pelos incas até a invasão europeia e cremos bem ser a verdade, como os leitores vão verificar pela historia, factos e monumentos feitos pelos diversos incas imperadores, cujo dominio se alargou consideravelmente.

Essa é tambem a opinião de Georges Jean na importante obra em dois volumes «Voyage au Perú» que diz:

«Duas coisas o impressionaram no estabelecimento do novo imperio, a primeira foi ver o Inca Manco-Capac invocando a fé e o Sol, para attrahir as nações, narrando sempre a estes povos embrutecidos, a fabula de sua pretendida origem, afim de verificarem a vantagem de mudar de vida. A segunda mais admiravel, porque estando estes povos na peior das barbarias, foi que pudessem apparecer duas pessoas unidas por um só pensamento, com um espirito superior, de modo a influenciar o meio humano no qual viveram, e não só influenciar, mas tambem imaginar um meio de os fazer sahir dessa barbaria perversa, mais conforme á natureza dos animaes quadrupedes do que de seres humanos.»

Deste modo appareceu pela vez primeira, entre os selvagens o meio de aproveitar a faculdade da intelligencia, para distinguir o bem do mal.

Para este fim era preciso que fossem de indole boa e de um typo de raça sem mestiçagem. Parece que elles vieram de outro paiz, como naufragos, que submettidos á vida selvagem, pudessem assim agir.

Esta é a nossa opinião, porque a historia da America mostra desde a chegada de Colombo, que foi bem recebido no meio destes indigenas e de Martim Affonso tambem do

mesmo modo: prova é que havia entre os indios indicios de conhecimentos dos povos civilizados.

Em São Vicente, João Ramalho vivia como indio, e foi o factor poderoso que libertou dos perigos o grande fundador de S. Paulo, e que não sómente fundou S. Vicente, mas foi a Piratininga estabelecer a Capital do Estado que tem o nome do apostolo das Gentes.

A palavra Inca tem duas significações differentes. O Inca significa Senhor, Rei ou Imperador, e tambem significa descendente do sangue real. A esposa de Manco-Capac chamava-se Mama-Ocello.

A proporção que o numero dos vassallos foi augmentando e cada um foi vendo e sentindo as vantagens de uma sociedade policiada, accrescentou-se o sobrenome Capac ao nome Inca; Capac quer dizer rico em virtudes, em talentos em poder. Outros titulos foram accrescidos: taes como Hua-Chacuyac, que significa amigo e protector dos pobres, Intip-Churin, que se pode traduzir por «Filho do Sol».

A mulher legitima do Inca tinha o titulo de Coya, nome que quer dizer esposa legitima e é reservado para a esposa do Rei, e ás princezas nascidas deste matrimonio.

Quanto ás concubinas, as que não tinham sangue real, nem eram parentes dos imperadores, o nome que ajuntavam era Mamacuna, que significa matrona, ou mulher que faz o officio de mãe. As concubinas parentes dos reis tinham o titulo *Polla*, que era commum a todas as mulheres da casa real.

Manco-Capac imaginou titulos de distincção para si e para seus successores ao throno. A primeira era o uso de cortar os cabellos do alto da cabeça a um dedo de cumprimento, sendo regra para os outros indios não os cortar. A segunda o uso de brincos longos nas orelhas, dando a forma de angulos de 3 polegadas. A terceira era um collar, ou cordão chamado Llautu, de côres diversas, do qual usavam os Incas dando muitas voltas na cabeça, como uma grinalda, sendo a ultima das cordas do collar a que ficava sobre a testa côr de fogo.

O filho mais velho, o herdeiro presumptivo do imperio usava de uma franja differente de côr amarella. Ao principio Manco-Capac pretendeu que o uso deste enfeite fosse distinctivo das pessoas de sua classe, como honraria aos grandes do Imperio; mas taes franjas, especie de decorações, eram differentes das usadas pelos Incas, e em usal-os os vassallos distinguiam os personagens.

A proporção que os indios das varias tribus e nações foram sendo attrahidos ao seu imperio, ficaram acostumados a viver em sociedade necessaria ao bem publico.

Manco-Capac iniciou os trabalhos da agricultura, a arte de canalizar as aguas para irrigar as plantas e humidecer as terras afim de augmentar a producção das sementes cul-

tivadas; emfim o governo do Inca I foi conveniente para tornar a vida feliz em um meio barbaro.

Ordenou que em cada povoado, ou communa houvesse uma casa que servisse de celleiro publico, o que nos faz bem ver que elle conhecia o methodo dos pharaós do Egypto.

A distribuição dos cereaes era feita entre as populações dos districtos, conforme as necessidades, de modo a guardar sempre uma equitativa distribuição da colheita. Cada casa destes celleiros tinha a administração dirigida por um especialista.

Manco-Capac inventou uma roupa decente, afim de ser usada, sendo Coya Manco-Capac encarregada de ensinar ás mulheres a fabricação, que se fazia de tecidos de algodão e de lã.

Foram nomeados caciques ou curacas para governar as communidades, sendo escolhidos os mais capazes.

Creou o lugar de senhores das aldeias para recompensar os mais dedicados servidores.

As leis de seu imperio eram baseadas nas leis naturaes.

A principal era: Amar uns aos outros (como préga o Evangelho) como se fosse a si mesmo. Penas severas foram feitas aos infractores, na proporção dos delictos. Os adulterios, os homicidios, os furtos, eram crimes punidos de morte. A polygamia era prohibida, sendo seu desejo obrigar a todos a se casarem na propria familia, afim de evitar a mistura de linguagem. Os mancebos de 19 annos não podiam casar-se, porque não tinham capacidade para prover a subsistencia e governar a familia. Os casamentos se faziam do seguinte modo: O Inca fazia reunir em cada anno, ou de dous annos todas as moças que existiam e rapazes da mesma raça na cidade de Cuzco. As moças deviam ter 18 annos e os moços pelo menos 20. Perante os convivas, o Inca tendo toda a sua côrte reunida, chamava cada um por seu nome e tomada a mão do esposo e da esposa os fazia invocar a fé natural para se ligarem como esposos, indo em seguida para a companhia dos seus parentes. As mulheres assim casadas ficavam-se chamando *mulheres entregues pela mão dos Incas esposas legitimas.* — No dia seguinte os ministros, delegados para este fim especial, continuavam a praticar, na mesma ordem, os casamentos, sendo este exemplo e pratica seguidos em todos os povoados, em todas as provincias pelos Curacas ou Caciques.

Como eram idolatras, ensinou-lhes uma religião, conforme a sua idolatria. O Sol sendo o proprio deus que elles deviam adorar, havia regras para os sacrificios humanos, ou não, que eram offerecidos ao deus Sol. Os sacrificios eram em acção de graças para que a terra produzisse e désse boas colheitas, e tambem para agradecer o nascimento de filhos bons e fortes, e por ter enviado o Inca e sua esposa para tiral-os da miseria em que viviam. Templos foram erigidos para o culto do Sol, e tambem foram edificadas casas

para abrigo das mulheres, que eram especies de freiras, consagradas ao zelo e ao culto, sendo taes mulheres, tiradas do sangue real, obrigadas a guardar a castidade.

Havendo Manco-Capac estabelecido seu imperio sobre os solidos fundamentos destas leis, fez chamar os Caciques e principaes vassallos e em presença de grande numero delles usou da seguinte linguagem, guardada pela tradição e pelos nós dos cordões.

Eis o resumo deste discurso como o traduzimos do livro cit. pag. 216, 2 vol.

«Quero-vos exhortar antes de morrer e de ser chamado ao reino do Sol, meu pae, afim de que todos promettam guardar e observar fielmente as leis do meu imperio, tal como eu as recebi de meu pae o Sol e exijo que não sejam alteradas, nem corrompidas.

Logo depois morreu e foi pranteado por todas as nações, como uma entidade divina. Seu corpo foi embalsamado, sendo feitas as mesmas honras que a uma divindade. Sacrificios sem conta foram feitos. O seu reinado foi de 40 annos.

A razão pela qual a tradição serviu de base a uma interpretação varia dos historiadores a respeito da fabula originaria dos Incas, é conforme os autores citados, devida ou á falta de intelligencia dos indios que foram consultados depois da conquista, ou porque os mesmos indios narravam a seu modo, não havendo a linguagem escripta por ser ignorada dos povos da America. Sabemos que alguns dos generaes vindos da Hespanha, não sabiam lêr, nem escrever.

Tanto isto é verdade que ha escriptores que asseguram que Juarez não sabia lêr, e narram o seguinte episodio: Guatemosim prisioneiro admirava os hespanhóes, porque sabiam ler, pediu que um delles escrevesse na sua unha a palavra Deus, e quando vinha uma visita logo elle mostrava a unha para ella lêr o nome escripto, ao que elle sentia um prazer immenso. Indo Juarez vêl-o, como elle lhe mostrasse a unha para lêr a palavra DEUS, este não leu, ao que Guatemosim o tratou com despreso.

O tempo decorrido desde a conquista do Perú até 1752, epocha em que foi impresso o livro citado, concorreu naturalmente para que a historia narrada pela tradição fosse por varios modos contada. E' por isso que D. George Jean ao qual seguimos nesta narrativa, considerando o estado de selvageria, brutalidade em que viviam os indigenas, crê que não foi tão facilmente feita a conquista do imperio do Inca Manco-Capac, das grandes e populosas tribus do seu imperio, até chegarem a interpretar e a praticar, com uma razoavel conducta, actos de verdadeira civilização, sahindo da preguiça e miseria em que viviam, renunciando suas inclinações, e submettendo-se ao trabalho, abandonando os idolos para reconhecerem como legitimo o unico que lhe era apresentado na pessoa do seu soberano, tido como filho do Sol.

Com effeito, parece impossivel que os homens selvagens abandonassem a liberdade natural dos animaes, a cuja sorte ficaram reduzidos, para se submetterem ao jugo de um só homem. Tal metarmophose faz suppor que até Manco-Capac não houvera outra organização social no Perú, e a propria origem fabulosa deste soberano faz crêr isso.

O que parece acaso, é quasi sempre o resultado dos acontecimentos das leis da evolução.

E' de crêr que havendo no paiz uma infinidade de idolatrias, sendo rendido culto a todas as coisas imaginaveis, e entre estes o culto ao Sol, que foi por todas as nações do mundo o fóco impressionante da vida e do espirito, por essa razão predominante foi adorado por elles.

O burgo passou a ser uma especie de communa, a autoridade do Inca passou a ser dilatada na pessoa dos caciques, as leis, embora sem a escripta para as tornar conhecidas de todos, eram vulgarizadas em todas as solemnidades, um resumo dellas era apregoado pelos que liam nos *nós*. Sendo certo que cada pequena tribu tinha um chefe, esses viam bem quanto era fraco o seu poderio, comparado ao do Inca.

A natureza humana, teve como não podia deixar de ter, no instincto dos animaes, a fonte fecunda do ensinamento, porque o homem é e será sempre o principal animal.

A fama, que como a agua abre caminho crescendo, fez com que cada tribu fraca, procurasse a protecção do forte.

Dahi as conquistas dos visinhos povos foi facil.

Sabiam os Incas que não é á sabedoria nem ao genio que se precisa recorrer para inventar um DEUS, mas sim á bondade e á evidencia.

Essa bondade apareceu com os primeiros beneficios da liberdade, da justiça e da autoridade, systema embryonario nos Incas, como no começo, berço da civilização, concretizando os elementos bons, tirados por bem e por mal do meio no qual nasceram e viveram. Si o genio de tantos sabios não explicou a verdadeira origem de DEUS, lemos na bondade dos Incas a prova imaginada pelo instincto humano da fabula da procreação gerada do Sol com a mãe do primeiro inca. Organizada ficou assim a religião que uniu os indios no seu poderoso e largo reinado.

A maxima conhecida de Salomão era: A bondade dos homens os faz sabios e a sabedoria delles os faz bons».

Sinchi-Roca, Inca II
1147 - 1178

Sinchi-Roca era o filho mais velho de Manco-Capac e de Coya, sua esposa.

Na lingua falada no Perú, Sinchi significa valente, cheio de coragem. Educado no exercicio das armas, ninguem o

excedia no manejo da flexa, na força para as luctas corporaes, na arte de atirar a pedra, da qual David fôra o primeiro mestre.

Logo que foi proclamado II imperador, convocou os principaes vassallos, curacas e os principaes das tribus. Narram os autores que fez um discurso muito pathetico a respeito das obrigações dos subditos para com o deus Sol, cujas ordens pela bocca de seu pai, lhe foram transmittidas, convidando-os a proseguir no dominio dos povos visinhos, que permaneciam ainda na barbaria, sem leis e sem o deus que deviam adorar, devendo todos se submetterem para conhecer a bondade e a doçura da justiça, que elle garantia a todos do seu imperio. Fez sentir que todos deviam imital-o e elle seria o primeiro a dar o exemplo afim de que as nações visinhas conhecessem suas leis e se submettessem.

Sinchi-Roca, resolvido a juntar a palavra á acção, partiu de Cuzco em direcção do Sul, e foi muito feliz, porque conseguiu, sem maiores esforços, submetter a seus dominios vinte leguas além dos limites deixados por seu pai, indo até Chuncara. Alguns autores pretendem que elle levou o seu imperio até Puncaro de Umafuyu e que pelo lado dos indios Antis, seus dominios chegaram ao rio Calla-huaya, não empregando a força das armas, mas a da persuasão para tão vantajosa conquista.

Sem derramar sangue na guerra, e sómente nos sacrificios humanos, que ficaram sempre em uso, a bondade e o valor de Inca II se tornaram afamados.

As maximas ou leis de Manco-Capac foram apregoadas todos os dias aos povos submettidos ao imperio, havendo tranquillidade e boa administração. Afim de não faltar alimento ordenou grandes plantações de milho. Sendo o trabalho uma condição da humanidade, este regimen adoptado serviu para a felicidade da communhão.

Praticou sempre a religião do Sol, cujo culto era simples, mas solemne.

No seu imperio foram construidos alguns templos.

Os chronistas affirmam que Sinchi-Roca governou 30 annos casado com Mama Oello.

Seu filho mais velho e successor do throno chamava-se Hoque-Jupanqui.

A prole deste Inca foi numerosa, sendo este facio attestado pelos chronistas; mas dos seus feitos nada podemos saber.

Uma das maximas desse Inca era a seguinte: «E' preciso que a familia descendente do Sol cresça sempre. Para esse fim elle teve filhos com algumas *mama-macunas*, assim se chamavam as concubinas imperiaes, e taes filhos eram chamados Palos.

Lloqui - Yupanqui - Capac, Inca III
1178 - 1215

Lloqui-Yupanqui foi o successor natural de seu pai, sendo acclamado depois da morte deste com as solemnidades adoptadas.

Lloqui quer dizer canhoto, porque desde pequeno esse principe só usava da mão esquerda. Yupanqui significa « *tu contarás* » isto è, sua fama fará com que todos contem sua historia.

O nome parece ter dado sorte a esse imperador que no inicio do governo, reuniu um exercito poderoso de 6 a 7 mil homens, sob o commando de dois tios seus, afim de alargar seus dominios, submettendo novos povos, como era o programma de seus avós, para receberem a influencia das suas leis.

Apoiado no exercito, penetrou na provincia cuja cidade principal era Cana. Antes de dar combate os generaes, de acôrdo com as ordens recebidas, parlamentaram com os chefes que deviam entender-se com o povo, offerecendo aos habitantes a paz e as mesmas vantagens que os seus vassalos gosavam, desde que todos se submettessem voluntariamente.

Os canniensses que já gosavam de alguma civilização e passavam por ser os mais habeis entre as tribus selvagens, quizeram saber, antes de ser submettidos, si a fama a respeito dos incas e das suas leis era verdadeira, e tendo ficado convencidos, entregaram-se e logo receberam instrucções para o trabalho agricola, sendo instruidos das leis que deviam praticar d'ora em diante.

Inca III nomeou delegados competentes para dirigir o paiz.

Vendo que seu exercito não devia ficar inactivo, os generaes receberam ordens de Lloqui Yupanqui para proseguirem na marcha civilizadora, só dando combate, quando não fossem aceitas as condições de paz que propunham.

Chegados ás fronteiras de uma nação chamada Ayreiris, que recusou submetter-se e quiz defender sua liberdade, teve de vencer esta nação e deu provas de sua magnanimidade, tratando os vencidos e submettidos com toda a bondade, como si elles não tivessem sido vencidos e tratassem com protectores.

Depois que organizou a pratica do trabalho, tornou conhecidas as suas leis, deixon-os governados por seus caciques e por pessoal tirado dos vencidos, fez seu exercito, então mais numeroso, proseguir e encontrando em caminho um terreno muito proprio para uma fortaleza, empregou todo o exercito nas fortificações de modo que o povo que acabava de ser encorporado a seu imperio, conhecesse bem como se fazia a defeza delle, e nella mesma trabalhassem o local e a fortaleza ficaram reconhecidos pelo nome Puçara.

O Inca III foi ver e visitar o povo conquistado, e as obras da fortaleza, voltando a Cuzco, depois de ter dado folga ao exercito.

Depois de iniciar novas campanhas e sempre com as victorias brilhantes que augmentavam a fama de seu nome, temido e respeitado por todos os gentios, fez com o seu exercito a conquista das provincias do Poucar-Colla e de Hoturo-Colla, sem ser preciso dar combate, vindo esses povos ao encontro do vencedor com uma pompa jamais conhecida, de modo que Lloqui concedendo-lhes grandes recompensas, ordenando que os seus curacas usassem roupas destinadas as suas novas graduações e para perpetuar a memoria desta conquista. ordenou a construcção de palacios reaes.

Templos magnificos foram levantados ao Sol.

Damos um cliché, copia fiel tirada do livro *Voyage du Perou*, tomo III, p. 221.

Outra sabia instituição, que pela primeira vez na America do Sul foi fundada, é a casa para as virgens, dedicadas ao culto. As outras nações informadas destas novas instituições levantaram tambem edificios para esse culto. Foi assim que a arte da architectura teve o maior incremento.

Os Avariays deram assim o bom exemplo. Os indios de Chucuita submetteram-se voluntariamente, dando prova evidente da indole dos americanos do Sul ao regimen monarchico, nestes tempos de selvageria e barbaria, porque acharam o modo de ser feliz e viver em paz sob a protecção dos Incas.

Voltando a Cuzco, o imperador Inca III tomou a resolução de descançar e de preparar seu filho mais velho e herdeiro do throno Mayta-Capac. Fez elle visitar todas as nações de seu imperio não só para ficar conhecido, como para o acostumar ao exercicio da soberania, sendo acompanhado dos mais habeis chefes de seus paizes e dos mais antigos personagens da côrte.

O seu reinado excedeu de 60 annos.

Do casamento com Mama-Cava só nasceu este filho legitimo, mas com as concubinas teve grande numero de filhos de ambos os sexos.

Tendo de passar o lago Titi-Caca com seu exercito, escolheu o lugar onde o canal é mais estreito e dirigiu a construcção de uma ponte sobre as aguas, feita de tecido de cordas com uma palha chamada Ichu. Esse canal profundo. tem 100 braças de largura. Ficando a ponte apenas meia braça acima das aguas. Por muitos annos esta ponte singular serviu, sendo refeitas as partes que se arruinavam, causando esse serviço a admiração dos indios. O nosso cliché dá uma idéa desse real trabalho aproveitado pelos conquistadores.

A engenharia de nossos tempos, ignora certamente que 300 annos antes da descoberta do Brazil, já houvesse entre os Incas tão adeantados obreiros do progresso.

Quando estava no leito de morte, fez reunir os filhos, os principes de sangue real, os curacas e lhes observou a fiel observancia das leis, o respeito ao soberano, dizendo adeus e despedindo-se morreu coberto de gloria.

Mayta-Capac, Inca IV
1215-1256

Apenas este soberano tomou a direcção do governo, preparou uma excursão por todo o seu reino, acompanhado de um exercito de 12.000 homens, afim de garantir a distribuição da justiça, com a demonstração do exercicio das armas, usadas já naquelle tempo, symbolo da ordem e do direito.

Entrou em seguida na provincia da Thahuanacu, celebre pelos grandes edificios que indicavam um alto grau de progresso. Facil foi a submissão do povo, de modo que Mayta-Capac admirou-se em ver monumentos melhores que a do seu imperio, e que pareciam não ter sido feitos pelos homens do paiz, tanto mais que não existiam no local pedreiras, estando estas muito distantes, mas os blocos de pedras enormes alli estavam para attestar.

Garcilasso de La Vega, no Livro III Cap. I, dá uma minuciosa descripção desses monumentos.

Ao tempo em que os hespanhoes invadiram o reino, narra D. George Jean e D. Antonio de Ulho «Voyage au Perú» pagina 222, a descripção feita por D. Fernando Rodrigues que foi expressamente ver esses monumentos.

Em apoio desse testemunho, devemos invocar a qualidade de ser este um homem de letras, que exerceu o lugar, depois da conquista, de Corregedor de Cuzco :

Eis o que elle disse :

«Encontram-se nos edificios dos antigos indios pedras de tamanhas proporções que não se as pode olhar sem admiração, não sendo facil comprehender-se que tão prodigiosas massas, que ainda hoje não poderiam ser conduzidas com os recursos modernos, á disposição dos engenheiros, podessem ser collocadas nos edificios e levantadas sobre as muralhas á altura de muitos palmos. Essa reflexão deu origem a suppor-se que os indios conheceram o segredo de fabricar pedras do tamanho que queriam».

Mayta-Capac continuou suas conquistas até Ca-Vaverecimas ; o soberano deste paiz recusou submetter-se ao seu governo e fortificou-se sobre uma collina, que era o local de adoração desta nação onde tinha nos templos suas divindades.

O local era de rara belleza, dominando uma grande planicie, e por isso elles se julgaram em plena segurança, da qual logo se desilludiram, porque o Inca IV os deslocou facilmente com seu aguerrido exercito.

Constrangidos a pedir misericordia, não só Mayta-Capac os perdoou, mas foi magnanimo, concedendo diversas graças, entre outras consentiu que seus curacas abraçassem os seus joelhos, distincção rara concedida na sua côrte, e propria

para as grandes solennidades, nas quaes toda a população olhava para o throno e para as praticas realizadas, porqne sendo o imperador, considerado pessoa sagrada, ninguem o podia tocar, sem participar desta influencia, só permittida aos principes de sangue e para qualquer outra pessoa era um sacrilegio punido com a morte.

Essa nobre maneira de tratar os vencidos, determinou a submissão voluntaria dos póvos do paiz de Conquicuna, Maltama e Harina e muitas outras de menor importancia, todas unidas agora ao seu imperio.

Inca IV mandou o seu exercito sob o commando dos seus generaes, para o Sul, sem ter havido durante a jornada combate e derramamento de sangue.

No Occidente o paiz de Chochuna oppôz resistencia ao exercito victorioso, mas o cerco impedindo o supprimento de alimentos fez com que forçados pela fome, se rendessem tendo os generaes recebido ordem de formar neste paiz conquistado dois grandes estabelecimentos populares, um chamado Cuchuna, nome do proprio paiz, o outro denominado Moquehua.

Os Cochuminenses tinham o abominavel costume que os tornara celebres e temidos, de empregarem um veneno e quando queriam se vingar de alguem, o applicavam no alimento, de modo que sem que a victima se apercebesse, cahia pouco a pouco em um estado de abatimento, que cada dia o consumia, até o fim da vida, pela magreza e tristeza e que, quando a victima não era robusta, podia morrer, mas lentamente, as victimas ficavam como mumias vivas.

O Inca IV informado deste uso perverso, ordenou que toda a pessoa que conhecesse esse veneno e o empregasse, ou tivesse já usado delle como vingança, fosse queimada viva, sem possibilidade de ser perdoada. Esta ordem causou grandes elogios entre os cochuminenses que conheciam os supplicios e o numero de victimas feitos. Deste modo perdeu-se o conhecimento deste veneno, que assim deixou de victimar as pobres creaturas.

A execução dessa ordem real se fez com toda maior alegria que a população não só queimou vivos todos os envenenadores mas tambem seus predios, plantas e objectos a elles pertencentes.

Para o lado do Oriente, Inca IV conquistou perto de 50 leguas, desde Puraco do Umasuyu, tendo uma largura de 20 leguas. As nações que habitavam esse paiz chamavam-se Llaricassa e Laucavan, que, encorporados sem resistencia, augmentaram o poder do Imperio.

A fama destas conquistas não amedrontou os Collas, que unidos aos seus visinhos e formando um exercito de 14.000 homens guerreiros, vieram adiante de Inca IV resolvidos a dar combate ; mas o prudente soberano evitou sempre dar combate, esperando attrahir os guerreiros por meios doceis e suasorios.

O recurso não deu resultado, sendo Mayta obrigado a dar um combate encarniçado que durou um dia. A noite sobrevindo, cada um dos exercitos se retirou aos acampamentos. A perda dos Collas foi tão numerosa e consideravel, que os fez reconhecer ao amanhecer o dia a inutilidade de continuar a guerra. Enviaram parlamentares para se submetterem ao poderoso Inca que os recebeu com a maior clemencia.

Esse successo repercutiu longe, vindo as nações visinhas ao encontro dos desejos do Inca, que assim foi assegurando no Perú o regimen monarchico, unico capaz de se adaptar á indole de um povo, que parece ter nascido para elle; visto que 500 annos depois, as republicas da America do Sul, destroem seus filhos nas guerras fratricidas nas quaes os trahidores vencem.

Depois desta batalha o imperio dos Incas ficou augmentado com as cidades de Huaychu e Callamarca, capital dos paizes encorporados ao imperio.

Apezar de velho, a sua energia crescia com a edade. De Callamarca, Inca IV marchou até Caracallo de Lagima de Coria, pelo caminho de Charcos e voltando em direcção ao Oriente foi ter no paiz dos celebres e bravos Antis, nação conhecida pela ferocidade e barbaria.

Esses povos peiores do que as feras, não se contentavam de sacrificar sómente os prisioneiros; mas imolavam os filhos e descendentes. Esses sacrificios de crianças, velhos e mulheres de todas as idades, eram feitos na presença dos prisioneiros, ligados pelos pés e pelas mãos a postes, de modo que o fim em vista era de ir tirando a carne aos pedaços para conservar a vida da victima o maior tempo possivel, usando para esse fim de facas muito afiadas feitas de uma pedra especial. O nosso cliché é bem expressivo.

Comiam sem mastigar na supposição de que assim engoliam a vida dos martyres prisioneiros fazendo do seu corpo o tumulo dos vencidos.

Elles queriam que os sacrificados assistissem a sua sepultura, feita nos intestinos dos seus algozes que os devoravam. Apezar desta barbaria, Mayta-Capac submetteu esses povos, bem como todas as outras nações que existiam até o valle de Chuquiapu.

Neste aprazivel valle o monarcha indigena fez repousar suas tropas, e deu ordens para reunirem todas as nações comprehendidas sob o nome Callos, creando uma porção de povoados novos onde ordenou grandes plantações de milho do qual se faziam colheitas, guardadas em grandes celeiros, por ser essa a região que elle achou de melhores terras para essa cultura, base da alimentação dos seus subditos.

Depois de tantas victorias e conquistas, Inca IV voltou a Cuzco, mas não ficou muito tempo inactivo, porque formou o designo de novas conquistas, desejoso de extender seu im-

perio para o Occidente. Para esse objectivo era indispensavel passar o grande rio *Apurimac* que era julgado impossivel de passar.

Inca IV ordenou que se fizesse uma grande ponte por elle imaginada de cipós *chamados bejucas e ozies*, de tal modo tecidos e entrelaçados que foi uma verdadeira maravilha essa ponte suspensa, e bastante larga para dar passagem ao exercito. Foi essa a ponte maior e mais larga do Perú, e tanto por sua solidez como belleza ficou sendo conservada cada anno, e por muito tempo serviu aos hespanhoes invasores. Essa ponte media conforme o testemunho de todos os autores citados mais de 200 passos, com duas braças de largura. Era segura por 5 cabos, cada um feito de cordas de cipós formando um volume mais grosso que o corpo de um homem. Ao tempo da conquista os hespanhoes se serviam da ponte para transportar as bestas de cargas e carros de bois. A noticia dessa ponte por tal modo feriu a imaginação das nações visinhas, que ellas attribuiram essa invenção e esse poder do Inca, a uma verdadeira inspiração do deus Sol.

Desde esse momento, a admiração dos povos, em vista da invenção e da construcção de obra d'arte de tamanho valor, resistencia e segurança, não houve quem não ficasse convencido «na America, que só o sol podia inspirar seu filho em tal prodigio.

Os povos visinhos se apressavam para que Inca IV os aceitasse como subditos, encorporando suas nações ao seu imperio.

O paiz conhecido pelo nome de Chumydivillica, que tinha 20 leguas de dominio, pediu para entrar como parte do imperio. Passando atraz deste paiz Inca IV emprehendeu atravessar o deserto chamado Contisuyu, porém tendo encontrado um pantano de 33 leguas de extensão, apressou-se em reunir o pessoal aguerrido pratico de serviço de aterros e fez um tão colossal serviço, que fez desapparecer o pantano abrindo caminho por cima de um aterro apedregulhado em toda a extensão. Taes obras que nos tempos modernos ainda pareciam impraticaveis, foram feitas como se terminam as nossas avenidas de hoje, macadamizadas.

O que ha de notavel foi que o proprio Inca IV iniciou o serviço com suas proprias mãos para dar exemplo aos seus subditos, e assistiu até final a terminação da obra que como a ponte fez a admiração da posteridade, que viu como o genio selvagem do Imperador superou aos proprios obstaculos da natureza que elle dominou como senhor, ao passo que tantos outros, nos tempos modernos com todos os recursos, vivem como escravos.

Passando, qual Napoleão, os valles e as montanhas, Inca IV entrou no paiz chamado *Allea*, onde só pôde chegar atravessando ingremes e difficeis desfiladeiros. Na persuasão de que era um paiz inexpugnavel, os povos se reuniram para

repellir á invasão, mas pelo braço forte e as armas o conquistador mostrou, sem demora, como facil lhe era subjugal-os.

Tratando-os sempre com moderação, o soberano seguiu para subjugar os paizes *Arami* e *Callabua* que se estendiam até o lago *Areguepa*. Eram paizes quasi desertos.

Colonias foram fundadas ahi, sob a intelligente direcção de habeis Curacas escolhidos pelo Inca, que, continuando a gloriosa campanha, conquistou ainda Taurima e Gotahuac, Puma, Tampu, Parihuana, Cocha e atravessando o deserto de Corapuma apoderou-se do paiz de Aruni e Collabua que vão até o valle de Arequipa.

Todos estes paizes receberam o beneficio de seu providencial governo, sendo creadas muitas colonias, deslocando-se a população de uns logares ingratos para outros mais prosperos, crendo sempre que a solidariedade dos homens os faz melhores e bons e a bondade delles os faz mais sabios, por ser a experiencia grande mestra educadora dos povos.

Vendo suas nações contentes e satisfeitas, despediu-se contente, e voltou á séde do governo em Cuzco, donde por tantas acertadas providencias fez todo o seu imperio florescente.

Estão os chronistas de acôrdo que o seu reinado foi de 50 annos.

Morreu cercado de uma grande estima, havendo educado seu filho mais velho Capac-Yupanqui em escola que conforme se acaba de ver, só podia o engrandecer, satisfeito morreu.

Marmontel calcula que até sua morte este Inca IV havia augmentado em mais de 80 leguas os dominios do Imperio.

Capac-Yupanqui, Inca V
1256-1296

Seguindo o exemplo de seu pai, Inca V iniciou o seu governo, fazendo uma visita a todas as nações que governava, afim de examinar si a Justiça se fazia como as suas leis exigiam e si o povo estava contente, si era bem, ou mal administrado.

A utilidade da ponte feita por seu pai, o levou a fazer outra no mesmo rio Apurimac no local denominado *Huacachaca*, sendo essa ponte maior do que a outra, com o fim de passar o seu exercito de 20.000 homens, afim de entrar no paiz Iana-huara.

Os habitantes do paiz em vez de opporem resistencia, vieram receber o monarcha com as maiores provas de dedicação para mostrar sua submissão. Todo o resto do paiz imitou este prudente exemplo.

Em seguida passou na provincia de Amaraque. Antes de conhecer o valor e o numero dos exercitos do Inca V, as populações quizeram-se oppôr, mas sem demora se entregaram com todas as provas de dedicação.

Capac-Yupanqui demorou-se até poder conhecer o paiz e sua gente e regular o governo e a applicação das leis. Mandou intimar os habitantes do paiz Umasuyu, mas antes que elles resolvessem a submetter, os atacou e venceu de surpreza, com 8.000 soldados escolhidos. Deste modo evitaram combates sanguinolentos, como era sempre o programma dos Incas. A submissão destes povos e dos seus *curacas* facilitou o governo de Inca V proclamado senhor.

Como estes povos viviam em continuas guerras com a Nação Aymará, por causa dos campos de excellente pastagem onde elles criavam nomerosos rebanhos de animaes, o governo e as sabias leis do Inca V, deram, com a paz, os meios de fazer os dominios de ambos os paizes se alargar, sendo todos elles governados por novos curacas com justiça efficaz e prompta.

Em vista da facilidade com que conseguiu alargar o Imperio, voltou Inca V a Cuzco, carregado em andor pelos curacas dos paizes que elle tinha snbjugado.

Com o crescimento de tantas provincias e população adveiu a necessidade de permanecer na Capital para providenciar sobre os dilatados dominios do Imperio.

Afim de ter exercito prompto a defender o Imperio, elle nomeou seu irmão Anqui-titu e deu com adjunctos 4 principes da familia real de seu sangue, todos experimentados no exercicio forte das armas.

As conquistas continuaram para o lado do paiz dos Cuntisuyu e das provincias de Cotapampa e Catanera habitadas pela nação *Quechua*, que se entregaram antes de ser dado combate, porque elles julgavam mais util a sua nação ser governada por um Inca sabio e justo do que viver livre, mas expostos aos ataques dos vizinhos.

Foi por isso que todos os *curacas* vieram fazer submissão ao chegar o representante de Anqui-titu, supplicando de receber ordens para provar como seriam obedecidas.

O exercito entrou em seguida em Huamapallapa aos lados dos rios Amancay, que eram tambem conhecidos pelo nome geral *Quechua*.

Todas as nações que se estendiam para o lado do mar nos valles de *Hacary*, Huvina, Camana, Caravilli, Pieta, Quellea se submetteram sem offerecer resistencia.

O Inca sabendo que era habito inveterado no valle onde existiam estas populações o uso da sodomia, ordenou que fossem queimados vivos todos os que praticavam o abominavel costume. Alguns annos depois o soberano organizou outro exercito com o fim de elle mesmo commandar. Para esse fim nomeou seu irmão Anqui-titu regente do Imperio e partiu de Cuzco em companhia de seu filho mais velho, indo á laguna de Parie na frente do exercito. Emquanto elle estava occupado em submetter estes povos que offereciam tenaz resistencia, chegaram 2 deputados do paiz de Calasuyu, que estava em guerra, supplicando a Inca V que

servisse de arbitro e interlocutor na guerra intestina do seu paiz.

Deste modo queriam elles dar testemunho da alta estima tributada por ambos os partidos em guerra.

A reputação deste soberano e dos seus antepassados concorreu para esse resultado.

O nome dos dois curacas, segundo os chronistas era Cari e Chipana.

Sem precisar sahir do local, elle fez audiencia, ouviu os dois deputados e traçou os limites do terreno, para o fim de ficar respeitado entre os querellados.

Vendo que sua presença se fazia necessaria em Cuzco adiou para outra vez a visita que pretendia fazer a todo o paiz que já tinha uma extenção maior de 80 leguas. Agradecendo aos dois curacas o haverem elles escolhido para arbitro, ficou assim pela vez primeira praticada na America do Sul essa forma inventada pelo Inca V para acabar as contendas entre as nações.

Resolvido a penetrar no paiz Callofuyu, fez outra ponte sobre o desaguador do lago Titicaca, empregando nesta ponte um junco muito proprio e o cipó Guembê com fios tirados das raizes, conforme ainda hoje é conhecido por todos os indios e caboclos. Esta ponte era fluctuante sobre a agua porque nesse local não havia correnteza; foi feita para o exercito passar sobre ella. Uma vez do outro lado facil foi ter por vassallos os Caris e Chipanos, moradores dos dois paizes conhecidos pelos nomes Tapac-Sic e Cochopampa. De posse destes paizes, exigiu a submissão de Chayanta, collocando no governo curacas, afim de serem obedientes e conhecerem as leis dos Incas, para saber si taes leis convinham ao povo, promettendo que, no caso contrario, elles lhes daria, a liberdade.

Aceita esta condição, depois que as leis foram executadas, tanta vantagem foi achada e tanta superioridade sobre as que praticavam, que aceitaram com prazer e vieram prestar homenagem ao Inca como seu senhor, seguindo-se grandes festas em regosijo. Muitas tribus chamadas Charcos seguiram esse exemplo.

Contente por tanto successo, ordenou que seu filho sahisse para visitar um lado do seu reino, emquanto elle seguia para outro. Não foi sem proveito essa viagem, porque outras populações conhecedoras do governo dos Incas pediram para ser incorporadas. Assim os tributarios davam prova de uma civilização ganha só pelo bom exemplo. As virtudes abriam caminho, como faz a agua, por si mesma.

O Imperio de Inca V ficoú augmentado com Chinchafuy, Carabuace, Amancahy, Sara, Apaucara, Rucana, Arequipa, sem precisar emprego de força.

Estava traçado para a America uma sorte de governo, que facilmente se propagou pelo exemplo dos reis. O filho victorioso, digno herdeiro de seu pai, veiu juntar-se a elle

que morreu entregando-lhe o throno e o imperio. Foi fecundo o governo de Inca V e narram os chronistas que o seu reinado foi um dos mais longos, excedendo de 60 annos. Um dos clichés que publicamos mostra a cerimonial do casamento dos principes, conforme foi feito e praticado por esse soberano.

Inca-Roca, Inca VI
1296-1337

Este nome na lingua do Perú significava principe prudente — successor de seu pai Capac-Yupanqui e de Manna Curiulepay.

Seguiu fielmente as maximas de seus predecessores, percorreu todas as terras do seu reinado e preparou-se para novas conquistas. Fez tres expedições, dirigindo duas em pessoa, confiando a outra a seu filho Yahuan-huaca.

A primeira expedição foi para o lado do Chinchafuyu, tendo subjugado sem sangue derramado os paizes, Tacmara, Quinnalla, Cacgacafa e Carampa. Em seguida foi ao paiz Autabuaylla habitado por muitas nações conhecidas pelo nome geral Chancas.

Recebeu a submissão dos districtos Hanco, Onallo, Utum, Salla, Uramarca, Villca que seguindo o exemplo das outras não se oppuzeram á submissão desejada.

Na segunda expedição, seguiu com o exercito para o lado do levante de Cuzco onde nações fracas logo se entregaram vindo deste modo os povoados Chalapampa, Havisca, e Tunu, onde cresce e floresce a planta coca ou cuca, pondo termo as suas conquistas para o Oriente; visto ser o paiz para este lado inhabitavel e pantanoso. Instituiu modelos de moedas que circulavam, e dezenhos para os vazos de cóca.

Inca-Roca emprehendeu a primeira expedição com um exercito de 30.000 homens, o maior que se havia formado na America do Sul até esse tempo. O seu fim foi encorporar os povos que estavam ainda no paiz do Charcas, tendo logo conquistado Chimacury, Pacuna e Muya-muya, Milque, Sacaca, Machaca, Caracara e Chuquifaca.

Com estas conquistas seu imperio se augmentou em mais de 50 leguas de Norte ao Sul e do Este a Oeste.

Os talentos deste monarcha eram conhecidos e muitos institutos novos foram creados com os quaes aproveitava o seu povo. Muitas leis foram creadas para apoio das novas nações respeitando-se os habitos adquiridos. Uma especie de Academia foi fundada em Cuzco para instrucção dos principes de modo que, bem se vê, que sem saberem lêr nem escrever, lançam na pratica da leitura pelo systema dos nós uma sciencia infelizmente perdida para a historia.

De sua esposa legitima Aomede Mama-Micay teve muitos filhos, tendo reinado mais de 50 annos.

O longo reinado deste Inca nos faz pensar na poderosa força do espirito humano, quando é dirigida para o bem, força educativa, creadora de energia, que obriga o pensador a crêr que o espirito antecede o corpo. Nada é mais edificante do que apreciar o governo dos Incas no Novo Mundo, quando era desconhecido do velho, embora sempre fosse a parte mais antiga do Universo.

A vontade destes despotas, sem a perseverança e sem methodo, teria degenerado na barbaria que perdeu os povos do Brazil antes de 1500, porque a orographia do paiz, a hydrographia, o clima, a extensão e fertilidade da terra, tornaram impossivel dar limites ás nações, sempre invadidas e destruidas como prezas, umas das outras. No Perú a defesa organizada pelos Incas fez o Imperio valoroso junto dos fracos. Já vimos a tentativa para abolir a guerra, tornando-se a submissão pacifica como a formula obrigatoria da arbitragem do Inca.

Não ha que se conheça melhor meio de conquistar as sympathias, do que ouvir com proveito a historia dos vencidos e ser magnanimo, sabendo perdoar.

Teve muitos filhos de sua legitima esposa chamada Mama-Micay.

Seu longo reinado excedeu de 50 annos.

Yahuar-Huacac, Inca VII
1337-1370

Como vimos, este monarcha era herdeiro do Inca-Roca.

Seu nome, conforme a lenda e a tradução da palavra feita pelos chronistas citados, quer dizer: derramo lagrimas de sangue, o que aconteceu quando elle tinha quatro annos de idade.

Chora sangue, ficou sendo a significação do seu nome. Esse prodigio occasionou diversas prophecias dos augures, porque os havia tambem na côrte dos Incas.

Para evitar que a prophecia fosse realizada, foi preciso que a mãos cheias fossem feitos beneficios ao povo sob sua jurisdição e imperio, afim de conciliar as forças bemfasejas da natureza com o governo do novo Inca.

Mas como o Inca receiasse que um excesso de bondade podesse ser tomado pelas nações conquistadas, como signal de medo, procurou alargar os limites do imperio fazendo novas conquistas. Organizou um exercito, mas não ousou commandar, entregando a seu irmão Inca Moga a direcção. O novo general sahiu-se muito bem da missão que recebera, conquistando as provincias Arequipa Collafuyo e Tocama.

O filho mais velho deste Inca, havendo desde a mocidade dado os maiores desgostos a seu pai, pelo orgulho, maneiras audaciosas e discursos inconvenientes, o Inca para o

corrigir o enviou como encarregado de guardar os rebanhos do imperio nas pastagens, longe de Cuzco.

Narram os chronistas que durante o exilio esse principe teve um sonho prophetico, vendo um homem barbudo e vestido com trages estrangueiros, que lhe disse ser tambem filho do Sol e irmão de Manco-Capac e de Coya-Mana-Oello-Huaco que seu nome era Vira-Cocha-Inca, que vinha o advertir que a maior parte das provincias de Chinchafuya iam revoltar-se e haviam organizado um poderoso exercito que vinha sobre Cuzco para destruir a cidade e o Imperio e por isso apparecia em sonho para que fosse sem demora dar aviso a seu Pai, para não ser tomado de surpreza, que o advertia entretanto, que nenhuma desgraça resultaria, porque elle Vira-Cocha, viria em seu soccorro.

O jovem principe foi participar a seu pai esse sonho extranho com a apparição; o Inca riu-se e zombou da prophecia do seu filho, não querendo que elle falasse deste sonho como coisa seria. O desprezo soberano para um aviso tão importante, pareceu não corresponder ás crenças supersticiosas dos Peruanos, ao tempo em que se deu esse sonho, mergulhados na ignorancia da historia. Aconteceu haver um eclipse da lua. O apparecimento de um eclipse e de um cometa era sempre recebido como prova de descontentamento do astro protector. Entre elles a tradição dos astrologos do Egypto, as previsões e varios augurios eram respeitados. Os eclipses eram interpretados como doença e desfalecimento do planeta que achando-se enfermo podia morrer e elles tambem seriam victimados. Por essa razão o medo os unia, entre as nações.

Um barulho horrivel feito por vozeria infernal dos indios, era sempre seguido a cada eclipse, afim de despertar a attenção do astro. Os cães que não latiam entre elles apanhavam surras terriveis, para que com seus gritos, unidos aos dos senhores apaziguassem as iras do céu.

A Lua para elles era amiga e a protectora dos animaes e por isso criam na piedade que seus gritos deviam inspirar. Desde o nascimento deste Inca, foi seu nome cercado de prophecias. Por esse motivo o sonho do filho não foi tomado pelo povo como o de um visionario, mas como a noticia não era agradavel a seu Pai elle tratou de a esquecer. Mas tres mezes depois deste sonho espalhou-se em Cuzco a noticia da revolta das provincias de Chinchafuya e Atahualla e todo o interior do paiz.

Porém tomada essa nova como uma reproducção do sonho, tratou-se de a dissipar, por parecer aos dirigentes que tamanha audacia jamais poderia ser realidade. Afinal chegaram informações officiaes, a revolta no interior do imperio surgia ameaçadora, tomando armas as nações Chanca, Uranvica, Villea, Utarfulla, que massacraram os governadores nomeados pelo Inca. O exercito em armas era de 40.000 homens que marcharam contra Cuzco. O Inca vendo-se ata-

cado por um tão grande numero de inimigos, resolveu abandonar a cidade para ficar em segurança.

Todos os habitantes estavam resolvidos a seguir o exemplo, quando o principe que guardava os rebanhos do Sol e a quem os grandes não prestaram attenção sobre o sonho e que lhe dissera o principe Vira-Cocha, indignado da covardia dos grandes e do povo, correu a Muyna, a cinco leguas de Cuzco, local onde se refugiara o rei seu Pai com os principes de seu sangue, e lhe fez um discurso para o encorajar e conseguiu que o Inca voltasse a Cuzco resolvido a defender a cidade real, acompanhado dos homens de boa vontade, preferindo a morte, antes que dar provas de covardia.

Com esse exemplo e os dos seus valentes generaes e soldados organizou-se um exercito de 8.000 homens, tendo o Inca á frente. Reunidos na grande planicie perto de Cuzco e no mesmo caminho por onde vinham os inimigos, elle teve informação que as nações amigas e pertencentes a seu imperio, Quechua, Cotapampa, Cotamera e Aymora enviavam a toda a pressa um exercito de 20.000 homens aguerridos em seu auxilio.

Estas nações eram vizinhas dos revoltosos, e contra os quaes sempre estiveram em guerra, até que o Inca lhes impuzera a submissão. Logo que se fez a incorporação dos dois exercitos o Inca Vira-Cocha, que havia assumido o commando tomando o nome que o sonho suggerira, esperou o inimigo, reinando grande enthusiasmo no seu exercito, á espera do combate e da victoria.

A batalha durou oito horas, havendo de ambos os lados perdas grandes. Estando entretanto Vira-Cocha em muito melhor posição, a renovação do combate garantiu a derrota dos inimigos, com grande gloria para si.

O vencedor tratou com muita humanidade os prisioneiros, cuidando particularmente dos feridos. Destacou-se a maior parte do exercito em perseguição dos rebeldes que fugiram, levando 6.000 homens aguerridos com a intenção de offerecer a paz aos que se submettessem e dessem provas de arrependimento e assegurando um completo esquecimento da offensa recebida, acolhendo a todos que quizessem empregar-se e entrar no cumprimento do dever.

Quando entrou nas provincias rebeldes o seu exercito infundiu verdadeiro terror; mas a clemencia com que se houve e a bondade de sua pessôa, fizeram logo que todos dessem provas de arrependimento.

Depois de deixar pacificadas as provincias, o Inca voltou a Cuzco, onde foi recebido como vencedor e pacificador.

Tendo necessidade de conversar com seu pae que ficara em Mayna, em seu palacio, para esta cidade seguiu com os seus generaes e narram os historiadores que teve demorada conferencia, resultando voltar elle a Cuzco onde se fez corôar como imperador, cingindo em sua fronte a corôa e o

diadema real, sendo acclamado e reconhecido como imperador, e semi-deus.

Fez construir um palacio magnifico para seu pae, perto do local onde elle havia se retirado, e onde o Inca desthronado passasse o resto de seus dias.

Ignora-se quanto tempo Yahuar-Hacca viveu ainda.

Occorre-nos fazer alguns commentarios a respeito do medo como factor de acontecimentos.

O poder era naquelles tempos um iman. O homem exercia uma influencia contagiosa. A perseverança na obediencia tornou facil a applicação de leis que eram irrevogaveis. O pensamento, tal qual, como as ondas hertzianas, que tornaram possivel o telegrapho sem fio, tambem actua no cerebro dos que obedecem, produzindo harmoniosa cooperação das energias mentaes, nos povos de pura raça; de tal modo que o soberano pensando de um certo modo, todos que a elles estão ligados, pelos laços do poder, tambem pensam do mesmo modo.

Nem era possivel outra explicação entre uma população condensada de muitos milhões de seres, praticando as mesmas leis, sem outra linguagem que a dos nós, unica de que nos deram noticia os historiadores.

Para o psychologo o pensamento é um regulador contagioso de influencia, bôa ou má, que exerce. Os povos supersticiosos, não sabiam ter medo, aquelles mesmos que eram devorados vivos estavam a dizer aos algozes: comei minha carne, porque eu já comi a dos vossos irmãos.

Acostumados a vêr o sacrificio humano, quando lhe chegava a vez, morriam sem reagir, como o pobre coelho que se retira do caixão em que foi creado para alimentar seus proprietarios.

E' bem conhecido o exemplo dado por homens das maiores bravuras, ficarem individualmente influenciados por um homem affligido pelo medo e terror. Quando esse sentimento é traduzido pelos sentidos, de modo real, aquelles bravos que nunca tremeram em vista dos maiores sacrificios e combates, tremem e ficam timidos e apavorados em face da superstição. Esse phenomeno causado pelas irradiações do pensamento é a prova evidente que achamos para explicar como é possivel pelo espirito penetrar até os sentidos a alma, que recebe as impressões do nosso pensar (*). A religião mais que todas as outras fontes de emoção, nos consola e faz com que a fé seja a mais poderosa das armas da vida.

Na alegria, o riso é contagioso. A coragem produz egual influencia. Não conhecendo a pobreza, nem temendo o inimigo, os Incas jámais puderam comprehender a avareza e a hypocrisia dos hespanhóes invasores, e por isso aquelles soberanos fortes, cheios de ambição nobre, podiam descobrir os thesouros do entendimento humano que não residem onde medra a intriga que geram os aduladores.

(*) Nihil est in intelectu, quod prius non fuerit in sensu.

Viracocha-Inca, Inca VIII
1370-1410

O Inca Viracocha, tendo despojado do throno seu pae, iniciou seu governo mandando construir um templo magnifico em um logar chamado Cochac, a 16 leguas ao sul de Cuzco.

Esse templo foi dedicado a Inca Viracocha supposto tio do actual reinante o que havia apparecido em sonho, quando guardava o rebanho sagrado.

Elle quiz que esse templo representasse ao natural o local onde tivera o sonho prophetico, de modo a se repre-presentar o sonho, tal como já ficou descripto,

Esforçou-se para fazer com que os indios viessem adorar seu pretentido tio Viracocha, mas o povo, que em toda a parte do mundo, não julga sinão pelo que vê, acreditava que o templo era para o seu soberano e elle recebeu as mesmas honras concedidas sómente ás divindades.

Teve o cuidado de recordar todos aquelles que o auxiliaram na crise porque passara, rendendo todas as homenagens aos Quechuas que tão dignamente vieram em seu auxilio contra os rebeldes. Obrigou os seus Curacas a usarem o Llautu, mas sem franjas, com os cabellos bem aparados com pendentes nas orelhas com pouca differença dos usados pelos Incas.

Este monarcha teve o maior cuidado em fazer conhecer e pôr em pratica as leis do seu imperio, fazendo com que seus vassalos dessem applausos aos executores das leis.

Percorreu todos os Estados, verificando que as leis eram executadas e que a justiça agradava aos vassallos. Pensou por sua vez em alargar os limites do imperio, conselho que era a lei de Manco-Capac, o fundador do imperio.

Deu ordem para seguir até o paiz dos Callafuya e Contifuyu com um exercito de 30.000 homens, cujo commando foi entregue a seu irmão *Pochuac Mayta Inca*, cujo nome significa: *Corredor rapido*, porque *Pochuac* quer dizer *Voador*. Subjugadas as provincias que o general fôra conquistar, entre as quaes *Coranca* d'Ullaca, Klipi e Chica, terminando assim todas as conquistas para o lado do Oriente limitadas pela grande cordilheira dos *Antis*, sempre coberta de neve e gelo, ficando ao Sul limitadas com os desertos que separam o Perú do Chili e ao Occidente pelas costas do mar do Sul. Do lado de Quinchafuyu, que fica ao Noroeste de Cuzco, o paiz tendo limites menos seguros, para esse lado voltou o Inca suas vistas, afim de assegurar a defesa e o dominio do paiz sem novas guerras e para esse fim elle mesmo foi commandar um exercito, tão numeroso como o que havia sido dirigido por seu irmão.

Deixou o governo de Cuzco a seu irmão Pahuac-Mayta e o terror que inspirava seu nome bem como o valor de seu

exercito, com a fama que o annunciava, tal como a agua que abre caminho por si mesma, fez com que todos se inclinassem ao seu imperio, obedecendo ás suas ordens e leis.

Sem atirar uma flexa adquiriu as provincias *Huaytora*, de *Pocra* ou *Huoneanac d'Afoncara, Parca Picui* e *D'Aarcos*.

Contente com estas novas conquistas licenciou seu exercito conservando junto a si apenas um numero de soldados sufficiente para a segurança de sua pessôa.

Desde esse momento empregou todo o pessoal disponivel na agricultura, sendo o cultivo da terra e as colheitas armazenadas em grandes celleiros a sua unica preocupação.

Entre as obras mais uteis por elle realizadas fez um grande e magnifico canal, cujo plano foi por elle mesmo idealizado, trazendo as aguas nascidas nos cumes das montanhas entre *Parcu* e *Picui*, cujo canal ia até o local chamado Rucanes, tendo mais de 120 leguas de extensão, com uma profundidade de mais de doze pés.

As pontes e os canaes feitos pelos Incas e que foram melhorados e conservados pelos invasores hespanhóes constituem ao lado dos templos e das fortalezas, verdadeiras maravilhas pela solidez das edificações.

Quando se sabe que o uso de fundir o ferro era ignorado no tempo da civilização dos Incas, é que se avaliam a tenacidade e o amor ao trabalho, que estes homens feitos mestres, conseguiram honrar, certos como estavam que nada nobilita tanto a creatura, como a paz guiada pelo trabalho á sombra das leis, e nada avilta tanto os povos como seja a tyrannia e a hypocrisia á sombra das leis, Nos tempos modernos, como bem disse Montesquieu: «Não ha maior tyrannia do que aquella que se occulta á sombra da lei.» E' o que nos está mostrando o Mexico.

Afim de que os leitores possam avaliar a adeantada civilização dos Incas, aqui consignamos haver este Imperador recebido uma embaixada da parte do Rei de Tucunian, que, informado a respeito da sabedoria e grandeza do Imperio e das conquistas e tambem da religião, pedia para participar destas vantagens de que gozavam as nações submettidas ao seu Imperio (Vide Historia dos Incas do Perú pag. 234), offerecendo-se a ficar com o seu povo vassallos de Inca VIII.

Taes offertas foram acompanhadas de valiosos presentes de artefactos preparados no paiz, como homenagem.

O Inca acceitou com grandes signaes de contentamento este testemunho que tanto o orgulhava pela espontaneidade dos outros povos em reconhecer as vantagens da Monarchia, como governo dos povos de bôa indole. O Inca mandou os embaixadores com presentes significativos da nova alliança.

Voltou a Cuzco triumphador.

Entretanto, logo depois teve elle conhecimento de que os Estados governados por Huanco-Huallu, Rei dos Chancas, que havia commandado o exercito dos rebeldes, cançado de se considerar vassallo, depois de haver sido soberano, como

os seus antecessores e de ter sido classificado com a nota infamante de rebelde, como ficou chamado, havia reunido numerosas familias afim de fugirem com elle em procura de novos paizes, onde pudessem se estabelecer livres da sujeição.

Sabedor de que se passava, o Inca VIII fez seguir com rapidez um exercito até os Chancas, afim de conter os desobedientes e mandou que muitas tribus viessem preencher os logares desoccupados pelos que fugiram e morreram.

Com sabias medidas e precauções o Imperio se manteve em paz.

Vira-Cocha foi um grande principe, a escola da sociedade e das contingencias de sua vida, concorreu para elle tirar partido das suas proprias fraquezas, porque comprehendeu, como fazem hoje os japonezes, que seguir o genio da Nação, é fazer com que o proprio povo comprehenda que nada o honra tanto como ter uma patria grande no meio da paz e da justiça.

Os historiadores do Perú estão de acôrdo em reconhecer que um Inca havia predito e annunciado a chegada dos hespanhóes ao Perú, informando que depois do reinado de mais alguns Incas do seu sangue chegaria a esse paiz uma Nação até então desconhecida, que não só invadiria o imperio, mas faria com que o povo deixasse a idolatria. Accrescentam que essa previsão elles desejavam que só fosse conhecida dos Incas e não do povo, que sabendo deste mysterio, perderiam a fé, a confiança e a estima do seu soberano.

Este Inca teve por esposa legitima sua irman Mam-Bumtu nome que faz allusão á alvura desta princeza branca. Na verdade todos os chronistas informam ter ella sido mais branca que as outras pessoas do paiz. Entre outros filhos teve o principe Pochacutec que foi seu successor. Calcula-se que o reinado de Vira-Cocha foi de 50 annos.

Pochacutec, Inca IX
1410 - 1450

O verdadeiro nome deste Inca IX era Titu-Manco-Capac, mas logo que seu pai reconquistou o imperio invadido pelos Chancas, afim de conservar a memoria desse acontecimento e para provar que elle soubera mudar a face do imperio, tomou o nome de Pochacutec que significa *Vira-Mundo*.

Vira-Cocha desejou tomar esse nome, mas vendo que as populações de seu imperio antes preferiam o considerar como seu Deus, do que como seu rei, resolveu guardar a divindade de que fora investido, dando a seu filho o nome antes desejado.

Pochacutec emprehendeu quatro guerras differentes, sem desprezar, entretanto, a justiça e o governo do seu paiz tão augmentado em territorio e população, grangeando o bom nome de governador diligente.

Na primeira guerra, seu irmão Capac Iupanqui foi o commandante, do exercito, submettendo a nação chamada Huanca e os paizes conhecidos pelo nome *Sanfa, Tarma, Bombom.*

Ao lado do Oriente com o mesmo exercito subjugou as nações errantes que viviam espalhadas nos logares Churcupu, Ancora Huayllos, e, estabelecendo as bases do governo imperial, deixou administradores para manter a ordem e as leis.

Na segunda guerra o exercito do Inca IX, conforme lemos á pagina 335 da Historia do Perú, livro citado, era de 50.000 soldados.

Pochacutec quiz que seu filho mais velho Inca-Yupanqui acompanhasse seu tio Capac-Yupanqui, que estava encarregado do commando, afim de que o jovem principe apprendesse a pratica do governo e do commando das armas.

Os dois principes entraram no paiz do Pincu e Huarus e Picho-Pampa e Cuochuncu.

Os povos destes tres ultimos paizes fizeram grande resistencia, mas a habilidade dos generaes superou a todos os embaraços, pelo cêrco, antes que pelas armas, obrigou-os pela fome a se renderem. Em seguida entrou no paiz Huamachucú, onde o *Curaca*, homem que gosava de grande reputação no paiz e era tido como o mais espirituoso e sagaz, fez sentir aos principes, que assim como as outras nações se submettiam, elle tambem queria conhecer o segredo pelo qual os poderosos Incas fizeram entrar o progresso no paiz, esperando, portanto, que os seus subalternos viessem a gozar das leis e do governo, para tirar da barbaria o povo.

Esse Curaca chamava-se Cochumbuco, isto é, tinha o nome do proprio paiz que governava, e assim falando se submetteu aos Incas.

O grande exercito avançou até o paiz de Casamarca, onde os habitantes tomaram as armas para se defender.

Nações fortes conseguiram offerecer uma resistencia que durou 4 mezes e só depois deste tempo se submetteram.

O general Capac-Yupanqui licenciou o seu exercito, ficando apenas com 12.000 soldados para fazer a conquista do pequeno paiz Yauyu. Chamados pelo soberano os generaes (tio e sobrinho) vieram a Cuzco, onde Inca IX os recebeu em triumpho, vindo carregados aos hombros em andores pelos soldados dos paizes por elles conquistados.

Passado algum tempo Inca IX com seu tio e sobrinho sahiram de Cuzco para fazer uma terceira expedição, ordenando que na provincia de Rucona e de Hatem-Rucana se reunisse um exercito de egual numero. Devia chegar ao valle pela planicie, sob as ordens do seu tio e sobrinho, mas fazendo com que um dos exercitos ficasse como reserva, emquanto o outro governasse, afim de que os grandes calores desta região plana não prejudicassem a saúde dos guerreiros que nasceram e viveram nos climas frios das montanhas.

A submissão dos povos moradores nos Valles, foi rapida e sem maior resistencia, chegando o tio e sobrinho até Chincha, logar que deu o nome á provincia Chinchafuyu; mas os habitantes não quizeram ouvir falar em submissão ao Inca IX ao que Capac-Yupanqui ordenou: «Si dentro de oito dias não se submettessem, elle os trataria com maior rigor, fazendo passar cada um pela morte mais cruel, substituindo estes habitantes, por outras populações que formassem colonias agricolas e doceis ás leis.

Essa ameaça, e a fome que fazia desanimar os inimigos desprovidos de recursos, os forçou á obediencia. O exercito passou em seguida os valles de Runa-Huac ou Lanaguana, Huarca, Molla e Clilca, onde governava o Curaca-Chuquimanco, que durante oito mezes resistiu ás armas de Inca IX, sendo afinal vencido, porque os seus vassallos supplicavam a paz.

Capac-Yupanqui não se fatigava, e renovando os soldados avançou no valle *Pachacomac*, *Rimac e Huaman*, antes conhecido pelo nome *Barranque*, cujo soberano se chamava *Quismanca*.

O templo de adoração da religião destes povos era situado em Pochacomac, donde o Curaca tomára o nome, como aliás todo o valle era chamado.

Esse nome significa Creador e Confessor do Universo.

Os Incas reconheciam nos seus corações a divindade deste idolo, ainda que não fizessem levantar templos a elle, nem ousassem offerecer sacrificios, mas a razão era a seguinte: consideravam que, sendo invisivel essa divindade, não convinha lhe prestar culto exterior.

Em Rimac havia um outro templo consagrado ao idolo Rimac que quer dizer idolo naturalmente que fala por artificios, visto que esse idolo respondia ás perguntas que lhe eram dirigidas.

Capac Yupanqui intimou aos Curacas e aos subditos que lhe prestassem homenagem e obediencia a si e a suas leis e religião. Quismoucu pediu permissão para explicar as razões que o impediam de proceder como elle exigia.

O general achando procedentes e boas as razões apresentadas não exigiu mais essa prova e de acôrdo com Quismoucu, fizeram um acôrdo, ou pacto, promettendo o Inca IX que guardaria o templo e conservaria grande estima ao idolo com a condição de serem levantados templos ao Sol e casas para as virgens em Pachucamac, sendo os Incas reconhecidos como imperadores vivendo essas nações como aliadas fieis.

Regulada essa convenção que bem mostra adiantada civilização do reinado dos Incas durante mais de 340 annos antes chegada dos hespanhoes, afim de que todos os povos e nações conhecessem o valor das allianças entre elles, quiz que taes Curacas ou governadores alliados entrassem em Cuzco como pertencentes á classe dos principaes de sangue, sempre que lá fossem.

Essa honra causou tanto prazer aos novos alliados, que despertou o ciume entre as outras nações já submettidas ao imperio dos Incas.

Pochacutec, havendo gosado por largos annos os fructos da paz que elle soube fazer querida do povo, organizou novamente um exercito de 30.000 homens, entregando o commando a seu filho Jupanqui, dando a regencia do imperio a seu tio, como subordinado a elle.

Esse exercito penetrou no territorio de um afamado Curaca conhecido pelo nome de Chinu, Senhor dos valles de Parmunca, Huallm, Santa, Huanapu e Chimu, local principal onde residia o Curaca que tinha o nome do lugar.

A cidade de Tracillo que os hespanhoes fundaram sobre as ruinas desta, permittiu que os historiadores aos quaes temos sempre citado traduzindo esta historia, achassem muitas tradições desse povo guerreiro, pois a resistencia opposta foi tal, que os exercitos do Inca correram perigo de ser derrotados, tendo o Inca IX sido obrigado a mandar vir um exercito para reforçar o seu, composto de 20.000 soldados. Foi só depois deste poderoso reforço que os Chimufianos reconhecendo-se impotentes e já esgotadas as suas reservas e forças, entraram em acommodações reconhecendo-se vassallos dos poderosos Incas.

Yupanqui tratou logo de retirar seu exercito deste paiz, voltando a Cusco, sendo essa a ultima expedição feita no seu glorioso imperio, porque, em verdade tanto pelas conquistas, allianças, e actos de generosidade, a fama que adquiriu excedeu a de seus antepassados, havendo se fundado na America do Sul imperios e reinados que bem asseguram, por muitos seculos, que a valia de um governo provém da valia dos seus soldados.

Se o exercito ganhou batalhas e nações alargando o dominio territorial e as fronteiras, não foi menor a influencia que Inca IX exerceu nas artes e na agricultura, porque pelos nossos calculos baseados na historia dos Incas seus antecessores, verifica-se que os canaes navegaveis, as pontes sobre rios, os templos e cemiterios, e as casas das virgens, bem como edificios que eram como que academias, se esse nome pode ser dado como vem em alguns autores, fixaram a gloria do seu reinado.

Considerando-se a distancia do tempo em que essas obras monumentaes foram feitas, sem o conhecimento da fundição de ferro, sem a escripta que elles ignoravam, se é obrigado a crer que desde Salomão até os Incas houve naturalmente naufragos illustres que por sua sabedoria iniciaram entre os indianos da America do Sul a arte de construcção e da guerra.

Os historiadores calculam que o seu reinado excedeu de 50 annos. Sua legitima mulher chamava-se Coya Mama Huarcu da qual teve muitos filhos. A' pagina 338 da Historia do Perú, obra citada, se vê que a descendencia deste Inca com as concubinas excedeu de 300 filhos.

Yupanqui, Inca X
1450-1480

O exemplo do grande monarcha indio, não podia deixar de ser util ao filho, seu successor, que, como vimos, foi o seu general e principal companheiro de victorias.

Apenas de posse do imperio, visitou os principaes estados, ouviu as queixas dos seu subditos, puniu os malfeitores, subjugou os oppressores, e, como era do programma dos Incas, fazer sempre novas conquistas, preparou-se para ellas.

A primeira tentativa foi dirigida para a nação Mafu, separada do seu imperio pela serra das cordilheiras, que parecia servir de barreira impenetravel. (Além desta difficuldade era preciso passar o grande rio de Murumaqui, profundo, caudaloso, que Jorge Jean considera, no livro citado, como um dos maiores affluentes do Rio da Prata.

Yupanqui escolheu seus generaes e os principaes chefes militares que descendiam de sangue real, mandou construir um grande numero de balças, das quaes damos um desenho e pedimos ao leitor que leia com attenção a longa nota que a respeito dessas balças e jangadas escrevemos.

Nota: — Desde o começo da civilização dos povos primitivos, foi usada a madeira leve, que fluctua, como instrumento de navegação.

Conhecida a madeira pelo nome de balça, apparelho para exercicio da navegação e tambem jangadas, compostas de 5 a 9 paus, de cumprimento de 4 a 6 metros, como se verá do desenho que copiamos do livro « Voyage au Perú » tomo I pagina 171.

O nome dado á madeira pelos indios Dariens, e que conforme o livro citado impresso em 1752 por D. Jorge Juan e D. Antoine de Ulhoa é a mesma que era conhecida pelo nome balze, tambem chamada puler e que os latinos denominavam teruta, do qual Calimella fala no livro V e Plinio no livro XIII cap. 22, onde elle observou que ha duas especies, uma pequena, denominada pelos gregos nartechia, e outra em espanhol cana-beja.

D. Jorge Juan viu esta madeira na Matta, onde é nativa, e diz que não tem differença da pucro; o pau é tambem chamado em Matta ferula, como os latinos. E' tão leve, que um pedaço de 3 metros de longo pode ser carregado por uma criança de 6 annos.

No Rio de Janeiro, conforme me informa o meu amigo Macedo Soares, essa mesma madeira tem o nome de tabilenia, e no Ceará e Alagoas é conhecida pelo nome de molungú.

Os governadores dos Estados maritimos deviam fazer grandes plantações dessa madeira que vai desapparecends do Brazil e da America do Sul, e com a qual foi possivel aos indios quer das tribus selvagens, quer no imperio dos Incas no

Perú e dos Astekas no Mexico, organizar exercitos, podendo dar passagem nos maiores e mais caudolosos rios e no mar.

Quando nós viajamos a vez primeira para a Europa em 1900, impressionados pela deficiencia dos meios de salvação de bordo, lembramos a vantagem de substituir os botes por pilhas de jangadas, 5 a 6, todas ligadas e suspensas por um só cabo que cortado, faria com que todas cahissem no mar, offerecendo cada grupo de 5 ou 6 uma superficie de salvação, tendo 4 a 5 metros quadrados cada jangada.

Conhecida a resistencia que esta navegação indigena offerece contra os naufragios, só pela mania de não se querer nada que seja antigo, nem tenha o cunho da antiguidade, se póde comprehender o esquecimento da mais poderosa das machinas de navegação para a salvação e segurança.

Dizia meu finado pai o Visconde de Jaguaribe que quando foi chefe de policia no Ceará no anno de 1852, fôra em jangada da capital do Ceará a Granja, sendo elle perito nadador e filho do Aracaty, conhecia o valor da jangada. A navegação entre esses dois portos é demais de 150 kilometros.

Conheci jangadeiros que iam da Fortaleza ao Recife, e a Alagôas, Rio Grande do Norte e Parahyba.

No tempo de nossa campanha abolicionista a jangada foi levada em triumpho na terra da luz e uma dellas, celebre por ter retirado de bordo muitos fugitivos que procuravam a liberdade, veiu até o Rio e foi a Portugal, a reboque.

Ora, é bem de vêr-se que uma jangada tem por si a tradição dos tempos immemoriaes de Atlantide, que por sua antiguidade precedeu a civilização dos outros continentes, como deixei demonstrado no meu livro «Brazil Antigo, Atlantide, Antiguidades Americanas».

No dia em que os governos resolverem não subvencionar navio ou vapor algum sem que esses tragam tantos blocos de jangadas, quantos são os passageiros, isso é 10 para cada jangada, o problema estará resolvido para o bem da humanidade e sem precisar dar privilegio a ninguem, pois é aos nossos aborigenes, tão perseguidos que devemos a boa lição.

Na historia ou viagem ao Perú Liv. V Cap. IX pag. 169, lemos que uma jangada bem apparelhada transporta até 500 quintaes de mercadoria. Sendo o desenho da jangada necessario para esclarecer a sua construcção, escolhemos o desenho tirado do mesmo livro pag. 167, pelo qual se vê com os respectivos nomes por nós traduzidos, o methodo de construcção para a navegação.

Agora convém salientar, a descoberta insigne feita pelos indios do meio unico até hoje conhecido de fazer-se uma jangada navegar contra o vento e a favor, com egual velocidade e segurança, pois a jangada, como todos sabem, jámais afunda, sendo sua propriedade fluctuar sobre as aguas.

O processo de invenção indigena se faz sem ser pelo leme. Os páus das jangadas podendo variar de tamanho, medem geralmente 5 a 8 metros.

Na popa e na prôa das jangadas collocam-se páus verticalmente sobre a superficie, por aberturas feitas a proposito conforme se faz afundar ou suspender taes páus, que chamaremos resistencias, em falta de nome melhor, a jangada chega, avança, ganha o vento ou revira de bordo e se mantem sempre governada pelo timoneiro. Alguns jangadeiros que fazem viagem no alto mar têm tres páus de resistencia conforme se quer manobrar.

Não se pode comprehender que milhares de existencias tenhão sido salvas nos tempos primitivos, ao passo que as nações cultas o ignoram ainda hoje!

As leis de navegação provam que a reacção sendo egual e contraria á acção, a força que a agua oppuzer ao movimento do navio deve ser apresentada por uma linha perpendicular á vela cuja linha começa embaixo da parte que recebe o vento e acaba no alto do mastro que recebe a vela.

O impulso dado pelo vento é tanto maior, quanto maior fôr a superficie da vela. E' lei geral que o vento impelle com mais violencia um corpo pequeno que um grande, em razão inversa da sua superficie.

Podemos agora comprehender bem que quanto mais se introduzir dentro da agua o páu de resistencia da jangada, elle ficará mais amarrado á agua e quanto mais se suspender a resistencia mais leve ficará a jangada.

Do mesmo modo acontecerá para a resistencia, si fôr a popa.

Os indios adextrados nestas manobras sabiam tirar proveito conforme as circumstancias, de modo que a jangada em suas mãos era um brinquedo e com ella passavam todos os perigos do vento e das aguas.

Admiravel é saber-se hoje que com as resistencias se obtem a direcção da jangada ao rumo que se demanda, sendo uma especie de bussola, da qual a verdadeira deve ter tirado origem e ensinamento.

Na pôpa das jangadas faz-se uma coberta de palha e sobre uma chapa de ferro ou fogareiro se faz a cozinha.

Pode-se dormir, mas, como é bem claro, uma jangada leve para a pesca ou para as viagens rapidas só pode levar duas ou tres pessôas.

Os Perúanos e Mexicanos fizeram jangadas e balsas tão grandes que comportavam, conforme o autor citado, 12 e 13 braças de longo tendo de largo 20 pés (medidas antigas).

As jangadas e balsas serviram para transportar um exercito de 10.000 homens, bem como os viveres precisos para alimentar o exercito por longo tempo, as munições de guerra usadas naquelle tempo, quando cada homem era um baluarte que não se rendia proferindo antes a morte. Apezar da resistencia opposta pelos indios Chunchur, que defendiam a abordagem do lado opposto, o Inca passou o seu exercito. Apenas verificada a superioridade do Inca e a energia dos seus guerreiros, os inimigos se submetteram, apezar de haverem

feito grande mortandade no exercito do Inca que fez aos vencidos muitos presentes e ainda mais promessas. Continuando sua marcha, o Inca chegou á provincia dos Moyos, porêm, o seu exercito dizimado apenas tinha mil soldados aguerridos. Os Moyoenses, vendo que o Inca cuja fama chegara aos seus dominios tinha apenas um exercito tão reduzido, entenderam tratar Inca X antes como alliado do que como inimigo, recusando declararem-se vassallos; mas acceitando a religião do Sol, que os Incas procuravam unificar nas nações da America Indiana, e tambem as suas leis, porque foram conhecidas como melhores do que as dos Moyoenses.

Inca X verificando que sua situação não permittia maiores vantagens e vendo-se sem força para impôr sua vontade, contentou-se vendo no successo diplomatico obtido um meio de segurar a alliança e de estreitar os laços da amizade com esses valentes povos: mas antes de partir estabeleceu colonias, afim de que a agricultura racional, que elle ensinára, produzisse a abundancia e o bem estar.

Voltando desta guerra, Inca X reuniu novo exercito e marchou para a provincia Chirihuana, ao Oriente de Charcas, na Cordilheira dos Andes tambem chamada Antis. Os máus dias principiaram para o Inca, e faz nos lembrar o contraste das luctas dos tempos antigos, quando o Novo Mundo era desconhecido, com a era das campanhas de Napoleão na Russia. Era bem de ver que homens indios, nús, não podiam resistir ás campanhas nas montanhas e nos gelos dos Andes. Apezar da teimosia e valor Inca X viu-se obrigado a reconhecer, quanto era ingrata a sua sorte nestes logares, longe do centro de todos os seus estados, onde podiam vir em auxilio.

Depois de dois annos de luctas, resolveu abandonar o paiz das montanhas e dos pantanos, onde a vida e os recursos de alimentação eram escassos, alêm de verificar que as nações que habitavam estes lugares inhospitos eram as mais barbaras e ferozes da America do Sul nas fronteiras do Perú.

O povo tem em geral o governo que merece; o homem se assimilha com a natureza em que vive, porque o clima é o factor de vida com cuja influencia ella ha de fatalmente se identificar, até a morte.

Para se comprehender o valor destes Incas, é preciso lêr-se a historia, como vamos descrevendo, porque o espirito penetra atravez dos tempos para comprehender quanto valiam aquelles para quem a vida era nada, comparada com o dever que unia a creatura ao seu creador.

Reunindo 10.000 soldados Inca X á frente desse exercito não desanimando, descobriu um caminho pelo meio do deserto, entre o Perú e o Chile e entregou a direcção do exercito ao bravo general Sinchiruca, reservando para si o direito de contra-ordem, conforme as circumstancias, podendo substituil-o si julgasse conveniente. O exercito expedicionario chegou á provincia de Capayapu onde os habitantes do paiz se mostraram pouco dispostos a mudar suas leis e reli-

gião. Armaram-se os guerreiros, evitando dar combate com as forças do Inca, mas este sem mostrar desejo de combater dissimulava sempre, até que quando menos se esperava chegou um exercito para reforçar as forças do Inca X, composto de 10.000 homens. A chegada de tão numeroso exercito desorientou os inimigos, que logo procuraram entrar em acôrdo e a pedir tregoas. O Inca mostrou-se indulgente, ordenou ao seu general que impuzesse a sua religião e as leis de seu imperio aos novos povos vencidos, e ao tempo em que esse acôrdo pacificador se verificava chegaram mais 1.000 soldados para reforçar o exercito do Inca. Em vista desta vantagem, o exercito recebeu ordem de avançar para o sul, sendo o deserto de 80 leguas atravessado em bôa ordem, graças ás providencias e á previdencia do sagaz monarcha.

Chegando aos confins do valle chamado Coquinpu, hoje Coquimbó, todas as tribus se submetteram, bem como os povos do valle pertencente ao Chile até ao rio Manlli.

Em vão tentou o exercito avançar, porque chegando ao paiz de Pirumaruca esta nação guerreira e brava, por tal modo reagiu, unida aos seus vizinhos da nação Antolli, Inco, Cauqui, formando um poderoso exercito de 18.000 a 20.000 soldados que avançaram contra o exercito de Inca X, dando-se uma das mais sangrentas batalhas que até então se conheceu, durante tres dias sem treguas, de modo que mais da metade dos dois exercitos pereceu.

Comtudo, ambos os exercitos em frente um do outro não davam signal de fraqueza ficando durante mais tres dias em escaramuças sem darem ataque decisivo. No fim de tres dias cada exercito se retirou para repousar, ficando as tropas do Inca na margem do rio Maule e os seus inimigos no territorio do paiz Pieramauca. Quando Inca X foi informado desse combate no qual não houve vencidos nem vencedores, elle ordenou que os limites do seu imperio ficassem sendo pelo rio Maulé, e que fossem construidas fortalezas nos pontos mais favoraveis desse rio para a segurança da fronteira.

Foi a primeira vez que a vontade dos Incas encontrou embaraço capaz de mudar seus planos obrigando-os a renunciar novas conquistas para o lado do paiz dos Pierumancos. A famosa fortaleza de Cuzco foi fundada por esse Inca, que dedicou o tempo a embellezar os principaes logares do seu imperio.

Os dominadores hespanhoes quando admiraram a grandeza das obras dessa fortaleza, não puderam comprehender como foi possivel accumullar pedras immensas, que não se poderiam hoje transportar.

O monarcha foi cognominado *Compassivo*, porque suas qualidades moraes o tornaram calmo e bom.

A esposa legitima do Inca X chamou-se Mama-Chingú-Oello, da qual nasceu Tupaca Inca-Yupanqui, que o succedeu no imperio. O numero dos filhos de suas concubinas elevou-se a 250.

Tupac-Yudanqui, Inca XI
1480-1496

A palavra Tupac, acompanhada de Inca, significa brilhante, resplandescente, sobrenome que este monarcha soube merecer, honrando as tradições e a fama dos seus antecessores.

O seu primeiro cuidado foi visitar todos os seus reinos, prestando o maior cuidado no exame da administração da justiça.

Não querendo deixar o habito de conquista que fôra o programma de Inca I, elle organizou seu exercito para uma expedição, tomando elle proprio o commando.

O primeiro exercito se compunha de 40.000 soldados, havendo submettido os Huacracheus, invadiu a provincia Chachapuya.

Não foi facil a conquista e foi em um combate encarniçado que Inca XI os venceu.

As provincias vizinhas denominadas Mayapompa, Arcagonca, Humcapompa amedrontadas com a derrota dos exercitos dos seus amigos, não quizeram tentar a sorte das armas, entregando-se sem resistir.

Não aconteceu o mesmo com as provincias Casa e Ayahuaca, Colhua, ainda que estivessem em verdadeiro estado de barbarismo e anarchia.

Chefes foram escolhidos para repellir o Inca XI, preferindo a morte a entregarem-se.

A lucta se estabeleceu, combates repetidos tornaram incerta a victoria final.

Apezar da constancia e tenacidade, estes luctadores barbaros não puderam resistir aos soldados e ás ordens do Inca, já amestrado em tantos victoriosos combates.

Para obrigar os poucos combatentes que restavam a renderem-se foi preciso ir os repellindo até encurralal-os em local que não tendo sahida, não puderam escapar.

O Inca vendo este paiz dizimado pela mortandade dos seus habitantes, mandou vir habitantes dos seus estados para colonizar esta terra de gente indomavel.

A segunda expedição foi contra o paiz do Huassucu, muito extenso, onde a população vivia errante. Facil foi subjugar a população errante que não sabia nem podia organizar forças expedicionarias.

Em seguida foi guerrear e conquistar os indios Camaris, que com esse nome geral constituiam um grande paiz. Longe de haver guerras, teve o Inca XI de ser recebido com festas e alegrias.

O trabalho foi organizar as leis e os costumes, a religião. Voltou a Cuzco donde dirigiu o governo destes paizes, afim de estabelecer entre tantas nações conquistadas harmoniosa corporação de poderes, de modo que a civilização de seus

subditos, fosse um incentivo para todos os povos vizinhos que se submettessem, sem luctar, a um só governo e uma só monarchia.

Apesar de pensar assim, Inca XI melhor informado do continente onde vivia, sabia que por mais conquistas que elle fizesse, outros povos estariam sempre adiante das fronteiras, e a pretenção que seus avoengos tiveram sempre, obedecendo e foi seguida por todos os Incas, devia ter um limite, porque a natureza humana não se póde jámais comparar com o mundo, sendo sempre certo que a creatura foi feita para o continente em que vive e não este para ella.

Os seus generaes e o proprio exercito exigiram novas conquistas, Inca XI foi obrigado a não provar desencorajamento. Organizou um grande exercito para conquistar os paizes ao Norte dos Canaris e os Tupinambás. Tendo levado presentes valiosos incutiu medo nestes paizes, observando que esses povos preferiam antes os presentes do que as luctas, e com surpreza todos se submetteram.

Tupa-Yupanqui, afim de verificar se a submissão era real, demorou-se para pôr em pratica suas leis e religião e a esse tempo chegaram deputados das provincias vizinhas, que vinham pedir para serem subditos do seu imperio, já tão grande quanto prospero e poderoso. Pediram mais para que os mais capazes do seu imperio ficassem entre elles para os instruir no trabalho, na disciplina, na policia, afim de os civilizar.

Inca XI foi adiante dos seus desejos; mas o fim occulto, como em todo o universo, quando se trata com povos barbaros, tal como dizia o poeta latino *latet anguis in herbis*, mais uma vez se realizou.

Esses povos crueis e perfidos, logo que os representantes do Inca assumiram o governo, se uniram e os massacraram.

A noticia desta traição mortificou extraordinariamente o monarcha, que não se achando em estado de dar uma licção e vingar-se de tão grande offensa, porque o seu exercito estava dizimado, disfarçou sabiamente a dôr soffrida, aguardando o tempo necessario para dar uma punição exemplar, e antes de morrer foi a principal recommendação que fez a seu filho e successor Huayna-Capac.

Inca XI achando-se nas fronteiras do reino de Quito, e informado do poder, grandeza e riqueza deste reino, bem superior ás provincias que elle havia conquistado até então, julgou mais acertado organizar um poderoso exercito, afim de que não tivesse difficuldade em conquistar este reino, bem como de dar ao mundo por elle conhecido, que era a grande America do Sul, uma idéa do seu valor.

Poucos annos depois destes acontecimentos Inca XI apresentou-se com 40.000 soldados. O rei de Quito governava esta nação composta de muitas provincias prosperas e muito populosas.

O poderoso exercito do rei e a fama de sua valentia só egualava o exercito de Inca XI, que se apresentava para invadir seu reino. Por este motivo registadas todas as proposições que foram feitas por Tupac Iupanqui, a guerra travou-se com tanto furor e sempre com as victorias incertas, de tal modo que Inca XI no fim de dois annos vendo-se com suas forças dizimadas pensou no pouco que alcançara e muito que perdera em tempo e forças; mas como para esses homens quasi sobrehumanos a coragem e a teimosia eram eguaes, mandou ordem a seu filho para que viesse com um exercito de 12.000 soldados, afim de levar a termo a sua iniciativa.

Esse reforço chegou, havendo seu filho dado as melhores provas de um grande general. O Inca começou a ganhar terreno e para que a gloria de seu filho ultrapassasse a sua, cedeu a elle o commando geral do exercito, dando-lhe todos os poderes e encargos para o termo dessa grande guerra, a maior que se travou na America do Sul, até então.

Sentindo que precisava de repouso, voltou a Cuzco. Seu filho Huayna-Capac continuou essa guerra por espaço de tres annos, tomando pouco a pouco as fortalezas e as posições, de tal modo que o rei de Quito ficando tão apertado entre montanhas e sem recursos, cahiu em tal tristeza que morreu e com sua morte todo o valoroso exercito se rendeu.

Huayna-Capac vencedor, entendeu continuar as conquistas até o fim do paiz habitado por nações tão estupidas e brutas que não sabiam luctar nem se defender.

O cuidado do general e principe herdeiro foi todo entregue á organização de leis apropriadas aos vencidos tão valentes e aos brutos, de fòrma humana, que elle acabava de conquistar.

Feito este serviço, preparou-se para voltar a Cuzco junto a seu pai que parecia esperar para morrer feliz e contente de um tal herdeiro.

O povo lhe deu em vida uma confirmação de suas glorias denominando Tupac-Yaya, que significa Pai brilhante.

A sua mulher legitima era sua propria irman Mama-Oello, da qual teve cinco filhos, além do principe herdeiro, cuja historia fica aqui em parte esclarecida.

Huayna-Capac, Inca XII
1496-1515

Succedeu a seu pai este Imperador, cujo nome quer dizer joven rico.

O mais famoso de seus feitos iniciando o governo, talvez para confirmar que Huayna-Capac significava riqueza, foi mandar fundir uma cadeia de ouro massiço, que elle fez fabriear pelos operarios já amestrados na fundição de prata e ouro, afim de servir á festa da imposição do nome dado a

seu filho mais velho, festa que tinha a formalidade do córte do cabello.

Garcilasso de La Vega diz que essa cadeia era de ouro puro tendo a grossura do punho de um homem, medindo 350 passadas, o que representa 300 metros. Os bailes e festas por occasião dessa cerimonia eram os mais sumptuosos, e os Incas quando dançavam seguravam na cadeia de ouro ajudados pelos principaes do Imperio.

Seguindo o exemplo dos seus maiores, Inca XII conquistou Chacama, Pascamaya Zama, Calque, Cintu, Tucmi, Dayanca, Matupi, Pichiu, Tallana. Todas estas nações se submetteram ao aproximar-se Inca XII com seu poderoso exercito de 40.000 soldados. Com egual felicidade foram conquistados e addicionados ao Imperio dos Incas os paizes Chumana e Canituy e Callonche.

Assim victorioso, elle mandou avisar as nações que haviam massacrado os Ministros de seu pai, que ellas iam ser por elle destruidas para fazer desapparecer a raça destes perversos inimigos, e depois de lançar em rosto o medonho procedimento e a traição que haviam praticado, poz em pratica a vingança, matando os autores do attentado e ordenando aos povos vencidos, dos quaes só restaram alguns escolhidos para ficarem com a lembrança da licção, que de futuro fossem arrancados dois dentes dos curacas e das pessoas distinctas da nação Huancaville, sendo dois dentes do maxillar superior e dois do maxilar inferior, passando este castigo de pais a filhos, até finalizar-se a nação, como prova eterna da cruel perfidia.

Huayna-Capac seguiu com suas forças gloriosas até chegar ás ilhas de Puna, onde o soberano chamado Tumpalla, depois de haver se informado quaes eram as intenções de Inca XII, ordenando que os seus curacas se submettessem, embora com o occulto designio de fazer antes por politica, do que por bôa fé. Donde se vê que o germen da politica que tem atrazado a America do Sul, já existia, mesmo antes da America ser descoberta.

O Inca voltou a Tumpis, e sendo avisado do que se passava nas nações do continente, mandou ordem aos governadores e as tropas que havia deixado na ilha afim de se passarem para junto delle para castigar a insolencia destas nações, que se rebelavam e não praticavam obediencia a suas ordens. Os habitantes da ilha assim que chegaram em numerosas balças, a uma distancia que elles julgaram bôa para a empreza que tomaram, fizeram lançar ao mar todos os soldados do Inca e aquelles que a nado tentaram salvar-se foram todos mortos, arvorando nas jangadas de transporte de tropas, a bandeira da revolta geral, não havendo escapado nenhum para lembrança.

Como entre os mortos se achassem muitos parentes e principes de sangue dos Incas, o monarcha tomou lucto, esperando que passasse o tempo prescripto para essa homena-

gem aos mortos da familia imperial, para tomar a desforra de tão grande insulto.

Chegados os reforços pedidos, Inca XII invadiu o paiz punindo de modo mais severo tão grandes trahidores. Pouco tempo depois a provincia de Cachapuya se sublevou tal qual havia feito Puna, mas Huayna Capac, sem perda de tempo veio vingar-se dando aos descontentes o merecido castigo, e sendo muito severas as suas ordens para com os vencidos. Em caminho, mudou de resolução, persuadido de que a doçura e a bondade são armas que fazem mais bem do que o fogo e o ferro; tentou portanto essa experiencia para com os mesmos que quizera matar, mas os rebeldes não acreditando na duçura, fugiram por montanhas e florestas, certos como estavam os indios do adagio « deus é grande, mas os campos e as florestas são ainda maiores do que elle » só deixando no paiz as mulheres e os velhos. Mas esses velhos receiando que a colera do Imperador recaisse sobre elles recorreram a uma mamacuna que havia sido concubina de Tupac Yupanqui, afim de que ella intercedesse perdão para elles. Essa concubina achava-se em um retiro em Vassamarquila, donde era originaria.

Essa princeza deixou-se persuadir e foi á procura de Huayna Capac para ver se conseguia perdoar os velhos abandonados de sua raça.

Todas as mulheres deste burgo que pareciam mais proprias foram acompanhar Mama-Cuna, partiram em sua companhia. Tanto pela palavra, como pelas lagrimas e supplicas a nova diplomata feminina foi bem succedida, havendo obtido o perdão desejado não só para os velhos, como para todos os habitantes sem excepção.

Alêm disso deu-lhe permissão para distribuir aos mais dignos e que melhor procedimento tivessem graças especiaes.

Para que sua magnificencia fosse bem recebida, elle fez acompanhar a princeza por 4 incas seus irmãos, filhos desta mesma diplomata de Puna, indo tambem os governadores e os homens de lei, para applicarem a justiça como se praticava no seu imperio.

Deste modo Inca XII esperava acalmar e servir ao seu deus e a sua consciencia, e não foi em vão, porque tanta clemencia abalou a indole indomavel dos povos que procuravam esquecer os erros e as traições.

Huyana-Capac havendo pacificado estes paizes voltou-se a conquistar os paizes de Manta, que se renderam á primeira intimação.

Moravam nestes logares os povos conhecidos pelo nome de Apichiqui, Pichunci Sova e Pampa Uaci, sendo na maior parte verdadeiros barbaros considerados como os mais barbaros do mundo conhecidos pelo incas.

Garcilasso no seu livro 9.º Cap. 8.º assegura que ficou na tradicção entre os povos do Perú a phrase de Inca XII

« Vamos nos embora, porque esses povos barbaros não merecem que sejamos seus senhores ».

Quiz o Inca XII que o limite de seu imperio fosse até ahi e retirou-se para Cuzco, passando por todas as provincias do seu grande imperio que já tinha mais de 500 leguas de extenção.

Emquanto fazia essas visitas, foi informado de que os habitantes da provincia de Caranqui se haviam revoltado, recebendo das nações visinhas e independentes poderosos auxilios, tendo assassinado e massacrado todos os curacas e e officiaes executores das leis, que elle havia mandado.

Resolvendo elle mesmo dar a suprema licção de repressão, subjugou as populações e foi inexoravel, não concedendo perdão a ninguem.

Reunidos todos os prisioneiros e toda a população excluidas mulheres e creanças, ordenou que fossem decapitados e submergidos no lago Yahuarexha, limite dessa nação.

Essa terrivel execução foi naturalmente a causa que denominou a lagoa, porque o nome significa Lago de Sangue.

Narra De Lo Harpe na sua importante obra « Abregé de l'histoire generale des voyages », no vol. 11 pag. 407 que depois de haver conquistado o paiz de Quito que era governado por soberanos independentes, e estando viuvo, enamorou-se da princeza de Quito e casou-se com ella, vindo a ter filhos.

Considerando que este paiz fora sempre governado muito bem e estando elle encantado pelo povo resolveu que seu filho mais velho Huascar e Manco Inca ficassem em Cuzco nomeando tutor e educando-os com o maior esmero.

Deste segundo casamento nasceu um filho que foi chamado Atahualpa, que mereceu uma estima particular.

Depois de alguns annos voltou a Cuzco, para se assegurar dos proveitos da educação dos filhos, e vendo que floresciam as riquezas, agricultura, artes e o pleno dominio de paz, voltou para a sua nova capital de Quito, onde ficou até morrer.

Antes da morte fez um testamento conforme era uso, em presença dos grandes do paiz e dos membros da familia real; ordenou que Inca Huascar, seu filho mais velho, possuisse seus estados accrescidos de todas as provincias conquistadas, reservando, porêm, o reino de Quito, que elle determinou que ficaria pertencendo a Atahualpa, cujos antepassados maternos haviam sempre governado esse paiz.

Morrendo seu pae, Atahualpa tomou conta do governo e assegurou-se da fidelidade do exercito de Quito e dos immensos thesouros que seu pae possuia. A maior parte das riquezas de Huayna-Capac haviam ficado em Cuzco em poder de Huascar Inca.

Atahualpa mandou embaixadores a seu irmão, afim de dar parte da morte de seu pai commum para se render ás homenagens devidas e pedir a confirmação do testamento.

Huascar Inca não quiz acceitar os prudentes conselhos do irmão, e fez voltar os generaes diplomatas, observando que era preciso a submissão de Atahualpa e do reino de Quito que elle considerava parte integrante do Imperio, e que no caso de acceitar o que elle exigia, seria feito um partido conveniente ao seu nascimento, não podendo deixar de considerar que os limites do seu imperio iam até Quito e suas provincias conquistadas por seu pai. Accrescentou que, si seu irmão continuasse a persistir nas suas pretenções, elle seguiria com o exercito para dar combate e o submetter com o paiz.

Empenhada com muito rigôr a guerra, Atahualpa foi feito prisioneiro em um combate, mas conseguindo fugir e pondo-se á frente de seu exercito, por sua vez fez seu irmão Huascar Inca prisioneiro.

Desta guerra e do modo pelo qual esses povos haviam sido educados pela religião dos Incas e pelo duro exercicio das armas, resultou que fosse por causa da propria ambição da familia que viessem a perder-se tantas glorias e conquistas, porque a esse tempo chegava Pizaro ao paiz como a aguia agoureira que se aproxima do ninho das aves que ella come.

Então o celebre sonho prophetico que já vimos com o apparecimento a Vira Cocha do homem barbudo que invadiria o paiz e conquistaria em nome da religião todos os paizes, dominando todos os espiritos dos Perúvianos, cujas idéas eram favoraveis, desde que o filho desterrado pelo Inca viera salvar o pae e a ser seu successor agindo com gloria no seu reinado de acôrdo com a descripção por nós feita.

Era crença geral do povo que a casa imperial de Cuzco provinha e descendia do Sol, do qual os Incas eram filhos, e essa qualidade era tambem attribuida aos reis de Castella, e aos seus descendentes, idéas essas tão arraigadas, que durante mais de 4 seculos do governo da dymnastia dos Incas jámais houve um só exemplo de um americano indigena ferir a pessoa do soberano que era sagrada, de tal modo que os proprios filhos do Inca com as concubinas ficavam privilegiados.

Yahuascar com o sonho phantastico que tivera descrevendo o homem barbudo, vestido de longas vestimentas, que desciam até os pés, ao passo que as usadas pelos incas iam só até os joelhos e o personagem visto no sonho denominando-se Vira-Cocha, montado em um cavallo, que era desconhecido dos americanos, tomou-se de uma preocupação fatal ao povo, que acabava de ver seus Incas devorando-se entre irmãos, ao tempo em que a realização do sonho se tornava uma verdade na pessoa do invasor Pizaro.

Com a chegada dos hespanhoes com suas longas barbas e mantos, até os pés, tendo cavalgaduras, o exercito dos incas admirado, parecia só ver nestes personagens inesperadamente surgidos no Perú, a imagem do sonho do Inca — o Vira-Cocha filho do Sol.

Narram os historiadores dos quaes o principal é sempre o mais autorizado Garcilasso que estes acontecimentos en-

cheram Atahualpa de tal pavor que lhe tiraram a coragem de defender-se, persuadido como ficou que esses guerreiros desconhecidos eram os verdadeiros filhos do Sol, pois doutro modo não ousariam apparecer em tão insignificante numero para impor sua vontade a elle o vencedor de seu proprio irmão e Inca. A consciencia varonil dos guerreiros, abatida com a guerra e os morticinios, acceitava antes esse castigo, como vindo do seu deus, do que como licção da historia.

Era o Sol que vinha vingar tantas luctas, excitado como devia estar contra as nações do Perú. (*)

Huyna Capac residia em seu palacio Tumipampa quando recebeu a noticia da chegada dos hespanhoes nas costas maritimas de seu imperio.

A narrativa de que os homens do navio eram de typos e figuras extranhas ás do seu paiz e que tanto pelo que os homens fizeram em terra, montados em animaes desconhecidos, como pelos tiros dados para o ar, eram tão extraordinarios que só vindos e mandados pelo Sol, seu deus, poderiam fazer essa chegada facil até o Perú.

Para elle tambem o sonho de Vira-Cocha estava-se realizando, pois sendo elle o XII Inca do sangue real a predicção de Vira-Cocha assegurava a chegada de um povo barbudo ao seu paiz; era uma verdadeira prophecia feita por sonho e por ordem do Sol creador do mundo.

Na prophecia conhecida dos Incas, dizia o soberano antes de morrer: «uma nação poderosa se apoderaria do imperio, a qual ficaria sempre vencedora».

Por estar crente de que no acontecimento havia uma clara ordem do deus seu pae o Sol, elle ordenou a todos que o ouviram, que se submettessem sem a menor resistencia ás ordens do deus, obedecendo cegamente á vontade dos seus enviados ao Perú.

(*) Huayna Capac teve da segunda mulher legitima chamada Rava-Oello o filho do qual estamos falando Huascar; mas, segundo narra o D. Antonio de Ulhoa na «Voyage Historique de l'Amerique Meridional» 2 vol. pag. 245, o Inca XII casou-se pela terceira vez com Mama-Rumpo, filha do seu tio Anqui-Amara-Tupac-Inca, da qual teve o filho Manco Inca que foi o ultimo dos Incas antes da invasão dos hespanhoes.

A crendice natural dos Incas foi uma das armas que melhor permittiu aos hespanhoes para os subjugar.

Entre elles fizeram os hespanhoes espalhar a idéa que morrendo um hespanhol em pouco tempo resuscitaria.

Em vendo chegar navios com homens vestidos do mesmo modo e barbudos, elles julgaram inutil a resistencia, porque aquelles que eram mortos voltavam logo para se vingar.

Além disso os cães de raça ferozes e amestrados perseguiam os indios de tal modo que um cão valia por 30 homens.

Narra «De La Harpe, Histoire des Voyages» Vol. X 178:

Os historiadores asseguram que o cão afamado denominado Bezerril conhecia os indios amigos e os trahidores.

Que 10 castelhanos com um cão davam cabo de 1000 indios.

Que o dono tinha para o cão ordenado em oiro e o dobro da comida.

Que tendo sido condemnada á morte uma velha india enviaram-na com uma carta aos christãos afim de que, em chegando a certa distancia, a matassem mas apenas ella sahiu soltaram o cão para a devorar. Eis que ella se ajoelha com ar suplicante e pede ao cão: meu cão, eu vou levar uma carta aos christãos e mostra a carta que o cão cheirou e conhecendo a procedencia, levantou a perna e mijou, e deixou a velha em paz.

Inti-hualpa, Inca XIII
1510-1519

O Inca que teve a sorte de ser o ultimo dos herdeiros da celebre dymnastia que temos narrado com o testemunho dos historiadores citados, ficou conhecido por dois nomes Huascar Inca, em memoria a seu pai e por causa da famosa cadeia de ouro, e o nome de Inticos Hualpa que quer dizer sol de alegria.

Os historiadores divergem a respeito da guerra declarada por Huascar Inca a seu mano Atahualpa, attribuindo que tal guerra não foi em seguida á successão e ao testamento.

Parece-nos que o mais curial é attribuir, como fizemos, o acontecimento ao tempo da successão, porque se formos a seguir a opinião, que aliás nós temos sempre preferido nestas notas de traducção, conforme asseguram Antonio de Ulhoa e George Juan, livro cit., pag. 248, 2.° vol., onde elles dizem:

«Depois de haver gosado por alguns annos o prazer e a satisfação de governar, e arrependido de haver cedido a seu mano Atahualpa o reino de Quito e querendo a toda a força recuperar o reino e as provincias que haviam sido annexadas ao seu imperio ao tempo de seu pai, julgou necessario uma guerra, porque o reino de Quito só pudesse lhe caber, como sendo elle seu vassallo.

«Atahualpa como homem vivo e vingativo estava prompto a fazer o que exigia seu irmão.

Organizou porém um exercito de 30.000 soldados entregando o commando aos dois generaes Quizquiz e Challemcima que partiram para Cuzco em segredo, allegando que mandava o exercito para fazer as homenagens á memoria do Inca seu pae.

Inticazi-Hualpa, só se apercebeu deste movimento armado, quando já não tinha tempo para se defender, sahindo precipitadamente de Cuzco, o pequeno exercito que estava em serviço; mas crescia sempre o numero de voluntarios, mas sem a experiencia da guerra e o duro exercicio das armas.

Foi nas proximidades de Cuzco na planicie occidental da cidade que se deu o primeiro encontro e uma sanguinolenta batalha, que durou todo o dia, ficando Huascar vencido e prisioneiro.

Os generaes de Atahualpa trataram sem a menor consideração os vencidos.

O vencedor pensou em tomar conta do trono do Perú, mas reconhecendo que era bastardo e que a dymnastia destes Incas jamais o suportaria, para remediar o mal de nascença, resolveu exterminar os outros descendentes dos Incas, para esse fim e sob pretextos varios foi chamando todos elles a Cuzco, e quando a maioria ahi estava, fez matar a todos sem distincção de sexo e de idade.

Os restantes durante dois annos foram sempre perseguidos, de modo que bem poucos descendentes escaparam ao degolamento. Foi para fazer soffrer por mais tempo que elle conservou a vida de seu irmão Huascar nca prisioneiro. »

Qual novo Nero, Atahualpa quiz vencer e fazer pelo fratricidio terminar a série de crueldades que deviam logo ser espiadas pelos algozes da nova raça hespanhola.

Nesta guerra de successões, na qual sem tregoas os Incas irmãos se devoravam, se vê a causa da queda do Perú.

Foi em Cassamarca, cidade onde se achava F. Pizarro, que o tyranno por sua vez cahiu preso do outro tyranno invasor, porque Atahualpa receiando que os hespanhoes tomassem Huascar e não a elle, como o verdadeiro e mais directo herdeiro dos Incas, mandou que os seus generaes fossem maltratando Huascar Inca até matal-o.

Agora que outro poder se levantava para tomar contas a Atahualpa, esse protestava que tal assassinato do seu mano prisioneiro não partira de si, mas de outros e sem ordem sua, mas o geneeral Pizarro, simulando um julgamento summario o condemnou, para ficar elle gozando do paiz, removidos os impecilhos que o tyranno limpara com o exterminio das victimas.

Deste modo uma fabula, um sonho tornou facil a conquista do Novo Mundo, na qual os hespanhoes por tantas crueldades, em vez de governarem e aproveitarem os milhões de homens guerreiros, mais a elles submettidos por ordem do Inca antes de morrer, preferiram exterminar a raça americana, só procurando por trahições, as joias e o ouro que dos templos do Sol e dos tumulos violados foram transportados á velha patria de Cervantes.

A' espera de uma epopea, egual áquella que esse grande genio compoz, estão os americanos do Sul, que bem conhecem quanto foram grandes e prosperas as nações do chamado Novo Mundo. Essa bôa disposição para obedecer e a crença religiosa dos povos, só por si é uma prova capaz de unir e fazer grande o povo destinado a representar o maior paiz do mundo, onde correm os maiores rios e onde todos os climas, todas as riquezas mineraes são tão abundantes, que poderiam servir, com um governo sabio para tornar rica, forte e sabia toda a população que viesse habitar o continente separado por tantos seculos do velho mundo.

Com toda a razão os historiadores, vendo a successão do Imperio dos Incas passar aos soberanos hespanhoes, os fez considerar imperadores do Perú e em ordem chronologica tomaram conta do governo do paiz.

Carlos V, XV Imperador do Perú (Depois da conquista)

Carlos V foi pelo nome Imperador da Allemanha, primeiro rei deste nome na Hespanha e 1.º rei do Perú, successor de Inca XIII.

Foram nomeados para o Perú os seguintes Vice-Reis: Francisco Pizarro, nomeado Marquez de Las Atabillas, 1535 a 1551, Christovam Baca de Castro foi o segnndo governador do Perú, depois que Francisco Pizarro foi assassinado pelos partidarios de Almagro seu companheiro e amigo que com muito barulho se fez acclamar em Cuzco e algumas cidades do Perú, sendo por outras rejeitado. Seguiu-o na successão Basco Nunez Vella. Depois que o rei da Hespanha foi informado das perversidades contra os indios da America, foram feitas muitas *Ordenanças* para impedir a marcha da tyrannia.

Foi enviado para corrigir tantos erros e faltas, entrando na qualidade de vice-Rei em Lima, no anno de 1544, sendo recebido com muita pompa, Gonçalo Pizarro, esfomeado herdeiro do tyranno de seu nome.

Vendo a bôa acceitação que essas ordenanças régias produziram no animo do povo, veiu a Cuzco, para obter a suspensão dellas.

Para esse fim organizou 500 hespanhoes bem armados e um exercito de 20.000 indios (1) para marchar sobre a capital, Lima.

Com a invasão e conquista hespanhola, não desappareceu o imperio. A liberdade sem luzes sendo o peior flagello, havia de trazer com os hespanhoes sanguinarios o supplicio que em um anno de falsa liberdade os interpretes preparam.

Colombo e os réis que o ouviram, quando a idéa da descoberta do novo continente que elle sabia bem existir, como ficou evidente da leitura de nossos estudos (2) não podiam imaginar que os thesouros cubiçados haveriam de dar aos povos as maiores licções da miseria humana á sombra desta mesma liberdade, que se julgou favorecer.

Damos por isso uma rapida exposição dos ultimos reis que governaram de longe a nossa America.

O imperador estava na Allemanha, quando soube destes successos e enviou Pedro de Las Gasca na qualidade de I governador do Perú.

A audacia de Pizarro e o dominio que exerceu em nome da tyrannia, fez com que os indios o temessem, olhando com desprezo esse falso inimigo da America e da Hespanha e a um tempo senhor de dois governos!

Por isso foi preso e guardado pelos soldados que a custo podiam evitar a furia dos homens contra esse monstro. Viu-se que, de 9 de abril a 10, quando foi esmagada a sua cabeça, desappareceu do Perú um partido que até aquelle dia parecia ter todas as creaturas presas nas mãos!

---

(1) A infeliz raça expoliada, tornou-se então o instrumento inconsciente empregado pelos proprios algozes para a sua propria ruina. A intriga e a paga, fizeram a ruina e a aniquillação do povo.

(2) Atlantide. Antiguidades da America.

Gasca fez sua entrada em Lima em 1548 a 24 de agosto, mas faleceu sem tempo de realizar qualquer bom serviço.

Os indios acceitaram de tão bôa vontade a religião de Christo que apenas os primeiros frades appareceram e distribuiram rosarios, nenhum dos bravos herdeiros dos Incas foi morto, sem que lhes achasse o rosario no pescoço.

Foi nomeado para substituir o Vice-Rei que partira para a Hespanha, D. Antonio de Mendonza, V Governador do Perú.

A successão deste vice-rei originou o habito tradiccional dos caudilhos que foram logo se espalhando pelas nações da America do Sul.

O governo deste vice-rei foi perturbado por continuas revoluções e os Hespanhoes, trahindo-se uns aos outros, foram anniquilando o paiz e fazendo da brava gente americana o rebutalho do qual se serviam, approveitando pela intriga as opportunidades para os trazer sempre errantes e miseraveis.

Luiz Dorgas organizou revoluções e o vice-rei morreu a 21 de junho de 1552.

O tribunal de audiencia substituiu o vice-rei em nome de Carlos V. Os D. Sebastião de Castilho, os Egas Gusmões, os Vasco Gadinez, os Hireosas, organizaram revoltas e espalharam o terror e a guerra no paiz, pondo os membros do Tribunal nas maiores difficuldades. Os Girons fizeram frente ao exercito do Rei, que o tribunal organizou, até que Thomaz Vasques e Juan Piedra-hita derrotaram Piron, obrigando este fazedor de bandidos a entregar-se com 80 homens.

Os indios por sua vez vendo-se presas de tantas trahições, principiaram a organizar-se em tribus errantes e dahi foi nascendo a barbaria com as licções apprendidas dos hespanhoes.

A antropophagia que era praticada com as victimas dos sacrificadores sanguinarios fez uns aos outros se devorarem.

A união da raça indigena, até então adoptada como base dos povoados, desapparecia para dar lugar ás excursões dos indios que se foram espalhando para o Brazil onde a immensidade das florestas e abundancia de caça e pesca, obrigaram os fugitivos a procurar pousada.

Em nome da civilização os hespanhoes destruiram o povo e a grandeza que os Incas haviam attingido no Perú.

Com toda a razão Helvetius no seu livro «Tratado do Espirito», pag. 148, cita o verso de um medico, que em chegando ao Perú e vendo que não era de parte dos Americanos, mas sim dos proprios hespanhoes que provinha a destruição, escreveu a Carlos V referindo-se a descoberta do

Novo Mundo: «Ce n'est point nous que sommes les barbares : ce sont, Seigneur, vos Cortez et vos Pizarres, qui, pour nos mettre au fait d'un systhéme nouveau, assemblent contre nous les prêtres et le bourreau.»

Carlos V recebendo as informações fidedignas dos seus vice-reis usou medidas que para a moral e a religião pareciam boas.

A escravidão dos indios foi logo pedida pelos vice-reis. Aqui convém narrar, entre os argumentos apresentados, os principaes que La Harpe arrolou: «Os Dominicanos fizeram Montefino partir para advogar junto do rei os interesses da sua ordem e a protecção aos indios. O Padre achou a Côrte muito prevenida contra elle, mas emfim entrou para falar ao Rei que o recebeu com bondade, mas não obteve concessão alguma, sendo enviada a solução do captiveiro que o padre queria que fosse prohibido em nome de Deus, mas por ordem do Conselho que agia em nome da humanidade.

As razões allegadas para manter os indios escravizados foram as seguintes :

1.º — São pobres creaturas que na idade de 50 annos têm menos espirito que aqui tem uma creança de 0 annos.

2.º — Vivem nús, e quando se lhes dá roupa, rasgam, como se estivessem em supplicio, preferindo andar nús.

3.º — A ociosidade é o seu bem supremo.

Ora só em enumerar, se vê que a perversidade e a cubiça eram as unicas aspirações dos hespanhoes n'aquelles tempos.

Se eram fracos e pobres de espirito, é a escriptura sagrada que os protege, quando assim é que a elles pertence o reino de Deus. Convinha protegel-os, ensinar e mostrar as vantagens da civilização.

Nús : elles viviam felizes sem conhecer a escravidão, nem o dominio do homem sobre os outros homens, em nome da força e da tyrannia.

Ociosos : mas quem é que não ama o descanço depois do trabalho ? O trabalho do indio que caça, pesca, faz arcos e exercicios, é tão respeitavel, como o que for mais honesto. (*)

(*) A esse respeito nos recordamos de haver lido que o sabio Montesquieu viajando pela Hespanha ao tempo da inquisição. encontrou-se com um Lord, com quem fez as sua2 excursões. Como travou-se uma questão para saber qual dos dois povos francez e ó inglez era o mais criterioso, o inglez não podendo convencer a Montesquieu, que sustentava ser o povo francez, lembrou-se de um artificio e disse, quando o via escrever tantas notas: sabe o senhor que me informaram que a inquisição nos olha e persegue. Ao que Montesquieu tratou de queimar suas notas. No dia seguinte o Lord disse quando foi informado do que se passou—pois um inglez jamais faria isso. Em seguida, quando terminaram a excursão perguntou Montesquieu ao Lord : Achou V. E. alguma qualidade que possa ser considerada commum a todo o genero humano ? Sim, disse elle. Qual é ella ? A preguiça, disse o Lord e Montesquieu concordou.

Philipe II, XVI Imperador do Perú

Este rei filho de Carlos V e de Izabel nasceu a 21 de maio de 1527 por ter seu pai resignado a corôa, subiu ao throno em 1556, reinando 42 annos.

D. André Furtado de Mendonça foi o primeiro vice-rei por elle nomeado.

Seguiu-se D. Diogo de Zunniga, a esse succedeu Lope Garcia de Castro que chegou a Lima a 17 de abril de 1561. A 25 de novembro de 1569 D. Francisco de Toledo veiu succedel-o.

Governaram mais em nome de Philippe II : D. Martim Henrique que tomou posse em 23 de setembro de 1571.

D. Fernando de Torres e Portugal, Conde de Villar que tomou o governo do Perú a 30 de novembro de 1586. D. Garcia Furtado de Mendonça a 8 de janeiro de 1590. D. Luiz de Vellasco tomou posse como successor a 24 de julho de 1596.

O Rei Philippe III de Hespanha foi o XVII Imperador do Perú

Nomeou vice-rei D. Gaspar de Zunniga, Conde de Manteney que tomou posse a 18 de janeiro de 1604.

D. João de Alencanca y Lima, Marquez de Montes Claros assumiu o governo a 21 de dezembro de 1607.

D. Francisco de Borja y Aragon, Principe de Esquilache tomou posse do Governo a 18 de dezembro de 1615.

Philippe IV Rei da Hespanha foi o XVIII Imperador do Perú

Foi nomeado vice-rei D. Diogo Fernandes de Cordova, Marquez de Gualdacazar, tomando o governo a 26 de julho de 1622.

Seguiu-se D. Luiz Geronymo Fernandes de Cabrera, Conde de Chineha, que assumiu em Lima o governo a 14 de junho de 1629.

D. Pedro de Toledo y Deyva em 18 de dezembro de 1639 assumiu o governo.

D. Garcia Sarmento Sottomaior, Conde de Salvatierra o succedeu a 20 de setembro de 1648.

D. Henrique de Gusmão em 24 de fevereiro de 1655.

D. Diogo de Benevides y La Cueva, Conde de Santestevam Del Porto, a 31 de julho de 1661.

Carlos II Rei de Hespanha, XIX Imperador do Perú

Foi nomeado vice-rei D. Pedro Fernandes de Castro, Conde de Demosa, 20 de novembro de 1667.

D. Melchor de Limou y Cimeras, Arcebispo de Lima que governou até 20 de novembro de 1681.

Seguiu-se a elle D. Melchor Portocarrero, Conde de Mongloa a 15 de agosto de 1689.

Philippe V Rei da Hespanha, XX Imperador do Perú

Foi nomeado D. Emanuel Omsus de Santa Paula, Marquez de Castel dos Rios a 17 de julho de 1707.

Seguiu-se D. Diogo Ladeão de Guevara a 13 de agosto de 1710.

D. Diogo Marcillo Rubio de Annon, Arcebispo de La Plata, que só governou 50 dias.

Seguiu-se D. Carmo Garaciolo, principe de Santo Hono, a 5 de outubro de 1716.

Veiu depois D. T. Diego Morcillo Rubio em 26 de janeiro de 1720.

Luiz I Rei de Hespanha, XXI Imperador do Perú

Foi nomeado governador do Perú D. José de Armendoriz que governou até 1733.

D. Antonio de Mendoza, Marquez de Villa Garcia a 4 de fevereiro de 1736.

Fernando XI, XXII Imperador do Perú

D. José Menso y Velasco foi nomeado vice-rei governador a 12 de julho de 1745.

A rainha Isabella por testamento recemmendou toda protecção aos indios.

Foram nomeados visitadores para informar da sorte dos indios. Como muitos animaes foram introduzidos no paiz, foi prohibido o castigo de chicote e do páu aos indios, e prohibido de os fazer servir como animal de carga.

Ordenou-se que aos domingos e dias de festa elles tivessem descanço. Tudo isso ficou letra morta, porque os departamentos e os dizimos faziam com que um homem fosse na America onde nasceu livre, um agente para produzir e trabalhar para os outros, e para servir de instrumento ao crime e ao goso.

O vil interesse foi o arbitro do forte no Perú e no Mexico.

Quizeram libertar o Perú e o Mexico, seu consorte, entregando o povo, por castigo, á morte!

PARTE II

O Imperio dos Incas no Mexico

Depois da Conquista dos Hespanhoes

UMA PAGINA DA CONQUISTA DO IMPERIO DE MONTEZUMA

Desenhado fielmente o systema de conquista, trahições e vinganças. que os chamados povos civilizados empregaram na America, aprender-se-á a conhecer melhor os homens.

A vida humana é um theatro de perpetuas agitações, nas quaes o observador e historiador encontra assumpto para fazer das tragedias da existencia, os monumentos impereciveis da historia.

Os costumes de hontem passam a ser vicios de hoje e o metal sonante que fazia o objecto de tributo aos deuses, no tempo dos imperadores do Perú e do Mexico, foi o objecto da cubiça dos conquistadores, que com o dinheiro fundido de tantas reliquias, julgaram tornar inesgotaveis os thesouros de seus herdeiros.

Nenhuma fonte porém, é firme, quando os seus creadores são mortaes.

Ha ensino profundo nas paginas que se vão lêr, e oxalá ellas aproveitem aos americanos de todos os paizes.

Fim do Imperio de Montezuma no Mexico

I

Não quizera eu contar-vos a historia do famoso Guatimozim, sem primeiro esclarecer-vos a mente sobre o intento pouco nobre desses europeus, que desde os fins do seculo XV entraram a invadir com as armas na mão os paizes da nossa America.

Até então era esta habitada sómente pela raça indigena, a quem concedera Tupan uma terra de tantas maravilhas que bem podia chamar-se um novo paraizo.

O continente americano, tal como o vedes nos mappas geographicos, era inteiramente desconhecido da Europa, e povoado de varias nações todas pertencentes á raça, que pelo escuro caracteristico da pelle se veiu a chamar *côr de cobre* (ao americano appellidam tambem *homem vermelho*): dentre todas as raças humanas se distingue esta pela bravura e pelo amor da independencia. Tinha povos civilizados, povos barbaros e tambem povos selvagens, os quaes todos se estimavam egualmente de guerreiros.

A' classe dos primeiros pertenciam os Astecas, que dominavam no Mexico, patria de Guatimozim, assim como os Quixuas do Perú e os Xibras da Cundinamarca. No paiz que habitamos havia apenas selvagens tão simples no viver quão valentes na furia dos combates, que de continuo pelejavam. Duas eram as familias, que aqui senhoreavam: a dos Tapuias para a banda do Norte, ao Sul a dos Tupis, que se diziam filhos de Tupan, do qual tiraram seu nome.

Quando em 1492 se descobriram as terras da America, eis que uma geração ambiciosa e forte estava já apparelhada para conquistal-as a ferro e a fogo.

Conquistar não significou para os homens brancos senão arrasar as cidades, destruir os imperios e reduzir á escravidão mais injusta os seus pobres habitantes que nenhuma culpa tinham!

Assim foi que Mexicanos e Peruanos, Tapuias e Tupis se viram cedo empenhados nesse lutar constante e sanguinolento, que quasi sempre acabava pela victoria dos estrangeiros, que o mar lançara das plagas do Oriente, contra os nossos avós.

Ah! Que valeria o tacape ou a flexa do Americano deante das armas fulminantes, que manejava o adestrado Europeu? Este tinha por si a formidavel cavallaria, que os naturaes da America julgavam como prodigiosa, e onde não podiam os seus damnosos arcabuzes, podia em summa a artilharia destruidora de tantos imperios!

Entretanto devo dizer-vos que mais do que todos estes artificios póde ás vezes o valor natural do homem e o amor da independencia: tal o exemplo sublime, que nos deixaram quatro povos da America: os Arcos, os Maias, os Apaxes e os Tamoyos, os quaes nunca foram subjugados do truculento Europeu. Delles ainda vivem independentes nas fronteiras do Chile e do Mexico, delles abandonaram com lagrimas a patria Guanabara, e foram buscar refugio nas matas da longinqua Amazonia. Em memoria da bravura Americana guardae seus nomes.

Os hespanhoes ou castelhanos foram os primeiros Europeus, que invadiram nesse tempo as terras do continente: Cortez foi o primeiro que ouzou penetrar com um trôço de soldados nos dominios de Montezuma, poderoso imperador do Mexico, á custa de trahições e da união com as tribus inimigas de Montezuma.

Uma causa primordial movia então os aventureiros europeus em suas perigosas errupções: a ambição do ouro, vicio terrivel, que mina as sociedades e degrada o homem.

Outra havia secundaria com que pretendiam dissimular a primeira, e era o fanatismo religioso. Acredita-se geralmente que o christianismo ainda não era professado na America.

Como entrou no Mexico, teve Cortez de um hespanhol, que havia alguns annos escapara de um naufragio nas costas

do Iucatan, as primeiras noticias de quem era Montezuma, e de como eram extraordinarios os seus thesouros em pedras e metaes preciosos. O desejo de possuir tantas riquezas infundiu coragem no animo dos invasores, e desde esse dia marcharam no firme proposito de apoderar-se do Mexico, ainda que necessario fosse matar e saquear, empregar a santa religião christã como meio de conseguir seus fins immoraes, ou pôr em pratica todos os ardis da politica européa. Pois tão insaciavel era nesses christãos a sêde de ouro que não se lhes dava vender a dignidade, até a honra, só por amor do vil dinheiro: por isso disse com razão um historiador americano que em verdade melhor se chamariam salteadores do que christãos.

E pois penetrara Cortez sem muito custo nos dominios de Montezuma, avançara em pouco tempo de Tabasco a Istacpalapan, e já á frente de um exercito consideravel se achava empenhado na conquista do imperio, cuja capital a formosa Mexico (tinha o nome do paiz) lhe sorria na mente ambiciosa como o sitio mais opulento deste Novo Mundo, e o mais delicioso de todos os cantos da terra.

E quanto mais della se approximava, mais lhe asseguravam novas noticias que não se enganava: Mexico, era em verdade, uma maravilha! Comprehendeu Cortez a importancia dessa cidade, e determinou apossar-se primeiro della: ás vezes lhe lembrava a temeridade da empresa, mas o seu coração insaciavel lhe dizia ao perfido: O ouro!... marcha sem demora sobre Mexico; e onde não puder a força das armas hespanholas, te valerão de muito o ardil e a perfidia contra um povo ignorante e singelo.

Aqui toca lembrar por amor da verdade mais um auxilio poderoso, que achou Cortez na pessoa de uma lucateca: era prisioneira do governador Zempoala, que a deu a Cortez para lhe servir de criada e cosinheirà.

Aquella Hespanhola do Iucatan foi o primeiro interprete, que tiveram os Castelhanos no continente: mas não falava o naual, que é a lingua do Mexico, só entendia o hespanhol e o iucateco. D. Marina (assim chamaram no baptismo a iucateca) falava a lingua do seu paiz e o naual; de modo que ouvindo a fala dos Mexicanos a transmittia em iucateco ao Hespanho,l e este por sua vez a traduzia para os Castelhanos na propria lingua.

Marina, moça de grande formosura, bem intelligente e perspicaz, fez-se com o tempo mui dedicada aos invasores e acompanhou o seu exercito até á destruição de Mexico. Acertava com seu parecer o plano dos filhos do Sol, e por sua diligencia os salvou da morte na emboscada de Xolula; pois é bem de crêr que si não fôra o aviso de d. Marina se teriam irremediavelmente sepultado nas fossas de Xolula todos os Hespanhoes com seus alliados.

De muito valeu, com effeito, aos Europeus este presente Americano; mas não foi digno da nossa grande America, e

nem aqui o louvarei, porque favoreceu os estrangeiros ferozes inimigos da nossa patria commum.

Escapo de Xolula ganhou Cortez a estrada de Mexico.

Em balde lhe mandara Montezuma repetidas embaixadas, exhortando-o com riquissimos presentes, a que desistisse do intento de visitar sua capital: indigno e fraco recurso, que tão pouco assenta num rei poderoso! O ouro lhe irritára cada vez mais a avareza, e já sua arrogancia se tornara sem limites á vista da condescendencia censuravel de Montezuma.

O estrangeiro branco foi afinal recebido na cidade de Mexico com todos os seus Hespanhoes e mais alguns milhares de alliados indigenas, que alliciára em sua marcha: para o alojamento lhe mandou Montezuma preparar o magnifico palacio, que edificara Axacaiatle, seu pai. E aconteceu que indo uma vez visitar o rei em seu palacio, o ingrato se mancommunou com os seus para prendel-o, e para cumulo de insolencia fe-lo mudar-se para o alojamento em que habitavam os Hespanhoes.

Foi então que o poderoso Montezuma descahiu miseravelmente da sua majestade, e como si fôra um criminoso, apresentou humildemente o delicado pulso para receber as cadeias de ferro, que lhe quiz pôr o injusto Europeu.

E em tal abatimento moral descahiu, que por uma vã exigencia de Cortez e sem proferir uma só palavra deixou que queimassem vivo, á porta do seu palacio o seu general Qualpopoca, o grande Qualpopoca, que á frente de alguns bravos Mexicanos ousara matar por sua mão dois Hespanhoes de Vera Cruz, só por castigar-lhes a insolencia e vingar o insulto, que á sua patria faziam.

Mandou o feroz Cortez que com as armas tomadas nos arsenaes mexicanos se fizesse uma grande fogueira, a qual subiu impassivel aquelle destemido Americano com seu filhinho e mais quinze officiaes, que todos se acharam de prompto reduzidos a leve cinza. E era elle o sublime Qualpopoca... que Tupan vingára! Assim eram as menores vinganças dos tigres da Iberia: crucificavam os innocentes filhos do Novo Mundo, e em grande zombaria os queimavam em satisfação da sua ferocidade.

Nem o nome de Qualpopoca esquecereis, porque da America foi digno: e si o amaes o grande e o bello na terra, louvareis sempre em vossa alma a memoria de Qualpopoca.

Deste e de outros varões, que aqui toco, aprendei o heroismo dos primeiros possuidores da America. Passaram já os tempos odiosos da oppressão europea; louvemos agora em sua grandeza o homem vermelho.

II

Era o Mexico em 1519 um paiz immenso, e os seus limites pera as bandas do Norte e do Sul eram então mais

extensos que os actuaes. Havia em seu territorio trez reinos unidos, qne se chamavam pelo nome das capitaes, a saber: Mexico, Tescuco e Tlacopan. O imperador dos trez estados era o mesmo rei do Mexico, e esta a cidade mais opulenta e mais populosa de todo o valle do Anauaque e tambem de toda a America. Tinha para mais de trezentos mil habitantes, isto é, o quadrupulo da população do Amazonas, e em extensão passava Pernambuco e ainda o Rio de Janeiro, que hoje se reputa a cidade maior da America do Sul.

Tenuxetitlan lhe chamavam egualmente os naturaes, e os historiadores lhe appellidaram Tenuxetitlan a soberba rainha de Anauaque, jardim dos Astecas.

Outras cidades mexicanas eram ainda notaveis: Xoximileo, a cidade das flores, composta de famosos jardins fluctuantes: Toxetepeque, ponto commercial da fronteira, passagem frequentada dos mercadores estrangeiros, que visitavam o imperio de Montezuma. Egualmente famoso era Xolula, a cidade santa dos Astecas, celebre pelas suas antiguidades e pela finissima porcelana, que fabricava: assim tambem Ascapotzalco pelos seus ourives, e Tescuco pelos seus pintores.

Haviam os Mexicanos attingido um grau de civilzação elevadissimo: e se não estivera porventura tão em desacôrdo com elle a religião cruenta, que professavam, bem pudera equiparar-se, sinão avantajar-se ao estrangeiro branco, que arrogantemente se prezava de mais civilizado e mais humano, esquecendo que na furia da sua vil cubiça, chegou a matar dentro em dois annos para cima de cinco milhões d'aquelles, que chamava barbaros e inhumanos.

Tirante esse ponto da religião, excediam aos Europeus em varias artes, e na ourivesaria a todos os povos conhecidos. Os seus templos ou teocalis eram carregados de ornamentos de ouro e de pedras preciosas. A piedosa Tenuxetitlan contava mais de duzentos teocalis, em cujos compartimentos se educava e se instruia a juventude asteca.

Na politica tudo obravam com a razão estes Americanos: não admitiam a escravidão, que só depois foi instituida no paiz pelos hespanhoes, e uma lei mexicana dizia assim: «Todo o homem nasce livre.»

Puniam com severidade os criminosos para diminuir por esse exemplo o numero dos malfeitores. O que se achasse de todo embriagado a ponto de perder o juizo, soffria pena de morte, porque a lei dizia: «Aquelle que por sua vontade se privar do uso da razão, não merece viver.»

Era prohibido roubar os bens da terra (são os fructos e outros quaesquer alimentos, que ella produz) para que os ociosos se vissem obrigados a trabalhar. Em verdade esta lei era rigorosa, porque tambem por ella padeciam os mendigos, que não tinham pão: os reis do Mexico porém lhe diminuiram sabiamente o rigor mandando semear de arvores

fructiferas as margens das estradas publicas, de maneira que os que vinham fatigados do caminho e abrazados do Sol, descansavam á fresca sombra do cacauzeiro, e os que tinham fome, achavam alli á mão o gostoso *maiz*, o cacau, a deliciosa banana, o ananáz ou o maracujá.

Grande era o respeito, que o filho tributava a seus pais, a quem nunca se dirigia sem pedir-lhes permissão, As filhas recebiam na casa paterna toda a educação; nem era tão descurada como entre nós acontece em muitas familias. As moças mexicanas, ainda as mais nobres, sabiam fazer todos os trabalhos do seu sexo: dellas havia que eram versadas na historia de seus antepassados, dellas primaram ainda na ourivesaria e na lapidação das pedras preciosas. Casavam-se de ordinario aos dezoito annos.

Eram elles peritos em astronomia, e dividiam o anno em trezentos e sessenta e cinco dias de acôrdo com o movimento de rotação e de translação da terra. Maravilhavam-se sobretudo os filhos do Sol (assim chamavam os naturaes aos Castelhanos, porque vinham das bandas do Oriente) ao ver os *gnomões*, esses monumentos astronomicos, ou relogios solares, que nessas paragens longinquas do Novo Mundo regulavam as as horas do dia asteca. Tão exactas eram as cartas geographicas do Mexico que a ellas deveu Cortez e ter podido penetrar avisadamente em alguns paizes limitrophes.

Tinham tambem livros em que escreviam seus hieroglyphos; eram feitos de uma especie de caraguatá, que alisavam e poliam pacientemente. Como não conheciam alphabeto algum, faziam sua escriptura por meio de figuras, com que significavam as idéas. Egualmente symbolico era o genero de pinturas mais usadas entre elles. A historia dos acontecimentos se registrava com nós feitos em cordões, havendo interpretes encarregados da leitura.

Vi uma destas telas copiada, tinha uma fila de pegadas humanas na direcção de uma cidade, representa o exercito dos Astecas marchando sobre Huexutezinco.

No seu livro « Los Torrascos », o dr. Nicolas Leon, professor da Ethnologia no Mexico publica muitas bandeiras, que representam figuradas as guerras. conquistas e a historia do Mexico pre-Colombiano.

Em materia de jardins não havia superal-os porque os faziam com esmerado gosto sobre ilhas fluctuantes que chamavam xinampas; e eram estas deliciosas pelo aroma de mil flores, que exhalavam esquisito perfume e pela sombra, que se deitava sobre limpidos regatos.

Architectos acabados tinham edificado Tenuxetitlan numa ilhota, que demorava no meio do lago, e com a terra firme se communicava por longos diques ou calçadas, que lançavam sobre as aguas. Tambem sobre as aguas estava grande parte da cidade de modo que a navegação das ruas se fazia em canoas ligeiras, que chamavam acales.

Nem foi só nisto que a civilização americana ensinou á

européa: os hoteis, essas hospedarias luxuosas, que são o espanto dos tempos modernos, os terraços ajardinados, essas formosas soteas, que rematam graciosamente as casas hespanholas, eram coisas ordinarias em Tenuxetitlan: dentro da cidade existia o grande tiauquiz de Tlatilulco, feira célebre, onde a par com ricas joias e primorosas pinturas feitas de *permas* se expunha ao comprador o famoso chocolate; que é hoje o mimo dos nossos bailes.

Amavam elles extraordinariamente as flôres e os perfumes, a musica e os divertimentos, e como eram em extremo religiosos, adornavam os adros de seus templos com ephemeras pinturas em flôres, e nos immensos pateos ladrilhados em bellissimos mosaicos, executavam as baladas sagradas ao som do teponastlé, ante de insensarem seus deuses com o fumo do precioso copal.

Tambem nos funeraes mexicanos estrugia no alto das collinas o rouco teponastli, e pressurosos corriam ao teocali os piedosos Astecas.

Em summa direi que apezar da furia destruidora dos Castelhanos, que por uma malvadez requintada mandaram queimar os archivos indigenas, escaparam muitas pinturas.

Amedrontavam-se cada vez mais os Castelhanos com as novidades, que iam vendo, porque forçoso era tirar de tudo isso sobejas provas de uma civilização adiantada, que por amor de seu feroz egoismo não queriam reconhecer nas plagas do Novo Mundo. E pois na mente avara desses barbaros germinava dia por dia a idéa da trahição e da crueldade atroz com que haviam por força de vencer aquelle justo povo: e insensatos, cuidaram um dia poder occultar ás gerações vindouras a obra nefasta de sua destruição!

III

Dizem que Montezuma fora homem recto nos dias de seu governo, valente, quando commandava os exercitos mexicanos, e sobretudo mui piedoso.

Mas que podiam valer a piedade e a devoção para com um deus falso e sanguinolento? Assim era Vitzilipuxetli, o deus da guerra, adorado no principal templo de Mexico, onde se lhe sacrificavam muitas victimas humanas. O ente supremo, o verdadeiro Deus, era chamado pelos mexicanos Tentle; mas de mui poucos delles adorado.

Inquietavam-se entretanto os subditos de Montezuma com o desalento de seu rei, porque de abatimento se tornára já em baixeza: acostumados havia tantos annos a prestar obediencia ao grande Montezuma, por quem nunca soffrera a nação mexicana a mais leve offensa, que não fosse logo vingada com as armas, doia-lhes agora na alma o ver humilhada a sua patria deante do estrangeiro feroz, que viera pelo mar das bandas do Sol. Indignados de tanta humilhação suspiravam com lagrimas pelo dia da vingança.

E aconteceu que tendo Cortez de voltar a Vera Cruz, povoação que fundara junto ao golfo do Mexico, para combater outro ambicioso hespanhol, que tambem queria ser conquistador das riquezas de Montezuma, deixou como seu lugar tenente em Mexico a Pedro de Alvarado com nma guarnição bem municiada, recommendando-lhe que vigiasse a cidade e guardasse o rei captivo.

Folgou Alvarado com tal nomeação, porque sobre ser animado de indole sanguinaria, tinha um ambição não menos insaciavel que a de seu capitão; era pois occasião de excitar por algum modo a cubiça, que o abrazava, e provocar ao mesmo tempo a vingança dos Mexicanos.

Eis que se aproximava o dia de Texecatle, dia solemne, que em todo o territorio do imperio se celebrava com festas sumptuosas em homenagem a um de seus deuses de nome Tescatlipoca.

Bem o sabia o infame Alvarado: e quando sobre a noite concorreram ao templo todos os nobres do Mexico adornados de seus vestidos de gala, cobertos de ouro e de pedras preciosas, e começaram as dansas sagradas, appareceu de repente o trahidor cercado de soldados e mandando que a cada uma das portas do templo se postassem dez destes assassinos, mui bem armados para que vedassem a sahida, penetrou com outros no santuario. e deu o signal de matança sem respeito ao sexo, nem á idade.

E tão grande foi o morticinio, e tão horrivel que emquanto o sangue innocente do sacerdocio e da nobreza mexicana escorria ainda pelas portas e pelas escadas do *teocalis,* voltavam ao quartel os avidos salteadores carregados de requissimos despojos, que roubaram das victimas.

A noticia de tão horrendo crime espalhou-se de repente nas terras de Anauaque, tremeram em seus corações as virgens do Novo Mundo, e o nome de Alvarado foi votado para sempre á execração dos povos.

O sacrilegio foi sem nome e sem nome o attentado! Mas não era para os Mexicanos, o povo mais religioso da America, soffrer tamanho insulto sem castigar de morte o feroz estrangeiro.

Não quiz o grande Tentle que aos salteadores aproveitassem os despojos ensanguentados de seus filhos.

Accesos em ira voaram os Atecas em busca dos assassinos, e cercaram ousadamente o palacio de Axacaiatle, onde estava preso o rei, e com elle nove mil estrangeiros entre Hepanhoes e alliados se viram subitamente sitiados.

Desde esse momento dissiparam-se para Montezuma os ultimos vislumbres de respeito, que ainda cuidava merecer de seus bravos vassallos, porque estes pelejavam dia e noite para render os ladrões, e tão desesperadamente o faziam que os audazes salteadores tiveram desta vez um grande medo, e com ameaças obrigaram o rei a subir ao terraço mais elevado do palacio, donde falou aos Mexicanos pedindo-lhes que sus-

pandessem o assalto e deposessem as armas, porque elle não estava preso.

Nem disse muito o infeliz Montezuma, porque os de fora entraram a murmurar, e por vezes lhe abafaram á voz dizendo : « Não passas de um cobarde, rei dos Astecas, és prisioneiro, e nol-o negas, tú não és digno de governar uma nação de bravos ! » E como falasse ainda, succederam os gritos, as flexas e as pedradas, até que recebeu algumas na cabeça, o das feridas, dizem, veiu a morrer, sinão foi estrangulado pelos Castelhanos indignados, como é versão corrente.

Nem queria o desventurado consentir que lhe curassem as feridas : desesperado tambem de tanto padecer, arrancava as fachas de panno. que lhe haviam posto, pois mais doloroso do que a morte lhe fora sobreviver ainda ás miserias horrendas de sua patria.

Corria o inditoso anno de 1520, quando estas calamidades affligiam o imperio de Montezuma, victima das quaes succumbiu aquelle que fora o rei mais poderoso do Anauaque, e podia com um aceno chamar as armas trez milhões de homens ! Sem muita cerimonia se fez em Copalco a cremação do corpo morto aos trinta de junho, data funesta, para a historia da emorida indigena.

Por este triste exemplo, bem se pode conhecer e lastimar a fatal sorte, que aguarda os reis cobardes, que não souberam com valor e nobreza defender a sua patria, ou com avareza a governaram. Não cuides pois que tenha havido injustiça dos homens na expulsão dos ultimos soberanos do que hajam de governar os povos.

Mas para gloria do Mexico se saberá sempre que se Montezuma, desapparecer ; quem vae agora fazer tremer de susto e de medo os salteadores castelhanos é Cacama, é Cuitauatle, é um joven de nome Guatimozim, o guerreiro mais valente dentre todos os reis do Anauaque.

A morte de Montezuma não abrandou o fervor dos Mexicanos : algum tempo o choraram, porque o amavam, como a um pai, mas em breve enchugou-lhes o pranto o perigo da patria. Para governal-os acclamaram então o bravo Cacama, que no momento estava prisioneiro de Cortez, e em tanta furia pelejavam, ainda que os filhos do Sol se viam esta vez repellidos com grande perda, vencidos, e afinal espulsos totalmente de Tenuxetitlan.

Acontece que estando sitiados em grande aperto no palacio de Axacaiatle, meditaram os Castelhanos a fuga para escapar á justa vingança dos Astecas. Logo no dia seguinte á meia noite se puzeram em marcha, e silenciosamente ganharam a grande calçada de Tlacopan.

Partiram áquella hora por conselho de um astrologo ou agoureiro, que guardavam, e para desempedir-se de alguns Mexicanos, que tinham captivos, trucidaram cruelmente na cidade, muitos dos prisioneiros, entre os quaes foi Cacama, que amarraram de pés e mãos, porque o temiam, e como

ainda assim resistisse, succumbiu nobremente esse bravo, traspassado de quarenta e sete punhaladas hespanholas.

Mas não foi impune a morte de Cacama: a mesma avareza daquelles barbaros lhes valeu o castigo merecido. Roubaram elles muito ouro dos filhos de Tenuxetitlan, e tanto se carregaram com a rapina do Toxecatle, que mal podiam marchar: uma Mexicana, que ia buscar agua, os viu passando, e clamou pelas sentinellas astecas. Os fugitivos ouviram com amargura o grito de vingança, que surgiu das aguas com grande alarido: é o grito da nação mexicana, que ora ia lavar no sangue dos salteadores a affronta de tantos latrocinios. E assim aconteceu, porque cerca de cinco mil delles houveram no assalto a morte merecida: quebrou-se a ponte em que iam passando o canal de Tecpanzinco, e os que lograram escapar da lança mexicana, se afogaram nas aguas.

O assassinato de Cacama foi assim vingado no mesmo instante pela mão de Cuitlanatle, que na peleja commandava os ardentes Astecas, incitados pelo amor da patria.

Gemeram na sua dor os Castelhanos vendo perdido o thesouro, que tanto lhe custara a roubar, e por memoria de seu desastre chamaram aquella noite *la noche triste.*

Quando pela manhan do outro dia vinha apontando no Oriente o Sol formoso, viu seus filhos crueis espulsos de Tenuxetitlan, e saudou esse dia com desusado esplendor a rainha do Anauaque, porque havia já sete mezes só lhe davam dor e angustia os filhos do Sol.

Em regosijo desta grande victoria se celebraram durante a noite grandes festas na cidade, nem faltaram nó altar victimas hespanholas offerecidas ao cruento Vitzilipuxetli.

Os Castelhanos extraordinariamente consternados se tinha retirado para uma collina proxima, donde contemplavam contristados as fogueiras de alegria e os fogos de artificio. Cortez era tambem presente, porque como teve noticia da sublevação terrivel dos Astecas, correu sem demora de Vera Cruz em soccorro dos seus.

Cortez havia reforçado o seu exercito com os soldados de seu rival, e lograra assim augmentar o numero de cavallos e dos canhões: mas afinal iam todos de vencida, porque boa parte da gente se gastara no ultimo desbarato, e já os Mexicanos se tinham alertados aos cascos dos cavallos e aos golpes de artilheria. O artificio europeu se tornara impotente diante do fogo da patria, que abrazava os filhos do Novo Mundo!

A' imaginação dos vencidos acudia incessante o caminho de Vera Cruz, unico recurso que lhes restava tomar. Depressa o buscaram. Mas a passagem por meio de paiz inimigo era perigosa, e por maravilha escaparam elles do assalto de Zacomolco. Entravam no valle de Otumpan, ainda perto do Mexico, quando eis lhes apparece ao encontro o exercito dos Astecas disposto em ordem de combate.

Os filhos do Anauaque haviam reunido todas as suas forças, e resolutos marcharam aos campos de Otumpan, porque nessa batalha cuidavam elles com a ajuda de seus deuses destruir o derradeiro do bando d'aquelles estrangeiros insolentes, que de um modo traiçoeiro e infame tinham profanado os sagrados teocalis, coberto de miserias a formosa Tenuxetitlan, e insultado impunemente a nação mexicana.

Nobre era o intento! Mas por desgraça não lograram elles realizar o seu proposito: a perda do pavilhão nacional no meio da batalha os poz em confusão. E os avaros Castelhanos apanhando com avidez as ricas joias de ouro, que deixaram cahir no campo, se foram contentes em derrota para Vera Cruz.

Os despojos de Otumpan, que ficaram celebres nos annaes castelhanhos, atiçaram sobremaneira a cubiça no animo dos salteadores, e Cortez, posto que voltava do Mexico por não poder mais fazer frente as Astecas, determinou refazer-se de tropas e volver em breve á cidade do lago, aonde o chamavam ainda os thesouros de Montezuma.

Destruição de Tenuxetitlan

I

Depois da morte heroica de Cacama, que por um só dia se chamou rei dos Astecas, a voz dos guerreiros mexicanos acclamou a Cuitlanatle para guial-os na defensão da patria.

Cuitlanatle se tinha já distinguido pela bravura nos ultimos dias da occupação do Mexico: fôra já prisioneiro dos Castelhanos, e logo depois da matança do Toxecatle mandara-o Cortez negociar a paz com os Astecas, que sitiavem os assassinos no palacio de Axacaiatle. Mas esse altivo Americano, como sentiu no peito o fogo da patria, bendisse a ignorancia do capitão hespanhol, e ganhou a frente da insurreição.

Votava odio de morte aos filhos do Sol, destruidores crueis da nação mexicana, e com a resolução firme de guerrear até a morte os salteadores do Toxecatle, os ferozes matadores de Gualpopoca e de Cacama, tomou sobre si a fortificação da cidade, ordenou a reconstrucção de alguns quarteirões arruinados pela artilharia, e convidou os povos visinhos a se unirem contra o inimigo commum, que não tardaria a entrar de novo o valle de Anauaque.

Mui nobre era o intento do novo rei, e oxalá o tivessem provado os arrogantes Castelhanos! Mas ah! Não quiz Tupan conceder a Cuitlanatle a gloria de morrer pela patria.

Aconteceu nesse tempo calamitoso que a virgem terra da America, que até então se achara isenta das molestias

terriveis do velho continente, se viu de repente flagellada pela bexiga, que os Hespanhoes trouxeram para Cuba e de Cuba ao Mexico. A devastação foi horrivel nas plagas de Anauaque, e no numero das victimas se foi a grande alma do Cuitlanatle.

Seis mezes havia já que os filhos do Sol tinham sido expulsos de Tenuxetitlan, e attrahido pelos thesouros de Montezuma voltava Cortez de Vera Cruz á frente de um exercito consideravel de alliados indigenas.

Como soube ser morto Cuitlanatle, regosijou-se o malvado, porque cuidava lhe seria cousa facil tomar a cidade e espolial-a. Mas a providencia não desemparou desta vez a Tenuxetitlan, sinão que deu-lhe o braço forte de Guatimozim para com elle castigar o estrangeiro inhumano.

Era Guatimozim sobrinho de Montezuma, e antes da invasão hespanhola guiara muitas vezes á victoria os exercitos astecas: avançou triumphante até as fronteiras de Guatemala e de Incatan, e conquistou pelas armas varias cidades e praças fortes. Seu pai, o valente Anitzotle governara Tenuxetitlan antes de Montezuma,

Nascera Guautemoque (assim se chamava de principio) com o seculo XVI, ao que se crê, e em 1520 teria apenas dezenove annos. Bem moço ainda se assignalara no officio das armas subjugando por derradeiro os Mistecas e os Zapotecas, dois povos poderosos.

Era bello ver nessa edade tão denodado guerreiro! Tanto mais quanto escasseiam os Guatemozins na historia das nações.

Morto Cuitlanatle, lhe puzeram na cabeça a corôa da realeza mexicana, e com fogos e tambores celebrou-se em Tenuxetitlan a ascenção do novo rei.

Tanto que foi coroado volveu Guatemozim ao seu palacio, e cheio de fervor patriotico discursou aos nobres astecas animando-os á guerra: com vehemencia os concitava a pelejar contra o feroz Castelhano por salvar a nação e os deuses: fez que todos jurassem fidelidade á sua causa, e terminou por imitar do grande Tentle a gloria de morrer combatendo em defeza da patria, da religião e da coroa.

Mandou continuar as batalhas de Cuitanatle, pois queria pôr sua capital em pé de resistencia: e para realizar o seu grandioso plano de defeza, mandou embaixadores ás nações visinhas, ainda as mais inimigas do nome mexicano, convidando-as a formarem todas uma confederação respeitavel para destruir os terriveis filhos do Sol que dizendo-se libertadores de umas, vingadores de outras e alliados de muitas, acabariam de feito por se tornar tyrannos de todas.

Foi esta a primeira vez, que o desespero suggeriu no continente americano a idéa de uma confederação de muitos povos para tomarem vingança do truculento Europeu.

Grandioso em verdade era o plano, mas não logrou o heroe vel-o acabado: a altiva republica de Tlascala, a pri-

meira que se viu nas terras da America, e outras nações limitrophes do imperio, votavam odio irreconciliavel á poderosa nação asteca, e insensatas, começando umas por negar-se a alliança de Guatimozim, vieram todas a cahir finalmente nas garras da Iberia, que as lacerou.

A Tubaco Amarú occorreu o mesmo plano de Xocequiran, quando meditou chamar ás armas os Cataris e sublevar toda a America do Sul para livrar a sua patria da geração sanguinaria dos Pizarros. E com effeito abalou por um momento o poderio hespanhol em todas as Indias Occidentaes.

Egual idéa tiveram os Anacés e outros povos do Ceará, quando em 1713 tentaram o derradeiro esforço para libertar-se da oppressão portugueza, que os acabava. Nem falo aqui da celebre confederação dos Tamoios, cantada por Magalhães, e tão conhecida entre nós.

Mas só ao grande Bolivar foi dado ver a realização de tão sublime intento: aos opressores de sua patria dizia elle ainda em 1820: « Si nos forçais á guerra eu juro que os nossos projectos abraçarão toda a America! ». Disse, e com effeito arrancou do jugo hespanhol quatro nações americanas: a Colombia, sua patria, a Venezuela, o Equador e a Bolivia assim chamada de seu nome: Em teu coração americano, guarda tambem os nomes de Amarú e Bolivar.

Quando Cortez approximou-se de Tenuxetitlan com seis mil Hespanhoes e mais cento e cincoenta mil Americanos, Guatimozim se achava reduzido as suas proprias forças: Tangaxoan, que lhe promettera um soccorro de duzentos mil homens o desamparou na hora do infortunio.

Conanacoxe e Tetlopan, reis de Tescuco e de Tlacopan, se tinham já recolhido em Tenuxetitlan, onde combinados com Guatimozim cuidaram deligentemente de preparar a obra da resistencia reunindo soldados e viveres, porque o cerco era eminente.

Valeu-se Cortez da ocasião e acclamou rei de Tescuco Ixetlixoxitle, em lugar de seu irmão Cananacoxe, Ixetlilxoxitle, alliado poderoso dos Castelhanos, chamou as armas os Tescucanos, e mais duzentos mil homens se puzeram logo ás ordens de Cortez.

Por esse tempo lhe tinham os indigenas aprestado treze bergantins, que mandou lançar ao lago para assegurar-se da cidade por agua.

Tenuxetitlan se communicava ainda com Istampalan, Cuiocan e Tlacopan, cidades que assentavam no cabo das tres grandes calçadas.

Cortez dividiu o exercito em tres corpos, e a cada um mandou que occupasse uma dessas cidades afim de tirar aos Mexicanos todo o recurso da terra firme, o que se conseguiu a poder de muita crueldade, sendo destruida Istacpalapan, antiga residencia de Cuitanatle.

Apparelhada assim a milicia, fez o Castelhano propostas de paz a Guatimozim promettendo conservar-lhe a coroa, se

consentisse em reconhecer-se vassallo de Carlos V, então soberano da Hespanha. Repelliu Guatimozim com altivez as propostas do estrangeiro insolente, que se inculcava dono da sua coroa, não julgando digno de rei asteca reconhecer nas terras onde nasce o Sol, outro senhor, que dominasse Tenuxetitlan, a cidade dos seus maiores.

Moveu-se pois a soldadesca, e foi posta a cerco a Tenuxetitlan.

Eram para mais de trezentos mil homens, na maioria indigenas subjugados e feitos traidores. sob as ordens de Cortez, exercito poderosissimo, qual nunca mais se viu nas terras da America: compunha-se de Tescucanos, Tlascaltecas, Otomis, Totonaques, Zempoalecas, que se lhe tinham alliado desde o principio, sem contar alguns milhares de tlamines ou carregadores, que lhe fornecera Ixetlilxoxitle para puxarem a artilharia e conduzirem as bagagens.

Taes eram então as forças, que mandava Cortez, predominando nellas sobremodo o elemento indigena; o que entretanto não é de estranhar muito, pois bem sabido é que sahiam de vencida os Europeus, sempre que se apresentavam nas plagas do Novo Mundo sem alliados; haja vista a morte exemplar que infligiu Cauanaba, cacique de Aetí, aos scelerados hespanhoes trazidos por Colombo, para castigar-lhes a rapacidade infame, que pela primeira vez praticaram nessas paragens da America.

Pequeno era relativamente o contingente Castelhano; e dos indigenas se formava sempre a vanguarda do exercito em acção para poupar os filhos do Sol; sempre elles se arriscavam nas emprezas mais arduas, ao passo que o estrondo formidavel da artilharia de conjunto com a adestrada cavallaria, que os naturaes olhavam como a monstros ferozes, inspirava pela novidade grande terror ao inimigo. Aos Hespanhoes porêm cabe a culpa desse crime horrendo, que os historiadores chamam conquista do Mexico, porque sequiosos de ouro e de sangue só buscavam estes barbaros alliciar os habitantes do Novo Mundo para satisfazer á sua propria rapacidade e hedionda cubiça.

Entretanto é para lastimar que ainda hoje os filhos da Europa se arroguem estultamente as *glorias* de tal conquista, o que vale dizer da matança de cinco ou seis milhões de Mexicanos, que sacrificaram pelo muito amor das riquezas do Mexico.

E assim cumpriam elles hipocritamente a palavra santa de Christo!

Contrista-me agora dizer: Tenuxetitlan, o baluarte mais forte da potencia americana, ia ser destruida pelas forças da mesma America! Aqui começa a mostrar-se a insensatez desses povos, que só mais tarde cahiram na conta do erro que faziam, quando a voz da patria opprimida os chamou

no desespero; e tiveram de guerrear então sem alliados aquelles mesmos salteadores do Toxecatle, os matadores de Gualpopoca, os terriveis filhos do Sol.

II

Persuadido Cortez que ainda fosse possivel negociar a paz, lembrou fazer novas propostas a Guatimozim: o capitão hespanhol se enganava cuidando achar na America os habitos da Europa, mas Ixetlilxoxitle conhecedor do caracter mexicano lhe assegurou que mais facil era render a cidade pelas armas do que alcançal-a pela paz, e mais facil ainda destruil-a que rendel-a,

Tenuxetitlan era sumptuosa e bella: pelos contemporaneos foi reputada superior a Granada, e fazia com razão o orgulho do Anauaque: tornou-se famosa entre as nações do mundo, e nos «Lusiadas» apparece com o nome de Temistitão.

Comtudo foi tomado o ultimo alvitre de Ixetlilxoxitle, e logo se viu occupado o palacio de Axacaiatle, que hospedára primeiramente os ingratos Castelhanos: seguiu-se-lhe o de Totocalco, onde se achavam as grandes collecções de animaes vivos, e dentro em breve tempo quarteirões inteiros se tornaram em ruinas.

Os Hespanhoes pelejavam com denodo, porque viam segura a pilhagem, mas os sitiados resistiam com desespero, e combatiam com furia: enormes vacuos deixava a artilharia no corpo dos seus exercitos, mas promptamente os enchiam soltando gritos medonhos e levantando aos ares punhados de terra para encobrir o estrago das balas.

Guatimozim com seu valor inexcedivel os animava a defenderem palmo a palmo o solo da patria, pois não era para o filho do bellicoso Anitzotle entregar sua capital ao inimigo sem primeiro luctar a porfia embora dentro de suas mesmas ruinas.

Em maio de 1521 romperam contra a cidade os treze bergantins, mas subito appareceram nas aguas as cinco mil canoas do Mexico. Renhida foi a pugna, a primeira batalha naval que deram os filhos do Sol nas aguas do continente, e para logo tingiu-se o lago do sangue vermelho dos Astecas.

Assentou Cortez mais perto da cidade os seus quarteis, e depois de perigoso assalto foi saqueado o grande templo. Com a nova destas vantagens, vinte mil guerreiros das visinhanças de Tenuxetitlan, vieram engrossar as fileiras de Cortez.

Valeu-se o Castelhano das circumstancias, e chamou os seus a conselho para se resolver, quanto antes, um ataque geral.

Patriotas ardentes, até essas batalhas saguinolentas, que pelejavam continuamente sobre os destroços de Tenuxetitlan,

as desenhavam os sitiados nos celebres lenços mexicanos, que destribuiam entre os seus. Vexavam os Castelhanos, quando apanhavam esses lenços, porque nelles viam pintado o profundo amor da patria, que excitava a guerra de morte aquelle povo heroico.

Cortaram os malvados o grande aqueducto de Montezuma, que abastecia a cidade das aguas vivas de Xapultepeque, para render pela sêde os sitiados, e occupando as calçadas apertavam cada vez mais o cêrco.

Tão crueis medidas excitaram o desespero nos corações mexicanos. E foi que resolvendo os Castelhanos dar cabo á destruição com um assalto geral avançaram contra os sitiados por uma das calçadas. E este querendo illudir o inimigo ás vezes paravam, como para sustentar o combate, algumas davam de falsa marcha, só para serem perseguidos: mas assim que os salteadores passaram a parte mais estreita da calçada, os Mexicanos fizeram volta-cara, e cahiram com impeto sobre o inimigo.

A manobra asteca sortiu pleno effeito.

O teponastli reboou no cimo de teocali chamando ás armas os guerreiros de Guantemoque, os defensores da nação mexicana, e tão agudo era o som desse tambor que se ouvia a trez leguas em roda. Mil trombetas atroaram no mesmo tempo annunciando a victoria, ao passo que o inimigo em debandada era tenazmente perseguido.

O sagrado teponastli infundiu nos corações astecas nobre furor: e os avarentos Castelhanos arrancados á presa cubiçada vociferavam contra os ferozes guerreiros de Guantemoque, maldizendo o tambor infernal, que os concitava á guerra de morte. A musica influe por modo estranho no animo do homem, principalmente quando ao grandioso da arte reune a idéa da patria: que Brazileiro haverá por ventura que não estremeça de puro enthusiasmo brazilico ouvindo tocar o nosso hymno nacional, essa extraordinaria creação de Francisco Manuel? Assim o Asteca.

Foi grande a confusão nos de Cortez, e maior a perda: muitos Hespanhoes morreram afogados no lago, outros foram sacrificados: com o choque medonho tornou-se impotente a artilharia; canhões, cavallos, grande copia de munições e de armas cahiram em poder dos vencedores.

Cortez viu-se prisioneiro dos Mexicanos, que o arrastavam ao sacrificio, mas foi libertado pelos seus, e arrojando-se á agua com seu cavallo para atravessar um canal, ia ser degolado por um Mexicano, quando foi defendido por Ixetlilxoxitle. Aterrado e vencido não tardou a tocar retirada, e ai delle e de todos os seus si por mais tempo se houvessem demorado!

Ao rouco som do teponastli irrompem guerreiros de todos os cantos da terra: guerreiros feridos, semi-mortos, surgem inopinadamente nos terraços, nos teocalis, até nos juncos do lago!

Acudiram pressurosos os defensores de Tenuxetitlan á voz da patria angustiada. Dir-se-ia que tocava a trombeta do Jehová chamando os mortaes a juizo no valle sagrado de Josafá!

O' como não seria grande e bello esse commovente espectaculo, esse rasgo extremo de patriotismo tão sublimado entre as nações!

Com oito dias de festas celebrou-se em Tenuxetitlan a victoria. Accendeu-se nos peitos mexicanos o ardor guerreiro, espalhou-se pelas gentes vizinhas que o deus Vitzilipuxetli pronunciara um oraculo, dizia este que dentro em oito dias estariam destruidos ou exterminados do Anauaque todos os filhos do Sol, até o derradeiro.

Amedrontaram-se com a profecia os alliados de Cortez vindo muitos a deixal-o. E os povos mais propinquos buscavam pressurosos a alliança de Guatimozim, porque grande era já o descredito em que haviam cahido os Castelhanos.

Mas o esperto Cortez para cobrar de novo a confiança dos auxiliares perdidos, muito de proposito suspendeu de todo as hostilidades por aquelles oito dias, e só depois tomou a offensiva.

E assim aconteceu que outra vez se viu o heroe desamparado dos seus; mas ainda que ajudado de mui poucos perseverou Guatimozim no proposito de libertar a sua patria daquelles estrangeiros ferozes.

O assalto recomeçou com vigor, e a fome e a sêde entraram a fazer estragos nos defensores leaes de Tenuxetitlan. Apoz sangrenta batalha pisaram os Castelhanos o grande tianquiz de Tlatilulco, a famsa e rica feira mexicana, e já gritando victoria bradavam na furia da pilhagem: *El Tlatilulco, el Tlatilulco! el oro, el oro!*

De Mexico, a esplendida rainha do Anauaque, que no tempo de Autizotle vira dentro de seus muros alguns milhões de peregrinos, que concorriam a suas festas, restava já a oitava parte apenas: tudo mais eram ruinas accumuladas pela artilharia hespanhola, e calcadas pelos cavalos de Andaluzia.

A Tlatilulco succediam-se outros bairros, e por toda parte dominava a desolação.

A mesma natureza americana, essa natureza majestoza e incomparavel, que tanto assombro causara aos Castelhanos ao pisarem a virgem terra do Mexico, era tambem affligida dos inhumanos filhos do Sol.

A formosa Istacpalapan, outr'ora residencia deliciosa de Cuitanatle, situada metade em terra, metade sobre as limpidas aguas do lago com seus floridos jardins e suas virentes campinas, estava já tão rasa como a mesma terra! Da memoria de seus filhos se apagara até a lembrança do seu antigo sitio, e com lagrimas o buscavam vãmente num montão de ruinas, porque atraz da rasoura castelhana só ficava pranto e desespero.

A estradas reaes do Mexico com suas margens plantadas de arvores fructiferas, que davam refrigerio e sombra ao caminhante exhausto e gostoso alimento aos mendigos de Anauaque, eram como desertos horriveis, mas cobertos de cadaveres, que os urubús famintos dispensavam de sepultura.

III

Cada vez mais recrudesciam o ataque e a destruição pensando Cortez com isto render os sitiados, mas estes resistindo sempre se iam alli sepultando com seus magnificos palacios.

Só noite entrada cessava por um pouco o rumor bellico. Mas não cessavam no Mexico os horrores daquelle cerco maldicto: Tenuxetitlan jazia armagurada porque via os seus defensores queridos padecendo fome e sêde.

Nas ruas e nas praças desertas juncadas de cadaveres, que exhalavão um cheiro pestilento, ouvia-se de quando em quando o tropel de soldados em carreira: era um bando feroz de malfeitores, que favorecidos pela escuridade haviam deixado o quartel, buscando satisfazer naquelles destroços miserandos a cubiça do animo e da carne, e invadindo de sobresalto as habitações, achavam pasto nos despojos ensanguentados dos que trucidavam. Confundiam-se então gemidos de feridos e moribundos, lamentos de velhos e mulheres, prantear de crianças e soluços de donzellas.

Counacoxe e outros bravos mexicanos cahiram em poder de Ixetlixoxitle, o Tescucano desleal, o irmão infiel.

Para cumulo de miseria haviam cortado os aqueductos, e só da agua salgada do lago podiam beber os sitiados. Era impossivel a entrada de viveres, e a fome reduzia emfim esses desgraçados que já nem podiam bem suster as armas.

Aqui corpos nús e macilentos, eram encontrados mordendo nocivas raizes, alli a agua infecta dos canaes entupidos com os cadaveres dos vencidos apressava a morte a muitos, acolá mães em faminto desespero tiravam alimentos de seus proprios filhos, emquanto as mulheres devoravam as carnes de seus maridos mortos das feridas, que houveram na lucta.

Ficarão os leitores de certo horrorizados com a descripção de tantas miserias, mas não é meu intento occultar aqui a verdade para dar sómente á leitura aquelles casos, que reflectem o amor da patria e o heroismo de um povo, senão tambem mostrar as miserias de Tenuxetitlan, porque reflectem de egual modo a crueldade e ferocidade dos cubiçosos filhos de Hespanha, tão indignos portadores do nome de Christo. E bom é que deste malvado proceder se horrorizem os homens pois que reprovando-o na mente fugirão de imital-o nos actos.

Como occuparam o triangulo de Tlatilulco, assentaram os Hespanhoes definitivamente os seus quarteis dentro da cidade. Houve então um dia de treguas, porque esperava

Cortez que lhe viessem pedir a paz: tão lastimavel era o estado dos sitiados!

Os nobres astecas cuidadosos da pessoa de seu rei se retiraram com Guatimozim para um pequeno districto da cidade na face das aguas, o qual fortificaram com palliçadas e fossos. Todos os seus ministros e militares alli se reuniram.

Guatimozim orava de vez em quando ao grande Tentle, e em fervorosa prece lhe rogava mandasse ajuda á sua patria querida: amarguravam-lhe a vida as miserias de Tenuxetitlan, e em seu recolhimento perguntava quando chegaria o dia derradeiro para os seus crueis oppressores.

Os castelhanos indo reconhecer as paragens desamparadas na vespera pelos Mexicanos, chegaram á vista fortificações de Guatimozim.

Apparecia na linha dos terraços grande numero de Mexicanos, que de semblante alegre se mostravam aos Hespanhoes, como quem nada soffria, e atirava ao povo pedaços de pão de *mais*, fazendo suppor que não lhes faltava mantimentos.

Esses heroicos Astecas estavam extenuados pelas fadigas da guerra e pela fome que padeciam, mas só pelo muito amor que tinham á patria faziam tão duro sacrificio, não querendo que jamais cuidassem os filhos do Sol que faltava aos Mexicanos o valor para defender a sua patria.

Cortez, porém, estava inteirado de todos os horrores do cerco. Commovido talvez pelo excesso de miseria a que condemnara trezentos mil homens, que tantos eram os habitantes da cidade, resolveu ainda uma vez repetir as propostas de paz a Guatimozim. Mas este respondeu com altivez que jámais acceitaria a paz sinão com a independencia, e que para lembrar a cubiça dos Castelhanos mandaria lançar ao longe os thesouros pelos poucos soldados que lhe assistiam preferindo sepultar-se com estes sob os entulhos de sua capital a despresar os preceitos de seus maiores, entregando Tenuxetitlan ao inimigo.

Entretanto ia minguando consideravelmente dia por dia a população mexicana exhausta pela fome e pelos estragos de guerra. Por aquelles despiedados sitiantes estavam já contados os dias de Tenuxetitlan.

Comprehendendo quanto escasseavam os meios de defesa chamou Guatimozim a conselho os sacerdotes. Estes que eram os adeptos mais fervorosos da resolução heroica de seu rei, tendo consultado os livros sagrados, recorreram ao arco de Vitzilipuxetli, ao qual attribuiam poder sobrenatural, e o confiaram ao guerreiro mais valente dentre os seus na defensão do bairro de Amaxaque atacado então por Cortez.

Mas, ah! que milagre poderia obrar aquelle falso deus? O bravo guerreiro manejou com destreza o arco sagrado, mas não lhe valeu sua bravura nenhum auxilio divino, e nessa batalha cruenta viram os Mexicanos frustada a sua derradeira esperança; quinze mil Astecas foram as victimas contadas na matança de Amaxaque.

Possuidos de profundo desanimo com este sucesso, assentaram os sacerdotes de concerto com os nobres e os anciãos em que se achavam desamparados de seus deuses, pelo que seria em vão qualquer tentativa mais. Concordaram pois em represental-o a Guatimozim, e entre o receio e a dor se dirigiram ao rei, e com os olhos rasos de lagrimas lhe supplicaram resignasse a defesa da cidade, por julgarem-na de todo ponto inutil.

Persistiu o heroe; mas contristado pela fome, e conhecendo finalmente que dentro em pouco tempo veria destruido o seu ultimo reducto em Tenuxetitlan e com elle o poder mexicano, meditou um plano de prolongar a defesa do patria.

Consentiu se pedisse ao capitão hespanhol uma entrevista na qual se deveria tratar da paz, mas longe de pensar comparecer a ella, Guatimozim tinha para si que aproveitando-se desses dias de treguas em que contava Cortez entrar em negociações, poderia retirar-se da cidade ganhando a margem do lago, e reunir em torno a si os ultimos defensores de Tenuxetitlan e mais alguns vassallos leaes n'uma provincia distante, onde haveriam de topar rosistencia os formidaveis filhos do Sol.

A paragem designada para a entrevista foi o sitio do theatro na grande praça de Tlatilulco.

Cortez, desejoso da paz, acreditou que a desejassem mais ainda os sitiados, e pois determinou algumas prevenções de apparato para receber condignamente Guatimozim, e com um lauto banquete esperava satisfeito matar a fome e a altivez do seu poderoso rival.

No dia seguinte á hora marcada appareceram naquelle sitio uns mensageiros astecas dizendo que o rei viria no outro dia, e assim foi-se ainda outras vezes dilatando o prazo até que o quarto dia chegou ao Tlaltilulco o ciuacoatle (era um magistrado de primeira ordem) e falou da parte dos Mexicanos, dizendo: «Que Guatimozim saberia morrer, mas tratar não viria». E dirigindo-se a Cortez continuou: «Fazei agora o que quizeres».

Envergonhou-se Cortez do engano em que cahira e dissimulando o seu despeito respondeu-lhe em tom de colera: «Vae e dize a teus amigos que se preparem, pois vão morrer.

Decidiu-se então a dar o ultimo assalto aos restos da soberba Tenuxetitlan: a soldadesca aprestou-se.

Mas Tenuxetitlan ainda era bella nas suas ruinas e ainda era perfumado o jardim dos Astecas: o Castelhano amava as suas delicias. Queria Cortez engrandecer a sua conquista aos olhos de Carlos V, e desejava deleitar um dia o rei da Hespanha chamando-o a gosar as delicias desse paraiso. Sabia que Tenuxetitlan era opulenta, e receiava lhe escapassem os seus thesouros, si a destruisse de todo.

Antes, pois, de começar a lucta suprema de destruição e morticinio, quiz tambem tentar as ultimas vias pacificas; para o que subiu ao terraço mais elevado do bairro

de Amoxaque, onde tinha então o quartel, e dirigiu-se por meio de interprete a alguns nobres mexicanos, que conhecia, pedindo-lhes que intercedessem por elle deante do rei no sentido de negociar-se a paz : sinão que passaria á espada toda a população mexicana. Assim rogava hypocritamente pela paz o malvado que trouxera a guerra!

Entretanto apezar das ameaças não foi possivel chegar a um acôrdo, porque Guatimozim permanecia inflexivel em seu proposito de renovar a guerra aos filhos do Sol.

Mal dera Cortez o signal do assalto geral, seus soldados, ainda não saciados de ouro nem de sangue, arremetteram com violencia contra o bairro em que se concentrara a resistencia. Os heroicos Astecas, acabados pela fome e pela peste, foram vencidos pela miseria primeiro que o fossem pelo exercito alliado : o seu braço valente já não podia suster a lança mexicana.

Mas ainda assim os inexoroveis filhos da Iberia, esses indignos christãos, trucidaram cincoenta mil delles, e exerceram sobre esses corpos semi-mortos, conta um historiador indigena, os supplicios mais barbaros, a ferocidade mais atroz, que jamais se vira no Anauaque, e que longe estiveram de sonhar os Tecpanecas sob a dominação cruenta do tyranno Tazozomoque.

Emquanto durava em terra o horror e a mortandade, os bergantins avançavam com a artilharia em direitura ao porto interior da cidade, onde viram os Castelhanos grande numero de canôas, nas quaes se embarcavam acceleradamente os Mexicanos.

Moveram-se porêm sem demora as canôas astecas em demanda dos bergantins, e com grande impeto se achegavam apezar das balas frequentes que disparava a destruidora artilharia.

Eram essas canôas occupadas pelos nobres e pelos principaes guerreiros de Tenuxetitlan, os quaes tinham resolvido empregar o derrâdeiro esforço por entreter em combate renhido os bergantins, afim de facilitar a sahida ao seu rei.

Assim dispuzeram-se estes fervorosos patriotas a gastar o seu ultimo alento neste prelio só por salvar das mãos dos filhos do Sol ao seu querido Guatimozim, em quem todos viam a salvação da patria.

Supplicio de Guatimozim

I

Entre as canôas de Mexico e os bergantins de Cortez empenhara-se atroz combate nas aguas do lago.

Graças a confusão que então reinava, conseguiu Guatimozim partir da cidade com a rainha e mais alguns nobres

astecas: levava comsigo o rei Tetlepan e a esposa do infeliz Cuitanotle. Os remadores do barco real eram homens escolhidos e diligenciavam pôr a salvo a preciosa carga que nelles confiava. Iam todos em silencio, e Guatimozim rogava em sua alma ao grande Tentle pela defeza de sua patria entregue á impiedade dos filhos do Sol.

Cortez foi entretanto informado dos projectos do rei, e despachou logo um bergantim com ordem de capturar todas as canôas, que fugiam, no intento de aprisionar o soberano asteca.

Com effeito Holguim (era o commandante do bergantim) não tardou muito a alcançal-o. O barco real parecia voar sobre as aguas e prestes a attingir a margem do lago, quando o Hespanhol chegou a divisal-o. Holguim, como quem via naquelle ponto longinquo irem a sumir-se os prodigiosos thesouros de Montezuma, tão encarecidos já entre os homens brancos, á custa de um esforço grande, conseguiu vencer, num momento, meia distancia, quanto necessitava para assertar uma peça.

A artilharia, essa arma maldicta que já derrubara pelos fundamentos a grã cidade de Tenuxe. e fizera rentes com a terra os excelsos teocalis de seus deuses, foi tambem necessaria para atalhar o passo ao heroe: inglorio artificio, que bem deixa ver a fraqueza dos que tornou valentes!

De repente ouviu-se um estampido até os reconcavos do lago, e a agua bonançosa borbulhou junto ao regio batel: os canoeiros em extremo cuidosos da vida de seu rei suspenderam instinctivamente os remos e emquanto reflectiam no que arriscavam estando parados, eis que o bergantim se approxima.

Vendo então a eminencia do perigo os nobres, que acompanharam Guatimozim, apresentaram as armas e ficaram quedos: o joven rei apertou na mão as suas, e teve impetos de defender-se: mas reprimiu para logo aquelle rebate da alma por considerar um momento na esposa, e esperou resoluto, confiado na generosidade hespanhola, que em verdade merecera.

Neste instante o bergantim aprôa o barco.

Guatimozim sem se perturbar adiantou-se logo aos seus e subiu primeiro ao bergantim: deu depois a mão á rainha, e dirigindo-se ao Hespanhol lhe falou assim: «Eu sou o imperador Quantemoque, a quem a sorte trahiu: a ti me entrego, e só te peço que trates com decoro a imperatriz e poupes meus subditos», tal era o amor que tinha á esposa e aos fieis vassallos.

Pareceu Holguim cuidadoso das outras canôas dos nobres, o que percebendo Guatimozim continuou com ar sereno: «Não tens que pensar nesta gente do meu sequito, porque todos virão a morrer onde acabar seu principe». E como lhes deu signal baixaram logo as armas.

Ufano em ver entregar-se deste geito o rei dos Astecas,

a alma da resistencia mexicana, não cuidou Holguim sinão em apresentar quanto antes a Cortez aquelle valioso penhor, que devera assegurar-lhe maior quinhão nos opulentos despojos de Tenuxetitlan. O bergantim singrou depressa na direcção do bairro de Amaxaque.

Ao chegar-se á tenda de Cortez trazia ainda Guatimozim a majestade no semblante, comquanto tivesse o coração maguado pelo infortunio e o manto real salpicado de sangue e de lama. derradeira lembrança do porfiado combater: na côr do rosto bem lhe assentava a gravidade americana.

Não se cuide porêm que esse bravo era branco, elle tinha a côr dos nossos caboclos, a mesma de nossos antepassados tupis. Ah! vaidade, que fizeste? Os homens da Europa, como destruiram a raça americana e a africana, quizeram julgar da capacidade humana pela côr dos individuos! Disseram na cegueira do seu orgulho que a raça branca era privilegiada, e que as outras eram raças inferiores...

Mas por Deus, Tupan não foi injusto com seus filhos.

Desprezador dos povos que opprimiam até á morte, os filhos da Europa fecharam os olhos para não enxergar a grandeza da civilização americana, que destruiram de modo vil e odioso com a força unica de sua ferocidade: mas a verdade é que a raça branca nunca produziu um homem tão grande como Guatimozim, bem poucos talvez, como Tussano, imperador de Aiti. Aquelle espantou com seu heroismo os tigres da Iberia, este refreou na America a ambição napoleonica: um caboclo, outro negro.

Si em verdade sois privilegiados, netos de Jafé porque o não mostrastes na Araucania? ou porque demoraes ainda a conquista do Daomei?

A côr baça ou negra não denota inferioridade, a cultura intellectual é que pode distinguir o homem. A falsidade europea se desmente com a historia dos Astecas. Volvamos pois ao nosso heroe americano.

Appareceu deante de Cortez com a dignidade de um rei asteca, nem havia porque se humilhasse.

Inclinando-se para o castelhano chegou a mão perto do chão, e levando-a depois aos labios saudou o estrangeiro, filho do Sol, e com uma voz pausada, que significava a dôr profunda de sua alma, lhe falou assim: «Capitão, empreguei todos os meus esforços para defender meu imperio e impedir que cahisse em tuas mãos, mas visto que a fortuna me foi adversa, tira-me já a vida com esse punhal que tens ao lado, prisioneiros como eu, sempre são embaraçosos ao vencedor: porás assim um termo á dynastia mexicana depois de ter arruinado minha capital e trucidado meus vassallos. E eu irei gosar do repouso junto aos meus deuses.»

Cortez ouviu commovido essas palavras repassadas de sentimento e de amargura, e não tanto por consolal-o no momento do infortunio, sinão tambem por mostrar-se digno de tão egregio captivo, respondeu-lhe: «Não temais nada;

sois prisioneiro de um monarcha generoso, que certamente vos restituirá a corôa, que defendeste como um bravo. Um hespanhol sabe respeitar o valor do inimigo vencido.»

Oxalá fossem um dia cumpridas tão nobres promessas! Mas ah! Os chamados conquistadores da America eram de ordinario homens ambiciosos e pequenos, só mostravam coragem e perseverança para fins pouco nobres: derramaram sem piedade nas ruas da Coxamalca o sangue de trinta mil Peruanos inermes, saquearam de sobresalto os ricos teocalis do Mexico, ou levaram duzentos annos sem cessar padecendo grandes fadigas nas matas da Amazonia, pois cubiçavam os thesouros de Manoa, o fabuloso Eldorado!

Cortez jámais pudera provar magnanimidade áquelle que ainda como prisioneiro o inquietava com seu poder: o ouro de Guatimozim valeu-lhe o tormento, e a constancia do heroe na adversidade, a morte inhumana da estrangulação, attentados que macularam para sempre a fama do Medelino.

Longanime Guatimozim, malaventurado senhor dos cubiçados thesouros de Tenuxetitlan, o ouro de todo o teu imperio com o sangue de varios milhões dos teus subditos não saciaram a ambição de um conquistador, tua vida tambem foi sacrificada nas áras da Iberia á barbara avareza dos filhos do Sol! Mas sabe lá, onde quer que estejas que teu nome durará eternamente com gloria na memoria do povo americano, porque cansado já de soffrer, desde o principio, os algozes do Oriente, costumou-se por ultimo a honrar seus heroes para mitigar assim a dor cruciante de tres seculos.

Foram-se os Lascasas dos primeiros tempos, mas não morreu com elles a justiça para os Americanos. Tupan fará que ella volte já, em favor dos seus filhos, porque o tempo chegou.

II

Guatimozim cahiu finalmente em poder dos filhos do Sol.

Entretanto os Mexicanos á sorte de seu rei, gastavam ainda o ultimo alento numa lucta renhida, que os occupava sem cessar. Parece incrivel que esses corpos já consumidos em extremo pelas muitas e infandas miserias do cerco, pudessem ainda sustentar tão desesperada resistencia, attenta a inferioridade da armadura, que nos homens do povo não passava do arco e da flecha, uma lança de haste comprida com a ponta embutida de *ebsidiena* e uns ligeiros calções que lhes davam pela cintura; só aos capitães permittia a milicia mexicana o uso do escudo como arma defensiva.

Tambem não era uso entre os Americanos deixar seus mortos no campo de batalha: grande numero de soldados se occupava sómente em removel-o com toda presteza e cuidado aos feridos. E acontecia muita vez que por este exercicio de piedade se atrazavam na peleja aos Castelhanos, porque estes sem abrir mão das armas calcavam seus irmãos aos cascos dos ginetes.

Aos seus generaes que iam morrendo já não prestavam os Mexicanos as ultimas honras, porque os teponas os chamavam incessantemente ás armas: com dor amontoavam em grandes pateos os cadaveres de seus bravos, aguardando o momento de celebrar seus funeraes.

Mas a guerra não cessava, e alli o corpo obedecia á voz, de animo ingente, tal como no duro cerco de Cartago, onde as mulheres cediam suas joias e seus cabellos para o fabrico das armas com que resistir aos soldados de Scipião, aqui esses extrenuos defensores da patria mexicana contavam as horas de somno do exercito alliado, e durante esse tempo mais que precioso empregavam-se com afinco, homens, mulheres, velhos e meninos, em tapar as brechas, que lhes abrira nos muros a artilharia hespanhola, e cavar novos fossos em que sepultar os ferozes cavallos.

Si bem que alquebrados de forças e reduzidos a um pequeno numero, não lhes faltava coragem para continuar até a morte. Foi preciso que Guatimozim subisse a um terraço visinho, do alto do qual lhes falou ordenando que depuzessem as armas, visto não mais necessitarem de combater, pois se achava prisioneiro.

Os Mexicanos obedeceram promptamente, mais por sentimento que por gosto, os poucos nobres, que escaparam ao ferro hespanhol, e os cabos mais esforçados foram ter com elle.

Dada a ultima ordem aos fieis vassallos do rei Guantimoque, pediu este a Cortez que mandasse pôr termo á matança e á pilhagem á que se entregava a soldadesca infrene. Era verdadeiramente digna de um rei asteca essa amorosa solicitude, que mostrava com seus leaes Mexicanos.

Foi então que se levantou o cerco do Mexico, e se desimpediram as sahidas: por tres dias consecutivos desfilaram vagarosamente pelas estradas desertas os habitantes de Tenuxetitlan tão extenuados que mal podiam atravessar os canaes, chegando a perecer muitos delles só com o impulso dos acales, quando não era ao ferro desapiedado do inimigo.

Eram apenas em numero de sessenta mil os que surgiram dos restos infectos da rainha do Anauaque, que por fim haviam resistido, não só á formidavel cavallaria e á artilharia hespanhola, como tambem aos duzentos mil infantes de Ixetlixoxitle e mais alliados. Mas nem todos houveram a liberdade em paga do derradeiro esforço, e attento o seu estado de extrema fraqueza; sinão que a muitos milhares mandou Cortez deter, forçando-os depois a desentulharem a mesma sepultura das victimas astecas.

O Hespanhol cuidava em levantar de suas ruinas a esplendida côrte de Montezuma, pois tão grande impressão lhe causara desde que pizando a longa calçada oriental do Mexico avistou sobre as aguas a soberba Tenuxetitlan, cujos altos teocalis, assim que de longe os divisou, lhe lembraram com saudade os minaretes de Cordova e de Granada.

Depois desse infando sitio de oitenta dias restava da grande cidade, quando muito, a decima parte: e esta foi toda a terra do Mexico, cuja soberania concedeu Cortez em nome a Guatimozim, dando a entender que dentro em breve queria ver a cidade povoada...

Tal foi a satisfação da solenne promessa que contrahira para com o heroico soldado mexicano de restituir-lhe a corôa do imperio, que soubera defender como um bravo!

Entretanto, a constancia de Guatimozim o inquietava sobremaneira, e desde então o demolidor de Tenuxetitlan começou a revolver na mente seus planos de iniquidade contra aquelle que tinha feito prisioneiro, mas que nunca pudera vencer.

A obra de destruição fôra immensa e a matança tão extraordinaria, que um cheiro horrivelmente fetido circundava aquelle montão de cadaveres insepultos, a muitas leguas em roda. Já não havia quem aguentasse o ar corrupto daquelle cemiterio: só abutres famintos pairavam no alto.

Cortez, mandando carregar os despojos de Tenuxetitlan, reuniu toda a rapina daquelles dias e retirou-se com seus exercitos para o ameno sitio de Cuiocan, onde se havia de repartir o lucro ensanguentado. E aconteceu que a muitos dos pobres Mexicanos, que prendera, quando evacuaram a cidade, o madoval acabou de matar obrigando-os a enterrarem em grandes covas communs aquelles corpos immundos, que inficionavam o mesmo ar, que respiravam. Nessa sordida tarefa gastaram, muitos milhares de homens, quatro dias com quatro noites: nem era raro ver tambem descer á cova os mesmos coveiros feito cadaveres.

Tanto que partiu para a deliciosa Cuoacan, encarregou um hespanhol de ficar vigiando Tenuxetitlan e espiando o rei. Lá repartiu a rapina entre os soldados e despediu as tropas alliadas (cujo unico auxilio assegurou-lhe depois as riquezas da America Central) prevenindo-as para as proximas conquistas, que ia fazer nas terras do Sul.

Entretanto, viram todos que o despojo recolhido não correspondera ao que esperavam, para homens tão insaciaveis nem o ouro do mundo inteiro bastaria! Acharam falta dos thesouros de Montezuma e de Guatimozim, que este lançara provavelmente ao lago como promettera fazer. Muito embora o tivesse feito, os soldados hespanhoes não se queriam conformar com esta verdade: antes puzeram-se a rosnar e a mostrar-se descontentes.

Tambem andava um thesoureiro hespanhol, nomeado pelo governo de seu paiz para receber o ouro que tocasse á corôa de Castella: era ambicioso como todos os filhos do Sol, e não deixou de applaudir aquellas vociferações dos soldados; tomou logo o partido dos queixosos, e accusou Cortez de ter subtrahido para seu proveito as referidas riquezas. Indignou-se o capitão ao saber tal noticia, e para justificar-se da accusação lhe acudiu á mente uma idéa ter-

Ponte sobre o rio Alchipichi
Est. do HISTOIRE DU VOYAGE DU PERU, pag. 359, vol. I

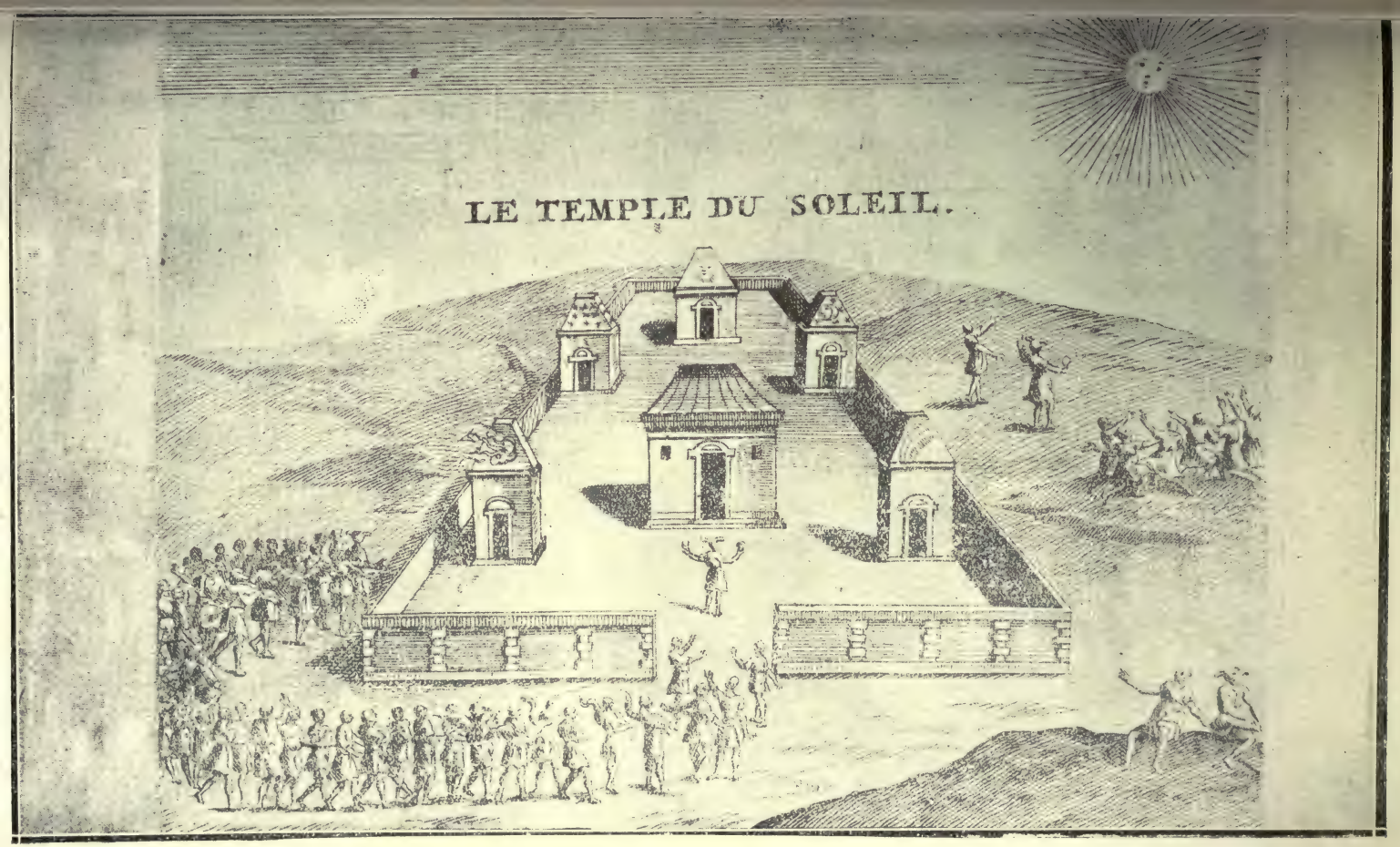
Sepulturas em formas de montanhas e templos

VOYAGE DU PEROU, Vol. I, pag. 386.

A jancada

VOYAGE DU PEROU, Vol. II, pag. 200.

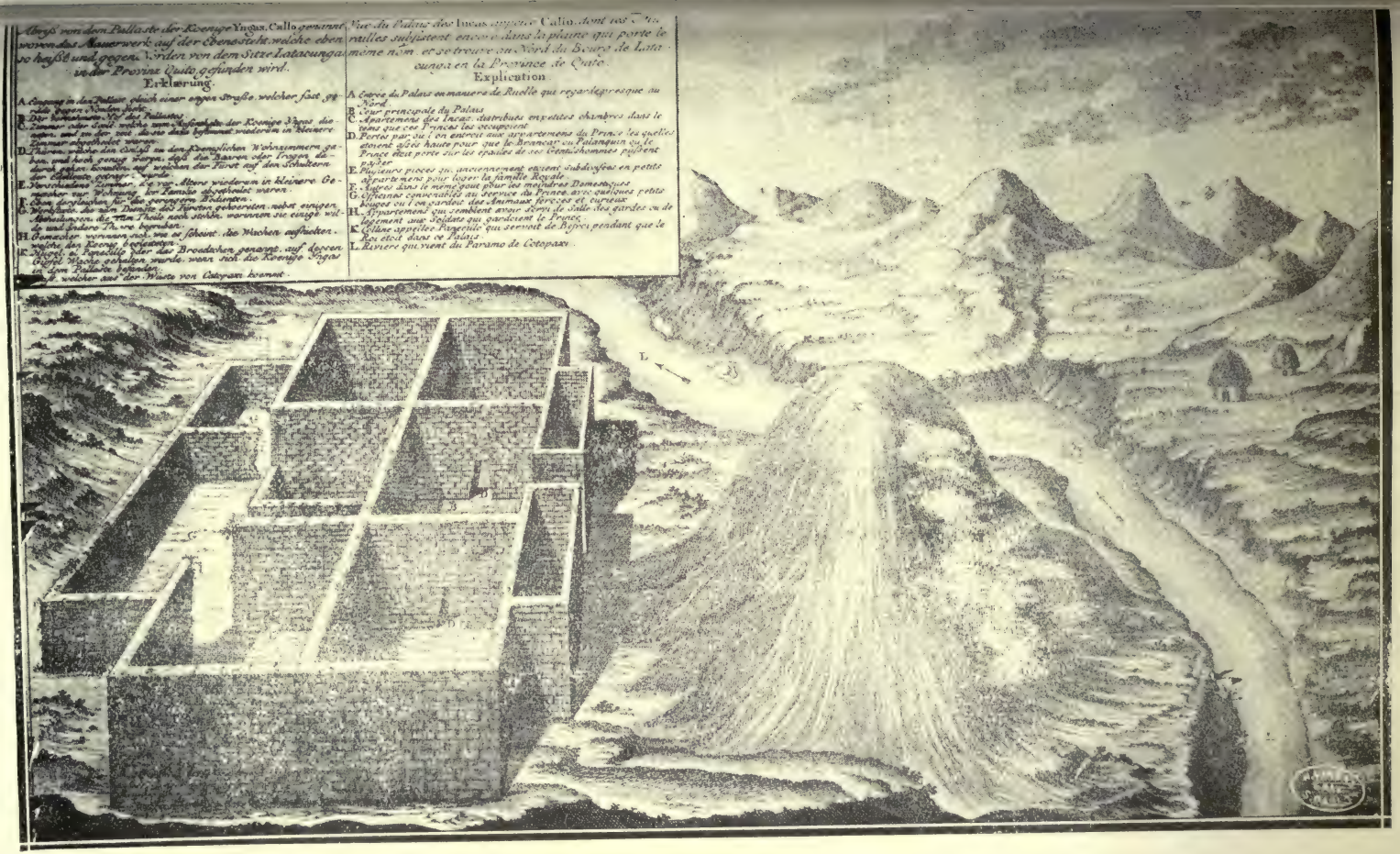
Cerimonial da elevação ao gráu de cavalheiro dos Incas
VOYAGE DU PEROU, pag. 214, vol. II.



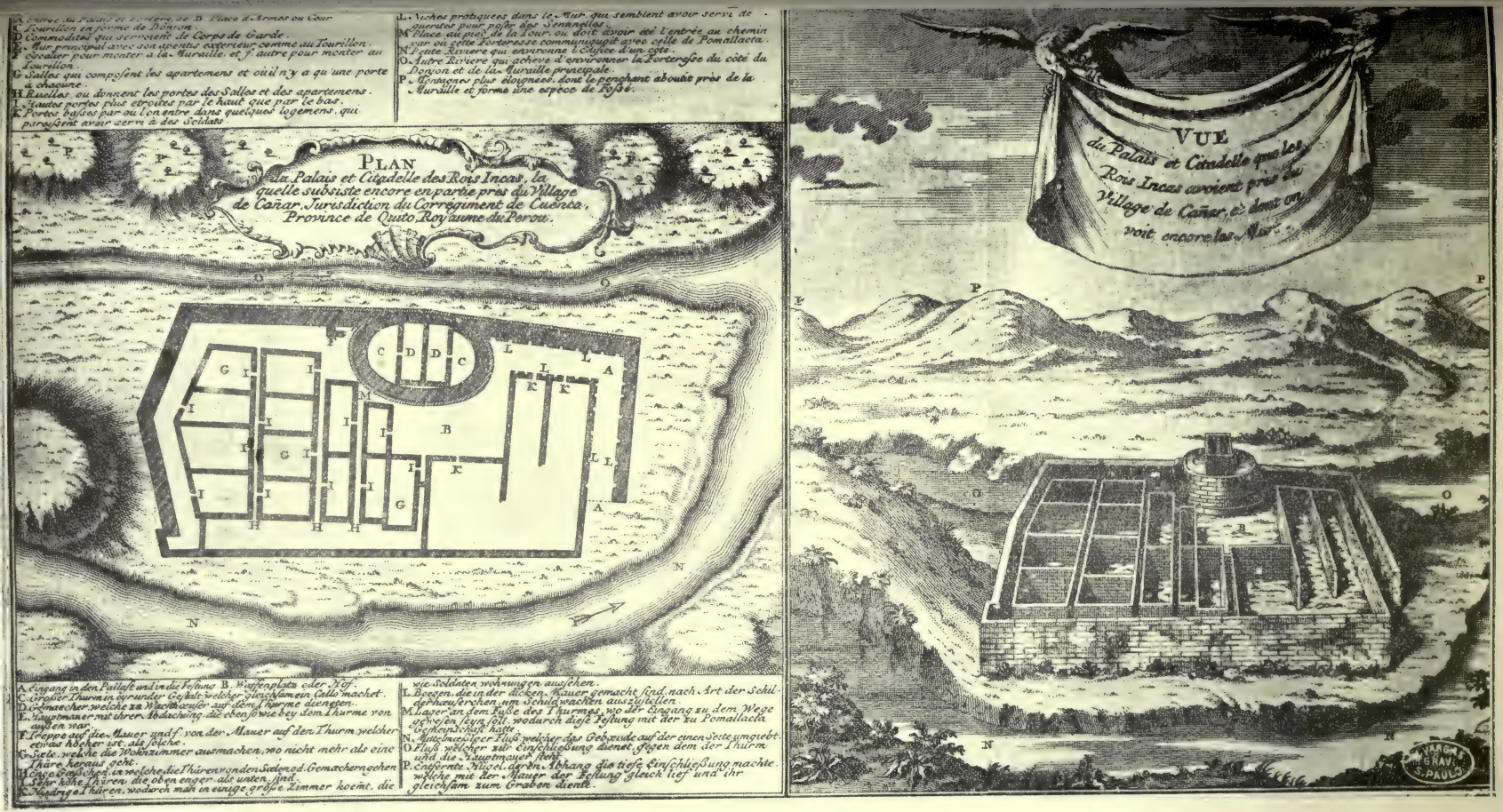
Est. VOYAGE DU PEROU, vol. II, pag. 220

O sacrificio dos inimigos, pelos Antis

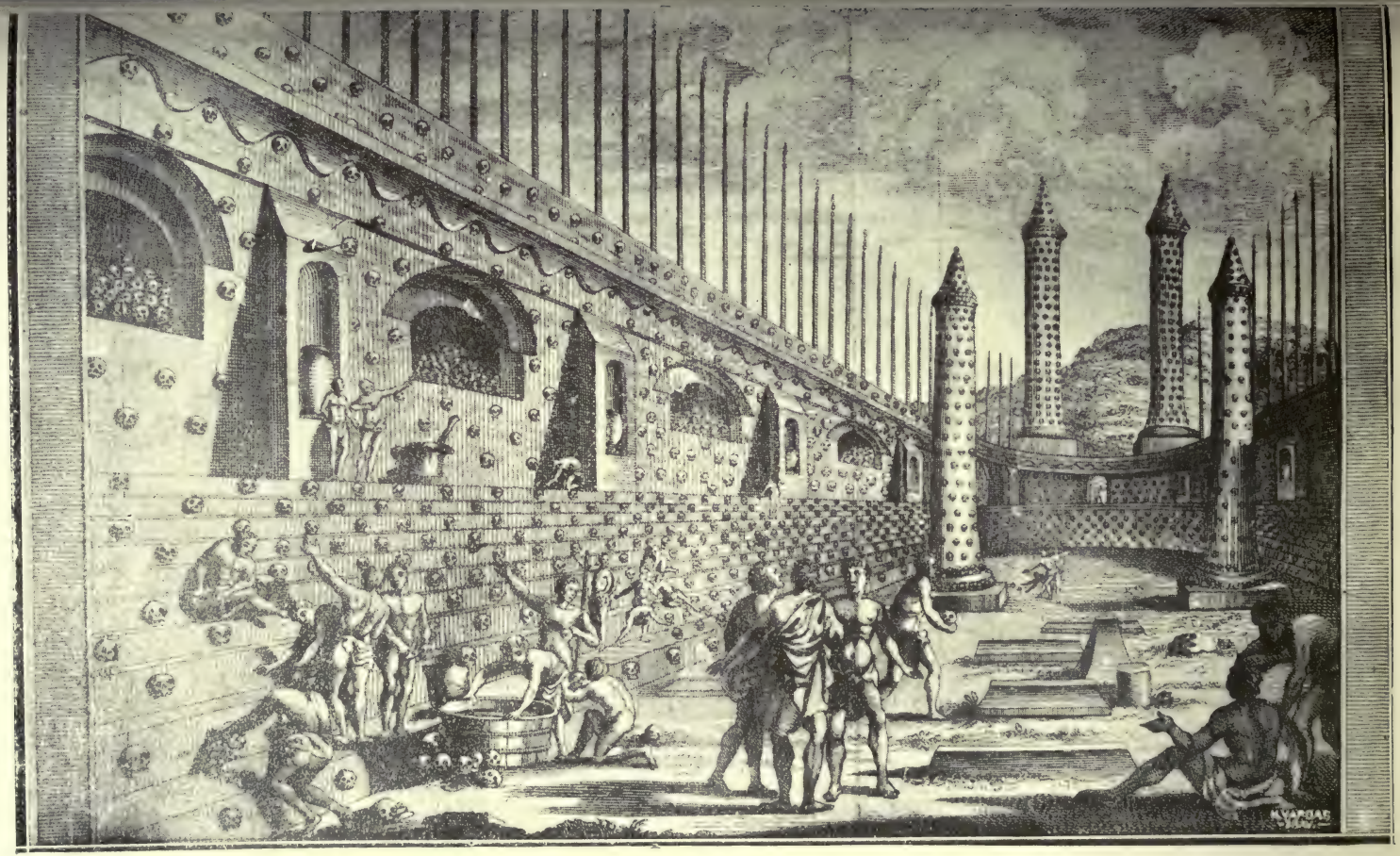
Est. VOYAGE DU PEROU, vol. II, pag. 224



Est. «**Voyage du Perou**», pg. 289, vol. II



Est. VOYAGE DU PEROU, pag. 300, vol. II



Cemiterio dos sacrificios

VOYAGE DU PEROU, pg. 350

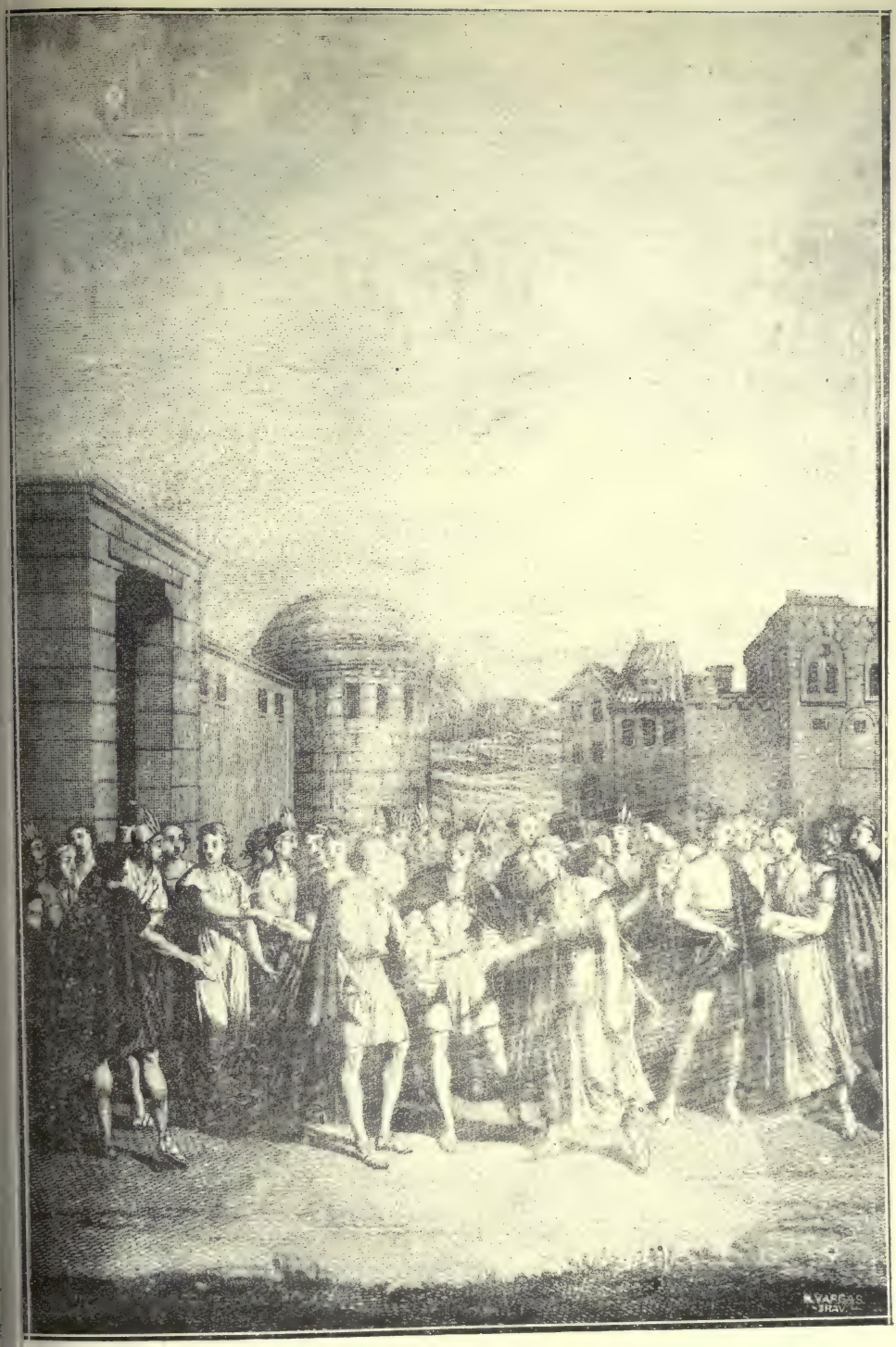
Crueldade de Atahualpa para com seu irmão Huascar e outros principes

Cerimonia do casamento dos Incas

LA HARPE, vol. VII, pag. 132

O primeiro Inca Manco Capac e sua esposa Coya, ambos filhos do Sol, reunindo os selvagens

Dansa para alegrar o Inca, depois do jantar.



Casamento dos principes

O eclipse da lua. Os selvagens batem nos cães para que os seus gritos sejam ouvidos pelo deus protector delles

Explication des ouvrages des anciens Indiens, que l'on trouve encore dans leurs Guaques ou Tombeaux.
A. Guaques ou l'on enterroit les anciens Indiens.
B. Plan de la Guaque ouverte en Croix.
C. Pendans d'oreille d'or et d'argent.
D. Haches de Cuivre de différentes façons.
E. Miroirs concaves faits de pierre de Gallinas appellés en Indien Inca-rupo.
F. Inca-rupo ou miroir de pierre d'Inca tout plat.
G. Inca-rupo ou miroir convexe.
H. Coignée de pierre a feu et d'autres pierres.
I. Hâches d'arme avec sa hampe de bois, dont ils se servoient à la guerre.
K. Nuaqa tirana ou pincettes dont les Indiens se servoient pour arracher le peu de poil qu'ils avoient au menton.
L. Tupu dont les Indiennes se servoient pour pendre l'Anac sur leurs epaules.
M. Tupus sorte d'aiguille avec quoi les Indiennes pendent au cou la Ptiella qu'elles mettent sur l'Anac.
N. Grands Gobelets ou les Indiens buvoient la Chicha.
O. Guamacoba Cruches ou Jarres de terre ou ils tenoient leur boisson.
P. Ingamallus ou pierres pour faire des colliers et des Bracelets
Q. L'idole d'or ou statue de quelque Indien distingué.
Q
H. VARGAS
B
A
I
N
K
P
C
D
D
D
E
H
L
M
F
G
M
O

Mal de Pott. Ex-voto de barro cosido

Mal de Pott. e rheumatismo

Tumor presternal

Abcesso do seio

Colicas hepaticas

Dores abdominaes

Appendicite

Nevralgia dos dentes

Nevralgia facial

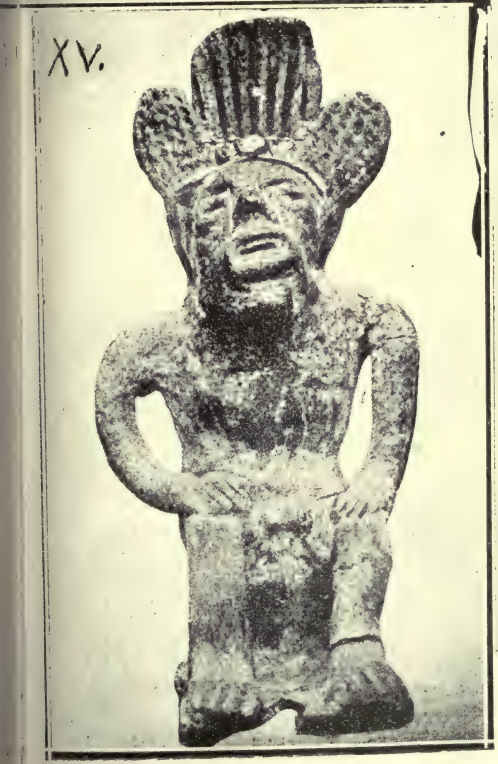
Syphilis e molestia da pelle

Erupções cutaneas

Ulceras profundas

Alienado furioso amarrado

Louco amarrado pelas costas



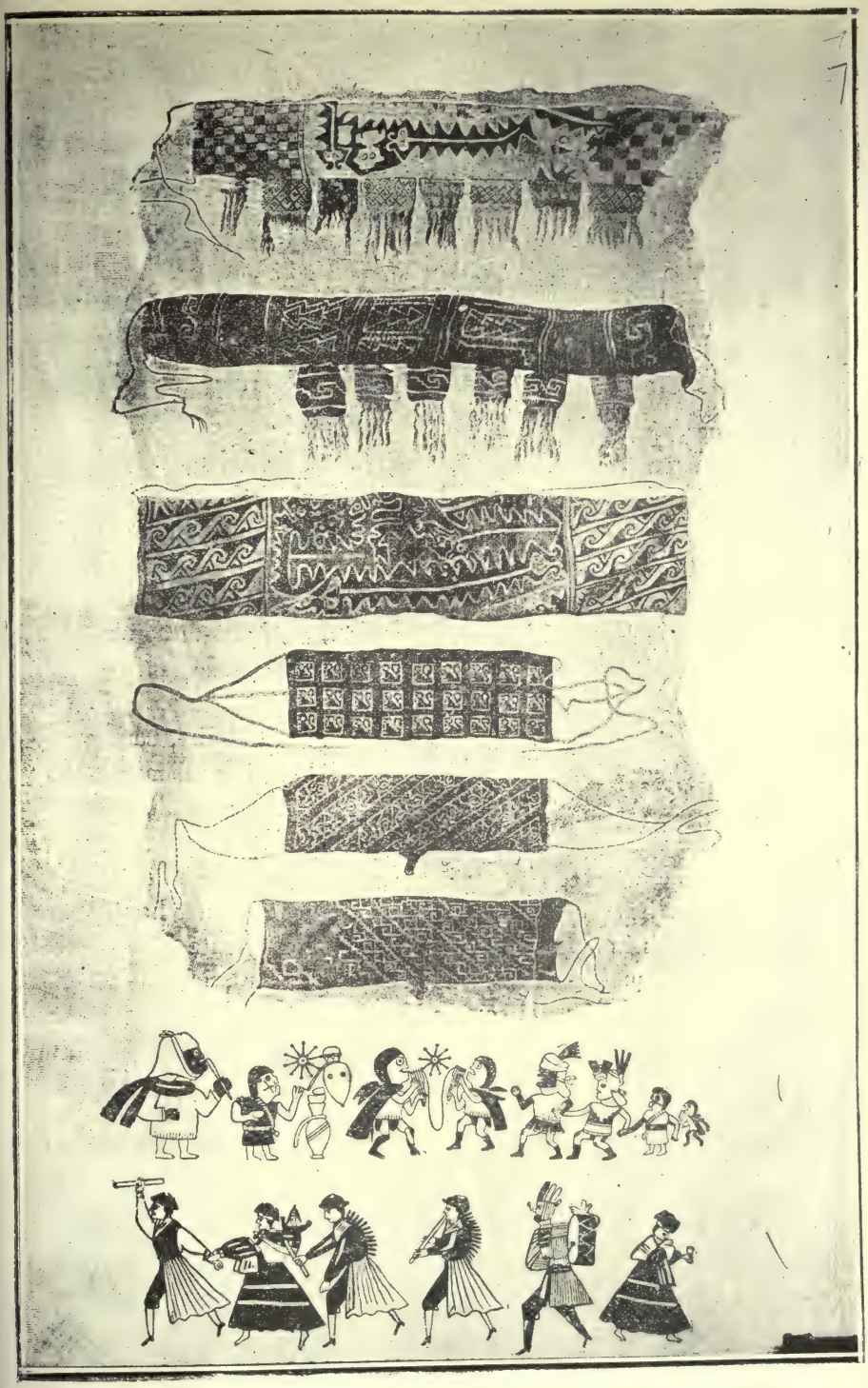
XVI. — Idiot gâteux (profil).

Idiota

Imbecil degenerado

Mumias embalçamadas e empalhadas

Amuletos de barro e madeira, usados no pescoço



rivel: torturar o rei de Tenuxetitlan (é verdade que então lhe chamavam tambem rei) para obrigal-o a dizer que fim dera ás alfaias reaes: queria Cortez livrar-se da insinuação com uma infamia ainda maior.

Pouco lhe custava pronunciar a sentença de morte contra um captivo mexicano, comtanto que por este meio ganhasse delle todo o precioso metal, que lhe haviam legado seus maiores, e que reputava quasi perdido. Quiz, porém, por maior segurança, leval-o primeiro ao tormento para que com a persistencia da dôr se resolvesse depressa a declarar o logar, onde commettera o grande crime de lhe ter illudido a ambição.

Aconteceu, pois, que, inebriado com o fumo sacrifical das duzentas e quarenta mil victimas que lhe facilitara o punhal de Alvarado na festa do Toxecatle, e que immoladas foram ao ribombar da cruenta artilharia, esqueceu-se Cortez de que um dia devera ser julgado pela posteridade, e mandou que a Guatimozim lhe untassem os pés com banha e o puzessem numa grelha sobre um grande brazeiro ardente, persuadido que a carne americana era fraca e não havia resistir ao supplicio: horripilante crueldade que não soffreram os christãos de Nero, nem nunca sonharam os tigres da Hyrcania!

Mas o heroe supportou com a firmeza do martyr esse tormento atroz. Um seu ministro condemnado a soffrer juntamente com elle a mesma pena, se estorcia agonizante no leito de brasas, volvendo ao seu rei um olhar supplicante, como quem pedia permissão de queixar-se: Guatimozim vira-se para elle e diz-lhe com impassibilidade estas celebres palavras nascidas por certo de uma alma mais christã que a de seu cruel verdugo: «Eu estou deitado sobre um leito de rosas?»

Ixetlixoxitle, que teve noticia do caso, correu immediatamente a Cortez, e exprobou-lhe em tom severo esse acto de crueldade feroz. Graças á intervenção deste seu generoso inimigo, escapou desta vez Guatimozim da morte.

Aquella phrase de Guatimozim, é um exemplo sublime de heroismo, muitos historiadores affirmam que não se encontra egual em toda a historia da humanidade.

Para Couanocoxe, rei de Tescuco, não mostrou Cortez menor ferocidade, quando se quiz apoderar dos thesouros tescucanos.

Os Castelhanos revolveram ainda mil vezes o lago de Mexico em busca das riquezas de Guatimozim, mas em vão: em vez de ouro só topavam as ossadas aztecas, que os assombravam por toda parte.

O ouro foi o movel de todos esses crimes horriveis. Os mexicanos, que iam conhecendo cada vez mais a avareza castelhana, acreditaram algum tempo que o ouro era o verdadeiro deus dos filhos do Sol.

Nem foi o Mexico a unica victima dos Hespanhoes; em todos os paizes civilizados da America se reproduziram eguaes attentados. No Perú foi a morte do inca Atahualpa, depois que mandou encher de ouro e prata uma das salas do palacio de Caxamalca para seu resgate. Na Cundinamarca prometteram a vida ao rei Bogotá em troca de muito ouro, e como poz entre as mãos do insaciavel Quesada todos os thesouros de seu imperio, os Castelhanos o mataram, dizendo que faltava ainda uma *casa de ouro!...*

III

Destruida Tenuxetitlan e submettido apparentemente o imperio mexicano, dirigiu Cortez suas vistas para os Estados visinhos. A Soconusco, Guatemala e Cuscatlan enviou seus cabos de guerra: a Onduras, que era paiz famoso por suas minas de ouro, mandou seu amigo Olid. Mas este, movido pela mesma ambição que dominava seu amo, deixou-se ficar em Naco.

Outro hespanhol foi enviado a Onduras: matou o primeiro em Naco, e lá ficou-se tambem. Mas tanto que sentiu-lhe a tardança, entrou Cortez a considerar nas inestimaveis riquezas, que fiara a esses aventureiros: decidiu-se então a reunir os auxiliares que pudesse e a marchar sobre Onduras. Ainda essa vez forneceu-lhe Ixetlilxoxitle vinte mil homens.

Para tão ardua quão arriscada empresa teve de levar comsigo os tres prisioneiros reaes: Guatimozim, Tetlepan e Couanacoxe, porque temia seriamente que se sublevassem na sua ausencia os povos recem-conquistados, por vingarem sua cruel tyrannia, si os deixasse, ainda que não se achava seguro com leval-os, porque tambem podiam com sua presença excitar os habitantes dos novos Estados a repellirem com as armas o jugo ferreo que lhes queria impor, sob o falso nome de paz: alcançada a qual, si careciam de causa para um pé de rompimento, valiam-se os Castelhanos da religião sob cuja capa commettiam crueldades inauditas.

Considerando todos esses obstaculos, que se oppunham ao bom exito da expedição, premeditou desde então desembaraçar-se dos captivos em meio do caminho. Carecia Cortez de um pretexto qualquer para matal-os: mancommunou-se, pois, com os seus para provocal-os na viagem com privações de toda sorte.

Ninguem por certo (conta um historiador, que militava nesta expedição) poderá fazer idéa do quanto soffreram por esses invios caminhos os tres soberanos de Arauaque e os pobres auxiliares indigenas, que Ixetlilxoxitle commandava. Não tinham siquer com que matar a fome nem a sêde, apenas sustentavam-se de hervas e de fructos silvestres, que ás vezes mais eram nocivos que salubres: os hespanhoes bem os viam nesse miseravel estado, e de industria fingiam

não percebel-o, preferindo do muito mais que levavam dar antes aos seus cavallos do que aos indigenas.

Estes bem podiam tomar dos malvados uma vingança terrivel destruindo-os a todos, porque eram mais conhecedores das paragens e possuiam os guias, mas por prova de que eram inabalaveis no soffrimento, como o foram na defensão de Tenuxetitlan, supportavam tudo com incrivel firmeza, e por tudo estavam, sem que se lhes ouvisse nunca proferir uma só queixa.

Não tardou, porém, Cortez em resolver o plano sinistro, que modelara na mente inquieta : um crime horrivel vai ensanguentar as campinas virgens do Sul.

A marcha continuava : e como visse finalmente que era difficil deixarem escapar uma expressão de desgosto ou de dôr, que lhe servisse de pretexto, intentou forjal-o elle proprio, fazendo-os autores de uma conspiração machinada contra a vida dos castelhanos.

Era já em 1525, e em 14 de fevereiro acamparam nas visinhanças de Teotilaque. Como estavam os hespanhoes no tempo do carnaval, permittiu Cortez se dispersassem as tropas alliadas por aquelle dia, e de caso pensado mandou construir duas cabanas de palmas, em que se divertissem, uma para elle e seus inseparaveis soldados, outra para os tres reis de Anauaque.

Vendo os indigenas que se regosijavam os filhos do Sol, cuidaram tambem de divertir-se a seu modo por não parecerem descontentes e suavizar com esse passatempo a dor intensa. E o faziam com tanto mais prazer quanto melhor era a hospedagem que lhes davam os naturaes da terra, pois não se afadigaram em trazer-lhes provisões frescas de fructas e de caças.

Cortez espionava.

Os tres soberanos entraram a gracejar jovialmente em sua barraca, e como eram dotados de muito engenho e argucia em breve se animou o folgar. Discorriam casualmente sobre o futuro dos tres reinos de Anauaque, quando chega Cortez de sobresalto, e os encontra em conversação muito alegre. Falou logo a um interprete dizendo que não assentava em sua dignidade entrarem em tão livres altercações, e que ia tomar conta de alvoroto.

Elles responderam simplesmente que não pensavam haver maldade alguma em mostrarem-se alegres no meio dos mil soffrimentos e privações que passavam e que antes davam com isso uma prova de constancia aos hespanhoes. Mas a trahição fora urdida com tal pericia que não haviam passar della os atraiçoados.

Cortez chama logo seu espião Costemexi, que subornava de costume para conseguir seus feros intentos, e finge descobrir deste a pretendida conspiração de tencionarem os principes indigenas assassinar os castelhanos e volver depois ao Mexico para atacar a guarnição.

Os infelizes Mexicanos sustentaram a sua innocencia até á morte, mas o malvado, senhor da accusação que elle mesmo engendrara (segundo se crê geralmente), sentenciou á forca os tres reis, e espalhando entre os seus esta sua resolução para que estivessem alerta contra qualquer represalia que pudesse sobrevir da parte dos indigenas, mandou executal-os debaixo do maior segredo sobre a manhã do dia quinze.

Os filhos do Sol rejubilaram em suas almas ferozes, porque nesse dia saudaram seu pai com o sangue innocente dos herdeiros do Anauaque.

Perto do acampamento corria um ribeiro formoso, em cujas margens cresciam frondosos ceibas. A um destes foi pendurado Guatimozim pelos pés, e assim o enforcaram para tornar mais lenta a sua dôr e mais prolongada a sua agonia, porque dos trez era o mais forte na adversidade. E pois quizeram os Castelhanos livrar-se primeiro deste Americano poderoso, que ainda no patibulo os insultava com seu heroismo

Numa carta que escreveu ao seu imperador Carlos V, Cortez declara com todo descaramento que os principes foram julgados e que todos confessaram plenamente o seu crime, mas não faltam documentos para desmentir essa calumnia.

Num desses tribunaes politicos armados pela paixão de crueis inimigos foi Jesus Christo julgado: e por miseria dos homens tal genero de julgamento achou grande aceitação dos christãos da Europa nas plagas do Novo Mundo. Guatimozim, Tetlepan, Couanacoxe, Ataualpa. Bogotá e varios outros, todos os reis poderosos, foram outras tantas victimas dessa justiça feroz e sanguinaria.

Fôra preciso ter um coração empedernido para poder ouvir sem indignação a injustiça clamorosa com que falam alguns europeus dos Mexicanos! Muitos ha que de industria calam estes crimes atrozes praticados no Mexico, querem outros negal-os com subterfugios, quasi todos procuram encobril-os.

Europeus, quão injustos sois comnosco!

Em 1864 os Europeus intervieram na politica do Mexico, e impuzeram aos descendentes de Guatimozim um principe estrangeiro de nome Maximiliano. Ora, os Mexicanos, que antes haviam eleito a Juarez presidente da Republica Mexicana, mataram o tal imperador do Mexico em Queretaro.

E que povo da Europa vendo-se no logar dos Mexicanos não faria tambem por livrar a sua patria de uma dominação estrangeira?

Mas é para vêr como todos os escriptores europeus bradam contra esse direito dos Mexicanos, que chamam de *bestialidade selvagem* (palavras de Veber)!

Mas os crimes são contagiosos, e o drama da morte de Madero, mostra os perigos da liberdade sem luzes:

Antes de exalar o ultimo suspiro Guatimozim virou-se para Cortez, e pronunciou estas sentidas palavras que hão de perpetuar na memoria dos homens a sua grande alma:

«Malintzim (assim chamavam os Mexicanos a Cortez), agora vejo que todas as tuas promessas haviam dar em minha morte: melhor fôra que a houvesse eu recebido na minha cidade de Tenuxetitlan do que ter confiado minha pessoa ao teu poder. Porque me fazes morrer tão injustamente? Tentle tomará conta de meu sangue e te punirá».

A Guatimozim seguiu-se Tentlepan, e por ultimo foi Couanacoxe. Mas apezar das precauções tomadas para encobrir tão hediondo crime, Ixetlixoxitle teve noticia do caso, e correu desatinado ao logar do supplicio: tinha sahido ás pressas e só teve tempo de gritar ás suas tropas que o seguissem.

Era já tarde. Os reis de Mexico e de Taacopan tinham expirado havia pouco, e Couanacoxe debatia-se ainda em medonhas convulsões. Mal cortou Ixetlilxoxitle a corda que prendia seu irmão, e avançou contra Cortez: scintillava-lhe nos olhos a ascua da vingança, e seus vinte mil Tescucanos eram outros tantos reflexos de sua justa ira: estavam antes desfalecidos pela fome e pelo cansaço, mas agora olhavam-se uns aos outros inquietos, esperavam um signal, um gesto para desbaratar de um jacto o perfido alliado.

Vituperou-lhe Ixetlixoxitle em modo vehemente aquelle acto traiçoeiro, mas o cobarde verdugo de Teotilaque correu-se de vergonha e de medo ao ver-se alli cercado dos Tescucanos, em cujo semblante lia a ameaça de sua vida; só teve animo de supplicar humildemente ao general indigena que lhe concedesse um momento de attenção, pois queria justificar sua defeza.

Cedeu Ixetlilxoxitle ante o abatimento do Castelhano, sem deixar de considerar por instante nas guerras cruentas, que sobreveriam á sua patria, si chegasse a castigar os assassinos de Guatimozim.

Demais disto era já christão, e por amor da religião pôde fazer em Teatilaque o sacrificio sublime da vingança, que ainda hoje clama ao Ceo o sangue insonte de Quantemoque, derramado por mão impia junto as terras ingratas de Acalan.

Assim acabou Guatimozim. Os castelhanos lançaram á terra o seu cadaver. Os soldados mexicanos tomaram o corpo exanime do heróe, e logo relevou pelas agruras das montanhas o rouco teponastli, chamando á prece os filhos do Anauaque.

Os vinte mil Tescucanos se prostraram ante o corpo real, e em roda, soluçando, o insensaram com o fumo do precioso copal. Os guerreiros de Tenuxetitlan verteram amargo pranto sobre o cadaver de seu generoso rei, e fieis ao rito asteca o encineraram.

Morreu, mas vive ainda para gloria dos Americanos, e para vergonha eterna dos filhos do Sol.

BIBLIOGRAPHIA

ISAAC JORGE: *Estudios sobre las tribus indigenas del Estado Magdalena. Anales de la Instrución pública en los Estados Unidos de Colombia,* VIII, 1884-1887.

HUMBOLDT ET AIMÉ BOMPLAND: *Voyage aux regions equinoxiales du nouveau continent.* 15 vol. London 1815-1831.

HEPS ARTHUR: *The Spanish Conquist in America.* 4 vols. London 1855.

JOSÉ DA COSTA: *Historia natural y moral de los indios.* Sevilha 1588. Trad. em francez por Robert Regnault 1615.

ANTONIO DE ALCEDO: *Diccionario Historico de las Indias occidentales.* Apendice do tomo V.

JOSÉ D'ARRIAGA: *Estirpacion de la idolatria del Perú.* Lima 1621.

BALBOA: *Misselanea Austral.* Quito 1580.

FREI AGOSTINHO DE LA COLONCHA: *De la Cronica moralisadora en el Perú.* Barcelona 1539.

CARCIA GREGORIO: *Origen de los indios del Nuevo Mundo.* Madrid 1729.

FRANCISCO HERNANDEZ: *Rerum Medicarum Novæ Hispaniæ Thesaurus.* 1551.

LA HARPE: 22 vols. *Abregé de l'histoire générale des Voyages,* vols. X, XI, XII, XIII, XIV. Paris 1814.

DR. GARDNER: *Histoire de la Cóca.* Paris 1904.

CHRISTOVAL DE MOLINA: *The Fables and Rites of the Inkas.* London 1873.

D. ANTONIO DE ULHOA E D. JEORGE JEAN: *Voyage Historique de l'Amerique Meridionale,* 1752.

MARQUEZ DE MEDAILAC: *Prehistoric America.* Trad. do inglez por Nidehonvers, 1885.

CASIMIRO ORTEGA: *Resumen historico del primer viaje hecho al redor del Mundo por D. Fernando de Magalanes.* Madrid 1769.

GONZALO DE OVIEDO: *Historia general y natural de los Indios* Salamanca, 1547.

FRANCISCO DE XEREZ: Sevilla, 1553. (Xerez foi o secretario de Pizarro).

JOSÉ DE LA RIVA AGUERRO: *La Historia en el Perú.* Lima 1910.

MARMONTEL: *Les Incas, ou la Destruction de l'empire du Perú.* Paris 1777.

GARRANZA: *Sumaria relacion de l s casos de la Nueva Hespaña.* 1902. Mexico, Museu Nacional.

LEON: *Los Tarascos,* 1904. Mexico. Museu Nacional.

D. FERNANDO IXETLILXOXITLE: *Obras Historicas.* Mexico 1907. Publicado por ordem do Presidente Porphirio Dias. 1907.

JAGUARIBE: *Antiguidades Americanas. Atlantide.* Presidente do Segundo Congresso Geographico de S. Paulo. Brazil. Obra acompanhada de parecer especial.—Garraux 1910. *Historia das Missões no Mundo.*

MEMORIA HISTORICA

DO

Municipio de Santo Antonio da Bôa Vista

Apresentada ao Segundo Congresso Brazileiro de Geographia

POR

MANOEL MARCELLINO DE SOUZA FRANCO

Socio correspondente do Instituto

MEMORIA HISTORICA

DO

Municipio de Santo Antonio da Bôa Vista

Em 1869, Salvador da Silveira Freitas, José da Silveira Mello, Manoel Pedroso de Oliveira e capitão José Floriano de Freitas, fazendeiros visinhos, considerando a distancia, de 60 kilometros uns e 84 k.. mais ou menos, para outros, que os separava da Faxina, séde da parochia e municipio, onde tinham dependencias diversas e relações commerciaes, deliberaram fundar uma povoação na encosta da Serrinha, em um logar aprasivel, á margem esquerda do rio «Carrapatos», 12 kilometros, mais ou menos, acima de sua fóz, no rio «Taquary», sob a denominação de Santo Antonio da Ponta da Serra, por ser escolhido aquelle santo de veneração popular para orago, segundo as leis e costumes então vigentes, adquirindo o primeiro o terreno necessario, correspondente a 40 hectares, mais ou menos, para patrimonio e sustentação do culto religioso da capella a eregir-se, obrigando-se o terceiro a dar o material necessario, no logar designado, e comprometendo-se o quarto a construir o respectivo edificio, de 7 m. de largura por 11 m. de comprimento, de madeira e barro, em falta de tijolos.

Existia ao tempo, na área da nascente povoação, apenas uma pequena casa habitada pelo finado Miguel Corrêa de Mello, hoje em ruinas, no extremo Norte da rua Salvador de Freitas.

O terreno do patrimonio foi adquirido por compra de Bernardino Leite, este por herança de seu pai Francisco Leite Pedroso e este por posse anterior a 1850, sendo que outros terrenos da visinhança, entre os quaes os da sesmaria do Jatahy, posteriormente Fazenda das Palmeiras, annexada ao municipio de Avaré, foram adquiridos por José da Silveira Vieira (pai do segundo fundador da povoação), por carta da sesmaria de 23 de maio de 1821, que temos á vista em original.

Elaborada a planta da povoação, demarcados e alinhados o largo e as ruas, e construida a capella, a expensa do capitão José Floriano de Freitas, em 1870 foram celebrados os primeiros actos religiosos e começadas as contrucções do predios, com tanta animação e desenvolvimento, que, em menos de dois annos, a localidade contava cêrca de 50 casas habitaveis, algumas das quaes de regular tamanho e construcção, parecendo poder em pouco tempo rivalizar com qual-

quer das localidades circumvisinhas, o que, infelizmente, não se deu pela divergencia que surgiu entre os fundadores, da qual resultaram a retirada dos dois ultimos da direcção e o arrefecimento de seu progresso, que tornou-se lento durante muitos annos.

Pertencendo a nova povoação á Freguezia de Bom Successo, distante de sua séde 45 kilometros, foi pelos deputados coronel Emygdio Piedade, Alves dos Santos, Cunha Bueno, Elias Chaves e Paulo Delfino, em sessão da Assembléa Provincial, de 3 de março de 1874, apresentado o projecto de lei n. 53, elevando-a á Freguezia, com a denominação de Santo Antonio da Boa Vista, sendo as divisas, apresentadas como emenda, na sessão de 9 de abril, pela fórma seguinte:

Pelo ribeirão das Posses acima até sua cabeceira, desta seguirão a rumo de Sul, despontando varias cabeceiras de aguas que procuram o ribeirão dos Carrapatos, indo assim seguindo a rumo até ás cabeceiras do ribeirão Palmital, por este abaixo até a sua Barra no rio Taquary, por este abaixo até o rio Paranapanema, e por este acima até o ribeirão das Posses.

Assim approvado o projecto, foi promulgada a lei sob n. 42 de 16 de abril de 1874.

Em fevereiro de 1875 foi installada na nova Freguezia a subdelegacia de policia, pouco antes creada pelo Governo da Provincia, realizando-se a 1.ª audiencia do subdelegado capitão José Floriano de Freitas, em sua casa, no largo da Matriz, esquina da rua que mais tarde tomou o seu nome, servindo de escrivão o prestante e popular cidadão Serafim Velloso de Oliveira, que exerceu esse cargo, cumulativamente com o de escrivão de paz e tabellião pela lei, até 1900, em que faleceu. Serviu de official de justiça na referida audiencia Antonio Joaquim Xavier, filho de um ex-official de marinha.

Creada anteriormente uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino, foi creada outra para o feminino, pela lei provincial n. 27, de 14 de abril de 1875, sendo ambas preenchidas e installadas, mezes depois, pelos professores João Padilha de Queiroz e sua esposa d. Francisca Ferreira de Souza, removidos da Freguezia de Alambary, municipio de Itapetininga, os quaes no anno seguinte, obtiveram remoção para eguaes cadeiras da então villa do Rio Novo, posteriormente cidade de Avaré, onde faleceram, aquelle já aposentado ou jubilado.

Providas essas cadeiras, foi creado na Freguezia o districto de instrucção publica e nomeado inspector Antonio de Arruda Castro.

Instituida a Freguezia canonicamente, por acto do Governo Diocesano, em 16 de fevereiro de 1876, serviu de vigario interinamente o padre Antonio Mainieri, que, apoz alguns mezes, foi nomeado para outra parochia, ficando a Freguezia habilitada para os actos eleitoraes, como prescrevia

a lei então vigente, embora decorresse o lapso de tempo de quasi sete annos para realizar-se a primeira eleição de juizes de paz, devido naturalmente a desleixo ou conveniencias partidarias das influencias locaes.

Tendo a lei provincial n. 103, de 30 de junho de 1881, desmembrado deste districto e do municipio da Faxina, a referida Fazenda das Palmeiras, para annexal-a ao de Avaré, Fazenda essa pertencente ao capitão José Floriano de Freitas, como requereu, foi o mesmo municipio desfalcado em cêrca de dez mil alqueires de terreno, e a população em duzentos habitantes.

Outro desfalque, de menor territorio e população, deu-se posteriormente, pela transferencia da Fazenda do major José Teixeira Pinto, deste districto para o da Faxina.

A esse tempo a população do districto era approximadamente de tres mil e quinhentos habitantes, e actualmente a do municipio é de mais de doze mil habitantes, segundo a estatistica official organizada em 1901, pelo dr. João Mendes Junior, no seu importante trabalho «Bases para a Reforma Judiciaria».

Procedendo-se á primeira eleição de juizes de paz, em 1882, foram eleitos: o capitão Salvador da Silveira Freitas, Antonio de Arruda Castro, Francisco Ricardo de Vasconcellos Bello e José Machado de Moraes, installando-se o juizo a 13 de janeiro de 1883, em que houve a primeira audiencia, servindo de escrivão, na forma da lei, o da subdelegacia Serafim Velloso do Oliveira e porteiro o official de justiça Florentino José de Góes.

Elevada a Freguezia á Villa, pelo Decreto do Governador do Estado, sob n. 163, de 1.º de maio de 1891, e nomeado o Conselho de Intendencia para administrar o novo municipio, composto dos cidadãos Messias Antonio de Ornellas, Antonio Dias do Amaral, Antonio Vieira de Almeida, José Gabriel Thomaz de Araujo, e Fermino Francisco Diniz, foi o mesmo installado, a 29 daquelle mez, pela sua sessão solenne, eleição do primeiro nomeado para presidente, de outros para os demais cargos, e a nomeação do alferes João José Brisolla, para secretario, Miguel João Castro, para procurador e Joaquim Antonio Pimenta, para fiscal.

Esse Conselho funccionou, com substituição de alguns membros, até a posse da nova Camara Municipal, eleita em 31 de agosto de 1892, em virtude da lei que organizou os municioios pelo systema democratico, depois de julgado um recurso de nullidade interposto contra a mesma eleição, que foi approvada pelo Tribunal de Justiça, e depois de outra questão relativa á verificação de poderes, decidida pela autoridade competente, sendo então eleitos: presidente Antonio Dias do Amaral, vice-presidente João Carlos de Araujo, intendente Armantino Rolim de Moura, e nomeados os respectivos empregados. Serviu de Paço Municipal, por algum tempo, a casa de Francisco Bello, na rua denominada 15 de Novembro.

A nova Camara adoptou provisoriamente as leis de um municipio visinho, e encarregou o autor desta Memoria de elaborar os projectos das leis necessarias á sua administração, e submettidos á consideração da mesma Camara os projectos por elle elaborados, em numero de dez, foram todos approvados, em sessão de 29 de dezembro de 1894, colleccionados e impressos, merecendo, encomios da imprensa da Capital, por ser o primeiro trabalho completo que surgia de um municipio do interior, de modo a ser solicitado por 36 municipios, e vigoram ainda, com pequenas modificações, no municipio de Santo Antonio da Boa Vista.

Este limita-se ao Norte com o de Avaré, a Leste com o de Bom Successo, ao Sul com o de Faxina e o de Itaberá e a Oeste com os de Itaporanga e Pirajú.

A sua superficie, segundo o mappa do Estado, publicado em 1908 (excluido o territorio desmembrado e que se lhe acha encravado em parte), é approximadamente de 66 kilometros de N. a S. e 30 kilometros de E. a O. ou 54 leguas quadradas; o seu aspecto é montanhoso no centro, de O. a E. e de pequena ondulação de N. a S.; é atravessado pelo rio Carrapatos e seus confluentes; e extremado pelo rios Paranapanema e Taquary e pelos ribeirões das Posses, Taquara e Palmital.

O seu clima é temperado, ameno e saudavel.

A sua posição geographica: Lat. Austral, 20.°, 52' e Long., 2.°, 3' mais ou menos.

A sua producção é — café, fumo, canna, algodão, cereaes e animaes para consumo, conforme a estatistica official agricola e zootechnica do anno agricola de 1904 a 1905, pelo qual se verifica:

Numero de propriedades	325	
Valor das propriedades	1.947:400$000	
Area das propriedades	49.110	alqueires
Café (222.000 pés)	11.475	arrobas
Assucar	345	»
Algodão (reduzida pela baixa)	790	»
Fumo em corda	177	»
Toucinho	25.408	»
Carne	23.602	»
Aguardente	32.440	litros
Arroz	131.750	»
Milho	5·067.000	»
Feitão	250.000	»
Queijos	1.000	—
Animaes de criação e trabalho	27.364	—
Aves domesticas	22.460	—
Ovos	66.583	duzia
Mel	150	kilog.
Cêra	150	»

Além disso, possue em suas matas, madeiras de lei, taes como : — cabreuva, cabiuna, peroba, cedro, pinheiro, ipê, saguaragy, aririvá, canjarana, canella e capahiba. A producção de café, algodão e assucar tem-se augmentado consideravelmente nestes ultimos annos.

O municipio não tem estrada de ferro, sendo a estação mais proxima a da cidade de Avaré, distante 40 kilometros ; mas espera em breve ser atravessado pala via ferrea projectada, que deve partir de uma das cidades — de Avaré, Agudos ou Pirajú, ligando a zona ao porto maritimo de Cananéa, conforme os traçados dos projectos apresentados, um delles á Camara dos Deputados da União, ha dois annos, pelo ex-representante do districto dr. João Nogueira Jaguaribe, approvado em 2.ª discussão, e posto de parte sob o pretexto de ferir a competencia do Estado.

A sua séde tem a categoria de cidade, em virtude do art. 3.º § 5.º da lei n. 1.038, de 19 de novembro de 1906, que organizou os municipios ; tem a altitude de 598.^{m} sobre o nivel do mar, segundo observações feitas, em 1888, pelo distincto engenheiro dr. Luiz Felippe Gonzaga de Campos, então em serviço da Commissão Geologica e Geographica do Estado, da qual era ornamento ; conta actualmente 220 casas urbanas, algumas de regular construcção ; um largo, com dois quarteirões de comprimento e um de largura tendo no centro a vistosa e elegante Matriz, de estylo gothico, ainda não concluida, medindo 7,50 de frente e 22.^{m} de comprimento, em substituição da primitiva, que era insufficiente, arruinou-se e foi demolida, e, ao lado direito, fazendo frente para a rua dr. Ataliba Leonel, esquina da de Serafim Velloso, cercado de muro e gradil, o edificio da cadêa e quartel, de estylo moderno e tamanho regular, construido ha pouco tempo ; nove ruas, bastante largas e alinhadas, sendo cinco de Norte a Sul e quatro de Este a Oeste, denominadas : 13 de Maio, 15 de Novembro, Ipiranga, dr. Cardoso de Almeida, dr. Ataliba Leonel, José Floriano, Salvador de Freitas, Serafim Velloso e alferes Souza Franco ; uma machina de beneficiar algodão, uma fabrica de macarrão, um moinho, e, em uma chacara, uma serra de madeira movida a agua ; finalmente, um mercado em predio alugado.

Existem na cidade : um hotel, uma sellaria, uma pharmacia, um constructor, dois brilhares, duas sapatarias, tres carpintarias, doze armazens de molhados, louças e generos nacionaes, nove casas commerciaes de fazendas, ferragens, armarinhos, molhados e depositos, duas padarias, uma confeitaria e algumas tavernas ; e no municipio duas machinas de beneficiar café.

Tem 4 cadeiras de instrucção preliminar, creadas pelo Congresso do Estado e providas pelos professores Accacio de Faria, José d'Oliveira, d. Maria Francisca Barbosa e d. Maria José Pereira, nas quaes estão matriculados 111 alumnos com regular frequencia e bom aproveitamento.

Em alguns bairros populosos ha 4 cadeiras preliminares, creadas pela Camara, ainda não providas.

Na cidade existem as seguintes associações: uma boa corporação musical, organizada e regida pelo professor Ernesto Diogo de Araujo; duas sociedades de caridade, sob a denominação de Conferencia de S. Vicente de Paula e Damas da Caridade, e duas irmandades religiosas.

A agencia do correio, creada ácêrca de 27 annos, recebia malas da Capital, 3 vezes por mez, passando por Faxina, Itaberá, Itaporanga e Pirajú, com a demora de 8 dias, recebendo, annos depois, 5 vezes por mez, por Botucatú e Avaré, com 4 dias de differença para menos; e actualmente recebe 10 vezes por mez, ás 2 horas da tarde do dia seguinte ao da expedição da Capital, pela estrada *Sorocabana Railway Company*, até Avaré e desta pela estrada de rodagem.

A collectoria de rendas do Estado, classificada de 4.ª classe, foi installada a 1.º de janeiro de 1899, pelo collector major Hygino Pereira de Quadros e escrivão capitão José Antunes Guimarães e posteriormente supprimida; sendo porêm, restabelecida a 15 de maio de 1907, pelo collector major Angelo Diogo de Araujo e escrivão Benedicto Soares de Oliveira. O seu districto fiscal pertence á collectoria federal de Avaré.

A Commissão de Agricultura do Municipio, nomeada pelo governo do Estado, compõe-se do major João Carlos de Araujo, presidente, major Brazilio Marques de Almeida e capitão Manoel Feliciano da Costa, membros.

A renda municipal do corrente anno está orçada em vinte um contos duzentos e vinte dois mil réis (21.222$000).

O seu eleitorado é de 409 cidadãos.

Tem o municipio 170 jurados.

O registro civil, no anno findo, deu o seguinte resultado:

Nascimentos 168; casamentos 71; obitos 103. Houve deminuição de cerca de um terço do registro, na cidade, pela creação do districto de paz da Caputéra.

A sua Guarda Nacional forma uma Brigada, sob n. 32.ª composta de 4 corpos, creados a 25 de agosto de 1898, em que foram nomeados.

Coronel-commandante, Benevenuto Pachecho Jordão.
Major cirurgião, João Carlos de Araujo.

94.º Batalhão de infanteria.

Tenente-coronel commandante, Antonio Dias do Amaral.
Major fiscal, Salvador Antonio Pimenta

95.º Batalhão de infanteria.

Tenente-coronel commandante, Rodrigo Octavio Ferreira Lobo

Major fiscal, Salustiano Soares de Oliveira, hoje tenente coronel

96.º Batalhão de infanteria.
Tenente-coronel commandante, José Messias de Ornellas.
Major fiscal, Antonio Vieira de Almeida

32.º Batalhão da reserva.

Tenente coronel commandante, João Babica Martins
Major fiscal, Euclides Martins de Araujo

Destes, mudaram-se do municipio 6, faleceu 1, existem 8.

A' vista do augmento da população e vastidão do territorio, alguns Fazendeiros do extremo Sul do municipio, fundaram ahi uma povoação, sob a denominação de Sant'Anna de Guareby, a qual, foi, pela lei estadual n. 1.156, de 29 de dezembro de 1908, elevada a districto de paz, com a denominação de «Caputéra» e as seguintes divisas: Principiando no ribeirão das Posses, na barra do Taquara, segue por este acima até encontrar as divisas da Fazenda «Fundo da Varzea», pertencente a João Babica Martins e por estas divisas até o ribeirão dos Carrapatos, deste pelas divisas da mesma Fazenda, dahi pelo ribeirão dos Carrapatos acima até a barra do corrego que vem do capoeirão denominado Laranjal, dahi a cabeceira do corrego da Campina, por este abaixo até o Caçador, por este acima até encontrar divisas do municipio da Faxina, por estas até encontrar divisas do municipio de Bom Successo, por estas até a cabeceira do ribeirão das Posses e por este abaixo até a barra do Taquara, onde teve principio.

A primeira eleição de juizes de paz do novo districto teve logar a 4 de abril de 1909, sendo eleitos: — Serzefredo da Silveira Loureiro, Simão da Silva Leite e João Fabiano Alves; e a installação do juizo, a 8 de maio, em que houve audiencia do primeiro, com o escrivão nomeado Antonio Gomes Pinheiro, que serviu esse cargo, alguns annos, nesta cidade.

A séde do districto tem a categoria de villa, em virtude da lei citada que organizou os municipios; possue mais de 30 casas urbanas, 2 capellas, um cemiterio e algumas casas commerciaes; e dista 48 kilometros da séde do municipio.

A população do districto é calculada em mais de 3.000 habitantes.

Na villa existem duas cadeiras preliminares para ambos os sexos, creadas pelo Congresso, ainda não providas.

Nada podemos dizer sobre a sua producção, commercio, renda e registro civil, por falta de informações.

Finalmente, a cidade de Santo Antonio da Boa Vista, pertence ao 1.º districto eleitoral federal e ao 5.º estadual; dista da Capital, pela estrada de ferro, 427 kilometros, de Avaré 40 kilometros, de Bom Successo 45 kilometros, da Faxina 84 kilometros, de Itaporanga 53 kilometros e de Pirajú 48 kilometros.

— Eis ahi o que pudemos colligir sobre o prospero e

futuroso municipio de Santo Antonio da Boa Vista, nesta singela e despretenciosa Memoria, que temos a honra de submetter ao patriotico e douto Segundo Congresso Brazileiro de Geographia, a reunir-se em S. Paulo, no memoravel dia 7 de Setembro proximo, 88.° anniversario da Independencia de nossa extremecida Patria; e, pedindo o supplemento de suas luzes, aguardamos o pronunciamento para conhecer se algo concorremos para tornar mais conhecido o municipio, do qual foi um dos fundadores o chefe da Familia a que pertencemos.

Avaré, outr'ora Rio Novo, 12 de agosto de 1910.

DIOGO ANTONIO FEIJO'

Discurso proferido no Theatro Municipal

PELO

DR. WASHINGTON LUIZ

Socio effectivo do Instituto

DIOGO ANTONIO FEIJÓ

Minhas senhoras e meus senhores:

A illustre e patriotica Commissão do Monumento a Feijó entendeu, e entendeu muito bem, que devia associar todas as classes á grande manifestação civica, que hoje levou a cabo com tanta galhardia.

Com esse intuito fez tambem esta reunião, na qual me designou a missão, que recolhi como honra insigne, de dizer-vos algumas das muitas razões que ella teve, imperiosas, para erigir uma estatua a quem *pelos seus feitos valorosos já se libertou da lei da morte.*

Não vou, pois, fazer a biographia do grande brazileiro, e muito menos a historia do periodo regencial; ambas, pela magnitude do assumpto, não se conteriam nas estreitezas de um discurso.

Tenho em vista rememorar alguns poucos lances de Feijó, durante o extraordinario Ministerio da Justiça, e a sua attitude na revolução de 1842, depois de rapidamente mostrar-vos o estado do paiz, naquelles tempos.

Ouvi-me, pois, como uma homenagem a Feijó.

Em 1831, d. Pedro I abdicou o throno fragil e mal seguro no filho. O novo imperador era, então, um menino de cinco annos, sem amizades nem dedicações, sem uma classe que o defendesse, sem partido para o apoiar, com uma familia de creanças e um tutor contestado, em uma sociedade nova e inexperiente, na qual, qualquer que fosse o aspecto sob que fosse encarada, tudo estava por fazer. Elle era bem a imagem do Brazil: uma esperança a desfazer-se, pouco mais que o nada no meio da anarchia, mortiça luz bruxoleante quasi a apagar-se pela agitação continua na desordem geral.

Não havia nada, não se podia confiar em cousa alguma.

A alta administração, na qual se incluia um clero relaxado e sem orientação, e uma magistratura sem independencia e sem luzes, organizada na sua maior parte pelo absolutismo e com o absolutismo, e pelo patronato mantida, estava profundamente corrompida, incapaz e sem energia; tendo sentido de perto as vicissitudes governamentaes, não confiando, portanto, na efficacia do poder violado, derrubado,

substituido continua e violentamente, e, por isso, acobardada, a transigir com tudo, mantendo intelligencias equivocas, mal encobertas, em todos os campos, em que se disseminava a opinião politica de então, para fazer agradecidos nos adversarios de hoje, possiveis vencedores de amanhã, porém, irreconheciveis na escuridão e confusão do tempo, ella julgava-se habil; negligente, desprezando os seus deveres, cumprindo mal e fóra de tempo as ordens recebidas, a defender exclusivamente as vantagens materias dos cargos desfructados, essa alta administração era apenas impatriotica.

Os partidos politicos grosseiramente indicados, esboçando rudimentarmente as tres forças que se chamavam ou iam se chamar restauradores, moderados e exaltados, mal definidos quanto a principios, porém violentamente separados por lutas sanguinolentas, endurecidos na aprendizagem dos motins e das insurreições, adestrados na frequencia aos quarteis em favor das suas ideias ou de seus interesses, se representavam no parlamento, sustentavam e fomentavam jornaes, como elles, violentos, desbragados, revolucionarios.

O poder legislativo de 1826 a 1831, sem escola, composto na sua maioria de homens noviços na arte de legislar, bisonhos no regimen constitucional, laureados alguns na vetusta Coimbra do Marquez de Pombal, e aureolados outros com a passagem nas côrtes constituintes de Lisbôa, cujas praticas se invocavam respeitosamente, repartia-se pela camara dos deputados — humilhada e desprezada pelo monarcha que ás vezes a despedia com quatro palavras seccas e brutaes como a serviçal negligente — e pelo senado — timido, aulico e suspeito, constituido em grande parte por ennobrecidos de ultima hora, fornadas ridiculas de titulares, com que Pedro I pretendeu adornar a sua côrte tosca e desmoralizada — ambos sem prestigio e sem autoridade para reunir e encarnar as aspirações do povo que ia surgir.

O systema representativo, ainda nas fachas, não deixava divisar nas suas feições entumecidas, os traços do parlamentarismo incipiente, qne, só mais tarde, se iriam accentuar, ainda assim imperfeitamente, no segundo reinado.

A imprensa, naquelle tempo, começava já a sentir o seu poder; mas desconhecia ainda a responsabilidade que lhe cabe nos regimens de liberdade: não orientava ainda a opinião, mas desvairava os espiritos.

De acanhado formato, sob titulos pitorescos, grosseiramente impressos, escriptos em linguagem provinciana, pobres de assumptos, violentos, aggressivos, comprazendo-se em declamações tympanicas sobre liberdade e constituição, os jornaes do primeiro reinado, em regra, e ainda os da regencia, raras vezes sahiam do ataque pessoal; e, frequentemente, numa gritaria descompassada, ameaçando, intrigando, mentindo, injuriando, calumniando, embarafustavam pela vida privada.

« A vida, a honra, o lar domestico, nada havia de sagrado para os follicularios, que tinham invadido a sociedade como

um exame de gafanhotos, e, nos seus delirios, arrojavam de si toda a immoralidade de que se achavam dominados ». (1)

Ainda não habituados á liberdade de escrever, os jornalistas não tinham ainda familiarizado os leitores com os seus descomedimentos ; e, numa sociedade principiante, tumultuosamente agitada, todos os excessos de linguagem, todos os extremos de julgamento concorriam para a irritação dos animos, para um mal estar geral que se traduziam em perturbações materiaes da ordem.

Para o geral sentimento de insegurança concorria inconscientemente a falta de confiança na tropa, dominada pelo militarismo.

Por tropa se entendia então o exercito, destinado á defesa da nação no exterior, e a policia militar, destinada á segurança e a ordem no interior.

O estado commum de desordem e de anarchia tinha creado na tropa o militarismo, intervenção exclusiva do exercito, predominancia ostensiva e indebita da classe armada no governo de um paiz, só possivel quando os militares pouco esclarecidos não têm conhecimento de seus deveres, porque a nacão donde elles vieram, e a que pertencem, como todas as outras classes, não tem ainda consciencia de seus direitos.

Desde muito tempo a tropa vinha influindo decisivamente na governação e na sociedade.

A 26 de fevereiro de 1821, na Praça do Rocio, o brigadeiro Carretti, á frente dos 14.º e 15.º batalhões de infantaria, do 3.º de caçadores e do 4.º de artilharia, todos em armas, fez saber ao Principe Real D. Pedro, accorrido áquelle lugar ao primeiro alarma, que *« o Brazil queria que fosse jurada a constituição que fizessem as Côrtes de Lisbôa, sem alteração alguma para toda a monarchia, não queria o ministerio que estava no poder nem o conselho de estado»*.

E o Principe Real D. Pedro galopou para S. Christovão e obteve de d. João VI um decreto ante-datado (24 de fevereiro de 1821) jurando uma constituição, que ainda não estava feita, nomeando novo ministerio e outro conselho de estado, e voltou para, em pessoa, das sacadas do teatro S. João, hoje S. Pedro, proclamar *a administração de praça publica* ante o povo indifferente e a tropa em armas.

E' a um gesto da tropa que se dão os luctuosos acontecimentos de 21 e 22 de abril de 1821, na Praça do Commercio, com o fim de obrigar a d. João VI, com sua côrte, partir para Lisbôa.

A 5 de junho de 1821, o 3.º batalhão de caçadores fez uma passeata militar pela cidade do Rio de Janeiro ; viu se lhe juntarem o 14.º e o 15.º de infantaria, depois o batalhão de artilharia, e a tropa brazileira, representada por alguns membros das milicias, e, na mesma Praça do Rocio, informou

---

(1) Abreu Lima, Hist. do Brazil — Vol. 2, Cap. 67.

ao Principe Regente D. Pedro que o povo queria que fossem logo juradas as bases da constituição, já votadas pelas Côrtes de Lisbôa, a demissão do ministro Conde dos Arcos e a nomeação de outro.

O Principe Regente D. Pedro jurou, apezar de julgar cousa intoleravel, á ponta de baionetas, as bases da Constituição, demittiu o Conde dos Arcos e nomeou, para o substituir, o desembargador da Casa de Supplicação, Pedro Alves Diniz.

A 11 de novembro de 1823, o Imperador d. Pedro I, apoiado na tropa em armas, a qual, dizendo-se insultada e ultrajada pelos periodicos *Sentinella e Tamoyo,* pedia a suppressão da liberdade de imprensa e a expulsão de deputados, preparou-se para o golpe de estado, que, no dia seguinte, levou a effeito, dissolvendo violentamente a Assembléa Constituinte, prendendo e deportando os seus membros mais em evidencia.

A 6 de abril de 1831, ao povo, que se achava reunido no Campo de Sant'Anna, tambem se foi juntar a tropa toda, sem excepção da propria guarda do Imperador, o seu batalhão sagrado, a exigir a nomeação de novo ministerio e obtendo a abdicação de Pedro I.

O militarismo foi companheiro inseparavel e constante da monarchia na America, e neste periodo culminou.

«A soldadesca sem disciplina, alliciada por qualquer estouvado, punha por vezes em alarma a capital do imperio e as provincias». (1)

«Indisciplinada, arrogante, tendo a espada como sceptro da lei, crendo que tudo devia decidir-se pelas armas, pela vontade dos soldados, orgulhosa por ver que desde 1821 satisfazia suas exigencias e conspicuo papel representava nos negocios publicos, deixava a força militar de ser a depositaria da ordem, e da tranquillidade publica. Debellava os cidadãos em vez de garantil-os; não era elemento de ordem, nem sustentaculo da lei mas um corpo anarchico, que alçava a cabeça ao primeiro motim quando não era ella que ateava o facho da rebellião.

E tão desorganizada e dissoluta andava a corporação militar, que qualquer tribuno alliciava soldados, e os levava, de espingarda ao hombro, a commetter desatinos, a desrespeitar a lei, a perturbar o socego, e a levantar exigencias, que, quando não cumpridas, eram o cartel de desafio a iniciação de repetidas edições, perigosas e sanguinolentas». (2)

Para obter-lhes o apoio os chefes dissimulavam as faltas dos subordinados; e de tolerancia em tolerancia chegavam á connivencia, á intimidade do crime, na qual viviam officiaes e soldados.

---

(1) *Feijó* por Egas.—Vol. 2 Pag. 189.
(2) M. de Azevedo—Historia Patria, Pag. 23.

Os laços de disciplina se affrouxavam, se partiam; a instrucção militar desapparecia; os superiores não tinham obediencia e os inferiores não tinham commando. Era tal a desorganização que do exercito só restavam bandos armados, que, no interior, faziam pronunciamentos, e no exterior, a ingloria e infeliz campanha do sul, rematada pelo desmembramento do Brazil, com a perda da Cisplatina e consequente desapparecimento da fronteira natural pelo golfão do Prata.

A marinha... não existia! Sem o que não se teriam entregue, nas aguas da bahia de Guanabara, presas de guerra aos morrões accesos da esquadra franceza, sob o mando do almirante Roussin.

A dictadura impetuosa, cavalheiresca ás vezes mas sempre inconsequente de Pedro I, dera o lugar a um governo fraco, exercido e dispersado por uma regencia trina, sem cohesão e sem prestigio, em nome de um imperador de cinco annos, «perigosa condição para monarchias, e mais para monarchias da America, onde parece que a propria natureza está de si repellindo o poder pessoal e hereditario». (Latino Coelho).

Em 1831 era desolador o estado de quasi todas as provincias. No Pará, que então abrangia a comarca do Rio Negro, hoje Estado do Amazonas, no Maranhão, no Ceará, em Pernambuco, na Bahia, sedições, tumultos, motins, ensanguentavam o solo da patria.

A simples segurança individual tinha desapparecido; e, em seu lugar, á sombra da desordem geral, se repetiam impunemente os ataques á mão armada, as violencias contra as pessoas e contra as cousas.

Bandos de assassinos e roubadores percorriam as ruas da Côrte, levando o saque e a morte nas pontas de seus punhaes e terçados.

Subiram a mais de 300 o numero de victimas desde 7 de abril a julho de 1831. (1) Da cidade desertara o povo e só ficara a populaça.

O commercio espavorido fechava as suas portas. «Desapparecia o dinheiro, minguavam as transações mercantis, decrescia a riqueza publica, diminuia progressivamente a renda das alfandegas e dos estações encarregadas de perceber os impostos decretados. Notava-se copiosa emigração de gente e de capitaes; retrahira-se o credito individual e o do estado.

«As frequentes commoções em diversos pontos tinham aterrado por tal forma a industria e a propriedade, que todos os trabalhos uteis, todos os serviços productivos cahiram em mortal torpor... só havia actividade para apurar fundos para a emigração. (2).

Os orçamentos, de doze mil contos em media, se liquidavam com *deficits* enormes; e « o que fazia officio de *meio*

---

(1) *Raio de Jupiter* cit. por Egas, *em Diogo Feijó* — Vol. I, Pag. 87
(2) Relatorio do Ministro da Fazenda Bernardo de Vasconcellos em 1832.

circulante eram *notas* de um banco sabidamente fallido, sabidamente fraudulento, sem nenhuma especie de garantia, batendo moeda pelo favor e privilegio do governo, eram *moedas de cobre*, legal e illegalmente cunhadas, sem peso nem conta, e, em grande parte falsificadas e introduzidas do estrangeiro, por contrabando, eram *notas* e *cedulas* do Thesouro, falsas e verdadeiras. (1).

O cambio envilecido rastejava pelas casas mais baixas.

O Ministro da Fazenda (Ignacio Borges), em maio de 1831, reclamava por cinco annos a suspensão do pagamento dos juros e da amortização da divida publica.

Era a bancarrota !

E diante dessa situação melindrosa, e talvez mesmo por ella, exigiam-se reformas constitucionaes, agitava-se a federação das provincias, falava-se em republica.

Alimentando, então, em seu seio a chaga cancerosa da escravidão, a braços com o ignobil trafico africano, não tinha ainda o paiz resolvido a questão social da abolição do elemento servil, nem a economica da organização do trabalho agricola, como, tão pouco, não tinha solvido a da liberdade de consciencia que daria a agitação religiosa de 1870.

De facto geograficamente definido, mas não tendo conseguido o reconhecimento definitivo de fronteiras contestadas pelos visinhos, o Brazil respirava então, e ainda por muitos annos respiraria, uma atmosphera ameaçadora e carregada de guerras provaveis.

Com uma escassa população de pouco mais de 3.000.000 de habitantes, entre brancos na sua maioria, negros escravos e indios insubmissos, formando nucleos quasi isolados, dispersos, desconhecidos uns dos outros, com rudimentares vias de communicação, ponteando e riscando um territorio collossal, o Brazil desenhava então fragil aranhol para conter e ligar um gigante.

O imperio, sem base, se abalava, tremia todo ; e, desconjunctado, ameaçava desabar.

Tal era e tal estava o Brazil por 1831.

A nossa imaginação evoca-nos as planicies polares que a audacia aventurosa dos navegantes nos revela lisas, simples, silenciosamente frias, de uma solidão branca, infinita, no momento em que, de repente, a terra, licenciados os ventos, fosse violentamente desviada do seu movimento de translação e se avisinhasse do Sol.

Aos raios ardentes do sol começa o de gelo formidavel. Ao escorrer das neves formam-se rios caudalosos, roncando em caixões espumantes, cavando valles ; a planicie se desnivela, desapparece para mostrar uma natureza torturada em

(1) Cavalcanti — Resenha Financeira, Pag. 93 a 100.

montanhas abruptas, em depressões profundas. Com estrondo rolam das montanhas avalanches pavorosas, que tudo esmagam na sua passagem, desmanchando-se em mares revoltos, onde *fiords* retardatarios correm furiosamente açoutados pela ventania sibillante ; o chão vacilla, desapparece, foge ao contacto.

Tudo se dissolve, se esboroa, se desata, se desmembra, se desarticula E' o cahos!

Que poder conseguirá ahi regular o curso dos rios, dirigir a rosa dos ventos, determinar o calor e o frio, germinar a vegetação, estabelecer emfim a vida ?

Sahido da calma colonial, da tranquillidade fria do regimen dos capitães-generaes e dos capitães-móres, o Brazil repentinamente se achava ardendo na fornalha da liberdade inexperta.

Quem o salvará do incendio devastador ?

Quem ahi estabelecerá a ordem sem a qual não ha liberdade ?

A revolução de 7 de abril descarnara o paiz e mostrara que, no Brazil, em 1831, tudo que serve para organizar, tudo que serve para construir, tudo que serve para ordenar e dirigir estava lamentavelmente em ebullição. Não era, porém, a agitação que precede á morte ; mas sim a que acompanha as grandes transformações.

O paiz atravessava a crise formidavel da puberdade.

Desprendido já de Portngal, e agora dos portuguezes, o Brazil ia definitivamente pertencer aos brazileiros.

Receiosos do fraccionamento do Brazil — preoccupação sincera dos estadistas brazileiros — os revolucionarios triumfantes de 7 de abril não ousaram ir até á republica. Com uma apparencia de legalidade, alguns deputados e senadores, residuos dos poderes até então constituidos, escolheram no edificio do Senado uma Regencia Provisoria, (general Lima e Silva, senador Vergueiro, Marquez de Caravellas) para governar em nome do monarcha infante.

O seu grande serviço foi ter recolhido e conservado o governo do imperio, para o transmittir á Regencia Permanente, eleita constitucionalmente a 17 de junho, de 1831 (general Lima e Silva, deputados Costa Carvalho e Braulio Muniz).

Fraca como todo o governo interino, enfraquecida com a dispersão do poder por tres membros, a Regencia Permanente se enfraqueceu ainda mais com a lei de 14 de junho de 1831, que, transformando-a em uma delegação limitada da assembléa geral, amputou-lhe attribuições indispensaveis no regimen parlamentar e em epocas revolucionarias.

Cabia-lhe, entretanto, estabelecer a segurança individual e a ordem publica, garantir as instituições, consolidar o regimen da liberdade com a monarchia constitucional representativa nessa epoca de anarchia.

Como o fazer, porém ?

Titubeante, impotente, a sua missão parecia antes ser a de assistir á ruina da patria.

O Ministro da Justiça, que occupava o cargo havia tres mezes, não conseguira dominar a desordem e a confusão.

Era necessario outro.

Diogo Antonio Feijó, que, nas côrtes constituintes de Lisboa, em defesa do Brazil, em Itu apresentando emendas á constituição imperial que ia ser outorgada, na assembléa geral sustentando a abolição do celibato clerical e clamando pela repressão da anarchia, havia mostrado coragem pessoal e civica, firmeza de caracter, segura confiança em si mesmo, intelligencia ousada e teimosa, probidade intangivel, aspera independencia, rude franqueza, espirito combatente, entranhado amor de patria, foi convidado para exercer o Ministerio da Justiça.

A tarefa apresentava-se inçada de difficuldades tremendas, cheia de responsabilidades incalculaveis.

Sozinho na vida, na plena força de seus 46 annos, Feijó era, sem duvida, o homem adequado, chegando no momento opportuno.

Acceitou ; mas tal era, a seu ver, a instabilidade do governo, a fraqueza das instituições, a frouxidão dos homens, o geral temor das responsabilidades, que entendeu que a investidura legal do cargo não lhe bastava ; quiz que ella se firmasse por um contracto, no qual estabeleceu clausulas, impoz obrigações aos regentes, determinou deveres aos ministros, legislou e constituiu ; mas fez tambem o dom completo de sua pessoa, entregou corpo e alma á obra ingente que ia empreender.

Com energia e com justiça executaria o seu programma que expunha com simplicidade, em dous periodos :

1.º «Fazer respeitar as leis, fossem quaes fossem os queixumes, não só porque unicamente é livre a terra onde ellas imperam, como tambem para que fossem reformadas as que se verificassem más».

2.º «Obrigar todos ao cumprimento do dever effectivando as responsabilidades, sem dó nem piedade, gritasse quem gritasse».

Terminado o clamor que se ia levantar, accrescentava elle, a nação abençoaria os que cooperassem para sua prosperidade e o governo seria forte, amado e respeitado.

E, «para que a todo o tempo lhe restasse a cousolação de, feliz nos resultados. ter sido fiel aos seus principios e á sua consciencia, ou se enchesse de vergonha por haver faltado ao promettido, ia assignar o contracto, e rogava aos regentes que assignassem tambem em testemunho de que concordavam e acceitavam».

Assignou.

Assignaram todos a 4 de julho de 1831. (1)

---

(1) Vide condições com que Feijó acceitou o Ministerio da Justiça — Egas, V I pag. 79.

Grande era a novidade do contracto; mas maior era a de tal programma.

A 6 de julho de 1831 tomou posse e entrou em funcções.

Apenas empossado do seu arduo cargo, já Feijó se encontrava a braços com insurreições.

Na madrugada de 12 de julho de 1831, o batalhão 26 de infantaria, aquartellado em S. Bento, desobedeceu aos officiaes, pegou em armas, e, aos tiros, levantou-se em plena revolta.

A noticia chegou de prompto ao novo Ministro da Justiça, que, com rapida decisão e immediata execução, qualidades de sua vigorosa iniciativa, reuniu uns seisentos dos Guardas Municipaes, com os respectivos juizes de paz (1), assediou o quartel insurgido e compelliu os soldados a renderem-se prisioneiros.

Tão rapida manobra, tão desusado movimento de energia amedontrou os sublevados, que depuzeram as armas e se entregaram á discreção.

Com a mesma rapidez, com que abafou a revolta, os fez embarcar para a provincia da Bahia. (2)

Esses municipaes, com que Feijó submetteu e desarmou tropa regular da 1.ª linha do exercito, não chegavam a ser uma guarda policial. Eram corpos, não pagos, que, dezenas de dias antes, a lei de 14 de junho de 1831 creara nos districtos de paz, divididos em esquadras de cincoenta cidadãos, com qualidades para serem eleitores, cada uma com seu commandante e todas com um commandante geral.

Eram alistados, divididos e nomeados pelos juizes de paz e sob as ordens e direcção delles serviam.

Deveriam ser armados e municiados pelo governo; mas, chamados, compareceriam com as armas que tivessem, e, pelo menos, com uma lança mettida em haste de madeira com dez palmos de comprido.

Foi com elles que Feijó venceu!

Essa guarda galucha porém marchou, a serviço da patria, em nome da lei, dirigida por uma vontade poderosa, que sabia querer e que queria, contra a desordem e contra o crime.

Isso, que Feijó obtivera com as forças dos juizes de paz, teria sido sem duvida conseguido, sem escandalo e sem sobresaltos, pelos officiaes do batalhão, se tivessem sabido ou se tivessem querido cumprir os seus deveres.

---

(1) Os juizes de paz, creados pela lei de 15 de outubro de 1827, iam fazer as suas primeiras provas com Feijó. Eram autoridades judiciarias electivas que, como hoje, na parte civil julgavam pequenas demandas; mas eram ao mesmo tempo autoridades policiaes com eguaes ou maiores attribuições que os nossos actuaes delegados de policia, Pela lei de 6 de junho de 1831 tinham competencia para punição de todos os crimes de policia, que eram inaffiançaveis quando tivesse havido prisão em flagrante. E pela lei de 26 de outubro de 1831 ficaram com competencia para processar até pronuncia, *ex-officio*, todos os crimes publicos. Os juizes de paz que não procedessem com a diligencia necessaria em indagar dos implicados nos crimes publicos e policiaes, seriam reputados cumplices desses crimes e como taes julgados.

(2) Pereira da Silva, Historia do Brazil — 1831 a 1840 pag. 21 e 22.

Não o fizeram, porém, deliberadamente, porque a desordem era geral e a todos corroia como veneno.

«O veneno, dizia Abreu Lima com a sua dupla competencia de general e de historiador contemporaneo, o veneno se havia inoculado na tropa; para ganal-a haviam muitos officiaes affrouxado a disciplina lisongeando-lhe todas as baixas paixões; ... os mesmos officiaes, divididos entre si, começaram a alliciar a tropa em differentes sentidos. Uns se pronunciaram pelas idéas exaggeradas da revolução, e queriam que o movimento não parasse, outros mais cordatos persistiam nas idéas de paz e socego»... e outros iam dentro em breve batalhar pela restauração do filho de d. João VI.

E' bem de ver-se que, com taes elementos, a ordem não se restabeleceria ainda, e que a anarchia por muito tempo campearia ainda no Rio de Janeiro.

De facto, aproveitando-se do estado deploravel em que se encontrava a tropa, da excitação das ruas, da fraqueza dos governantes, até poucos dias evidenciada, os agitadores — de bôa fé uns, inconscientes ou exploradores insaciaveis outros — entraram pelos quarteis e delles sacaram a desordem.

A 14 de julho, pela madrugada, o Corpo Militar de Policia sahiu para as ruas; e, em meio de violencias, matando e arrombando, n'um começo de saque, se estabeleceu no Largo do Rocio. A esse corpo se foram juntando, aos magotes e até em companhias inteiras, soldados de varios batalhões, carregados de armas e munições, e tambem numerosos paisanos, os quaes, formando todos um nucleo desordenado de mais de quatro mil pessoas, se transferiram logo depois para o Campo de Sant'Anna.

Na porção da cidade, compreendida entre esses dous largos, em poder dos revoltosos, tumultuava a desordem, num barulho continuo, descompassado, feito de assuadas, de gritaria, de estampidos de tiros.

A capital do imperio estava entregue á soldadesca desenfreada, sem chefes ou dirigida por chefes occultos.

Grande parte da officialidade, connivente com a revolta, deixou os soldados entregues a si mesmos, pretextando a impossibilidade de dominal-os. Nesse movimento, em que tomou parte quasi toda a guarnição militar do Rio de Janeiro, não se viu a acção dos Ministros da Guerra e da Marinha.

Não sabendo qual o exito da aventura, *os homens graves*, aquelles que pensam que salvando a si e as suas posições, estão salvos os principios e a patria, — uns promptos para auferir vantagens pessoaes, outros dispostos a acceitar o facto consummado — receiosos de se comprometter, se retrahiam e não davam signal de si.

Deante da indecisão geral, o povo, indeciso, se encolhia.

A situação era, entretanto, angustiosa.

Os consules de França e de Inglaterra offereceram ao governo fazer desembarcar forças das divisões navaes de

seus paizes, estacionadas na bahia, para auxiliarem a manutenção da ordem e defenderem as casas commerciaes de seus compatriotas. (1)

Barco sem timoneiro, iria o Brazil sossobrar nessa epoca tempestuosa?

Foi então que se confirmaram as grandes qualidades de Feijó.

Conta Pereira da Silva, na sua Historia do Brazil, que, resolvido a cumprir o seu dever até o sacrificio da vida, pediu Feijó aos regentes, aos ministros, á familia imperial que se juntassem no Paço da cidade; á camara e ao senado que se reunissem em assembléa geral, e em sessão permanente, para cooperar com o executivo nas medidas urgentes para domar a revolução.

Recusados nobremente os offerecimentos dos consules estrangeiros, Feijó fez convocar nos districtos todos os Guardas Municipaes, dando-lhes ponto de reunião na rua Direita; convidou todos os cidadãos, sem distincção de nacionalidade, a, nos arsenaes, receberem armas e munições para defesa da cidade, sob a imminencia de um saque, e para combate aos insurrectos dispostos a todos os attentados.

Despertando em uns o instincto de conservação, obrigando outros ao cumprimento do dever, com a segurança de quem consegue o que quer, quando se esforça, com uma força suggestionadora, communicativa, a sua energia poderosa começou a implantar na alma dos que o ouviam o alento e a esperança, que se propagaram pelos que estavam mais perto (2).

O povo começou a apparecer.

Na rua Direita, e no largo do Paço, os cidadãos acudiam e alistavam-se entre os Guardas Municipaes, que, em breve, montariam a tres mil.

No Campo de Sant'Anna fervia a revolta, admirada sem duvida de não estar ainda vencedora. Os partidos politicos, atraz da Força Armada, e de combinação com ella, queriam completar a revolução de 7 de abril, levando-a ás suas derradeiras consequencias.

Os soldados insubordinados e os paisanos em armas mandaram á assembléa uma representação, na qual exigiam a deposição da regencia, a demissão dos ministros, a promulgação immediata de reformas constitucionaes francamente democraticas; suspensão e exautoração de funccionarios de elevada categoria, civis e militares, nascidos em Portugal; deportação de 87 cidadãos nomeadamente indicados, pertencentes na sua maior parte ao senado, ao conselho de estado, ao exercito, á magistratura e ao commercio; prohibição emfim de immigração portugueza durante dez annos, affirman-

---

(1) Memorias do Visconde de S. Leopoldo — R. I. H, G. do Brazil, Vol. 38 Pag. 27.

(2) Vide em P. da Silva. Ob. cit. pag. 38.

do que não deporiam as armas sem que houvessem sido attendidos.

Animada de uma força nova, a assembléa recusou-se a attender a intimação.

« Não se fariam mais capitulações com o crime ufano de suas victorias, ia escrever Evaristo da Veiga. »

A attitude da assembléa espantou e desmoralizou os revoltosos, que contavam vencer sem lucta. Já não se entendem entre si; uns querem continuar e outros querem abandonar. Muitos soldados deixam o Campo, e, guiados pelos seus officiaes, recolhem-se aos quarteis.

A coisa já durava havia dois dias.

Era preciso acabar.

Feijó fez seguir os 3.000 Guardas Municipaes, a Artilharia da Marinha, a Artilharia Montada do Exercito, forças regulares ainda fieis, as quaes, na madrugada do dia 16 de julho de 1831, entraram e varreram o Campo de Sant'Anna, jugulando a bernarda e restabelecendo a ordem publica.

Os revolucionarios, que não tinham sabido morrer com as armas na mão, eram agora reos de justiça; e a moralidade exigia que fossem entregues aos tribunaes.

Feijó, cuja indomavel força de caracter tinha sido infatigavel na organização dos elementos de resistencia, ia ser inexoravel e desapiedado na repressão.

No proprio conselho da regencia, porêm, assentava-se a fraqueza ou o crime.

Dous Ministros — o da Guerra e o do Imperio, — (1) assustadiços ou conniventes, procuraram attenuar ou desculpar os successos de 14 a 16 de julho.

Feijó fez crise. Os ministros sahiram e, a 16 de julho mesmo, o gabinete é recomposto com Lino Coutinho na pasta do Imperio, Manoel F. Lima e Silva na da Guerra, e para a da Fazenda, já vaga havia dias, entrou Bernardo Pereira de Vasconcellos, já com a reputação de maior parlamentar de seu tempo.

O Corpo Militar de Policia foi dissolvido. (2)

Os soldados compromettidos tiveram baixa; os batalhões, reorganizados de novo, foram espalhados pelas provincias; e os officiaes foram transferidos ou presos, conforme a gravidade de suas faltas.

As fortalezas de S. João, Villegaignon e Santa Cruz encheram-se de militares, de todos os gráus, recolhidos aos seus ergastulos, informa P. da Silva.

---

(1) Souza França — ministro do Imperio — marechal José Manoel de Moraes, Ministros da Guerra — Era provavelmente o mesmo, pois que o nome é identico, que ainda no posto de coronel commandou a brigada que dissolveu a Assembléa Constituinte em novembro de 1823. Mas tarde fará parte de um dos clubs restauradores.

(2) Lei de 17 de julho de 1831, referendada pelo Ministro da Guerra, Lima e Silva.

O ardor do Ministro da Justiça tira as autoridades policiaes e judiciarias da apathia e inercia, em que viviam e leva-as a uma actividade desconhecida.

Nada de *meias medidas* que só se encaminham a acobertar o mal e a deixal-o criar raizes, dizia elle.

Na forma do Codigo Criminal, foram processados todos os paisanos, que, unidos á tropa, tomaram parte nos movimentos sediciosos.

Os processos, porêm, a militares e paisanos esbarravam-se e annullavam-se nas *cartas de seguro*, concedidas pelos juizes para que os seus portadores não fossem presos, usança medieval que garantia a impunidade dos criminosos.

Feijó, fundado na Constituição, suspendeu, a 22 de junho, as cartas de seguro, e foi por isso denunciado, a 29 de junho, na Camara dos Deputados por Montezuma; e, em sessões tempestuosas, foi julgado livre de culpa, obtendo assim uma consagração parlamentar.

No desempenho de seus deveres, «na pasta da justiça, Feijó tinha feito apparecer uma força d'alma, uma constancia que antes delle não fôra conhecida entre nós.

«Não se fizeram mais vergonhosas capitulações com o crime ufano de suas victorias.

«Os olhos da população ameaçada se voltaram para este homem forte e integro; é delle que se aguardam as providencias que devem manter a sociedade sem o risco de ser invadida por hordas de barbaros; e a confiança veiu finalmente coroar os esforços do digno membro da administração publica... Se se inquirir a massa dos cidadãos interessados na ordem, elles dirão que é no Snr. Feijó e na sua coragem civica que elles têm posto a ancora de sua esperança», dizia Evaristo Ferreira da Veiga, que já se aureolava com a fama de maior jornalista da época.

Alem de resoluto e energico, era Feijó um espirito organizador.

A capital do imperio, dispondo apenas da Artilharia de Marinha e da Artilharia de Posição, devido aos acontecimentos de 12 a 16 de julho, estava quasi sem tropa regular.

Feijó estabeleceu a segurança publica como poude, com as providencias compativeis com o tempo e com os recursos do governo. Recorreu principalmente ao patriotismo dos brazileiros.

Deu armas aos negociantes estabelecidos nas ruas mais desertas e nos arrabaldes (27 de julho); distribuiu armamento e cartuchame a 3.000 cidadãos que tinham qualidades de eleitor e pelos guardas municipaes precisos para as rondas (30 de julho); organizou a cavallaria da Guarda Municipal com soldados da cavallaria de Minas; (1) determinou que os Guardas Municipaes ficassem á disposição das auto-

(1) obtidos do Ministro da Guerra e as entrega ao T.te C.el Theobaldo, seu commandante-geral.

ridades civis e judiciarias e que sobre ellas nenhuma ingerencia teriam os guardas da primeira linha.

A atmosphera de concordancia, esse contacto moral que a acção de Feijó estabelecera entre o governo e o povo, começou a accender em muitos o desejo de serem uteis, de praticarem actos de valor, de heroismo; creou, em summa, o enthusiasmo, que provocam sempre as causas nobres servidas por homens abnegados.

Os officiaes, cujos corpos foram extinctos ou dissolvidos, sem partido ou pertencendo ao Moderado, se organizaram em *Batalhão de Officiaes-Soldados*, com effectivo superior a 400 e, patrioticamente cingindo as patronas sobre as bandas, *unindo as clavinas ás espadas*, (1) se puzeram á disposição do governo. (2)

Sentindo bem, entretanto, que a ordem publica e a segurança individual não podiam repousar permanentemente no só patriotismo dos cidadãos; sentindo, portanto, serem necessarios corpos regulares, bem escolhidos e bem pagos, aos quaes os brazileiros pudessem confiar a segurança de suas pessoas e de seus bens e o paiz a guarda de suas instituições, propoz Feijó á assembléa a creação dos *Guardas Municipaes Permanentes*, com soldo, organização militar, deveres, obrigações e um effectivo de 640 praças.

Logo obteve tambem a lei de 18 de agosto de 1831, que autorizou a organização, em todos os municipios, de *Guardas Nacionaes* destinados a defender a constituição, a liberdade, a independencia e a intregridade do imperio; a manter a obediencia ás leis, conservar e restabelecer a ordem e a tranquillidade publica, e auxiliar o exercito da linha na defesa das fronteiras e das costas.

O Corpo dos *Guardas Municipaes*, e as Legiões dos *Guardas Nacionaes* ficaram subordinados exclusivamente ao Ministro da Justiça. (3)

---

(1) A phrase é de Feijó

(2) *Repertorio da Legislação Militar*. — General R. J. da Cunha Mattos. *Officiaes-Soldados*, batalhão creado no anno de 1831 para proteger a tranquilidade publica. Tendo feito servicos muito relevantes, foi dissolvido no anno de 1833.

Vida do Duque de Caxias. Mor. Pinto de Campos. «E' o caso que tendo sido dissolvidos os corpos resultou dahi dividirem-se geralmente os seus elementos em duas classes, soldados insubordinados e officiaes avulsos de todas as patentes, mas sem collocação. Luiz Alves de Lima e Silva e João Paulo dos Santos Barreto conceberam a idéa de um batalhão sagrado, a qual foi immediatamente levada a effeito.

Dentro de poucos dias estava constituido com 400 officiaes um corpo em que se alistaram até coroneis, e brigadeiros, sem vantagem pessoal de especie alguma, pois continuaram todos a só receber os soldos de suas patentes; e faziam o serviço da guarnição, rondas diurnas e nocturnas etc.

(3) Só em 10 de outubro de 1831, sob a pressão de novas revoltas e revoluções, seria promulgada a lei autorizando a crear e a organizar o Corpo de Municipaes Permanentes. A 22 de outubro desse anno Feijó o organizou militarmente, com um tenente-coronel commandante, um major ajudante, quatro companhias, com capitães, tenentes e alferes, estado maior, fel-os instruir militarmente, deu-lhes instrucções civis, a 29 de novembro de 1831. e marcou-lhes uniforme a 31 de dezembro de 1831 Dessa mesma data é o acto marcando o uniforme dos Guãrdas Nacionaes. Era commandante do Corpo de Guardas Municipaes Pérmanectes o tenente-coroeel Francisco Theobaldo Sanches Brandão; ajudante major Luiz Alves Lima e Silva.

Si infatigavel era a actividade de Feijó, infatigavel tambem era a desordem, era a opposição que os partidos lhe faziam na imprensa, no parlamento, nos clubs, nas ruas da capital e nas cidades das provincias.

O Pará reflectia o estado anarchico do Rio de Janeiro; no interior do Ceará, Pinto Madeira, á frente de 3.000 homens, dilacerava a provincia em guerra civil; no Maranhão, Araujo Vianna governava ao sabor dos amotinados em armas. Em Pernambuco a guarnição, em numero superior a 1.200 homens, praticou os excessos da setembrizada; e, desmoralizada e bebeda, acabou chacinada pela população do Recife, que se defendeu a si mesma, matando mais de 200 e prendendo a mais de 800.

Na Bahia foi embarcado rapidamente, para abafar um pronunciamento, um batalhão de caçadores, que foi immediatamente dissolvido ao chegar ao Rio de Janeiro.

Na capital, os compromettidos nos successos de Julho iam sendo soltos — despronunciados uns, absolvidos quasi todos — acoroçoados assim a novas pertubações pela impunidade que os protegia.

Excitado, doentio, febril era o estado da população; melindrosa era a situação nessa memoravel crise em que o Brazil se debatia, a affimar a sua nacionalidade, lutando pela liberdade.

Os boatos de traição, de revolta ferviam; tal era o estado de exacerbação dos espiritos, que um encontrão degenerava sempre em rixa e uma rixa em motim.

Na noite de 28 de setembro de 1831, uma rusga entre dous officiaes militares poz em polvorosa o Theatro Constitucional, antigo S. Pedro, e fez vir ás mãos os partidos. Juizes de Paz e numerosos guardas municipaes accorreram, mas só conseguiram dominar o movimento com o deixar no terreno tres mortos, centenares de feridos, e com o levar presos muitos militares e paizanos. Assim mesmo só se restabeleceu definitivamente a ordem dous dias depois.

A imprensa de opposição, forte, vehemente, deformou os factos, elevou a centenares o numero de mortos, a milhares o de feridos, gritou oppressão, clamou liberdade, e estigmatizou a ferocidade do governo e a de seus auxiliares.

Falava-se em revolução como cousa inevitavel.

Ninguem se espantou, pois, quando, a 6 de outubro, a Artilharia de Marinha, um dos unicos corpos de Força Publica, que até então se conservaram fieis ao governo, se insurgiu na ilha das Cobras, proclamou decahido o governo e acclamou novas instituições politicas

A rebate logo tocaram sinos e matracas, reunindo os Guardas Municipaes e o batalhão dos Officiaes-Soldados.

O marechal Pinto Peixoto, nomeado por Feijó commandante dessas forças, dividiu-as em tres columnas, uma das quaes, sob o commando de Ayrosa, ficou em terra para

guarnecer a cidade e o morro de S. Bento, onde fez atroar o canhão.

As duas outras, commandadas respectivamente pelo coronel J. P. dos Santos Barreto e pelo major Luiz Alves de Lima e Silva, por pontos diversos desembarcaram na ilha, tomaram-n'a de assalto, escalaram os fortes ; e os Guardas Municipaes — estudantes e empregados do commercio hontem, soldados hoje, patriotas sempre — foram os primeiros a transpor as muralhas da fortaleza para receber a rendição dos sublevados, numa victoria facil, se não fôra em guerra civil.

As tropas que Feijó organizou, os officiaes, nos quaes elle soube, pela sua energia e pela sua coragem, crear todos os nobres sentimentos militares, venceram mais uma vez.

O Ministro da Marinha, figura triste e inutil, connivente ou inepto, sumiu-se numa demissão apagada, como apagada fôra a sua passagem pelo ministerio.

O governo começou a impor-se, a ser uma quantidade com que se tinha de contar ; e Feijó começou a ser a força corajosa e abnegada que congrega, age, e vae até o fim.

Nelle confiavam todos, entregando-se para a luta, certo de que não os abandonaria na primeira volta da estrada.

As classes conservadoras, anciosas de ordem e de paz, prestigiavam a regencia, davam os seus melhores contingentes para a formação dos Guardas Municipaes e dos Guardas Nacionaes.

A regencia, composta de homens do povo, em nome de um imperador de cinco annos, do innocente menino como então se dizia, avivando o sentimentalismo brazileiro, dava garantias ao principio monarchico, e satisfacção á democracia que collocava os seus representantes nas culminancias do poder.

A anarchia, sem chefes apparentes, sem responsaveis ostensivos, era domada todas as vezes que alçava o collo. A tenaz resistencia do governo, entretanto, creada e sustentada pelo Ministro da Justiça, irritando-os, ia de uma vez desmascarar, desalojar de seus esconderijos, os elementos de opposição violenta, claramente separando-os em *restauradores e exaltados.*

Ao ver e ao sentir os males que atormentavam o paiz, alguns, saudosos do antigo regimen, trabalhavam pelar estauração da dictadura monarchica de Pedro I ; outros, aventando meios novos, queriam ir ás ultimas consequencias da democracia, com a proclamação da republica, todos ingenuamente convencidos que as mudanças de formas de governo mudam os homens, e que, como os balsamos medievaes curavam todas as feridas de seus felizes possuidores, os rotulos dos regimens derramam a felicidade nos povos por elles enfeitados.

A maioria, porêm, se voltava para o partido moderado, que, dirigindo no parlamento reformas constitucionaes recla-

madas pela opinião, se alargava, se fortalecia e sustentava no poder a Feijó, «homem talhado para os tempos de revolução», cuja alma de aço com ella não se destemperava.

Apezar disso, os tumultos continuavam.

Abafada uma revolta, subjugada uma sedição, vencida uma revolução, logo appareciam outras ; esclarecida uma noticia, desfeita uma intriga, rebatida uma calumnia, immediatamente se forjavam outras.

«Elles esperavam perturbar o ministro, obrigal-o a perder o sangue frio e a calma, e leval-o a desatinos ou a excessos de repressão; no entender delles, o cançasso produzido por ataques incessantes é de tal ordem, que, em vez de defender-se, o atacado acaba por entregar-se e deixar livre o posto á pequena minoria, que o provoca e o importuna.

O mais rudimentar dos revolucionarios sabe disto ; e sabe tambem que, si não consegue tudo, consegue ao menos perturbar a cabeça dos responsaveis pela ordem, e impedil-os de repousar com somno tranquillo». (1)

Boatos de proxima commoção se espalharam nos fins de março de 1832. Correram rumores de assassinatos dos regentes, dos ministros, principalmente do do Ministro da Justiça, considerado responsavel por tudo.

Precavido, Feijó vigiava e sabia, por informações seguras, que de facto se preparavam movimentos revolucionarios combinados entre os *exaltados* e os *restauradores*, tendo por objecto commum derrubar a regencia e o seu governo, (2) e, depois, com uma constituinte, em uma especie de consulta á nação, decidir da sorte desta.

Preferiu, e naquella conjunctura era o passo mais acertado, tornar publico o plano.

«Ordeno, diz elle na Camara dos Deputados, (3) que se espalhe pela cidade a noticia da traição, afim de desconcertar os planos, e dou todas as providencias para o combate.»

Com a costumada actividade, reuniu os juizes de paz, os commandantes dos Municipaes Permanentes, do Batalhão de Officiaes-Soldados, dos Guardas Nacionaes, com elles deliberou pôr as tropas de promptidão e fazer guardar os arsenaes de Marinha e de Guerra.

Com esse estratagema, que teve exito completo, separou na acção os dous partidos, batendo-os, assim, com maior facilidade. Os *Exaltados*, como exaltados que eram, se precipitaram e fizeram rebentar o movimento antes do tempo.

Ao acabar da madrugada do dia 3 de abril, o major Miguel de Frias e Vasconcellos, (4) á frente das guarnições

---

(1) Emile Olivier — L' Empire Liberal Vol. II Pag. 84.

(2) Aviso de Feijó em 3 de abril de 1831 aos presidentes de provincia.

(3) Discurso de 16 de maio de 1832. — Feijó por E. Egas — Vol. I Pag. 158.

(4) Além de outros tomaram parte no movimento o capitão de caçadores Salustiano Antonio de Senna, tenente de engenheiros Honorio José Ferreira e o tenente de artilharia Antonio Caetano da Silva.

das fortalezas de Santa Cruz e Villegaignon, umas 300 praças insurreccionadas, com uma peça de artilharia, desembarcou em Botafogo, percorreu parte da cidade, recebendo seus partidarios, e se intrincheirou no Campo de Sant'Anna.

Manifestos por elles espalhados profusamente descreviam o estado lastimavel do paiz ; e, em nome do povo e da tropa, propunham a deposição da regencia e a sua substituição por Antonio Carlos, Maynard e Paes de Andrade, (1) a extincção do senado, a dissolução da Camara dos Deputados e a convocação de uma constituinte para decretar as reformas, de que o paiz necessitava.

O tenente coronel Theobaldo Brandão, commandando a cavallaria, e o major Luiz Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, á frente da infantaria do Corpo de Municipaes Permanentes, tendo recebido pessoalmente de Feijó, com a propria letra deste, uma portaria na qual desassombradamente lhes deu ordens inequivocas para vencer a revolta a *ferro e fogo,* desembocaram no Campo de Sant'Anna e esmagaram a revolução. (2)

A 17 de abril rompeu a esperada revolução restauradora.

Alguns officiaes superiores (3) do exercito, sob o commando d'um aventureiro allemão, intitulado Barão von Bülow, tendo ás suas ordens uns 400 homens, entre infantaria, alguma cavallaria e 4 peças de artilharia, proclamaram deposta a regencia e restaurado no trono brazileiro o sr. d. Pedro I.

Feijó entregou ao marechal Pinto Peixoto (4) o commando das forças legaes, as mesmas de sempre, accrescidas de um batalhão de caçadores, e da artilharia de posição, e repetiu as ordens anteriores — *levar a ferro e fogo todos os bandos armados que encontrasse.*

A força restauradora sahiu da Quinta Imperial e se dirigiu para o centro da cidade pelo *Aterrado*, estrada com aterro, como indica o seu nome, traçada para ligar S. Christovam com a cidade, limitada de um lado por um rio e pelo outro por vasto tremedal.

As tropas legaes tomaram a entrada e a sahida do *Aterrado.* Atacada pela frente e pela retaguarda, a força de Bülow tentou combater ; mas, colhida entre dous nutridos fogos, foi victima do panico, que a fez fugir pelos brejos, deixando 30 mortos, as bandeiras, as armas, as peças de artilharia e mais de 80 prisioneiros. As forças legaes perderam 20 homens, entre os quaes o capitão de cavallaria Peçanha. (5)

---

(1) Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, João Pedro Maynard e Manoel de Carvalho Paes de Andrade

(2) Vide Motim Politico de 3 de abril de 1832, por M. de Azevedo — R. I. H e G do Brazil V. 37 Pag. 367.

(3) Os coroneis do exercito Conrado Jacob de Niemeyer, Manoel A. Henriques Totta, Bricio, tomaram parte nesse movimento.

(4) Segundo P. da Silva, H. do Brazil, 1831 a 1840, Pag. 65

(5) P. da Silva, H. do Brazil 1831 a 1840.

Entre os prisioneiros encontravam-se creados do Paço Imperial. Duas das peças de artilharia pertenciam á Quinta da Bôa Vista, residencia da familia imperial e de seu tutor.

A opinião publica indicou logo como connivente no movimento o tutor do imperador.

Estava esmagada mais uma revolta e essa seria a ultima. Dominada a anarchia na capital de um imperio ferrenhamente centralizado, dentro em pouco estaria tambem dominada nas provincias. As convulsões, que nestas ainda se viam, eram os estertores da agonia.

O Rio de Janeiro, então, no dizer de Feijó, sem as facções politicas, estava livre das quadrilhas de roubadores e de assassinos, e nunca offerecera tanta segurança aos seus habitantes. (1)

A tropa de primeira linha tinha, por assim dizer, desapparecido; em seu lugar, porém, havia um Corpo de Municipaes Permanentes, bravo e dedicado, com cavallaria e infantaria, organizado e instruido militarmente, e as Legiões de Guardas Nacionaes, denodados e enthusiastas, com 5 batalhões de infantaria e 3 esquadrões de cavallaria, contendo força de 4.000 homens, que ao primeiro grito do governo subiam a 6.000. (2)

No Senado, porém, cahira por um voto, depois de approvado pela Camara dos Deputados, o projecto de destituição do tutor do imperador; e Feijó, que della fizera questão de gabinete, e o annunciara, demittiu-se a 26 de julho de 1832.

«Sou filho de uma provincia, onde se faz timbre de cumprir o que se promette», dissera elle.

Mas seria essa, porém, a verdadeira causa de sua demissão?

Seria esse compromisso deliberadamente tomado?

Talvez o conhecimento da vontade dos representantes da nação e a impossibilidade de fazer passar na assembléa geral medidas julgadas indispensaveis?

Ou cançasso de domar revoltas?

Não!

Sem ambições pessoaes, sentira, que, naquelle momento, cumprido o que promettera no seu contracto, estava realizada a sua bella e gloriosa missão historica.

Nesse Ministerio da Justiça, que durou pouco mais de doze mezes. verdadeira campanha, energica e patriotica, na qual teve que preparar e organizar tudo para essas batalhas sempre victoriosas, Feijó creou a coragem no coração dos desalentados; inspirou a confiança no esforço honesto; ga-

---

(1) Relatorio de Feijò a 16 de maio de 1832. Vide em Feijó por E. Egas, Vol. 1, Pag. 144.
(2) Idem.

rantiu a segurança individual e a ordem publica; affirmou o principio de autoridade; consolidou a monarchia constitucional; destruiu o militarismo e estabeleceu a ordem civil, deixando entrever a imagem de uma patria grande, forte, feliz.

A sua demissão, porém, produziu um estrondo. Tudo tremeu e se dobrou com o só eco da sua sahida do governo.

O ministerio demittiu-se, a regencia resignou, a maioria declarou-se em sessão permanente nas camaras, tudo se desmanchando no frustrado golpe de estado de 30 de julho.

Foi, porém, um collapso. A nação, tendo adquirido a posse de si mesma, por obra de Feijó, com elle dizia:

«O Brazil jamais consentirá que, quem quer que seja, dirija os seus destinos sem a isso ser chamado pelas leis, expressão de sua vontade.» (1)

No primeiro domingo de agosto, em dia não conhecido da população fluminense, retirou-se do Rio de Janeiro, trazendo toda a sua bagagem — duas canastras sobre um burro, no lote de um tropeiro paulista — (2) voltando, assim, simplesmente, para sua casa em S. Paulo.

Estando em S. Paulo, a provincia do Rio de Janeiro por duas vezes o elegeu senador; ainda em S. Paulo, o paiz inteiro o escolheu para regente do Imperio; e ainda ahi foi nomeado bispo de Mariana, o que recusou.

A regencia, prova de reconhecimento do Brazil aos grandes serviços do Ministro da Justiça e de esperança de novos, foi um equivoco de Feijó para comsigo mesmo (3) durante dois annos; como fôra um erro da assembléa com a nação, que durava havia seis annos e que duraria ainda tres. (4)

---

(1) Feijó — Aviso de 9 de março de 1832.

(2) Feijó por E Egas—Vol. I Pg. 108-109.

(3) Parece que elle cedeu á imposição de seus amigos, certo como estava de não obter meios de governar. Vide carta de Alvares Machado a Costa Carvalho em 25 de julho de 1835. R. I. H. G. de S. Paulo, Vol. II Pg. 93 a 95.

(4) Pelo art. 102 da Constituição do Imperio, o Imperador era o chefe do Poder Executivo e o exercitava por intermedio de seus ministros de estado que, pelo art. , eram obrigados a referendar todos os actos e ficando, por isso, por elles responsaveis.

Pelo art. 98 pertencia privativamente ao Imperador o Poder Moderador, cujas attribuições eram exercidas sem a referenda dos ministros, e por cujo exercicio não eram os ministros responsaveis. Essas attribuições, talvez as mais importantes na ordem politica, eram:

I. Nomear senadores.

II Convocar a assembléa geral extraordinaria, nos intervallos das sessões, quando assim o pedir o bem publico.

III Sancionar os decretos da assembléa geral legislativa para que tenham força de lei.

IV Approvar e suspender inteiramente ás resoluções das assembléas provinciaes.

V Prorogar e adiar a assembléa geral e dissolver a Camara dos Deputa-

Estava em S. Paulo, quando estalou em 1842 a revolução, que abalou fundamente a provincia e o imperio.

« Uma revolução embora legitima, traz comsigo tal corrupção de costumes politicos e do senso moral, que, si não é indispensavel, é ella criminosa; e ninguem tem o direito de a ella reccorrer, sem que fique estabelecido que é impotente a resistencia legal.

Ha tempos, porém, em que a lei tornou-se uma violação tão intoleravel do direito, que ninguem é obrigado a respeital-a; ha tempos em que é tão grande a indignidade

---

dos, nos casos em que o exigir a salvação do estado, convocando immediatamente outra que a substitua.

VI Nomear e demittir livremente os seus ministros.

VII Suspender os magistrados nos casos do art. 154.

VIII Perdoar e moderar as penas impostas aos réos condemnados por sentença.

IX Conceder amnistia em caso urgente, e que assim aconselhe a humanidade e o bem do estado.

O unico limite, si limite se pode chamar a uma audencia sem força obrigatoria, a essas attribuições extraordinarias, era o parecer do Conselho de Estado.

Pelo art 99 da mesma Constituição, a pessoa do Imperador era inviolavel e sagrada; elle não estava sujeito a responsabilidade alguma.

Com o Poder Moderador, *chave de toda a organização politica*, delegada privativamente ao Imperador como chefe supremo da nação e seu primeiro representante, para que incessantemente velasse sobre a manutenção de independencia, equilibrio e harmonia dos mais poderes politicos, como doutrinava o art. 98, o imperador exercia discricionariamente *o executivo*, nomeando e demittindo livremente os seus ministros; exercia indirectamente o *legislativo*, mas sobre elle tinha uma acção mui directa, com a nomeação de senadores, com a convocação extraordinaria, prorogação e adiamento da assembléa geral, com a dissolução da camara dos deputados, com a sancção das leis; e ficava acima do judiciario, com a suspensão dos magistrados, com o perdão e moderação das penas, e com a annistia e com... o resto.

O imperador era tudo; e não era de admirar que, tendo elle outorgado a carta, não se reservasse a maior parte.

A Constituição de 1824, si trazia garantias sociaes, politicamente estabelecia o absolutismo, continuava o antigo regimen, com palavras douradas para disfarçar o gosto, e foi com certeza isso o preço da sua outorga.

A hypertrofia do Imperador, no regimen constitucional outorgado em 1824, gerou todos os equivocos politicos dessa data, inclusive a revolução de 7 de Abril.

A 6 de abril, ainda o Imperador obstinadamente recusava-se a nomear outro ministerio; porque era prerogativa sua nomear e demittir livremente todos os seus ministros, dizia elle.

A revolução viu bem isso e, na lei de 14 de junho de 1831, art. 10, estabeleceu que a regencia exerceria, com a referenda do ministro competente, todas as attribuições que, pela constituição do Imperio, competiam ao Poder Moderador e ao Chefe do Poder Executivo, com diversas limitações e excepções.

Concentrando numa só pessoa as attribuições do Moderador e as do Chefe do Executivo, com a referenda dos ministros, e com isto tornando-os responsaveis pelo exercicio das extraordinarias attribuições politicas já referidas, a lei de regencia, expedida na conformidade do § 2.o do art. 15 da Constituição, supprimiu de facto o tal poder inspector, poder equilibrador, poder balança, traducção do absolutismo.

Si a regencia continuava irresponsavel (art. 129 da Const.) ella ia exercer todas as attribuições do Moderador e do Executivo, por intermedio dos ministros, que, com a referenda, ficavam pelo exercicio responsaveis.

Durante a regencia, entre moderador e executivo só existiriam distincções nominaes. A lei de 14 de junho de 1831 deu um passo adiante para o parlamentarismo com a suppressão do Poder Moderador, com a extincção do absolutismo constitucional e com o estabelecimento da independencia dos tres poderes politicos, até agora conhecidos. Mas deu tambem

dos que mandam, que ficam livres de obrigação os que devem obedecer. (1)

As leis de reforma judiciaria (2) e creadora do conselho do Estado (3) acabavam com a liberdade do cidadão, coactavam a do monarcha, attentavam contra a constituição do paiz, violando o acto addicional.

A annullação do poder legislativo pelo golpe de estado de 1.° de maio de 1842, (4) que dissolveu a camara dos deputados, em maioria contra o governo, antes de ter os seus poderes reconhecidos, sob o fundamento de vicios do processo eleitoral, amputara á opposição o recurso legal. Assim pensaram os anti-ministeriaes, que viram na resolução a inevitavel solução.

«Receiando os males da resistencia, é talvez prudente tolerar uma nação os attentados contra a sua constituição, a alteração violenta de sua fórma de governo; mas com essa prudencia não cumpre ella o seu dever, e só dá mostras, de que não é digna da liberdade e dos altos destinos a que aspira», dizia Feijó.

E, por assim pensar, resolveu elle dar ao movimento revolucionario a sua inteira, a sua completa solidariedade. E o fez como costumava fazer o que fazia; sem reservas, sem se poupar, com toda a sua energia, doando a sua pessoa, o seu passado, o seu futuro, tudo!

Mas a revolução de 1842, estalava ferida de morte no nascedouro. Feijó, como todos os paulistas, sentiu isso; mas nella estavam mettidos os seus correligionarios, todos os seus companheiros de lutas, os seus amigos pessoaes.

O brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, o mais prestigioso chefe partidario de então, fora acclamado presidente da provincia revoltada.

---

um passo atraz, supprimindo no executivo attribuições necessarias, indispensaveis ao parlamentarismo tal como a de dissolver as camaras.

Tendo sentido de perto os excessos do Moderador e do Executivo, quiz a assembléa diminuil-os; mas o fez tanto que os enfraqueceu.

Feita pelo Imperador, a Constituição fortaleceu de mais o Chefe do Executivo com a creação do Moderador; feita pela assembléa, a lei de regencia fortaleceu demais o Legislativo, supprimindo do regimen uma das molas essenciaes, tirando-lhe a elasticidade, tornando-o rigido e rangedor.

Essa lei enfraqueceu tambem o Executivo, supprimindo-lhe a attribuição de dispensar as formalidades que garantem a liberdade individual — decretar o estado de sitio, como hoje se diria — indispensavel naquelle tempo de rebellião continua, permanente, e supprimindo-lhe tambem a de conceder titulos, honras, partes integrantes da monarchia.

A hypertrofia do Legislativo, no regimen de lei de 1831, gerou todos os equivocos politicos durante a regencia, inclusive o golpe de estado de *Maioridade*.

(1) E. Olivier, L'Empire Liberal — Volum. II, Pag. 112.

(2) Lei de 3 de dezembro de 1841.

(3) Lei de 29 de novembro de 1841 — «A opposição considerava a lei que creou o conselho de estado como um monstro (assim a chamava) que ia mudar e transformar completamente a forma do governo, e passar o poder das mãos do monarcha para as de uma olygarchia. «*Uruguay*» - Direito Administrativo — Vol. 1,° Pag. 249. Foi o Ministro que executou a lei.

(4) A 5.ª legislatura do imperio foi dissolvida antes de reconhecer os seus poderes, sob fundamento de que nas respectivas eleições tinha havido fraude, violencias etc.

Já agora, disse Feijó, era preciso comprometter o maior numero de pessoas gradas, para forçar a amnistia. (1)

E começou por se comprometter a si mesmo, e de maneira irrevogavel.

Esse homem de medulla leonina, esse ex-regente do imperio jazia no seu sitio em Campinas, immobilizado pela paralysia. Mas fez-se transportar para Sorocaba, para a séde do movimento, que não aconselhara; ahi acceitou a vice-presidencia da provincia em armas e começou dirigir a imprensa revolucionaria.

E' lá, que o Barão de Caxias, deante de quem as forças revolucionarias se dispersam como missangas inuteis, desatadas de um collar que se parte, é lá, que o Barão de Caxias o encontra, sosinho, immobilizado, — não pela crudelissima molestia que o tortura, mas pelo seu querer abnegado e indomavel, — no exercicio da presidencia rebellada, tendo nas mãos os originaes ainda humidos do jornal revolucionario, a se comprometter ainda mais, si possivel fora, a tratar em nome da revolução, na correspondencia que ficou celebre, com o chefe das tropas vencedoras.

Padre e enfermo, é agarrado como um amotinador vulgar e trazido para a capital de S. Paulo; senador do imperio, é preso e deportado para a provincia do Espirito Santo; ex-ministro, ex-regente, a caminho do degredo, só a caridade do commandante do navio-prisão lhe poupa a boia da maruja; e, no degredo, tendo partido com 20$000 no bolso, vive durante seis mezes da hospitalidade dos brazileiros.

Em S. Paulo, pela policia do partido vencedor, pela policia da lei de 3 de dezembro de 1841, tinha sido aberta uma devassa, na qual ficara provado que Feijó, Vergueiro, Raphael Tobias, e outros e outros, tinham sido cabeças e autores do rebellião.

A abertura da sessão legislativa de 1843 terminou a deportação de Feijó, para abrir-lhe as portas do senado, já constituido em tribunal para o seu julgamento.

O senado — presidido, por escolha da maioria, pelo Barão de Monte Alegre, presidente da provincia de S. Paulo, cuja politica reaccionaria tinha sido a causa occasional da rebellião e que a tinha debellado — votara *post-facto* apressadas leis de processo para julgamento de senadores. E, na sua tribuna, se proclamava que senador entrado em rebellião é sempre cabeça; que nenhum juiz, em caso como aquelle, se pode dar por suspeito; que aos accusados não cabe o direito de recusação de juizes, embora fossem sabidamente parciaes ou inimigos; se proclamava mais e erradamente, que em França, em circumstancias identicas, nenhum senador tinha ousado levantar a voz em favor dos accusados; e se lamentava, que o poder imperial não tivesse, como na Inglaterra, o arbitrio de augmentar o numero de senadores (2).

(1) E. Egas Diogo Feijó — Vol. I Pag. 227.
(2) Vide discurso do senador Alves Branco nessa occasião.

No recinto da camara vitalicia se respirava uma atmosphera compressora, na qual se sentiam ameaças de cumplicidade e de connivencia para forçar a mão aos timoratos.

Foi perante esse tribunal, em que os juizes eram os vencedores e os accusados eram os vencidos, que elle compareceu para responder como cabeça da rebellião paulista.

Foi perante esse tribunal, que elle falou, mostrando que, na devassa aberta em S. Paulo, tinham sido violados as mais elementares normas do processo, para se forjar a figura juridica de uma rebellião, que não houvera, e da qual, portanto, não podia ser autor e muito menos cabeça. Assim sendo, o processo, que lhe intentavam, era um acto da força vencedora. E deante delle, que lhe restava fazer?

Restava falar a seus collegas e a seus concidadãos. Mas, tomemos as suas proprias palavras, que outras não podem substituir.

Nessa memoravel sessão de 15 de maio de 1843, sexagenario, enfermo, entrevado pela paralysia, quasi moribundo, sem familia, sem clientes, com seu partido esfacelado por uma revolução vencida, pauperrimo, só, ao voltar do degredo, elle dizia:

> «Que me resta mais a fazer? Resta expor todo «o meu pensamento, apresentar-me com toda a «franqueza a meus collegas e a meus concidadãos, «tal qual sou. Quero que elles penetrem no san«tuario da minha consciencia, e então me julguem.
>
> «Eu declaro ao senado e á nação, que em «verdade eu não fui cabeça, nem ao menos autor, «do movimento revolucionario de S. Paulo; mas «declaro ao senado e á nação que o approvei; que «a elle adheri, que desejei que elle fosse feliz, e «que para esse fim escrevi, e dei alguns passos «depois do seu rompimento. Eu estava, e ainda es«tou, profundamente convencido que a isso eu era «obrigado pelos juramentos que prestei; que, si o «que eu fiz, todos fizessem, si todos fossem fieis aos «juramentos prestados á constituição do estado, «nunca haveria movimentos revolucionarios, porque «os que ousassem lançar sobre ella mãos sacrilegas, «se achariam sós e cahiriam cobertos de maldições «e desprezos, quando não soffressem as penas da lei.
>
> «Eu penso, que si uma nação é tal, que vê «submissa a violação de suas instituições, é ella in«digna de ser nação livre, *é já escrava e, se ainda «não tem senhor, terá o primeiro que o queira ser.*
>
> «Entendo, portanto, que não é só direito mas «sim dever de todos que prezam os foros e digni«dade de cidadãos livres, oppor-se ás infracções da «constituição de seu paiz por todos os meios legaes,

«como tambem, faltando estes, por todos os outros «que lhe restem. . .

« . . . . . Para conseguir e consolidar instituições livres em um paiz, é indispensavel nelle esse «sentimento geral e instinctivo de resistencia á tyrannia, a qual existe toda a vez que se viola a «constituição ; e, emquanto esse sentimento não estiver infiltrado nos animos, radicado nos espiritos, a «liberdade será apenas nominal. Só depois que tal «foi a religião politica da Inglaterra é que ella tem «tido estabilidade, e tem apresentado ao mundo «admirado o espectaculo de sua grandeza e de sua «gloria. E' por isso que se acha consignado em nossas leis o direito de resistencia ás ordens illegaes, «sem o que seria fantastica e chimerica a nossa «forma de governo.»

No meio daquelles homens, em muitos dos quaes as vicissitudes desse periodo atormentadamente revolucionario tinham habituado ás transacções de principios e ás complacencias pessoaes, essas palavras de Feijó soaram com um ruido novo e desconhecido, como o de blocos de bronze que se ajustassem, edificando, na nossa historia, um exemplo imperecivel de patriotismo e de consciencia abnegada no cumprimento do dever.

Sim ; porque dever, e não crime, é juntar novas liberdades ao patrimonio herdado ; dever, e não crime, é, com o gesto, com a palavra, com o escripto, com o exemplo, com a acção, dentro da lei, em quanto ella existir, fora della, quando a supprimirem, contra tudo e contra todos, com as armas na mão, defender o nosso direito violado, a nossa liberdade supprimida.

Dever é isso, e o seu cumprimento é sempre benefico.

Crime é acceitar, por conveniencia do dia, em favor de seus interesses, as mesuras de prepotencia jactanciosa ; é não resistir aos avanços da violencia.

Crime é cerrar os ouvidos aos ensinamentos dos que já passaram, e que, com o seu esforço e o seu sangue, nos deram a libêrdade ; é ser connivente com a força oppressora, para desfructar a tranquillidade gozosa do momento ; é fechar os olhos para não ver o que a transigencia cobarde crea para os que vêm depois de nós.

Crime é tudo isso, e crime inutil, porque a força só respeita quem a repelle.

Feijó não praticára esse crime ; cumprira o seu dever.

Outros que se desculpassem, que se defendessem ; elle catava as responsabilidades para com ellas se encouraçar ; porque na sua patria, digna dos altos destinos a que aspirara, elle só defendera as liberdades publicas. Não era um reo julgado por seus pares ; era antes um juiz que appellava do senado para a nação, e desta para a posteridade.

A majestade de sua attitude, a grandeza sublime de sua estatura moral, toda em luz, encheram o senado, dignificaram a nação que tal filho tinha.

Depois dessas palavras immortaes, ou a pena maxima ou a glorificação.

Os senadores—juizes, porém, recuavam apavorados, não ousando julgar Feijó.

Encolhidos, murchos, prolongavam, demoravam e acabaram por adiar sem prazo o seu julgamento, dando-lhe uma licença quasi inutil, porque olle já estava quasi morto.

Nesse anno de 1843, a 10 de novembro, Diogo Antonio Feijó faleceu na sua querida terra de S. Paulo.

Eis alguns lances da vida do grande paulista que hoje commemoramos.

Dotado de intelligencia lucida, de caracter integro, de vontade robusta e fogosa, sabendo principalmente mandar, inflexivel, indomavel, não conheceu transacções nem condescendencias e proseguiu sempre, com tenacidade, até o sacrificio, naquillo que entendeu ser o cumprimento do seu dever.

Resumindo a razão de ser da sua existencia num amor entranhado á sua patria, o seu lemma foi, quando no poder, combater pela ordem para assegurar a liberdade ; e, quando fóra delle, combater pela liberdade para estabelecimento da ordem.

Sobre elle repousaram em dado momento a existencia do imperio e a vida do Brazil.

Os seus adversarios reconheceram a sua energia, o seu caracter austero, as suas virtudes antigas, os seus serviços ao paiz , (1) os seus correligionarios sagraram — no heroe, (2) que a voz publica de todos os cidadãos — movidos de um só pensamento o de escapar ao perigo — proclamou salvador da patria. (3)

Pela nobreza de sua alma, pelo amor de patria, pela preoccupação constante do bem publico, pelos seus feitos pouco vulgares, faz pensar nos varões illustres de Plutarcho ; pela rijeza de seu caracter imperturbavel, pela abnegação e desinteresse provado lembra oa romanos quando Roma se preparava para a grandeza ; pelo completo desapego das honras e bens materiaes, pela pureza e austeridade de sua vida, é entre os santos que a Igreja, a que elle pertenceu, o deve procurar.

O Brazil o olha como um dos grandes constructores da sua nacionalidade e como um dos vultos eminentes da nossa raça.

Gloria a Feijó ; gloria a esta geração de paulistas fortes, que sabe comprehender e reconhecer os seus grandes serviços.

---

(1) Uruguay.
(2) Costa Ferreira.
(3) Veiga.

Dois documentos

Sobre a sedição militar ou "Levante", do 1.º Batalhão de Caçadores da Praça de Santos, em 1821

POR

BENEDICTO CALIXTO

Socio honorario do Instituto

Dois documentos

SOBRE A SEDIÇÃO MILITAR, OU « LEVANTE » DO 1.º BATALHÃO DE CAÇADORES DA PRAÇA DE SANTOS, EM 1821

Os dois documentos que aqui damos por cópia são de algum interesse, como subsidio, para os que quizerem investigar a historia dessa deploravel occurrencia — O Levante que se deu em Santos, na noite de 28 para 29 de junho de 1821 — que, como outros factos de não menor gravidade, pertencem aos pródomos da nossa memoravel emancipação politica.

Machado de Oliveira, Azevedo Marques, Antonio Piza, Jacintho Ribeiro e outros já se têm occupado em descrever esse acontecimento procurando demonstrar a razão ou motivo que levou esses pobres soldados do 1.º batalhão de caçadores, destacados na Praça de Santos, a se rebelarem contra as autoridades, exigindo o pagamento de seus soldos, em atrazo de tres annos ; e — a punição summaria — dos principaes chefes da rebelião que foram enforcados « no braço das Vergas » do brigue de guerra, portuguez, que se achava ancorado em frente á — «Casa do Trem», e sobre o qual os amotinados haviam disparado alguns tiros de artilharia.

O acto mais lugubre e triste, entretanto, em toda essa tragedia não foi este, mas sim — a barbara execução de Chaguinhas — que tendo sido condemnado á mesma pena, como chefe da revolta, e levado a S. Paulo, foi ali enforcado tres vezes ! Isto é : tendo-se rompido a corda duas vezes no acto da execução e não querendo o chefe do Governo Provisorio (Martim Francisco), attender aos clamores do povo e dos «Irmãos de Misericordia» que supplicavam o perdão do paciente, — mandou-se buscar, no matadouro, um forte laço de couro com o qual se conseguiu, pela terceira vez, enforcar, de facto, o infeliz Chaguinhas ; ali, nesse mesmo sitio, que ainda é conhecido hoje sob o ironico titulo de *Largo da Liberdade.*

Os documentos que ahi vão, os quaes nos foram cedidos por um velho commerciante de Santos, estão redigidos em linguagem rancorosa, sedenta de vinganças, quando se referem aos autores da sedição ; e não podia deixar de ser assim, pois que os signatarios dessa carta estavam ainda sob a impressão do terror que lhes havia produzido o saque e as depredações de que acabavam de ser victimas. Não ha,

entretanto, nesse «libello accusatorio» uma queixa siquer contra Chaguinhas, como chefe ou capataz dessa rebelião...

Os dignos representantes do «Corpo do Commercio de Santos» supplicam apenas o perdão e a recompensa para tres inferiores desse mesmo batalhão, pela maneira por que se portaram, procurando manter a ordem entre seus companheiros revoltados.

Um desses documentos diz que no conflicto os revoltosos «commetteram muitas mortes e roubos» quando os historiadores affirmam que apenas houve depredações, roubos e grande panico.

O facto mais grave e deprimente, na opinião dos signatarios da referida carta, era: — o terem esses soldados, na vespera desse dia (28 de junho), com todos os habitantes de Santos, inclusive a propria «Junta do Corpo do Commercio», prestado, no Paço do Conselho SOLEMNE E FIEL JURAMENTO ás bases constitucionaes da Nação, e a plena obediencia ao Excellentissimo Governo Provisorio de São Paulo».

— Quebrar um juramento, faltar a sua palavra, era ainda nessa época um crime horroroso que requeria as mais severas punições! — «O' tempora! O' mores!...»

S. Vicente, 7 de setembro de 1913.

I

Carta que o corpo do commercio da praça de Santos escreveu ao governo provisorio da provincia, felicitando-o por sua installação e agradecendo-lhe o soccorro, que lhe expediu, para a restauração da villa.

Os Commerciantes da pacifica e mansa praça de Santos, entreposto da Provincia de S. Paulo, cheios do mais profundo respeito, se apresentam á respeitavel presença da Junta Provisoria do Governo desta provincia: e cheios de prazer, felicitam a Vossas Excellencias, e se congratulam da installação do mesmo governo.

Já será presente a Vossas Excellencias o nosso solemne e fiel juramento nos Paços do Conselho desta Villa no dia 28 de Junho ás Bases Constitucionaes da Nação, ás leis estabelecidas e á plena obediencia ao Excellentissimo Governo Provisorio.

Por esta o ratificamos, offerecendo-nos com nossas pessôas, sangue e todo o nosso haver, e com a maior pureza dos nossos corações e como em penhor de nossas fidelidades ao serviço publico da Nação. Este dever, o primeiro de nossas honras e amor nacional, querendo cumprir e leval-o á presença de Vossas Excellencias, immediatamente foi suffocado e surprezo pelos desastrosos acontecimentos da mesma noite do dia 28, e dos seguintes, praticados pelos rebeldes amotinadores da segurança e tranquillidade publica, os malvados infames, e para sempre detestados infractores do juramento, que no sobredito dia 28 em concurso haviam prestado; e é com o maior horror e espanto ainda sem poder fallar, que os nomeamos para conhecimento da Nação; malvados que mascarados da nobre e guerreira veste do 1.º batalhão do regimento de caçadores desta Provincia, tinham a seu cargo a segurança publica desta Villa e o fazer respeitar as suas authoridades. Felizmente, graças ao Altissimo! fomos salvos da nossa total ruina no dia seis do corrente pelas promptas e sabias providencias de V. Excias., dando-nos pela primeira vez e a todo o mundo um constante firme decisivo, um indelevel testemunho de seus paternaes desvelos pela conservação publica e salvação de toda esta provincia. Sim, Excellentissimos Senhores! foi salva Santos pelos promptos soccorros de V. Excias., pela honrosa, nobre e efficaz cooperação dos illustres e distinctos encarregados da expedição resgatadoura de todos os nobres e valentes guerreiros da

mesma, dos dignos possuidores da nobre denominação de segundo batalhão do sobredito regimento, que fieis a seus deveres de seu juramento teem se mostrado dignos defensores da patria e dignos herdeiros da herança Paulopolitana e Portugueza. Rendemos a V. Excias. as devidas graças por tão relevante serviço feito á nossa provincia e á toda a Nação. Entregues e confiados aos paternaes cuidados de V. Excias., descançamos e contamos com o inteiro restabelecimento de nossa tranquillidade e socego publico desta provincia.

Recommendamos ás altas attenções de V. Excellencias todos os guerreiros, que concorreram para a nossa salvação e que com denodo e honra souberam cumprir a sabia e providente commissão e concorreram para tão glorioso serviço recommendaveis por isso: O mesmo fazemos á respeito dos 2.º sargento Carlos José Pinheiro, sargento de brigada Sebastião Xavier de Souza, 2.º sargento Manoel Archanjo; todos do redito regimento, que por seus arriscados feitos e honrada conducta de que serão V. Excellencias informados pelos mesmos illustrissimos encarregados da Expedição resgatadoura, tiveram mão e concorreram para se não ultimar a inteira ruina desta Villa como projectavam nossos impios inimigos. Postos com o maior dos respeitos e submissão aos pés de V. Excellencias lhes beijamos as mãos.

Deus guarde a V. Excellencias por muitos annos.

Santos, 11 de Julho de 1821.

Illustrissimos e Excellentissimos Senhores Presidentes e Deputados da Junta Provisoria do Governo desta Provincia.

José Antonio Vieira de Carvalho e José Carvalho da Silva, Caetano Antonio Pereira de Barros, Venancio Antonio da Rosa, José Toribio Martins, Bernardino Antonio Vieira Barbosa, Manoel Antonio Alves de Paiva, Romão José Florindo, João Xavier da Costa Aguiar, Bento Thomaz Vianna, Francisco Xavier da Costa Aguiar, Francisco Xavier da Costa Aguiar Filho, Cypriano da Silva Proost, Januario José da Silva, Manoel de Alvarenga Braga.

II

Carta que o Exmo. Governo Provisorio escreveu, em resposta, ao Corpo do Commercio de Santos.

O Governo Provisorio recebeu a carta que o Corpo dos Commerciantes dessa Villa lhe dirigiu a 11 do corrente, ratificando o juramento prestado no dia 28 do mez passado, expondo as atrocidades commettidas pelos infames soldados do extincto 1.º batalhão do regimento de caçadores, agradecendo ao Governo a presteza com que fez suffocar uma tal rebellião com a prisão dos fascinoras, que commetteram tantas mortes e tantos roubos; e finalmente recommendando os

bons serviços que tem prestado a deputação Militar e o bravo 2.° batalhão do m. regimento, que tão denodadamente atacou e surprehendeu aquelles malvados e outrosim os trez inferiores daquelle extincto 1.° batalhão que longe de acompanharem seus companheiros em taes delictos procuraram quanto puderam evital-os. O Governo Provisorio reconhece no corpo de commercio dessa Villa os generosos serviços dos bons patriotas portugezes, agradece a confiança que nelle tem, a qual se realisará sempre, sempre que for necessario a beneficio do commercio, e da segurança individual de cada um dos moradores desta Provincia; e tendo já o Governo felicitado os moradores dessa Villa por estarem livres daquelles infames roubadores e segurado a Expedição resgatadoura de quanto o Governo a toma debaixo das suas vistas para attendel-a affirma ao Corpo de Commercio que igual attenção ha de prestar aos trez inferiores recommendados.

Deus guarde a V. S.

Palacio do Governo de S. Paulo, 16 de Junho de 1821.

João Carlos Augusto de Oeynhausen, Presidente. José Bonifacio de Andrada e Silva, Vice Presidente, Martim Franeisco Ribeiro de Andrada. Secretario.

Snrs. José Antonio Vieira de Carvalho e mais commerciantes da praça de Santos.

EXPLORAÇÕES GEOGRAPHICAS

Plano de acção e processos. Basimetros Brazileiros

Communicação feita ao Segundo Congresso Brazileiro de Geographia

PELO

DR. F. SATURNINO RODRIGUES DE BRITO

Engenheiro Chefe das Commissões de Saneamento de Santos e Recife

EXPLORAÇÕES GEOGRAPHICAS

Plano de acção e processos. Basimetros Brazileiros

Os trabalhos de saneamento em Santos e Recife, sob a direcção do autor da presente «Communicação», não lhe permittem se demorar em distracções de espirito no cuidar de outros assumptos. Mas, o muito amor pelas cousas desta Grande Patria o conduz a aproveitar todas as opportunidades para, ao menos, trazer o seu applauso ás iniciativas proveitosas, quando não possa nellas collaborar, esplanando questões ou as enunciando para que outros as estudem.

Sirvam de advertencia estas primeiras linhas, para as poucas que se vão seguir, sob o pretexto de relembrar dous apparelhos brazileiros de medição de bases, collimando, porém, o objectivo de acompanhar de longe os que, como o illustre Francisco Bhering, pugnam pelos processos rapidos dos estudos de campo destinados ao desenho da nossa carta geographica, em planimetria e em altimetria.

Nos paizes pequenos é natural que os seus technicos se occupem dos menores detalhes e façam como os artistas que preparam um trabalho para ser visto á pequena distancia. Nos paizes de grandes superficies, na maior parte inexploradas, é preciso applicar processos que definam com precisão relativa os grandes pontos, as linhas imaginarias que os ligam e processos rapidos que detalhem os accidentes a coordenar em relação ás bases definidas. Precisamos de um conjuncto que mereça fé, e, quando se haja de detalhar para um estudo especial de uma região, se partirá de um marco conhecido e se levará a minucia ao gráo necessario para o nhecimento especulativo ou para a locação de um projecto a realizar.

Temos sustentado e applicado estes principios de bôa economia technica a proposito do desperdicio de tempo e de dinheiro em levantamentos cadastraes das cidades. Para todos os *planos geraes* de melhoramentos destas é bastante o correcto levantamento topographico, contendo, como elementos principaes, os alinhamentos das ruas, as curvas de nivel, as frentes das casas. Quando se haja de subdividir um quarteirão pelo atravessar de uma rua ; quando se queira conhecer dos detalhes da sua edificação, — então se o le-

vantará isoladamente, se o desenhará em maior escala. A pretexto de «*cadastro*» levantam-se detalhes que a escala da planta (1 : 2000 ou 1 : 1000) absolutamente não comporta.

Releve-se-nos, porém, dizer que as plantas topographicas que temos feito, com planos geraes de melhoramentos, abrangendo a futura expansão das cidades, são mais perfeitas, como trabalho technico, que muitas intituladas *plantas cadastraes*, as quaes de cadastro só têm o nome ; muitas nem mesmo foram levantadas e desenhadas com criterio. Cadastrar não é medir *á la diable* os perimetros das casas e os pintar bellamente em cartas illuminadas pelo colorido e animadas por algumas figuras de imaginação. Ha uma notavel e valiosa differença, quanto ao preço, entre o inutil exagero do detalhe e o *bom* e *completo* levantamento topographico em planta e em relevo, tal que permitta a organização de todos os *planos geraes* de melhoramentos, ente os quaes os de expansão da cidade pelos terrenos baldios, guiando-se o seu desenvolvimento em lugar de o deixar sem rumo, a crear obstaculos para as futuras obras de saneamento e de viação. (V. do A. — *Saneamento de Campos, Exgottos das cidades*, Relatorios dos trabalhos de *Saneamento de Santos*).

Voltemos das cidades para o campo, para as mattas virgens, para esta enorme extensão de terras comprehendidas entre as grandes malhas de tantos gráos geographicos, em latitude e em longitude.

Para agir efficientemente é preciso que o governo faça elaborar um *memorial* (por gente pratica e não por doutores) organizando o plano de acção, expondo os processos básicos expeditos, sem, porém, tolher a iniciativa para as modificações que a pratica fôr fazendo surgir da actividade do operador intelligente ; — deverá orientar e harmonizar a acção e os processos, de modo que todos trabalhem para o mesmo objectivo e todos se entendam sobre o que vão fazer, e cada um entenda o que os outros fizerem, no terreno e na sequencia dos annos. Apanhado um documento qualquer, feito em qualquer tempo e local, se deve ahi reconhecer o programma geographico official, de modo que se o possa sempre encarar no mappa geral ou verificar o que nelle já exista. A esse programma geral seriam obrigados todos os estudos topographicos custeados pelo governo ou que lhe forem submettidos para qualquer fim por empresas particulares e pretendentes a concessões (estradas de ferro, telegraphos, etc.). E se mais tarde se verificar que houve relaxamento nos estudos, inobservancia do programma, falsas ou ficticias informações geographicas, uma punição regulamentada deve ser applicada com rigor, podendo mesmo conduzir o concessionario a multas elevadas (destinadas ao serviço geographico) e á perda da concessão ou dos favores que obteve com documento irregular.

Para a demarcação dos pontos coordenados, das grandes linhas e de alguns detalhes do interior, dos rios e do litoral,

o governo aproveitaria a intelligencia e a actividade dos nossos technicos militares de terra e mar. Seriam elles os organizadores da nossa carta e os zelosos fiscaes da collaboração de que fallámos acima.

E' evidente o proveito da economia, pelo melhor aproveitamento do que se lhes paga para estarem nos quarteis, nas ruas das nossas capitaes ou nos salões de diversões, á espera de uma opportunidade para provarem o seu valor de soldados. Sendo elles em tão grande numero, não ha duvida tambem que maior presteza teremos nos trabalhos.

De entre os proveitos indirectos, tanto ou mais importantes que esses, está o grande lucro para o nosso exercito e para a nossa armada, de se manterem em util actividade (não ha *raid* que se compare ás viagens longas), tornando-se vigorosos pelo exercicio, pela vida de sobriedade no interior ou nas costas e pelo precioso conhecimento detalhado que adquiram do nosso litoral, dos nossos rios, das nossas terras. Para o soldado e para o marinheiro, quanto não vale isto? Quantos detalhes importantissimos não colherão para as cartas militares, ao mesmo tempo que preparam a carta para os usos civis?

As explorações geologicas, com intuitos exclusivamente hydrologicos e industriaes, devem ser incluidas no mesmo programma e confiadas ao mesmo corpo technico.

A devassa que o *Jornal do Commercio* expoz em publico sobre o descuido nos deveres da carreira militar, patenteia a inactividade nos quarteis e na ancoragem de navios sob commandos em cidades que offereçam todas as commodidades e todos os prazeres. São factos que foram ditos, mas sabidos eram de todos. Essa actividade necessaria, proveitosa para todos os homens e para o paiz, em lugar de ser meramente militarista, pode ser e deve ser aproveitada em beneficio da technica militar e da actividade industrial.

Dito o que de principal desejamos dizer vamos descrever em poucas palavras o apparelho que tomamos como pretexto e titulo para não deixar esquecido, em um Congresso de Geographia, o assumpto pratico da questão primordial: — *o levantamento da nossa carta geral.* Estimaremos si for por outros tratado com mais competencia e desenvolvimento.

O distincto engenheiro Americo de Souza Rangel, quando se dedicou de corpo e alma ao levantamento da carta cadastral do Districto Federal (Rio de Janeiro), imaginou e applicou um basimetro composto de uma série de fitas de aço Chesterman, de 5 metros cada uma, medidas em precisas condições de temperatura e tensão; estas fitas eram distendidas de estaca em estaca, niveladas e bastante elevadas sobre a superficie do terreno; a coincidencia dos traços se fazia por meio de um apparato que imaginou. Temos, portanto, os seguintes elementos a considerar nesta operação: — a tensão, a catenaria, a dilatação da fita, a reducção ao horizonte das distancias. O resultado da medição foi ex-

cellente, tanto pela precisão obtida como pela economia e presteza relativa do processo, comparado com outros conhecidos.

Para serviços mais rapidos, limitados a um rigor perfeitamente aceitavel (se bem que se o possa desenvolver até attingir ou exceder o que se alcança com alguns dos outros basimetros), imaginámos, ao dirigirmos os trabalhos de Melhoramentos da Victoria (Espirito Santo), um apparelho muito simples, e que se acha descripto em Relatorio impresso.

Consiste o basimetro no emprego de uma fita de aço, aferida a 0 gráos de temperatura, de 20 ou 30 metros de comprimento, a qual se estende sobre reguas de madeira collocadas sobre cavaletes ou tripodes, com as mesas moveis (para cima ou para baixo), de modo que, de estaca a estaca se forme um só plano inclinado e se não tenha correcção de catenaria a fazer. As estacas têm no topo uma pequena chapa de folha de Flandres ou zinco, com traços em cruz, para guiar a direcção da fita e para a leitura do traço da fita que coincide, em cada extremo, com o traço da estaca correspondente ; não se faz coincidir o *zéro* da fita com o traço de ré da estaca ; lê-se 0,^{m}012,5, por exemplo, a ré, e 29,^{m}945 á vante ; para isto a distancia entre as estacas é inferior a 30 metros, se a fita tem esta dimensão. Desloca-se a fita para a frente ou para traz, fazem-se novas leituras e assim trez ou quatro vezes para se ter a média das distancias ; estas leituras são feitas sem esforço de tracção na fita, que se suppõe collocada naturalmente em um só plano, sem sinuosidades que prejudiquem a medição. Feitas as trez ou quatro leituras, se corre a fita sobre as reguas, para o que já devem estar collocadas outras entre as duas seguintes estacas.

Para regularizar as reguas, de modo a se ter um plano inclinado entre as duas estacas, se empregam trez cruzetas, das quaes duas ficam sobre as estacas e a outra se colloca sobre as reguas, nos locaes dos cavalletes ou supportes, cujas mesas se abaixam ou se elevam até que o plano da visada passe razante pelas trez cruzetas.

Neste systema não ha pesos para se obter uma tensão uniforme, e não raro fallaz ; não é preciso calcular a catenaria pelo seu desenvolvimento theorico.

E' simples e expedito, e obtivemos bons resultados na Victoria (Espirito Santo) e em Campinas (S. Paulo).

Recife, 1 de agosto de 1910.

DISCURSO

proferido pelo orador official

DR. AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

NA

Sessão anniversaria a 1.° de novembro de 1912

DISCURSO

Exmo. sr. presidente.—Caros e illustres consocios:

Cabe-me accidentalmente, neste anno de 1912, o honrosissimo encargo—tão honroso quanto de difficuldades inçado—de pronunciar o discurso com que findam a nossa sessão magna anniversaria e os trabalhos do Instituto.

Não fôra a grande vontade de corresponder ao espontaneo convite do nosso illustre 1.º secretario e presidente interino, e a firme intenção de procurar servir o Instituto á altura das minhas forças, fielmente obedecendo ás designações dos seus directores, não me atrevera, de modo algum, a subir a esta tribuna illustrada por tantos oradores notaveis; não me arriscára á acceitar a substituição do illustre professor de direito a quem tocava a penosa tarefa e della arredado por um justo impecilho.

Assim pois, meus caros consocios, não espereis que vos offereça a sumptuosidade da phrase que caracteriza as orações do sr. dr. Raphael Sampaio: muito longe disto, torna-se-me preciso que solicite, muito instantemente, a vossa indulgencia, em relação ás minhas palavras.

Accresce ainda que ha poucos dias, apenas, recebi a investidura interina do cargo de que se afastou o sr. dr. Raphael Sampaio: falta-me materialmente o tempo necessario para alinhar as idéas e os conceitos do meu discurso incolor.

Acostumado a aferir alheios recursos pelos proprios, entendeu o illustre historiador de Feijó que o limitado prazo concedido me chegaria: sem que o quizesse, forçou-me a sua generosidade a que agora tenha de recorrer á benevolencia de todo o meu auditorio.

Os deveres do orador do Instituto conferem-lhe a mais melancholica das prerogativas: é pelo seu intermedio que a nossa companhia exprime áquelles a quem a morte fez desapparecer do cadastro social, o ultimo adeus, as demonstrações de saudade e de affecto com que lhes acompanha a entrada na Eternidade.

Entre nós, senhores, notavel caracter de intensidade assume este preito de derradeira solidariedade, que tanto move todos os corações humanos.

E' que as tendencias do espirito e as eleições da alma nos afiliaram ao gremio daquelles que mais zelam a continuidade das relações entre a humanidade vivente e a dos tumulos:

Pertencemos á phalange que assegura a transmissão do fanal perscrutador da Verdade, de geração em geração, e a nossa força cohesiva não é sinão uma modalidade do sentimento de repulsa ao anniquilamento das personalidades diluidas no meio das turbas anonymas que o tumulo traga, uma forma do terror ao olvido que tão expressivamente traduz o *non omnis moriar* do poeta.

Dos nossos mortos de 1912 alguns houve que da terra se foram tendo sobre o seu esquife cravados os olhos de toda a nação brazileira, alguns até a attenção dos homens cultos de todo o globo, como succedeu ao nosso glorioso presidente honorario, o Barão do Rio Branco; passaram alguns, modestamente acompanhados, como modesta lhes correra a existencia. Querida nesta casa é e será a memoria de todos, dos grandes homens e daquelles que a Fama não bafejou; irmanava-os esse titulo de associação que nos é tão caro; os nomes gloriosos de uns, nós os alinharemos piedosamente ao lado dos daquelles que tiverem menos brilho aos olhos do mundo; uns e outros representam para nós uma divida de gratidão e de saudade, retribuição do devotamento com que acompanharam sempre os passos do Instituto. E quantos consocios nos arrebatou a morte no anno que está a findar! quantos claros nos nossos quadros veiu abrir o necrologio extenso de 1912!

Que dizer de Rio Branco? Que mais dizer ou que dizer ainda de Rio Branco?

Não houve face da sua individualidade gigantesca que deixasse de ser minuciosamente prescrutada pela dôr nacional, quando o Brazil o perdeu, nem já então havia aspectos inéditos a revelar nesse homem que era um symbolo da unidade brazileira e cujo desapparecimento a muitos pareceu como que a cessação de applicação de um grande esforço cohesivo neste nosso enorme paiz, ainda tão pouco homogeneo.

Recordando a investida dos paulistas com o mysterio e a immensidão do deserto, com o meridiano asphyxiante de Alexandre VI e o hespanhol, para a edificação do Brazil colossal, a todos nós occorreu senhores, quanto o Istituto Historico e Geographico de S. Paulo se achava na obrigação restricta de collocar á sua testa o homem que conquistára os ultimos territorios brazileiros, esse successor legitimo dos pioneiros das bandeiras, que se entranhou no coração da America do Sul mais profundamente do que Antonio Pires de Campos e Pascoal Moreira Cabral, o implantador dos marcos do Tratado de Petropolis.

A quem mais sinão ao continuador moderno da obra das bandeiras a presidencia do Instituto, guarda da historia e das tradições de S. Paulo?

Já não fôra elle quem, com o esforço do talento, incendido pelo patriotismo repellira para além dos campos de Palmas, além do Pepiry e de Santo Antonio, as pretenções castelhanas sobre essa larga faixa da antiga comarca de Co-

ritiba, conquista de Antonio Raposo, que já não era mais de S. Paulo, mas era do Brazil?

Não fôra ainda quem, apagando o vinco impertinente dos cartographos francezes, traçado sobre terras do Pará, definitivamente adquirira para a Patria centenas de milhares de kilometros quadrados e consagrára o triumpho da soberania brazileira á embocadura do rio Mar?

Acima de todos estes titulos com que Rio Branco dilatou a terra do Brazil parece-me, senhores, que um outro sobreleva: a sua permanencia, durante quasi dez annos, á testa do departamento das Relações Exteriores, naquella posição incomparavel assumida no governo da Republica numa preeminencia que o prestigio dos serviços revestia da mais absoluta veneração aos olhos de todos os brazileiros.

Nos nossos homens publicos resalta, geralmente, o aspecto regional; em Rio Branco ninguem via sinão um symbolo da unidade nacional; representava o Brazil o grande homem de Estado que fazia politica e não politicagem, o chanceller de immensa envergadura para cujo gabinete continuamente se voltavam, como para um norte, as vistas da diplomacia sul-americana.

Tombou o Barão do Rio Branco, mas a sua obra grandiosa para sempre fixará a attensão dos brazileiros, constituindo um élo forte da communhão nacional.

Pouco antes do grande ministro cahira Paranaguá, logo depois era Ouro Preto quem desaparecia ante os dois tumulos recem-abertos: curvou-se a Nação assediada pela dôr e pela saudade.

Eram mais dois representantes do glorioso parlamentarismo brazileiro que se iam do mundo, dois representantes desse Senado Imperial que no seu gremio contou quasi todas as eminencias do paiz, durante os seus sessenta e tres annos de existencia; a quasi augusta assembléa, patriciado do talento e do civismo, onde dentre as duas centenas de nomes dos seus membros emergem fulgurantes appellidos que constituem muitos dos mais puros titulos de gloria do Brazil autonomo.

E' Feijó, o titan paulista dos annos regenciaes que não permitte que a anarchia anniquille a obra das bandeiras e enlaça e comprime com irresistivel força o Brazil, que se disjunge, nos seus braços onde prodigiosa energia estúa, ao lado de Caxias, o desenraizador inexoravel do fatal caudilhismo hispano-americano que para as nossas terras se transplantára, grande homem na guerra e grande entre os pacificadores.

E' Rio Branco, o homem de Estado colossal cujo peito abriga o coração de Wilbeforce, ao lado de Eusebio de Queiroz, o repressor glorioso do trafico negro.

Numerosos surgem os nomes immortaes das inscripções abertas nos espaldares das curues do Senado Imperial.

Dentre elles a gratidão brazileira aponta o de Paranaguá, servidor illustre do Estado, desde os annos da mocidade.

Magistrado irreprehensivel e illustradissimo, são talvez os escrupulos excessivos que o afastam do pretorio; entrega-se á vida publica e, desde 1850, surge na Camara dos Deputados a representar a provincia natal, o Piauhy.

Durante cinco legislaturas é eleito e afinal, em 1865, entra para o Senado.

Figura de destaque no partido liberal já em 1859, ao terminar brilhante periodo presidencial no Maranhão, recebera do barão de Uruguayana a gestão da pasta da Justiça.

Dahi em diante o vemos nas mais altas posições politicas: presidente de Pernambuco em 1865, ministro da Justiça no segundo gabinete Zacharias, occupa tambem a pasta da Guerra, prestando relevantissimos serviços nos momentos mais difficeis da Campanha do Paraguay.

Em 1879 chama-o d. Pedro II ao Conselho de Estado como membro ordinario e dá-lhe Sinimbú a pasta da Guerra.

Presidente da Bahia de 1881 a 1882 imcumbe-o o monarcha de organizar novo gabinete, ao retirar-se o dr. Martinho Campos.

De 3 de julho de 1882 a 24 de maio de 1883 occupa Paranaguá a presidencia do Conselho, num governo tão operoso quanto fecundo, inspirado nas mais puras normas da probidade administrativa.

Em 1885 vemol-o de novo ministro, com Saraiva, no gabinete de 6 de maio, cuja pasta de Estrangeiros lhe é confiada.

A 15 de novembro era quasi septuagenario; empregára a affanosa existencia, com a maior dedicação, no serviço publico.

Não lhe permittindo a coherencia partidaria e a amizade pessoal ao seu soberano infeliz transigir com o novo regimen, nada mais justo do que recolher-se ao nobre descanço a que tanto tinha direito.

Não era, porém, dos que se acostumam á inacção e nem sobretudo, comprehendia que a existencia lhe corresse sem que pudesse servir a Patria.

Com a serenidade e modestia habituaes voltou para a esphera do intelectualismo puro a antiga e diuturna actividade; dentro em pouco se notava a veneranda figura do velho estadista a inspirar o trabalho dos moços, a provocar a emulação nos congressos scientificos e nas sociedades a que presidia, para maior renome da patria brazileira.

Longos foram os dias da sua ancianidade robustissima e singularmente lucida; nenhum desfallecimento o attingiu até á hora extrema; morreu no posto de honra, á testa da benemerita Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, onde a sua memoria vive cercada do mais ardente preito de saudade e socio incançavel da Instituto Brazileiro que por longo tempo presidira, interessado sobremaneira em todo o movimento literario e scientifico do paiz.

Grandes, nobilissimos ensinamentos nos deu este ancião! nesta casa em que tanto nos desvaneciamos de lhe ter o nome no nosso quadro social sua memoria perdurará como uma das maiores glorias do Instituto.

Menor foi o prazo assignado por Deus a Ouro Preto para a sua carreira terrena; nem por isto, porém, menos majestoso é o seu vulto do que o de Paranaguá.

Da Faculdade de S. Paulo partiu com a reputação firmada, entre docentes e condiscipulos, de intelligencia de primeira agua. Eleito deputado geral por Minas, ás camaras de 1864, quando apenas contava vinte e sete annos, de tal modo se destacou no parlamento de Zacharias, em 1866, lhe confiou a pasta da Marinha.

Chegára a campanha do Paraguay ao seu periodo culminante, seria de todo impossivel aos nossos exercitos vencer as inexpugnaveis fortificações que lhe embargaram o caminho de Assumpção sem o concurso da esquadra.

As centenas de boccas de fogo das barrancas do Paraguay só podiam dominal-as uma frota poderosa. A de Barroso viria certamente envolver os louros de Riachuelo no pesado crêpe de uma catastrophe si acaso se arriscasse a travessia do perigoso passo.

Nesta conjunctura Affonso Celso se houve com admiravel descortino de vista, alliado a espantosa operosidade; novos e grandes vasos de guerra, a ultima palavra da construcção naval, na época, vieram incorporar-se á esquadra mobilizada, monitores e encouraçados, poderosamente artilhados, a quem se deveu o forçamento de Curupaity e Humaytá.

Quando os ministros da situação conservadora inaugurada com Itaborahy, a 16 de julho de 1868, vieram substituir os seus predecessores do gabinete Zacharias, palavras da mais sincera admiração proferiu o illustre Cotegipe, o novo ministro da Marinha, em relação ao moço que fôra um dos organizadores da victoria do Brazil no Paraguay.

Reenviado á Camara temporaria em 1867, 1876 e 1878 escolheu-o d. Pedro II, senador por Minas Geraes, em fevereiro de 1879.

Nos annos em que a situação dominante lhe não consentira a reeleição ao parlamento, occupara-se activamente com a advocacia, angariando em curto prazo a reputação de ser um dos mais habeis patronos de causas no fôro fluminense.

Em 1879 entregava-lhe Sinimbú a pasta da Fazenda; era entre os proceres do partido liberal dos que maior renome de versados em finanças então havia.

Numerosas e excellentes medidas por elle foram suggeridas; habeis e vantajosas operações de credito effectuadas. A opposição violenta da população fluminense ao chamado *imposto do vintem*, que motivou os sanguinosos motins de aneiro de 1880, serviu de base a longas e acerbas explo-

rações politicas; furiosamente aggredido pelos adversarios e dissidentes do partido, respondeu-lhes Ouro Preto com a costumada energia não lhe empanando a estrella os vehementissimos ataques.

Em 1882 chamava-o a Corôa ao conselho de Estado, como membro ordinario da preeminente corporação.

Dahi em deante, cada vez mais se lhe avolumou o prestigio entre a primeira plana dos nossos homens de Estado; em 1889 era flagrante aos olhos de todos que o throno de d. Pedro II vacillava; ao desapparecer a situação conservadora o nome de Ouro Preto, synthetizando a necessidade de uma repulsa ferrea ao republicanismo, como só o seu temperamento poderia imprimir á phase de acção que se reputava inadiavel, escolheu-o o velho imperador para a presidencia do ultimo dos gabinetes imperiaes, o de 7 de junho.

Estava a partida perdida, não havia como resistir ao exercito voltado para os republicanos; além de tudo: alquebrado, sinão exgottado de forças o magnanimo imperante aos poucos se alheara da politica não podendo prestar ao seu primeiro ministro aquella coadjuvação essencial que os perigos do momento reclamavam continuamente.

Estalou o 15 de novembro. Affonso Celso deu novas e as maiores provas daquella energia terrivel que era a essencia da sua personalidade.

Vendo passar aos adversarios as forças com que contava sentiu-se perdido mas não dominado.

Temerosa explosão da ira do revolucionario vencedor affrontou com absoluta impavidez. Longe de se abater ao ouvir furiosas ameaças redobrou de altivez e empertigando-se no indomavel caracter impôz-se e fez-se respeitado.

Falaram-lhe em fuzilamento e desdenhoso acceitou a possibilidade da execução capital; despertaram-no em sobresalto, certa madrugada, a annunciar-lhe que dentro em minutos seria espingardeado.

— Acorde e prepare-se que vae ser fuzilado, gritou-lhe um official que o aguardava com a brutalidade propria dos caracteres baixos.

Estremunhado ainda de somno, nem por isto deixou Ouro Preto de redarguir vivamente:

— Só se acorda um homem para o fuzilar mas não para avisal-o que tem de ser fuzilado. O senhor verá que para saber morrer não é preciso vestir uma farda.

Exilado, voltou ao Brazil cercado da consideração universal.

Era o typo do adversario, cuja elevação exalta os que o combatem.

Chefe do partido monarchista, corajosamente luctou em pról dos seus ideaes politicos nas mais turvas épocas.

Os acontecimentos de março de 1897, provocados pelo desastre da columna Moreira Cesar, em Canudos, quasi lhe valeram a morte.

Salvou-o a dedicação inaudita daquelle que, nos dias de hoje, traz o nome prezadissimo de Affonso Celso, accrescido dos frondosos louros proprios, num episodio que é uma das mais nobres e formosas manifestações de amor filial, que se conhecem.

Teve o velho homem de Estado de retomar o caminho do exilio ; ao regressar á Patria, continuou inabalavel nas crenças politicas, embora bem pouco convicto da possibilidade do triumpho das instituições de que era paladino extrenuo.

Brilhou-lhe o nome e com intensa irradiação ; nos pleitos judiciarios, patrono de importantissimas causas, constantemente surgia pela imprensa a transcripção dos seus pareceres, acatados com o mais profundo respeito, por advogados e jurisconsultos.

Entregou-lhe Santa Catharina a defesa dos seus direitos, na questão de limites com o Paraná, ao morrer o conselheiro Silva Mafra, e esta delegação valeu-lhe notavel triumpho.

No homem superior que era Ouro Preto, o patriotismo ardentissimo, constituia um dos mais frisantes caracteristicos.

Apaixonado da historia e das tradições do nosso paiz, deixou um livro que é um catecismo civico ; a tão conhecida e admirada *Marinha de outróra.*

Vice-presidente do Instituto Brazileiro e socio operosissimo, representava, ao lado de Rio Branco e Paranaguá, um elemento de prestigio da mais alta significação.

Inclinemo-nos ante o tumulo do Brazileiro illustre, desse que era um dos nossos mais preclaros consocios.

Nas immediações dos dias em que a Patria soffreu os golpes acerbos que lhe trouxe o desapparecimento de taes filhos, perdeu o Instituto varios outros consocios, de alto valor, que, ao mesmo tempo, eram brazileiros dignos da maior consideração, quer sob o ponto de vista intellectual, quer pelos exemplos de uma vida consagrada á pratica do civismo.

Devemos lembrar os saudosos companheiros que se chamaram Sebastião Belfort, João Vieira da Silva, e Gabriel Prestes.

Era Sebastião Belfort um modesto na extensão da palavra, não que tal modestia nascesse da deficiencia de dotes intellectuaes ; pelo contrario : era um homem singularmente culto, e viajado, intelligente e espirituoso ; um observador agudissimo.

Comprazia-se na sombra, eis tudo, como tantas individualidades timidas, que restringem o circulo de suas affeições e relações, sem, nem por isto, renunciar a viver, a seu modo, com os contemporaneos.

Longos annos official e depois director da Secretaria do Senado, muito observou os maiores homens de Estado, do segundo imperio e todos os politicos coevos, de destaque em geral.

Via e annotava muito ; nunca quiz, porém, publicar uma unica das suas notas ; desconfiança nos recursos litera-

rios, receio de offender susceptibilidades recentes? guardou-as e legou-as á posteridade.

E, muito possivel que algum dia projectassem viva luz sobre o nome do seu hoje quasi ignoto autor.

Quanto é frequente succeder que as reminiscencias de um personagem dos ultimos planos do scenrio de uma época venham assumir aos olhos dos historiadores um papel documental, muito mais importante do que dezenas e dezenas de chronicas e memoriaes de toda a especie?

Quem conheceu em Sebastião Belfort um *causeur* admiravel, dispondo de prodigiosa memoria, sabedor de inumeros episodios ácerca de homens e cousas, observador, cheio de curiosidades, perspicacia e criterio, bem avalia o valor dos inéditos do modesto funccionario publico, falecido em Londres, quando gosava o descanço proporcionado por escassa aposentadoria arduamente conquistada, sem que a sua entrada no tumulo levantasse grandes écos, a não ser neste recinto talvez, onde muito dolorosamente repercutiu.

Dedicado servidor da Patria, viu João Vieira da Silva a vida se lhe escoar no ambito de funcções administrativas.

Consul do Brazil em diversos pontos do globo foram-lhe os excellentes serviços galardoados com os multiplos e honrosos elogios dos superiores hierarchicos, e as promoções dos mais altos postos da carreira que abraçara.

Quando consul em Lisboa a elle recorreu o nosso Instituto varias vezes, dando-lhe penosas incumbencias, frequentemente, como a de prolongadas e arduas pesquizas nos archivos e bibliothecas portuguezas. Attendeu sempre a estes rogos com uma presteza e serviçalismo raros e mostrando-nos a maior sympathia, manifestou verdadeiro jubilo ao receber o diploma, com que foi admittido em nossa companhia.

Servindo-nos constantemente, do modo mais desinteressado, ficamos a dever-lhe reaes favores e obsequios.

Sirvam estas rapidas palavras como preito da nossa gratidão para com tão solicito consocio, amigo verdadeiro do Instituto.

Pertencia Gabriel Prestes ao gremio daquelles que levantaram esta casa figurando entre os que mais carinho lhe votaram desde os primeiros dias de existencia,

Homem de real intelligencia, dispondo de uma penna facil e vivaz, teria, certamente, angariado largo renome e como politico e publicista si a morte o não colhesse tão cedo, na plena robustez dos quarenta annos.

Por si fez-se inteiramente, á custa de afanoso e honrado trabalho, conduzido pelo espirito lucido e methodico que tanto o caracterizava.

Alumno excellente da nossa Escola Normal votava a esta instituição, que é uma das glorias de S. Paulo, o mais entranhado amor. Chamado ao gremio dos seus antigos mestres, mostrou quanto era intensa a sua operosidade

affectuosa, a dedicação absoluta aos condiscipulos da vespera.

Assim, pois, nunca indicação foi tão bem acolhida como quando lhe apontaram o nome para o cargo de director do instituto que já tanto lhe devia.

No desempenho deste cargo fez-se querido quanto possivel, dos collegas na docencia e dos alumnos. Sendo o seu periodo de reitorado um dos mais fecundos e brilhantes que se contam na historia da Escola Normal.

Republicano desde os mais verdes annos, muito combateu Gabriel Prestes pela implantação e pela defesa dos seus ideaes politicos, assumindo entre os correligionarios a posição evidente que lhe valeu uma cadeira no Congresso Constituinte do Estado de S. Paulo.

Foi dos que mais trabalharam para a organização do corpo do exercito estacionado em Itararé por occasião da guerra civil, valendo-lhe esta attitude os galões de coronel honorario do exercito que o marechal Floriano Peixoto lhe concedeu em 1894.

Nos ultimos annos de vida afastou-se Gabriel Prestes, completamente, da politica, desgostoso e descrente desde que vira malogrado o movimento partidario que dedicadamente acompanhava.

A ella voltaria, provavelmente, pois o partido e os amigos dos dias de lucta e de prosperidade lhe reclamavam os serviços.

Levou-o a morte em pleno viço...

Entre nós, só deixou affeições; foi com o mais real pesar que vimos desaparecer do nosso cenaculo tão sympathico e eminente companheiro.

A 14 de março deste anno de 1912 de necrologio tão avultado perdeu o Instituto um dos mais illustres menbros, Conselheiro Bernardo Avelino Gavião Peixoto, nome tradicional na politica do segundo imperio, chefe influentissimo que fôra no partido liberal e cujos serviços e talentos frequentemente o levaram ao parlamento e aos altos cargos da administração.

Oriundo do patriciado paulista começou Bernardo Gavião a carreira na magistratura; juiz de direito em Santos fez-se logo notado pela energia com que combateu os ultimos estertores do trafico negro no littoral paulista, e esta attitude lhe valeu um posto de confiança — a chefia da policia do Rio Grande do Sul e pouco depois um assento na Camara dos Deputados de 59 a 60.

No parlamento lhe notaram logo a elegante facilidade de elocução, a solidez da argumentação e dos conhecimentos em materia juridica e economica; occupou desde logo uma posição preeminente no seu partido e dahi datou essa famosa amizade que o prendeu por longos annos a José Bonifacio, uma intimidade e constancia raras entre homens politicos equipolentes.

Voltando á magistratura, ainda foi Gavião Peixoto juiz de direito e chefe de policia em S. Paulo ; a politica o attrahia apaixonadamente, porém ; assim, pois, surge de novo no parlamento, em 1867, a representar o segundo districto de S. Paulo nessa agitada legislatura que a ascensão dos conservadores em julho de 1868 dissolveu. Presidente por vezes da assembléa foi dos deputados mais operosos e a sua voz sempre ouvida com o respeito tributado aos parlamentares de prol. Os dez annos da situação conservadora afastaram-no da Camara, mas não da liça eleitoral ; era um dos mais ardentes chefes do partido liberal paulista e ao lado de José Bonifacio esperou o dia da desforra disputando o terreno pertinazmente aos adversarios.

Chegou o suspirado momento com a quéda da situação em janeiro de 1878. Voltou Gavião á Camara e pouco depois entrava no Senado José Bonifacio.

Era o vezo impertinente dos adversarios de Gavião procurar collocar em attitude deprimente a sua amizade pelo grande parlamentar. Constantemente lhe diziam que José Bonifacio lhe fazia os discursos e os artigos de polemica e que a sua fidelidade ao amigo lhe trouxera até a copia servil das palavras e dos gestos.

Ria-se Gavião, com a superioridade dos homens de talento de taes alfinetadas, e não lhes ligando a menor importancia reforçava com novas demonstrações a menoscabada solidariedade. Vencido por Costa Pinto nas eleições do 8.º districto de S. Paulo em 1881, por occasião da 1.ª legislatura da eleição directa, recebeu Gavião Peixoto, em março seguinte, uma commissão melindrosissima e da mais alta confiança do partido, a presidencia do Rio de Janeiro que lhe conferiu Martinho Campos.

Era então o presidente do Rio de Janeiro como que um oitavo ministro e a sua escolha recahia sempre em nomes da mais absoluta confiança ministerial.

A poderosa estructura do partido conservador fluminense facilmente zombava do prestigio governamental ; á Camara mandara a famosa e invencivel *junta do couce* oito dos nove deputados que compunham a bancada fluminense ; na assembléa provincial formidavel era tambem a maioria conservadora.

Difficilima tarefa coube então a Gavião, rudemente atacado por adversarios da estatura de Andrade Figueira e Paulino, entre muitos outros, tendo contra si um partido fortissimo e disciplinado perfeitamente mostrou que saberia governar por si, mau grado tanta e tão violenta opposição ; inaugurando uma praxe alli então desconhecida, veiu á imprensa discutir actos do seu governo e fêl-o com extrema habilidade, affeito a controversias com adversarios da ordem de João Mendes e Rangel Pestana, respondeu incisiva e cabalmente : ao deixar o governo fizeram-lhe justiça os acerbos adversarios, contando a sua presidencia, nos fastos fluminenses, como um periodo de real brilho e sabia administração.

Não mais logrou Gavião pertencer á camara temporaria, muito embora mais de uma eleição disputasse ; estava, porém, na convicção geral de que mais annos menos annos iria ter ao Senado.

Dera-lhe já então a carta de conselho e as honras de desembargador ; veiu o 15 de novembro cortar-lhe a carreira politica ; fiel ao passado voltou para outro campo a prodigiosa actividade que zombava dos annos, cuidou dos interesses proprios prejudicados pelas instigações da politica absorvente.

Proprietario de latifundios em varias zonas do Estado, resolveu desbravar a uns e colonizar a outros, offerecendo ao mesmo tempo, ao governo, largos tratos de terra para que nelles se estabelecessem nucleos coloniaes de immigração européa.

Faleceu mais que octogenario esse incançavel trabalhador, de espirito juvenil, deixando a impressão de um homem que soube viver intensamente e empregar os esforços integraes da bella intelligencia e da energia possante de que era dotado.

O dr. Ignacio Wallace da Gama Cockrane, o eminente consocio que de perto acompanhou Bernardo Gavião ao tumulo, era egualmente uma figura digna do maior respeito e a sua morte a todos nós sobremaneira compungiu.

Bacharel em sciencias physicas e mathematicas pela antiga Escola Central, viveiro dos engenheiros illustres que collocaram os primeiros trilhos de estrada de ferro no solo brazileiro, desempenhou com a maior proficiencia as multiplas commissões de que o incumbiram os poderes publicos e as empresas particulares.

Assim é que acompanhou a construcção da S. Paulo Railway como engenheiro fiscal, dirigiu as obras da Alfandega de Santos, fez parte da primeira directoria da Companhia Paulista, foi director-geral da Superintendencia de Obras Publicas do Estado, engenheiro-chefe da Commissão de Saneamento ; ao falecer occupava o cargo de consultor technico da nossa Secretaria da Agricultura.

Deve-lhe Santos muito ; de 1864 a 1878 foi o presidente da sua Camara Municipal e nesta qualidade dotou a cidade com o abastecimento de agua e muitos outros melhoramentos, numa época em que a engenharia sanitaria estava no berço.

A consciencia e o ardor com que desempenhava os deveres que se impunha, a lembrança do acendrado patriotismo, graças ao qual durante a guerra do Paraguay promovera a organização de batalhões de voluntarios da patria, lhe valeram grandes amizades e real prestigio politico.

Por diversas vezes deputado provincial enviaram-no em 1886 os conservadores do sexto districto da provincia á Camara dos Deputados, onde fez brilhante figura, ouvido com real attenção quando discutia assumptos technicos.

Deixando a politica com o advento da Republica, consagrou-se exclusivamente ao exercicio de suas funcções administrativas sempre desempenhadas com extremo rigor.

Nos ultimos dias de vida quiz dar uma nova e grande mostra do seu amor ás cousas da Sciencia; dahi a dedicação com que concorreu para a fundação do Instituto Pasteur de S. Paulo, o carinho inexcedivel do seu amparo a essa casa nos primeiros tempos de existencia.

Justissima é a retribuição votada á sua memoria pela instituição que tanto amou, hoje em caminho de grandioso porvir, pois o seu futuro corresponderá ás excellencias do presente.

No nosso Instituto tambem deixa Ignacio Cockrane a mais saudosa impressão.

Era um consocio generoso e a sua presença das que mais illustravam a nossa companhia.

De João Vieira de Almeida, o morto de 19 de junho, entre nós perdura sobre a mais suave recordação; muito queria ao nosso caro Instituto cujo sinete idéara e, dedicadissimo consocio, deu-nos constantes provas de quanto procurava engrandecel-o.

De sua vida pouco ha a dizer, não teve grandes lances: foi singella e afanosa, esteiada no trabalho diuturno e honrado, no desempenho perfeito do dever, no entranhado amor ao ensino e ás letras.

Era um modesto e um erudito, inimigo, quanto possivel, da *claque*, siquer do menor ruido em torno do nome, embebido no estudo dos poetas latinos e dos classicos quinhentistas. Amigo dos discipulos, por quem se dedicava com o maior zelo, nada mais pretendia, sinão transmittir-lhes os conhecimentos extensos, profundos, adquiridos no estudo do vernaculo e do latim. Deu-lhe Julio Ribeiro frisante demonstração de quanto lhe conhecia os meritos, fazendo-o padrinho da sua grammatica. Corroborou a commissão promotora das festas do terceiro centenario anchietano tão lisonjeira opinião, incumbindo-o de traduzir do latim as cartas do fundador de S. Paulo.

Era João Vieira um bom na extensão da palavra, um caracter bellissimo e estes conceitos, vós todos os subscreveis, meus senhores, ao nos despedirmos de tão prestante amigo e consocio.

No mez de julho tres grandes perdas soffreu o nosso gremio: a 4, o dr. Belisario Augusto Soares de Souza; a 5, o dr. Pedro Vicente de Azevedo; a 12, o general Quintino Bocayuva.

A essa familia de privilegiados da intelligencia a quem deve o Brazil Uruguay, Francisco Belisario e Paulino pertencia Belisario Augusto Soares de Souza, fulgurante orador cuja pasmosa facilidade de assimilação dos assumptos equivalia á rapidez com que os explanava, num verdadeiro e deslumbrante jogo de artificio de imagens intensamente colori-

das e felizes, conceitos elegantes e exactos, comparações frisantes e perfeitas.

Ao apparecer na assembléa provincial fluminense a todos pasmou a sua eloquencia poderosa. Tal a affluencia de phrases e abundancia de idéas que, por vezes, como ficava hesitante em sua escolha.

Gambetta da Praia Grande alcunharam-no desdenhosamente os adversarios e os invejosos, ao imaginar que os discursos de tão perigoso antagonista não passariam de um amontoado de palavras ocas e chavões, tumultuosamente pronunciados.

Illudiam-se e, á propria custa, reconheceram logo o engano; passou dahi em deante Belisario Augusto aos olhos de todos como um tribuno admiravel.

Na Camara federal magnifico ensejo teve de ostentar os dotes sem par da eloquencia: o agitadissimo periodo da sessão de 1897, com os seus debates violentissimos, cujo epilogo foi a triste façanha do sargento Marcellino Bispo.

Leader do partido governista, incançavel na tribuna, enorme labor cahiu-lhe sobre o hombro.

Rara a sessão em que com a palavra clara, vibrante, irresistivel não offerecesse os maiores tropeços aos designios dos adversarios exasperados.

Argumentador terrivel e apartista temido, não se sabia o que nelle mais admirar, si a dialectica, o sangue frio ou o *esprit d'á propos*.

As implacaveis determinaçôès de uma politica mesquinha, systematicamente, excluiram do parlamento este parlamentar illustre. Velho, mas não envelhecido, foi até aos ultimos dias de vida um *causeur* que não perdera uma parcella siquer do espirito rapido e mordaz, da memoria prodigiosa, da facilidade e elegancia da elocução.

Insinuante e sympathico quanto possivel, indulgente e carinhoso, era um amigo dos moços e a sua refeição se revestia de um aspecto eminentemente juvenil.

Passou a vida leve como a sombra sobre a agua, segundo a comparação formosa de Anthero do Quental.

No dr. Pedro Vicente de Azevedo enxergavam todos o prototypo desses homens do segundo imperio, cujo culto á probidade administrativa tão intenso, tão notavel era; desses legados imperiaes ás provincias, cuja escrupulosidade de tal modo vigorosa se affirmava, que se extendia ás minucias relativas á applicação de verbas constantes de escassas dezenas de mil réis. Personificava perfeitamente a integridade dos administradores seus contemporaneos e esta feição resaltava, forte e á primeira vista, do seu aspecto naturalmente grave e melancholico.

Não disperdiçava palavras mas observava constantemente; espirito penetrante e sobremaneira reflectido, não pretendia por-se em foco; era uma natureza de modesto; retrahido na apparencia, muito embora perfeito conhecedor dos homens.

Filiado desde os annos da juventude ao partido conservador, em pouco tempo, adquiriu preeminente posição no seu partido.

Conceituado advogado do fôro paulistano, mais tarde procurador fiscal da Fazenda Provincial, escolheu-o Rio Branco para presidir o Pará em 1874.

Durante um anno administrou o dr. Pedro Vicente aquella circumscripção do extremo norte, tendo de solver uma série de questões tão graves quanto numerosas e variadas.

Avultavam entre ellas a chamada do quinino e a do caes de Cametá, acenando ao thesouro provincial com pagamentos de quantiosas indemnizações; habilmente as solveu o joven presidente, assim como se houve com muita prudencia e moderação durante os grandes conflictos levantados pela questão religiosa e a rivalidade existente no populacho entre portuguezes e brazileiros.

Prestou nesta occasião relevante serviço á chorographia brazileira, mandando levantar, com extremo cuidado, estatisticas municipaes, completas quanto possivel, em todo o Pará. Ao governo imperial forneceu, então, excellente contribuição para o estudo da questão do contestado franco-brazileiro, informando-o com abundantes notas inéditas acerca do territorio do Amapá.

Do Pará transferiu-o Rio Branco ao governo de Minas, em março de 1875. Até principios de 1876, administrou Pedro Vicente essa circumscripção central, onde teve que arrostar a opposição do numeroso partido liberal, num periodo em que a questão do alistamento para o exercito sobremaneira escaldava os animos em toda a provincia. Affeito ás normas de moderação, venceu felizmente as difficuldades, retirando-se do governo prestigiado quanto possivel.

Regressando a S. Paulo, militou ardentemente no partido conservador, incorporando a influencia pessoal ás forças da solida aggremiação, conhecida na nossa historia politica pelo nome de *União Conservadora*, e tão celebrada pela vigorosa estructura e perfeita disciplina.

A quéda dos liberaes em 1885 trouxe ao dr. Pedro Vicente novas e altas posições na administração publica; nomeado presidente de Pernambuco, exerceu o cargo de novembro de 1886 a novembro de 1887, mez em que o transmittiu ao illustre parlamentar paranáense, arrebatado da vida na flor dos annos: o dr. Manoel Euphrasio Corrêa.

Como presidente de Pernambuco, novas mostras deu da capacidade administrativa; muito lhe ficaram a dever a provincia e a cidade do Recife, em particular; foi quem lhe inaugurou os novos serviços de illuminação, organizando-lhe o corpo de bombeiros, além de muitas outras providencias uteis e acertadissimas.

Removido para a presidencia de S. Paulo, assumiu-a, em substituição ao conselheiro Rodrigues Alves, a 23 de junho de 1888, exercendo-a até 11 de abril de 1889.

Assignalou esta administração uma série de valiosas medidas; applicou-se o presidente ao estudo e resolução dos problemas da viação ferrea e dos melhoramentos da cidade de S. Paulo; a elle devemos a fundação do Horto Botanico, entre diversas outras creações; coube-lhe então realizar um emprestimo, obtido vantajosamente, de sete mil contos, avultada quantia para a época, attendendo-se aos recursos da receita provincial.

A revolução de 15 de novembro levou o dr. Pedro Vicente a retrahir-se do scenario politico nacional; a instancias de numerosos amigos e affeiçoados, volveu elle a occupar a attenção com os assumptos municipaes.

Dedicado presidente da nossa edilidade foi, no periodo de 1892 a 1906, frequentes vezes vereador, exercendo interinamente, como vice-prefeito que era, o cargo de prefeito durante a administração do conselheiro Antonio Prado.

Retirando-se da vereança, a ella voltara ultimamente, a isto levado pelo voto de amigos e admiradores; colheu-o a morte em plena robustez physica e intellectual, quando lhe apontavam a provavel presidencia do nosso municipio.

No integro e esclarecido administrador, no politico que passou, numa longa vida publica, inattingivel ás settas da calumnia, tinha o nosso Instituto um dos mais prestigiosos membros; muito justo é, pois, que neste recinto exprima eu o vosso assentimento ás manifestações de saudade e de tristeza que a sua morte a todos trouxe.

Evoca o nome de Quintino Bocayuva, antes de qualquer outro titulo, a radical transformação de instituições por que passou o Brazil ha vinte e tres annos, como do magno promotor desse movimento, do primeiro entre os primeiros propagandistas da Republica em nosso paiz, o homem cuja palavra escripta imprimiu uma direcção e sentido á força que ao throno de d. Pedro II fez ruir.

Longa lhe foi a persistencia de esforços para a obtenção de tal desideratum, e esta constancia é o traço de caracter mais frisante da sua individualicade tão original e poderosa feita de coherencia, talento e altivez.

Patriarcha da Republica lhe chamavam com toda a justiça; patriarcha do jornalismo accrescentavam os admiradores do publicista e do plamphletario, de cuja penna a tensão enorme das idéas e imagens fazia jorrar as centelhas de uma cerebração privilegiada.

Ao lhe noticiar a morte assim se exprimiu um dos mais vigorosos publicistas dos nossos dias: «Se a catastrophe é grande para a nação muito mais o é para nós, da imprensa, que nos habituaramos a ver no glorioso estadista uma especie de encarnação da propria vida profissional do jornalismo.

A inclinação para os combates da penna nascera-lhe com a puericia, fizera a gloria da maturidade e era o orgulho da fecunda e afanosa velhice.

Jornalista por vocação, poucos terão honrado tanto como elle a imprensa em nossa terra.

Foi pelo jornalismo que chegou a culminar nas letras e foi ainda pelo prestigio adquirido no exercicio diuturno desse arduo ministerio que logrou subir ás mais altas posições politicas a que um homem pode aspirar.

Sem nunca abandonar sua velha e prezada profissão, regressava sempre com prazer a ella toda a vez que necessitava entrar em contacto mais directo com o publico. Ia-lhe muito bem a qualificação que um dia lhe deram de principe do jornalismo brazileiro.

Realmente, este grande democrata, em cujo privilegiado coração e em cuja poderosa mentalidade só desabrochavam sentimentos bons e idéas puras, adquirira por força da sua benemerita acção continuada no campo, aquella solemnidade oracular que caracteriza os verdadeiros typos representativos. A sua palavra revestia uma absoluta majestade e era sempre ouvida com o respeito devido aos batalhadores que sabem relegar para o segundo plano o seu exito pessoal, só se preoccupando com a victoria dos principios.

O que desapparece com Quintino Bocayuva é quasi um nome tutelar que com solicita attenção, nesta grave quadra da vida do Brazil, procurava evitar difficuldades maiores falando uma linguagem serena e alta, adptando o seu conselho á fatalidade das occasiões, para guiar no melhor sentido, a nação e fazel-a atravessar incolume o periodo de transição, deixando que procedesse em ordem, no silencio profundo da sua propria evolução, as reformas por ella propria acaso reclamadas.

Annos e annos de ininterrupto trabalho em pról do paiz deram-lhe inquestionavelmente a força pessoal necessaria para exercer o benefico sacerdocio.

A sua morte abre no scenario nacional um grande vacuo que nenhuma outra figura póde neste momento preencher.

Elle occupou no quadro social do Brazil contemporaneo um lugar á parte. A sua adhesão a certas e determinadas bandeiras não lhe tiravam uma parcella sequer da auctoridade pessoal incontestavel de que gosava. Acceitando e encarando as situações com bonhomia reconfortante e consoladora dos velhos optimistas que sem azedume se abeiram do occaso da vida, não achava necessario descrer do futuro para corrigir o presente. Por isso mesmo, a parte mais bella da sua vida é justamente esta ultima em que desprendido das seducções da popularidade e vendo passar o temporal, intervinha para amainar a furia dos elementos que se desencadeavam.

Nestas palavras, senhores, se encerra um dos mais exactos perfis do nosso illustre consocio. E' quasi superfluo recordar-vos os traços principaes da sua longa e agitada existencia, tão familiares nos são: já ao apresentar-se á convenção de Itú em 1870, trazia um nome feito de publicista e literato. Eram-lhe bem conhecidas as numerosas peças de theatro representadas com exito no Rio de Janeiro e nas provincias,

e os primeiros pamphletos sahidos da penna robusta: *A opinião e a corôa*, *A comedia constitucional*, *A crise da lavoura* e outros.

Incansavel propagandista, começara redigindo em 1858, com Ferreira Vianna, um jornalzinho republicano em São Paulo: *A Honra*. Collocou-o em 1870 o partido á testa da *Republica*, o seu orgam official com Salvador de Mendonça; sabem todos que o jornal teve violento fim; só em 1885 é que com o *Paiz* dispoz de um orgam diario para os seus artigos de combate, muitos dos quaes verdadeiras obras primas do publicismo.

Grande titulo de gloria lhe advem da pertinacia com que combateu o escravismo; ha de lhe sempre brilhar o nome ao lado dos magnos paladinos do movimento abolicionista.

Ministro no Governo Provisorio, senador da Republica, cercado do maior prestigio, teve no entanto dias de profundo acabrunhamento. Collocado na presidencia do Estado fluminense, exhausto por uma tremenda politicagem, soube reconciliar os partidos encarniçados, mas ao mesmo tempo conhecer as terriveis agruras das garras da bancarrota. « Sou o curador de uma massa fallida », deixou amargamente escapar um dia.

Afastado por algum tempo das altas posições politicas, ao Senado Federal voltou, alli o encontrando a morte.

Desde longos annos socio honorario do nosso Instituto, por vezes manifestou quanto o honrara o nosso diploma. E', além de todos os mais motivos, o mais justo dos preitos aquelle que o Instituto hoje lhe rende.

A 7 de outubro perdiamos outro consocio muito caro, um bom amigo da nossa companhia, o dr. Constante Affonso Coelho.

Paulista, pois ainda nascera na antiga comarca de Curytiba, em Paranaguá, no anno de 1850, passou o dr. Coelho a maior parte da existencia entre nós.

Estudante de preparatorios no antigo seminario desta capital, ahi afervorou os sentimentos religiosos que tão intensamente lhe ensombraram a adusta estrada da vida. Resolvido a abraçar a carreira das armas, matriculou-se na Escola Militar, mas comprehendendo que a sua vocação era outra, obteve baixa do serviço do exercito, matriculando-se na Escola Central, onde em 1877 se formou com os primeiros engenheiros civis, graduados depois que a Central perdeu o seu caracter militar, passando a ser a Polytechnica.

Pertencia a uma turma de profissionaes distinctos, que muito fez e faz pela gloria da engenharia brazileira.

Uma vez formado, voltou a S. Paulo, onde desempenhou diversos cargos publicos, entre os quaes o de lente de mathematicas na Escola Normal e director de Obras Publicas.

Engenheiro fiscal junto a varias estradas como a Sorocabana, a Mogyana e a Oeste de Minas, passou para a Inspectoria Federal das Estradas, com exercicio nesta cidade;

destacado para inspeccionar a S. Paulo Railway, foi esta a ultima das suas commissões.

No Paraná, onde residiu varios annos, tambem desempenhou varios cargos de confiança dos governos estadual e federal.

Inflexivel no cumprimento dos deveres e inspirado sempre no mais seguro criterio, teve de sustentar, na defesa das suas attribuições, bem norteadas, vehementes luctas.

Nas rodas de seus collegas é bem conhecida a campanha que precisou abrir com o intuito de impedir que certa estrada de ferro colleasse por tortuosidades infindas para fazer jus a um fortissimo augmento na garantia de juros annual.

Bateu-se ardorosamente, mas a politica, acudindo em auxilio da serpejante estrada, teve de resignar-se o impeccavel funccionario, que logo depois obtinha a sua remoção para S. Paulo.

Assim se houve sempre nos muitos cargos que preencheu, alliando real competencia á maxima honorabilidade.

Homem de excellentes humanidades, bom latinista, muito affeiçoado aos seus autores classicos, nas folgas das occupações habituaes entretinha-se tambem com o estudo das mathematicas puras, em que era muito versado.

Profundamente catholico, deu numerosos testemunhos de fé, quer redigindo em Curytiba um jornal, quer envolvendo-se activamente no movimento religioso paulista.

Foi esta fé fortissima que lhe deu o animo para supportar os atrozes soffrimentos do mal que o prostrou, longo, inexoravel, a infligir-lhe continuo padecimento.

Paciente, resignado, reconfortado com as suas crenças inabalaveis, forte da sua vida honesta, limpida, só pesava ao nosso desventurado consocio a idéa do martyrio moral que o seu estado trazia á esposa dedicadissima, com quem realizara o ideal do matrimonio christão. Foi sob o imperio deste sentimento altruista que viu contente o fim se lhe approximar, certo de ir ao encontro da Justiça e da Misericordia.

Neste gremio a que se affeiçoara, só deixa o dr. Constante Affonso Celso as mais vivas saudades e as melhores recordações.

Determinara a Providencia que se não encerrasse o anno de 1912 sem que mais uma vez a morte nos visitasse; o consocio por ella alvejado foi o benemerito dr. Horace Lane.

Quizera poder dar-vos um apanhado da vida desse grande homem de bem, a quem tanto e tanto deve a patria brazileira, do educador eximio, do medico humanitario, do austero, do integro cidadão que o coração naturalizou nosso compatriota.

A proximidade da data de sua morte não me deixou cumprir a piedosa missão. Horace Lane não pode passar acompanhado de meia duzia de phrases communs; pelas virtudes e pelo saber, era dos mais puros ornamentos do nosso Instituto.

Ao orador que em 1913 suba a esta tribuna para relembrar os consocios extinctos caberá a celebração das faces individualizadoras de tão nobre personalidade.

Eis-me chegado ao fim, senhores, da tristonha tarefa que me commettestes ; mereciam os nossos queridos mortos quem melhor os saudasse á beira do tumulo, e lhes recordasse os meritos e virtudes, seja por mim a vossa indulgencia, caros e benevolos consocios !

....

Não posso descer desta tribuna sem comtudo lembrar-vos ainda que é esta a ultima das nossas reuniões em que somos convocados pela benemerita directoria a quem tanto deve o Instituto.

Seja-me, pois, permittido saudar em poucas phrases aquelles dos seus membros que, recusando formalmente a honra da reeleição, deixam de figurar á testa da nossa associação.

Seja-me permittido lembrar os serviços notaveis da mesa actual, o sr. dr. Manuel Pereira Guimarães, illustre vice-presidente demissionario, incançavel propugnador da grandeza do Instituto, sob todas as phases por onde a vida se irradia ; o sr. dr. Eugenio Egas, dedicadissimo servidor desta companhia, a quem ainda ha pouco proporcionou sumptuoso presente : a antecipação do conhecimento do seu monumental estudo sobre Diogo Antonio Feijó ; o sr. dr. Arthur Vautier, devotadissimo gestor dos fundos do Instituto e, finalmente, o sr. dr. Raphael Corrêa de Sampaio, cuja palavra eloquente ainda écôa neste recinto, partindo desta tribuna por elle illustrada durante dois triennios. Os seus modelares panegyricos perduram nas paginas da nossa Revista como o frisante attestado de quanto perdeu o Instituto com a sua irrevogavel resolução.

Inspirada na linha de conducta, tão rica em ensinamentos elevados, da directoria que se retirou voluntariamente da gestão dos nossos negocios ha de a nova mesa empregar toda a dedicação para que o Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, sempre e cada vez mais, se eleve perante a opinião nacional.

A herança que lhe cabe é muito pesada, mas a ancia de bem servir e o amor á associação hão de lhe servir de base aos triumphos futuros.

Auxiliados na rude tarefa pelo devotamento de todos vós, de todos os nossos consocios, a cuja testa vemos essa benemerita commissão da nossa Revista, presidida pelo incomparavel servidor do Instituto, que se chama Alfredo de Toledo, caminharemos para um futuro digno das nossas tradições.

De todos vós reclamamos os mesmos deveres.

Ha de vos ser facil esse cumprimento que vos é dictado pela affeição a esta casa. Confiemos, pois, neste porvir que se nos antolha cheio de luz ! »

(As ultimas palavras do dr. Affonso Taunay foram acolhidas com calorosa salva de palmas, sendo o orador muito cumprimentado pelo seu bello trabalho.)

ACTAS DAS SESSÕES DE 1912

Actas das sessões de 1912

Sessão em 25 de janeiro

Aos vinte e cinco dias do mez de janeiro de 1912, ás 7 1/2 horas da noite, achando-se presentes os srs. consocios, na séde social do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, Affonso A. de Freitas, Oscar Marcondes, drs. Arthur Vautier, Antonio Mercado, Eugenio Egas, Domingos Jaguaribe, João Nogueira Jaguaribe, Silveira Cintra, Horta Junior, Dinamerico Rangel e V. Simões, foi aberta a sessão solenne.

Aberta a sessão, foi lida a acta da sessão antecedente, a qual foi approvada sem discussão. Estando no edificio o novo socio dr. Antonio Mercado, o sr. presidente nomeou uma commissão composta dos srs. drs. Dinamerico Rangel e Assis Moura para recebel-o. No expediente foram lidas diversas participações, o relatorio e balancete relativos ao anno findo de 1911, que foram enviados á respectiva commissão para dar parecer.

Por haverem apresentado excusas os srs. vice-presidente, segundo secretario e orador official, foram substituidos pelos socios Gelasio Pimenta, que serviu como primeiro secretario, dr. Arthur Vautier como segundo, e o dr. Eugenio Egas que assumiu a presidencia.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão ás 9 horas da noite, marcando a proxima sessão para o dia 5 de fevereiro vindouro ás mesmas horas.

Sessão em 5 de fevereiro

Aos cinco dias do mez de fevereiro de 1912, ás 7 1/2 horas da noite, na séde social do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, presentes os socios drs. Manoel Pereira Guimarães, Eugenio Egas, Affonso A. de Freitas, major Pedro Dias de Campos e sr. Oscar Marcondes, realizou-se a primeira sessão ordinaria do corrente anno, sob a presidencia do dr. Manoel Pereira Guimarães, secretariado pelo primeiro secretario dr. Eugenio Egas e pelo major Pedro Dias de Campos, servindo de segundo secretario.

Aberta a sessão, o sr. presidente declarou que, não havendo acta lavrada da sessão anterior, ficava sua approvação para a proxima a realizar-se em 20 do corrente.

Estando na sala contigua os novos socios drs. Brant de Carvalho e Ricardo Severo, nomeou o sr. presidente aos drs. Victor Freire e Eugenio Egas para introduzil-os na sala das sessões.

No expediente foram lidas communicações, agradecimentos, convites, etc., folhetos, livros, cartas geographicas e revistas. O dr. Alfredo de Toledo fez entrega á casa do livro *Formation historique da la nationalité brésilienne* do dr. Oliveira Lima e das seguintes offertas feitas pelo socio correspondente do Instituto sr. J. R. Coriolano de Medeiros, da Parahyba do Norte: — *Notas sobre a Parahyba* por I. Joffihy; *Synopsis das sesmarias da capitania da Parahyba*, por I. Joffily; oito numeros da revista parahybana *Philippéa*; *Traços Biographicos de d. Adaucto de Miranda Henriques*, 1.º bispo da Parahyba; o socio correspondente dr. Jayme Reis offereceu tambem á bibliotheca cinco exemplares de sua memoria *Ligeiras N tas sobre a ethnographia paranaense*.

O dr. Victor Freire entregou um exemplar do livro *Formation historique* do dr. Oliveira Lima, como intermediario da União Escolar Franco-Paulista.

Na primeira parte da ordem do dia foi feita revisão da lista dos membros das diversas commissões, sendo nomeados para os cargos vagos os socios srs. Gelasio Pimenta, para a de admissão de socios: drs. Martim Sobrinho e Villalva, para a de historia de S. Paulo; dr. José Vicente Sobrinho e professor Ramon Rocca, para a de geographia do Brazil; dr. Victor Freire, para a de Sciencias; drs. Brant de Carvalho e Eugenio Egas para a de pesquizas de S. André.

O dr. Pereira Guimarães communica á casa os falecimentos de dois prestantes membros do Instituto: drs. Gabriel Prestes e Araripe Junior, aquelle fundador e este, socio correspondente. Pede que seja lançada na acta um voto de profundo pezar e que o Instituto officie ás respectivas familias, dando pezames. Posta a votos é unanimemente approvada. O dr. Alfredo de Toledo dá tambem conhecimento á casa do falecimento do dr. Sebastião Belfort, membro do Instituto. Justifica um voto de pezar que, depois de unanimemente approvado, foi mandado lançar na acta. O sr. presidente communica que, por não ter ainda a commissão dado parecer, não eram apresentados nesta sessão, como deviam, o relatorio e os balancetes relativos ao anno findo. Foi approvada pela casa o acto da directoria cedendo ao governo, por tres mezes, a secretaria do Instituto, para nella funccionar, durante esse tempo, a directoria do Patronato Agricola, recentemente creado.

Na segunda parte da ordem do dia o dr. Pereira Guimarães dirige aos socios recipiendarios drs. Brant de Carvalho e Ricardo Severo vibrante saudação dizendo quanto se sentia jubiloso por ver fazendo parte do Instituto duas brilhantes mentalidades, nomes feitos pelo talento, illustrados nas sciencias, nas letras e na cathedra. O Instituto, disse o

dr. Guimarães, muito tem a esperar da capacidade e operosidade desses dois eminentes consocios; terminou congratulando-se com o Instituto pela acquisição feita com a entrada para elle desses homens de letras.

O dr. Severo, em seguida, subiu á tribuna pronunciando um brilhante discurso em que agradecia o acolhimento que teve no Instituto; ao terminar foi muito applaudido. O dr. Brant pronunciou tambem um discurso em que mostrou-se grato pelo carinho com que era recebido e disse que assim como o dr. Severo, promettia trabalhar com ardor em pról do ideal de todos desta casa: — a geographia e a historia do Brazil.

O sr. Oscar Marcondes leu um capitulo de um livro de sua lavra em preparação, em que contesta a affirmação do sr. Faustino da Fonseca, feita em sua obra *Descoberta da America*, de caber aos portuguezes a prioridade dessa descoberta. O sr. Marcondes foi felicitado ao terminar a leitura de seu substancioso trabalho.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente suspende a sessão ás 9 1/2 horas da noite e convida os socios para a proxima sessão a realizar-se em 20 do correntte.

Compareceram á sessão, além dos membros já nomeados, os drs. Alfredo de Toledo e Victor Freire. Para constar lavrei esta acta eu, Pedro Dias de Campos, servindo de segundo secretario no impedimento do effectivo que excusou-se.

Sessão em 20 de março

Aos vinte dias do mez de março de 1912, na séde social do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, ás 7 1/2 horas da noite, sob a presidencia do dr. Manoel Pereira Guimarães, secretariado pelos srs. dr. Eugenio Egas, 1.º secretario e tenente-coronel Pedro Dias de Campos, servindo de segundo secretario, presentes os socios drs. Alfredo de Toledo, Corrêa de Sampaio, Dinamerico Rangel, Eugenio Egas, tenente-coronel Pedro Dias de Campos, o sr. presidente declara aberta a sessão. Tendo sido communicado á casa achar-se na sala immediata o novo socio sr. Victorino Coelho de Carvalho, foram nomeados para introduzil-o na sala das sessões os drs. Raphael Corrêa Sampaio, Alfredo de Toledo e Dinamerico Rangel. Não havendo acta lavrada da sessão anterior, ficou sua leitura para a proxima sessão. O expediente constou de officios, telegrammas, communicações e offertas de livros e documentos que foram recebidas com agrado.

Passando para a primeira parte da ordem do dia, o sr. presidente communica á casa o falecimento do operoso e illustrado membro do Instituto dr. Gavião Peixoto.

O dr. Pereira Guimarães, em curta e commovente oração, salienta as raras virtudes e bellas qualidades de caracter e

coração que exornavam o illustre extincto, terminando por pedir á casa um voto de sentido pezar pelo seu desapparecimento. Pediu tambem que se officiasse á Exma. familia dando pezames; posta a votos é a proposta unanimemente approvada.

O dr. Pereira Guimarães propõe á casa a transferencia de categoria dos seguintes socios effectivos do Instituto, que communicaram haverem transferido residencia para fóra de São Paulo: conego José Marcondes, professores João Lourenço e Ottoniel Motta, drs. Pamphilo de Assumpção, Manoel Tapajóz e Virgilio de Rezende.

Foi em seguida lido, sendo approvado unanimemente, o parecer da commissão de contas, dado sobre o balancete apresentado pelo dr. Vautier, thesoureiro, correspondente ao anno findo. O sr. presidente declara que, estando incompleta a commissão de regulamentos, nomeia os drs. Augusto de Siqueira Cardoso e Americo Brasiliense Filho.

Na segunda parte da ordem do dia pede a palavra o dr. Eugenio Egas e expõe á casa diversos assumptos referentes á secretaria e pede que sejam concedidos á directoria poderes para prorogar por mais tempo a cessão, feita ao governo, dos compartimentos da secretaria para nelles funccionar a directoria do Patronato Agricola. Consultada a casa, foi concedida unanimemente a autorização.

O dr. Pereira Guimarães communica que, em tratamento de sua saúde, partirá para a Europa em 31 do corrente, para o que pede concessão de licença por seis mezes. A casa concede e faz votos de bôa viagem e de prompto restabelecimento.

Continuando a ordem do dia, o dr. Pereira Guimarães agradece a todos os membros do Instituto indistintamente o efficaz auxilio a elle prestado durante o tempo em que na ausencia do presidente, exerceu elle essas funções e promette, mesmo no estrangeiro, prestar ao Instituto o serviço que puder. O dr. Eugenio Egas fala em nome dos socios presentes agradecendo ao dr. Pereira Guimarães as palavas benevolas que dirigiu aos membros do Instituto.

O sr. presidente antes de encerrar a sessão, agradece ao sr. Gelasio Pimenta e a um outro membro da casa, os quaes, mesmo não fazendo parte da directoria, prestaram a ella o concurso de seu esforço, servindo de secretarios em quasi todas as sessões do anno findo. Dirige tambem ao socio sr. Coelho de Carvalho palavras effectuosas, dando-lhe as boas vindas e dizendo que o Instituto muito espera da operosidade e illustração do novo consocio.

O sr. Victorino de Carvalho agradece, promettendo prestar ao Instituto a maior somma de serviços que lhe for possivel.

Nada mais havendo a tratar, é encerrada a presente sessão, devendo realizar-se a proxima em 5 de abril de 1912. Eu, Pedro Dias de Campos, servindo de segundo secretario, lavrei a presente acta.

Sessão em 20 de abril

Aos vinte dias do mez de abril de 1912, ás sete e meia horas da noite, no salão do Instituto, presentes os socios srs. drs. Estevam Leão Bourroul, Alfredo de Toledo, Edmundo Krug, Rodrigues Seixas, Gentil de Moura, Eugenio Egas, Americo Braziliense, Pedro Rodrigues de Almeida, srs. Gelasio Pimenta, Affonso A. de Freitas e tenente-coronel Pedro Dias de Campos, o sr. presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e posta em discussão a acta da sessão antecedente. O sr. Affonso A. de Freitas indica que na acta seja feita a seguinte rectificação: onde está escripto — e um outro socio — diga-se — e o tenente-coronel Pedro Dias de Campos. Em seguida teve approvação.

EXPEDIENTE

Foram lidos diversos officios, convites e participações. Ficou sobre a mesa para ser examinado o balancete apresentado pelo director thesoureiro, correspondente ao primeiro trimestre do corrente anno.

OFFERTAS

Palyanthéa Barão do Rio Branco; Opere de Veterinaria; Rio Branco; Catalogo da Bibliotheca Medica; Facoltá di Scienze Fisiche e Naturali; Relatorio da Sociedade Humanitaria dos Empregados no Commercio, The Nestorian Monument; A Zona da Ribeira; Boletim de New York Public Library; Academy of Pacific Coast History; La Science Sociale; Almanach Historico e Estatistico de Campinas.

ORDEM DO DIA

1.ª PARTE

O presidente communica á casa que, em virtude das substituições verificadas na directoria por motivo de ausencia de varios membros, nomeou o tenente-coronel Pedro Dias de Campos para exercer, interinamente, as funcções de secretario.

Foram apresentadas, lidas e enviadas á respectiva commissão as seguintes propostas para admissão de socios correspondentes: Visconde de Faria, prof. Luiz Gonçalves da Silva Pessanha e d. Delminda da Silveira e Souza; para transferencia da classe de correspondentes para a de honorarios: drs. José Verissimo e Alcibiades Furtado, todos literatos e historiographos.

O dr. Bourroul declara que a poetiza d. Delminda por elle proposta para socia correspondente do Instituto é a mais pujante intellectualidade do sul do Brazil, onde o seu talento

privilegiado e de escol fulge rutilante na impreusa de sua terra e que o nome dessa insigne literata está vinculado aos dos mais talentosos escriptores contemporaneos.

O dr. Bourroul obtendo de novo a palavra justifica em longo e vibrante discurso um pedido seu para que o Instituto receba, como offerta da mais elevada significação moral, o busto em bronze que diversos amigos do pranteado Barão de Rezende, socio benemerito do Instituto, mandaram fundir para esse fim. Fez lembrar que quando ha dois annos a morte inexoravel ceifou a vida preciosa do grande Barão de Rezende o Instituto approvou uma representação á Camara Municipal para que fosse dada a uma das ruas desta capital o nome do illustre e benemerito brazileiro. Accrescentou que, apezar de ter tido essa moção approvação unanime, a Camara até agora não cumpriu essa divida de homenagem á memoria de quem tanto fez pelo engrandecimento desta terra. Declarou mais o dr. Bourroul que os amigos, aos quaes se referiu, combinaram inaugurar o busto, fazendo em seguida entrega ao Instituto, em 11 de agosto vindouro, anniversario de seu falecimento.

O dr. Eugenio Egas declara que a directoria receberá com o maximo agrado a offerta que pretendem fazer do busto e que será collocado na sala das sessões, como homenagem a esse grande vulto.

O dr. Pedro de Almeida justifica uma indicação para que sejam dispensadas do intersticio e immediatamemte approvadas as propostas de transferencia de classe dos socios correspondentes drs. Alcibiades Furtado e José Verissimo. Posta a votos, teve approvação unanime.

O sr. Gelasio Pimenta communica á casa ter o dr. Domingos Jaguaribe, ao partir para a Europa, lhe dirigido uma carta pedindo que apresentasse aos membros do Instituto, em seu nome, saudosa despedida.

O sr. presidente agradece a communicação e diz desejar ao illustre consocio feliz viagem e proveitosa permanencia no estrangeiro.

2.ª PARTE

O socio sr. Affonso A. de Freitas, subindo á tribuna, lê o seu importante e erudicto trabalho *Autochtonia do Selvagem Brazileiro,* replica a uma critica feita a seu trabalho *Os Guayanás de Piratininga* publicado no ultimo volume da *Revista do Instituto.*

Muito agradou a leitura desse trabalho. Trabalho de pesquiza paciente e acurada, a *Autochtonia do Selvagem Brazileiro* vem trazer luzes a pontos obscuros e debatidos em assumptos importantes para a historia do selvagem do Brazil.

Prolongada salva de palmas acolheu as ultimas palavras da leitura da brilhante monographia, sendo seu auctor por todos abraçado.

O dr. Egas congratula-se com o Instituto por contar entre seus membros tão digno e illustrado consocio, homem de letras que, com sua cultivada intelligencia e sua operosidade, muita tem feito pela historia do nosso paiz.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente levanta a sessão, convidando os srs. socios a comparecerem á proxima, que se realizará em 6 de maio vindouro.

Para constar foi lavrada esta acta. Eu, Pedro Dias de Campos, secretario interino, a escrevi.

Sessão em 6 de maio

Aos seis dias do mez de maio de 1912, ás sete e meia horas da noite, na sala das sessões do Instituto, presentes os socios srs. Theodoro Sampaio, Affonso A. de Freitas, Estevam Leão Bourroul, tenente-coronel Pedro Dias de Campos, J. P. da Silveira Cintra, Gelasio Pimenta, Oscar Marcondes, Dinamerico Rangel e Eugenio Egas, foi lida e posta em discussão a acta da sessão anterior. O dr. Bourroul pede uma rectificação requerendo que fique consignada na acta que, quando, na sessão passada, fundamentou a proposta de admissão de d. Delminda Silveira para socia correspondente do Instituto, dissera ser ella a mais pujante mentalidade feminina do sul do Brazil e não simplesmente a mais pujante mentalidade.

EXPEDIENTE

O secretario communica á casa o recebimento dos jornaes do costume e faz leitura de diversos officios e outras communicações.

OFFERTA

O Avarento, conferencia do sr. Antão de Moraes realizada do Centro de Sciencias, Letras e Artes.

ORDEM DO DIA

1.ª PARTE

O dr. Bourroul fundamenta uma indicação para que o Instituto envie ao conselheiro dr. Rodrigues Alves, socio fundador do Instituto, sentidas condolencias pelo falecimento do sr. Domingos Rodrigues Alves, pai de S. Excia., e pede que seja consignado na acta o pezar do Instituto. Posta a votos, é unanimemente approvada.

O sr. Affonso de Freitas, em brilhante exposição escripta, indica que o Instituto envie ao arrojado paulista sr.

Eduardo Chaves um officio de felicitações pelo exito do seu magnifico vôo de S. Paulo a Sepetiba. (*)

A casa applaude a idéa com tanto brilho sustentada pelo digno consocio.

Nada mais havendo a tratar o sr. presidente levanta a sessão convidando os srs. socios a comparecerem á proxima que se realizará a 20 do corrente mez.

Para constar foi lavrada a presente acta. Eu, Pedro Dias de Campos, primeiro secretario interino, a escrevi.

(*) E' o seguinte o inteiro teor da indicação a que na acta se faz referencia:

PROPOSTA

«E' sabido, sr. presidente, que da fusão do sangue portuguez da época das descobertas com o do indigena paulista surgiu esse povo de bandeirantes a cujo espirito de iniciativa e indomita coragem deve o Brazil de hoje sua immensa grandeza territorial conquistada, palmo a palmo, pelos descendentes de João Ramalho e de Antonio Rodrigues.

Mas a extraordinaria energia dos paulistas, ao contrario do que geralmente se suppôe, raramente subordinava-se a interesses que não fossem o bem publico e o engrandecimento da patria. O bandeirante, penetrando o continente por centenas de leguas, atravéz de inexploradas paragens de contestado dominio e, apparentemente tendo por méta o intuito secundario da captura de indios ou da descoberta de ouro, jámais olvidou fundar povoações nos pontos extremos attingidos, indiscutiveis padrões de posse territorial, fim real e altamente patriotico da maioria das «entradas» nos sertões.

O proprio Antonio Raposo, tão fortemente estigmatizado pelos historiadores superficiaes, não foi caçador profissional de indios. A tradicção, attribuindo ao destruidor do Guayra, nessa empresa, o proposito unico de abastecer os mercados de escravos de S. Paulo e do Rio de Janeiro, falsea a verdade historica e se constitue devedora de justa reparação de ha muito exigida pela memoria daquelle illustre e lendario patriota.

O intemerato bandeirante paulistano, destruindo o imperio jesuitico, quasi todo encravado no territorio da capitania de São Vicente e cujas divisas se estendiam até o Paranápanema, obedeceu tão sómente ao dever patriotico e á necessidade nacional de recalcar o poder castelhano aos seus primitivos dominios no Paraguay, e de traçar as divisas naturaes do sul do Brazil divisas essas que os governos da época não souberam ou não quizeram conservar.

Da mesma sorte, Brito Peixoto, os Anhanguéras, João Amaro, Paschoal Moreira, Jorge Velho, Fernão Dias Paes

Leme e tantos outros paulistas, que, como elles, cortaram a vasta peninsula sul-americana em mais de uma direcção, e á cuja selvatica coragem e irriquieto genio alliavam a mais clara intelligencia e o mais acendrado amor da patria, foram todos principalmente conquistadores e povoadores: sua obra chegou até nós e perdurará perpetuada nesse blóco enorme e homogeneo que é o territorio brazileiro.

Mas, passada a era das conquistas, cessada a razão de ser da existencia das «bandeiras», a actividade febril dos paulistas, longe de esmorecer e de aquietar-se sob as glorias adquiridas, volta-se para outros ramos da operosidade humana, não tardando em se salientar e em ascender ao primeiro plano em quasi todos elles. A maxima parte dos herdeiros dos bandeirantes fez-se lavradora, sendo o expoente dos seus esforços nessa nova modalidade da sua aptidão para o trabalho, a pujança e a prosperidade sem rivaes do S. Paulo actual: outra parte entregou-se ás cogitações do espirito e desde logo viram-se filhos do abençoado torrão paulista attingirem ás mais altas posições no mundo das sciencias e da politica.

Já nos começos do seculo 18 appareciam paulistas nos conselhos da corôa portugueza: Alexandre de Gusmão, nascido em Santos em 1679, foi ministro de Estado e secretario particular de el-rei d. João V. Na mesma villa de Santos, nasceu José Bonifacio de Andrada e Silva, que, na politica como na sciencia, occupou as mais salientes posições na metropole.

Nas bellas-artes tivemos, modernamente, alta representação: Carlos Gomes, o maior musicista da America, e Almeida Junior, o criador do genero pictural paulista, um campineiro e outro ituano, foram eximios artistas e alcançaram o renome de verdadeiras glorias nacionaes.

Quem, entretanto, melhor reuniu em si todas as notaveis qualidades dos primitivos paulistas, foi o padre Bartholomeu de Gusmão, natural de Santos, onde nasceu em 1685: de genio inventivo e senhor da intelligencia e da coragem que caracterizavam os verdadeiros bandeirantes, abandonou por momentos a politica e os estudos de theologia e de jurisprudencia em que era versado, para se dedicar ao estudo da aerostatação e ao invento do aerostato, o que conseguiu reproduzindo, em realidade, a fabula icariana com o famoso vôo sobre Lisbôa em 8 de agosto de 1709.

O grande brazileiro tinha-se, porém, avantajado muito, para a época, nos estudos das sciencias physicas, e as perseguições do Santo-Officio não demoraram em fazel-o recuar, obrigando-o a cessar as «hereticas» experiencias.

Entretanto, o estupendo invento do padre Gusmão não ficou perdido.

Depois de larga etapa em que multiplos estudos e innumeras experiencias foram improficuamente feitos, a outro compatricio, Santos Dumont, mineiro de nascimento e paulista de criação, coube a gloria de descobrir a dirigibilidade do

aerostato que o padre voador contára obter com a cauda da sua «passarola», a qual, diz elle em sua petição de privilegio, «mostrava o modo que teria para se governar a machina, pois sem leme seguiria ella a sua vontade e não a do artifice piloto»; agora, no momento actual, é ainda um brazileiro, paulista de nascimento e paulista por sua ascendencia de muitas gerações quem põe remate á obra de Bartholomeu de Gusmão, librando o mais portentoso vôo desferido no novo mundo.

Eduardo Chaves, legitimo herdeiro dos bandeirantes pela raça e pelo genio, depois de saudar os manes do padre voador, passeiando sua moderna «passarola» por sobre a bahia de Santos, aprumou-se no extraordinario vôo de 550 kilometros que o levou, em 7 horas, da nossa capital á bahia de Sepetiba, sem outras garantias de exito além das que se rodeava o antigo bandeirante nas suas épicas façanhas: inabalavel confiança em si mesmo e inteira consciencia do proprio valor.

Considerando, pois, sr. presidente, que Eduardo Chaves, realizando o «raid» de aviação «S. Paulo-Rio de Janeiro», nas condições excepcionaes em que o fez, demonstrou á sociedade que, entre a nova geração, se conservam inquebrantaveis as velhas energias paulistas, dependendo suas manifestações apenas de opportunidade, proponho que o Instituto officie ao intrepido paulista felicitando-o pelo brilhante resultado do seu patriotico emprehendimento.

Sala das sessões do Instituto Historico, aos 6 de maio de 1912.—Affonso A. de Freitas.

Sessão em 5 de julho

Aos cinco dias do mez de julho de 1912, ás sete e meia horas da noite, na sala das sessões do Instituto, presentes os socios drs. Eugenio Egas, José Torres de Oliveira, Alfredo de Toledo, Arthur Vautier, tenente-coronel Pedro Dias de Campos, professor Affonso A. de Freitas, drs. Brant de Carvalho, Gentil de Assis Moura, Ricardo Severo, Affonso d'Escragnolle Taunay, srs. Humberto de Queiroz e Dionisio Caio da Fonseca, o sr. presidente declara aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Tendo sido communicado á mesa achar-se na ante-sala o socio eleito dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, que comparece afim de ser empossado, nomeou o sr. presidente uma commissão composta dos drs. Brant de Carvalho, Arthur Vautier e professor Dionisio Caio da Fonseca para introduzil-o na sala das sessões.

O dr. Egas, usando da palavra, disse que era sempre motivo de regosijo no Instituto a recepção de um novo socio, mórmente quando se dá assento na casa a homens como o recipiendario, com tradições de saber e de trabalho pelo

engrandecimento da Patria. O nome de Taunay, disse elle, representa para o Brazil o principio da cultura artistica. O avô do recipiendario introduziu no nosso paiz, trazendo de sua patria de origem—a França—a pintura e a esculptura. Seu pai, o dr. Taunay, immortalizou-se nas letras escrevendo livros como a *Innocencia* e *A Retirada da Laguna*, tradnzidos em varias linguas. O filho, o dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, que hoje se incorpora ao nosso gremio scientifico, continúa a illustrar esse nome já tão illustre e tão querido dos brazileiros. Accrescentou o dr. Egas que o dr. Taunay, pelos trabalhos de valor que já tem produzido, constitue uma acalentadora promessa de gloria para o Brazil.

O dr. Taunay, pedindo a palavra, pronuncia um bellissimo discurso (*) de agradecimentos por sua eleição, fazendo nelle uma synthese historica do desenvolvimento territorial do Brazil e pondo em evidencia o trabalho titanico dos paulistas e a sua proverbial perseverança.

Ao terminar o brilhante discurso, recebeu o dr. Taunay prolongada salva de palmas.

EXPEDIENTE

Em seguida é feita leitura do expediente constando de officios, communicações diversas, convites, etc.

OFFERTAS

As offertas constaram de revistas, jornaes, folhetos, mappas e de 20 valiosos livros de historia, encadernados, e 102 brochuras diversas.

O dr. Taunay fez entrega ao archivo do Instituto do antiquissimo e raro mappa do Brazil, o mais antigo que se conhece, pois que se presume datar de 1515 a 1530. Esse mappa é offerecido pelo dr. Manoel Emilio Gomes de Carvalho.

ORDEM DO DIA

1.ª PARTE

São apresentadas á casa varias propostas para admissão de socios correspondentes. Antes de serem enviadas á respectiva commissão para sobre ellas dar parecer, pede a palavra o dr. Alfredo de Toledo que fundamenta um requerimento em que solicita da casa dispensa de intersticio para que sejam immediatamente approvadas, visto tratar-se de homens de letras bastante conhecidos no nosso meio literario pelos seus trabalhos historicos.

(*) O discurso proferido pelo recipiendario está publicado nas pags. 95 e seguintes deste volume.

N. da Red.

Posta a votos, são acclamados socios correspondentes os drs. Manoel Thomaz Alves Nogueira, Manoel Emilio Gomes de Carvalho, Tito Joaquim de Lemos, José Felicio Buarque de Macedo, J. B. Paranhos da Silva, professores Luiz Gonçalves da Silva Pessanha e Carlos Parlagreco e Visconde de Faria. O dr. Taunay faz o elogio de dois desses socios acclamados, enumerando os seus trabalhos historicos sobre o Brazil.

O dr. Eugenio Egas dá sciencia á casa, em sentida alocução, dos falecimentos dos drs. Pedro Vicente de Azevedo e Ignacio Wallace da Gama Cockrane e professor João Vieira de Almeida, socios prestantes do Instituto. Enumera os relevantes serviços que cada um delles prestou ao paiz e principalmente a S. Paulo, terminando por pedir á casa um voto de profundo pezar pelo passamento dessas illustres individualidades, requerendo tambem que ás respectivas familias fossem enviados pezames.

O dr. Torres de Oliveira usa da palavra para pedir que seja lançado na acta um voto de profundo pezar pelo passamento, em Pariz, do conde Alvares Penteado, grande industrial paulista.

O tenente-coronel Pedro Dias de Campos pede tambem um voto de pezar pelo falecimento do illustrado militar general Olympio da Silveira, uma das glorias militares da nossa terra. O tenente-coronel Dias põe em relevo os valiosos serviços por elle prestados ao Brazil.

Pelo sr. presidente foi nomeada uma commissão de socios, composta dos drs. Brant de Carvalho, Affonso d'Escragnolle Taunay e Arthur Vautier, para representar o Instituto no enterro do dr. Pedro Vicente.

2.ª PARTE

O dr. Eugenio Egas communica á casa que a commissão que ha quatro annos trata de conseguir a erecção de um monumento á memoria do Padre Feijó está prestes a conseguir seu fim.

Os marmores, os bronzes, etc., já se acham em Santos e breve estarão nesta capital. Essa commissão, creada por iniciativa do saudoso paulista dr. Cerqueira Cezar, designou o dr. Egas para colligir documentos, para escrever um livro sobre esse vulto do Brazil Imperio. O dr. Egas declara que já tem quasi prompto esse livro, mas que deseja, antes de o entregar ao prélo, pedir ao Instituto o auxilio de suas luzes e de suas opiniões, pronunciando-se sobre elle e fazendo-lhe severa critica. Por isso inscreve se para ler na proxima sessão um trecho desse trabalho.

Nada mais havendo a tratar, o sr. presidente levanta a sessão, convidando os srs. socios a comparecerem á primeira que se realizará no dia 20 do corrente, ás mesmas horas.

Para constar foi lavrada a presente acta. Eu, Pedro Dias de Campos, secretario interino, a escrevi.

Sessão em 20 de julho

Aos 20 dias do mez de julho de 1912, á rua Benjamin Constant n. 40, séde do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, presentes os srs. drs. Eugenio Egas, J. Brant de Carvalho, Affonso de Taunay, Alfredo de Toledo, Ricardo Severo, Edmundo Krug, dra. Maria Renotte, coronel Pedro Dias de Campos, Dinamerico Rangel, Dionisio Caio da Fonseca e Affonso Antonio de Freitas, é aberta a sessão sob a presidencia do dr. Eugenio Egas, secretariado pelos srs. coronel Dias de Campos e Affonso de Freitas.

LEITURA DE ACTA

E' lida e sem debate approvada a acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

Constou o expediente da leitura de varios papeis, tendo tambem o sr. primeiro secretario accusado o recebimento de diversos livros offertados pelos consocios srs. dr. Alfredo de Toledo, Coriolano de Medeiros, Luiz Pessanha e pela Exma. Sra. d. Maria C. Bueno Bierrenbach.

BALANCETE

O sr. presidente lê o balancete referente ao ultimo trimestre do corrente exercicio, pelo qual se verificam as prosperas condições financeiras do Instituto.

O sr. presidente, prevalecendo-se da opportunidade, declara saber que alguns dos srs. socios ultimamente eliminados dessa qualidade por falta de pagamento das respectivas annuidades continuam usando o titulo de socio do Instituto, fazendo-o mesmo constar em trabalhos ulteriormente entregues á publicidade: faz essa declaração esperando que taes factos se não reproduzam. Continuando, declara ainda o dr. Eugenio Egas que os socios eliminados que pretendam reentrar para o Instituto poderão fazel-o, pagando o valor do titulo de socio remido, de conformidade com os estatutos vigentes, já havendo nesse sentido mais de um exemplo.

ADMISSÃO DE NOVOS SOCIOS

São lidas duas propostas de admissão de socios referentes aos srs. drs. Paulo de Moraes Barros e C. Marques Leite, o primeiro para a categoria de effectivo e o segundo para a de correspondente.

Tendo a casa concedido dispensa de parecer e de intersticio, o sr. presidente sujeitou á votação ambas as propostas, as quaes foram acceitas por unanimidade de votos.

Em vista desse resultado, são aquelles senhores proclamados socios do Instituto.

VOTO DE PEZAR

Pede em seguida a palavra o dr. Alfredo de Toledo que faz o necrologio de Quintino Bocayuva e Belisario Soares de Souza terminando por propôr o lançamento na acta da presente sessão de um voto do profundo pezar pelo desapparecimento daquelles eminentes brazileiros.

A proposta do dr. Alfredo de Toledo é approvada por unanimidade de votos.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

Passando-se á segunda parte da ordem do dia, o dr. Eugenio Egas lê um capitulo do seu excellente trabalho inedito sobre a vida do padre Diogó Antonío Feijó.

Abrangendo o periodo em que se deram o assassinio de Libero Badaró, a abdicação do primeiro imperador e a nomeação de Feijó para dirigir o ministerio da justiça na primeira regencia, o trabalho entregue pelo illustre consocio á apreciação do Instituto é a mais minuciosa, completa e melhor documentada noticia que se ha escriptp daquelles importantes factos da nossa historia.

A leitura do magnifico e copiosamente documentado trabalho do dr. Eugenio Egas exgottou precisamente uma hora de tempo e foi ouvida entre as mais altas manifestações de agrado, sendo o dr. Egas, ao terminal-a, calorosamente applaudido e cumprimentado por todos os presentes.

Nada mais havendo a tratar é pelo sr. presidente encerrada a sessão e designado o dia 5 de agosto proximo futuro para a realização da sessão seguinte.

Para constar eu, Affonso Antonio de Freitas, secretario *ad-hoc*, lavrei a presente acta.

Sessão em 5 de agosto

Com a presença dos srs. drs. Eugenio Egas, Alfredo de Toledo, Affonso d'Escragnolle Taunay, Gentil de Assis Moura, Estevam Leão Bourroul, Americo Braziliense, coronel Pedro Dias de Campos, Affonso Antonio de Freitas, professor Ramon Roca Dordal e Dinamerico Rangel e sob a presidencia do dr. Eugenio Egas, secretariado pelos srs. Dias de Campos e Affonso de Freitas é, á hora do costume, aberta a sessão.

No expediente, depois de approvada a acta da sessão anterior, foram lidos varios officios, accusado o recebimento de diversas offertas ao Instituto, constantes de livros, folhetos, etc. e entregues á consideração da casa as propostas de admissão de socios referentes aos srs. drs. Alberto Rangel, Diogo de Moraes, Isaac Leão Pinto e Jeronymo Avellar de Mello e as de transferencia dos srs. consocios drs. Raphael

de Sampaio Vidal e Joaquim Miguel de Siqueira da categoria de correspondentes para a de effectivos; Viscondessa de Cavalcanti e Irineu Ferreira Pinto da de correspondentes para a de honorarios, e dos drs. Bernardino de Campos, Luiz de Toledo Piza, José Pereira de Queiroz, Francisco de Paula Rodrigues, Carlos de Campos, Dionisio Caio da Fonseca, Dinamerico Rangel e Fontes Junior, da de effectivos tambem para a de honorarios.

Ao ser lida a proposta relativa á Viscondessa de Cavalcanti pede a palavra o sr. dr. Affonso Taunay e, depois de fazer a apologia dos altos meritos literarios e scientificos daquella illustre titular, requer que a proposta a ella referente seja dispensada do intersticio afim de ser discutida e votada na presente sessão.

O sr. presidente diz existirem sobre a mesa outras propostas identicas á que se refere á Viscondessa de Cavalcanti: vae proceder a sua leitura antes de sujeitar á discussão o requerimento que acaba de ser apresentado, pedindo que se estenda elle ás alludidas propostas.

Depois de lidas todas as propostas, foram entregues á discussão e unanimemente approvados o requerimento do dr. Affonso Taunay e o additivo do sr. presidente a ellas referente.

Submettidas á deliberação da casa as propostas dispensadas de intersticio, foram todas approvadas, sendo então pelo sr. presidente proclamados socios honorarios do Instituto os srs. drs. Bernardino de Campos, Luiz de Toledo Piza, José Pereira de Queiroz, Carlos de Campos, Fontes Junior, padre Francisco de Paula Rodrigues, Irineu Ferreira Pinto, Viscondessa de Cavalcanti, Dinamerico Rangel e Dionisio Caio da Fonseca.

O dr. Dinamerico Rangel, presente á sessão, agradece sua transferencia para a categoria de socio honorario.

O sr. presidente, corporificando ideias expendidas pelos drs. Affonso Taunay e Ricardo Severo, fundamenta a seguinte proposta escripta, submettendo-a em seguida á discussão.

«Proposta de criação de um fundo de publicações: 1.º O Instituto Historico e Geographico resolve criar o fundo de publicação de sua *Revista*. Esse fundo será de 30 contos de réis em apolices do Estado de S. Paulo e se constituirá das seguintes verbas:

a) 50 °/₀ da renda do Instituto;

b) producto da venda das collecções da *Revista*;

c) donativos dos socios e das pessoas que queiram auxiliar o fundo da *Revista*.

2.º Fica o thesoureiro plenamente autorizado a dar execução a esta resolução do Instituto.

Sala das sessões, 5—8—1912.

a) Eugenio Egas — Pedro Dias de Campos.»

Encetada a discussão, o dr. Affonso Taunay, fazendo uso da palavra, explana-se em judiciosas ponderações terminando por lembrar o alvitre de se nomear uma commissão para estudar e emittir parecer sobre o assumpto.

Postas a votos, foram approvadas a emenda em sua inteireza e proposta em sua idéa capital, designando em seguida o sr. presidente os srs. drs. Affonso Taunay, Ricardo Severo e Arthur Vautier para comporem a respectiva commissão.

Continuando com a palavra o sr. presidente propõe ainda que se represente ao governo do Estado no sentido de ser auxiliada por este a reorganização do archivo federal existente na Delegacia Fiscal, solicitando-se tambem seus bons officios junto ao governo federal afim de conseguir a permanencia em S. Paulo dos papeis que se refiram ao patrimonio do nosso Estado ou a pontos importantes de sua historia.

Accrescenta o sr. presidente que para a consecução desse *desideratum* conta com o auxilio e boa vontade do nosso consocio dr. Alfredo de Toledo, representante do Archivo Publico Nacional em S. Paulo e velho amigo do Instituto Historico

O dr. Alfredo de Toledo declara que de ha muito tempo vem empregando esforços no sentido, não só de acautelar melhor a conservação do archivo federal que se acha mal installado nos porões da Delegacia Fiscal, como tambem de evitar que o Estado fique privado de valiosos documentos de seu directo interesse : a proposta do sr. presidente, accrescenta s. s , vem ao encontro dos seus desejos, podendo, pois, o Instituto contar com a sua boa vontade e cooperação, que, aliás, estiveram sempre ao dispôr e ao serviço da nossa aggremiação.

Sujeita á votação, é a proposta do dr. Eugenio Egas approvada por unanimidade de votos.

Volta a fazer uso da palavra o dr. Alfredo de Toledo e, depois de se referir á agradavel impressão que ainda perdura no Instituto causada pela audição da leitura, feita pelo sr. presidente, do primeiro capitulo do seu trabalho em elaboração sobre a vida do padre Feijó, disse que, interpretando os desejos da casa, pedia ao dr. Eugenio Egas a continuação da leitura daquelle excellente trabalho nas sessões seguintes.

O sr. dr. Eugenio Egas, agradecendo o alto e carinhoso interesse que o Instituto acaba de demonstrar em conhecer o seu trabalho, promette lêr na sessão de 20 do corrente o capitulo do alludido trabalho referente ao ministerio da justiça do gabinete de 1831, que representa a phase mais brilhante da vida politica de Diogo Antonio Feijó.

Nada mais havendo a tratar é encerrada a sessão.

Para constar eu, Affonso A. de Freitas, servindo de secretario, lavrei a presente acta.

Sessão em 20 de agosto

Aos 20 dias do mez de agosto de 1912, com a assistencia de numerosos visitantes entre os quaes notavam-se os srs. consules de Italia, Portugal, Hespanha e Paraguay, commendador Mondim Pestana, Nereu Rangel Pestana, Anselmo de Carvalho, Siqueira Cardoso, etc., e dos srs. consocios senadores Cezario Bastos, Candido Rodrigues, e drs. Eugenio Egas, Alfredo de Toledo, Silveira Cintra, Affonso Taunay, Deocleciano Seixas, Ricardo Severo, Bittencourt Rodrigues, Gentil de Assis Moura, Americo Braziliense, Moreira da Silva, dra. Maria Renotte, Affonso A. de Freitas, Gelasio Pimenta, coronel Pedro Dias de Campos e Dinamerico Rangel, realiza-se a sessão ordinaria correspondente a segunda quinzena do mez de agosto de 1912.

Os trabalhos foram presididos pelo dr. Eugenio Egas, que teve por secretarios os srs- Dias de Campos e Affonso de Freitas.

E' lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

O expediente constou da leitura de diversos papeis, entre os quaes dois officios dos drs. Paulo de Moraes Barros e Joaquim Miguel de Siqueira, agradecendo e communicando aceitarem o titulo de socio effetivo que lhes conferiu o Instituto.

São apresentadas, lidas e, em seguida, remetidas á commissão competente trez propostas relativas á admissão dos srs. drs. Alonso Guayanaz da Fonseca, Luiz Sergio Thomaz e Dario Velloso, os dois primeiros na categoria de socios effectivos e o ultimo na de correspondente.

Exgottada a materia do expediente, passa-se á segunda parte da ordem do dia, para a qual estava inscripto o dr. Eugenio Egas.

Tomando a palavra, o dr. Egas prendeu, por espaço de uma hora, a attenção do numeroso auditorio, lendo parte do capitulo de seu livro inedito sobre a vida do padre Feijó, referente á acção do grande patriota quando ministro da justiça.

De posse de grande cópia de documentos, cujo collecionamento já evidencia suas notaveis qualidades de pesquizador, o dr. Eugenio Egas analysa, no trecho do trabalho entregue ao conhecimento do Instituto, a excepcional individualidade do immortal engeitado da rua da Freira atravez da sua poderosa acção de estadista e de patriota.

Pondo ao serviço da patria todo o seu privilegiado talento e toda a sua ferrea energia, o padre Feijó, ao passo que não trepidava em espingardear a populaça amotinada, afim de se não afastar uma linha siquer da vereda por si mesmo traçada na administração publica, patenteava seu grande espirito de humanidade promovendo a primeira lei de repressão ao trafico negro, a reducção dos castigos corporaes e lançando os prodromos da aurea lei do ventre livre.

E não era sómente de ordem interna as medidas de alevantamento moral dos brazileiros applicadas por Feijó; nas relações internacionaes teve sempre o extraordinario paulista a preoccupação de affirmar perante o mundo civilizado a existencia da nossa nacionalidade organizada, preoccupação essa perfeitamente demonstrada quando o grande estadista fez sciente a determinado representante diplomatico qua a nação brazileira não concedia aos estrangeiros outras regalias além das que estavam em goso os seus naturaes.

E' sob esse duplo aspecto de estadista emerito e de grande bemfeitor da humanidade que nos apparece o austero ministro da justiça de 1831 no magnifico estudo do dr. Eugenio Egas.

E, á proporção que o dr. Egas prosegue na leitura, vemos surgir ante o nosso espirito, na sua gigantesca estatura de organizador da nacionalidade brazileira, o vulto extraordinario de Feijó, tão portentoso e tão cheio de glorias quanto o é o da patriarcha da independencia.

Ao terminar é o dr. Eugenio Egas calorosamente felicitado por todo o auditorio.

Nada mais havendo a tratar é pelo sr. presidente encerrada a sessão.

Para constar eu, Affonso A. Freitas, servindo de secretario, lavrei a presente acta.

Sessão em 5 de setembro

Sob a presidencia do dr. Eugenio Egas, secretariado pelos srs. coronel Pedro Dias de Campos e Affonso Antonio de Freitas e com a presença dos srs. drs. Alfredo de Toledo, Candido Rodrigues, Gentil Moura, Ricardo Severo, Siqueira Cardoso, Ramon Roca Dordal, Gelasio Pimenta, Moreira da Silva, Dinamerico Rangel, Leoncio Gurgel e Dionisio Caio da Fonseca, é, á hora regimental, aberta a sessão.

E' lida e, sem debate, approvada a acta da sesão anterior.

No expediente é lida uma carta do deputado italiano sr. Romolo Murri, em a qual o illustre parlamentar communica não poder assistir aos nossos trabalhos por se ter retirado desta capital em visita ao interior do Estado.

Passando-se á primeira parte da ordem do dia e tendo o sr. presidente communicado á casa a existencia, sobre a mesa, de diversas propostas de admissão de socios, cujo prazo para emissão de parecer já se acha exgottado, o dr. Alfredo de Toledo propõe e a casa concede dispensa de parecer e de intersticio afim de serem as referidas propostas entregues á immediata votação.

Votadas as alludidas propostas verificou-se terem sidas todas ellas approvadas por unanimidade, sendo em seguida proclamados socios os srs. drs. Luiz Sergio Thomaz, Alonso

Guayanaz da Fonseca, Antonio Raposo de Almeida, Dario Velloso, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Pedro Souto Maior e Francisco Ignacio Xavier de Assis Moura, os tres primeiros na categoria de effectivos, os tres seguintes na de correspondentes e o ultimo na de honorario por transferencia da de effectivo.

Fazendo uso da palavra, o dr. Eugenio Egas declara achar-se a directoria do Instituto empenhada em completar a galeria de retratos dos cidadãos que por sua benemerencia se tornaram credores da gratidão e das homenagens da nossa aggremiação ; além dos retratos que o Instituto já possúe, continúa o sr. presidente, a nossa galeria receberá em breve mais os dos venerandos senadores Bernardino de Campos e Duarte de Azevedo, nossos illustres consocios.

Respondendo ao dr. Alfredo de Toledo, que houvera declarado jamais poder-se considerar completa a galeria do Instituto emquanto nella não tomarem logar saliente os retratos dos saudosos consocios drs. Antonio de Toledo Piza e Augusto Cezar de Miranda de Azevedo, o sr. presidente esclarece estar a directoria envidando esforços no sentido de, opportunamente, ser prestada a devida homenagem áquelles benemeritos consocios.

Continuando com a palavra, o sr. presidente, depois de lembrar o falecimento do nosso consocio João Vieira da Silva, propõe o lançamento na acta de um voto de pezar pelo lutuoso acontecimento. Esta proposta é approvada por unanimidade de votos.

Passando-se á segunda parte da ordem do dia e não havendo quem pedisse a palavra, foi pelo sr. presidente encerrada a sessão.

Escripta por mim, Affonso A. de Freitas, servindo de secretario.

Sessão em 20 de setembro

Aos 20 dias do mez de setembro de 1912, em sua séde social, ás 7 1/2 horas da noite, presentes os socios drs. Eugenio Egas, José Torres de Oliveira, Augusto de Siqueira Cardoso, Assis Moura, Americo Braziliense, Gentil Moura, Alfredo de Toledo, Gelasio Pimenta, A. Tavares, Dinamerico Rangel e tenente-coronel Pedro Dias de Campos, realizou o Instituto sua segunda sessão ordinaria do corrente mez, servindo de presidente o dr. Eugenio Egas e de secretarios o dr. Torres de Oliveira e tenente-coronel Pedro Dias de Campos.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior. Foi tambem lido o expediente e accusadas as offertas.

O socio dr. Assis Moura pede a palavra para agradecer á casa a sua transferencia da categoria de effectivo para a de honorario, verificada na sessão de 5 do corrente.

O dr. Egas responde que foi merecidissima essa homenagem, visto ser o dr. Assis Moura um dos mais illustres e operosos consocios.

O dr. Dinamerico Rangel pede, em vibrante alocução, um voto de louvor ao dr. Egas pelo brilhante trabalho historico, escripto em linguagem clara e elegante, que leu no monumento do Ypiranga no dia 7 de setembro, em presença do sr. dr. Presidente do Estado e da alta representação governamental.

A casa applaude o voto de louvor e manda que seja lançado na acta.

Em seguida o dr. Egas pede para o dr. Rodrigues Alves, estadista de que S. Paulo se orgulha, um voto de applauso por ter patrioticamente promovido a erecção, no local historico, da estatua de D. Pedro I e de outros personagens que contribuiram para a independencia do Brazil. A casa applande e manda que seja lançado na acta um voto de louvor ao benemerito estadista e põe os serviços e o apoio do Instituto a sua disposição em auxilio de tão alevantada idéa.

Nada mais havendo a tratar, encerrou o sr. presidente a sessão convidando os socios presentes para a proxima sessão a realizar-se em 5 de outubro.

E para constar lavrou-se a presente acta que eu, Pedro Dias de Campos, secretario interino, subscrevo.

Sessão em 5 de outubro

Aos 5 dias do mez de outubro de 1912, em sua séde social, á rua Benjamin Constant n. 40, ás 7 1/2 horas da noite, realizou o Instituto Historico e Geographico mais uma sessão ordinaria sob a presidencia do dr. Eugenio Egas, tendo como secretarios o dr. Torres de Oliveira e o tenente-coronel Pedro Dias de Campos.

Compareceram á sessão os drs. Eugenio Egas, Ricardo Severo, Americo de Campos representando o dr. Bernardino de Campos, Ramos de Azevedo, Horacio Gonçalves representando á Commissão Central do Partido Republicano, Alfredo de Toledo, Rafael Sampaio, Eduardo Loschi, Affonso d'Escragnolle Taunay, José Torres de Oliveira, Manoel Pereira Guimarães, coronel Raposo de Almeida, Antonio Moreira da Silva, professor Affonso Antonio de Freitas, tenente-coronel Pedro Dias de Campos, srs. Gelasio Pimenta, Luiz Alvarenga, Manoel dos Reis, José Lebrazo e Arthur Silva.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se ao expediente, sendo lidos diversos convites e communicações, e accusadas as offertas de livros, revistas, jornaes, etc.

Achando-se na sala contigua o novo socio do Instituto, coronel Raposo de Almeida, foi nomeada para introduzil-o no recinto da sala das sessões uma commissão composta dos drs. Rafael Correa Sampaio e Manoel Pereira Guimarães.

Logo após ter tomado assento, foi saudado pelo dr. Engenio Egas que se congratulou com o Instituto pela acquisição feita com a entrada do novo consocio. O coronel Raposo de Almeida, pedindo a palavra, agradece a sua eleição para membro effectivo do Instituto.

ORDEM DO DIA

1.ª PARTE

O dr. thesoureiro entrega á mesa os balancetes da receita e despesa do trimestre findo, accusando um saldo de mais de onze contos de réis.

São apresentadas as seguintes propostas de admissão de socios: effectivo, o dr. Adelmar de Mello Franco; correspondentes, os drs. Thomaz Pompeu de Souza Brazil, José Niepce da Silva, Virgilio Augusto de Moraes, George Dumas, Antonio Augusto Campos da Cunha e Virgilio Martins de Mello Franco.

A casa proclama-os socios do Instituto, approvando um pedido de dispensa de parecer e de intersticio, do dr. Alfredo de Toledo.

2.ª PARTE

Pediu a palavra o dr. Eugenio Egas, presidente, e disse que a presente directoria do Instituto Historico, cujo mandato estava prestes a expirar, queria concluir a sua gestão com um acto de justiça, prestando uma homenagem de elevado culto a tres illustres consocios.

Ao sr. dr. Bernardino de Campos aquella instituição devia assignalados serviços. Era elle que presidia os destinos de São Paulo, quando se fundou o Instituto; e todos guardam memoria da maneira patriotica por que se conduziu o illustre estadista dando franco e decidido apoio ao seu Secretario do Interior, o saudoso dr. Cezario Motta, na proteção dispensada á incipiente instituição. Graças á boa vontade desses dois grandes homens de governo o Instituto Historico poude transpôr as primeiras barreiras e vencer os primeiros abstaculos.

O dr. Ramos de Azevedo era o architecto, o brilhante espirito de artista, cuja capacidade elle teve a satisfação de ver consagrada durante a sua estada na Exposição de Turim. A obra artistica, que o dr. Ramos de Azevedo enviou áquelle certamen universal, alcançou as mais enthusiasticas referencias de conspicuas autoridades na materia. O quadro que foi exposto no Velho Mundo honra ha muito as paredes do Instituto, e hoje o retrato do autor vem rematar o preito de homenagem.

O conselheiro Manoel Antonio Duarte de Azevedo, disse o dr. Egas, representa para esta instituição uma individua-

lidade, cujos serviços estão acima de qualquer elogio. Na presidencia desta casa o venerando brazileiro poz em relevo as mesmas brilhantes qualidades, que o haviam dignificado em todas as acções da vida publica.

Assim pensando, a directoria do Instituto Historio, promotora desta solennidade, designou o seu distinto orador, sr. dr. Rafael Corrêa Sampaio, para pronunciar o discurso official.

O dr. Egas deu a palavra ao dr. Rafael Sampaio que proferiu eloquentemente uma bella oração analoga ao acto.

Nada mais havendo a tratar, foi suspensa a sessão e convocada outra para o dia 21 do corrente.

E para constar lavrou-se a presente acta que eu, Pedro Dias de Campos, secretario interino, subscrevo.

Sessão em 21 de outubro

Aos 21 dias do mez de outubro de 1912, em sua séde social, á rua Benjamin Constant n. 40, ás 7 e meia horas da noite, realizou o Instituto Historico e Geographico a convocada sessão ordinaria sob a presidencia do sr. dr. Eugenio Egas, tendo como secretarios o dr. Torres de Oliveira e tenente-coronel Pedro Dias de Campos.

Compareceram á sessão os seguintes membros do Instituto: dr. George Dumas, dr. Meira de Vasconcellos, dr. Rufus Lane, Luiz Sergio Thomaz, Eugenio Egas, José Torres de Oliveira, coronel Pedro Dias de Campos, d. Lydia Rezende, dr. Oscar de Sá Campello, dr. Alfredo de Toledo, dr. Americo Braziliense, dr. Estevam Bourroul, conego Ezechias Galvão da Fontoura, dr. Francisco Ignacio Xavier de Assis Moura, dr. Silveira Cintra, dr. Ricardo Severo, dr. Luiz Piza de Almeida, Affonso de Freitas, Gelasio Pimenta, Deocleciano Rodrigues Seixas, Affonso d'Escragnolle Taunay, Antonio Moreira da Silva, Carlos Reis, Arthur Vautier, Dinamerico Rangel, Thiers Martins, Francisco Rocha, Franklin de Araujo, dr. Militão Affonso de Azevedo, dr. Alvaro Machado Pedrosa, Sergio M. de Vasconcellos, Dinamerico Rangel Filho, Raul Apocalypse e Mariano Matoso.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se ao expediente, sendo lidas diversas communicações e accusadas varias offertas, etc.

Achando-se na sala contigua os novos consorcios drs. George Dumas, J. Meira de Vasconcellos, Rufus Lane e Luiz Sergio Thomaz, para introduzil-os foi nomeada uma commissão.

O dr. Eugenio Egas declarou que por motivo de força maior, deixava de comparecer á sessão o dr. Rafael Corrêa Sampaio, que fóra designado para saudar o novo socio do Instituto, o illustre dr. Gerge Dumas.

A' vista disso, o presidente nomeou e dr. Dinamerico Rangel para saudar o eminente scientista pronunciando um bellissimo discurso de saudação.

O dr. Dumas em uma bellissima allocução agradece ao Instituto sua eleição.

Uma enthusiastica salva de palmas cobriu as ultimas palavas do orador.

ORDEM DO DIA

1.ª Parte

Fala o dr. Bourroul. Disse elle que muito o acabrunhava ter que communicar á mesa uma triste noticia, a do falecimento do distincto associado dr. Constante Affonso Coelho, pelo que requeria que se lançasse na acta um voto de profundo pezar.

O sr. Eugenio Egas respondeu que muito lamentava a morte daquelle socio e que satisfazia ao pedido do dr. Bourroul, associando-se a essa homenagem.

2.ª Parte

O dr. Eugenio Egas lê o seu importante trabalho sobre Feijó.

Antes de iniciar a leitura do seu importante trabalho sobre Diogo Feijó, intitulado *Epilogo*, o dr. Eugenio Egas declarou que não era sua intenção lêr este anno o complemento do que já escrevera sobre a vida do grande regente do Imperio. Em honra, porém, ao novo e illustre socio dr. George Dumas, resolveu fazer essa leitura mesmo na sessão de hoje, pois, conforme teve occasião de verificar ha poucos annos, tinha plena convicção de que o eminente scientista muito se interessa pela vida do padre Diogo Feijó, um dos maiores vultos da nossa historia.

O trabalho do dr. Egas foi ouvido no meio da maior attenção, tal o interesse que despertou no numeroso auditorio.

Poucos historiadores tanto e tão profundamente tem estudado a personalidade de Feijó, como o dr. Egas, que não se cança de trazer á luz factos importantissimos sobre o regente do Imperio, factos esses que cada vez mais põem em destaque a figura mascula do notavel politico brazileiro.

Enthusiatticos applausos fizeram-se então ouvir pelo salão.

Tomou a palavra o illustre conego Ezechias Galvão da Fontoura, que elogiando enthusiasticamenie o bello trabalho do dr. Egas, fez um longo estudo sobre a pessoa de Diogo Feijó, como sacerdote, como exemplarissimo sacerdote.

O conego Ezechias descreveu a vida de Feijó em Itú, onde, orpham de pae e mãe, fôra protegido por um tio-avô

do orador por conta do qual partiu para esta capital afim de aqui estudar.

O orador terminou o seu discurso com um bello estudo sobre os dois eminentes prelados paulistas d. Matheus de Abreu Pereira e d. Antonio Joaquim de Mello, sendo, ao terminar, enthusiasticamente applaudido.

Falou por ultimo o dr. Francisco Ignacio Xavier de Assis Moura, que, referindo-se ao trabalho do dr. Eugenio Egas, disse que desejava fazer uma pequena rectificação relativamente ao local em que se acham os restos mortaes de Diogo Feijó.

O dr. Assis Moura declarou que, segundo investigações exactissimas, os despojos do regente do Imperio se acham no convento do Carmo, sob o local em que se encontra a imagem de Nosso Senhor dos Passos.

O dr. Eugenio Egas agradeceu ao orador aquella rectificação ao seu trabalho, a qual elle considerava de maxima importancia.

Realizar-se-á no dia 25 do corrente, ás 8 horas da noite, a eleição da nova directoria do Instituto Historico e Geographico.

O dr. Manuel Moreira de Queiroz, actual vice-presidente do Instituto, communicou á associação que não poderá acceitar a sua reeleição para aquelle cargo, por motivo de força maior.

Não havendo mais nada a tratar, o dr. Egas encerrou a sessão.

E para constar lavrou-se a presente acta que eu, Pedro Dias de Campos, secretario interino, subscrevo.

Sessão em 25 de outubro

Aos 25 dias do mez de outubro de 1912, em sua séde social, às 7 1/2 hsras da noite, realizou o Instituto Historico e Geographico a sua ultima sessão ordinaria do corrente anno, sob a presidencia do dr. Eugenio Egas, secretariado pelos srs. dr. Torres de Oliveira, e tenente-coronel Pedro Dias de Campos. Estavam presentes os srs. drs. Luiz de Toledo Piza, Raphael Correia Sampaio, Adelmar de Mello Franco, coronel Pedro Dias de Campos, dr. Eugenio Egas, Francisco Horta Junior, Dinamerico Rangel, Torres de Oliveira, Gelasio Pimenta, Gentil de Moura, Alfredo de Toledo, Maria Rennotte, d. Lydia Rezende, Estevam Leão Bourroul, Francisco Teixeira, João Baptista Reimão, Arthur Vautier, dr. Assis Moura, Benedicto Calixto, dr. Oscar de Sá Campello, Humberto de Queiroz, conego Ezechias Galvão da Fontoura, Oscar Marcondes, commendador Leoncio do Amaral Gurgel, dr. João de Cerqueira Mendes, Edmundo Krug, Carlos Reis, dr. Affonso Antonio de Freitas, dr. Diogo de Moraes, coronel

Raposo de Almeida, dr. Deocleciano Seixas, coronel Septimio Werner, Couto de Magalhães, professor João Wetter, dr. Americo Braziliense, dt. Affonso d'Escragnolle Taunay, dr. Pedro Rodrigues de Almeida, dr. Luiz Sergio Thomaz e dr. Brant de Carvalho.

E' lida e approvada a acta da sessão anterior, depois da seguinte rectificação feita pelo sr. Assis Moura: o tumulo do padre Diogo Antonio Feijó, assumpto de que se occupára por occasião da leitura do ultimo trabalho do dr. Eugenio Egas, se encontra em frente ao altar do Senhor dos Passos onde actualmente está a imagem do Coração de Jesus, na egreja do Carmo.

Passou-se em seguida ao expediente, que constou da leitura de diversos officios e apresentação de jornaes e revistas.

O sr. presidente annuncia o objecto da sessão, que é a eleição da directoria para o proximo triennio de 1913-1916.

Antes da eleição pediram a palavra para declararem que não acceitavam as reeleições os srs. Arthur Vautier, Rafael Correia, e Eugenio Egas e pediram que os amigos não dispersassem votos em seus nomes, antes convergissem para a chapa que estivesse em condições de promover a prosperidade e o engrandecimento do Instituto.

O sr. presidente suspendeu a sessão para o preparo das cedulas para a eleição e foi a mesma reaberta depois de 15 minutos, verificando-se o seguinte resultado: *presidente*, conselheiro Duarte de Azevedo, 33 votos; Alfredo de Toledo, 4 votos; dr. Couto de Magalhães, 2 votos; para *vice-presidente* dr. Luiz Piza; 36 votos; dr. Manoel Pereira Guimarães, 2 votos; dr. Assis de Moura, 1 voto; para *1.º secretario*, dr. Torres de Oliveira, 36 votos; drs. Alfredo de Toledo, Eugenio Egas e Affonso Taunay, 1 voto cada um; para 2.º *secretario*, coronel Pedro Dias de Campos, 36 votos; drs. Torres de Oliveira, Affonso Antonio de Freitas e Dinamerico Rangel, 1 voto cada um; *supplentes de secretario*, Gelasio Pimenta, 34 votos; dr. Deocleciano Seixas, 21 votos; dr. Rafael Corrêa Sampaio, 13 votos; dr. Affonso Taunay e Dias de Campos. 1 voto cada um; *orador*, dr. Affonso Taunay, 33 votos; dr. Rafael Corrêa Sampaio, 3 votos; drs. Eugenio Egas, Alfredo Pujol e Alfredo de Toledo, 1 voto cada um; para *thesoureiro*, Leoncio do Amaral Gurgel, 31 votos; dr. Arthur Vautier 7 votos; dr. Ricardo Severo. 1 voto.

O presidente da sessão proclama a directoria eleita, composta dos srs. conselheiro Duarte de Azevedo, dr. Luiz de Toledo Piza, dr. Torres de Oliveira, tenente-coronel Pedro Dias de Campos, commendador Leoncio do Amaral Gurgel, dr. Affonso n'Escragnolle Taunay, Gelasio Pimenta e dr. Deocleciano Seixas.

Pediu a palavra o dr. Luiz Piza para agradecer a honra que a Instituto Historico lhe conferiu elevando-o ao alto cargo de seu vice-presidente exactamente quando grave enfermidade priva esta associação do concurso e das luzes do

seu illustre presidente, o dr. Duarte de Azeyedo No confronto que o orador faz entre o que elle chama seu nenhum merecimento e o merecimento extraordinario do grande mestre, do illustre homem publico e estadista, que é o dr. Duarte de Azevedo, o enche de receios; elle disse sentir, por outro lado, que cobraria forças com a invocação do seu nome e do seu exemplo, assim como, nos momentos difficeis de sua vida profissional, costuma evocar á memoria as lições do seu antigo mestre — exemplo do saber, da critica e da bom senso, a traçar com calma e segurança a trajectoria da vida juridica e o desdobramento das instituições.

Agradeceu de novo o voto captivante do Instituto, cuja vida tem sido um bello exemplo de actividade desinteressada e abnegada, voto tanto mais captivante quando vem com o concurso de duas notaveis senhoras, cujo exemplo de dedicação social e alto espirito enche de encanto o nosso ambiente, e promette envidar esforços para, mesmo depois dos benemeritos actos da directoria que acaba de terminar o seu tempo, corresponder á generosidade illimitada do Instituto, afim de que esta possa parecer uma méra antecipação de justiça remuneratoria.

Falou depois o revdmo. conego Ezechias Galvão da Fontoura para dirigir palavras de elogio e agradecimento aos quatro membros da directoria, que terminavam o seu mandato e que se conduziram com muita dedicacão, salientando o orador official, dr. Rafael Corrêa Sampaio, que soube cumprir com notavel brilhantismo a sua ardua tarefa, manifestando-se sempre com independencia e elevado criterio.

Falou por fim o dr. Torres de Oliveira e, appellando para o testemunho de seus amigos, disse nunca haver pleiteado a sua eleição, pelo que eram ainda maiores os seus agradecimentos pela prova de sympathia de seus companheiros do Instituto.

O dr. Eugenio Fgas, nada mais havendo a tratar, encerrou a sessão e eonvidou os socios presentes para a sessão solenne de 1.° de novembro, commemorativa do anniversario do Instituto, e na qual o dr. Affonso d'Escragnolle Taunay fará o elogio historico dos socios falecidos durante o anno.

Do que, para constar, eu, Pedro Dias de Campos, lavrei a presente acta.

Sessão magna em 1 de novembro

A 1.° de novembro de 1912, na séde do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, com a presença de numerosos associados e convidados, exmas. senhoras e representantes do Governo, consules, no salão nobre, realizou-se a sessão magna commemorativa do anniversario do Instituto, ás 8 horas da noite.

Não tendo comparecido os demais directores, assumiu a presidencia o dr. Arthur Vautier, thesoureiro, sendo secretariado pelo tenente-coronel Pedro Dias de Campos e Gelasio Gimenta.

O sr. presidente abre a sessão justificando a ausencia dos membros da directoria e dá a palavra ao orador official dr. d'Escragnolle Taunay, que desenvolveu um bellissimo e substancioso panegyrico dos consocios falecidos durante o anno de 1912. Em palavras sinceras e repassadas de profunda saudade, relembrou o orador com fulgurante eloquencia a vida e os feitos desses malogrados consocios.

Foi muito applaudido ao terminar.

Nada mais havendo a tratar, encerra o sr. presidente a sessão, agradecendo a presença dos socios e das pessoas convidadas.

Eu, Pedro Dias de Campos, secretario interino, escrevi.

RELATORIO

Srs. membros do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo:

Obedecendo ao preceituado no art. 16 § 5.º dos estatutos apresento o Relatorio dos trabalhos e occurrencias do anno social de 1912.

ADMINISTRAÇÃO

Durante o anno não houve modificação na Directoria eleita vinda de 1911.

O dr. Manoel Pereira Guimarães, vice-presidente do Instituto, solicitou e obteve 6 mezes de licença por ter de partir para a Europa.

Por motivo das substituições verificadas, com a concessão dessa licença, e para não ficar acephalo, durante esse tempo, o cargo de 2.º secretario, foi nomeado interinamente com acquiescencia da casa em sessão ordinaria, o tenente-coronel Pedro Dias de Campos, que desempenhou suas funcções com grande zelo e muita actividade.

QUADRO DOS SOCIOS

Durante o anno de 1912 foram proclamados socios do Instituto 30 nomes propostos, sendo: — 8 na categoria de effectivos e 22 na de correspondentes.

Foram transferidos de categoria 19 srs. socios, sendo: da de effectivos para a de correspondentes, 5; da de correspondentes para a de honorarios, 4; da de effectivos para a de honorarios, 10.

FALECIMENTOS

O Instituto lamentou durante o anno a perda de muitos dos seus prestimosos consocios, arrebatados pela morte, tendo feito o seu necrologio o proficiente sr. dr. Affonso Taunay, convidado para servir de orador no impedimento do effectivo.

SESSÕES REALIZADAS E LEITURA DE TRABALHOS

Realizaram-se durante o anno 15 sessões ordinarias e a sessão solemne de encerramento.

Nellas foram tratados assumptos de importancia para a vida do Instituto, e bem assim lidos por varios socios, trabalhos historicos e geographicos:

—«Diogo Antonio Feijó» pelo socio Eugenio Egas, em tres sessões.

—«Descoberta da America» pelo socio Oscar Marcondes.

—«Autochtonia do selvagem brazileiro» pelo socio Affonso Antonio de Freitas.

—«Exposição escripta, sobre o aviador paulista Eduardo Chaves», pelo mesmo consocio.

Alguns desses trabalhos deverão apparecer na «Revista do Instituto».

BIBLIOTHECA E ARCHIVO

Está presentemente melhor organizada a bibliotheca do Instituto.

Todas as obras encadernadas existentes estão catalogadas e numeradas, facilitando desse modo a sua consulta.

Foi ella enriquecida durante o anno com valiosas offertas de livros, brochuras, jornaes, mappas e outras publicações.

O mobiliario é pobre; mas, agora que o nosso salão está melhor disposto, é tempo de se começar a reforma da bibliotheca.

E' pena que os livros da bibliotheca estejam mal acondicionados.

PUBLICAÇÕES

«A Revista do Instituto», expoente da cultura e do labor de seus membros, não tem sido distribuida regularmente nos ultimos annos.

O numero XIV, relativo ao anno de 1909, sómente appareceu em outubro de 1912.

Seria de muita conveniencia que se pudesse normalizar a distribuição da «Revista».

A creação do Fundo de Publicações impõe-se de modo absoluto.

FINANÇAS

Do balancete do sr. thesoureiro constam as verbas da receita e despesa do Instituto. O saldo é de 6:027$400, dinheiro em caixa.

ELEIÇÃO DA NOVA DIRECTORIA

Na sessão de 25 de outubro do anno findo de 1912 realizou o Instituto a eleição da Directoria que deve dirigir os destinos da instituição no periodo social de 1913-1915.

Foram eleitos e proclamados os senhores que agora vão tomar a si a direcção do nosso Instituto.

São elles:

Vice-presidente: Dr. Luiz Piza.
1.º secretario: Dr. José Torres de Oliveira.
2.º secretario: Tenente-coronel Pedro Dias de Campos.
Thesoureiro: Comm. Gurgel do Amaral.
Orador: Dr. Affonso Taunay.
Supplentes do 2.º secretario: Sr. Gelasio Pimenta e dr. Deocleciano Seixas.

O presidente reeleito era o conselheiro Manoel Antonio Duarte de Azevedo, que a morte conduziu para o repouso eterno. Não é agora o momento proprio para fazer o elogio historico desse grande brazileiro, que, por largos annos, figurou com brilho desusado em todas as elevadas posições da nossa Patria.

O seu talento primoroso fulgiu em todas as manifestações das artes e das sciencias. E no templo da Justiça, elle foi um Sacerdos Magnus. Poeta, orador, mestre, escriptor, advogado, jurisconsulto, politico, jornalista, ministro, senador, Manoel Antonio Duarte de Azevedo deixou indeleveis sulcos de sua passagem pelo mundo intellectual brazileiro. Onde a sua figura appareceu, a sua intelligencia derramou ondas brilhantes de luz e de saber.

A sua carreira politica e a sua carreira social foram feitas a golpes de estudo e de talento. Elle foi um exemplo do quanto póde o trabalho ao serviço do estudo. O fulgor de sua intelligencia foi constante, foi firme e foi poderoso até os ultimos dias de sua longa, util e preciosa existencia.

Nesta casa, cujos destinos o conselheiro Duarte de Azevedo presidiu por tantos annos, a sua falta é immensa, e a nossa saudade será eterna.

Difficil vai ser o preenchimento desta cadeira, que elle honrou e ergueu muito alto. Gloria á sua memoria bemfazeja, paz a seu corpo que descança no seio da terra paulista, que elle tanto amou.

CONCLUSÃO

Tomo a liberdade de pedir a attenção do Instituto para a necessidade que ha de reformar os nossos estatutos nas seguintes bases, que a experiencia demonstra serem as melhores :

1) — o mandato da Directoria deve durar 6 annos, renovando-se o seu pessoal, por metade, em cada trienio ;

2) — não reeleição no 1.º periodo seguinte ;

3) — limitação do numero de socios nas diversas categorias;

4) — depender a *Revista* directamente do presidente do Instituto, que será o seu director, com poderes de nomear o secretario da mesma *Revista*, podendo o secretario ser socio ou não ;

5) — extincção, portanto, da commissão de redacção ;

6) — organização da Secretaria do Instituto, com um bibliothecario pago (pessôa idonea e illustrada) que se encarregue tambem do seu expediente e de um continuo servente, sendo o cargo de bibliothecario exercido por socio de reconhecido zelo pelo Instituto ;

7) — a applicação de parte da renda do Instituto para o fundo de publicações ;

8) — publicação semestral da *Revista*, com 350 paginas.

Estas considerações eu apresento ao Instituto sob minha exclusiva responsabilidade, escudado na observação pessoal, que fiz, durante os mezes que tive a honra de presidir o Instituto.

A Directoria que hoje se despede procurou, nos limites de suas forças e de seus recursos, bem cumprir os seus deveres.—*Eugenio Egas,* presidente interino.

Instituto Historico e Geographico de S. Paulo

DIRECTORIA

PRESIDENTE

Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida

VICE-PRESIDENTE

Dr. Alfredo de Toledo

1.° SECRETARIO

Dr. José Torres de Oliveira

2.° SECRETARIO

Tenente coronel Pedro Dias de Campos

ORADOR

Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay

THESOUREIRO

Commendador Leoncio A. Gurgel

CADASTRO SOCIAL

I

PRESIDENTE HONORARIO

Conselheiro Ruy Barbosa

II

SOCIOS BENEMERITOS

Numero	NOMES	DATA DA ELEIÇÃO		
1	Dr. Alfredo de Toledo . . .	5	agosto . .	1908
2	Dr. Carlos Reis	20	outubro .	1903
3	Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe	»	fevereiro .	1901
4	Dr. Hermann von Ihering . .	5	agosto . .	1908
5	Julio Conceição	»	março . .	»
6	Dr. Orville A. Derby	20	setembro .	1899
7	Dr. Pedro Augusto Gomes Cardim	5	agosto . .	1902

III

Socios honorarios

Numero	NOMES	DATA DA ELEIÇÃO		
1	Barão Homem de Mello . . .	5	junho . .	1895
2	Belarmino Carneiro	20	» . .	»
3	Barão de Paranapiacaba . . .	4	julho . .	»
4	Dr. A. J. de Mello Moraes Filho	20	agosto . .	»
5	Dr. Silvio Romero	7	setembro .	»
6	Dr. Joaquim F. de Assis Brazil	20	outubro .	»
7	Dr. Frederico Augusto Lisboa	25	» .	»
8	Dr. Augusto Freire da Silva .	13	maio . .	1896
9	Conde Affonso Celso	20	fevereiro .	1897
10	Padre Rafael M. Galanti. . .	4	setembro .	»
11	Cons. A. C. Teixeira de Aragão	20	julho . .	1898
12	Dr. João Capistrano de Abreu	»	» . .	1899
13	Dr. John C. Branner	25	outubro .	»
14	Dr. Bernardo de A. da Silva Ramos	5	julho . .	1900
15	Dr. Thomaz G. Paranhos Montenegro.	»	» . .	»
16	Dr. B. F. Ramiz Galvão. . .	»	fevereiro .	1901
17	Dr. Felisbello Freire	»	» .	»
18	Dr. João Ribeiro	»	» .	»
19	D. Mathias Alonso Creado . .	»	» .	»
20	Dr. Clovis Bevilaqua	20	» .	»
21	Dr. Augusto Henrich Wieman.	»	maio . .	»
22	Dr. Frederico Kerner Marilaum	»	» . .	»
23	Dr. Richard Westtstein . . .	»	» . .	»
24	Dr. Victor Schiffner	»	» . .	»
25	Dr. Ernesto Guilherme Young.	»	agosto . .	»
26	Dr. Barão de Studart	25	outubro .	»
27	Dr. Emilio A. Goeldi	5	março . .	1902
28	D. Anselmo Hevia Riquielme .	20	agosto . .	»
29	Dr. M. A. de Souza Sá Vianna	25	janeiro. .	1903
30	Dr. Olyntho de Magalhães . .	»	» . .	»
31	Dr. Vicente Liberalino de Albuquerque.	»	» . .	»
32	Mrs. Marie Robinson Wright .	20	julho . .	»
33	D. Susviela Guarch	»	» . .	»
34	Dr. Alberto dos Santos Dumont	5	setembro .	»
35	Duque dos Abruzzos	»	outubro .	»
36	D. Duarte Leopoldo	4	março . .	1905

Numero	NOMES	DATA DA ELEIÇÃO		
37	Dr. Estevam Leão Bourroul .	20	julho . .	1907
38	Guilherme Ferrero	»	» . .	»
39	P.e dr. Julio Maria	4	abril . .	1908
40	Dr. Gustavo de Oliveira Godoy	5	maio . .	»
41	Virgilio Varzea	»	» . .	»
42	Dr. Manoel de Oliveira Lima .	»	junho . .	»
43	Dr. Barão Brazilio Machado .	»	agosto . .	»
44	D. Larrabure Unamie. . . .	»	outubro .	»
45	D. Francisco J. Herboso. . .	20	» .	»
46	Dr. Martim Francisco R. de Andrada.	»	fevereiro .	1909
47	Almirante Arthur Jaceguay. .	5	junho . .	»
48	Cons. José Carlos Rodrigues .	»	» . .	»
49	Dr. José Luiz de Almeida Nogueira	»	» . .	»
50	Dr. Diogo de Vasconcellos . .	»	julho . .	»
51	Dr. Pedro Lessa.	»	» . .	»
52	Almirante Antonio Alves Camara	»	outubro .	»
53	Dr. Carlos Valente de Novaes	»	» .	»
54	General dr. G. Thaumaturgo de Azevedo	»	» .	»
55	Dr. José A. Boiteux	»	» .	»
56	Coronel dr. J. M. Moreira Guimarães	»	» .	»
57	D. Julio Fernandes	»	» .	»
58	Dr. João Mendes de Almeida Junior	»	fevereiro .	1910
59	D. Lydia de Souza Rezende .	»	agosto . .	»
60	Coronel Abel Botelho	20	» . .	»
61	Cons. Ernesto J. de C. e Vasconcellos	»	» . .	»
62	Dr. José Lobo de Avila Lima	»	» . .	»
63	Frederico Mistral	5	setembro .	»
64	Dr. Arthur Orlando da Silva .	20	» .	»
65	Dr. Alcibiades Furtado . . .	»	abril . .	1912
66	José Verissimo	»	» . .	»
67	Dr. Antonio Martins Fontes Junior	5	agosto . .	»
68	Dr. Bernardino de Campos . .	»	» . .	»
69	Dr. Carlos de Campos. . . .	»	» . .	»
70	Dr. Dinamerico A. Rego Rangel	»	» . .	»
71	Dionisio Caio da Fonseca . .	»	» . .	»
72	Mons. Francisco de Paula Rodrigues.	»	» . .	»

Numero	NOMES	DATA DA ELEIÇÃO		
73	Irineu Ferreira Pinto	5	agosto . .	1912
74	Dr. José Pereira de Queiroz .	»	» . .	»
75	Dr. Luiz de Toledo Piza e Almeida	»	» . .	»
76	Viscondessa de Cavalcanti . .	»	» . .	»
77	Dr. Francisco I. Xavier de Assis Moura	»	setembro .	»
78	D. Epaminondas de Avila e Silva	20	fevereiro .	1913
79	Benedicto Calixto	»	março . .	»
80	Mons. Ezechias Galvão da Fontoura . . . . . , . .	»	» . .	»
81	Dr. José Vieira Fazenda. . .	»	» . .	»
82	Dr. Luiz G. da Silva Leme. .	»	» . .	»
83	Dr. Barão de Hesse Wartegg .	5	junho . .	»
84	Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil	»	» . .	»
85	D. Alberto J. Gonçalves. . .	»	agosto . .	»
86	D. J. B. Corrêa Nery. . . .	»	outubro .	»
87	Dr. A. Olyntho Santos Pires .	20	» .	»

IV

Socios correspondentes domiciliados fóra do Estado de São Paulo

Numero	NOMES	DATA DA ELEIÇÃO		
1	Dr. A. M. Bueno de Andrada	5	abril . .	1898
2	Coronel Jesuino da Silva Mello	20	» . .	»
3	Manoel Pio Corrêa	19	maio . .	1900
4	Candido Costa	4	abril . .	1901
5	Dr. Manoel de M. Cardoso Barata	20	julho . .	»
6	Dr. Alfredo Varella	25	outubro .	»
7	Dr. Carlos Porto Carrero. . .	»	» .	»
8	Felix Pacheco	»	» .	»
9	D. Julio Vicuña Cifuentes . .	»	» .	»
10	Max Fleiuss	5	março . .	1902
11	Dr. José Americo dos Santos	20	» . .	»
12	Dr. Odwaldo Pacheco e Silva	5	abril . .	»

Numero	NOMES	DATA DA ELEIÇÃO		
13	Dr. Antonio Augusto de Lima	19	abril . .	1902
14	Elias F. Nazareth	»	julho . .	»
15	A. Lafone Quevedo.	20	agosto . .	»
16	Com. Arthur F. M. Guimarães	»	setembro .	»
17	Filinto de Almeida.	»	» .	»
18	D. Julia Lopes de Almeida .	»	» .	»
19	Dr. Fernando Caldeira de Andrada	»	outubro .	»
20	Antonio A. Borges dos Reis .	»	julho . .	1903
21	Cap. Henrique Silva	5	outubro .	»
22	D. Juan Ambrosetti	»	» .	»
23	Dr. Rodrigo Octavio L. de Menezes	20	» .	»
24	Horacio Nunes	5	fevereiro .	1904
25	Dr. João Pandiá Calogeras . .	20	abril . .	»
26	Dr. Albino Alves Filho . . .	5	julho . .	»
27	Dr. James Darcy	»	agosto . .	»
28	D. Ernesto Quesada	»	setembro .	»
29	Dr. Henrique R. Leang . . .	»	outubro .	»
30	P.e Pablo Hernandes	»	» .	»
31	Dr. Vicente Ferrer B. W. Araujo	»	» .	»
32	Dr. Virgilio de Lemos . . .	25	» .	»
33	Major José Clementino Sotto .	20	março . .	1905
34	D. Pablo Bananchêa	»	» . .	»
35	D. Andrés Lapeña	5	julho . .	»
36	Dr. Daniel Garcia de Acevedo	»	agosto . .	»
37	Dr. Nelson C. de Senna . .	4	setembro .	»
38	Dr. Estevam de Mendonça . .	20	» .	»
39	Coronel Romario Martins . .	»	abril . .	1906
40	Dr. Alfredo de Carvalho . . .	»	junho . .	»
41	Alberto Ferreira Rodrigues . .	»	outubro .	»
42	Alfredo Ferreira Rodrigues . .	»	» .	»
43	Dr. Carlos Góes.	»	» .	»
44	Dr. João Teixeira Alvares . .	4	maio . .	1907
45	Dr. José Pereira do Rego Filho	5	junho . .	»
46	Antonio Carlos Madeira . . .	20	julho . .	»
47	J. F. da Rocha Pombo . . .	5	setembro .	»
48	Dr. Hosannah de Oliveira . .	20	» .	»
49	Dr. Alcides de Freitas Cruz .	5	março . .	1908
50	Dr. Antonio M. de Azevedo Pimentel	»	» . .	»
51	Dr. Rodolpho Jacob	»	» . .	»
52	Dr. L. G. d'Escragnolle Doria.	»	maio . .	»
53	Dr. Göran Björkman	20	outubro .	»

Numero	NOMES	DATA DA ELEIÇÃO		
54	Com.te Henrique Boiteux. . .	20	outubro .	1908
55	Barão de Muritiba	5	junho . .	1909
56	Dr. Moysés Marcondes de O. e Sá	»	» . .	»
57	Victor Orban.	»	junho . .	»
58	Dr. Ermelino A. de Leão . .	»	julho . .	»
59	Major Joaquim Lacerda Abreu	»	» . .	»
60	Dr. Manoel Cicero P. da Silva	»	» . .	»
61	D. Juan Vucetich	»	agosto . .	»
62	Americo W. Brazil.	»	outubro .	»
63	Dr. A. C. Simoens da Silva .	»	» .	»
64	Dr. A. O. Viveiros de Castro .	»	» .	»
65	Barão de Alencar	»	» .	»
66	Dr. Esmeraldino Bandeira . .	»	» .	»
67	Dr. João P. de Castro Pinto .	»	» .	»
68	Dr. Joaquim de Oliveira Botelho	»	» .	»
69	J. Lucio de Azevedo	20	» .	»
70	Luiz Casabona	»	» .	»
71	Paul Walle	»	» .	»
72	Coronel João de Lyra Tavares	6	junho . .	1910
73	P.e J. B. Hafkemeyer. . . .	»	» . .	»
74	D. Alejandro Sorondo. . . .	»	» . .	»
75	Dr. Homero Baptista	20	» . .	»
76	P.e Etienne Iguace Brazil . .	»	» . .	»
77	Dr. Deoclecio M. de Campos .	»	» . .	»
78	Dr. Adolpho Lutz	»	julho . .	»
79	Dr. F. X. da Silva Telles . .	»	» . .	»
80	P.e Carlos Teschauer	»	» . .	»
81	D. Carlos Lix Klett	»	setembro .	»
82	C.el Raymundo C. A. da Cunha	»	» .	»
83	Tancredo de Barros Paiva . .	5	outubro .	»
84	Dr. Sebastião Paraná	»	» .	»
85	Dr. M. Paulino Cavalcanti . .	»	» .	»
86	Dr. J. F. de Lima Mindello .	»	» .	»
87	Dr. Eduardo M. Peixoto . . .	»	» .	1911
88	Dr. Flavio Maroja	»	» .	»
89	Dr. João Carneiro Monteiro .	»	» .	»
90	J. R. Coriolano de Medeiros .	»	» .	»
91	D. Olga de Moraes Sarmento .	»	» .	»
92	Dr. J. Pamphilo d'Assumpção .	20	março . .	1912
93	Dr. M. P. Monteiro Tapajós .	»	» . .	»
94	Dr. Carlos Parlagreco. . . .	5	julho . .	»
95	D. Delminda Silveira de Souza	»	» . .	»
96	Dr. J. B. Paranhos da Silva .	»	» . .	»

Numero	NOMES	DATA DA ELEIÇÃO		
97	Dr. J. Felicio Buarque de Macedo.	5	julho. . .	1912
98	Prof. Luiz G. Silva Pessanha .	»	» . .	»
99	Dr. M. E. Gomes de Carvalho.	»	» . .	»
100	Visconde de Faria	»	» . .	»
101	Carlos Marques Leite	20	» . .	»
102	Dr. Alberto Rangel	5	agosto . .	»
103	Dr. Isaac Leão Pinto	»	» . .	»
104	Dr. J. A. Figueira de Mello .	»	» . .	»
105	Dario Velloso.	»	setembro .	»
106	Dr. Pedro Souto Maior . . .	»	» .	»
107	Dr. Sebastião Vasconcellos Galvão	»	» .	»
108	Dr. A. A. Campos da Cunha .	»	outubro. .	»
109	Dr. George Dumas.	»	» .	»
110	Dr. José Niepce da Silva . .	»	» .	»
111	Dr. Virgilio Augusto de Moraes	»	» .	»
112	Dr. Virgilio M. Mello Franco	»	» .	»
113	Almirante A. C. Gomes Pereira	»	março . .	1913
114	Dr. Antonio Ennes de Souza .	»	junho . .	»
115	Major Domingos Nascimento .	20	» . .	»
116	Dr. Luiz A. Ferreira Gualberto	21	julho . .	»
117	Dr. Vicente de Ouro Preto . .	5	agosto . .	»
118	P.e José Severino da Silva . .	»	outubro. .	»
119	Dr. Conde Emilio Budan . .	20	» .	»
120	Dr. Bernardino J. de Souza .	25	» .	»

V

Socios correspondentes domiciliados no Estado

Numero	NOMES	DATA DA ELEIÇÃO		
1	Francisco C. Almeida Moraes .	25	outubro .	1895
2	Dr. A. A. Gomes Nogueira. .	5	julho . .	1897
3	Dr. Alberto C. de Assumpção .	20	outubro .	1898
4	Dr. Joaquim Alvaro S. Camargo	»	setembro .	1899
5	Benedicto Octavio de Oliveira	5	março . .	1901

Numero	NOMES	DATA DA ELEIÇÃO		
6	Dr. Luciano E. dos Santos Junior	20	abril . .	1901
7	C.el Fernando Prestes de Albuquerque.	»	julho . .	»
8	Dr. Bernardino P. de Campos	5	agosto . .	1902
9	Dr. Antonio Alvares Lobo . .	»	setembro .	»
10	Dr. Isidoro Campos.	»	» .	»
11	Athayde Marcondes	25	outubro .	»
12	Dr. A. de Almeida Cintra . .	20	fevereiro .	1903
13	Dr. Calixto de Paula Souza .	»	» .	»
14	Francisco Cardona . . . . - .	»	julho . .	»
15	Dr. P. C. Rodrigues Sette . .	5	fevereiro .	1904
16	C.el Septimio A. Werner . .	»	outubro .	»
17	Rafael A. Duarte	25	» .	»
18	D. Ibrantina Cardona	4	março . .	1905
19	Dr. Eurico D. A. Góes . . .	5	abril . .	»
20	Dr. Mario de Assis Moura . .	»	junho . .	1909
21	Brazilio Magalhães.	»	julho . .	»
22	Francisco da Cunha	»	» . .	»
23	Dr. Junio Soares Caiuby . .	20	» . .	1910
24	Dr. Vicente Melillo	»	agosto . .	»
25	Conego J. P. de Araujo Marcondes	»	março . .	1912
26	Otoniel Mota	»	» . .	»
27	Dr. Virgilio de Rezende . . .	»	» . .	»
28	Dr. José de Campos Novaes .	»	» . .	1913
29	M. M. de Souza Franco . . .	»	» . .	»
30	P.e Gastão de Moraes. . . .	»	maio . .	»
31	Dr. F. de Araujo Mascarenhas	»	» . .	»
32	Dr. Ponciano Cabral	»	» . .	»
33	Felix da Cunha.	»	» . .	»

VI

Quadro dos socios admittidos em 1912

Numero	NOMES	CATEGORIAS	DATA DA ADMISSÃO	
1	Prof. Luiz G. da Silva Pessanha . .	Correspondente .	5	julho
2	Dr. J. Felicio Buarque de Macedo .	» .	»	»

Numero	NOMES	CATEGORIAS	DATA DA ADMISSÃO	
3	Dr. Tito Joaquim de Lemos	Correspondente .	5	julho
4	D. Delminda Silveira de Souza . . .	» .	»	»
5	Visconde de Faria .	» .	»	»
6	Dr. M. E. Gomes de Carvalho . . .	» .	»	»
7	Dr. Manoel T. Alves Nogueira . .	» .	»	»
8	Dr. J. B. Paranhos da Silva. . . .	» .	»	»
9	Prof. Carlos Parlagreco	» .	»	»
10	Carlos Marques Leite	» .	20	»
11	Dr. Paulo de Moraes Barros	Effectivo . . .	»	»
12	Dr. Diogo de Moraes	» . . .	5	agosto
13	Dr. J. M. Martins de Siqueira . . .	» . . .	»	»
14	Dr. Rafael Sampaio Vidal	» . . .	»	»
15	Dr. Isaac Leão Pinto	Correspondente .	»	»
16	Dr. Alberto Rangel	» .	»	»
17	Dr. J. A. Figueira de Mello . . .	» .	»	»
18	Dr. Luiz Sergio Thomaz	Effectivo . . .	»	setembro
19	C.el A. Raposo de Almeida	» . . .	»	»
20	Dr. Alonso G. da Fonseca. . . .	» . . .	»	»
21	Dario Velloso . . .	Correspondente .	»	»
22	Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão .	» .	»	»
23	Dr. Pedro Souto Maior	» .	»	»
24	Dr. José Niepce da Silva.	» .	»	outubro
25	Dr. T. P. de Souza Brazil	» .	»	»
26	Dr. Virgilio Augusto de Moraes . . .	» .	»	»
27	George Dumas . .	» .	»	»
28	Dr. Virgilio M. de M. Franco . . .	» .	»	»

Numero	NOMES	CATEGORIAS	DATA DA ADMISSÃO	
29	Dr. A. A. Campos da Cunha . . .	Correspondente .	5	outubro
30	Dr. Adelmar de Mello Franco	Effectivo. . .	»	»

VII

Relação dos socios falecidos em 1912

Marquez de Paranaguá
Barão do Rio Branco
Visconde de Ouro Preto
Conselheiro Bernardo A. Gavião Peixoto
Dr. Ignacio W. da Gama Cockrane
João Vieira de Almeida
Dr. Pedro Vicente de Azevedo
Dr. Belizario A. Soares de Souza
General Quintino Bocayuva
João Vieira da Silva
Dr. Constante A. Coelho
Dr. Horace Lane
Conselheiro M. A. Duarte de Azevedo
Dr. Jayme Dormund dos Reis

DIRECTOR DA SECRETARIA,
DR. AFFONSO A. DE FREITAS

SÉDE DO INSTITUTO,
RUA BENJAMIM CONSTANT N. 40

ERRATA

§

A' pag. 45, linha 23, o tipographo compoz — chamando rijamente —, quando é — clamando rijamente, — ; á pag. 49, linha 7.ª, sahiu — como lhe dizer que tal violencia —, quando o certo é — com lhe dizer que tal violencia ; á fls. 50, linha 27, sahiu — nessas eram afastadas —, quando devia ter sahido — nessas eras afastadas. A' fls. 51 — remettiam o gado suino —, quando o certo é — remettiam o gado supino.

§

Na pag. 228, linha 38, deve-se lêr — anno de 1802 — em vez de 1808 —; na pag. 230, linha 36, — xaguoens — e não — xaguens —; á pag. 234, linha 11 — Bartolozzi —; em a linha 46 da pag. 249 — acerto — e não — asserto. As sete ultimas linhas da pag. 226 devem ser substituidas pelas seguintes :

H. J. da Costa Pereira (como o publicista assignava) nasceu na Colonia do Sacramento, a 13 de agosto de 1774, quando seu pai ali estava em serviço militar, occupando o posto de alferes de ordenanças. Era filho de Felix da Costa Furtado de Mendonça, e de D. Anna Josepha Pereira ; neto por parte paterna de Jorge Antonio da Costa Soares, e de D. Anna Maria Pinto de Mesquita.

Foi-lhe conferido brazão de armas da casa dos Costas e Pereiras, a 19 de fevereiro de 1791 : um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Costas, e na segunda as dos Pereiras. — Br. p. a 18 de fevereiro de 1797. Reg. no Cart. da N., liv. V, fls. 174.

§

Na pag. 275 o nome — Evaporundyba — deve ser alterado para — Ivaporundyba.

§

A' pag. 463, linha 18, sahiu publicado — no braço das Vergas — quando — ao lás das Vergas — é que devia ter sahido.

INDICE DO VOLUME XVII

A Conquista do Brazil, conferencia realizada na Sociedade de Geographia de Bruxellas, pelo dr. M. de Oliveira Lima. 3
O Brazil e os Estrangeiros, conferencia realizada na Sociedade de Geographia de Antuerpia, pelo dr. M. de Oliveira Lima 23
A Franca (esboço de historia de costumes) pelo dr. Affonso de Carvalho 43
Discurso de posse pelo dr. Affonso d'Escragnolle Taunay 95
Resenha historica do municipio de São Pedro do Piracicaba pelo dr. Junio Soares Caiuby . . 101
Jornaes e Jornalistas por Antonio Egydio Martins. 113
Tremembé — Apontamentos historico-chorographicos e estatisticos por V. Coelho de Carvalho . . . 139
A Rebellião Praieira pelo coronel João de Lyra Tavares 155
Annita Garibaldi pelo commandante Henrique Boiteux. 199
Biografia de Hippolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, pelo dr. Alcibiades Furtado 219
Diogo Antonio Feijó, discurso feito em nome da Camara Municipal de S. Paulo pelo dr. Armando Prado 257
Xiririca, Ivaporandyba e Yporanga pelo dr. Edmundo Krug. 275
O Imperio dos Incas pelo dr. Domingos Jaguaribe . 313
Memoria historica do municipio de Santo Antonio da Boa-Vista por Manoel Marcelino de Souza Franco. 423

Diogo Antonio Feijó, discurso proferido no Theatro Municipal pelo dr. Washington Luiz 433
Dois documentos sobre a sedição militar ou «levante» do 1.º batalhão de caçadores da Praça de Santos em 1821, por Benedicto Calixto. 461
Explorações geographicas. Plano de acção e processos. Basimetros Brazileiros, pelo dr. F. Saturnino Rodrigues de Brito. 469
Discurso proferido pelo orador official dr. Affonso d'Escragnolle Taunay na sessão anniversaria . 475
Actas das sessões de 1912 497
Relatorio dos trabalhos e occurrencias durante o anno de 1912 527
Directoria. 533
Presidente honorario 533
Socios benemeritos 533
Socios honorarios 534
Socios correspondentes domiciliados fóra do Estado 536
Socios correspondentes domiciliados no Estado . . 539
Socios admittidos em 1912. 540
Relação dos socios falecidos em 1912 542